

FERNANDO MORAIS



O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

O MAGO

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE PAULO COELHO

O menino que nasceu morto, flertou com o suicídio, sofreu em manicômios, mergulhou nas drogas, experimentou diversas formas de sexo, encontrou-se com o Diabo, foi preso pela ditadura, ajudou a revolucionar o rock brasileiro, redescobriu a fé e se transformou em um dos escritores mais lidos do mundo. Paulo Coelho de Souza nasceu em uma chuvosa madrugada de 24 de agosto de...







FERNANDO MORAIS
O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

O MAGO

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE PAULO COELHO



A OBRA DE FERNANDO MORAIS

- Os livros **Transamazônica** (1970); **A Ilha** (1975); **Olga** (1985); **Chatô, o rei do Brasil** (1994); **Corações sujos** (2000 - prêmio Jabuti de Melhor Livro do Ano); **Cem quilos de ouro** (2002); **Na toca dos leões** (2004); **Montenegro** (2006); **Os últimos soldados da Guerra Fria** (2011).
- A minissérie **Cinco dias que abalaram o Brasil**, exibida pela GloboNews.
- A versão de **Olga** para o cinema foi vista por mais de cinco milhões de espectadores e foi indicada ao Oscar.
- O filme **Corações sujos** foi lançado em 2011.



© Fernando Morais, 2008, 2015

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Versão digital - 2015

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Capa:

Foto de Paulo Coelho: Getty Images

Ilustração de Fernando Morais: baseada em foto de Janete Longo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morais, Fernando

O Mago / Fernando Morais. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015. -- 2ª edição.

ISBN 978-85-8163-660-3

1. Coelho, Paulo, 1947- 2. Escritores brasileiros - Biografia I. Título.

14-13433 | CDD-928.699

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Biografia 928.699



Save the Children

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq - Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 - Ribeirão Preto - SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Marina, companheira de travessia de mais este rubicão.

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[A obra](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Citações](#)

- [1. É um pássaro? É um avião? Não, é o popstar Paulo Coelho, o escritor que já vendeu mais de cem milhões de livros](#)
- [2. Aos onze anos, uma lição de vida: se vai doer, enfrente o problema logo, porque pelo menos a dor acaba](#)
- [3. A mãe o demove do sonho de ser escritor: “Meu filho, só existe um Jorge Amado”](#)
- [4. Carlinhos grita, apavorado: “Toca, Paulo! Toca! Foge daqui, porque você matou o menino!”](#)
- [5. Para saciar o anjo da morte, Paulo degola uma cabra do vizinho, cobrindo de sangue a parede de casa](#)
- [6. Paulo apedreja a própria casa e sonha que está sendo levado de novo para o hospício: o problema é que não era sonho](#)
- [7. Fragmentos da “Balada do Cárcere de Repouso” \[inspirada em Oscar Wilde\]](#)
- [8. Amarrado à cama, o corpo de Paulo treme a cada volta da manivela: vão começar os eletrochoques](#)
- [9. Após a terceira experiência com homens, Paulo se convence: não sou homossexual](#)
- [10. O major ameaça: se você estiver mentindo, vou arrancar seu olho para fora da órbita e mastigá-lo](#)
- [11. “A droga é para mim o mesmo que a metralhadora é para os comunistas e guerrilheiros”](#)
- [12. Em Nova York, o espanto da namorada americana: “Paulo, você tem aquilo quadrado!”](#)
- [13. “O governo tortura e eu tenho medo da tortura, tenho medo da dor. Meu coração está batendo depressa demais”](#)
- [14. Como prova de boa-fé, Paulo promete ao Demônio não pronunciar nomes de santos nem rezar por seis meses](#)
- [15. Paulo Coelho não existe mais. Ele agora é Luz Eterna \(ou Staars\), nome mágico que escolheu para cultuar Satã](#)
- [16. Paulo escapa do Demônio e dos policiais do Dops, mas cai num lugar pior que o inferno: o DOI-Codi](#)
- [17. Paulo sai das catacumbas jurando vencer o medo com a fé e derrotar o ódio com o amor](#)
- [18. A sra. Paulo Coelho impõe limites: até um fuminho, tudo bem. Mas nada das tais extravagâncias sexuais](#)
- [19. “Em Londres caíram por terra todas as chances de um dia eu ser um escritor mundialmente famoso”](#)
- [20. Paulo perde o interesse por sexo, dinheiro, cinema. Não tem ânimo sequer para escrever](#)
- [21. Um facho de luz brilha no campo de concentração de Dachau: Paulo vive sua primeira epifania](#)
- [22. Toninho Buda quer relançar a Sociedade Alternativa explodindo a cabeça do Cristo Redentor](#)
- [23. Paulo percorre o Caminho de Santiago, mas continua infeliz. Faltava escrever o sonhado livro](#)
- [24. “Meu Deus! Por que não liga um jornalista dizendo que gostou do meu livro?”](#)
- [25. Com o sucesso de *Brida*, a crítica sai da toca: vai começar o esquiteamento público de Paulo Coelho](#)
- [26. A febre prevista por Mônica atravessa o oceano e ataca leitores na França, na Austrália e nos Estados Unidos](#)
- [27. O governo brasileiro exclui Paulo da caravana de escritores que vai à França, mas Chirac o recebe de braços abertos](#)
- [28. Muhajedins de Bin Laden e marines americanos têm um gosto em comum: os livros de Paulo Coelho](#)
- [29. Paulo vai de casaca ao banquete no Palácio de Buckingham – como convidado da rainha, não de Lula](#)
- [30. À sombra de um Airbus A380, Paulo faz a pergunta sem resposta: quanto tempo levará para meus livros serem esquecidos?](#)

[Paulo Coelho em números](#)

[Livros publicados](#)

[Principais prêmios e condecorações](#)

[Cinema](#)

[Internet](#)

[Entrevistados](#)

[Este livro](#)

[Créditos das ilustrações](#)

[Índice onomástico](#)

*“Quando o mundo não acabar, no ano 2000, talvez acabe todo esse interesse pela obra do
Paulo Coelho.”*

[Wilson Martins, crítico literário, abril de 1998, jornal O Globo.]

*“O Brasil é Rui Barbosa, é Euclides da Cunha, mas é também Paulo Coelho. Não sou leitor
de seus livros nem seu admirador, mas ele deve ser aceito como um dado da vida brasileira
contemporânea.”*

[O mesmo Martins, julho de 2005, O Globo.]

É um pássaro? É um avião? Não, é o popstar Paulo Coelho, o escritor que já vendeu mais de cem milhões de livros

Em um feio e cinzento entardecer de maio de 2005, o enorme Airbus A600 branco da Air France pousa suavemente na pista molhada do Aeroporto de Ferihegy, em Budapeste. Terminava ali um voo de duas horas de duração, iniciado na cidade de Lyon, no sul da França. Na cabine, a comissária informa que são dezoito horas na capital da Hungria e que a temperatura local é de oito graus centígrados. Sentado junto à janela na primeira fila da classe executiva, com o cinto de segurança ainda atado, um homem de camiseta preta eleva os olhos e fita um ponto abstrato muito além da divisória de plástico à sua frente. Indiferente à curiosidade dos demais passageiros, e sempre com o olhar parado no mesmo lugar, ergue o indicador e o anular da mão direita, como se estivesse abençoando, e fica estático por instantes. Quando se levanta para tirar do bagageiro a mochila, com o avião parado, dá para ver que está todo de preto — coturno de lona, calça jeans, camiseta, tudo preto. Alguém já disse que, não fosse pelo brilho malicioso do olhar, ele poderia ser confundido com um padre. Por um detalhe de seu paletó de lã, igualmente preto, os passageiros — os franceses, pelo menos — percebem que o colega de viagem não é um mortal comum: preso à lapela, o minúsculo broche de ouro esmaltado em vermelho, pouco maior que um microchip de computador, revela ao gentio que seu portador é um *Chevalier* da Ordem Nacional da Legião de Honra, a mais alta e cobiçada condecoração da França, criada em 1802 por Napoleão Bonaparte e só concedida por decreto pessoal do presidente da República. A comenda, atribuída ao escritor por determinação de Jacques Chirac, porém, não é seu único sinal exterior de singularidade. Dos escassos cabelos brancos, raspados a navalha, ressalta um tufo acima da nuca, um pequeno rabo de cavalo também branco, com quatro dedos de comprimento: é a *sikha*, penacho usado por brâmanes, hindus ortodoxos e monges Hare Krishna. Bigode e cavanhaque brancos, cuidadosamente aparados, arrematam a parte de baixo da moldura de um rosto magro e saudável, queimado de sol. Com 1,69 metro de altura, é um homem franzino, porém musculoso, seco, sem nenhum grama de gordura visível no corpo.

Mochila nas costas e louco de vontade de fumar, mistura-se ao rebanho de passageiros nos corredores do aeroporto, levando nos lábios, apagado, um cigarro Galaxy Light, fabricado no Brasil. Na mão, um isqueiro Bic está pronto para ser acionado tão logo isso seja permitido, o que não parece próximo. Mesmo quem não soubesse húngaro ou o significado da expressão *Tilos adohányzás* não poderia deixar de notar por toda parte as placas com um cigarro aceso cortado por uma faixa vermelha. Budapeste também capitulara à fobia antitabagista, e não se podia fumar em lugar nenhum do aeroporto. Parado ao lado da esteira de bagagens, o homem de preto olha com ansiedade para a parede de vidro transparente que separa os passageiros internacionais do saguão principal do Aeroporto de Ferihegy. Graças a um truque do dono, a maleta preta de rodinhas pode ser reconhecida de longe: é a que traz um coração branco desenhado com giz. E é tão pequena que poderia ter sido embarcada como bagagem de mão, não fosse ele alguém que detesta carregar coisas.

Ao cruzar a vidraça depois de passar pela alfândega, descobre, visivelmente desapontado, que seu nome não está em nenhuma das placas exibidas pelos motoristas e agentes de turismo à espera dos passageiros daquele voo. E, mais grave, também não estão à sua espera fotógrafos, repórteres ou câmeras de tevê. Não há ninguém. Caminha até a calçada olhando para os lados e, antes mesmo de levantar a gola do paletó para se proteger do vento frio que varre Budapeste, acende o Galaxy e dá uma tragada tão forte que carboniza meio cigarro. Os demais passageiros da Air France logo se dispersam por ônibus, táxis e carros particulares, a calçada do aeroporto fica deserta e a decepção dá lugar a um mau, péssimo humor. Acende outro cigarro, faz uma chamada internacional pelo telefone celular e rosna em português, com forte sotaque carioca e voz levemente fanhosa:

— Não há ninguém à minha espera em Budapeste! Sim! Foi isso mesmo que você ouviu.

Repete palavra por palavra, como se quisesse martelar cada uma delas na cabeça do interlocutor:

— Isso mesmo: não-há-ninguém-à-minha-espera-em-Budapeste. Não, ninguém. Eu disse ninguém!

Desliga sem se despedir, apaga o toco de cigarro numa lixeira, começa a fumar um terceiro e anda de um lado para outro com ar desolado. Já se passaram quinze intermináveis minutos desde

o desembarque quando ele ouve um tropel familiar. Vira-se para o lado de onde vem o ruído e seus olhos se iluminam. Um enorme sorriso aparece em seu rosto. O motivo da alegria está a poucos metros dali: uma matilha de repórteres, fotógrafos, cameramen e paparazzi corre em sua direção e grita seu nome, quase todos de microfone e gravador em punho. Atrás deles vem um grupo mais numeroso, os fãs.

— *Mister Colê-rô! Mister Paulo Colê-rô!*

Colê-rô é como os húngaros pronunciavam o sobrenome do escritor brasileiro Paulo Coelho, o homem de preto que acaba de desembarcar em Budapeste como convidado de honra do Festival Internacional do Livro. O convite foi uma iniciativa da Rússia, país homenageado em 2005 (e não do Brasil, que nem estande tem no local), pela singela razão de ser na época o autor mais lido naquele que, com 143 milhões de habitantes, é uma das nações mais populosas do planeta. Junto com os repórteres, avançam também pessoas com exemplares de seu mais recente sucesso, *O Zahir*, abertos na primeira página, tropeçando no cipoal de fios pelo chão e enfrentando a rispidez dos jornalistas na esperança de conseguir um autógrafa. O pipocar dos flashes, misturado à luz azulada dos refletores, dá à cabeça pelada do escritor uma aparência incomum, como se estivesse em uma pista de dança das boates dos anos 1970, iluminada com lâmpadas estroboscópicas. Apesar do tumulto e do desconforto, ele exibe um permanente e angelical sorriso, e, mesmo afogado por uma maré de perguntas em inglês, francês e húngaro, dá a impressão de estar desfrutando de um prazer inigualável: a fama planetária. Como um peixe na água. Ali, com os olhos faiscantes e o sorriso mais sincero que um ser humano pode abrir, *Mister Colê-rô* voltara a ser Paulo Coelho, o superstar, o escritor de 100 milhões de livros vendidos, o membro da Academia Brasileira de Letras que costuma ser recebido como astro pop por seus leitores em 66 idiomas e dialetos, espalhados por mais de 160 países. Ele conta aos jornalistas que tinha estado na Hungria uma única vez, mais de duas décadas antes. “Tenho medo de que em quinze anos o turismo capitalista tenha produzido em Budapeste estragos maiores do que os russos fizeram em meio século”, provoca, referindo-se ao período em que o país viveu sob a tutela da antiga União Soviética (1949-89).

Naquele mesmo dia, o escritor tivera outra oportunidade de saborear o reconhecimento público. Enquanto aguardava o avião no aeroporto de Lyon, aproximou-se um brasileiro de barbas brancas que se identificou como seu leitor e admirador. Chamados para tomar o ônibus que os levaria à aeronave, caminharam juntos na fila até o portão de embarque. Na hora de exhibir o tíquete, o brasileiro não conseguia encontrar o seu, perdido no meio de um maço de folhetos e mapas turísticos. Para evitar a impaciência dos demais passageiros, o funcionário da Air France colocou-o de lado, procurando o canhoto, enquanto a fila andava. Por delicadeza, Paulo postou-se de pé ao lado do contêrrâneo, mas foi dispensado:

— Não precisa ficar aqui, obrigado. Em um minuto eu acho o cartão de embarque.

Com todos os passageiros acomodados no ônibus, a fila chegara ao fim e, com ela, o humor do funcionário francês, que ameaçava fechar a porta:

— *Pardon*, mas sem tíquete o senhor não vai embarcar.

O brasileiro percebeu que sua viagem de férias estava azedando, mas não entregou os pontos:

— Meu senhor, eu tenho o tíquete, estou certo disso. Minutos atrás eu o mostrei ao escritor Paulo Coelho, que estava comigo, para saber se viajaríamos em assentos próximos.

O francês arregalou os olhos:

— Paulo Coelho? Mas aquele homem de cabeça raspada e *Légion d'Honneur* na lapela é Paulo Coelho?

Diante da confirmação, o funcionário correu alguns metros até o ônibus onde os passageiros aguardavam a solução do problema e gritou:

— *Monsieur Paulô Coelô!*

Bastou o escritor se apresentar e confirmar que sim, que vira o tíquete, para o funcionário, repentinamente delicado e cordial, fazer um gesto de mão ao retardatário, autorizando-o a embarcar.

Já caiu a noite em Budapeste quando um jovem alto e magro dá a entrevista por encerrada. Sob protestos de jornalistas e fãs, Paulo é colocado no banco traseiro de um Mercedes-Benz cuja idade e imponência sugerem que ali podem ter viajado hierarcas do finado regime comunista húngaro. No veículo vão também seus companheiros dos três dias seguintes: o motorista e guarda-costas Pál Szabados, um jovem de cabelos escovinha medindo quase dois metros de altura, e Gergely Huszti, o pálido cicerone que o livrara dos repórteres, ambos colocados à disposição do escritor pela Athenäum, sua editora na Hungria.

Quando o veículo arranca, e antes mesmo que Gergely se apresente, Paulo pede um instante de silêncio e faz como no avião: olhos fixos no infinito, indicador e anular levantados, só precisa de

alguns segundos para proferir uma prece silenciosa. Essa solitária cerimônia é realizada pelo menos três vezes ao dia — ao despertar, às seis da tarde e à meia-noite — e repetida nos pousos e decolagens e nas partidas dos carros (nestes casos, tanto pode ser uma rápida corrida de táxi como uma longa viagem internacional). No caminho para o hotel, Gergely vai lendo a programação do escritor: um debate seguido de sessão de autógrafos no Festival do Livro, uma visita ao metrô de Budapeste em companhia do prefeito Gábor Demszky, cinco entrevistas individuais para programas de tevê e publicações importantes, uma coletiva, uma sessão de fotos com a Miss Peru, sua leitora (que se encontra na Hungria em campanha para o concurso de Miss Universo), dois jantares, um show em uma boate ao ar livre... Paulo interrompe Gergely em inglês: — Por favor, pode parar por aí. Mas antes corta a visita ao metrô, o show e a Miss Peru. Isso não estava no programa.

O cicerone insiste:

— Acho que devemos manter pelo menos a visita ao metrô, que é o terceiro mais antigo do mundo... E a mulher do prefeito é sua fã, leu todos os seus livros.

— Nem pensar. Eu autografo um livro especialmente para ela, mas não vou passear de metrô.

Descartados o metrô, a boate e a miss (que acabaria aparecendo na tarde de autógrafos), o roteiro é aprovado pelo escritor, que não parece cansado a despeito de ter tido uma semana exaustiva. Em plena maratona de lançamentos de *O Zahir*, ele enfrentara, em sucessivas entrevistas individuais, repórteres do jornal chileno *El Mercurio*, da revista francesa *Paris Match*, do diário holandês *De Telegraaf*, da revista da Maison Cartier, do jornal polonês *Fakt* e da revista feminina norueguesa *Kvinner og Klær*. A pedido de um amigo, assessor da família real saudita, Paulo Coelho ainda concedeu um longo depoimento para Nigel Dudley e Sarah MacInnes, editores da revista *Think*, publicação britânica especializada em negócios e economia.

Meia hora depois de deixar o aeroporto, o Mercedes estaciona diante do hotel Gellert, um imponente e secular quatro estrelas às margens do rio Danúbio, onde estão instaladas as mais antigas termas da Europa Central. Antes mesmo de assinar a ficha de hospedagem, Paulo troca um caloroso abraço com uma bela mulher de pele clara e cabelos pretos, que acabara de chegar de Barcelona, na Espanha, e o esperava no lobby do hotel levando pela mão um menino gorducho e de olhos azuis. É a brasileira Mônica Antunes, 36 anos, e a criança é filho dela e do editor norueguês Øyvind Hagen. Os dois se conheceram na Feira de Frankfurt, em 1993, quando ela negociava a venda dos direitos de *O Alquimista* para a Escandinávia. Mas considerá-la apenas como agente literária de Paulo Coelho, como se costuma fazer, é reconhecer apenas uma pequena parte do trabalho que Mônica realiza desde o final dos anos 1980. Ele tinha então 41 anos e era um autor desconhecido quando uma linda estudante de engenharia química de 20 anos, trajando jeans de veludo verde, estendeu-lhe a mão e se apresentou:

— Li seus dois livros e adorei. Sou sua admiradora.

Para provar, abriu a bolsa e mostrou um sovado exemplar de *O Diário de um Mago*. Embriagado pelo viço da menina, Paulo arrastou asa por ela durante semanas até descobrir que Mônica estava apaixonada e pensava mudar-se para a Europa com seu namorado, Carlos Eduardo Rangel. Ao contrário do que ele pretendia, a duradoura relação dos dois jamais foi além de inocentes e fraternos abraços. Convertida da noite para o dia em agente literária — e alguém que o próprio escritor reconhece como coautora de seu sucesso mundial —, em alguns anos Mônica Antunes passaria a ser uma das pessoas mais influentes do mercado internacional de direitos autorais. Mas o rosto bonito, a voz suave e o tímido sorriso de dentes muito brancos, cochicha-se no jet set literário, escondem uma cérbera impiedosa. Ela é famosa e temida pela dureza com que trata quem quer que ameace os interesses do escritor. Muitos editores referem-se a ela, maldosamente — e sempre pelas costas, claro —, como “a Bruxa de Barcelona”, uma alusão à cidade onde vive e de onde controla tudo o que acontece na vida profissional de seu único agenciado. Mais do que simples vendedora de direitos, Mônica converteu-se na ponte que liga o escritor ao mundo editorial. Tudo o que diga respeito ou envolva, direta ou indiretamente, sua produção literária passa obrigatoriamente pelo sétimo andar do moderno edifício de escritórios onde funciona a agência literária Sant Jordi Associados, nome catalão de São Jorge, padroeiro dos livros. O editor que tentar aproximar-se diretamente de Paulo Coelho, sem passar pela agência, terá o seu nome inscrito na lista negra de Mônica — cuja existência ela nega com mau humor. Importantes livreiros europeus e latino-americanos já testemunharam que o castigo pode até tardar, mas nunca falha.

Enquanto a babá peruana pajeia o garoto pelo saguão do hotel, Mônica senta-se com o escritor a uma mesa de canto e abre a pasta com planilhas extraídas dos computadores da Sant Jordi. A ordem do dia só tem boas notícias: em três semanas *O Zahir* vendeu 106 mil exemplares na Hungria. Na Itália, no mesmo período, os números bateram em 420 mil. Nas colunas de best-sellers italianos, o livro conseguira ultrapassar até *Memoria e identità: Conversazioni a cavallo dei*

millenni, as memórias do recém-falecido papa João Paulo II. O escritor não parece satisfeito:

— Mas esses são números absolutos, Mônica. Quero saber do desempenho do *Zahir* comparado ao livro anterior, no mesmo período.

A resposta não está na ponta da língua, mas em outro gráfico, que Mônica lê com sorriso vitorioso, falando um português que após quase vinte anos de Espanha começa a exibir chiados catalães:

— No mesmo período, *Onze Minutos* vendeu 328 mil exemplares na Itália. Ou seja, *O Zahir* está vendendo quase 30% a mais. Agora você está satisfeito?

— Sim, claro. E da Alemanha, quais são as notícias?

— Lá *O Zahir* está em segundo lugar na lista da *Der Spiegel*, atrás apenas do *Código Da Vinci*.

Além de Hungria, Itália e Alemanha, o autor pede notícias da vendagem na Rússia, quer saber se Arash Hejazi, o editor iraniano, resolveu os problemas com a censura e como anda a questão das edições piratas no Egito. Pelas contas de Mônica, o autor vem batendo seus próprios recordes em todos os países onde o livro aparece. Na França, uma semana depois de lançado, *Le Zahir* estava na cabeça das listas, inclusive a mais cobiçada delas, a do semanário *L'Express*; na Rússia, as vendas ultrapassaram a casa dos 530 mil exemplares; em Portugal, 130 mil (lá *Onze Minutos* chegou aos 80 mil exemplares apenas seis meses após o lançamento). No Brasil, *O Zahir* vendera 160 mil exemplares em menos de um mês (60% mais que *Onze Minutos* no mesmo período). E, enquanto Paulo faz sua turnê pela Hungria, 500 mil cópias de *El Zahir* em castelhano estão sendo despejadas desde o sul dos Estados Unidos até a Patagônia, cobrindo dezoito países latino-americanos e mais a comunidade hispânica norte-americana. A última notícia parece ser a única surpresa do relato: no dia anterior um grupo armado assaltara um caminhão num subúrbio de Buenos Aires, levando toda a preciosa carga — 2 mil exemplares de *El Zahir* recém-saídos da gráfica e a caminho das livrarias portenhas. Mesmo diante de números tão robustos, dias depois um crítico literário do *Diario de Navarra*, na Espanha, aventou a hipótese de que o roubo havia sido um golpe publicitário arquitetado pelo escritor para vender ainda mais livros.



Mônica Antunes no escritório da Sant Jordi: mais que uma agente, a fidelíssima guardiã que administra centenas de contratos de edição de Paulo Coelho espalhados pelo mundo.



Esse ambiente de ansiedade e estresse repete-se a cada dois anos, toda vez que Paulo Coelho lança um novo título. Nesses períodos, um dos autores mais lidos do mundo comporta-se com a insegurança de um estreante. Sempre foi assim. Quando escreveu o primeiro livro, *O Diário de um Mago*, ele dividia com a mulher, a artista plástica Christina Oiticica, o trabalho de distribuir folhetos de propaganda nas portas dos teatros e cinemas do Rio de Janeiro, e depois percorria as livrarias da Zona Sul da cidade para saber quantos exemplares tinham sido vendidos. Passaram-se vinte anos, mudaram a metodologia e a tecnologia, mas o escritor continua o mesmo: pelo telefone celular ou recebendo no notebook serviços online exclusivos, ele controla, de onde estiver, a edição, distribuição, repercussão na mídia e colocação de cada um de seus livros nas listas dos mais vendidos — da Terra do Fogo à Groenlândia, do Alasca à Austrália.

Ainda sem preencher a ficha de hóspede nem subir ao quarto, ele encerra a reunião informal com a chegada ao hotel de Lea, uma simpática cinquentona casada com o ministro do Interior da Suíça e leitora cativa do autor, a quem conhecera no Fórum Econômico Mundial, em Davos. Ao ler num jornal que o brasileiro estaria na capital húngara, Lea tomou um trem em Genebra, atravessou toda a Suíça, a Áustria e metade da Hungria para, ao final de mil quilômetros de viagem, passar algumas horas ao lado do ídolo em Budapeste. São quase oito da noite quando Paulo entra finalmente na suíte que lhe reservaram no Gellert. O aposento adquire ares palacianos diante da bagagem franciscana de seu hóspede — a mesma que carrega pelo mundo afora: quatro camisetas pretas, quatro cuecas de seda colorida, do tipo samba-canção, cinco pares de meias, uma calça Levi's preta, uma bermuda de brim e um pacote de cigarros Galaxy (o estoque é permanentemente reabastecido por seu escritório do Rio ou pela gentileza de amigos brasileiros que o visitam). Nas ocasiões solenes acrescenta à bagagem o paletó com que veio da França, uma camisa de colarinho, uma gravata e os “sapatos sociais”: um par de botinas de salto carrapeta, como as de caubóis — tudo preto. Ao contrário do que pode sugerir à primeira vista, a escolha da cor das roupas nada tem a ver com sorte, questões místicas ou espirituais. Com a experiência de quem passa dois terços do ano fora de casa, o escritor garante que tecidos pretos resistem mais às lavanderias industriais de hotéis, embora na maioria das vezes seja ele próprio quem lava suas meias, camisetas e cuecas em viagens. Num canto da mala um pequeno *nécessaire* guarda escova e pasta de dentes, um aparelho de barba manual, fio dental, desodorante, água de colônia, spray de espuma de barba e um tubo de Psorex, pomada que usa quando a psoríase, uma doença crônica da pele, provoca irritantes coceiras e escamações nas juntas das mãos e nos cotovelos. No outro canto, protegidas entre meias e cuecas, uma pequena imagem de Nhá Chica, beata do sul de Minas, e uma garrafinha com água benta colhida no santuário católico de Lourdes, no sul da França. Na mochila vai um notebook HP — marca da qual se tornou garoto-propaganda —, telefone celular, documentos, cigarros, dinheiro e cartões de crédito.

Meia hora depois, ele reaparece no lobby do hotel recendendo a lavanda, de barba feita e com a disposição de quem acabou de acordar (o paletó atirado nas costas permite que se veja no dorso do antebraço esquerdo a tatuagem de uma pequena borboleta azul, de asas abertas). O último compromisso do dia será o jantar na casa de um artista plástico, um chalé pendurado nos morros de Buda, a parte alta da cidade, na margem direita do Danúbio, de onde terá privilegiada vista da milenar capital coberta por fina garoa. Em um ambiente à luz de velas, espera-o meia centena de convidados, entre artistas, escritores e diplomatas, a maioria gente jovem, na faixa dos trinta anos. E muitas mulheres, como em quase todos os lugares onde sua presença é anunciada. Logo

estão todos espalhados pelos sofás ou sentados no chão, conversando — pelo menos tentando conversar, tal é o volume do rock pesado que sai das caixas de som. Uma roda de pessoas cerca o escritor, que fala sem parar. A pequena plateia logo percebe dois de seus vários hábitos curiosos: a intervalos curtos ele rapidamente passa a mão direita diante dos olhos, como se espantasse uma mosca que ninguém vê. Minutos depois o sestro se repete, mas agora é como se a mosca invisível estivesse zumbindo no ouvido direito. Na hora do jantar, sempre em inglês fluente, agradece a homenagem e elogia a proeza da cozinha húngara de transformar um modesto guisado de carne em uma iguaria inesquecível, o *goulasch*. Às duas da madrugada, depois do café e de várias rodadas de Tokaj, o equivalente local do vinho do Porto, vão todos embora.

Às quinze para as dez da manhã seguinte, os primeiros jornalistas convidados para a entrevista coletiva estão acomodados nas trinta cadeiras estofadas da pequena sala de reuniões do hotel Gellert. Agora, mesmo quem for pontual e chegar às dez horas vai ter que ficar em pé. O objeto do interesse dos repórteres acordou às oito e meia. Se não estivesse chovendo ele teria feito sua habitual caminhada de uma hora pelas ruas em torno do hotel. Como não gosta de pedir comida no apartamento (“Doente é que come no quarto”, costuma dizer), fez o desjejum no salão de café, subiu para um banho e agora está lendo jornais e ciscando na internet. Em geral lê um jornal do Rio e outro de São Paulo, mais o norte-americano editado em Paris *International Herald Tribune*. O resto chegará mais tarde em *clippings* e sinopses que filtram apenas o noticiário sobre o autor e seus livros.

Às dez em ponto ele entra no salão iluminado pelos refletores e lotado de jornalistas e senta-se atrás da mesinha sobre a qual estão uma garrafa de água mineral, um copo, um cinzeiro e um buquê de rosas vermelhas. Gergely pega o microfone, explica as razões da visita do escritor ao país e anuncia a presença, na primeira fila de cadeiras, da agente Mônica Antunes. Vestindo um elegante *tailleur* azul-marinho, ela se levanta, visivelmente tímida, para agradecer os aplausos.

Paulo fala durante quarenta minutos em inglês, aí contado o tempo gasto por Gergely para verter cada frase para o húngaro. Relembra sua viagem a Budapeste em 1982, conta um pouco de sua história pessoal e de sua carreira como escritor. Revela, por exemplo, que, depois do êxito de *O Diário de um Mago*, o afluxo de peregrinos ao Caminho de Santiago, na Espanha, aumentou de quatrocentos por ano para quatrocentos por dia — em reconhecimento, o governo da Galícia batizou de “Rua Paulo Coelho” uma das artérias da cidade de Santiago de Compostela, ponto final da peregrinação. Na hora das perguntas, os jornalistas revelam não apenas familiaridade com sua obra, mas também, deixando de lado a objetividade, manifestam uma admiração explícita. Alguns se referem a determinado livro dele como “o meu favorito”. O encontro transcorre sem nenhuma pergunta indiscreta, nenhum contratempo. A atmosfera de fraternidade dá a impressão de se estar em uma reunião do clube dos leitores de Paulo Coelho em Budapeste. Quando Gergely dá a entrevista por encerrada, os repórteres batem palmas para o escritor. Uma pequena fila se forma diante da mesa e ali começa uma improvisada manhã de autógrafos, exclusiva para os jornalistas húngaros — só então se percebe que quase todos tinham trazido livros seus na bolsa.

Pouco dado a almoçar, o escritor faz um rápido lanche ali mesmo, no restaurante do hotel. Come uma torrada com patê de fígado, bebe um copo de suco de laranja e uma xícara de café expresso. Aproveita a meia hora livre antes do compromisso seguinte para passar os olhos no noticiário internacional dos jornais *Le Monde*, de Paris, e *El País*, de Madri. Seja pela internet, pela tevê ou pela mídia impressa, Paulo está permanentemente antenado com o que acontece no mundo. É um consumidor voraz de notícias de política internacional, o que faz dele alguém sempre bem informado sobre as guerras e crises que frequentam capas dos jornais — onde quer que elas estejam ocorrendo. É comum vê-lo falar com segurança (mas sempre com naturalidade, sem parecer professoral ou esnobe) sobre questões tão diversas quanto o recrudescimento da crise libanesa ou a nacionalização do petróleo e do gás na Bolívia. Defendeu em público a troca de reféns em poder da guerrilha marxista da Colômbia por presos políticos nas mãos do governo de Bogotá, e em 2003 causou polêmica — e foi lida por mais de 400 milhões de pessoas — sua carta-protesto “Obrigado, Presidente Bush”, vergastando o chefe de Estado americano pela iminente invasão do Iraque.

Vistos os jornais, é hora de voltar ao trabalho. Agora é a vez da louraça Marsi Anikó, âncora do programa *Fókusz2*, da tevê RTL Club, campeão imbatível de audiência nas noites de domingo. Além do talento e dos dotes físicos da apresentadora, *Fókusz2* tem como peculiaridade o mimo que, ao final do programa, é oferecido ao entrevistado da semana: um prato da cozinha húngara preparado pela própria Marsi. Dentro do pequeno estúdio improvisado numa sala do hotel, o programa, no estilo cara a cara, transcorre também sem surpresas (nem mesmo as sensuais cruzadas de pernas de Marsi), salvo o leve rubor na face da âncora quando um bem-humorado Paulo Coelho se pôs a discorrer sobre sexo e penetração. Ao final este ganha dois beijos no rosto,

uma bandeja com *almásrétes* — tradicional torta húngara recheada de pétalas de papoula que Marsi jura ter feito com as próprias mãos — e uma garrafa de *pálinka*, a fortíssima aguardente local. Em poucos minutos o cenário do *Fókusz2* está desmontado para dar lugar a outro, mais jovial e colorido, destinado à entrevista com András Simon, da MTV húngara. Quando termina a gravação, uma hora depois, em vez de presentes, o brasileiro recebe do jornalista uma pilha de sete livros seus para autografar.

Intercaladas por breves minutos — suficientes apenas para o autor tomar um expresso e fumar um Galaxy —, as entrevistas individuais para os veículos de maior expressão se sucedem até o final da tarde. Quando o último repórter deixa o hotel, a cidade está escura. A despeito das sombras de olheiras no rosto, Paulo garante que não está cansado:

— Ao contrário. Falar de tantas coisas diferentes em tão pouco tempo faz subir a adrenalina. Essa atividade acaba me deixando ainda mais elétrico...

Seja movido por profissionalismo, vaidade ou outro combustível qualquer, o certo é que, embora prestes a se converter em sexagenário, o escritor exibe invejável disposição. Um banho e um café expresso bastam para que reapareça esfregando as mãos às oito e meia da noite no saguão do hotel, onde o esperam Mônica, a suíça Lea, que parece ter-se incorporado ao grupo, o mudo guarda-costas Szabados e Gergely. Velado pela babá Juana Guzmán, o garotinho dorme o terceiro sono no apartamento da mãe. Ainda falta um compromisso para encerrar a programação do dia: um jantar com escritores, editores e jornalistas na casa de Tamás Kolosi, dono da editora Athenäum e um dos responsáveis pela vinda do escritor à Hungria. Quando Gergely pergunta se está cansado da agitação do dia, ele dá uma gargalhada:

— Claro que não! Hoje foi só aperitivo, o trabalho começa mesmo é amanhã.

Após o jantar com o editor — servido por garçons e com todos os presentes engravatados —, Mônica aproveita os dez minutos no carro, no caminho de volta ao hotel, para informá-lo de que acertou com Gergely a agenda do dia seguinte:

— A abertura do Festival do Livro é às duas da tarde. Como de manhã você tem mais entrevistas no hotel, não haverá tempo para almoçar. Deixei reservado um restaurante no caminho para comermos sanduíches e uma salada.

Paulo está com a cabeça em outro lugar:

— Estou preocupado com essa história da editora de Israel, que não gostou do título do *Zahir* e quer mudá-lo. Por favor, ligue para lá amanhã e diga que não autorizo. Ou mantêm o título ou não publicam o livro. Já me basta terem traduzido o nome do pastor Santiago, personagem do *Diário de um Mago*, para Jakobi.

Ele era cabeça-dura mesmo antes de ser estrela. Mônica lembra que, quando *O Alquimista* foi publicado nos Estados Unidos, o editor quis rebatizá-lo com o título *The Shepherd and his Dreams* (“O Pastor e seus Sonhos”), mas o autor bateu o pé e não permitiu. Ele ouve a história ao lado e sorri:

— Eu não era ninguém e eles eram a Harper Collins. Mas fui logo colocando o pé e dizendo “daqui vocês não passam”, e ganhei o respeito deles.

A conversa termina no saguão do hotel. Na manhã seguinte o solzinho ralo sobre a cidade anima o escritor a fazer sua caminhada de uma hora às margens do Danúbio. Um banho, uma rápida varrida na internet, café da manhã, duas entrevistas e está pronto para o segundo turno do dia, a abertura do festival. No caminho, eles param no lugar reservado por Mônica, uma lanchonete de onde todos os fregueses parecem ter sido espantados pelo som altíssimo que sai de um *jukebox* antiquíssimo. Paulo vai até lá, abaixa o volume, coloca 200 florins em moedas e escolhe um *hit* romântico dos anos 1950, “Love Me Tender”, cantado por Elvis Presley. Volta à mesa sorridente, imitando a voz melodiosa do roqueiro:

— “*Love me tender; love me true...*” Adoro os Beatles, mas este cara é eterno, vai ficar para sempre...

Gergely quer saber a razão de tanta alegria, e ele abre os braços:

— Hoje é dia de São Jorge, o padroeiro dos livros. Vai dar tudo certo!

Realizado todos os anos em um centro de convenções dentro de um parque ainda chamuscado pela neve do inverno, o Festival Internacional do Livro de Budapeste é célebre por atrair centenas de milhares de pessoas. Recebido em uma entrada privativa por três corpulentos guarda-costas e levado a uma salinha VIP, Paulo reclama ao saber que há quase quinhentas pessoas na fila de autógrafos do estande da editora:

— Não foi isso que combinamos. O acertado é que seriam distribuídas apenas cento e cinquenta senhas.

A gerente da editora explica que não houve jeito de dispersar os leitores e fãs:

— Desculpe, mas quando terminaram as senhas as pessoas simplesmente disseram que não

iriam embora. Na verdade havia muito mais gente, mas quem sobrou foi para o auditório onde você vai falar. O problema é que lá cabem trezentas e cinquenta pessoas e entraram oitocentas. Tivemos que colocar telões às pressas, do lado de fora, para quem não conseguiu entrar.

Mônica deixa a sala discretamente, vai até o estande da Athenäum e volta cinco minutos depois, balançando a cabeça, com ar preocupado: Fatal. Não vai dar, vai ter tumulto.

Os seguranças dizem que não, que não há risco para ninguém. No máximo recomendam que o menino e a babá esperem o fim das atividades ali na salinha. As notícias de que o festival regurgita de fãs e leitores afugentam por completo o mau humor de Paulo.

Levanta-se sorridente, bate uma palma da mão na outra e decide:

— Tem gente demais? Tanto melhor! Vamos lá atender os leitores. Antes, no entanto, me deem uma licença de cinco minutos.

Finge que vai ao banheiro fazer xixi, mas lá dentro para diante de uma parede e repete de olhos no infinito a prece silenciosa, ao fim da qual pede a Deus que tudo corra bem nas atividades do dia:

— Agora é com Você.

Deus parece tê-lo ouvido. Protegido pelos três guarda-costas — e por Szabados, que cumpre à risca as ordens de jamais desgrudar dele —, Paulo Coelho chega ao Salão Bela Bartók sob as luzes das equipes de tevê e dos flashes dos fotógrafos. Todos os assentos estão ocupados e não cabe mais ninguém nos corredores, coxias e galerias. O público é dividido meio a meio, há igualmente homens e mulheres, mas a maioria é de jovens. Levado ao palco pelos seguranças, agradece os aplausos com as mãos cruzadas no peito. A luz forte dos refletores e o excesso de gente tornam o calor lá dentro insuportável. O escritor fala de pé durante meia hora, em francês tão fluente quanto seu inglês — sua história, a luta para ser escritor, a realização do sonho, suas crenças... —, com versão para o húngaro feita por uma jovem. Terminada a exposição, um número limitado de pessoas é escolhido para fazer perguntas, ao final das quais o escritor se levanta para agradecer a acolhida. A plateia começa a gritar que não quer que ele vá embora. Sacudindo livros seus no ar, fazem uma algazarra:

— *Ne! Ne! Ne!*

No meio da barulheira, a intérprete explica que *ne* em húngaro significa “não” — as pessoas simplesmente não querem que o autor deixe o local sem autografar os livros. O problema é que os seguranças também dizem *ne* — não é possível organizar uma sessão de autógrafos ali, com aquela multidão. Diante dos gritos do público — o *ne! ne! ne!* prossegue —, Paulo se faz de desentendido com os seguranças, tira uma caneta do bolso e, com ela na mão, volta ao microfone sorrindo:

— Se a gente se organizar, dá para assinar alguns!

Não deu. Em instantes, dezenas de pessoas se atropelam, sobem ao palco e cercam o escritor. O risco de tumulto deixa o ambiente tenso e os seguranças decidem intervir sem esperar ordens. Seguram-no pelos ombros, levantam-no do chão e o carregam até um vão atrás das cortinas, de onde é levado para uma sala segura. Ele reage dando gargalhadas:

— Podiam ter me deixado lá. Dos meus leitores eu não tenho medo. Tenho medo é de um tumulto. Em 1998, em Zagreb, na Croácia, um sujeito tentava furar a fila exibindo uma pistola na cintura, imagina o perigo! Meus leitores jamais me fariam algum mal.

Dois guarda-costas na frente e dois atrás, o escritor é levado pelos corredores do centro de convenções, sob os olhares curiosos dos circunstantes, até chegar ao estande da Athenäum, onde pilhas de exemplares do *Zahir* o esperam. A fila de quinhentas pessoas transformou-se num enorme aglomerado que ninguém consegue colocar em ordem. Os 150 detentores de senhas agitam os cartões numerados no ar, cercados pela maioria que só tem como passaporte para o autógrafo o essencial: livros de Paulo Coelho. Experiente em situações semelhantes, ele logo assume o comando. Falando em francês com a ajuda da intérprete, levanta os braços e grita para a multidão — sim, o que o espera é uma pequena multidão de quantas pessoas? Mil e quinhentas, duas mil? Não dá para saber quem está ali para pedir autógrafos, para ver o ídolo ou simplesmente atraído pelo tumulto. Com dificuldade para ser ouvido, grita:

— Obrigado pela presença de vocês. Sei que muitos estão aqui desde o meio-dia, e já pedi à editora para servir água a todos. Vamos fazer duas filas: uma dos que têm senha e outra dos que não têm. Vou tentar atender todo mundo. Muito obrigado!

Agora é trabalho braçal. Enquanto garçons percorrem o local com bandejas repletas de garrafinhas de água mineral gelada, o escritor tenta colocar ordem na confusão: assina trinta livros dos leitores da fila e em seguida mais trinta dos que ficaram de fora. A cada cinquenta minutos, uma hora, mais ou menos, faz uma parada rápida para ir ao banheiro ou sair para um cubículo ao ar livre, a única área onde pode fumar em todo o centro de convenções. Na terceira

visita ao local — que ele batiza de *bad boy's corner* — encontra um não fumante de livro na mão, à espera de um autógrafo fora da fila. É o brasileiro Jacques Gil, carioca de vinte anos que se mudou para a Hungria a fim de jogar no centenário Újpest, o mais antigo clube de futebol do país. Assina o livro correndo, dá quatro ou cinco tragadas fundas e lá se vai mais um cigarro. A passos rápidos volta para o estande, diante do qual a multidão permanece paciente. De vez em quando alguém reclama que a fila está andando muito devagar. No meio dos leitores que não conseguiram senha uma voz se destaca toda vez que o escritor se aproxima. É um jovem alto, de barba negra, que agita nas mãos um exemplar de *Lo Zahir* e escande as palavras, em italiano:

— *Maestro! Maeeeestro! Per piacere, firmi il mio libro! Io sono il unico italiano qui!* [Mestre! Mestre! Por favor, autografe meu livro! Sou o único italiano aqui!]

Pelas claraboias de vidro dá para ver que é noite quando os últimos leitores se aproximam da mesinha. Encerrada a programação oficial, agora é hora de relaxar. O grupo original, acrescido de meia dúzia de moças e rapazes que se recusaram a arredar pé do lugar, combina de se encontrar depois do jantar na portaria do hotel para um programa noturno. Às dez da noite chegam todos a uma casa de karaokê no Mammot, um moderno e badalado shopping center. Os jovens húngaros que acompanham o escritor ficam desolados ao saber que o som está quebrado. “Que péssima notícia”, queixa-se um deles ao gerente. “Logo hoje que tínhamos conseguido convencer Paulo Coelho a cantar...” A menção ao nome do escritor volta a abrir portas: o sujeito cochicha algo no ouvido de um louro de cabeça raspada e este apanha um capacete sob a mesa e sai em disparada. O gerente volta ao grupo, sorridente:

— Não será por falta de equipamento de karaokê que vamos perder uma apresentação de Paulo Coelho. Meu sócio pegou a moto e vai trazer o equipamento de uma casa próxima. Vocês podem se sentar.

O motoqueiro demora tanto que a esperada apresentação acaba reduzida ao que os músicos chamam de “canja”, e das bem modestas. Paulo engata um dueto com Andrew, jovem estudante americano em férias na Hungria, cantando a música “My Way”, imortalizada por Frank Sinatra, e depois faz um solo de “Love Me Tender”, sem atender aos pedidos de bis. Todos retornam ao hotel à meia-noite e na manhã seguinte o grupo se desfaz. Mônica volta com o filho e Juana para Barcelona, Lea vai para a Suíça e o escritor, depois de caminhar uma hora pelo centro de Budapeste, está no banco de trás do Mercedes guiado por Szabados. A seu lado vai uma caixa de papelão cheia de livros seus que ele abre na primeira página, apenas assina e passa para Gergely, no banco da frente, um atrás do outro. Dedicar os dois últimos nominalmente ao motorista e ao cicerone. Uma hora depois está de novo na classe executiva de outro avião da Air France — agora com destino a Paris — fazendo sua prece silenciosa. Quando o aparelho termina a decolagem, uma jovem e linda negra de cabelos repartidos em mil trancinhas aproxima-se dele, levando nas mãos um exemplar de *O Diário de um Mago* em português. É Patrícia, secretária da maior celebridade de Cabo Verde, a cantora Cesária Évora. Com o característico sotaque dos antigos colonos portugueses da África, ela pede um autógrafo:

— Não é para mim, é para a Cesária, que está sentada ali atrás. Ela é sua fã, mas é muito tímida.

Duas horas e pouco depois, em Paris, Paulo ainda enfrenta uma breve e inesperada sessão de autógrafos e fotos na chegada ao Aeroporto Charles de Gaulle, ao ser identificado pela banda de rastafáris cabo-verdianos que esperavam a cantora. O alvoroço causado por eles atrai curiosos que, reconhecendo o escritor, também querem fotos com ele. Apesar de visivelmente cansado, atende a todos com um sorriso nos lábios. Na saída já o espera o motorista Georges, a bordo de um Mercedes-Benz prateado posto à sua disposição pelo editor francês. Embora uma suíte de 1.300 euros a diária esteja à sua disposição no hotel Bristol, um dos mais luxuosos da capital francesa, prefere dormir em sua própria casa, um amplo apartamento de quatro dormitórios e 210 metros quadrados no elegante 16^º Arrondissement, de cujas janelas pode-se desfrutar uma romântica vista das curvas do rio Sena. O problema é chegar lá: hoje é aniversário do massacre perpetrado pelo Império turco-otomano contra os armênios, e uma barulhenta manifestação de protesto cerca a Embaixada da Turquia, instalada a poucos metros do prédio do escritor. Pelo caminho é possível ver estampado nas bancas de jornais e quiosques um cartaz de página inteira da revista *Femina* (suplemento feminino semanal com tiragem de 4 milhões de exemplares e encartado em vários jornais franceses) oferecendo um capítulo de *Le Zahir* para as leitoras. Uma enorme foto do escritor está também na primeira página do *Journal du Dimanche*, que anuncia uma entrevista exclusiva com ele.

À custa de pequenas contravenções, como subir em calçadas e andar na contramão, Georges consegue por fim estacionar na porta do edifício — um prédio igualzinho a centenas, milhares de outras construções erguidas em Paris no começo do século XX, e que exemplificam a chamada

“arquitetura burguesa”. Aquela é uma casa tão pouco familiar a Paulo Coelho que, mesmo tendo sido adquirida mais de quatro anos antes, o proprietário ainda não conseguiu decorar o código de duas letras e quatro números que abre automaticamente a porta de entrada do prédio. Christina, sua mulher, está lá em cima à espera dele, mas sem celular — e ele não se lembra também do número do telefone de sua própria casa. As alternativas são esperar a chegada de um vizinho ou gritar para que ela jogue a chave. Cai uma garoa fina e, como a “arquitetura burguesa” não previa marquises, a espera começa a se tornar desconfortável. Além do mais, em um prédio de seis pavimentos com um só apartamento por andar, é grande o risco de passar horas ali até que algum samaritano entre ou saia. O jeito é gritar — e torcer para que Christina esteja acordada. Parado no meio da rua e com as mãos em concha em volta da boca, ele berra:

— Chris!

Nada. Tenta de novo:

— Christina!

Olha para os lados e para as janelas da vizinhança, temendo ser identificado, e esvazia os pulmões de novo:

— Chris-tiii-naaaaa!

Como uma mãe que olhasse um filho traquinas, ela aparece sorridente, de jeans e pulôver de lã, na sacadinha do terceiro andar, e lança ao ar o molho de chaves para que o marido (agora, sim, com aparência cansada) possa entrar no prédio. O casal dorme apenas uma noite ali. No dia seguinte ambos estão instalados na suíte 722 do hotel Bristol, reservada pela editora Flammarion. Não é casual a escolha do Bristol, um templo de luxo na rue du Faubourg Saint-Honoré: foi ali, entre as poltronas estilo Luís XV de seu saguão, que o escritor ambientou trechos de *O Zahir*. Na obra, o personagem central costuma se encontrar com a mulher, a jornalista Esther, para tomarem na cafeteria do hotel um chocolate quente adoçado por uma casca de laranja cristalizada. Como retribuição à homenagem, o Bristol decidiu batizar a bebida com o nome de *Le chocolat chaud de Paulo Coelho*, inscrição que vem gravada em confeito dourado nas barrinhas de chocolate servidas aos hóspedes por dez euros. Nesse fim de tarde o hotel converte-se no ponto de encontro de jornalistas, personalidades e convidados estrangeiros que irão ao jantar no qual a Flammarion vai anunciar a bomba do ano no mercado editorial europeu: a contratação de Paulo Coelho. Desde 1994 o escritor mantinha-se fiel à pequenina Éditions Anne Carrière, detentora de cifras capazes de despertar a cobiça até das tradicionais casas editoriais: em pouco mais de dez anos ela vendera 8 milhões de livros de sua autoria. Depois de anos dizendo *não* a propostas que se tornavam cada vez mais sedutoras e irrecusáveis, o escritor acabara de se render a uma montanha de 1,2 milhão de euros empilhados em sua conta bancária pela Flammarion, cifra que ambas as partes preferem não confirmar.

Paulo e Christina aparecem no lobby do Bristol. Ela é uma mulher de 55 anos, bonita e um pouco mais baixa que o marido, com quem está casada desde 1980. Discreta e elegante, de pele clara, olhos castanhos e nariz delicado, traz tatuada na parte interna do antebraço esquerdo uma pequena borboleta azul, idêntica à que o marido usa também no braço esquerdo, mas na parte externa. Christina tem os cabelos de mechas brilhantes cortados logo abaixo da orelha. Mesmo perto da vermelhíssima echarpe que lhe cobre o vestido longo preto, o que chama a atenção é o par de misteriosos anéis que usa nos dedos (“abençoados por um cacique”, explica), um presente trazido do Cazaquistão pelo marido. Este, como sempre, está todo de preto — calça, paletó, botinas de caubói. A única mudança em relação ao figurino de todos os dias é o uso de camisa social e gravata, ambas pretas, claro.

O primeiro amigo a surgir também está hospedado no Bristol e veio de longe. É o jornalista russo Dmitry Voskoboynikov, um grandalhão bem-humorado que ainda exhibe nas reforçadas canelas as cicatrizes deixadas pelo tsunami que, no Réveillon de 2005, varreu a Indonésia — onde ele e a mulher, Evgenia, passavam o Ano-Novo. Ex-correspondente em Londres da TASS (agência oficial de notícias da finada União Soviética) e filho de um ex-dirigente da temida KGB, o serviço secreto soviético, Dmitry é o dono da Interfax, uma mega-agência de notícias sediada em Moscou e que cobre de Portugal aos confins orientais da Ásia. Eles se abraçam enquanto Paulo desembrulha o mimo que a Flammarion acabara de deixar em sua suíte: um telefone celular Nokia, desses modelos capazes de fazer quase tudo.

Os quatro se sentam em torno de uma das mesinhas do saguão de mármore bege e Evgenia, uma opulenta loura cazaque, oferece ao escritor um presente especial: uma edição de luxo de *O Zahir* no idioma de seu país natal. Quatro taças de champanhe aparecem sobre a mesa, acompanhadas de cuias de cristal com pistache previamente descascado. O assunto logo muda para gastronomia, e Evgenia conta que comeu um “cuscuz à Paulo Coelho” em Marrakesh, no Marrocos. Dmitry lembra que eles tinham estado em um Restaurant Paulo Coelho na estação de

esqui de Gstaad, na Suíça. A conversa é interrompida pela presença de outro celebrado jornalista, o brasileiro Caco Barcellos, chefe do escritório europeu da Rede Globo de Televisão. Recém-chegado de sua base em Londres, fora enviado a Paris exclusivamente para cobrir o jantar da Flammarion. O jornalista está sozinho, sem qualquer ajudante ou auxiliar para cuidar da iluminação ou mesmo operar a câmera. Na hora da entrevista, abre o tripé de nove quilos que traz sob o braço, aparafusa ali a câmera com flash pré-instalado, acende o refletor, aciona o botão *rec*, dá a volta, pega o microfone e passa a fazer a entrevista para o que, à primeira vista, parece ser uma câmera-fantasma, sem operador.

Às sete da noite, Georges chega com o Mercedes para levá-los à cerimônia. O lugar escolhido pela Flammarion para o banquete de 250 talheres não deixa dúvidas quanto ao caráter arrasa-quarteirão da festa: o restaurante Le Chalet des Îles, um casarão que Napoleão III mandou vir desmontado da Suíça e reconstruiu, pedra por pedra, em uma das ilhas do lago do Bois de Boulogne, o grande bosque da região oeste de Paris, como prova de amor à sua mulher, a condessa espanhola Eugênia de Montijo. Os convidados são identificados por seguranças no barco que os levará à Île Supérieur, onde fica o restaurante. No desembarque, recepcionistas os acompanham até a porta principal, onde os diretores da Flammarion se revezam para cumprimentar os recém-chegados. Editores, críticos literários, artistas, diplomatas e personalidades da vida cultural europeia são cercados pelos paparazzi e equipes de revistas de futilidades para fotos e entrevistas. Há muitos homens de black-tie e mulheres de vestidos longos, e aos poucos todos passam a procurar seus nomes marcados nas 25 mesas de dez lugares dispostas no salão central e nas varandas com vista para o lago.



O *Chocolat chaud Paulo Coelho*, uma exclusividade do hotel Bristol, em Paris.

Há pelo menos dois embaixadores presentes, o brasileiro Sérgio Amaral e Kuansych Sultánov, representante do Casaquistão, país onde foi ambientada parte de *O Zahir*. A única ausência notável é a do polêmico Frédéric Beigbeder. Ex-publicitário, escritor e crítico literário de estilo provocador, Beigbeder ocupa desde 2003 o cargo de editor da Flammarion. Nada de mais, não fosse o fato de anos antes, quando era crítico do semanário de escândalos francês *Voici*, ele ter esculhambado Paulo Coelho após o lançamento na França do livro *Manuel du guerrier de la lumière* (*Manual do Guerreiro da Luz*). Quando todos estão instalados em seus lugares, o escritor passa de mesa em mesa cumprimentando os convidados. Antes que as entradas sejam servidas, o público ouve um rápido discurso de Frédéric Morel, diretor-geral da Flammarion, que anuncia a contratação de Paulo Coelho como um motivo de orgulho para a casa que lançou alguns dos maiores escritores franceses. Emocionado, o escritor também fala rapidamente, agradecendo a homenagem e a presença de tanta gente. Após a sobremesa, brindes de champanhe e um baile animado por um conjunto musical põem fim ao encontro, que, como em geral acontece na França, tem hora certa para acabar. Às onze da noite não se vê mais ninguém no lugar.

Na manhã seguinte um voo com duração de uma hora leva o escritor e Christina ao aeroporto

de Pau, no extremo sul da França. Lá pegam o carro que Paulo deixara no estacionamento dias antes — um modesto Renault Scénic adquirido sob a forma de leasing e idêntico ao da mulher. Seu visível desinteresse por bens de consumo, somado a certo pão-durismo, fez com que ele, embora muito rico, só viesse a ter seu primeiro carro de luxo em 2006, e ainda assim adquirido sob a forma de escambo. Isso ocorreu quando a montadora alemã Audi lhe encomendou um texto de 6 mil caracteres — o equivalente a duas páginas datilografadas — para acompanhar o relatório anual enviado a seus acionistas. Perguntaram quanto queria receber pelo trabalho e ele brincou:

— Um carro!

Escreveu e enviou o texto por e-mail. Dias depois um caminhão vindo da Alemanha desembarcava diante de sua casa uma reluzente perua Audi Avant preta, novinha em folha. Ao saber que era um carro que custava cerca de 100 mil euros nas lojas, uma jornalista brasileira fez as contas e escreveu que o escritor tinha ganhado dezesseis euros por letra escrita. “Está muito bom”, reagiu ele ao ler a notícia, “pois me disseram que o Hemingway recebia cinco dólares por palavra”.

Meia hora depois de deixar Pau, Paulo e Christina estão na melancólica Tarbes, cidadezinha de 50 mil habitantes nas franjas do País Basco francês, a poucos quilômetros da fronteira com a Espanha. Mais quatro quilômetros em direção ao sul, por uma estrada vicinal quase deserta, e afinal chegam em casa, em Saint-Martin, minúscula comuna em meio a campos de trigo e pastos com esparsas vacas da raça holstein, onde vivem 316 almas em poucas dezenas de casas. A escolha de tão insólito lugar para viver aconteceu em 2001, quando o casal fez uma peregrinação ao santuário de Lourdes, a dezesseis quilômetros dali. Destino de fiéis vindos de todos os cantos do mundo, a cidade de Lourdes não tinha uma única cama de hotel disponível, o que os levou a se hospedarem no hotel Henri IV, um modesto três estrelas de Tarbes. A tranquilidade da região, a proximidade do santuário de Lourdes e a deslumbrante vista que dali se tem dos Pireneus induziram os dois a tomar uma decisão radical: fixar residência naquela região. Enquanto procuravam, sem nenhuma pressa, uma casa para comprar, Paulo e Christina moraram durante quase dois anos na única suíte do Henri IV, um casarão velho, aconchegante e sem nenhum dos confortos a que ambos estavam habituados nos grandes hotéis. A ausência desses luxos — não havia sequer conexão para a internet — era compensada pelo carinho com que foram tratados por madame Geneviève Phalipou, a proprietária, ou por seu filho Serge, que, dependendo da hora, podia ser gerente, garçom ou porteiro do hotel. A chamada “suíte” ocupada pelo casal nada mais era que um quarto com banheiro, como os demais, acrescido de um segundo cômodo convertido em sala.



O embaixador do Brasil, Sérgio Amaral, Paulo Coelho, Christina Oiticica e a embaixatriz Rosário Amaral no banquete da editora Flammarion, no Bois de Boulogne, em Paris.

A permanência por tão longo tempo em uma cidade pequenina como aquela transformou o brasileiro num nativo. Sem nunca ter tido secretários ou assistentes, era ele mesmo quem ia ao

correio, fazia supermercado, ia à farmácia e ao açougue, exatamente como os demais moradores do lugar. No começo ainda era visto como celebridade (sobretudo pela presença permanente de jornalistas estrangeiros à porta do Henri IV), mas não há fama que resista ao convívio diário na fila do padeiro ou do barbeiro: em poucos meses tornou-se um legítimo *tarbais*. Ninguém, na verdade, entende bem por que, em vez de escolher um dos lugares eleitos por celebridades — como Paris, Nova York, uma *villa* na Riviera Francesa ou na elegante costa Amalfitana, na Itália —, Paulo Coelho decidira morar naquela roça, que fica literalmente no fim da linha: Tarbes é o ponto final de uma das linhas do trem-bala TGV, que serve o sudoeste da França. Mesmo depois que deixou o hotel e se mudou para a casa em Saint-Martin, os moradores da cidade continuam a considerá-lo um deles — relação que Paulo faz questão de retribuir. Em uma de suas estadas em Paris, deu provas disso ao ser entrevistado no *Tout le Monde en Parle*, programa exibido ao vivo pelo canal France 2 e cujo apresentador, Thierry Ardisson, é conhecido por deixar seus entrevistados em maus lençóis. Nesse dia participavam também o cantor Donovan e o estilista Paco Rabanne. Ardisson começou botando o pé na porta:

— Paulo Coelho, tenho uma pergunta que há muito me intriga. Você é rico, célebre, universalmente conhecido e, no entanto, vive... Você vive em Tarbes! Por que essa estupidez?

O escritor não passou recibo à provocação. Deu uma gargalhada e respondeu:

— Até mesmo os moradores de lá ficaram surpresos. Foi amor à primeira vista. Só o amor explica essas coisas.

O âncora não desistia:

— Agora a sério, sem rir, nos explique: por que escolheu morar em Tarbes?

— Foi o amor.

— Não acredito. Confesse: você perdeu alguma aposta e teve que se mudar para Tarbes?

— Não! Não!

— Eles mantêm sua esposa como refém para obrigá-lo a viver lá?

— Não! Nada disso!

— Mas quem vive em Tarbes não é obrigado a pegar a estrada para fazer compras nos shoppings de Laloubère ou de Ibos?

— Sim, é isso mesmo. É lá que faço compras.

— E alguém lá em Tarbes o conhece, sabe que você é o Paulo Coelho?

— Claro, todo mundo lá me conhece...

— Já que você gosta tanto de lá, quer enviar alguma mensagem para o morador de Tarbes, perdão, para os *moradores* de Tarbes?

— Claro: *tarbaises*, eu amo vocês. Muito obrigado por me acolherem como um filho da cidade.

As declarações soaram como música aos ouvidos de seus novos conterrâneos. Dias depois o jornal *La Dépêche*, que cobre toda a região dos Hautes-Pyrénées, onde fica a cidade, celebrava o comportamento de Paulo Coelho, afirmando que “Tarbes viveu no sábado à noite seu momento de glória nacional”. Diferentemente do que a mídia costuma publicar, ele não mora em um castelo. O lugar onde o casal vive é o antigo Moulin Jeanpoc, um moinho de trigo desativado que ele e Christina converteram em residência. A área útil do imóvel parece não chegar aos 300 metros quadrados, divididos em dois pavimentos. Uma casa muito confortável, mas sem grandes luxos. No térreo ficam a sala de estar com lareira (ao lado da qual ele instalou sua mesa de trabalho), uma pequena cozinha, a sala de jantar e um lavabo. Durante a reforma do lugar, o casal fez um puxado todo de vidro temperado, inclusive o teto, o que permite jantar à luz das estrelas. Um antigo silo foi transformado num agradável estúdio repleto de cavaletes, telas, pincéis e tubos de tinta sob um mezanino de madeira: é ali que Christina Oiticica passa os dias pintando seus quadros. No segundo andar ficam o quarto do casal, o de hóspedes e um terceiro, onde dorme a mineira Maria de Oliveira, cozinheira de mão cheia que Christina trouxe do Brasil, mas que recebe remuneração europeia — 2 mil euros mensais. O maior encanto da casa, no entanto, não está dentro dela, mas fora. De qualquer lugar do terreno tem-se uma magnífica visão dos Pireneus — a cordilheira de 430 quilômetros de extensão e 3 mil metros de altitude que constitui a fronteira natural entre a França e a Espanha, unindo o Atlântico ao Mediterrâneo. A vista adquire beleza ainda maior no período que vai de novembro a março, quando a neve cobre o maciço, deixando inteiramente branco o mastodonte de pedra. Para desfrutar desse privilégio, o escritor teve de comprar e botar abaixo a casa de um vizinho que criava mulas e ovelhas. Ele não se lembra exatamente de quanto pagou pela casa (nem pela do vizinho), mas corretores da região avaliam que o imóvel, sem o terreno que o cerca, vale cerca de 900 mil euros.

O patrimônio imobiliário do escritor —, que compreendia a casa de Tarbes, o apartamento de Paris e outro em Copacabana, no Rio — seria substancialmente engordado em 2007, quando Sua Alteza, o xeque Mohammed bin Rashid Al Maktoum, emir de Dubai e primeiro-ministro dos

Emirados Árabes Unidos, ofereceu-lhe de presente uma mansão mobiliada no valor de 4,5 milhões de dólares, construída em um dos mais exclusivos condomínios de Dubai (mimo semelhante também foi oferecido pelo monarca ao piloto alemão Michael Schumacher, ao meio-campista inglês David Beckham e ao jogador brasileiro Pelé).

Como a família não conta com a ajuda de nenhum outro empregado além de Maria, nem mesmo de um motorista, o responsável pelas tarefas rotineiras é o próprio Paulo. Rachar lenha para a lareira, cuidar das roseiras, aparar a grama e recolher folhas secas com um rastelo são tarefas que fazem parte do seu cotidiano. Sistemático e organizado como, dizem, são os nascidos sob o signo de Virgem, tenta impor certa disciplina aos horários da casa por meio de regras que chama, brincando, de “regulamento do monastério”. Salvo quando está empenhado no lançamento de um novo livro ou atendendo a convites para debates e palestras pelo planeta afora, seu dia a dia não muda muito. Sem ser boêmio, raramente dorme antes da meia-noite. Como em matéria de álcool quase só bebe vinho, e em geral com moderação, costuma despertar sempre bem disposto, por volta das oito da manhã. Toma café com pão, manteiga, queijo e, chova ou faça sol, sai para uma hora de caminhada diária que tanto pode ser nos trigais em volta da casa como, em caso de o tempo estar bom, nos íngremes e pedregosos morros vizinhos que formam o sopé dos Pireneus. Sua companheira nessas andanças é quase sempre Christina; mas, se ela está ausente ou indisposta, ele vai sozinho. Os eventuais amigos que se hospedam na casa sabem que serão compelidos a acompanhar o anfitrião — esta é uma das regras do monastério. Um dos trajetos preferidos é o que termina em frente à capela de Notre Dame de Piétat, na comuna de Barbazan-Débat, vizinha de Saint-Martin e de Tarbes. Lá, de joelhos, ele se persigna, faz uma prece rápida, põe uma moeda no cofre de latão e acende uma vela diante da pequena imagem de madeira pintada da Virgem Maria que tem no colo um insólito Menino Jesus: embora tenha as formas de um bebê, ele traz o corpo martirizado e a barba crescida.





Thierry Ardisson espeta Paulo em entrevista à TV francesa: “Por que uma estrela como você mora em um lugar tão caipira como Tarbes?”. Ao lado, o jornal local festeja a defesa feita pelo brasileiro como “um momento de glória da cidade”.

De volta à casa, Paulo mexe no jardim, poda flores, corta o mato que está entupindo o pequeno córrego que passa pelo terreno. Só então sobe para o banho, após o qual abre o computador pela primeira vez no dia. Lê as versões online de pelo menos dois jornais brasileiros — a *Folha de S.Paulo* e *O Globo* —, passa os olhos por alto no *clipping* eletrônico com tudo o que saiu publicado na véspera sobre ele e seus livros na mídia mundial. Antes de clicar na tecla *enter* que vai abrir um site com listas de livros mais vendidos, coloca as mãos espalmadas sobre a tela do micro, como quem se aquece numa lareira, fecha os olhos e faz um instante de mentalização, buscando, segundo diz, atrair energias positivas. Bate o indicador com força no teclado e sorri à medida que as telas rolam: nos países que importam, *O Zahir* só não está em primeiro lugar na Alemanha e... no Brasil. Em ambos, o pódio está ocupado pelo americano Dan Brown e seu *Código Da Vinci*. O correio eletrônico também não traz grandes surpresas: hoje chegaram quase mil mensagens, vindas de nada menos que 111 países, organizados em ordem alfabética numa lista que vai de Andorra à Venezuela, passando por Burkina Faso, na África, Niue, nas costas da Nova Zelândia, e Tuvalu, na Polinésia. Paulo comenta com Christina, sentada a seu lado:

— Olha só, Chris: quando voltamos da caminhada eram 11 horas e 11 minutos e o termômetro marcava 11 graus centígrados. Agora eu abri minha caixa postal e há mensagens vindas de 111 países. Preciso decifrar o que significa esse sinal.

Não é raro ouvi-lo fazer considerações como essa. Onde a maioria das pessoas enxerga apenas uma coincidência — como no caso do número 1, que apareceu tantas vezes em tão pouco tempo —, o escritor vê sinais a serem interpretados. Suas preocupações com nomes, lugares, datas, cores, coisas e números que a seu ver poderiam atrair desgraças — assim como a mosca invisível que tenta espantar com os dedos — deixam a suspeita de que possa estar acometido de uma forma branda daquilo que a medicina moderna batizou de transtorno obsessivo compulsivo, ou apenas TOC. Pelo menos três outras estrelas, o inglês David Beckham, o compositor italiano Ennio Morricone e o cantor brasileiro Roberto Carlos, assumiram publicamente ser portadores do TOC. Morricone não entra em locais com paredes de cor roxa. Roberto Carlos, entre outras manias, não usava roupas marrons nem entrava em locais que exibissem animais empalhados. Beckham enchia sua geladeira com produtos duplicados e, ao chegar aos hotéis, só conseguia dormir depois de trancar em uma gaveta todos os papéis existentes no quarto. Paulo não fala os nomes do Paraguai, do ex-presidente Fernando Collor (e de sua ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello), e só voltou a pronunciar o nome de Adalgisa Rios, uma de suas três ex-mulheres, depois da morte dela, ocorrida em junho de 2007. Em relação aos demais, se alguém fala a palavra proibida em sua presença, ele se apressa a buscar algo de madeira para bater três vezes com os nós dos dedos, a

fim de afastar a energia negativa. Corta caminho sempre que vê uma pena de pombo na calçada, jamais passando por cima dela. Um de seus melhores amigos, o empresário uruguaio-brasileiro José Antonio Domínguez, o Pepe, é testemunha de que essas esquisitices do escritor são antigas. Ele se lembra de que certa noite, no começo dos anos 1970, os dois saíram juntos de um bar do Rio de Janeiro quando Paulo, de repente, o agarrou pelo braço, atravessou a rua, puxando-o imprudentemente por entre os veículos, até achar uma árvore (a superfície de madeira mais próxima) e bater nela três vezes, sofregamente. Quando o intrigado Pepe pediu uma explicação, ele confidenciou:



Acima e ao lado, o escritor em sua casa na cidadezinha de Saint-Martin, um antigo moinho de frente para os Pireneus.



À direita, Paulo recebe as chaves da casa que ganhou de presente em Dubai.





— Acabei de ver uma mulher grávida falando num telefone público. Isso atrai energias negativíssimas.

Ao contrário de Beckham e Roberto Carlos, que recorreram a especialistas para se livrar desses impulsos incontrolláveis, Paulo convive com suas manias sem qualquer constrangimento. Em abril de 2007, quando foi objeto de uma reportagem de oito páginas da refinada revista americana *The New Yorker*, confessou candidamente à repórter Dana Goodyear que se recusa a jantar em mesas onde haja treze pessoas. Christina não apenas entende esse lado excêntrico do marido, mas compartilha seus temores e interpretações e, não raras vezes, é ela quem o adverte dos riscos astrais de fazer ou deixar de fazer alguma coisa.

Pela rotina da casa, uma tarde da semana é reservada à leitura da correspondência em papel. A cada sete dias ele recebe pelo correio os volumes vindos de seu escritório no Brasil e da Sant Jordi, em Barcelona. Empilhados sobre uma mesa no gramado do jardim, os pacotes são abertos com um canivete de cabo de osso e as cartas, organizadas em montinhos, separados por tamanho. De vez em quando o silêncio é interrompido pelo mugido de uma vaca ou pelo ruído distante de um trator. Para ler a maior parte do material, Paulo precisa recorrer a um dos cinquenta pares de óculos de plástico que guarda em uma gaveta da sala. Eles não têm nada diferente dos similares vendidos em supermercados e camelôs nas grandes cidades e chegaram lá casualmente. Um dia, num programa da tevê francesa, perguntaram-lhe qual era a grife dos óculos que usava e o escritor respondeu que não eram de nenhuma marca famosa, mas comprados nas gôndolas das lojas Afflelou, uma popular rede especializada em óptica que tem filiais por toda a França. Sorte dele: madame Rosalie Afflelou, mulher do proprietário da cadeia, estava assistindo ao programa e no dia seguinte mandou entregar em Saint-Martin uma caixa com cinquenta pares de óculos para vista cansada.

Para quem vê sinais em todo canto e tem fama de avarento, o primeiro envelope da pilha traz uma boa notícia: a conta do telefone do apartamento de Paris esse mês apresentou um consumo de minguados catorze euros, pouco mais que a tarifa mínima. Maços de papel ou disquetes com originais de livros de autores estreantes nem são desembulhados e seguem direto para a cesta de lixo — conforme está expressamente avisado nos sites e blogs do escritor na internet. No meio da papelada vê dois pequenos pacotes, embalados com o cuidado e a delicadeza que só mãos maternas ou apaixonadas costumam ter: as remetentes são monjas do interior da Noruega que lhe enviam doze sabonetes feitos por elas (seis de benjoim e seis de alfazema) e várias caixinhas de papelão do tipo Tetra Pak sem qualquer marca impressa, contendo leite de aveia, de arroz e de soja — também produzidos no mosteiro e que, graças a algum misterioso sortilégio, foram convertidos, asseguram as freirinhas, em produtos alquímicos. Na época em que cartas-bomba e envelopes com pós químicos venenosos viraram armas letais, ele chegou a temer que algum louco resolvesse explodi-lo ou contaminá-lo, mas nunca recebeu nada suspeito. Por via das dúvidas, os pacotes que chegam pelo correio, mesmo que previamente vistoriados no Rio de Janeiro ou em Barcelona, são submetidos a rápida mentalização para receberem boas vibrações antes de serem abertos. Uma embalagem de papelão do tamanho de uma caixa de camisa, vinda do escritório do Rio de Janeiro, traz as respostas às cartas de leitores para serem assinadas por ele. As mais longas estão impressas em folhas de papel ofício encimadas pelo símbolo da Academia Brasileira de Letras, instituição da qual Paulo é membro desde 2002. Respostas curtas vêm em cartões timbrados com seu nome. O expediente epistolar se encerra com autógrafos em cem fotografias solicitadas por leitores, nas quais o escritor aparece como de costume: calça, camisa e agasalho pretos.

Após alguns telefonemas, faz uma hora de relaxamento: no improvisado estande montado no

jardim (ou nas matas em volta da casa), pratica o *kyudo*, a arte marcial japonesa de tiro com arco, que une força física e disciplina mental. No meio da tarde senta-se diante do computador para escrever a pequena coluna semanal de 120 palavras que é publicada em trinta jornais dos cinco continentes, do Líbano (*Al Bayar*) à África do Sul (*Odyssey*), passando, entre outros, por Venezuela (*El Nacional*), Índia (*The Asian Age*), Brasil (*O Globo*) e Polônia (*Zwierciadlo*).

No mais, o dia a dia de Paulo e Christina não difere muito do sossegado cotidiano das três centenas de moradores do vilarejo. O círculo de relações do casal é pequeno e não inclui intelectuais, personalidades ou frequentadores de colunas sociais. O mais conhecido do grupo é Frédéric Bonomelli, 47 anos, residente a quatro quilômetros da casa dos Coelho, distância suficiente para se chegar a outra comuna, a de Hibarete. Ele é dono da Salaisons Pyrénéennes, produtora de uma célebre e cara iguaria conhecida como *Le Noir de Bigorre*, o presunto de porco do sudoeste da França — o “porco preto”, como se diz, parente do famoso Patanegra da vizinha Espanha. Em vias de extinção décadas atrás, a raça foi recuperada por Eugène Bonomelli, pai de Frédéric, que se orgulhava de ter entre seus clientes ninguém menos que o papa João XXIII. Os outros amigos são o radiologista de Tarbes, Hervé Louit, o representante da Renault na região, Allen Tanni, a cardiologista Sylvie e seu marido Patrice Pinta.

“Tenho quinhentos canais de tevê à minha disposição”, declarou Paulo anos atrás, em entrevista ao jornal *The New York Times*, “mas moro em uma cidade que não tem padaria”. Não tem padaria, bar, supermercado nem posto de gasolina. Como costuma acontecer na maioria das minúsculas 35 mil comunas da França, na pachorrenha Saint-Martin não há um único estabelecimento comercial. Para fazer compras ou apenas sair da rotina, Tarbes é a alternativa mais à mão, desde que se chegue lá antes das cinco da tarde, hora em que a cidadezinha começa a morrer. O programa noturno é ir a um dos três bons restaurantes locais, o vietnamita Thanh Thúy, o tunisiano L'Oriental, onde servem um honesto cuscuz, e o melhor deles, o francês Le Petit Gourmand, que era uma extensão da casa dos Coelho no período em que moraram em Tarbes — não só pela saborosa comida feita pela dona, Marie Christine Espagnac, mas também pela comodidade de ficar a cinco passos do hotel Henri IV.

Durante um jantar no Le Petit Gourmand, nessa época, Paulo e Christina viveram momentos de apuros. Eles e os demais clientes, que ocupavam metade das mesas, viram-se surpreendidos quando as luzes se apagaram repentinamente e o lugar foi tomado pelo tropel de homens correndo e o ruído ensurdecedor de helicópteros pairando acima do pequeno prédio de dois andares. Pelas portas da frente e dos fundos entraram dois grupos de soldados com os rostos cobertos por máscaras, capacetes com visores de luz infravermelha e armamento pesado. Atravessaram o salão às escuras, derrubando mesas, bandejas e garrafas, e galgaram a pequena escada que leva ao segundo andar, arrebentando com pontapés as portas que encontravam pela frente. O ruído das hélices dos helicópteros dava a impressão de que os aparelhos estavam dentro do restaurante, apavorando ainda mais os comensais. Era um comando antiterrorista do Exército francês no encalço de um grupo de guerrilheiros do ETA, a organização pró-independência do País Basco. Embora atue primordialmente na Espanha, o ETA tem um braço também na França e, segundo denúncias, teria alugado o pequeno apartamento do andar superior para usá-lo como esconderijo. Para sorte da clientela presente, os soldados não encontraram mais ninguém.

O descanso em Saint-Martin chega ao fim, está na hora de voltar ao batente. Um e-mail expedido pela Sant Jordi contém uma extenuante proposta de agenda para as três semanas seguintes que, se cumprida, obrigará o escritor a dar uma volta completa no globo terrestre. Para Paulo Coelho, essas viagens deixaram de ter como objetivo apenas o que fazem quase todos os autores, a divulgação de seus livros, expediente a que ele não precisa recorrer faz muitos anos. A aproximação com alguns de seus fãs célebres, que vão do ex-presidente americano Bill Clinton à superestrela de Hollywood Julia Roberts, passando pelo presidente russo Vladimir Putin, acabou por alçá-lo também a outro mundo, o do jet set internacional. Na lista que veio de Barcelona estão pré-agendados convites para lançamentos de *O Zahir* na Argentina, no México, na Colômbia, em Porto Rico e em Paris; o recebimento do Prêmio Goldene Feder em Hamburgo, na Alemanha; noites de autógrafos no Egito, na Síria e no Líbano, assim como uma viagem a Varsóvia para o aniversário de Jolanda, mulher do então presidente da Polônia, Aleksander Kwaśniewski. Depois iria a Londres para participar — com o tenista Boris Becker, o cantor Cat Stevens e o ex-secretário-geral da ONU, Boutros-Ghali — de um jantar beneficente para a campanha contra o uso de minas militares, e no dia seguinte retornaria à França para jantar no Palácio de Versalhes, com Lilly Marinho, viúva de Roberto Marinho, dono das Organizações Globo. Quatro dias depois estão previstos lançamentos de *O Zahir* no Japão e na Coreia do Sul. Na volta para a Europa faria uma escala em Astana, capital do Casaquistão, para a festa do 65º aniversário do presidente da República, Nursultan Nazarbayev. O último compromisso sugerido não dava para cabular: um

convite do empresário Klaus Schwab, criador e presidente do Fórum Econômico Mundial, que se realiza anualmente em Davos, na Suíça, para o escritor falar na abertura de outra de suas famosas iniciativas — o Festival Cultural de Verbier, que reúne jovens músicos clássicos de todo o mundo em um cântico suíço.

Paulo espanta a mosca invisível duas, três vezes da frente dos olhos e, contrariado, resmunga algo como “nenhum ser humano é capaz de cumprir uma agenda como esta”. Ao lado do computador, na sala de visitas da casa, Christina ouve a queixa e provoca o marido, sorridente:

— Ué, foi você quem escolheu ser campeão mundial de Fórmula-1, não foi? Agora pega a Ferrari e guia!

A frase desarma seu mal-estar. Ele ri muito e reconhece que sim, que não só escolheu, mas lutou a vida inteira para ser aquilo em que se tornou, e que não tem do que reclamar:

— Tudo bem, mas ainda assim não dá para cumprir essa agenda. São eventos muito próximos uns dos outros, e em três continentes diferentes!

Na maioria das vezes, o estresse das viagens não reside nos compromissos em si, mas no inferno em que se transformaram os aeroportos modernos, sobretudo depois dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 contra as torres gêmeas de Nova York, quando a vigilância, a burocracia, as desconfianças e, portanto, as demoras aumentaram muito. Como a fama não assegura todos os privilégios, ele enfrenta filas, atrasos e *overbookings* como qualquer um de seus milhões de leitores. Cioso de sua imagem discreta e ascética — e pouquíssimo afeito a gastos desnecessários —, ele resiste a uma ideia sugerida por vários amigos: comprar um jato executivo. Defensor da política de “tolerância zero” para com as empresas aéreas, Paulo Coelho sofre frequentes dores de cabeça em aeroportos. Vítima de um *overbooking* na classe executiva de um voo Londres-Madri, pela espanhola Iberia, ele se queixou com tal veemência com a tripulação que, ao chegar ao Aeroporto de Barajas, na capital espanhola, cinco policiais esperavam o casal — Christina estava junto. Nem mesmo um pedido formal de desculpas do presidente da companhia, feito por carta, foi capaz de desfazer o mal-estar.

O problema da agenda proposta pela Sant Jordi é que ela teria de ser integralmente cumprida em aviões comerciais. Paulo imprime a lista numa folha de papel e, de caneta na mão, começa a cortar primeiro os compromissos que exijam voos intercontinentais, o que significa adiar América Latina, Japão e Coreia, e descartar a festa de aniversário no Casaquistão. Síria e Líbano também saem, mas o Egito permanece. Varsóvia é substituída por Praga, cidade onde o escritor pretende pagar uma promessa feita vinte anos antes. No fim, fica decidido que, da República Tcheca, início do périplo, ele vai a Hamburgo receber o prêmio e de lá segue para o Cairo. Mas o problema, de novo, são os aviões: não há conexões disponíveis que permitam cumprir no horário os compromissos da Alemanha e do Egito. Os alemães se recusam a alterar o programa, já impresso e distribuído, mas propõem uma alternativa: o jato particular de Klaus Bauer, presidente do conglomerado de mídia Bauer Verlagsgruppe, que patrocina o Goldene Feder, levará Paulo e eventuais acompanhantes de Hamburgo ao Cairo tão logo termine a cerimônia. Horas mais tarde, quando o programa está sacramentado por todas as partes envolvidas, o escritor liga para Mônica com o ar maroto:

— Já que vamos a Praga, que tal fazer uma *blitzkrieg* lá?

Blitzkrieg — “guerra-relâmpago”, em alemão — é o nome dado às sessões de autógrafos feitas de surpresa, às vezes horas depois de decididas, sem qualquer anúncio ou publicidade. Ele simplesmente entra em uma livraria escolhida ao acaso, cumprimenta o gerente com um “muito prazer, eu sou o Paulo Coelho” e se oferece para autografar seus livros, caso haja algum cliente interessado. Há quem diga que as *blitzkriegen* no fundo são uma espécie de exibicionismo, que o escritor adora fazer, sobretudo em companhia de jornalistas — como, de fato, ocorreu com a repórter que o acompanhava na Itália ao preparar o longo perfil para a *New Yorker*. Dana Goodyear ganhou em Milão uma *blitzkrieg* com toda a pinta de ter sido concebida especialmente para ela. Em Praga, na verdade, ele está propondo algo intermediário: avisar na véspera o editor de seus livros para não dar tempo de armar entrevistas, debates e *talk shows*, mas assegurar pelo menos que haja livros para todos, se aparecer muita gente.

O objetivo desta viagem à República Tcheca, porém, nada tem a ver com o lançamento de livros. Quando iniciava seu caminho de volta ao catolicismo, em 1982, depois de um período em que abjurou a fé e aderiu a seitas demoníacas, Paulo esteve em Praga em companhia de Christina, com quem já estava casado, em meio a uma longa viagem no estilo *hippie rico* dos dois pela Europa. Ao passar pela sombria rua Karmelitská, entrou na pequenina Igreja de Nossa Senhora da Vitória, espremida entre residências simples e lojas de souvenirs religiosos, para fazer uma promessa ao Menino Jesus de Praga. A presença de alguém do Brasil ali não chamava a atenção. Desde tempos imemoriais, e por razões inexplicadas, cristãos brasileiros sempre manifestaram devoção pelo

garoto santificado no século XVII, o que pode ser medido, ao menos no Brasil, pela infinidade de anúncios classificados que há décadas são publicados em jornais de todo o país, nos quais os fiéis escrevem apenas uma frase, seguida da inicial de seus nomes: “Ao Menino Jesus de Praga, pela graça alcançada. D.” Como milhões de seus compatriotas, Paulo também tinha um pedido a fazer, e não era pequeno. Ajoelhou-se no pequeno altar lateral, onde está exposta a imagem do menino, fez uma oração e murmurou de forma inaudível até para Christina, que estava ao lado:

— Eu quero ser um escritor lido e respeitado no mundo inteiro.

Sim, ele sabia que era um pedido e tanto, e que o pagamento tinha de ser à altura. Enquanto rezava, condeou-se das vestes comidas por traças que cobriam a imagem, cópias da túnica e do manto tecidos pelas mãos da princesa Policena Lobkowitz em 1620, para a primeira imagem de que se tem notícia do Menino Jesus de Praga. Sempre sussurrando, prometeu o que, na hora, lhe pareceu mais grandioso:

— No dia em que for um escritor lido e respeitado no mundo inteiro, volto aqui e trago um manto bordado com fios de ouro para cobrir o seu corpo.

A proposta de *blitzkrieg* era um pretexto para o verdadeiro motivo de sua viagem a Praga: quase três décadas depois, ele ia afinal pagar a graça alcançada. Feito exatamente nas medidas da imagem — que tem cerca de meio metro de altura —, o manto de veludo vermelho bordado em finíssimos fios de ouro era o resultado de semanas de trabalho de Paula Oiticica, a mãe de Christina. Embalado em uma caixa de acrílico para ser transportado em segurança, o presente chegou a provocar um pequeno incidente no Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris: os policiais exigiam que a embalagem fosse passada pelo aparelho de raios X, para se comprovar que não escondia drogas ou explosivos, mas ela não cabia na máquina do aeroporto. Sem o manto, Paulo não embarcava. E, sem passar pelo raio X, o manto não saía dali, garantiam os policiais. A pequena aglomeração que se formou atraiu a atenção de um oficial superior que identificou *monsieur Coelô* e resolveu o impasse: o manto acabou sendo levado ao avião sem ser radiografado.

Quando o casal chega à igreja de Praga para entregar à imagem do santo o que lhe era devido, pouco mais de duas dezenas de fiéis se encontram no local, todos aparentemente estrangeiros. Como só fala tcheco e italiano, o padre carmelita Anastasio Roggero parece não compreender direito quem é e o que faz aquele sujeito de *sikha* na sua igreja, carregando um manto vermelho. Esfregando as mãos com impaciência na surrada batina, o padre ouve o que lhe diz Paulo em inglês, faz que entende, sorri, agradece e prepara-se para guardar a caixa com o manto atrás de um armário, na sacristia contígua à nave, quando uma velhinha francesa reconhece o autor. Em tom de voz alguns decibéis acima do conveniente ao lugar, ela alerta os membros de sua excursão:

— Olhem quem está aqui: o escritor Paulo Coelho!

Em instantes todos os pequenos grupos de turistas convergem em sua direção, falando alto e pedindo autógrafos e fotos ao seu lado. Padre Anastasio dá meia-volta, olha de novo para o manto que tem nas mãos e começa a entender que cometeu uma gafe. Pede desculpas a Paulo por não tê-lo reconhecido e só então compreende o significado do presente que o Menino Jesus acaba de receber. Retorna à sacristia e volta armado de uma Nikon digital para fazer fotos do manto, dos turistas e, claro, dele próprio com o ilustre visitante, cuja obra jura conhecer muito bem.

Acertadas as contas com o pequeno santo, o casal aproveita o tempo livre para rever a cidade e visitar Leonardo Oiticica, o irmão de Chris casado com Tatiana, diplomata acreditada na embaixada brasileira em Praga. Como os jornais *Pravó* e *Komsomólskaia* furaram os demais e noticiaram a presença do escritor na cidade, a *blitzkrieg* daqui não será autêntica. Às três da tarde, uma hora antes do combinado, centenas de pessoas formam fila na porta da Empik Megastore, a enorme e moderna livraria escolhida pela editora de Paulo no país, a Argo. Ele chega na hora marcada e encontra situação semelhante à de Budapeste: dessa vez, apenas 150 leitores conseguiram senhas, mas além deles uma onda de centenas de pessoas se espalha pelos corredores da loja e deságua no calçadão da praça Wenceslas, uma das mais movimentadas de Praga. Todos querendo um autógrafo. O escritor repete a receita húngara: pede que a livraria sirva água para todos, divide os grupos e vai assinando, alternadamente, os com-senha e os sem-senha. Às seis da tarde olha o relógio, dá um salto e pede licença para ir ao banheiro, mas afasta-se apenas alguns metros para fazer sua silenciosa oração atrás de uma estante. Está escuro quando os últimos leitores são atendidos. À frente de um pequeno grupo de amigos e agregados, termina a noite saboreando pratos da *nouvelle cuisine* tcheca em um elegante restaurante instalado num porão da parte velha da cidade.

No dia seguinte está de volta ao apartamento de Paris para outra atividade: uma tarde de autógrafos na Fnac da place des Thermes. Embora estivesse prevista a presença de apenas cem

clientes sorteados pela loja, a notícia circulou e cerca de trezentas pessoas se comprimem no pequeno auditório. Em uma antessala, o público disputa, às cotoveladas, livros, CDs e DVDs expostos em uma gôndola gigante. É uma pequena exposição e venda não só de todos os seus títulos editados na França, mas das preferências literárias, musicais e cinematográficas dele. Os livros prediletos do escritor são *O Estrangeiro* (de Albert Camus), *Trópico de Câncer* (Henry Miller), *Ficções* (Jorge Luis Borges), *Gabriela, Cravo e Canela* (Jorge Amado) e *... ou tu porteras mon deuil* (“... ou Levarás Meu Luto”, versão francesa da biografia *I’ll Dress You in Mourning*, do toureiro El Cordobés, escrita por Dominique Lapierre e Larry Collins, inédita no Brasil). Os fãs que foram à Fnac podem também adquirir sua eclética seleta de filmes: *Blade Runner* (de Ridley Scott), *Era uma Vez no Oeste* (Sergio Leone), *2001: uma Odisseia no Espaço* (Stanley Kubrick), *Lawrence da Arábia* (David Lean) e o brasileiro *O Pagador de Promessas* (Anselmo Duarte).

O rol dos CDs preferidos por Paulo é ainda mais ecumênico: *Abbey Road* (Beatles), *Nona Sinfonia* (Beethoven), *Atom Heart Mother* (Pink Floyd) e *Primeiro Concerto para Piano e Orquestra* (Chopin). O último disco da lista é *Greatest Hits*, de Roberto Carlos, o cantor popular de maior sucesso no Brasil, com quem Paulo iria colidir publicamente meses depois, quando o músico conseguiu que a Justiça retirasse de circulação uma biografia sua, não autorizada, que circulou no Brasil. Os franceses que lotam o salão da Fnac não são menos discretos e contidos que os leitores húngaros e tchecos. Nem menos pacientes: tendo falado durante meia hora e respondido a perguntas do público, o escritor ainda assina livros para todos os presentes antes de deixar a loja.

Em contraponto à descontração dos lançamentos de Budapeste, Praga e Paris, o protocolo da entrega do Prêmio Goldene Feder, no dia seguinte, é de um rigor quase militar. Hamburgo passou a viver em permanente estado de alerta (e tensão) desde que se descobriu que lá atuava a célula da organização terrorista Al Qaeda que reuniu os autores dos ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Dos vinte sequestradores suicidas diretamente envolvidos no atentado, nove moravam em um apartamento da periferia da cidade — entre eles o chefe do grupo, o egípcio Mohammed Atta, piloto de um dos dois aviões lançados contra as torres do World Trade Center. A julgar pela quantidade de automóveis Rolls-Royce e Jaguar que despejam convidados na porta da Handelskammer, a Câmara de Comércio e Indústria, e pelo número de seguranças privados que os cercam, a festa para homenagear Paulo Coelho parece mesmo ser um alvo excelente para atentados. Banqueiros, industriais, empresários, editores e personalidades afluíram de vários pontos da Europa para a cerimônia. Para evitar problemas, a organização do evento reserva apenas cinco minutos para a imprensa fotografar os convidados e agraciados (o prêmio será entregue também a um cientista, um professor, uma empresária e um religioso). Câmeras de tevê não podem funcionar com baterias, só com cabos de energia ligados em tomadas locais, e transmissões por rádio não serão permitidas. O público é separado pela cor dos tapetes: os premiados no vermelho, os convidados no azul — jornalistas que forem apanhados em qualquer um dos dois tapetes serão retirados do recinto pelos seguranças. Durante a cerimônia de premiação, os repórteres (entre eles um convidado de Paulo, previamente credenciado) são segregados junto com seguranças e motoristas em uma cantina dos funcionários, de onde assistem a tudo por monitores de tevê instalados nas paredes.

Cinco horas depois de chegar ao prédio da Handelskammer, o escritor está de mochila nas costas em uma sala VIP do aeroporto de Hamburgo, prestes a embarcar no Falcon Jet que vai levá-lo ao Cairo. Sua chegada à capital do Egito coincide com a presença na cidade da primeira-dama dos Estados Unidos, Laura Bush, o que faz as autoridades reforçarem ainda mais o opressivo aparato de segurança do país. A frequência com que o Egito vem sendo vitimado por atentados terroristas de grupos islâmicos radicais — tendo como principais alvos os turistas — chegou a preocupar amigos do escritor. “Já pensou se um grupo religioso fanático o sequestra”, indagou um deles, “e exige a libertação de cem presos políticos para soltá-lo?” O escritor, porém, não parece preocupado. Não só por ter consultado os seus oráculos, mas por saber que durante a viagem estará sob a proteção desarmada de Hebba Raouf Ezzat, a responsável pelo convite para uma palestra na Universidade do Cairo. Muçulmana, quarenta anos, mãe de três filhos, professora visitante da Universidade de Westminster, em Londres, a carismática cientista política superou os preconceitos de uma sociedade aferrada ao machismo e tornou-se importante liderança na luta pelos direitos humanos e pelo diálogo entre o islamismo e as demais religiões. Estar no Egito a convite de Hebba significa circular com desenvoltura (e segurança) entre as mais diversas correntes políticas e religiosas.



Cristina e Paulo em Praga: vinte anos depois, o escritor paga a promessa feita ao Menino Jesus e entrega o manto bordado com fios de ouro.

Mas Paulo tem também objetivas razões temporais para realizar essa viagem: o Egito é provavelmente o campeão mundial de pirataria dos seus livros. Mesmo em se tratando de um país em que quase metade da população é analfabeta, calcula-se que mais de 400 mil cópias ilegais — cerca de 5% dos livros dele pirateados em todo o mundo — circulem por Lá. Desde *O Diário de um Mago* até *O Zahir*, é possível encontrar a obra completa do autor em árabe, tanto nas vitrines das mais elegantes livrarias como nas calçadas do Cairo, de Alexandria e de Luxor. E há livros para todos os bolsos, todos piratas — desde edições toscas, visivelmente produzidas em fundos de quintal, até volumes de capa dura, impressos em papel de boa qualidade, produzidos por editoras estabelecidas, algumas delas estatais. Além do autor, em cuja conta jamais pingou um miserável ceitil de direitos autorais provenientes do Egito, a grande vítima é o leitor, que lê edições com capítulos suprimidos ou fora de ordem, ou ainda longos trechos pirateados de traduções de outros países árabes, muitas vezes incompreensíveis para um egípcio. A impunidade dos piratas é tal que, na última Feira Internacional do Livro do Cairo — um evento oficial importante no calendário cultural egípcio —, as obras de Paulo Coelho ficaram em primeiro lugar em vendas, como se tivessem sido publicadas por editoras cumpridoras das leis e dos acordos internacionais. Disposto a colocar um ponto final no problema, ele desembarca no Cairo escoltado por Mônica Antunes e Ana Zendrera, dona da editora Sirpus, instalada na Espanha, mas especializada em publicações em árabe distribuídas nos países do Oriente Médio e do Norte da África. A partir de então, maio de 2005, só duas empresas, a All Prints, do Líbano, e a Sirpus, estão legalmente autorizadas a editar seus livros no Egito.

No aeroporto repleto de soldados com metralhadoras, os três são recebidos por Hebba e seu marido, o também ativista Ahmed Mohammed. Ele veste roupas ocidentais, mas dela só é possível ver o rosto sorridente e as mãos muito brancas — o resto está protegido dos olhares indiscretos por um folgado *chador* bege que a faz parecer ainda mais gordinha. Todos falam inglês, a segunda língua do Egito. Os visitantes sabem das rígidas regras locais: homens e mulheres só se cumprimentam com um seco e formal aperto de mãos, sem os costumeiros abraços e beijinhos ocidentais. O pequeno grupo segue direto para o hotel Four Seasons — lá está reservada para o escritor uma suíte no último andar com vista para Gizé, no começo do deserto do Saara, onde fica uma das sete maravilhas do mundo, o conjunto formado pelas pirâmides de Quéops, Quéfrem e Miquerinos.

O programa organizado por Hebba não é menos puxado que os de costume: entrevistas e *talk shows* com os principais órgãos de imprensa e estações de tevê do país, visitas a personalidades (entre elas o Prêmio Nobel de Literatura Nagib Mahfouz, nonagenário e quase cego, mas que faz questão de receber o brasileiro para um chá em seu apartamento), uma palestra na Universidade do Cairo e dois debates — um na Associação Egípcia dos Escritores e outro na sua principal concorrente, a União dos Escritores Egípcios. A pedido de Paulo, Hebba organizou, em um dos salões do Four Seasons, um almoço para o qual foram convidados os principais editores e livreiros do país e representantes do Ministério da Cultura. É nesse encontro que o escritor pretende puxar a espada em defesa de seus direitos. Reitera, com olhar maroto:

— E você sabe muito bem, Hebba: quando um guerreiro saca a espada, tem que usá-la. Não pode recolocá-la na bainha sem sangue.

Na manhã seguinte, o lobby do Four Seasons está tomado pela tralha dos canais de tevê que

esperam a hora das entrevistas organizadas por Mônica — são câmeras, tripés, refletores, cabos e baterias empilhados nos cantos ou espalhados sobre mesas e sofás. As entrevistas individuais serão um privilégio das tevês: os repórteres de jornais e revistas terão que se consolar com uma coletiva. A única exceção é para o *Al Ahram*, principal jornal do país — estatal, como parece ser quase tudo no Egito — e que ainda tem o privilégio de ser o primeiro da fila. Terminada a entrevista, o repórter Ali Sayed abre uma pasta e pede ao escritor que autografe três livros, *O Alquimista*, *Maktub* e *Onze Minutos*, todos piratas, comprados na rua a sete dólares cada. No começo da tarde, os cinco vão a um restaurante típico para um rápido almoço regado a Fanta, Coca-Cola, chá e água mineral. Embora haja vinho e cerveja à venda, como a conta vai ser paga por Ahmed, um muçulmano, manda o bom-tom que não se consuma bebida alcoólica à mesa.

Liquidados os compromissos com a imprensa, ele participa de rápidos debates nas duas associações de escritores. Em ambas o público é duas, três vezes maior do que a capacidade dos lugares, e os inevitáveis pedidos de autógrafos ao final são atendidos com gentileza e bom humor pelo convidado. Antes de retornar ao hotel, ele é levado ao apartamento de Mohamed Heikal, veterano e influente político que começou sua carreira ao lado do falecido presidente Gamai Abdel Nasser, que governou de 1954 a 1970, e vem sobrevivendo até hoje às intempéries políticas que varreram o Egito. Cercado de guarda-costas, Heikal recebe o visitante em um pequeno apartamento. As paredes são cobertas por fotos dele em companhia de grandes líderes da política internacional do século XX, como o falecido dirigente soviético Nikita Khruchov e os também já mortos primeiros-ministros Chou En-Lai, da China, Jawaharlal Nehru, da Índia, e Willy Brandt, da então Alemanha Ocidental, o presidente soviético Leonid Brejnev, e, claro, o próprio Nasser. O encontro com Nagib Mahfouz também acontece sob tensa vigilância de seguranças (anos antes ele escapara por um triz da morte na porta de casa, quando foi esfaqueado no pescoço por um fundamentalista islâmico que o acusava de blasfêmias contra o Corão, o livro sagrado dos muçulmanos). Os dois conversam rapidamente em inglês, trocam livros autografados e nada mais. Encerrado o programa do dia, a noite é reservada para um passeio de barco no rio Nilo.

No dia seguinte, a manhã livre lhe permite acordar mais tarde, fazer sua caminhada sem atropelos e dedicar mais tempo à varredura de notícias na internet. À uma da tarde estão de volta ao salão do hotel para o almoço proposto pelo escritor. Apesar dos sorrisos e salamaleques das apresentações, percebe-se na atmosfera um clima de acerto de contas. Antes que os pratos sejam servidos, e com todos os convidados em seus lugares, um dos editores se levanta para fazer uma saudação ao visitante e faz questão de dizer que aquele é um encontro de amigos. “O escritor Coelho deu provas de comprometimento com o povo árabe não só em sua obra”, ressalta, “mas em corajosas manifestações públicas, como na carta ‘Obrigado, Presidente Bush’, uma clara condenação da invasão do Iraque pelos Estados Unidos.” Mais um orador, mais rasgação de seda e afinal chega a hora em que Paulo vai falar. Sobre a mesa, ao lado dos talheres, deixa três exemplares piratas de livros seus, ali colocados deliberadamente para provocar desconforto nos editores, elegantes senhores de paletó e gravata sentados à sua frente. Traquejado na arte de falar em público (coisa que, paradoxalmente, odeia fazer), começa manso, lembra que o Egito e a cultura árabe foram inspiradores de alguns de seus livros e recorre a uma *boutade* para entrar no espinhoso tema da pirataria, cara a cara com os piratas:

— Qualquer autor adoraria ver seu livro publicado no Egito. Meu problema é exatamente o contrário: eu tenho editores demais no Egito...

Ninguém acha a menor graça na piada, mas isso não o desanima. Sempre de pé, ele olha um instante para o céu, como se pedisse a São Jorge forças para defender seus livros, e resolve falar grosso. Pega um exemplar pirata de *O Alquimista* e agita-o no ar:

— Estou aqui como convidado da doutora Hebba, ou seja, do povo egípcio. Mas vim por minha conta, porque quero solucionar de uma vez por todas o problema da pirataria dos meus livros aqui.

Agora os convivas, homens e mulheres, parecem se sentir incomodados nas cadeiras, mexendo-se nervosamente de um lado para outro. Alguns rabiscam desenhos imaginários nos guardanapos, cabisbaixos. Paulo sabe que entre eles há funcionários graduados do Ministério da Cultura (entidade que é acionista de muitas das editoras acusadas) e não perde a oportunidade:

— O governo não pune nem reprime a pirataria, mas o Egito é signatário de tratados internacionais de direitos autorais e tem que cumpri-los. Eu poderia contratar o melhor advogado e ganhar essa causa em cortes internacionais, mas não estou aqui apenas defendendo valores materiais. Estou defendendo princípios. Meus leitores comprem livros a preço vil e recebem obras de conteúdo vil, e isso tem que acabar.

A proposta de armistício sugerida por Paulo não parece agradar a nenhum dos presentes:

— Não me interessa o passado, esqueçamos o que aconteceu até hoje. Não vou cobrar

judicialmente de ninguém os direitos sobre os 400 mil livros meus publicados aqui, um país onde nunca tive editor. A partir de hoje, qualquer livro meu publicado no Egito que não seja da Sirpus ou da All Prints será considerado ilegal e, portanto, objeto de ação judicial.

Para demonstrar que não está blefando, o escritor anuncia para aquela tarde, na livraria Dar El Shorouk, ao lado do hotel, uma *blitzkrieg* especial: vai autografar o livro de estreia da nova fase (uma versão de bolso de *O Alquimista* em árabe, com o selo da Sirpus) e exemplares da edição inglesa de *O Zahir*. O indigesto encontro termina sem aplausos e com a maioria dos convidados de cara amarrada. Tudo parece correr como Paulo previa: a tarde de autógrafos é um sucesso e a todos os jornalistas que o procuram ele reitera o discurso do almoço. “Estou convencido de que os editores aceitaram minha proposta”, repetiu várias vezes. “A partir de agora, os egípcios só lerão livros meus em traduções oficiais, editadas pela Sirpus.” O tempo, no entanto, diria que aquela alegria iria durar pouco: menos de seis meses depois, o escritor receberia relatórios revelando que a situação de seus livros permanecia exatamente a mesma. A única mudança ocorrida no mercado editorial egípcio após a visita é que os piratas passaram a ter mais um concorrente na praça, a Sirpus.

A conferência na Universidade do Cairo, no dia seguinte, o último da viagem ao Egito, transcorre sem problemas e sob uma organização que lembra mais um colégio interno do que o campus de uma universidade: em um auditório de trezentos lugares, há exatamente trezentas pessoas, nem uma a mais. A maioria é de mulheres jovens que, ao contrário de Hebba, se vestem à moda ocidental, com roupas decotadas, calças jeans justas e camisetas que deixam à vista ombros e cinturas. Após a fala do convidado, a idolatria vence a disciplina e as pessoas o assediam de livros em punho, em busca de um autógrafo.

No caminho para o hotel, Hebba sugere uma atividade fora da programação. Leitores associados ao Fã-Clube Oficial de Paulo Coelho no Egito que não conseguiram assistir a nenhuma de suas aparições públicas querem reunir-se com ele no final da tarde para um bate-papo. Animado com o suposto sucesso do almoço com os editores, ele aceita sem perguntar detalhes. A resposta afirmativa obriga Hebba a desligar-se do grupo e sair em campo para mobilizar o público. O lugar escolhido é um improvisado auditório ao ar livre, sob uma das pontes do rio Nilo. Ninguém sabe que meios de divulgação a anfitriã terá utilizado para juntar tanta gente, mas o espanto é generalizado quando os brasileiros chegam ao local e deparam com uma massa de mais de 2 mil pessoas. O lugar parece ser uma construção abandonada pela metade, com lajes de concreto e pontas de ferro à mostra. Lotado o recinto, as pessoas se apinham pelos vãos entre as cadeiras e galerias laterais. É incrível que se possa juntar tanta gente num dia de semana, sem um único anúncio ou notícia nos jornais, no rádio ou na tevê. Até sobre os muros e árvores que cercam o auditório há gente dependurada. Sob um calor infernal, Paulo é levado por Hebba a uma pequena tribuna no canto do palco, ao lado da qual estão uma mesinha de centro e três poltronas. Quando pronuncia as primeiras palavras, em inglês — “boa tarde, obrigado pela presença de todos vocês” —, um silêncio de igreja sobrepõe-se à barulheira geral. Fala meia hora sobre sua vida, a luta para ser um escritor reconhecido, a convivência com drogas, com bruxarias, com as internações em hospícios, com a repressão política e com a crítica, para afinal reencontrar o caminho da fé e realizar seu sonho. As pessoas olham-no fixamente, como se estivessem diante não do autor de seus livros prediletos, mas de alguém que tivesse lições de vida a lhes dar. Muitas não conseguem esconder a emoção e têm os olhos marejados de lágrimas. Quando diz seu último “muito obrigado”, percebe-se que Paulo também chora.

Os aplausos parecem não ter fim. Sem conter o choro, o brasileiro agradece várias vezes, cruzando os braços no peito e fazendo uma leve inclinação para a frente. As pessoas ficam de pé e não param de bater palmas. Uma garota vestida de *chador* escuro sobe no palco e entrega a ele um buquê de rosas. Mesmo habituado a situações semelhantes, o escritor parece sinceramente emocionado e sem saber como reagir. O público continua de pé, aplaudindo. Ele dá meia-volta rapidamente, se esconde atrás das cortinas por um instante, vira os olhos para o alto, se persigna e repete pela enésima vez a oração de agradecimento a São José, o santo que quase sessenta anos atrás abençoara seu renascimento.

* * *

Mobilizar e comover multidões pelo mundo afora, a ponto de ter editores piratas se digladiando para publicar suas obras até mesmo num país de enormes contingentes de pobres e analfabetos, como o Egito, não foi algo que caiu do céu para Paulo Coelho. É verdade, o sonho de ser um escritor lido no mundo inteiro e de ter “fama, fortuna e poder” conduziu sua vida, de forma pertinaz, desde a adolescência. Mas esse sonho só começaria a se realizar em 1987, quando, já quarentão, publicou *O Diário de um Mago*. Em menos de um ano, o autor havia vendido 40 mil exemplares do célebre relato de sua trajetória pelo Caminho de Santiago. As vendas seriam

poderosamente alavancadas pelo segundo livro, *O Alquimista*, editado em 1988. No final do ano seguinte, os dois juntos haviam batido na astronômica cifra de meio milhão de exemplares. O sucesso transformou Paulo Coelho em um nome nacional e abriu as portas de editoras nos Estados Unidos, da Europa e de outras paragens. Vinte anos depois de lançar seu primeiro livro fora do Brasil, ele seria o único autor vivo a ser traduzido em mais línguas do que William Shakespeare.

Até escrever *O Diário de um Mago*, porém, o garoto magricela criado nos bairros do Botafogo e da Gávea, no Rio, percorreria uma trajetória mirabolante. Aluno rebelde e relapso, sob os rigores de um pai severíssimo e implacável, acabou sendo internado à força por três vezes num hospício e submetido a brutais sessões de eletrochoque. Confuso com sua própria identidade sexual, tomou a iniciativa de ir para a cama com homens, para só então decidir que aquele não era seu caminho. O jovem com tantas dificuldades para lidar com as mulheres na adolescência daria lugar, depois de adulto, a um colecionador de conquistas amorosas — algumas das quais transbordariam para a mídia. Fez de tudo nesse terreno, como participar de orgias e praticar sexo com uma garota num cemitério. Sua peculiar forma de encarar e relacionar-se com as mulheres não impediu, nem impede, que mantenha um sólido casamento de 28 anos com a artista plástica Christina Oiticica, de quem, assegura ele, nada nem ninguém fará “jamais” com que se separe. O homem que há mais de três décadas deixou a cocaína e há muitos anos não fuma maconha chegou a mergulhar fundo, e por muito tempo, no mundo das drogas, sem excluir praticamente nada. O tédio diante dos estudos formais, razão de seu permanente insucesso escolar, não impediu que Paulo se tornasse voraz consumidor de livros. A leitura indiscriminada, que incluía clássicos irretocáveis e bobagens sem valor, ajudaria sua incursão no mundo com que ele sonhava, e que começou pelo teatro infantil com pequenos papéis não remunerados, para, com o tempo, arriscar-se a, já profissional, escrever e depois também dirigir e produzir pequenos espetáculos. Paralelamente, começou a viajar e arranjou bicos na imprensa alternativa — e foi como editor de uma revista *underground* que seria procurado por alguém que marcaria sua vida, o hoje mitológico roqueiro Raul Seixas, de quem viria a ser parceiro e letrista durante seis anos e 41 canções. Com isso ganhou mais fama, dinheiro e poder do que sonhara até então — e muito, muito menos do que ainda viria a ganhar.



Paulo autografa livros no Cairo. Na última foto à direita, o autor com Hebba, Ahmed, Mônica e Ana Zendreras.

Antes e durante a vigência da parceria com Raul, a ânsia permanente por novas experiências, de um lado, e sua tendência onívora à leitura, por outro, levaram-no a mergulhos assustadores. Ainda adolescente, flertou com o suicídio e acabou degolando um animal doméstico para que “o Anjo da Morte” tivesse alguma alma para levar que não fosse a sua. Já adulto, apoiou a decisão de uma namorada de se suicidar, traumatizada após abortar um filho dele. Ao transpor as fronteiras

do misterioso universo das trevas, ele chegaria a perigosos extremos e incorreria em práticas quase inacreditáveis, como ter como escravo, com contrato assinado, um jovem estudante que se iniciava no esoterismo. Fazia invocações ao demônio enquanto tomava banhos de ervas, e chegou a propor um pacto formal ao Diabo: entregar sua alma em troca de poderes absolutos. Sua carreira no satanismo chegou ao fim após um pavoroso e arrepiante episódio que durou doze intermináveis horas e que Paulo descreve como sendo seu encontro com o Demônio. A terrível visão, compartilhada pela namorada, representaria o início do retorno de Paulo à fé cristã inculcada pelos rigorosos padres jesuítas do colégio em que fora educado. Ainda assim continuava acreditando ter encontrado formas de atingir o sobrenatural e agir sobre as forças da natureza, fazendo, por exemplo, ventar e chover com a força do pensamento.

O fato de ter sido um adolescente e depois um jovem adulto alienado e infenso à política não impediu que fosse preso duas vezes pela ditadura militar e, num terceiro episódio, sequestrado pelo DOI-Codi, o mais brutal instrumento da repressão — o que lhe deixou profundas marcas e acentuou traços de uma ancestral paranoia. Outro tipo de perseguição, o da crítica brasileira, que, com raríssimas exceções, despreza seus livros e o trata como subliterate, não parece afetá-lo. Ele só se declara indignado quando as restrições a seu trabalho implicam menosprezo a uma entidade que cultiva com dedicação plena e paciência oriental: seus leitores. Para contrabalançar o desdém da crítica brasileira, não faltam a Paulo manifestações em sentido contrário para exibir: E não se fala, aqui, de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras ou mesmo de condecorações indiscutivelmente honrosas que lhe foram conferidas no exterior, como a *Légion d'Honneur* da França, mas de um maciço, consistente elenco de elogios recebidos de críticos de dezenas de países, entre os quais o venerado escritor e semiólogo italiano Umberto Eco.

Esses fatos da vida de Paulo são apenas uma amostra modesta da trajetória extraordinária de um brasileiro cujo trânsito internacional só se compara ao de Pelé. Por um triz, no entanto, nada disso teria sido possível, pois Paulo nasceu morto.

Aos onze anos, uma lição de vida: se vai doer, enfrente o problema logo, porque pelo menos a dor acaba

Paulo Coelho de Souza nasceu em uma chuvosa madrugada de 24 de agosto de 1947, dia de São Bartolomeu, na Casa de Saúde São José, no Humaitá, bairro de classe média do Rio de Janeiro, Brasil. Nasceu morto. Os médicos previam dificuldades naquele parto, o primeiro da jovem dona de casa Lygia Araripe Coelho de Souza, de 23 anos, casada com o engenheiro Pedro Queima Coelho de Souza, de 33 anos. O bebê seria não apenas o primogênito do casal, mas também o primeiro neto dos quatro avós e o primeiro sobrinho de tias e tios de ambos os lados. Os exames iniciais apontavam um risco considerável: a criança parecia ter ingerido uma mistura fatal de mecônio — ou seja, suas próprias fezes — com líquido amniótico. Depois disso, só um milagre o faria nascer com vida. Inerte no ventre materno, sem manifestar qualquer intenção de mover-se em direção ao mundo, o recém-nascido teve de ser retirado a fórceps. Exatamente à meia-noite e cinco minutos, ao puxá-lo para fora, o que era realizado com movimentos rotatórios do instrumento, o médico deve ter ouvido um ligeiro ruído, semelhante ao estalo de um lápis que se quebra: era a delicada clavícula do bebê, que não resistira à pressão de uma das hastes do fórceps. Mas não havia por que lamentar o acidente: o bebê, um menino, estava morto, aparentemente asfixiado pelo líquido que o protegera durante nove meses no corpo da mãe.

Em meio ao desespero, o primeiro nome que veio à cabeça de Lygia, católica fervorosa, para pedir socorro foi o do padroeiro da maternidade:

— Meu divino São José, traga de volta o meu filho! Salve-o, São José, meu bebê está em suas mãos!

Em prantos, os pais pediram a presença de alguém que pudesse dar a extrema-unção ao natimorto. À falta de um padre, localizou-se uma freira do próprio hospital para o sacramento final, até que ao choro dos pais somou-se um gemido, quase um miado: era ele, o menino, que estava bem vivo. Em estado de coma profundo, mas vivo. Nascer tinha sido o primeiro desafio imposto pelo destino àquele garotinho, e ele sobrevivera.

Seus primeiros três dias no mundo foram passados em uma incubadora. Durante aquelas decisivas 72 horas o pai o velou, permanecendo todo o tempo sozinho, sentado em uma cadeira de onde só se levantou quando soube que o filho não mais corria risco. No quarto dia de vida, quando Paulo deixou a incubadora, mas ainda permanecia sob constante monitoração e intensos cuidados, Pedro aceitou dormir uma noite em companhia de Lygia e foi substituído na vigília pela sogra, Maria Elisa. Seis décadas depois, Paulo afirmaria sem hesitar ter sido esta a mais remota de todas as suas lembranças: ao ver aquela mulher entrando no quarto, o bebê com horas de vida entendeu que se tratava de sua avó. De qualquer forma, a presença dela ao lado do neto revelou-se crucial: na primeira madrugada de plantão, Maria Elisa teve de acudir o bebê em meio a perigosa convulsão respiratória — segundo os médicos, sequela do acidente com o fórceps. Apesar de tudo, a criança parecia saudável: nascera com 3,33 quilos e media 49 centímetros. De acordo com as primeiras anotações de Lygia no “Álbum do Bebê”, este tinha cabelos escuros, olhos castanhos, pele clara e era parecido com o pai (o que não se podia chamar de virtude, uma vez que, ao contrário da mulher, Pedro, um homem de 1,80 metro de altura, não era exatamente bonito). O nome escolhido era uma homenagem a um tio do bebê, morto precocemente após um ataque cardíaco.

Perseguido por persistente ojeriza a tudo o que se refere ao passado, o escritor chegaria aos sessenta anos de idade sem jamais manifestar interesse pela história de seus antepassados. As informações que tinha sobre suas origens limitavam-se aos avós maternos, Maria Elisa e Arthur Araripe Junior (“Lilisa” e “Mestre Tuca”, como os chamava), ambos nascidos no Rio de Janeiro, e aos paternos, a gaúcha Maria Crescência e o cearense João Marcos Coelho (“Cencita” e “Cazuza”).

Até onde os registros permitem afirmar, na genealogia dos Coelho não brilham figurões ou personalidades conhecidas. Do avô Cazuza, Paulo só sabe que era um médico que passou a vida em Belém do Pará fiel ao juramento de Hipócrates — “desses que recebem um frango ou um leitãozinho como pagamento pela consulta” —, razão pela qual morreu pobre. “Nem consigo imaginar”, declarou o escritor, já adulto e famoso, “o que terá levado minha avó Cencita a sair de Porto Alegre e viajar oito mil quilômetros até Belém do Pará, onde conheceu meu avô”. No mesmo depoimento ele diz ter “alguma lembrança” de um tio “que foi ministro de um governo de

esquerda” (referia-se ao irmão da avó Lilisa, seu tio-avô Cândido de Oliveira Neto, ministro da Justiça e procurador-geral da República no governo João Goulart, derrubado pelo golpe militar de 1964). Se algum dia, porém, o escritor tivesse tido a curiosidade de enveredar pelo cipoal da extensa árvore dos Araripe Alencar, sobrenome da mãe, poderia se fartar, sem arredar pé da própria família, com o manancial de personagens perfeitamente adequados a seus livros — heróis ou vilões, à escolha do autor.

A arqueologia começa com sua pentavó, Bárbara de Alencar, uma das raras lideranças femininas na luta pela independência do Brasil. Em 1817, cinco anos antes de o país se libertar do jugo português, ela proclamou a República do Brasil em pleno Crato, no extremo sul do Ceará. Presa, foi levada a Fortaleza com uma gargalheira de ferro no pescoço. O ódio dedicado pela Metrópole à revolucionária de 57 anos era tal que os portugueses conseguiram fazer sumir todos os vestígios de sua imagem. Para sempre: na estátua que a homenageia na capital cearense, Bárbara de Alencar é representada por uma mulher sem rosto. Não bastasse ela própria encarnar uma heroína que parece saída das páginas de um romance de aventuras, Bárbara viria a ser a avó paterna de José de Alencar, um dos mais respeitados e populares romancistas brasileiros e tio-trisavô de Paulo Coelho. Fundador, junto com Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, Alencar foi seu primeiro, mas não o único, ancestral a envergar o fardão verde-oliva da ABL. Nos primeiros anos da instituição, dois de seus tios-bisavós haviam alcançado a imortalidade: o crítico literário Tristão de Alencar Araripe Júnior e o poeta Mário Cochrane de Alencar, filho de José de Alencar, que sucedeu a José do Patrocínio na cadeira número 21 — a mesma que Paulo viria a ocupar muitas décadas depois. Em 1977, quando a vetusta casa completava oitenta anos, a escritora Rachel de Queiroz — prima em quarto grau do autor de *O Alquimista* — quebrou uma tradição de décadas e elegeu-se a primeira mulher membro da ABL.



Lygia carrega nos braços o bebê que ao nascer fora recebido com um duvidoso elogio: é a cara do pai.

A família deixaria rastros também na política contemporânea do Brasil. O general Tristão de Alencar Araripe (homônimo do pai do acadêmico), tio-bisavô do escritor e autor dos livros *Família Alencar* e *Expedições Militares contra Canudos*, foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas, durante a Segunda Guerra, governador militar do estratégico arquipélago de Fernando de Noronha, então território federal. E, como havia Alencares e Araripes para todas as preferências e ideologias, Paulo Coelho era primo, em quinto grau, tanto do principal líder militar do golpe de 1964 (e primeiro presidente da República do período ditatorial), o marechal Humberto de Alencar

Castello Branco, como de Miguel Arraes de Alencar, na época governador de Pernambuco. Deposto no primeiro dia do golpe, Arraes saiu do palácio do governo diretamente para a prisão, onde passou onze meses antes de seguir para o exílio na Argélia e, depois, na França.

Alguns resíduos do sangue revolucionário de Bárbara de Alencar parece ter sido legado à sua tetraneta Lygia. Se o casamento com um homem autoritário ao extremo sufocou alguns de seus sonhos — como o de ser artista plástica, ousadia que Pedro Queima Coelho jamais permitiria —, era comum que ela o enfrentasse, tanto de frente como de soslaio. Proibida pelo marido de aprender a guiar automóvel (algo tido como extravagância na época, coisa de mulheres ditas “avançadas”), Lygia não teve dúvidas em matricular-se numa autoescola, fazer às escondidas o curso e os exames e aparecer em casa exibindo, como um troféu, sua carteira de habilitação. Proibida de ir à praia, esperava o marido sair, juntava-se às amigas e passava horas à beira-mar. Se ele estranhasse o bronzeado do rosto e dos braços, ela dizia que tinha se queimado na janela de casa. No fim da vida — Lygia morreu em maio de 1993, aos 69 anos, vitimada pelas consequências do mal de Alzheimer —, a conservadora católica praticante daria lugar a uma militante da progressista Teologia da Libertação. A antiga carola aderiu de corpo e alma à pregação de dois religiosos renegados pelo Vaticano, o dominicano Frei Betto e o franciscano Leonardo Boff. Mas não foram esses poucos suspiros de rebeldia, e sim os traços aristocráticos dos Alencar Araripe, que acabaram predominando na educação que Lygia deu ao seu primogênito. Ou, pelo menos, tentou dar.

Salvo uma leve bronquite que depois evoluiria para coqueluche, o garoto teve infância normal. Aos oito meses pronunciou a primeira palavra, aos dez apareceram os primeiros dentes e aos onze andou, sem nunca ter engatinhado. Segundo Lygia, era um menino “meigo, obediente, extremamente vivo e inteligente”. Quando tinha dois anos, nasceu sua única irmã, Sônia Maria, com a qual sempre foi carinhoso e de quem, aparentemente, nunca sentiu ciúme. Aos três anos aprendeu a fazer o sinal da cruz, gesto que depois seria acompanhado de pedidos a Deus pela saúde dos pais, avós, primos e tios. Do nascimento até os treze anos, em 1960, ele e a família viveram em uma vila de onze casas construídas pelo pai na confluência das ruas Teresa Guimarães e Mena Barreto, em Botafogo, aprazível bairro de classe média do Rio. A melhor delas, e a única com jardim, ficou para os sogros Lilisa e Tuca, donos do terreno. Uma foi dada a Pedro, como remuneração por seu trabalho, e as nove restantes seriam alugadas, vendidas ou ocupadas por parentes. Junto ao muro lateral foi plantada uma fileira de árvores que se transformou no local predileto para as brincadeiras das crianças. Eram casas de dois pavimentos, modestas e sem nenhum luxo, mas confortáveis e bem-acabadas. Engenheiro do extinto IAPI — Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários —, Pedro tinha experiência no ramo, tanto que guardava com orgulho a medalha recebida por ter construído em tempo recorde e abaixo do custo um grande conjunto habitacional no popular bairro da Penha, na Zona Norte da cidade.

A preocupação dos Coelho com a segurança era tal que, embora a vila fosse protegida por altos portões, a casa permanecia todo o tempo com portas e janelas fechadas. Certa vez Lygia saiu cedo e só no final do dia, ao retornar, percebeu que tinha trancado lá dentro um pedreiro que fazia reparos no banheiro. Embora ficasse a poucas quadras da praia de Botafogo, a vida para além dos muros da vila era inacessível às crianças. O pacato Rio de Janeiro dos anos 1950 já assustava seus pais (e os dos vizinhos), que transformaram o lugar em uma redoma protetora para as crianças contra o mundo perigoso a que todos se referiam apenas como “a rua”. Tanto Paulo quanto os outros meninos podiam brincar à vontade, desde que dentro dos limites da vila. Amizade com os ameaçadores garotos “da rua”, nem pensar. Desde pequeno Paulo revelou originais traços de personalidade. Para sair de apertos recorria a tiradas que costumavam desconcertar o interlocutor. Aos três anos, apanhado por Lygia em uma estripulia, respondeu:

— Sabe por que hoje eu estou levado, mamãe? É porque meu anjo da guarda não está funcionando. Ele trabalhou muito e gastou a pilha.

Em outra ocasião a mãe tentava lembrar o nome de uma antiga empregada e pediu-lhe ajuda:

— Paulinho, como era mesmo o nome da sua babá? Eunice... Elvira...

O menino, que conhecia o primeiro verso do Hino Nacional, a interrompeu:

— Ouvira, não, mamãe. Ouvira é a dos Piranga...

A persistência dos problemas respiratórios levou os pais a interná-lo em uma clínica particular, aos cinco anos de idade, para se operar de um começo de sinusite e extrair as amígdalas e uma desconfortável adenoide que o obrigava a andar o tempo todo de lenço na mão, limpando o muco que escorria do nariz. Três dias depois da cirurgia estava em casa, andando de velocípede como se nada tivesse acontecido. Um de seus prazeres era brincar de ajudar o avô Tuca nos reparos do motor do seu grande Packard. Para o orgulhoso pai, aquilo não deixava dúvidas quanto à vocação profissional do menino, a engenharia. Pedro também tinha o seu carro, um Vanguard, bem mais

modesto que o do sogro, mas que raramente enguiçava, até pela singela razão de que o veículo quase nunca saía da garagem. Para o genioso e sistemático Pedro Coelho, se a família podia locomover-se de ônibus pela cidade, não havia motivos para dissipar dinheiro com gasolina.

É provável que esta tenha sido uma das mais remotas lembranças que Paulo Coelho guardou do período em que viveu na vila e até de algum tempo depois: o rígido controle que o pai mantinha sobre as finanças domésticas. O sonho do engenheiro Pedro Queima Coelho de Souza era construir para a família não uma casa modesta, como as da vila, mas um casarão de verdade, com salões, jardim de inverno, varandas e banheiros. A primeira pedra para a edificação dessa catedral foi dada de presente pelo sogro Tuca: um lote de 400 metros quadrados na rua Padre Leonel Franca, no elegante bairro da Gávea. Pelos planos de Pedro, um terreno como aquele, no coração da Zona Sul, merecia uma casa à altura. A partir de então, todas as despesas não essenciais da família foram cortadas em nome da casa da Gávea. “Já que vamos construir uma casa para todos”, decretou o dr. Pedro, como era chamado, “todos devem restringir seus gastos ao mínimo possível”. Nada de roupa nova, festas de aniversário, presentes e desperdício de gasolina em passeios de carro. “Foi um tempo em que não tínhamos nada”, o escritor se lembraria depois, “mas também não nos faltava nada”. A salvação dos Natais das crianças eram os trenzinhos elétricos alemães e as bonecas francesas presenteadas pelos avós maternos. Só quando os filhos chegaram à idade escolar é que o arrocho financeiro sofreu sua única exceção: não havia dinheiro para luxos, mas o colégio das crianças tinha de ser o melhor. Além do aperto, o sonho da casa na Gávea produziu um aborrecimento adicional para a família. Em vez de aplicar as economias domésticas em uma instituição financeira, o dr. Pedro preferiu imobilizá-las literalmente em pedra e cal, ou seja, em materiais de construção. E, na falta de um galpão para guardar o que comprava, foi guardando tudo na casa da vila, até dispor de capital suficiente para iniciar a obra. Com isso, a lembrança que ficou para os dois irmãos é a de terem passado a infância entre vasos sanitários, torneiras, sacos de cimento e azulejos empilhados em todos os cantos livres.





Na vila construída pelo pai, Paulo (de sandálias, na foto maior) brinca com os primos: a diversão era matar pintinhos e colocar água no laquê das meninas.

O período de vacas magras, contudo, não empobreceu a vida intelectual dos Coelho. O dr. Pedro deixou de comprar discos de ópera e música clássica, mas não perdeu o hábito de ouvir todas as noites árias que permaneceriam para sempre na memória da família. Quando não era a vitrola do pai, os vizinhos que apurassem o ouvido na frente da casa 11 podiam ouvir acordes de Bach e Tchaikovsky dedilhados por Lygia no piano que a acompanhava desde os tempos de solteira. As pessoas se lembram também de que as paredes da casa, mais por artes dela que do marido, eram forradas de estantes de livros, formando uma razoável biblioteca de interesse geral e que seria ampliada com obras infantis após o nascimento dos filhos.

No começo de 1952, aos quatro anos e meio, os pais matricularam Paulo no Maternal São Patrício, onde passou dois anos. Como planejava que o filho estudasse no Colégio Santo Inácio, em 1954 a mãe o transferiu para a Escola Nossa Senhora das Vitórias, instalada num casarão cercado de árvores a poucas quadras da vila, e cujo lema podia ser lido sobre o portão de entrada: “Tudo para o aluno e o aluno para Deus”. Embora não tivesse ligações formais com a Companhia de Jesus, o Nossa Senhora das Vitórias era considerado o melhor caminho para se entrar no Colégio Santo Inácio, a mais tradicional instituição do gênero no Rio. Dirigido por jesuítas, o Santo Inácio dividia com o Pedro II a fama de ser o mais respeitado educandário da cidade para meninos. A seu favor o Pedro II oferecia, além do ensino de qualidade, a grande vantagem de ser uma escola pública federal e, portanto, gratuita. Mas só o caro Santo Inácio garantia algo essencial para os Coelho: o rigor e a dura disciplina com que os jesuítas impunham a seus alunos o conhecimento e, sobretudo, a fé. Durante décadas, professores e pais encheram o peito para repetir, orgulhosos, que o Santo Inácio não transmitia apenas conhecimento, mas forjava o caráter de seus alunos. Não importava que custasse caro, porque na cabeça de Lygia e Pedro era exatamente disto que o filho estava precisando: disciplina rigorosa nos estudos e linha-dura na formação do caráter.

Sim, porque, pelo menos no caso de Paulo, não parece ter dado resultado o cordão sanitário estabelecido em torno da vila para proteger as crianças dos males que proliferavam na rua. Mal saído dos cinco anos, ele era visto pelos adultos vizinhos como influência negativa em seus filhos. Como havia dois outros meninos da vila com o mesmo nome (seus primos Paulo Arraes e Paulo Araripe), ele era tratado apenas como “Coelho”. Para espanto de Lygia e Pedro, o que antes era mera suspeita começou a ganhar contornos de verdade: era do Coelho a responsabilidade por muitas das coisas estranhas que vinham acontecendo na pequena comunidade. Primeiro foi uma menina que apareceu abraçada a uma árvore, com os pés e as mãos amarrados por cordas, e que não tivera coragem de denunciar o autor da maldade. Depois veio a notícia de que, na calada da noite, os meninos organizavam corridas de pintinhos de um dia — competições que terminavam com a morte por esganadura de todos os concorrentes, à exceção do vencedor. Um dia alguém substituiu por água o conteúdo dos vidros de laquê das mocinhas da vila. E foi uma das vítimas desse golpe, Cecília Arraes, uma prima alguns anos mais velha, quem decifrou o mistério. Em um esconderijo dos meninos ela encontrou uma pasta cheia de papéis reveladores: tudo aquilo era obra de uma “organização secreta” com estatutos, diretoria e atas das reuniões regulares. Era a Organização Arco — sigla retirada das duas primeiras letras dos sobrenomes Araripe, de Paulo Araripe, e Coelho, de Paulo Coelho, os autores dos pequenos delitos. Cecília apertou o futuro

escritor:

— Que negócio é esse de Arco? O que faz essa organização? Se você não explicar, conto tudo para seus pais.

Ele se apavorou:

— É uma organização secreta, então eu estou proibido de contar qualquer coisa.

Como a prima insistisse com as ameaças, implorou:

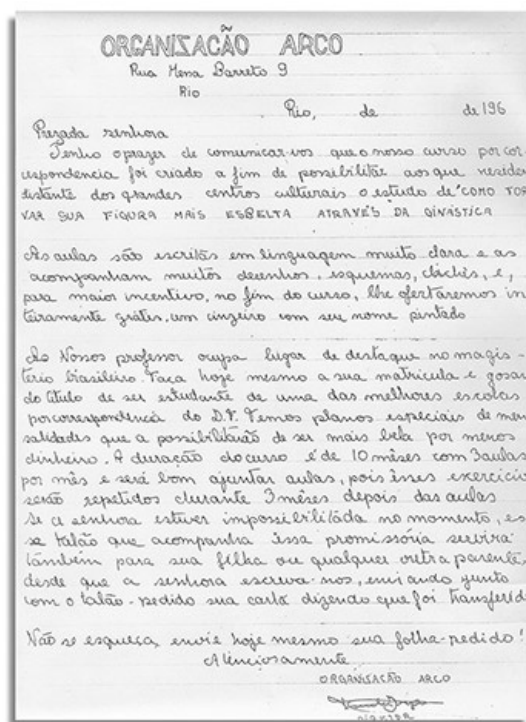
— Pelo amor de Deus, não posso contar. A única coisa que posso revelar é que a Arco é uma organização especializada em sabotagem.

E contou mais: tanto a água no laquê de Cecília quanto a menina amarrada na árvore eram punições por elas terem invadido a fronteira de giz riscada no chão da vila, linha que demarcava os limites do território da Arco, “proibido para garotas”. Quando chegaram à casa número 11 os indícios do envolvimento de Paulo em tudo aquilo, não havia mais dúvidas de que o menino estava pronto para ser confiado às mãos ásperas e sábias dos padres jesuítas.

A primeira mudança imposta à sua vida pelo Nossa Senhora das Vitórias foi a inversão do calendário escolar. Para se habituarem ao regime que os aguardava no Santo Inácio, os alunos não mais gozariam a folga semanal aos sábados, como acontecia em todas as demais escolas do país, mas às quartas-feiras. Com isso ficava reduzido a um dia por semana — o domingo — o tempo disponível para brincar com os amigos da vila. Aos sábados, quando todos estavam de folga, ele era obrigado a passar o dia na escola. Na folga, às quartas, sem nenhum companheiro à mão, não havia alternativa senão ficar em casa lendo e estudando.

Como lidava com crianças cujas idades iam dos sete aos onze anos, o Nossa Senhora das Vitórias fazia questão de lhes inculcar desde cedo outros valores além do desempenho escolar, como o respeito recíproco. Este era, não por acaso, um dos artigos do decálogo da escola, impresso em todas as cadernetas e que os alunos tinham que saber de cor: “É falta de civilidade, caridade cristã e coleguismo mortificar com palavras e risos os colegas de menos talento ou de menos preparo”. A eficácia dos jesuítas para infundir-lhe a fé, algo que viria a afetar profundamente sua vida, não encontra equivalência no que se refere à educação formal. Paulo jamais conseguiu aprender a estudar por prazer. Detestava todas as matérias, sem exceção. Só a obrigação de obter as notas para passar de ano fazia com que se submetesse à tortura de varar os dias debruçado sobre os livros. Nos dois primeiros anos que passou no Nossa Senhora das Vitórias, até que conseguiu bom desempenho, tendo sido aprovado com notas superiores a oito, bem acima da média geral. Até em comportamento saiu-se bem, nunca recebendo notas abaixo de sete. A partir da terceira série, contudo, as coisas começaram a degradingolar. A queda de rendimento fica visível na carta que envia ao dr. Pedro por ocasião do Dia dos Pais de 1956:





Paulo e uma das circulares das perigosas Organizações Arco, que às vezes trocavam a sabotagem pela venda de sachês de perfume para as mulheres da vizinhança.

Papai:

Agora todas as noites eu preciso estudar com você, pois eu tirei um na prova de Matemática. No resto melhorei. Vamos ver a diferença: em Religião pulei de zero para seis. Português: de zero para seis e meio. Matemática: de quatro e meio para dois e meio. Minha classificação foi muito má apesar de ter melhorado um pouco, indo do 25º lugar para 16º lugar.

*Atenciosamente,
Paulo*

O 25º lugar a que se refere na verdade era o último, pois as classes do Nossa Senhora das Vitórias tinham só 25 meninos — sim, apenas meninos, como também acontecia no Santo Inácio, à época instituição exclusivamente masculina. Mas ser o lanterninha da classe não significava que os Coelho estivessem criando em casa um pedaço de asno. Ao contrário. O filho detestava estudar, mas adorava ler. Lia histórias da carochinha, Monteiro Lobato, Tarzan, lia livros que os pais compravam ou que os amigos emprestavam. Ainda não havia chegado ao ginásio e seu autor predileto era Malba Tahan, pseudônimo do matemático carioca Júlio César de Melo e Souza, que escreveu dezenas de romances ambientados no mundo árabe. Aos poucos Paulo virou o contador de histórias da vila. A tia Cecília Dantas Arraes, cuja filha tinha sido vítima do golpe do laquê, se lembraria, anos depois, do “garoto de canelas muito finas, perdidas em um short folgado, de pernas largas”: “Quando não estava cerebrando alguma travessura, sentava-se na calçada, os amigos se juntavam à sua volta e contava histórias”.

Reais ou verdadeiras, ninguém é capaz de lembrar, mas histórias que podiam ser de guerras, príncipes ou espiões. Uma noite ele fazia companhia aos pais e avós diante da tevê, todos assistindo ao famoso programa de perguntas *O Céu É o Limite*. Um professor respondia sobre o Império Romano, e, quando o entrevistador perguntou quem sucedeu Júlio César, Paulo deu um salto e, para espanto geral, respondeu antes:

— Otávio Augusto.

E não era apenas o nome que o garoto sabia: — Sempre simpatizei com o imperador Otávio Augusto. Afinal, foi ele quem deu o nome a agosto, o mês em que nasci.

Saber mais do que os amigos era a maneira de compensar a fragilidade física. Magrelo, franzino, miúdo, tanto na vila como na escola, Paulo era o “pele”, gíria carioca da época para designar o garoto que nunca batia, só apanhava. Vítima favorita dos colegas, logo descobriu como se destacar e se impor: saber coisas que ninguém sabia, ler histórias que nenhum dos colegas

conhecia. Certo de que nunca estaria entre os primeiros, só participava das competições esportivas no colégio quando isso valia nota. Ao saber que tinha sido aberto um concurso de redações para os alunos da terceira série, porém, achou que podia se inscrever. O tema era o “Pai da Aviação”, Alberto Santos Dumont, cujo aniversário se festejava na época, e o limite eram duas páginas de caderno manuscritas. Sem a ajuda de ninguém, escreveu um texto curto, de menos de duzentas palavras:

Era uma vez um menino chamado Alberto Santos Dumont. Todo dia de manhã cedo Alberto via os passarinhos voando e às vezes pensava: “Se as águias voam, por que não haverei de voar, se sou mais inteligente que as águias?” Santos Dumont então resolveu estudar, seu pai e sua mãe Francisca Dumont o puseram numa escola de aeromodelismo.

Já muitos haviam tentado voar, como o padre Bartolomeu e Augusto Severo. Este o balão que ele construíra caiu, e ele morreu. Mas Santos Dumont não desistiu. Construiu um dirigível que é um canudo cheio de gás e voou, deu a volta na torre Jéfel [sic] em Paris e veio pousar no mesmo lugar que saiu.

Então resolveu inventar um aeroplano mais pesado do que o ar. A armação foi feita de bambu e seda. Em 1906 no campo de Bagatelle foi esperimentado [sic] o avião. Muita gente ria pensando que não ia voar. Foi dado início à prova, Santos Dumont com seu 14 bis correu mais de 220 metros, de repente as rodas levantaram. A multidão vendo aquilo soltou um grito “Ho!” e pronto. Estava inventada a aviação.

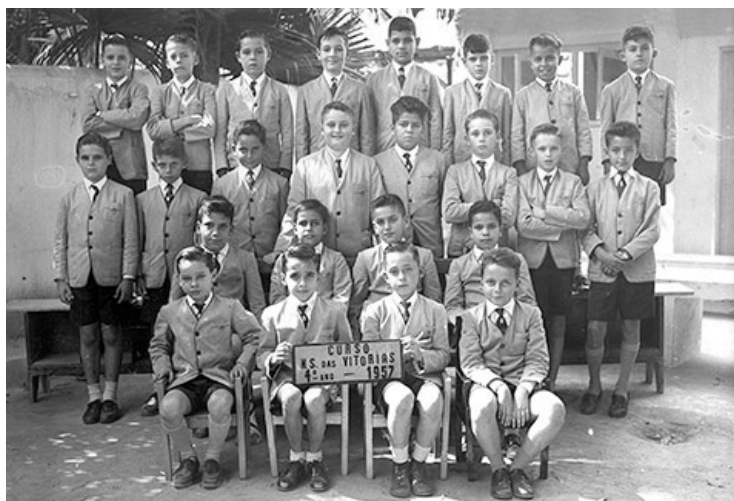
A melhor composição seria escolhida em votação pelos próprios alunos da classe. Paulo parecia tão pouco confiante em si mesmo que na hora de votar acabou escolhendo a redação de um colega. Apurados os votos, qual não foi sua surpresa ao saber que tinha sido o vencedor do concurso. O colega em quem votou ficou em segundo lugar, mas foi desclassificado quando se descobriu que plagiara integralmente o texto de uma notícia de jornal.

Não havia meios, porém, de fazer refletir nas demais matérias o desempenho revelado no concurso. Quando chegou a hora de prestar o exame de admissão ao Colégio Santo Inácio, de nada valeram o rigor e os sacrifícios impostos pelo duro regimento do Nossa Senhora das Vitórias, e ele levou pau. O castigo não demorou: para se preparar para os exames de segunda época, seria obrigado a ficar no Rio recebendo aulas particulares e perderia o direito às férias anuais com a família em Araruama, agradável cidade à beira de um lago no litoral do estado do Rio, a cem quilômetros do Rio de Janeiro, onde vivia um de seus tios. Para que não sobrassem horas vagas, a mãe, preocupada também com a fragilidade física do filho, decidiu que no período da manhã ele faria um curso de educação física em uma colônia de férias da Fortaleza de São João, unidade do Exército sediada no tranquilo e romântico bairro da Urca, na região central do Rio. Obrigado a duas coisas que odiava — praticar exercícios físicos de manhã e estudar à tarde —, Paulo se sentiu como se estivesse passando dois meses no inferno.

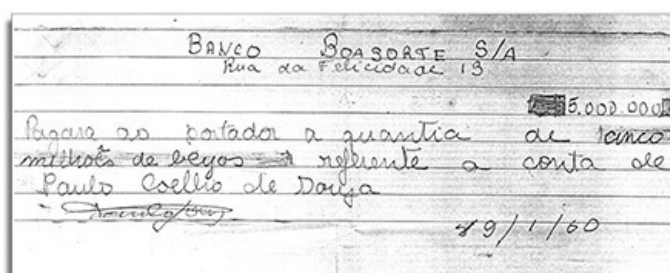
Todas as manhãs, Lygia tomava com o garoto um ônibus que ia direto de Botafogo à Urca e o entregava aos carrascos. O auge do pesadelo era o maldito salto no rio que os meninos — uns cinquenta, mais ou menos — eram obrigados a dar todos os dias, ao cabo de uma interminável jornada de flexões, corridas e atividades em barras. Sempre acompanhados de instrutores adultos, os meninos eram colocados em fila e obrigados a pular de uma ponte na água gelada do ribeirão que corta a mata em torno da fortaleza. Mesmo sabendo que não havia possibilidade de ninguém se afogar ou se ferir, a simples lembrança daquilo deixava Paulo em pânico. Todos os dias, durante as primeiras semanas, era o último da fila. Até que chegasse sua hora de colocar as mãos na amurada e saltar no vazio, ele sofria cada fração de segundo. O coração disparava, as mãos suavam frio, dava vontade de chorar, de chamar a mãe, de fazer xixi nas calças, qualquer coisa, seria capaz de fazer qualquer coisa para não ter que pular dali de cima. Mas o medo de parecer covarde era maior e ele se resignou a sofrer todos os dias. Até que, sem que ninguém o aconselhasse, descobriu a pólvora: “Se eu for o primeiro da fila, sofrerei por menos tempo”.

O problema estava resolvido. “Não que eu tivesse perdido o medo de pular”, lembraria anos depois. “Mas o sofrimento acabou e eu aprendi minha primeira lição na vida: se vai doer, enfrente o problema logo, porque pelo menos a dor acaba.” O fato é que aqueles tinham sido dois meses de dinheiro e sofrimento jogados fora. Primeiro porque as aulas particulares se revelaram um fracasso. Paulo não passou no exame de admissão e o curso de educação física da Fortaleza de São João deu resultados ainda mais pífios. Ele continuou sendo surrado toda vez que entrava em uma briga. Uma vez, no novo colégio, chegou em casa chorando e contou à mãe que tinha apanhado novamente de um colega. Lygia reagiu com dureza. “Mas o que é isso?”, indagou, recusando-se a consolar o filho. “Você leva uma surra na escola e vem chorando se esconder na

saia da mamãe?” Como nesse caso tratava-se de um garoto mais velho, ela foi à escola denunciar o agressor, mas aproveitou para se queixar da reação do filho, incompatível com um pupilo de Inácio de Loyola, o santo guerreiro.



Paulo aos dez anos, no Nossa Senhora das Vitórias (na primeira fila, o segundo a partir da esquerda), e, abaixo, o cheque de “cinco milhões de beijos” emitido em favor da mãe.



O que importava, no entanto, é que, depois de passar todo o ano de 1958 se preparando, na segunda tentativa ele não só conseguira ingressar no Santo Inácio, mas o fizera com a excelente média final de 8,3. Notas altas como as que obtivera não só garantiam a admissão ao colégio, mas atribuíam ao candidato um título de nobreza — no seu caso os 8,3 significavam que passaria a ser o “conde” Paulo Coelho de Souza. Se no decorrer do curso seu desempenho melhorasse ainda mais, poderia ser promovido a “marquês” ou quem sabe, como sonhavam todos os pais, até a “duque”, título reservado aos que terminassem o ano com nota 10 em todas as matérias.

Esta, contudo, não era uma alegria que ele daria aos pais. Considerando todo o seu histórico escolar, do maternal à universidade, a aprovação no exame de admissão foi o único momento de glória em sua vida estudantil. O gráfico produzido por seus boletins escolares de 1959 em diante revela uma curva descendente que só vai terminar no final do curso científico, em 1965, num dos piores colégios do Rio de Janeiro. Comparada ao desempenho posterior, a surpreendente aprovação adquire a aparência de uma mensagem aos pais. Era como se ele dissesse a Lygia e Pedro: seu sonho de ter um filho no Santo Inácio está realizado, agora me deixem em paz. Aqueles 8,3 pareciam ser, como na expressão que utilizaria em sua obra, muitos anos depois, seu último feito no mundo dos normais.

Se o Diabo se escondia nas veneráveis paredes do Colégio Santo Inácio, o paraíso ficava a uma centena de quilômetros do Rio e tinha nome: Araruama. Era lá que Paulo Coelho passava as férias escolares, quase sempre em companhia da irmã, Sônia Maria, dois anos mais nova. Quando as finanças familiares permitiam — algo pouco frequente, uma vez que o superávit do orçamento doméstico era drenado para o projeto da casa da Gávea —, eles iam para Belém do Pará, cidade onde viviam os avós paternos. Essa rotina só se interrompia se um dos dois fosse obrigado a cumprir férias no Rio, dependurado em uma segunda época ou tendo aulas de reforço. Isso na verdade só acontecia com Paulo, pois a irmã, esta sim, saíra uma menina exemplar. Segundo o mesmo critério de dar aos filhos a melhor educação sem olhar custos, Sônia fora matriculada desde cedo no Colégio Jacobina, uma espécie de Santo Inácio em versão feminina, onde se revelaria uma estudante aplicada, responsável e interessada em química, o que talvez permitisse antever a respeitada cientista em que se transformaria depois de adulta.

Situada na região dos Lagos fluminense e famosa por suas salinas intermináveis, Araruama não fora escolhida pelos Coelho por suas belezas naturais nem pelas propriedades curativas de suas areias, mas porque lá todos tinham hospedagem garantida na casa de um tio-avô de Paulo, o excêntrico José Braz Araripe. Formado em engenharia mecânica, ele fora contratado nos anos 1920 pelo Loide Brasileiro, empresa estatal de navegação, para dirigir as oficinas de reparos navais que a companhia mantinha nos Estados Unidos. Com a ajuda de outro engenheiro brasileiro, Fernando Iehly de Lemos, Araripe passava todo o tempo livre nos tornos e laboratórios do Loide, trabalhando no desenvolvimento de um invento que ia mudar sua vida — e a de milhões e milhões de consumidores pelo mundo afora, algo que a esmagadora maioria dos brasileiros ignora por completo: o câmbio automático para automóveis. Tio José partira de um protótipo criado em 1904 pelos irmãos Sturtevant, de Boston, nos Estados Unidos, e que não chegara a ser industrializado porque tinha só duas velocidades e funcionava apenas com o motor em alta rotação. Só em 1932, após milhares de horas de testes, é que a revolucionária engenhoca de Araripe e Lemos foi afinal patenteada. Nesse ano, a General Motors comprou deles os direitos de produção em série — o que passaria a acontecer a partir de 1938, quando a GM anunciou que o Oldsmobile, uma das marcas que a empresa produzia, teria como equipamento opcional a maior novidade desde a invenção do automóvel, o sistema HydraMatic, luxo pelo qual o consumidor pagava setenta dólares adicionais, cerca de um décimo do preço total do carro. As informações sobre a forma de remuneração dos dois brasileiros são contraditórias: algumas asseguram que cada qual embolsou uma pequena fortuna em dinheiro, à vista, e nada mais. Outras afirmam que ambos teriam optado por receber, enquanto vivessem, um percentual de cada caixa de câmbio comercializada. Seja como for, a partir de então, dinheiro nunca mais foi problema para Araripe — o “tio José”, como era tratado pelos sobrinhos-netos.

Com a conta bancária forrada e sem ter de se preocupar com o futuro, pediu demissão do Loide e retornou ao Brasil. O normal seria voltar a morar no Rio, onde vivia a família. Durante sua estada nos Estados Unidos, todavia, ele sofrera um pequeno acidente de trabalho que limitara parte dos movimentos de seu braço esquerdo — e alguém lhe disse que as areias negras de Araruama eram um remédio infalível para aquele tipo de problema. Mudou-se para lá, comprou um grande terreno na rua Oscar Clark, uma das principais da cidade, e construiu aquela que seria a sua mais visível extravagância: uma casa de seis dormitórios com todas as divisórias e móveis retráteis. A alguns comandos do dono, paredes, camas e mesas se recolhiam, transformando em minutos a residência no amplo galpão em que trabalhava o tio. Durante o ano, quando tudo permanecia embutido nos tetos e nas laterais, funcionava lá a oficina onde concebia e construía seus inventos.

Na alta temporada de verão, o sistema de roldanas fazia paredes e móveis descerem ao chão, deixando a casa pronta para receber a criançada. Uma noite por semana, no período de férias, as paredes desapareciam de novo para dar lugar a um projetor de filmes profissional, de 35 milímetros, e o galpão virava uma sala de cinema. Em alguns verões, tio José chegava a receber mais de vinte hóspedes, entre sobrinhos-netos, agregados e os poucos adultos que iam com a impossível missão de vigiar os pequenos. Os pais das crianças torciam o nariz para o comportamento exótico do tio, mas as comodidades oferecidas por ele falavam mais alto. Mães preocupadas sussurravam nos ouvidos umas das outras que, além de ateu, José costumava fazer

sessões fechadas de filmes pornográficos, quando havia só meninos na casa — o que, aliás, era verdade. Sessentão que nunca se casou, mas de quem muito tempo depois se descobriria uma filha tresmalhada, só em ocasiões especiais o inventor tirava o macacão de brim manchado de óleo (sob o qual jamais usava cuecas), o que costumava trazer-lhe contratempos. Quando decidiu trocar de carro, por exemplo, viajou ao Rio, visitou várias lojas e afinal escolheu o modelo, um Mercedes zero quilômetro. Mas só conseguiu tirá-lo da loja depois de muitos telefonemas e consultas bancárias, pois o vendedor temia entregar um automóvel tão caro a alguém que vestia um macacão imundo e rasgado na parte de trás, o que lhe deixava à mostra as nádegas brancas. Despojado e generoso, as excentricidades de sua casa eram compartilhadas com a vizinhança. Ao saber que o aparelho de tevê que acabara de comprar era o único da cidade, não hesitou em virar a tela do pesado móvel para a rua e improvisar uma pequena arquibancada para que todos pudessem usufruir, das sete às dez da noite, da nova mania nacional.

Michele Conte e Jorge Luiz Ramos, dois amigos de Paulo em Araruama, lembram-se de que todo ano ele chegava do Rio com alguma novidade. Uma vez foi a espingarda Diana, de ar comprimido, com a qual matou seu primeiro passarinho, um tiziu cujas asas negras foram cuidadosamente seccionadas do corpo e grudadas num pedaço de papel com a data e as características da ave (troféu que permaneceria entre os guardados de infância do escritor, em sua casa do Rio). No ano seguinte apareceu com uma máscara de mergulho e pés de pato de borracha, o que animou tio José a construir-lhe um arpão de caça submarina em que as setas eram propelidas por uma mola de arame, como nas antigas bestas medievais.

Assim como os demais garotos, visitantes ou nativos, Paulo acordava todos os dias com o céu ainda escuro. A lembrança que deixou na cidade é a de um menino de pernas finas com meias que batiam nos joelhos, calção largo e quase sempre um lenço na mão para enxugar um nariz que parecia não parar de escorrer. O bando sumia pelas matas e lagos da região, roubava barcos para pescar, invadia pomares, explorava grutas e cavernas. De volta à casa, no fim do dia, o produto da expedição — rolinhas mortas com tiros de chumbinho ou traíras e carapebas fígadas com o arpão do tio José — era entregue a Rosa, a cozinheira da casa, que limpava e preparava tudo para o jantar. Era comum que alguém voltasse machucado ou, como aconteceu uma vez com Paulo, preso pelo guarda-florestal por caçar animais silvestres.

Nos fins de semana em que aparecia na cidade para ver os filhos, Lygia entrava no clima de farra, pegava um violão e varava as noites dedilhando músicas do cantor americano de origem mexicana Trini Lopez e do estreante Roberto Carlos, acompanhada da meninada. O único programa que não atraía Paulo eram os bailes de carnaval. Ele achava bonitos os desfiles de fantasias do Rio, mas detestava dançar. Sentia-se ridículo quando era obrigado pelos amigos a pular no bailes carnavalescos de Araruama. Para não se sentir inferiorizado, logo que chegava ao clube ia direto para o banheiro, enfiava a camisa debaixo da torneira e tornava a vesti-la, ensopada. Se alguém o convidasse para entrar nos cordões que rodavam pelo salão, tinha uma desculpa visível:

— Acabei de dançar, olha como estou suado. Vou dar uma parada e já volto.

Araruama seria também o palco de descobertas adolescentes, como o primeiro porre. Duas garrafas de rum compradas secretamente no Rio e escondidas no meio das roupas, no fundo da mala, foram consumidas em minutos por ele e dois amigos em uma praia deserta da cidade. A pancada foi tão forte que Paulo dormiu na praia e acordou horas depois com o corpo inchado por causa de queimaduras de sol. Passou mal durante dias. O efeito do pileque foi tão devastador que, ao contrário de boa parte dos rapazes da sua geração, jamais seria um bebedor contumaz. O primeiro beijo também ocorreu em uma dessas férias. Embora gostasse de alardear para os amigos, de maneira teatral, que o destino reservara “outra sorte para meu primeiro beijo — uma prostituta”, ele aconteceu foi mesmo na atmosfera inocente de Araruama, dado por Élide, a Dedê, irmã mais velha do amigo Michele e um pouco mais jovem que Paulo — e que, para efeitos oficiais, passou a ser a primeira namorada do escritor. E foi em Araruama também que ele experimentou sua primeira pulsão sexual. Isso aconteceu após descobrir que as divisórias feitas pelo tio José eram de madeira mais leve e menos espessa, para serem içadas facilmente. O sobrinho passou a perfurar, aos poucos e silenciosamente, a parede ao lado de sua cama com a ponta de um canivete, sem chamar atenção de ninguém, até abrir um pequeno orifício. Era o suficiente para que passasse a desfrutar de um solitário privilégio, antes de dormir: espiar as primas, hóspedes do quarto vizinho, completamente nuas. A primeira vez foi um choque: ao ver com os próprios olhos, maravilhado, que meninas tinham o sexo coberto de pelos crespos, Paulo perdeu a respiração, teve taquicardia e tremedeira nas pernas. A emoção era tanta que temeu ser acometido de uma crise de asma e colocar tudo a perder.



Paulo aos quinze anos, na turma de ginásio do Colégio Santo Inácio: a cada ano ele se tornava um aluno ainda pior.

Sim, esta foi a má notícia que veio com a puberdade. As complicações respiratórias que o acompanhavam desde a maternidade tinham evoluído para uma asma mortificante. Provocadas por causas diversas — alterações climáticas, poeira, mofo, fumaça —, as crises eram imprevisíveis. Começavam com falta de ar, tosse e sibilância no peito e acabavam desencadeando uma sensação de asfixia que exigia um esforço tão grande para expulsar o ar que parecia arrebentar-lhe os pulmões. Desde a primeira manifestação da doença, em uma breve viagem da família à praia de Guarapari, no Espírito Santo, Paulo passou a andar o tempo todo com uma bolsa repleta de xaropes, broncodilatadores (em geral comprimidos à base de cortisona) e a inseparável “bombinha” de spray com o medicamento que aliviava as crises. Era comum os pais se revezarem noites seguidas ao lado de sua cama para socorrê-lo em uma emergência. No desespero, Lygia chegou a levá-lo a um médico espírita, indicado por amigos. Ao chegarem ao consultório, o homem olhou fixo nos olhos de Paulo, sentado à sua frente, e disse apenas cinco palavras:

— Estou vendo o doutor Fritz.

Foi o bastante para que a mãe tomasse o filho pela mão e o levasse embora, resmungando que “aquilo não era lugar para um cristão”. Quando a asma se manifestava em Araruama, longe dos cuidados maternos, a troca de cartas entre Paulo e a mãe tornava-se mais frequente e às vezes aflitiva. “Você não poderia vir com a tia Elisa pra me curar?”, pedia ele, choroso, o que costumava provocar telegramas preocupados de Lygia para a tia que cuidava das crianças na praia: “Estou aflitíssima com a asma do Paulo. O médico mandou dar uma ampola de Redutil durante três dias seguidos e dois comprimidos de Meticorten por dia. Mande notícias”.

Embora costumasse dizer que gostava muito de receber cartas, mas não de escrevê-las, tão logo se alfabetizou, Paulo aproveitava todas as datas festivas para encher páginas e páginas dirigidas sobretudo aos pais. O conteúdo delas revela um menino maduro, delicado e preocupado com a fama de levado e mau aluno. As escritas para Lygia eram açucaradas e se desmanchavam em carinhos, como esta, enviada no Dia das Mães de 1957, quando tinha nove anos:

Querida mamãe: não, não precisamos do dia 8 de maio para nos lembrarmos de todas as coisas boas que temos recebido de você. Do carinho e dedicação que são constantes apesar de sermos, muitas vezes, meninos feios, desobedientes [...]

Mas realmente é o seu amor que nos perdoa. Este amor que é elástico e que nunca arrebenta como aquelas balas de mascar... Que Deus a guarde, mamãe querida, e perdoe meus erros porque sou ainda pequenino e prometo emendar-me o mais breve possível

Carinhosamente

Paulinho

Ainda que respingadas de carinho aqui e ali, as cartas dirigidas ao pai eram mais formais, inclusive na assinatura, e quase sempre reivindicatórias:

Papai:

Já mandou redigir meus impressos? E a casa nova, sempre em frente? Quando nos

mudaremos?

Estou contando com sua presença aqui na próxima vinda.

Um abraço,

Paulo Coelho

Com o passar do tempo, escrever cartas tornou-se um hábito regular. Escrevia para os pais, tios, avós e amigos. Se não havia mais possíveis destinatários, simplesmente anotava ideias em pedacinhos de papel e depois escondia os rabiscos em um lugar secreto, a salvo de olhares indiscretos. Por volta dos doze anos comprou uma agenda de bolso, dessas que cabem na palma da mão de um adulto, em cujas páginas passou a fazer anotações diárias. Escrevia sempre a tinta, com letra ainda irregular e insegura, mas em português com poucos erros. Começou registrando tarefas típicas de um adolescente — “arrumar minha mesa”, “aniversário do Fred” ou “telegrafar ao vovô Cazuza” — e aos poucos passou a marcar não só os lembretes, mas também o que havia feito. Ou visto, ou, simplesmente, pensado. Às vezes eram curtos registros com palavras-chave que pareciam fazer sentido apenas para ele, como “trocar s. com o Zeca”, “papai: equações” ou “fazer a parte E do plano”. É dessa época seu primeiro esboço de autorretrato:



Lembranças de um paraíso chamado Araruama: a fantástica casa do tio José, um carro fabricado por ele e as asas do primeiro passarinho abatido por Paulo.

Nasci no dia 24 de agosto de 1947 na Casa de Saúde São José. Desde pequeno moro nesta vila. Já cursei em três colégios sendo que em todos os três fui tido como um príncipe, tal a maneira que me vestia. Em todos os colégios que fui tive sempre boas notas.

Gosto muito de estudar, mas também gosto de brincar. Nunca me interessei por ópera e nem música romântica. Detesto o rock-and-roll, mas gosto muito de música popular brasileira. Só gosto de carnaval quando me levam a bailes de fantasias.

Gosto muito de aventuras, mas tenho muito medo de coisas perigosas. [...] Já tive várias namoradas. Adoro esporte. Minha profissão preferida é ser cientista químico, pois gosto de lidar com vidros e remédios. Gosto muito de cinema, pescar e fazer aeromodelismo.

Gosto muito de ler gibis e de palavras cruzadas. Detesto fazer piqueniques e excursões e também não gosto de coisa que canse.

Aquele exercício regular de escrever sobre si mesmo ou sobre fatos do seu dia a dia seduziu-o de tal forma que Paulo passou a registrar tudo — ora em um diário manuscrito, ora ditando para um gravador cassete e guardando as fitas. Com o advento da informática, trocou os cadernos espiralados por arquivos digitais. Juntou toda a produção acumulada até ali e depositou em um baú, trancado a cadeado, nada menos que quatro décadas de confissões. Sob aqueles 170 grossos cadernos manuscritos e 94 CDs de áudio jaziam minúcias de sua vida e sua alma desde 1959, quando tinha doze anos de idade, até 1995, aos 48, quando passou a escrever diretamente no computador. Já adulto e famoso, determinou em testamento público que imediatamente após a sua morte o baú deveria ser incinerado com todo o conteúdo — decisão posteriormente revogada em benefício desta biografia. Tem-se como certo que, salvo nos casos em que são produzidos para publicação, diários carregam implícita a expectativa de que algum dia aquilo será lido por alguém — ou nem teriam sido escritos. Como são registros produzidos quase simultaneamente à emoção ou à ação descrita, sem tempo suficiente para que os fatos sejam mais bem elaborados, na maioria das vezes terminam sendo verdadeiros exercícios de catarse para o autor. Isso é evidente nos diários de Paulo, nos quais chama atenção o exagerado espaço dedicado à exposição dos desvãos sombrios, às vezes perversos, de sua personalidade, em detrimento do seu lado mais generoso e sensível, assim como das conquistas e momentos felizes, que, embora menos frequentes nesse período, nem por isso deveriam deixar de receber registro.

O diário dava ao autor liberdade para fantasiar à vontade. Ao contrário do que escreveu, Paulo raramente se vestia com apuro, abominava tanto estudar como praticar esportes, e os namoros nem sempre terminavam com final feliz. Por sua contabilidade podiam ser consideradas namoradas a prima Cecília (a do laquê), com quem tivera um flerte; a vizinha Mônica, da vila; Dedê, a do primeiro beijo em Araruama; e Ana Maria, a Tatá, uma linda moreninha de aparelho nos dentes. Perturbadora como costumam ser as paixões juvenis, a aparição dessa menina em sua vida deixou-o fora de órbita, merecendo relatos com cores dramáticas. “Pela primeira vez chorei por causa de uma mulher”, escreveu. “Com ela experimentei a infelicidade, o desgosto pela vida.” De noite, rolando de insônia na cama, via-se como personagem de uma tragédia de Nelson Rodrigues: ao passar de bicicleta em frente à casa da namorada, era atropelado por um carro e caía no chão, ensanguentado. Vinda não se sabe de onde, ela se ajoelhava em prantos sobre seu corpo, a tempo de ouvi-lo pronunciar as últimas palavras, antes de exalar o derradeiro suspiro: “Este é o meu sangue. Foi derramado por ti. Lembre-se de mim...”

Embora fosse uma relação platônica, a rejeição dos pais dela foi imediata. Proibida de continuar o namoro com aquele “menino esquisito”, a garota encheu-se de brios e enfrentou a oposição da família. Até surras levava da mãe, confidenciou-lhe, mas nem assim desistiria dele. Paulo passava férias em Araruama quando a notícia chegou pelo correio, em duas linhas escritas por Chico, um amigo da vila: “A Tatá manda dizer que está tudo terminado. Está namorando outro”. Foi como se as paredes da casa do tio José desabassem sobre sua cabeça.

Não se tratava só da perda da namorada, mas da desmoralização diante dos amigos por ter sido miseravelmente traído, corneado por uma mulher. Ele aceitava tudo, menos “perder o moral na vila”. Para isso, inventou uma história mirabolante, transmitida ao amigo também por carta, no dia seguinte: Chico estava autorizado a revelar a todos o segredo que envolvia seu namoro com Tatá. Na verdade, mentiu, nunca sentira nada por ela, mas, como era “agente secreto do CIC — Central Intelligence Center —, agência de espionagem dos Estados Unidos”, recebera a missão de levantar a ficha da garota. Esta tinha sido a única razão para se aproximar dela. Uma semana depois, após ler nova carta de Chico, anotou no diário: “Ele acreditou na minha história, mas a partir de agora terei que viver de mentiras coletivas. As aparências estão salvas, mas meu coração arde”.

O coração de Lygia e Pedro também ardia, e não era por amor. Os primeiros meses do filho no curso ginásial do Santo Inácio tinham sido um fracasso. Dia de entrega dos boletins com as notas mensais era dia de briga em casa. Enquanto a irmã Sônia Maria brilhava nos primeiros lugares do Jacobina, Paulo despencava ladeira abaixo. Salvo raras exceções — em geral matérias irrelevantes, como canto orfeônico ou trabalhos manuais —, ele mal chegava à média cinco, exigida para a permanência no colégio. Só após a imposição de severa vigilância doméstica, que o obrigava a horas seguidas de estudo em casa, e à custa de aulas de reforço em várias disciplinas, ele conseguiu terminar a primeira série ginásial, e ainda assim com a pífia média geral de 6,3. Na segunda, a situação piorou. Continuava tirando notas altas em canto orfeônico, mas não atingia sequer a nota média mínima no que importava, que era matemática, português, história, geografia, latim, inglês...

Os pais, todavia, sabiam que o filho era um menino de boa índole e que a mão de ferro dos jesuítas haveria de trazê-lo de volta ao caminho do bem. Com o passar do tempo, Paulo tornava-se

cada vez mais tímido, retraído e inseguro. Aos poucos perdeu o interesse até pelo programa preferido dos colegas do Santo Inácio: dar plantão na porta do Colégio Jacobina, onde estudava a irmã Sônia Maria, para ver a saída das garotas. Aquilo era um refrigério de que muitos se lembrariam para o resto da vida, como o ex-aluno Ricardo Hofstetter, que viria a ser escritor e roteirista:

— Era um programa mágico caminhar aqueles dois ou três quarteirões para vê-las saindo. Até hoje guardo esta imagem na cabeça: as pernas delicadas e deliciosas das meninas, meio à mostra, meio escondidas por aquelas saias pregueadas. Elas saíam em bandos, bandos de pernas e saias pregueadas que o vento tornava ainda mais interessantes. Os que conseguiam esta façanha garantem que não havia nada mais sublime no mundo, mas eu nunca namorei uma menina do Jacobina.

Paulo também não. Nem do Jacobina nem de qualquer outro colégio. Salvo os flertes e os bilhetinhos inocentes trocados com as garotas da vila ou de Araruama, chegara à adolescência sem nunca ter tido uma namorada para valer. Quando os amigos se juntavam para alardear gabolices e conquistas emocionantes — na realidade, nada além de rápidos beijos, apertos de mão e eventuais amassos —, era o único que não tinha nenhuma aventura para contar. O destino não fizera dele um rapaz bonito. Sua cabeça era grande demais para o corpo franzino e de ombros estreitos. Os lábios eram grossos, como os do pai, e o nariz também parecia exagerado para o rosto de um menino daquela idade. Cada dia mais solitário, Paulo se enterrava nos livros — não naqueles cuja leitura era exigida pelos padres do Santo Inácio, que odiava, mas nas histórias de aventuras e nos romances. Mesmo tendo se convertido em leitor voraz e regular, isto não contribuía para melhorar seu desempenho no colégio. Todo final de ano, na cerimônia pública de premiação dos melhores alunos, habituara-se a ver os colegas, alguns deles futuros figurões da vida pública brasileira, levantando-se para receber diplomas e medalhas, ao passo que seu nome nunca era chamado para subir ao palco. No fim do terceiro ginásial, o futuro filósofo e ministro Roberto Mangabeira Unger receberia medalhas de primeiro colocado em religião, latim, inglês, história geral, história e geografia do Brasil, e diplomas de segundo lugar em português, ciências e canto orfeônico, enquanto ele passara de ano raspando na trave, com apenas três centésimos de nota acima do limite. Até mesmo a medalha por frequência fora perdida para Albano Franco, futuro senador e governador de Sergipe. O certo é que por um triz deixara de perder o ano e ter que arranjar outra escola, uma vez que no Santo Inácio a reprovação era sinônimo da porta da rua.

Se como estudante o filho se mostrava um retumbante fracasso, os pais ainda alimentavam a expectativa de que desse um bom cristão. E, nesse terreno, ele de fato parecia bem encaminhado. Avesse aos estudos, sentia-se confortável no pesado ambiente de religiosidade do colégio. Vestido em uniforme de gala, ia sem protestos à missa obrigatória aos domingos, inteiramente celebrada em latim, e familiarizara-se com os enigmáticos rituais, como cobrir com mantos roxos as imagens de santos durante toda a Quaresma. Até as tenebrosas catacumbas subterrâneas, onde jaziam os restos mortais de jesuítas, despertavam sua curiosidade, embora nunca tivesse tido coragem de lá entrar. As esperanças de Lygia e Pedro de salvar a alma do filho renasceram na quarta série ginásial, quando ele tomou a iniciativa de se inscrever em um dos retiros espirituais promovidos pelo Santo Inácio. Os encontros duravam de três a quatro dias e eram realizados durante a semana, para afastar qualquer semelhança com uma colônia de férias ou de recreio. E aconteciam sempre na Casa de Retiros Padre Anchieta, ou simplesmente Casa da Gávea, como era conhecida, uma chácara encarapitada no então remoto bairro de São Conrado, a quinze quilômetros do centro do Rio. Construída em 1935 e cercada de mata fechada, a sede era um pesado casarão branco de três andares e com trinta janelas azuis frontais, equivalentes aos trinta quartos onde ficavam os hóspedes. De qualquer um deles descortinava-se uma vista esplendorosa para a deserta praia de São Conrado. Os jesuítas não se cansavam de repetir que o silêncio na casa era tão profundo e tão rigorosamente respeitado que, a qualquer hora do dia ou da noite — e de qualquer ponto do prédio —, era possível ouvir as ondas do mar quebrando na praia lá embaixo.

E foi em uma calorenta manhã de outubro de 1962 que Paulo partiu para seu encontro com Deus. Na pequena valise preparada pela mãe iam, além das roupas e objetos de uso pessoal, seus novos e inseparáveis companheiros: um caderno de capa dura e uma caneta-tinteiro para as anotações que cada dia mais tomavam a forma de um diário. Às oito da manhã, todos os garotos estavam a postos no pátio do Santo Inácio. Enquanto aguardava o ônibus que os levaria ao retiro, o futuro escritor foi tomado de súbita coragem. Acompanhado de dois amigos, entrou na capela às escuras, contornou o altar e desceu as escadas em direção às catacumbas. Iluminado apenas por velas, o subterrâneo repleto de caixões adquiria aparência ainda mais lúgubre. Para seu próprio espanto, porém, em vez de ser tomado de terror, como sempre imaginara, sentiu um conforto

indescritível. Parecia inspirado ao buscar explicações para a inesperada valentia. “Talvez eu estivesse vendo não a morte com suas feições tétricas”, escreveria em seu caderno, “mas o descanso eterno daqueles que viveram e sofreram por Jesus”.

Meia hora depois estavam todos na Casa da Gávea. Nos dias seguintes Paulo dividiria com outro jovem um despojado cubículo com duas camas, um guarda-roupa, uma mesa, duas cadeiras e um oratório preso à parede. Num canto, uma pia de louça e, sobre ela, um espelho — “certamente para podermos apreciar nosso rejuvenescimento nos dias que passaremos aqui”, anotou, otimista, no diário. Desfeitas as malas, ambos desceram ao refeitório, onde era servido chá com biscoitos. Orientador espiritual da turma, o padre João Batista Ruffier anunciava as normas do retiro, a primeira das quais entraria em vigor dali a dez minutos: o voto de silêncio. Isso mesmo: a partir de então, e até que cruzassem a porta de saída, no final do retiro, ninguém poderia pronunciar uma palavra que fosse. Zelador do cumprimento das regras do jogo, padre Ruffier — um atarracado e enérgico gaúcho filho de franceses, cujo hobby era a criação de abelhas — iniciaria mais uma de suas célebres prédicas que ficariam na memória de gerações de inicianos:

— Vocês estão aqui como máquinas que vão para a revisão. Procurem desmontar-se peça por peça. Não tenham medo de ver a sujeira que ficará. O mais importante é que remontem cada peça no lugar certo, com a mais absoluta honestidade.

O sermão durou quase uma hora, mas foram essas primeiras palavras que ficaram repicando o dia todo na cabeça de Paulo, que passou a tarde solitário, caminhando no meio do bosque ao redor da casa. À noite, anotou no caderno: “Revi todos os meus pensamentos dos últimos dias e estou pronto para corrigir-me”. Rezou uma ave-maria, um pai-nosso e caiu no sono.

Embora o padre Ruffier não tivesse deixado dúvidas quanto ao sentido do retiro — “aqui vocês se afastarão das solicitações da vida para se consagrarem à meditação, à oração” —, nem todos estavam lá para reflexões cristãs. Sabia-se que, terminado o jantar e após a última oração do dia, vultos se esgueiravam pelos corredores escuros do casarão e se remiam clandestinamente em pequenos grupos para sussurradas rodadas de pôquer e sete e meio. Se algum dos garotos conseguisse esconder na bagagem um radinho de pilha — algo expressamente proibido — capaz de sintonizar a Rádio Jornal do Brasil, logo aparecia alguém propondo apostar nas corridas de cavalos do Jockey Club. Madrugada adentro, o ambiente religioso era profanado pelo jogo, pelo fumo e até por bebedeiras de uísque contrabandeado em embalagens de xampu. Quando a luz acesa de um cubículo denunciava atividades suspeitas, algum padre mais atento logo cortava a energia do quarto. O que nem sempre resolvia o problema, pois a farra herege prosseguia à luz de velas subtraídas da capela durante o dia.

No segundo dia, Paulo acordou às cinco da manhã com pensamentos confusos, mas seu estado de espírito melhorou um pouco ao abrir as janelas do quarto e vislumbrar os primeiros raios de sol sobre o mar. Às seis em ponto, ainda em jejum, ao encontrar os colegas na capela para a missa diária, estava disposto a acertar suas contas com Deus e fazer algo que vinha protelando por quase um ano: comungar. O problema não era a comunhão, mas o sacrifício que significavam as confissões — um ritual conhecido dos garotos. Estes chegavam ao confessionário dispostos a revelar apenas os pecados banais, mas sabiam que ninguém se ajoelhava ali impunemente. No final vinha o inevitável, com o padre perguntando, sem rodeios: “Pecou contra a castidade, meu filho?” Se a resposta fosse afirmativa, as perguntas seguintes estavam engatilhadas: “Sozinho ou acompanhado?” Se era acompanhado, o padre continuava, para mortificação dos mais tímidos: “Com pessoa ou animal?” Sendo “com pessoa”, o pecador não precisava identificar o parceiro, apenas o sexo: “Com menino ou com menina?”

Paulo sentia enorme dificuldade em tratar desse assunto e não entendia como aquilo podia ser pecado. Tinha tamanha convicção de que a masturbação não deveria envergonhar ninguém que chegou a escrever com todas as letras, em seu caderno: “Ninguém nesta terra pode atirar a primeira pedra contra mim, pois ninguém escapou desta tentação”. Apesar disso, nunca tivera coragem de confessar a um padre que se masturbava, e essa convivência permanente com o pecado o deixava mortificado. Com a alma dividida, preferiu rezar apenas o ato de contrição e comungar sem a confissão. Após a missa, padre Ruffier voltou à carga em um sermão duro. Diante de uma plateia de olhos esbugalhados, o sacerdote pintou uma aterradora visão do lugar para onde iriam todos os pecadores.

— Estamos no inferno! O fogo arde impiedoso! Aqui só se veem lágrimas e só se ouve o ranger de dentes do ódio de uns contra os outros. Encontro-me então com um colega e o amaldiçoo por ter sido ele a causa da minha condenação. E, enquanto choramos de dor e de remorso, o Demônio sorri um sorriso que nos faz sofrer ainda mais. Mas o pior castigo, a pior dor, o pior sofrimento é não termos nenhuma esperança. Estamos aqui para todo o sempre.

Paulo não tinha dúvidas: era dele que o padre Ruffier estava falando. Após doze meses sem se

confessar — para não ter que tocar no tabu da masturbação —, entendeu que, se morresse de repente, este seria o seu destino: o inferno. Imaginou o Demônio olhando-o nos olhos e gargalhando sarcasticamente: “Meu caro, seu sofrimento ainda nem começou”. Sentia-se desarmado, impotente e confuso. Não tinha a quem recorrer, mas sabia que um retiro inaciano era um lugar de certezas, não de dúvidas. Entre penar eternamente nas chamas descritas pelo padre e abdicar do prazer solitário, optou pela fé. Tomado de emoção, sozinho e ajoelhado sobre a laje de pedra do mirante, dirigiu-se a Deus e fez o voto solene de nunca mais se masturbar. A decisão o fez sentir-se corajoso e apaziguou seu coração. Mas a sensação ia durar pouco. No dia seguinte o Demônio contra-atacou com tal energia que ele não resistiu à tentação e, derrotado, se masturbou. Saiu do banheiro como se tivesse com as mãos sujas de sangue, ajoelhou-se diante do oratório e implorou:

— Senhor! Eu quero me arrepender, mas não consigo me conter! Fiz milhões de atos de contrição, mas não paro de pecar. Peco por pensamentos, palavras e obras. Dai-me forças! Por favor! Por favor! Por favor!

Tomado pelo desespero, só experimentou alívio quando, em um sussurro cochichado no bosque, soube que teria companhia no sofrimento eterno: um colega também se masturbara ali no retiro. Envergonhado da própria fraqueza, antes de ir embora ainda seria submetido a duas prédicas do padre Ruffier que pareciam ter sido escolhidas meticulosamente para chacoalhar a cabeça dos garotos. Mais uma vez o religioso recorreria a imagens dramáticas e aterradoras, agora para alertá-los para os perigos do apego aos valores materiais. De cima do púlpito, gesticulava como um ator, agitando no ar os braços curtos e musculosos:

— Pois em verdade, em verdade vos digo, meus filhos: há de chegar a hora em que todos estaremos deitados. Imaginem-se agonizando. No quarto do hospital, parentes lívidos e nervosos. A mesa de cabeceira cheia de remédios, agora inúteis. É nessa hora então que você vê que é fraco. Humildemente, reconhece que é impotente. De que lhe adiantarão na hora fatal a fama, o dinheiro, os automóveis, o luxo? Para que tudo isto, se o final pertence ao Criador?

De punhos cerrados, seus pulsos pareciam duas toras de madeira. Padre Ruffier vociferava como se estivesse possuído por fúria divina:

— Abandonemos tudo, meus filhos! Abandonemos tudo!

Que ninguém confundisse aquelas palavras com a mais remota referência a socialismo ou algo semelhante. E não era apenas porque na plateia estavam os filhos de algumas das mais abastadas famílias do Rio de Janeiro. Politicamente conservador, o Santo Inácio fazia contínuas exibições de filmes dos fuzilamentos ocorridos na Cuba de Fidel Castro para denunciar aos jovens “o caráter sanguinário do comunismo”. E o próprio padre Ruffier se gabava de ter saído às pressas da Colômbia “fugindo do comunismo” (ele referia-se à revolta popular ocorrida em Bogotá em 1948 e conhecida como “Bogotazo”). Enquanto os garotos se entreolhavam assustados, o religioso retomou o fôlego. O assunto era de novo o inferno. Como se a primeira parte do sermão não tivesse sido suficientemente clara, reiterou o caráter eterno do sofrimento a que seriam condenados os pecadores:

— O inferno é como o mar que temos diante dos olhos. Imaginem que uma andorinha venha, de cem em cem anos, e retire uma gota de água de cada vez. Essa andorinha é você e esta é a sua penitência. Você sofrerá milhões e milhões de anos, mas um dia o mar estará vazio. E você dirá: enfim tudo acabou, agora posso descansar em paz.

Padre Ruffier faz uma pausa estratégica e encerra:

— Mas então o Criador sorrirá das alturas e dirá: isto foi apenas o princípio. Agora virão outros mares e assim será por toda a eternidade. A andorinha esvazia e eu encho de novo.

Paulo passou o resto do dia com aquelas palavras ecoando na cabeça. Andou pela mata que circundava o retiro, tentou se distrair com a beleza da vista, mas o verbo do padre Ruffier era mais forte. À noite, na última reflexão antes de pegar no sono, fez anotações no caderno, nas quais parece ter-se dado conta da eficiência do retiro espiritual.

Aqui eu esqueci completamente o mundo. Esqueci que estou para levar bomba em matemática, esqueci que o Botafogo está na liderança e esqueci que vou passear na ilha de Itaipu semana que vem. Mas eu sinto que em cada minuto de esquecimento estou aprendendo a compreender melhor o mundo. Volto para o mundo que antes não compreendia e detestava, mas que o retiro me ensinou a amar e entender. Aqui aprendi a ver a beleza num fio de capim e numa pedra. Em suma, aprendi a viver.

O mais importante de tudo é que voltaria para casa certo de ter adquirido a virtude que, com todos os altos e baixos, seria a grande linha condutora de sua vida: a fé. Até seus pais, que

pareciam ter perdido as esperanças de recolocá-lo nos eixos, animaram-se com o novo Paulo que os jesuítas lhes restituíram. “Estamos muito felizes em ver que você finalmente parece ter acertado o passo”, festejou Lygia, ao recebê-lo de volta. A conversão do filho era o que faltava para completar a harmonia doméstica, pois a parte material dos sonhos de Pedro Queima Coelho tinha acabado de se realizar: meses antes a família afinal se mudara para o casarão cor-de-rosa que ele se orgulhava de ter construído com as próprias mãos. Na verdade, a mudança para a Gávea acontecera antes mesmo que a construção chegasse ao fim, o que significava viver ainda um bom tempo entre latas de tinta, pias e banheiras empilhadas pelos cantos. Mesmo assim era uma casa para encher os olhos de qualquer um, com salas de jantar, de estar e de visitas, banheiros privativos em todos os dormitórios, escadaria de mármore, varanda. O jardim de inverno era um pátio interno tão espaçoso que Paulo chegou a pensar, tempos depois, em utilizá-lo para ensaios de peças teatrais. Embora a localização fosse privilegiada, a meio caminho da lagoa Rodrigo de Freitas e da praia de Ipanema, não havia, naquele começo dos anos 1960, uma só construção no bairro que começava a se urbanizar. Além da casa que o dr. Pedro construía para o sogro, em um terreno contíguo, o que de fato mudava a paisagem do lugar era a favela conhecida como Parque Proletário da Gávea, que se espalhava pelas vizinhanças. Com a fase da penúria chegando ao fim, Lygia podia também, afinal, colocar em prática seus dotes de mulher sofisticada. Equipou a casa com talheres de prata legítima e serviços de jantar de fina porcelana, comprou o piano de meia cauda, do qual tirava acordes para deleite dos filhos e do marido — *Sonata ao Luar* era sua peça predileta —, e contratou um funcionário que fazia as vezes de mordomo e copeiro. Sempre precedidos de oração, almoço e jantar passaram a ser servidos à francesa, com hora certa e toda a família em torno da mesa.



Padre Ruffier e os terríveis retiros espirituais na Casa da Gávea: a masturbação punida com o fogo eterno do inferno.

Para Paulo a mudança foi um choque. Trocar a vila de Botafogo, lugar onde nascera e território em que era o líder incontestado, pela Gávea, na época um imenso matagal, com raras casas e prédios nas proximidades, foi um processo doloroso. A mudança de bairro, porém, não diminuiu antigos temores de seus pais — ou, mais precisamente, do pai. Obsessivamente preocupado com os danos que “a rua” pudesse trazer ao caráter e à formação do filho, o dr. Pedro achou melhor proibir suas saídas noturnas. Assim, da noite para o dia ele deixou de ter amigos. A turma da vila, com a qual tinha crescido, desaparecera num estalar de dedos. A vida passou a se resumir a três atividades: dormir, ir às aulas no Santo Inácio e ler, em casa. Ler não era novidade. Até nos estatutos das Organizações Arco, ele tinha conseguido enfiar uma cláusula relacionada aos livros, estabelecendo que “além das diversas atividades, todo dia deverá haver uma leitura recreativa”.

Começara lendo os clássicos infantojuvenis que os pais brasileiros costumavam dar aos filhos, como Monteiro Lobato e *O Tesouro da Juventude*. Depois pulou para Conan Doyle e logo tinha repassado toda a coleção de Sherlock Holmes. Ao fazer, por exigência do colégio, a leitura comentada do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, anotou suas opiniões num caderno, à medida que lia. Começa torcendo o nariz: “Não estou gostando do livro. Não sei por que Aluísio Azevedo explora tanto o sexo nele”. Alguns capítulos depois, muda radicalmente de opinião e rasga elogios à obra: “Afim, estou compreendendo *O Cortiço*: a vida sem ideal, cheia de traição, o remorso que embebeda e humilha. A lição que tirei é que a vida é longa e decepcionante. *O Cortiço* é um livro sublime. Nos faz meditar sobre a desgraça do próximo”. O que era originalmente uma obrigação escolar virou um prazer. A partir de então, todos os livros lidos mereciam uma crítica. Seus registros tanto podiam ser veredictos curtos — como “enredo fraco”, para referir-se a *Você Gosta de Brahms?*, de Françoise Sagan — como os intermináveis parágrafos que gastou para dizer que o livro *Vuzz*, de P. A. Hourey, era “magnífico”.

Paulo efetivamente passou a ler muito e ler de tudo. Lia o que lhe caísse às mãos, dos líricos poemas de Michel Quoist aos pedregosos textos de Jean-Paul Sartre. Lia best-sellers de Leon Uris, coletâneas policiais de Ellery Queen e obras pseudocientíficas como *O Homem no Cosmos* (classificado em suas anotações como “pura propaganda vermelha mal disfarçada”). Em poucos meses de exílio noturno, leu trinta livros. Às vezes devorava um romance de um dia para outro, como aconteceu com *Informação ao Crucificado*, de Carlos Heitor Cony, que o impressionou muito: “O melhor livro que li neste ano. Indescribível tudo o que senti. Sublime”. Entusiasmado com a descoberta, logo tratou de conseguir um exemplar de *Matéria de Memória*, outro sucesso do escritor carioca. Só que desta vez não iam sobrar elogios para Cony: “Sua falha é o autor, influenciado pela revista *Senhor*, mostrar o pensamento da mulher muito parecido com o do homem, em matéria de pornografia”. O pretensioso, estapafúrdio julgamento mostrava que o fedelho lia *Senhor*, a mais sofisticada publicação brasileira da época, mas exibia traços precocemente conservadores quando o tema era sexualidade. Suas pequenas resenhas literárias deixam a impressão de que lia com um olho voltado para a estética e outro para os bons costumes. Considerações do tipo “é poesia que contém aspectos degradantes da moral humana, perfeitamente dispensáveis” (ao falar do livro *Para Viver um Grande Amor*, de Vinicius de Moraes) ou “o brasileiro ainda não está suficientemente amadurecido para este tipo de leitura” (referindo-se à peça *Bonitinha, mas Ordinária*, de Nelson Rodrigues) eram frequentes em suas listas. Sobre Nelson Rodrigues, disse mais: “Dizem que ele é escravo do público, mas não concordo. Ele nasceu para aquele tipo de literatura, não é o povo que o obriga”.

Em política seu comportamento não era menos preconceituoso. Ao assistir ao filme *Seara Vermelha*, inspirado no livro homônimo de Jorge Amado, lamentou tratar-se de obra “sensivelmente comunista, mostrando a exploração do homem pelo homem”. Daí a sua agradável surpresa ao terminar a leitura de outro best-seller do escritor baiano. Ao contrário de sua experiência com Cony, estava inebriado ao terminar *Gabriela, Cravo e Canela*: “Que naturalidade... Nem sombra de comunismo em suas páginas. Gostei muito”. Considerava Manuel Bandeira o maior poeta brasileiro (“por deixar de lado aspectos sujos da vida, pelo estilo simples e sóbrio”), detestava João Cabral de Melo Neto (“li alguns versos e logo fechei o livro”) e confessava não entender Carlos Drummond de Andrade (“tem um estilo abstrato e confuso, o que torna difícil interpretar sua poesia”).

São aparentemente dessa época, quando tinha entre treze e catorze anos, os primeiros sintomas de uma irreprimível ideia fixa, uma verdadeira obsessão que não o abandonaria jamais: ser escritor. Quase meio século depois, consagrado como um dos autores mais lidos em todos os tempos, ele revelaria, em um parágrafo de seu livro *O Zahir*, as razões que o levaram àquele sonho:

Escrevo porque quando era adolescente não sabia jogar bem futebol, não tinha carro, não tinha uma boa mesada, não tinha músculos. Tampouco usava roupas da moda. As meninas da minha turma só se interessavam por isso, e não conseguia que prestassem atenção em mim. À noite, quando meus amigos estavam com suas namoradas, eu passei a usar meu tempo livre para criar um mundo onde pudesse ser feliz: meus companheiros eram os escritores e seus livros.

A bem da verdade, Paulo se considerava escritor mesmo antes de proclamá-lo. Além de ter sido o vencedor do concurso de redações do Nossa Senhora das Vitórias, desde que fora alfabetizado, tornara-se poeta em tempo integral. Cometia versinhos e trovas para os pais, avós, amigos, primos, namoradinhas e até para os santos cultuados pela família. Coisas como “Senhora, nesta

noite febril de adolescência / Eu vos ofereço minha infância pura / Que agora o fogo devora / E transforma em fumaça para subir até vós / Que o fogo também assim me liberte do passado”, inspirado na Virgem Maria, ou quadrinhas escritas para os pais: “Se o maior bem do mundo / Deus concede aos que são pais / Também é certo e profundo / São eles que sofrem mais”. Se não havia a quem dedicar seus versos, escrevia-os para si mesmo: “O passado se apagou / E o futuro ainda não veio / Vago no presente inexistível / Com amor, ideal, descrença / Parece que estou apenas / Passando pela vida”.

Quando, mais velho, ganhou intimidade com livros e bibliotecas, caiu-lhe nas mãos uma citação atribuída a Émile Zola, na qual o autor de *J’Accuse* teria afirmado, a respeito da poesia, algo parecido com “minha musa tem-me saído uma lambisgoia inútil; doravante serei prosador”. Falsa ou verdadeira, Paulo achou que a frase parecia feita sob medida para ele e decidiu incorporá-la formalmente. “Hoje encerro minha fase poética”, anotou no diário, “para me dedicar apenas ao teatro e ao romance”. Juntou tudo o que havia escrito até então — quantidades industriais de poemas, sonetos e quadras —, fez um monte no jardim de casa e ateou fogo. Se fosse para valer, a promessa teria sido uma manifestação de ingratidão com a arte de versejar. Afinal, fora um poema de sua autoria — “Mulher de Treze Anos” — que o tirara do anonimato entre os 1.200 alunos do Santo Inácio. Uma das tradições inacianas era a Academia de Letras do Santo Inácio (ALSI), criada em 1941 e responsável pela agitação cultural entre os estudantes. Era comum ver grandes nomes da cultura nacional nos eventos da ALSI, como os cronistas Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, poetas do calibre de Bandeira e Drummond, e pensadores cristãos como Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde. Aos catorze anos, Paulo aparecera pela primeira vez nas páginas da revista *Vitória Colegial*, órgão oficial da ALSI, com um pequeno texto intitulado “Por que Gosto de Livros”. Era uma inequívoca defesa dos autores, dramaticamente pintados como seres que passavam noites em claro, “sem comer, explorados pelos editores”, para depois morrerem esquecidos:

O que representa um livro? Um livro representa um cabedal de cultura inigualável. É o livro que nos abre a janela para o mundo. Por intermédio do livro, vivemos as grandes aventuras de D. Quixote e Tarzan como se nós próprios fôssemos os personagens; rimos com as historietas hilariantes de D. Camilo, sofremos como sofrem as figuras de outras grandes obras da literatura universal. Por isso, gosto de livros, nas horas de folga. Através de um livro, nos formamos para o futuro. Aprendemos, apenas com o passar de olhos, teorias que custaram sacrifícios e até a morte para seus descobridores. Cada livro didático significa um passo na direção do horizonte glorioso do país. Por essa razão é que eu gosto de livros, nas horas de estudo. Mas o que foi preciso para termos um livro na mão? Foi preciso o sacrifício de seus autores. Quantas noites em claro não passaram, sem comer, esquecidos, iluminados às vezes apenas pela trêmula chama de uma vela? E depois, explorados pelos editores, morriam esquecidos, injustamente esquecidos. Quanta força de vontade de outros foi necessária para que tivessem um pouco de fama? Por isso eu gosto de livros.

A publicação abriu portas para que Paulo fosse eleito membro da academia, ocupando a cadeira que tinha como patrono o próprio autor de *O Cortiço*. Meses depois da posse, a ALSI anunciou a abertura de inscrições para seu tradicional prêmio anual de poesias. Ele tinha acabado de assistir à produção franco-italiana *Duas Mulheres*, dirigida por Vittorio De Sica, e saíra do cinema impressionado. Baseado no romance *La Ciociara*, do escritor italiano Alberto Moravia, o filme conta a história de Cesira (Sophia Loren) e sua filha Rosetta (Eleanora Brown), de treze anos, estupradas por soldados aliados durante a Segunda Guerra. E foi pensando em Rosetta que ele, logo ao chegar em casa, escreveu o poema “Mulher de Treze Anos”, desengavetado para concorrer ao prêmio da academia. O dia da escolha significou uma agonia sem fim. Paulo não conseguia pensar em outra coisa que não fosse o concurso. No começo da noite, antes da sessão em que os três vencedores seriam anunciados, reprimiu a timidez e perguntou a um dos jurados, professor de português, em quem havia votado. Ficou lívido com a resposta:

— Votei em você, no Átila e no Chame.

No final vinte poemas acabaram sendo selecionados. Paulo conhecia pelo menos um dos finalistas, “Introduce”, de José Átila Ramos, que em sua opinião era o grande favorito. Não importava que o colega fosse o vencedor. Se conseguisse alcançar pelo menos o terceiro lugar, seria a glória das glórias. Às nove da noite, o auditório fervilhava de garotos nervosos, cabalando votos e fazendo contas das chances de classificação. Sob silêncio geral, o júri formado por dois professores e um aluno (o futuro compositor de música popular Sidney Miller) passou a anunciar, de trás para a frente, os três vencedores. Ao ouvir que o terceiro lugar fora para “Serpentina e

Colombina” e o segundo para “Introduce”, perdeu a esperança. E quase caiu da cadeira quando a mesa anunciou:

— O vencedor é o poema... “Mulher de Treze Anos”, de Paulo Coelho de Souza, por unanimidade dos votos dos jurados!

Primeiro lugar! Ele não podia acreditar no que ouvia. Com o coração aos saltos e as pernas bambas de emoção e timidez, o menino franzino atravessou o salão sob aplausos e subiu ao palco para receber o diploma e o prêmio, um cheque de mil cruzeiros — o equivalente a cerca de oitenta reais de 2008. Encerrada a cerimônia, foi um dos primeiros a deixar o colégio, ansioso por ir logo para casa e, pelo menos daquela vez, dar aos pais uma boa notícia. No bonde, a caminho da Gávea, escolhia as palavras e ensaiava a melhor maneira de revelar ao pai que tinha descoberto sua verdadeira e única vocação: ser escritor. Qual não foi seu espanto ao chegar ao casarão cor-de-rosa e dar com o dr. Pedro de pé na calçada, com o ar fúnebre de sempre e batendo o dedo indicador no relógio de pulso:

— São quase onze horas, e você devia saber que nesta casa as portas se fecham às dez, impreterivelmente.

Mas agora Paulo tinha na manga um trunfo capaz de tocar a sensibilidade do árido coração paterno. Sorridente, agitou no ar o troféu que acabara de conquistar — o cheque de mil cruzeiros — e contou tudo, aos borbotões: o prêmio, a escolha unânime, as dezenas de concorrentes, a descoberta da vocação. Mas ainda não seria daquela vez que iria comover o taciturno dr. Pedro. Como se nada tivesse ouvido, este jogou um balde de água gelada naquele entusiasmo:

— Eu preferia que você tirasse boas notas no colégio. E que não voltasse para casa tão tarde.

A ilusão de que pelo menos a mãe festejaria sua vitória se desfez em segundos. Ao vê-la à sua espera na porta de entrada, o garoto repetiu, de novo com os olhos brilhando, as notícias que dera ao pai: o prêmio, a escolha unânime, os concorrentes, a vocação. Para desapontamento do filho, Lygia repetiria, delicada e num diapasão menor, como era do seu feitio, a mesma cantilena do pai:

— Meu filho, não vale a pena ficar alimentando essa fantasia de ser escritor. É muito bom que você escreva essas coisas todas, mas a vida é diferente. Veja só: o Brasil é um país de setenta milhões de habitantes, tem milhares de escritores e, no entanto, só o Jorge Amado pode viver de livros. E Jorge Amado só existe um.

Profundamente infeliz, deprimido e com incontrolável vontade de chorar, só conseguiu dormir quando raiava o dia. No diário deixou apenas uma linha: “Mamãe é uma besta. Papai é um tapado”. Ao acordar não tinha mais dúvidas: a família estava mesmo empenhada em enterrar para sempre aquilo que ele, teatral, chamava de “minha única razão de viver” — o projeto de ser escritor. Pela primeira vez Paulo parece ter tido consciência de que estava disposto a pagar caro para realizar esse sonho, ainda que o preço fosse ter que se enfrentar com os pais. Lygia e Pedro Queima Coelho não perdiam por esperar.

Carlinhos grita, apavorado: “Toca, Paulo! Toca! Foge daqui, porque você matou o menino!”

Por imposição do pai, ao terminar o ginásio, no final de 1962, Paulo teve que se matricular no curso científico e não no clássico, como pretendia. Seu histórico escolar na quarta série ginásial tinha sido vergonhoso e ele terminara o ano com uma segunda época em matemática. Parecia pirraça, justo em matemática, matéria em que o pai se orgulhava de ser um craque e a cujos conhecimentos o filho costumava recorrer antes das provas. No fim, acabou sendo aprovado com nota cinco, nem um milésimo além do necessário para passar de ano e continuar no Santo Inácio. Na época, o colegial oferecia duas alternativas aos estudantes: quem quisesse fazer carreira em ciências exatas cursava o científico, e quem escolhesse ciências humanas ia para o clássico. Ocorre que, a despeito de sua declarada vocação para as letras, os pais insistiam em que se formasse em engenharia — e, depois do péssimo desempenho escolar, Paulo estava sem autoridade para impor qualquer vontade em casa.

Do seu ponto de vista, porém, o sistemático dr. Pedro tinha razões objetivas para alimentar esperanças de que o filho ainda podia ser recuperado para o Bem — isto é, para a engenharia. E esses sinais exteriores não residiam apenas no interesse pelas aventuras do avô como mecânico amador. Ainda rapazola, com frequência pedia aos pais que lhe comprassem exemplares da revista *Mecânica Popular*, sucesso editorial dos anos 1950 que ensinava desde consertar enceradeiras até construir barcos e casas com as próprias mãos. Quando andava pelos dez, onze anos, o garoto se dedicou com tal paixão ao aeromodelismo que qualquer pai veria ali pendores de um futuro engenheiro aeronáutico. A diferença é que, enquanto qualquer criança apenas brincaria com os aeromodelos, o meticoloso Paulo montou o Clube Sunday, do qual eram sócios ele e o primo Fred, residente em Belém. E, como uma distância de 3 mil quilômetros separava as casas e os aviões dos sócios, a atividade do clube resumia-se a registrar o histórico dos aeromodelos adquiridos por ambos. De posse das suas informações e das que eram enviadas pelo correio por Fred, todo final de mês Paulo registrava o movimento do clube em uma caderneta: nomes e características das pequenas aeronaves adquiridas, prefixo, envergadura, data e local da compra, gastos gerais com a montagem, data, local e motivo da perda do aparelho, quando ocorria. Nenhum daqueles dados tinha qualquer utilidade, mas “era melhor manter as coisas organizadas”, segundo Paulo. Quando se espatifou contra um muro da Gávea, o planador Chiquita mereceu menção especial: “Voou apenas uma vez, mas como foi heroicamente destruído, outorgo a esse avião a Cruz de Combate. Paulo Coelho de Souza, diretor”.

A febre dos aeromodelos passou rápido, mas logo daria lugar a uma mania ainda mais alvissareira para quem queria um filho engenheiro: a fabricação de foguetes. Durante meses ele e Renato Dias, colega de classe no Santo Inácio, dedicaram todo o tempo disponível à novidade. Nunca se sabe inspirados no quê ou em quem — nem Paulo se lembraria mais —, os dois passavam as horas vagas da semana nas mesas da Biblioteca Nacional tentando decifrar compêndios sobre temas como “propulsão a explosão”, “comburentes sólidos” e “combustíveis metálicos”. Nos domingos e feriados, o pequeno largo em frente à casa dos Coelho virava plataforma de lançamento. Como acontecia quase sempre com Paulo, antes de a atividade se materializar era preciso colocar tudo no papel. Meticoloso e detalhista, abriu uma caderneta-apostila intitulada “Astronáutica — Atividades a Serem Cumpridas pelo Programa de Construção de Foguetes Espaciais”. Cronogramas determinavam o tempo gasto em pesquisas em livros, a especificação dos materiais utilizados na construção e o tipo de combustível. No dia do lançamento abria uma ficha datilografada com espaços em branco que eram preenchidos à mão na hora do teste: data, local, hora, temperatura, umidade e visibilidade.

Feitos de tubos de alumínio com cerca de vinte centímetros de comprimento e duzentos gramas de peso, os foguetes com ogivas de madeira eram propelidos por combustível preparado pelos próprios garotos, à base de “açúcar, pólvora, magnésio e ácido nítrico”. Depois de misturado e concentrado em um recipiente na base da astronave, o explosivo coquetel era detonado com a ajuda de uma mecha embebida em querosene. Os foguetes eram ambiciosamente batizados com nomes ilustres, como Goddard I, II e III, ou Von Braun I, II e III — em homenagem, respectivamente, ao pioneiro americano da indústria aeroespacial Robert H. Goddard e ao criador das bombas voadoras alemãs que castigaram Londres na Segunda Guerra, Werner von Braun, que depois seria um dos pais do programa espacial americano. Todavia, mesmo projetados para se

elevarem a até dezessete metros de altitude, foram um fiasco. Nos dias de lançamentos Paulo montava uma parafernália na porta de casa: isolava um pedaço da calçada “para o público”, convertia um buraco que a companhia telefônica esquecera de fechar em trincheira subterrânea para ele e o amigo se protegerem e convocava o pai, empregados da casa ou meros passantes para assinarem os boletins como “fiscais do governo”. Nada disso, porém, se refletia no desempenho dos foguetes. Nenhum jamais passou de poucos centímetros de altitude e a maioria explodiu sem sair do chão. A fase astronáutica foi embora tão de repente como chegou e, em menos de seis meses, o programa espacial encerrava suas atividades sem ter conseguido construir o sétimo foguete.

Salvo esses rápidos desvios de rota — outra paixão fugaz foi a filatelia —, o primogênito do dr. Pedro continuava alimentando um único sonho, o mesmo de sempre: ser escritor. Quando completou dezesseis anos, o pai, em um gesto conciliatório, ofereceu-lhe uma viagem de avião a Belém, para o filho um paraíso tão cobiçado quanto Araruama. O aniversariante disse simplesmente que não, que preferia ganhar uma máquina de escrever. O velho assentiu e deu-lhe a Smith Corona que o acompanharia pela vida até ser substituída por uma Olivetti elétrica e, décadas depois, por um microcomputador. Seu olímpico desinteresse pela vida escolar colocou-o entre os últimos alunos da classe, na primeira série do científico, e no fim do ano ele de novo passou raspando, com modestos 5,2 de média geral. O boletim foi entregue em sua casa na véspera do Natal. Paulo nunca soube direito se foi por causa das notas ruins ou por uma discussão sobre o comprimento de seu cabelo, mas no dia 25 de dezembro de 1963, quando os primeiros parentes chegavam para a ceia natalina, a mãe comunicou-lhe secamente:

— Já marquei a consulta. No dia 28 vou levá-lo a um médico de nervos.

Aterrorizado com o que aquilo pudesse significar — o que diabos seria um médico de nervos? —, trancou-se no quarto e rabiscou um balanço severo, quase cruel, de suas relações familiares:

Irei a um médico de nervos. Fico com as mãos frias de medo. Mas o nervoso que isto me trouxe permitiu-me examinar melhor minha casa e os que a compõem.

Mamãe não me castiga para educar, apenas para mostrar a força dela. Não compreende que eu sou nervoso e que tenho explosão de nervos e sempre me castiga por isso. As coisas que são para meu bem, ela veste de ameaça, de condição derradeira, de objeto egoísta. É profundamente egoísta. Nunca este ano deu-me a mão, ou poucas vezes.

Papai é um bitolado. Melhor seria chamá-lo de financiador da casa. Porque, como mamãe, não conversa comigo, tendo sempre as atenções voltadas para a casa e para seu trabalho. É horrível.

Sônia é impersonalíssima. Segue sempre a mamãe. Mas não é egoísta nem má. Aos poucos estou diminuindo meu gelo com ela.

Mamãe é uma besta. Vive infundindo-me complexos. É uma besta, uma grandíssima besta. Papai a mesma coisa.

O diário também revela que os calafrios provocados pela visita ao médico de nervos eram injustificados. Um dia depois da consulta o assunto é apenas mencionado em meio a trivialidades:

Ontem fui ao psiquiatra. Visita de introdução. Sem comentários importantes a fazer.

Vi a peça “Pobre Menina Rica” de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes e depois comi uma pizza.

Resolvi adiar todo meu programa literário de 1964 para 1965. Vou esperar amadurecer mais um pouco.

A verdade é que ele passara de ano e pelas regras da casa tinha direito a férias, que desta feita seriam em Belém. As férias com os avós paternos, Cencita e Cazuzza, tinham uma grande vantagem em relação a Araruama. Em uma época em que os correios costumavam levar semanas para entregar uma carta, e um telefonema interurbano exigia horas, às vezes dias de espera, os mais de 3 mil quilômetros de distância do Rio colocavam o rapazola a salvo do controle dos pais ou das visitas incertas de Lygia e Pedro. Aventuras inimagináveis no Rio de Janeiro eram rotina na capital paraense, como beber cerveja, jogar sinuca e dormir fora de casa com os três primos órfãos de mãe e criados pelo avô. A agitação era tal que em poucos dias de férias Paulo havia perdido o canivete, o relógio, a lanterna e a estimada caneta esferográfica Sheaffer’s, comprada com o dinheiro do prêmio literário. Um hábito permanecia: não importava a que horas fosse dormir, os últimos trinta minutos antes de conciliar o sono eram dedicados a escrever cartas para os amigos e à leitura da ecumênica seleção de livros que levava na bagagem — títulos que iam do

policial *O Caso da Boa do Calendário*, de Erle Stanley Gardner, à encíclica *Pacem in Terris*, lançada em março de 1963 pelo papa João XXIII (“a leitura deste livro está me dando grande compreensão social”, anotou).

Se para os amigos ele enchia folhas com notícias de suas aventuras paraenses, nas cartas que escrevia ao pai o assunto era um só: dinheiro.

Nunca empregaste tão bem seu dinheiro como na compra desta passagem. Tenho me divertido como nunca. Mas para que todo o dinheiro empregado reverta em lucro pra mim, preciso de mais verba. Não é justo que você gaste 140 mil numa viagem em que eu não me divirta. Se você não tivesse, vá lá. Mas não é justo empregar todo o dinheiro na casa enquanto minha curta vida passa.

Belém parecia ser uma cidade fadada a provocar-lhe grandes emoções. Três anos antes, fora também uma viagem de férias à capital paraense que lhe dera oportunidade para esclarecer uma dúvida perturbadora: como, afinal, nasciam os bebês? Antes Paulo já se havia enchido de coragem e fizera a pergunta a Rui, um amigo um pouco mais velho, mas a resposta, dada com rudeza desconcertante, deixou-o fora de si:

— É muito simples: o homem enfia o pau na xoxota da mulher e na hora do gozo deixa uma semente na barriga dela. Essa semente cresce e vira gente.

Ele não acreditou. Não lhe passava pela cabeça que o pai seria capaz de praticar uma perversão daquelas com a mãe. Como aquilo não fosse coisa que se escrevesse em cartas, esperou as férias para se informar com a pessoa indicada: o primo Fred, que, além de mais velho, era da família, alguém em cuja versão podia confiar. Na primeira ocasião em que pôde conversar a sós com o primo, arranjou um jeito de puxar o assunto e repetiu-lhe a história nojenta relatada pelo amigo carioca. Quase teve um ataque de asma ao ouvir o que Fred falou:

— Seu amigo do Rio está certo, é assim mesmo. O homem penetra na mulher e deposita uma gota de esperma na vagina dela. Foi assim que nasceram todas as pessoas.

Paulo reagiu com fúria:

— Você só diz isso porque não tem mãe e não é obrigado a aguentar essa pressão. Você consegue imaginar seu pai penetrando na sua mãe, Fred? Você está ficando maluco!

A perda da inocência não seria o único choque que Belém lhe prepararia. A cidade viria a ser também o palco de seu primeiro contato com a morte. No começo da noite do sábado de carnaval, ao chegar à casa dos avós, depois de ir a um baile no Clube Tuna Luso, tremeu ao ouvir uma tia perguntando a alguém: “O Paulinho já soube?” O avô Cazuza tinha acabado de morrer inesperadamente, vitimado por um infarto. Paulo ficou muito triste e abalado com a notícia, mas se sentiu muito importante ao saber que, na impossibilidade de chegarem a Belém a tempo, Lygia e Pedro o haviam nomeado representante da família no enterro do avô. Como vinha se tornando hábito, preferiu manifestar seus sentimentos solitariamente, nas anotações que fazia no diário antes de dormir:

Sábado de carnaval, 8 de fevereiro

Esta noite não terminará em dia para o velho Cazuza. Estou confuso e transtornado ante a tragédia. Ontem ele havia rido gostosamente das piadas e hoje tudo silenciou. Seu riso não mais espalhará felicidade. Seus braços acolhedores, suas histórias do Rio antigo, seus conselhos, suas palavras encorajadoras — está tudo acabado. Escolas de samba e carros de foliões passam na rua, mas está tudo acabado.

Na mesma noite ainda criaria “Recordações”, poema de três longas estrofes dedicado ao avô. A dor cantada pelo adolescente em prosa e verso parecia sincera, mas entremeada de outras sensações. Com o cadáver ainda exposto na sala de visitas da casa, no dia seguinte Paulo se flagrou várias vezes pecando contra a castidade, em pensamentos, claro, diante das pernas das primas presentes ao velório. No fim da tarde de domingo foi realizado o enterro de Cazuza — “de primeiríssima”, o neto escreveu no diário —, mas na terça-feira gorda, em plena semana de luto, os primos já se esbaldavam nos clubes da cidade. Aquelas férias em Belém não apenas seriam as últimas que passaria lá, mas significariam um divisor de águas na sua vida. Além das experiências vividas, sabia que iria enfrentar um ano escolar duríssimo. Com um estado de ânimo para os estudos ainda pior do que nos anos anteriores, ficava fácil prever que seus dias no Santo Inácio estavam contados, com todas as consequências domésticas que isso acarretaria. E não era apenas sobre sua vida escolar que pairavam nuvens negras. Na véspera de retornar ao Rio, no final do mês, ele voltou as páginas do diário até o dia em que estava registrada a morte do avô e

aproveitou um pequeno espaço em branco para escrever, em letra miúda, mas legível: “Hoje pensei um pouco e me aproximei da terrível verdade: eu estou perdendo a fé”.

Não era um sentimento novo. Como cupins roendo de maneira implacável e silenciosa, seus primeiros questionamentos religiosos haviam acontecido durante o retiro espiritual do Santo Inácio. Perseguido pelo desejo sexual e torturado pela culpa, era tomado de pânico pela possibilidade de padecer eternamente nas chamas apocalípticas pintadas pelo padre Ruffier. Nesse estado de espírito, recorreu ao diário para se dirigir a Deus — em tom desafiador demais para um verdadeiro cristão:

Fostes Vós que criastes o pecado! A culpa é Vossa de não ter-me criado forte o bastante para resistir! Se eu não consegui manter minha palavra, a culpa é Vossa!

Na manhã seguinte angustiou-se ainda mais ao ler a blasfêmia que havia escrito. Desesperado, atraiu para um lugar seguro o colega Eduardo Jardim, quebrou deliberadamente o voto de silêncio e abriu a alma. A escolha não era casual. Jardim era seu modelo: inteligente, lia muito e era bom poeta sem ser exibicionista. Era na garagem da casa dele que um grupinho do Santo Inácio, do qual Paulo fazia parte, se reunia para discutir as leituras de cada um. Mas era sobretudo a firmeza das convicções religiosas que fazia de Jardim não só um exemplo, mas o ouvinte ideal para o amigo com a alma em apuros. Contou que tudo começara com uma dúvida: se existia um Deus, e este Deus o havia criado à Sua imagem e semelhança, por que Ele se comprazia com o seu sofrimento? De pergunta em pergunta chegara à grande questão, à dúvida inconfessável: será que Deus existe mesmo? Temendo ouvidos indiscretos, Jardim aproximou-se e sussurrou-lhe, como se estivesse em um confessionário, palavras que tiveram o efeito de um golpe de sal sobre as feridas do amigo:

— Quando eu era menor, sentindo que a fé em Deus fugia, fiz os maiores sacrifícios para retê-la. Rezava desesperadamente, tomava banhos frios no inverno, mas aos poucos a fé foi desaparecendo, bem aos poucos, até sumir por completo. A minha fé acabou.

Queria dizer, então, que até o Jardim capitulara. Por mais que tentasse desviar o pensamento, não conseguia apagar de sua cabeça a imagem de um menino frágil se sacrificando no banho frio, em pleno inverno, para que Deus não desaparecesse — e Deus simplesmente o ignorava! Naquele dia, Paulo Coelho odiou Deus. E escreveu, para que não pairassem dúvidas a respeito de seus sentimentos:

E eu sei como é arriscado odiar Deus.

Um episódio banal, ocorrido na volta do retiro, azedara ainda mais suas relações com Deus e seus pastores. No caminho entre a Casa da Gávea e o Santo Inácio, Paulo cismou que o motorista do ônibus corria demais, colocando em risco a vida de todos. O que era só uma preocupação virou um filme de terror: se o ônibus se acidentasse e ele morresse, antes do meio-dia sua alma estaria ardendo no inferno. O medo era muito maior que a vergonha. Caminhou até a frente do veículo, onde se sentara o orientador espiritual, e falou a verdade:

— Padre Ruffier, o motorista está guiando depressa demais. Eu estou com muito medo de morrer.

Encolerizado, o religioso rosnou, a centímetros do rosto do menino:

— Você está com medo de morrer e eu estou indignado com a sua covardia.

Com o correr do tempo as dúvidas deram lugar a certezas. Passou a odiar os padres (“um bando de retrógrados”) e todas as obrigações impostas por eles, fossem religiosas ou escolares. Sentia-se iludido pelos jesuítas. Revistos a distância, sermões que antes pareciam verdades pétreas eram lembrados como “doses de um veneno administrado lentamente para que nós odiássemos estar vivendo”, conforme registrou no diário. E se arrependeu profundamente de um dia ter levado a sério aquele palavrório vazio. “Eu, idiota, cheguei a acreditar mesmo que a vida não valia a pena”, anotou. “E com a morte sempre à espreita eu era obrigado a me confessar permanentemente, para não me arriscar a ir para o inferno.” À custa de muito sofrimento e de incontáveis noites de insônia, com quase dezessete anos, Paulo tinha as suas certezas. Não queria mais ouvir falar de igreja, sermão, pecado, nada disso. E não tinha a menor intenção de vir a ser um bom aluno na segunda série do científico, cujas aulas estavam se iniciando. Com igual convicção, estava decidido a apostar tudo, a investir toda a sua energia na ideia fixa que não chamava de vocação, mas de “profissão”: ser escritor.

Um semestre foi tempo mais do que suficiente para que todos soubessem que o colégio tinha perdido completamente o significado para ele. “Eu, que já era um mau aluno, passei a ser um

péssimo aluno.” As notas em seu boletim escolar comprovam que não se tratava de um exagero. Era um dos mais atrasados da classe, alguém que conseguia piorar a cada rodada de exames. Nas primeiras provas mensais conseguira média pouco superior a cinco, graças a um suspeitíssimo nove obtido em química. Em maio a média cairia para 4,4, mas o alarme só seria disparado em junho, quando o boletim desabou para 3,7. Naquele mês, junto com a caderneta de notas do filho, Pedro e Lygia foram convocados para uma reunião no colégio. As notícias não podiam ser piores. Um padre releu para o casal o quinto artigo do regulamento do Santo Inácio — documento que os pais eram obrigados a assinar no ato de matrícula dos filhos e que previa a exclusão dos que não atingissem a média mínima exigida — e foi direto ao assunto, sem rodeios. Se no segundo semestre continuasse naquele ritmo, Paulo seria inevitavelmente reprovado, o que significava carimbar no seu histórico escolar a mancha de ter sido expulso de um dos mais tradicionais colégios do país. Só havia uma saída para evitar a jubilação — e salvar as aparências, poupando o aluno e os pais do constrangimento. O religioso propunha que, antes da inevitável jubilação, os pais tomassem a iniciativa e transferissem o filho imediatamente para outro estabelecimento. E explicou que o Santo Inácio jamais fizera algo semelhante. A exceção era uma deferência ao fato de o aluno em questão ser neto de um pioneiro da primeira turma do colégio, matriculada em 1903, o velho Arthur Araripe Júnior, o “mestre Tuca”.

Pedro e Lygia voltaram arrasados para casa. Sabiam que o filho fumava escondido, com frequência o hálito dele denunciava o consumo de bebida alcoólica e alguns parentes chegaram a se queixar de que Paulo estava virando um mau exemplo. “Esse garoto é uma ameaça”, cochichavam as tias, “vai acabar desencaminhando todos os primos mais jovens”. Mas até então o que chamavam de “comportamento estranho” de Paulo era um problema restrito ao âmbito familiar. Sair do Santo Inácio pela porta dos fundos, no entanto, era a execração, a exposição pública da incompetência dos pais para educá-lo direito. E se um filho, como o pai repetira dezenas de vezes, era mesmo o cartão de visitas de uma família, os Coelho tinham razões de sobra para se sentirem com a imagem bastante enxovalhada. Em uma época em que a violência física era pedagogia comum entre pais brasileiros, Pedro e Lygia jamais encostaram a mão em Paulo, mas eram rigorosos nos castigos impostos. Ao anunciar que decidira matriculá-lo no Colégio Andrews — onde prosseguiria no científico —, o pai comunicou também que as futuras férias estavam canceladas e a mesada, temporariamente suspensa. Se quisesse dinheiro para comprar cigarros ou cerveja, que tratasse de arranjar algum trabalho.

Se a escolha era uma forma de castigo, o tiro acabou saindo pela culatra, porque Paulo adorou a mudança. Laico e infinitamente mais liberal que o Santo Inácio, o Andrews era um colégio misto, o que trazia uma deliciosa novidade para o cotidiano escolar: garotas. Além delas, havia discussões políticas, grupos de estudo de cinema e até um grupo de teatro amador, ao qual se ligou antes mesmo de conhecer todos os professores. Um ano antes ele havia se aventurado pelo mundo da dramaturgia: no feriado prolongado de Finados trancara-se no quarto, decidido a escrever uma peça de teatro. Só saía na hora de almoçar e jantar, e justificava aos pais o confinamento alegando que estudava para as provas de fim de ano. Ao cabo de quatro dias de trabalho colocou o ponto final em *O Feio*, peça a que se referia pretensiosamente como “um *petit guignol* à la Aluísio Azevedo”, e cuja sinopse deixaria registrada no diário:

Nesta peça eu apresento o feio na sociedade. É a história de um jovem rejeitado que acaba por se suicidar. As cenas se desenrolam através de silhuetas, enquanto quatro jograis declamam os sentimentos e ações dos personagens. No intervalo do primeiro para o segundo ato, um sujeito, no fundo da plateia, canta uma bossa-nova bem lenta, cuja letra é relacionada com o primeiro ato. Achei uma boa marcação. Ainda este ano ela será levada aqui em casa, no jardim de inverno.

O senso crítico falaria mais alto que a vaidade e uma semana depois ele rasgaria essa primeira incursão na dramaturgia, dedicando-lhe um epitáfio de apenas cinco palavras: “Achei ruim. Breve escreverei outra”. E foi na condição de dramaturgo (inédito, como os demais) que se aproximou do Teatro Amador do Colégio Andrews, o Taca, em 1964. Quanto à vida escolar, os professores, as provas, nada disso parecia fazer parte de suas preocupações. Nas raras vezes em que o assunto merecia referências no diário, eram sempre registros curtos, negativos e reveladores de falta de perspectivas: “Vou mal nos estudos, estou ameaçado de bomba em descritiva, física e química”; “Não consigo pegar nos livros: qualquer coisa me distrai, por mais boba que seja”; “Cada vez o tempo de aula me parece mais longo”; “Palavra, não sei o que se passa comigo, é algo indescritível”. Confessar que ia mal nos estudos era uma forma de esconder a verdade. Ele ia ladeira abaixo.

Até outubro, a dois meses do fim do ano, todas as suas notas, em todas as disciplinas, tinham sido inferiores a cinco. O pai achou que era hora de encurtar de vez o cabresto e cumpriu a ameaça: conseguiu com o primo Hildebrando Góes Filho uma vaga para Paulo trabalhar como fiscal em uma empresa que fazia a dragagem da entrada do porto do Rio de Janeiro. O salário era insuficiente até para pagar a condução e os cigarros. Todos os dias após as aulas matinais ele corria para casa, almoçava, tomava um ônibus e ia parar em Santo Cristo, bairro central do Rio, à beira do cais. Um rebocador o transportava até a draga, onde passava os dias com uma prancheta na mão, riscando com um xis cada vez que a máquina recolhia os detritos do fundo do mar e os depositava numa chata. Aquilo parecia algo inútil e sem perspectiva, e lembrava uma narrativa que lhe era familiar: o mito grego de Sísifo, em que o personagem é obrigado a empurrar uma pedra montanha acima e, quando chega ao alto, a pedra rola de novo para o sopé, cabendo-lhe, a cada vez, recomeçar a tarefa. “É um trabalho que não termina nunca”, escreveu no diário. “Quando eu penso que acabou, começa tudo de novo.” O castigo, no entanto, não produziu nenhum resultado positivo. Ele continuava indo mal na escola e, quando soube que corria o risco de perder o ano letivo, registrou a notícia debochadamente. “Um amigo me contou que vou ficar em segunda época em matemática”, anotou. “E, no entanto, a manhã está tão bela, tão musical, que estou até contente. Oh, Deus, que vida boa. Que vida tão vida, meu Deus.” No fim do ano o boletim confirmou as expectativas gerais: a média final 4,2 significava reprovação em todas as disciplinas.

Paulo parecia cada dia mais indiferente àquele mundo. Suportava sem protestos o trabalho na draga e nem se importava ao ganhar dos pais, como presente de Natal, apenas um modesto canivete. Só lhe interessavam as letras, fossem sob a forma de romances, peças de teatro ou versos. Sim, porque meses após romper com a poesia ele voltara a ver-sejar furiosamente. Depois de muita reflexão, concluiu que não era nenhuma vergonha compor versos enquanto não chegava a hora de pôr no papel o seu romance. “Como tenho assunto para escrever um romance! O diabo é que não consigo um bom começo e paciência suficiente para continuá-lo”, resmungava, para concluir, conformado: “E, no entanto, esta é a profissão que escolhi para mim”. Ao se ambientar com a vizinhança da Gávea, descobriu que havia outros jovens interessados em livros e literatura. Como eram ao todo quinze moças e rapazes, logo criaram um clube literário, intitulado Rota 15 — o nome saíra das iniciais da rua Rodrigo Otávio, uma transversal da Padre Leonel Franca, onde ficava sua casa, e em cuja esquina o grupo se reunia. A produção poética de Paulo Coelho era tão prolífica que, quando o Rota 15 decidiu lançar um livreto mimeografado de poesias, ele contribuiu com uma antologia de treze poemas (entre os quais o premiado “Mulher de Treze Anos”), ao fim da qual ia seu currículo: “Paulo Coelho iniciou sua carreira literária em 1962 escrevendo pequenas crônicas, para mais tarde adotar o gênero poético. Entrou para a Academia Literária Santo Inácio em 1963 e no mesmo ano conquistou o prêmio máximo daquela agremiação”. O Rota 15 fechou suas portas escandalosamente, com Paulo acusando o tesoureiro de ter limpado os cofres e usado o dinheiro para ver o show da diva pop francesa Françoise Hardy, que se apresentava no Rio.

Ele já se achava um poeta com estatura suficiente para não depender mais de jornaizinhos de bairro ou de turmas. Com a autoconfiança de um veterano, sentiu que estava chegando a hora de dar voos mais altos. Seu sonho era ver publicado em letra de forma um elogio — uma mera citação estaria ótimo — na respeitada coluna literária “Escritores e Livros” que o pernambucano José Condé assinava semanalmente no jornal *Correio da Manhã*. Capaz de construir ou demolir reputações com um parágrafo, o mal-humorado Condé festejava então a coautoria de *Os Sete Pecados Capitais*, coletânea lançada pela editora Civilização Brasileira e na qual ele tinha como colegas Guimarães Rosa, Otto Lara Resende, Carlos Heitor Cony e Lygia Fagundes Telles, entre outros medalhões. Paulo admirava o estilo seco de Condé e esperava que o olho arguto do crítico enxergasse o talento oculto sob seus escritos. Engordou com novos poemas a antologia publicada pelo Rota 15, caprichou na datilografia e despachou o maço cuidadosamente encadernado para a redação do *Correio*. Na quarta-feira seguinte, dia de “Escritores e Livros”, correu à banca de jornais, ansioso para ler a opinião de Condé a seu respeito. A surpresa foi tal que recortou a coluna, grudou-a em seu diário e escreveu em cima:

“Há uma semana escrevi para J. Condé mandando minhas poesias, e pedindo sua crítica. E hoje me aparece isto no jornal.” O motivo de sua indignação era o PS de dez linhas ao pé da coluna do escritor:

Aos jovens afoitos, ansiosos para aparecer e publicar livros, conviria lembrar o exemplo de Carlos Drummond de Andrade, que durante quinze anos somente publicou três pequenos volumes, com um total de 144 poesias... E ainda outro dia um crítico acentuava que Ernest

Hemingway reescreveu nada menos de vinte vezes essa pequena obra-prima que é O Velho e o Mar.

Baqueado pela agressividade, vestiu a carapuça. Se pouco tempo antes agradecia a Deus pela felicidade de ter descoberto sua vocação, agora a autossuficiência dava lugar a um mar de dúvidas. “Pode ser que eu esteja teimando em ser escritor”, refletia. “Será que eu não dou mesmo para ser escritor?” Mas logo afastava essas incertezas. Como o amigo que tomava banhos gelados para não perder a fé em Deus, tinha que lutar sem vacilações ou fraquezas para realizar seu sonho. Sentira o golpe dado por Condé, mas não estava disposto a entregar os pontos. Passou o dia inteiro sem pensar noutra coisa que não fosse a coluna literária. Para se distrair, à noite tentou assistir na tevê a um capítulo do famoso enlatado americano *Dr. Kildare*, que mostrava as aventuras de um jovem médico, vivido pelo ator Richard Chamberlain, em um grande hospital. Desligou o aparelho antes do fim do episódio e escreveu em seu caderno:

No seriado Dr. Kildare de hoje o diretor do hospital diz ao médico: “Eu não devia ter tentado mudar sua vida, Jim. Todos nós nascemos talhados para um ideal”. Eu apliquei estas palavras à profissão de escritor e me decidi sê-lo.

Entusiasmado com a própria determinação, compôs uma paródia do poema “If...”, do britânico Rudyard Kipling:

Se fores capaz de pedir a amigos e inimigos uma oportunidade. Se fores capaz de ouvir um ‘não’ e considerá-lo como um ‘talvez’. Se fores capaz de começar por baixo e, ainda assim, valorizar o pouco que te cabe.

Se fores capaz de te aperfeiçoares a cada instante e chegar ao alto sem te deixares dominar pela vaidade.

Então serás um escritor.

Mergulhado em tão altas transcendências, via com enorme desânimo a perspectiva de voltar a enfrentar as carteiras escolares do Andrews. Torturado pela ideia, arquitetou um plano que, se desse certo, o livraria do colégio por um bom par de anos: obter uma bolsa de estudos e sair do país, como haviam feito vários de seus colegas. Os pais readquiriram esperanças quando o viram inscrever-se no American Field Service, programa de intercâmbio cultural muito em voga na época. A julgar por suas notas escolares, ele não devia ser uma nulidade absoluta em inglês (disciplina em que raramente ia mal, para seus padrões), o que era meio caminho andado para obter a bolsa. Durante duas semanas seu tempo livre foi dedicado a preparar a papelada para a inscrição: certidões escolares, fotos em tamanho passaporte, cartas de apresentação. Quando os exames começaram, os sete demais concorrentes à vaga do seu grupo foram reduzidos a quatro para, afinal, restarem apenas Paulo e mais dois qualificados para o exame decisivo: a entrevista oral feita por alguém vindo dos Estados Unidos — toda em inglês, naturalmente.

No dia marcado, estava tão nervoso que, ao sentar-se diante da examinadora — uma mocinha da sua idade —, sentiu o primeiro golpe, como se fosse um soco no meio do peito. Deixou de lado a heresia e em silêncio implorou a Deus que fosse alarme falso. Não era — ele estava tendo um ataque de asma. Um chiado seco saía de seus pulmões enquanto, de olhos arregalados, tateava os bolsos em busca da bombinha de nebulização. Tentava falar, mas no lugar da voz saía um sopro. Assustada com a cena, a americana ficou paralisada, sem saber o que fazer. Depois de alguns minutos a crise cedeu. Recompuesto, conseguiu terminar a entrevista, mas saiu de lá com maus pressentimentos: “Acho que a asma pôs tudo a perder”. De fato, quando faltava um mês para o embarque, chegou o telegrama anunciando que não fora escolhido. Em vez de se sentir derrotado pela reprovação, Paulo atribuiu-a não a seu mau desempenho, mas ao fato de sua mãe ter visitado os Estados Unidos antes. “Acho que eles preferiam pessoas cujos familiares nunca tinham estado nos Estados Unidos”, escreveu, para completar com uma avaliação digna da raposa da fábula diante do cacho de uvas: “Eles creem, pelo menos foi essa a minha interpretação, que eu sou intelectual demais para a América”.

É nessa época também que surge uma nova e avassaladora paixão em sua vida. Desta vez, paixão de carne e osso, olhos castanhos, pernas longilíneas e que atendia pelo nome de Márcia. Aos dezessete anos Paulo continuava magro e pequeno até para os padrões brasileiros. Pesava cinquenta quilos, pelo menos dez abaixo do ideal para alguém que media 1,69 metro, estatura que manteria para o resto da vida. E não era um adolescente bonito, segundo a própria e insuspeita opinião: “Eu era feio, magro, desprovido de qualquer encanto e incapaz de despertar interesse em

qualquer namorada”, repetiria dezenas de vezes, com pequenas variações no vocabulário, em entrevistas ao longo da vida. “Por causa da minha aparência, eu tinha complexo de inferioridade.” Enquanto a maioria dos rapazes usava camisas de mangas curtas e justas para exibir os músculos, ele sempre vestia uma camisa social de mangas compridas que escondiam os ombros estreitos e os braços magros. Um cinturão de couro desproporcional às medidas do dono segurava os jeans desbotados e, como mandava a moda, grudados nas pernas finas. O figurino se completava com os óculos de aro de metal e lentes coloridas, que anos depois virariam marca registrada do beatle John Lennon. Os cabelos cobriam as orelhas e se aproximavam dos ombros, e nos últimos tempos deixara crescer um ralo bigodinho e um pequeno tufo de pelos sob o lábio inferior, como um minicavanhaque.

Um ano mais nova do que Paulo, Márcia era quase vizinha dele, pois morava em um prédio na esquina da rua Rodrigo Otávio com a Padre Leonel Franca. Estudava também no Andrews e fazia parte do Rota 15. Cabelos claros e lisos, nariz de boneca e olhos espremidos, apesar da vigilância cerrada dos pais e do irmão mais velho, Márcia era tida como namorada e, por isso, terminava sendo uma das mais cortejadas garotas da turma. Com a autoestima nos pés, o futuro autor best-seller jamais percebeu que ela o olhava de maneira especial. Sobretudo quando ele polemizava com o outro “intelectual” do grupo, Alcides Lins, o Cidinho, sobre filmes, livros e peças de teatro. Embora a maioria nem soubesse exatamente o significado dessa palavra, quase todos se sentiam “existencialistas”. Paulo não usava roupas chiques, não tinha carro, não era forte, mas Márcia se desmanchava ao ouvi-lo contar trechos de livros ou declamar versos de poetas famosos. Ele, no entanto, jamais farejara qualquer simpatia da parte da garota, até que ela tomou a iniciativa.

Na noite de 31 de dezembro de 1964, Paulo encerrou mais um caderno do diário com uma frase melancólica: “Hoje é o último dia de 1964, um ano que acaba com um gemido escondido na noite. Um ano corado de amargura”. E foi com ar deprimido que se juntou aos amigos, dois dias depois, num sábado, para assistir ao show *Opinião*, com a cantora Nara Leão, no teatro de Arena, em Copacabana. O grupo se distribuiu entre as cadeiras e calhou de Márcia sentar-se a seu lado. Quando as luzes se apagaram e a voz suave de Nara começou a entoar os primeiros versos de “Peba na Pimenta”, de João do Vale, a garota sentiu um toque muito suave, quase um sopro, na sua mão. Olhou de esguelha, sem mover o rosto, e viu a mão de Paulo encostada na sua. Imediatamente entrelaçou seus dedos nos dele e apertou ligeiramente. Ele levou um susto tão grande que a primeira reação foi de pânico: e se a asma aparecesse naquela hora? Não, tranquilizou-se. “Eu tinha certeza de que Deus havia guiado a mão de Márcia até a minha”, lembraria depois. “Se era assim, por que Ele me mandaria um ataque de asma naquela hora?” E foi respirando como qualquer mortal que os dois se apaixonaram perdidamente. Quando o show chegou ao fim, Nara Leão teve de bisar várias vezes a música-título, um protesto de Zé Keti contra a ditadura militar que se instalara no Brasil nove meses antes. Sempre de mãos dadas, o casalzinho aproveitou a escuridão, esgueirou-se por entre a plateia lotada e saiu. Na calçada ainda podiam ouvir Nara cantando os versos de abertura de *Opinião* no quarto bis:

*Podem me bater, podem me prender
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro eu não saio não*

Tiraram os sapatos e andaram descalços e de mãos dadas pelas areias de Copacabana. Paulo a abraçou e tentou beijá-la, mas Márcia recuou delicadamente:

— Eu nunca fui beijada na boca.

Ele reagiu com a naturalidade de um velho dom-juan:

— Não se preocupe, já beijei várias garotas. Você vai gostar.

Sob o calor abafado e o céu estrelado da noite carioca, os dois mentirosos deram um demorado beijo, do qual ambos se lembrariam com saudade mais de quarenta anos depois. Decididamente o ano de 1965 não poderia ter começado de maneira mais animadora. O namoro com Márcia trouxe uma paz de espírito como ele não se lembrava de ter vivido antes, nem nos melhores momentos de Araruama e de Belém. Sentindo-se nas nuvens, nem se aborreceu quando soube que havia sido desclassificado em um concurso de poesias patrocinado pelo Instituto Nacional do Mate. “O que é um prêmio a mais, um prêmio a menos”, escreveu, magnânimo, “para quem é amado por uma mulher como a Márcia?”. Páginas inteiras do diário agora eram ocupadas por desenhos de corações vazados por setas do amor, com os nomes dos dois gravados.

A felicidade teve vida curta. Antes de acabar o verão, os pais de Márcia souberam quem era o tal namorado novo e foram taxativos: com esse, não. E, como ela queria saber as razões do veto, a

mãe foi de uma franqueza desconcertante:

— Em primeiro lugar ele é muito feio. Não sei o que uma moça bonita como você viu num rapaz tão feio e desengonçado. Você é uma menina que gosta de festas e ele nem sabe dançar, tem vergonha de tirar uma moça para dançar. Só quer saber de livros. E, depois, esse rapaz tem um ar muito doentio, não sei, não...

Márcia retrucou que Paulo era saudável. Sofria de asma, como milhões de outros, mas isso era uma coisa curável, não era um desvio de caráter. Se, porém, a asma tinha cura, a mãe temia que ele padecesse também de outras doenças, estas, sim, contagiosas:

— Já me disseram até que ele é existencialista e comunista. E não se fala mais nisso.

Para a filha, o assunto estava longe de ser encerrado. Ela contou toda a história ao namorado e os dois decidiram enfrentar a situação. Passaram a se encontrar às escondidas, alcovitados em casas de amigos comuns, e por falta de lugares seguros os momentos de intimidade eram raríssimos — e em geral aconteciam nos pedalinhas da lagoa Rodrigo de Freitas. E nunca iam além das preliminares. Paulo simulava naturalidade, mas na verdade só tivera até então uma relação sexual, ocorrida meses antes. Aproveitando-se da ausência dos pais, que tinham ido ao cinema, conseguiu convencer Madalena, uma linda empregada doméstica recém-contratada pela mãe, a subir ao seu quarto. Embora tivesse apenas dezoito anos, Madá era uma jovem experiente o bastante para que o garoto guardasse boas lembranças da sua primeira noite.

Ao saber que a filha continuava mantendo encontros furtivos com “aquele sujeito”, os pais aumentaram a vigilância e proibiram que ela falasse ao telefone com Paulo. Mas logo descobriram que cada um deles punha um despertador para tocar debaixo do travesseiro às quatro da manhã e aí, protegidos pelo silêncio da noite, sussurravam palavras de amor com a boca colada ao telefone. O castigo pela desobediência foi mais duro: ficar um mês trancada em casa. Márcia não entregou os pontos: com a ajuda da empregada, enviava bilhetinhos ao namorado combinando os horários em que ele se postaria em uma rua nos fundos do prédio para vê-la na janela do quarto em que estava trancafiada. Certa manhã, ao acordar, ela olhou pela janela e viu no asfalto da rua uma declaração de amor pichada em letras enormes: “M: eu te amo. P.”.

Quando a punição estava chegando ao fim, a mãe voltou à carga: Paulo não servia para ela, aquilo não ia dar certo, tratava-se de um sujeito sem futuro nem perspectiva. Turrone, a garota respondia que não, não ia terminar o namoro. Seu plano era um dia casar com Paulo. Ao ouvir isso, uma tia chegou a insinuar que um rapaz frágil daqueles talvez não tivesse condições físicas sequer para cumprir as obrigações conjugais. “Você sabe do que estou falando, não é, minha querida?”, insistiu a tia. “Casamento, sexo, filhos... Será que, fraquinho como é, ele pode ter uma vida normal?” Márcia não parecia fazer caso das ameaças. Tão logo cumpriu a pena, voltou a se encontrar com Paulo. Havia descoberto um lugar ideal: dentro da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que ficava perto de suas casas. Nunca se sentavam lado a lado, mas um na frente do outro, para não despertar suspeitas, e conversavam aos cochichos. Apesar dos cuidados, os dois acabariam flagrados pelo pai de Márcia, que a arrastou para casa aos berros e, lá chegando, aplicou-lhe um castigo proporcional ao pecado cometido: uma vigorosa surra de cinto.

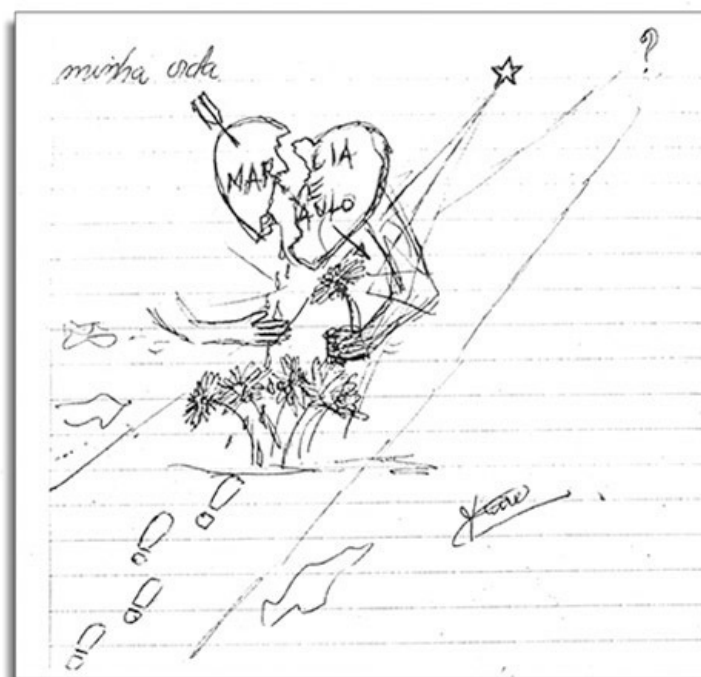
A garota, contudo, parecia firmemente determinada a namorar, noivar e casar com seu príncipe encantado. E, se os pais eram contra, os de Paulo também não pareciam muito entusiasmados com a escolha do filho. Como a realização de festinhas era comum nas casas dos amigos, Paulo conseguiu dobrar a rigidez de Lygia e Pedro e oferecer uma em sua casa. Foi um desastre. Ao ver o filho dançando de rosto colado com a namorada, o pai parou de braços cruzados ao lado dos dois, olhando-os ostensivamente contrariado, até que Márcia, envergonhada, pediu licença e juntou-se a um grupo de amigas. E era assim com todos os demais. Dançar de rosto colado ou com a mão abaixo da cintura da moça bastava para o pai repetir a grosseria: parava ao lado do casal, cruzava os braços e só desgrudava quando eles “tomassem modos”. Além disso, toda a festa transcorreu sob rigorosa lei seca, uma vez que, por ordem do dono da casa, bebidas alcoólicas tinham sido proibidas — sem exceção sequer para uma inocente cervejinha.

Por tudo isso, a primeira seria também a única festa oferecida pelos Coelho no casarão cor-de-rosa. Mas nada, nem mesmo as desfeitas do pai, parecia abalar a felicidade de Paulo. O aniversário de Márcia se aproximava e o namoro ainda não completara dois meses quando a mãe a chamou para uma conversa. Descrente dos resultados da pedagogia da violência, jogou pesado:

— Se terminar o namoro com esse rapaz, você pode escolher a melhor butique do Rio e comprar todos os vestidos que quiser.

A mãe sabia que tinha tocado num ponto fraco da filha — a vaidade —, mas a reação inicial de Márcia foi achar a proposta inaceitável, “uma chantagem sem tamanho”. Depois de refletir muito, porém, chegou à conclusão de que havia dado demonstrações mais do que eloquentes de seu amor. E, a bem da verdade, ambos sabiam que era uma ilusão imaginar que conseguiriam tocar

adiante aquele namoro contra a vontade dos pais. Os dois eram menores de idade, dependentes, que futuro poderia ter aquilo? Se era para capitular, pelo menos que fosse por um bom preço, e ela topou. Ao ler a carta de Márcia comunicando o fim do romance, Paulo se desmanchou em lágrimas e registrou no diário a frustração por não ter conseguido viver com a jovem um amor trágico como o de Romeu e Julieta: “Para alguém como eu, que sonhava transformar a Gávea numa Verona brasileira, não poderia haver final mais melancólico do que ser trocado por dois vestidos”.



Márcia, a primeira paixão de carne e osso, acabaria trocando o namorado por dois vestidos.

Abandonado pelo Grande Amor — era assim, com iniciais maiúsculas, que se referia a Márcia no diário —, caiu de novo em depressão. Preocupados com o estado do filho, os pais se compadeceram e decidiram abrir uma exceção: embora as férias em Araruama tivessem sido proibidas, como punição pela bomba no Andrews, ele poderia passar lá o carnaval com os primos. Paulo chegou à cidade de ônibus, na sexta-feira à noite, e passou o fim de semana macambúzio, sem ânimo até para ver garotas nos bailes da cidade. Na segunda-feira à noite aceitou um convite de três amigos para tomar chope num boteco perto da casa do tio José. Quando a mesa estava coberta de bolachas de papelão, reveladoras da quantidade excessiva de cerveja consumida, um dos rapazes, Carlinhos, teve a ideia:

— Meus pais estão viajando e o carro está dando sopa na garagem de casa. Se algum de vocês souber dirigir, podemos dar um giro pela cidade.

Embora nunca tivesse posto as mãos na direção de um veículo, Paulo se aventurou:

— Eu sei.

Ato contínuo, pagaram a conta, foram até a casa de Carlinhos e pegaram o carro. Quando os quatro se dirigiam à avenida principal, onde desfilavam os blocos e as escolas de samba, uma queda de energia apagou completamente as luzes da cidade. Apesar da escuridão, Paulo continuou avançando em meio à confusão de pedestres e foliões. De repente viu um bloco de sujos vindo na direção do carro. Sem saber como reagir ao inesperado, desviou e acelerou, assustado, e aí um dos companheiros gritou:

— Olha o garoto!

Era tarde demais. Todos sentiram um baque forte no para-choque dianteiro do veículo, mas Paulo continuou acelerando enquanto os colegas olhavam para trás e gritavam, apavorados:

— Toca, Paulo! Toca! Foge daqui! Você matou o menino!

Para saciar o anjo da morte, Paulo degola uma cabra do vizinho, cobrindo de sangue a parede de casa

O menino era Luís Cláudio, o Claudinho, filho do alfaiate Lauro Vieira de Azevedo. Tinha sete anos de idade e morava à rua Oscar Clark, perto da casa onde Paulo estava hospedado. A violência do choque fora tão grande que atirou longe o garoto, com o abdome aberto e as vísceras saltando para fora do corpo. Levado inconsciente para a Casa de Caridade, o único hospital de Araruama, constatou-se que a pancada lhe rompera o baço. Para conter a hemorragia, o plantonista o submeteu a uma transfusão de sangue, mas a pressão arterial baixou abruptamente. Claudinho estava entre a vida e a morte.

Após o atropelamento, além de não socorrerem o garoto, Paulo e os amigos fugiram a toda a velocidade do local do acidente. Guardaram o veículo na casa de Carlinhos e, com a cidade ainda às escuras, andaram até a de Maurício, outro ocupante do automóvel. No caminho perceberam que a notícia estava se espalhando. Apavorados com os rumores de que o menino morreria, fizeram um pacto de silêncio perpétuo: nenhum deles jamais abriria a boca sobre o ocorrido. Cada qual tomou seu rumo. Para não despertar suspeitas, Paulo chegou à casa do tio José como se nada tivesse acontecido — nas suas palavras, “no maior cinismo”. Meia hora depois, porém, a bomba estourava: denunciados por uma testemunha, Maurício e Aurélio, o quarto membro do grupo, tinham sido presos e, apertados pelos policiais, contaram quem estava dirigindo o carro. O tio o levou para um quarto e lhe deu conta da gravidade da situação:

— O garoto está entre a vida e a morte. Vamos torcer para que sobreviva, porque senão as coisas pioram muito para você. Seus pais foram avisados de tudo e estão vindo do Rio para conversar com os policiais e com o juiz da cidade. Enquanto isso, você não sai de casa. Aqui você está em segurança.

O tio conhecia a fama de valentão e casca-grossa do alfaiate e receava que o vizinho fizesse alguma besteira. Seus temores se confirmaram naquela mesma noite. Depois de visitar o filho agonizante no hospital, Lauro aparecera no portão da casa onde Paulo se escondia, acompanhado por dois sujeitos mal-encarados. Deixando visível o revólver na cintura e sem controlar a emoção, sacudiu o dedo diante do nariz do tio José:

— Doutor Araripe, o Claudinho está morre-não-morre na Casa de Caridade. Enquanto ele não tiver alta, seu sobrinho não sai de Araruama. E, se meu filho morrer, o Paulo vai ser enterrado junto, porque venho aqui para matá-lo.

No fim da noite, Lygia e Pedro chegaram a Araruama e, antes mesmo de verem o filho, foram à casa do juiz de direito, de quem ouviram que “o autor” só poderia deixar a cidade com sua autorização. A presença dos pais não diminuiu o desespero de Paulo, que passou uma noite de cão, sem conseguir grudar o olho. Deitado na cama, escreveu com letra tremida:

Este é o mais longo dos meus dias. São momentos de angústia que passo esta noite, sem saber o estado da criança. No entanto, a hora mais angustiante foi quando chegamos à casa de Maurício, depois do acidente, e todos diziam que a criança estava morta. Senti vontade de sumir, de desaparecer. Só tu, Márcia, foste e és meu pensamento até agora. Vou receber intimação por dirigir carro sem habilitação. E caso a criança piore, responderei processo, arriscando-me a ir para a colônia correccional.

Era o inferno na terra. Na manhã da terça-feira gorda, as duas notícias — o acidente e a ameaça feita pelo alfaiate — tinham pipocado pela cidade, atraindo para a rua Oscar Clark grupos de curiosos à espera do desfecho do drama. Logo cedo Lygia e Pedro decidiram fazer uma visita de cortesia aos pais de Claudinho para pedir desculpas pelo ocorrido e obter notícias do estado de saúde do garoto, que continuava inconsciente. Lygia arrumou uma caprichada cesta de frutas para que a mãe entregasse ao menino. Quando ela e o marido se aproximavam da casa, na mesma calçada onde ficava a do tio José, Lauro mandou que dessem meia-volta, porque não estava para conversa. Repetiu a ameaça — “seu filho só sai vivo da cidade se o meu sobreviver” — e disse que Lygia podia levar as frutas de volta: “Ninguém aqui está morrendo de fome. Não quero esmola, quero meu filho de volta”. Paulo só saía do quarto para pedir notícias do garoto. Cada informação que chegava era registrada no caderno:

[...] Foram no hospital de manhã. A febre do menino está baixando, tomara que o pai retire a queixa na polícia.

[...] A cidade inteira já sabe de tudo e não posso sair de casa, pois estou sendo procurado. Me disseram que ontem no baile havia um investigador na porta, à minha espera.

[...] A febre do menino voltou a subir.

[...] Parece que posso ser preso a qualquer momento, porque alguém disse à polícia que sou maior de idade. Agora está tudo nas mãos do garoto.

A febre subiu e desceu várias vezes. Claudinho recuperou a consciência na manhã de quarta-feira, dois dias depois do acidente, mas só tarde da noite a agonia chegou ao fim, quando os médicos disseram que ele estava fora de perigo e teria alta dali a alguns dias. Na quinta bem cedo, Pedro Coelho levou o filho para prestar depoimento ao juiz, em cuja presença teve que assinar um termo de responsabilidade por todas as despesas médicas e hospitalares feitas pela família do garoto. Este sobreviveu sem nenhuma sequela, salvo uma enorme cicatriz no abdome que lhe marcaria o corpo para sempre. Mas o destino parece ter decidido que seu encontro com a morte se daria em uma segunda-feira de carnaval. Passados 34 anos, no dia 15 de fevereiro de 1999 — outra segunda de carnaval —, Luís Cláudio, a essa altura comerciante, casado e pai de duas filhas, foi arrancado de sua casa em Araruama por dois pistoleiros mascarados, aparentemente a soldo de uma máfia de assaltantes de caminhões de carga. Torturado com selvageria, ainda estava consciente quando os homens o amarraram, encharcaram seu corpo com gasolina e atearam fogo, matando-o carbonizado.

Mas, naquele 1965, a sobrevivência do menino não melhorou o humor de Pedro Coelho. Na volta ao Rio, Paulo ouviu que, como castigo pelo atropelamento e por ter mentido, ia ficar um mês sem sair de casa à noite. E a mesada, que recuperara ao pedir demissão da draga, em dezembro, seria de novo suspensa até ressarcir o pai dos 100 mil cruzeiros (aproximadamente 3 mil reais de 2008) desembolsados para cobrir as despesas decorrentes do acidente. Dois meses após o reinício das aulas, o primeiro boletim de notas do Andrews renovou as esperanças da família Coelho: embora tivesse ido mal em algumas disciplinas, o filho recebera notas tão boas em português, filosofia e química que sua média geral subira para 6,1 — números medíocres, sim, mas certamente um progresso para quem há muito não conseguia chegar sequer à nota cinco. Ficaram todos na esperança: no segundo boletim a média caiu para 4,6 e no terceiro mal conseguira chegar aos 2,5. A chegada das notas passou a ser o dia de cobranças na família. Pedro Queima Coelho de Souza subia pelas paredes, esbravejava, cortava privilégios, ameaçava com castigos cada vez piores, mas Paulo parecia indiferente àquelas questões. “Estou de saco cheio do colégio”, repetia para os amigos. “Assim que puder me arrancar, não pensarei duas vezes.”

A energia e o entusiasmo que economizava nas provas escolares eram integralmente canalizados para o projeto de se tornar escritor. Inconformado com o fato de ainda não ser um autor conhecido e convencido do próprio talento, concluíra que seus problemas se resumiam a uma palavra: propaganda. Em longas caminhadas noturnas com o amigo Eduardo Jardim pela praia de Copacabana, naquele início de 1965, refletira muito sobre o tema — ou, em suas palavras, “sobre meus problemas em firmar-me como escritor consagrado”. Sua equação parecia simples: com o mundo tornando-se cada vez mais materialista (pelo comunismo ou pelo capitalismo, tanto fazia), a tendência natural era que as artes desaparecessem e, com elas, a literatura. E só a propaganda poderia salvá-las do armagedon cultural. Sua principal preocupação era com as letras, como várias vezes expusera didaticamente a Jardim: por não ser tão difundida quanto a música, a literatura não estava encontrando terreno fértil entre os jovens. “Se esta geração não tiver quem lhe infunda o gosto pelas letras”, argumentava com o amigo, “estas vão desaparecer em muito pouco tempo”. Para finalizar, revelava sua receita do sucesso:

— Por isso a propaganda será o principal elemento de meu programa literário. E será administrada por mim. Pela propaganda, obrigarei o público a ler e julgar o que escrevo. Com isso meus livros terão maior vendagem, mas isso será uma consequência secundária. O importante é que excitarei a curiosidade popular a respeito de minhas ideias, de minhas teorias.

A despeito do ar de espanto com que Jardim o ouvia, ele prosseguia com os projetos para a fase posterior à conquista do público:

— Depois, a exemplo de Balzac, escreverei, sob pseudônimo, artigos que me ataquem e me defendam, mas isso são outros quinhentos.

Jardim não parecia concordar com nada do que ouvia:

— Você está pensando como um comerciante, Paulo. Lembre-se de que a propaganda é uma coisa falsa, que força as pessoas a fazerem o que não querem.

No entanto, ele estava de tal modo convencido da eficiência daquelas ideias que desde janeiro mantinha grudada no tampo de sua mesa de estudos, em casa, uma exposição sumária das tarefas que teria que cumprir ao longo do ano para alcançar a consagração:

Programação Literária para o Ano de 1965

Comprar todos os jornais do Rio, em dia de semana.

Verificar seções literárias, respectivos encarregados e os diretores desses jornais. Enviar composições aos encarregados e carta explicativa aos diretores. Entrar em contato telefônico com eles, indagando o dia em que o escrito sai. Informar aos diretores quais são as minhas ambições.

Arranjar pistolões para publicação.

Repetir a operação com as revistas.

Saber se algum recebedor dos meus escritos deseja recebê-los periodicamente.

Repetir a operação com as estações de rádio. Sugerir um programa meu ou enviar minhas contribuições aos programas que já existem. Refazer o contato telefônico, indagando que dia será transmitido o que escrevo, se o for.

Procurar o endereço dos grandes escritores e escrever para eles mandando minhas poesias e pedindo críticas, bem como a colocação em jornais que escrevem. Insistir sempre que a carta não for respondida.

Comparecer sempre a noites de autógrafos, conferências, estreias de peças teatrais, procurando conversar com os grandes e fazer-me notado.

Organizar montagens de peças teatrais de minha autoria com convidados pertencentes à roda literária da velha geração, conseguindo com isto o “apadrinhamento”.

Procurar entrar em contato com a nova geração escritora, oferecendo coquetéis, comparecendo no lugar que ela frequenta. Continuar com a propaganda interna, comunicando sempre aos colegas minhas vitórias.

Datilografado no papel, o plano parecia infalível, mas a verdade é que Paulo continuava na mesma humilhante e doída obscuridade. Não conseguia publicar nada, não conhecia um crítico, um jornalista, ninguém que pudesse abrir-lhe uma porta ou estender-lhe a mão em direção ao sucesso. Para azedar ainda mais sua alma, continuava indo mal nos estudos e era com visível desânimo que se obrigava a ir todos os dias ao Andrews — para nada, pois suas notas continuavam cada vez piores. Passava os dias ausente, como se sua cabeça estivesse em outro mundo. Foi em meio a essa letargia que conheceu um colega de colégio chamado Joel Macedo, estudante do clássico. Tinham a mesma idade, mas Joel era o oposto dele: extrovertido e politicamente articulado, constituía uma espécie de benjamim da chamada “geração Paissandu” — cinéfilos e intelectuais que se reuniam no tradicional Cine Paissandu, no bairro do Flamengo. Agitador cultural, dirigia o grupo de teatro Taca e era o responsável pelo *Agora*, jornalzinho interno dos alunos do Andrews — de cuja redação, a seu convite, Paulo passou a fazer parte. O jornal vivia às turras com a conservadora direção do colégio por causa das denúncias que fazia de prisões e arbitrariedades cometidas pelo governo militar.

Um mundo novo se abriu diante dos seus olhos. Entrar para a turma do Paissandu era conviver com a nata da intelectualidade carioca e ver de perto as estrelas da contestação de esquerda ao regime militar. Não apenas cineastas, mas músicos, dramaturgos e jornalistas que ditavam a moda cultural no Rio constituíam a freguesia do cinema e de sua extensão, os dois bares que o cercavam, o Oklahoma e o Cinerama. As mais recentes novidades do cinema europeu eram exibidas nas “sessões malditas”, à meia-noite das sextas-feiras, quando os setecentos ingressos da sala evaporavam em minutos. Paulo não tinha inquietações políticas nem sociais, mas suas cavas ansiedades existenciais se encaixavam muito bem no perfil do típico frequentador do Paissandu e em pouco tempo ele circulava por lá com a desenvoltura de um nativo. Chegou um dia em que teve que confessar a Joel por que nunca aparecia nas sessões malditas, exatamente as mais requisitadas. “Primeiro porque só farei dezoito anos daqui a alguns meses, e os filmes exibidos lá em geral são proibidos para menores”, explicou, acrescentando que o segundo motivo era igualmente impeditivo: “Se eu chegar em casa depois das onze meu pai não abre a porta para mim”. Joel não se conformava ao ver alguém de dezessete anos com hora marcada para chegar em casa: “Chegou a hora de você dar seu grito de liberdade. A questão da idade é simples: basta você alterar a data de nascimento na carteira de estudante, como eu fiz”. E se ofereceu para resolver

também o problema do horário: “Após as sessões da meia-noite você passa a dormir na casa dos meus pais, em Ipanema”. A partir de então, com a carteira devidamente falsificada e um teto garantido, Paulo ingressaria no mundo encantado de Jean-Luc Godard, Glauber Rocha, Michelangelo Antonioni, Ingmar Bergman e Roberto Rossellini.

Uma dificuldade, porém, permanecia. Ingressos, cerveja, cigarros e condução custavam dinheiro. Nenhuma fortuna, claro, mas com a mesada cortada ele não tinha um tostão no bolso, nem ideia de como se manter. Para sua surpresa, a solução veio do pai. O dr. Pedro era amigo de Luís Eduardo Guimarães, diretor do *Diário de Notícias*, na época um influente jornal do Rio, e genro da proprietária, Ondina Dantas. Acertou um encontro do filho com o jornalista e dias depois Paulo começava a trabalhar como foca — um estreante, no jargão jornalístico — no velho prédio da rua Riachuelo, no centro da cidade. Iria trabalhar sem ganhar nada, até eventualmente ser contratado. O problema do dinheiro permanecia, mas havia uma compensação: o emprego era um passo para se libertar do controle paterno. Aí não parava mais em casa. Saía de manhã para o Andrews, voltava às pressas na hora do almoço, passava as tardes no jornal e as noites no Paissandu. O apartamento de Joel tornou-se sua segunda casa, tantas eram as noites que dormia lá.

Como acontece em todas as redações, aos focas cabia sempre o trabalho menos relevante, como os buracos de rua que atrapalhavam o trânsito, brigas de casais que terminavam na polícia ou a coleta de listas de mortos anônimos nos hospitais públicos para a seção de necrologia do dia seguinte. Era comum o novato chegar à redação e ouvir de Silvio Ferraz, chefe de reportagem do *Diário de Notícias*, ordens do tipo “vá conversar com os lojistas para ver se o comércio está em crise ou não”. Porém, mesmo sem ganhar nada e tratando de fatos desimportantes, ele se sentia um intelectual, alguém que escrevia todos os dias, não importava o assunto. Isso sem falar da grande vantagem do emprego. Agora, quando os colegas do Andrews ou alguém da fauna do Paissandu perguntava o que fazia, Paulo simulava naturalidade e dizia: “Sou jornalista, escrevo no *Diário de Notícias*”.

Jornal, cinema, teatro amador — com tanta atividade, os dias ficavam cada vez mais curtos, e cada vez sobrava menos tempo para o Andrews. Pedro só faltou arrancar os cabelos ao saber que o filho terminara o mês de abril com a média 2,5 no colégio (para a qual contribuíram os zeros obtidos em português, inglês e química), mas Paulo parecia estar gravitando em outra órbita. Fazia apenas o que lhe dava na cabeça e só voltava para casa à noite, na hora que lhe desse vontade. Se encontrasse alguma porta aberta, entrava. Se o pai tivesse tido o cuidado de trancar tudo às onze da noite, como costumava fazer, girava nos calcanhares, tomava o ônibus Leblon-Lapa e minutos depois estava dormindo na casa de Joel. Os pais não sabiam mais o que fazer.

No mês de maio um amigo pediu-lhe uma gentileza: pleiteava um emprego no Banco de Crédito Real de Minas Gerais e precisava de duas cartas de recomendação. Como era exatamente nesse banco que o dr. Pedro tinha conta, será que o velho não lhe daria uma das tais cartas? Paulo prometeu conseguir a carta, mas, ao tocar no assunto com o pai, levou um contravapor:

— De forma nenhuma! Só você mesmo para imaginar que eu daria endosso para esses vagabundos seus amigos...

Desapontado e com vergonha de falar a verdade ao amigo, não teve dúvidas: trancou-se no quarto e datilografou uma carta repleta de elogios ao candidato ao emprego, subscrita ao final por um solene “Engenheiro Pedro Queima Coelho de Souza”. Caprichou na assinatura, colocou o papel dentro de um envelope e pronto, o assunto estava encerrado. Tudo deu tão certo que o beneficiário da carta se sentiu na obrigação de agradecer a gentileza com um telefonema ao pai de Paulo. O dr. Pedro não entendeu o que o rapaz estava falando: “Carta? Mas que carta?”. Ao ouvir “gerente de banco”, nem deixou o outro terminar: “Eu não fiz carta nenhuma! O senhor traga essa carta aqui. Traga essa carta aqui imediatamente! Isso é coisa do Paulo! O Paulo falsificou a minha assinatura!”. Desligou o telefone e apressou-se a ir pessoalmente ao banco em busca do móvel do crime — a carta, a prova de que o filho se convertera em um falsificador, um fraudador. Alheio ao que estava acontecendo, ao chegar em casa, à noite, Paulo achou o pai meio mal-encarado, mas isso não era exatamente novidade. Antes de dormir fez uma breve anotação no diário:

Em um mês e meio publiquei nove reportagens no Diário de Notícias. Estou com uma viagem marcada para Furnas, no dia 12 de junho, quando me defrontarei com as mais altas personalidades do mundo político, como o presidente, os mais importantes governadores e os ministros de Estado.

Na manhã seguinte acordou especialmente animado, pois no *Diário de Notícias* corria o boato

de que naquele dia ele seria efetivado, o que significava virar um jornalista de verdade, com carteira assinada e salário garantido. Ao descer, estranhou que os pais estivessem de pé, na sala de visitas, à sua espera. Trombudo e em silêncio, o dr. Pedro parecia atirar faíscas pelos olhos. Foi Lygia quem falou:

— Meu filho, sua asma está nos preocupando muito, então nós marcamos hora no médico para você fazer um *checkup*. Tome seu café logo, porque temos que sair daqui a pouco.

Minutos depois o pai tirava o Vanguard da garagem, como raramente fazia, e os três seguiram pela orla marítima em direção ao centro da cidade. Sentado no banco de trás e com o pensamento absorto, Paulo admirava os enormes blocos de neblina seca que naquela época do ano pairavam sobre o mar, dando à baía de Guanabara um aspecto a um só tempo sombrio e poético. Quando estavam no meio da praia de Botafogo, o carro entrou à esquerda, na rua Marquês de Olinda, rodou três quadras e parou ao lado de um muro de mais de três metros de altura. Os três desceram e caminharam até o portão de ferro que guardava o lugar. Paulo ouviu o pai falar alguma coisa com o porteiro e momentos depois viu chegar uma freira que os acompanharia até o consultório. Estavam na Casa de Saúde Dr. Eiras, um grande hospital que ocupava vários edifícios e casarões dentro de um bosque ao pé de um morro. A freira seguiu na frente, indicando o caminho ao casal, e logo atrás vinha Paulo, sem entender o que se passava. Os quatro tomaram um elevador até o nono andar e quando caminhavam por um longo corredor, em direção ao consultório, a freira abriu uma das portas e mostrou a Pedro e Lygia um quarto com duas camas e uma janela protegida por uma grade de ferro, anunciando, sorridente:

— É aqui que o rapazinho vai dormir. Vejam como o quarto é espaçoso e bem iluminado.

Paulo não entendeu o que ouvia, mas nem teve tempo de perguntar, porque a essa altura estavam todos na sala do médico. Sentado do outro lado de uma mesa de madeira estava o psiquiatra Benjamim Gaspar Gomes, um homem de 52 anos, calvo, olhos miúdos e aparência simpática. Atônito, Paulo dirigiu-se aos pais:

— Se eu vim aqui fazer exames da asma, por que reservaram um quarto para mim?

Pedro não abriu a boca e Lygia tentou ser delicada ao explicar ao filho que ele estava sendo internado num hospício:

— Você não vai mais à escola, não dorme em casa. Saiu do Santo Inácio para não ser jubilado e acabou reprovado no Andrews. Depois teve o atropelamento do garoto em Araruama...

O pai falou pela primeira vez:

— Agora você passou da conta. Falsificar uma assinatura, como você fez comigo, não é mais travessura, é crime.

O resto aconteceu muito depressa. A mãe contou que ela e o pai haviam conversado longamente com o psiquiatra, o dr. Benjamim — colega de Pedro no IAPI e pessoa da inteira confiança da família —, e todos concordavam em uma coisa: ele estava nervoso demais, precisava ser medicado e seria melhor passar alguns dias naquela “casa de repouso”. Antes que se refizesse do susto, os pais se levantaram, despediram-se e desapareceram no corredor ladrilhado. De repente ele se viu sozinho, trancado num hospício, com um fichário escolar debaixo do braço e um agasalho nas costas, paralisado. Como se ainda fosse possível escapar daquele pesadelo, apelou para o médico:

— Mas o senhor vai me internar como louco sem ter feito nenhum exame, nenhuma entrevista, nada?

Benjamim Gomes tranquilizou-o com um sorriso:

— Você não está sendo internado como louco. Esta é uma casa de repouso. Você vai tomar remédios e descansar. E a entrevista é desnecessária, eu tenho todos os dados a seu respeito.



Pelas mãos do articulado Joel Macedo, Paulo entra para a “turma do Paissandu”, mas para isso precisa falsificar a caderneta escolar e aumentar dois anos na idade.



Os tais dados que o psiquiatra recebera do pai dificilmente justificariam, aos olhos de uma pessoa de bom senso, a violência de que Paulo estava sendo vítima: irritável, hostil, mau aluno e “até politicamente mostra-se contrário ao pai” — ou seja, nada diferente das queixas que nove entre dez pais fazem de seus filhos adolescentes. Já a mãe tinha preocupações mais precisas e achava que o rapaz “enfrentava problemas de ordem sexual”. As três razões de sua suspeita não pareciam vir de uma mulher inteligente e sofisticada como Lygia: o filho não conseguia arranjar namoradas, recusava-se a fazer operação de fimose e ultimamente seus mamilos pareciam crescer como os de uma garota. Na verdade, havia uma explicação para todos aqueles “sintomas”, inclusive para a alteração nos mamilos: nada mais eram do que o transitório efeito colateral de um hormônio para crescimento receitado por um médico a que ela própria levava o filho. O único episódio de tons mais próximos a uma questão psiquiátrica ocorrido com ele e que poderia ter chamado atenção dos pais nem lhes chegou ao conhecimento. Meses antes, em meio a uma de suas incontáveis madrugadas de insônia e angústia, Paulo decidira se suicidar. Foi até a cozinha da casa e passou a vedar as passagens de ar com fita-crepe e panos de limpeza. Na hora de abrir o registro do gás que vinha da rua para o fogão, porém, acovardou-se. Tomado de súbita e salvadora clareza, percebeu que não queria morrer, mas apenas chamar a atenção dos pais para seu desespero. Quando retirou o último pedaço de fita de trás da porta e preparava-se para retornar ao quarto, diz ter percebido, aterrorizado, que tinha companhia: era o Anjo da Morte. O pânico tinha lá sua razão de ser para Paulo, que lera em algum lugar que, chamado à Terra, o Anjo nunca voltava de mãos vazias. O desfecho do encontro macabro evidentemente mereceu registro no diário:

Eu sentia o cheiro do Anjo me rondando, a respiração do Anjo, o desejo do Anjo de levar alguém. Fiquei em silêncio e em silêncio perguntei o que ele queria. Ele me disse que tinha sido chamado e precisava levar alguém, prestar conta de seus serviços. Então eu peguei uma faca de cozinha, pulei o muro que dava para um terreno baldio, onde os favelados criavam cabras soltas, peguei uma delas e abri sua garganta de uma ponta à outra. O sangue esguichou alto, passando sobre o muro e respingando até nas paredes da minha casa. Mas o Anjo partiu satisfeito. Desde então eu tive certeza que jamais tentaria o suicídio de novo.

A menos que os pais tivessem cometido a indiscrição de ler seus escritos — suspeita que ele próprio levantaria tempos depois —, o sacrifício da cabra, na época atribuído a algum malfeitor desalmado, não poderia ter entrado nas contas de Lygia e Pedro para interná-lo ali. Enquanto absorvia o choque, foi conduzido ao quarto por um enfermeiro e, ao encostar-se nas grades de ferro da janela, espantou-se com a beleza da vista que se descortinava daquele lugar lúgubre. Do nono andar era possível ver, sem nenhum obstáculo à frente, as areias brancas da praia de Botafogo, os jardins do aterro do Flamengo e, emoldurando tudo, no fundo, o maravilhoso perfil do morro da Urca e do Pão de Açúcar. A cama ao lado da sua estava vazia, o que significava que ele teria que atravessar sozinho o calvário. À tarde alguém de sua casa entregou na portaria do hospital uma mala com roupas, livros e objetos pessoais. O dia transcorreu sem que nada acontecesse. Deitado na cama, Paulo pensava nas opções que tinha pela frente: a primeira, claro, era insistir no projeto de ser escritor. Se isso não desse certo, o mais viável seria tornar-se louco por conveniência. Seria sustentado pelo Estado, não teria que trabalhar nunca mais, tampouco teria de assumir qualquer responsabilidade. Isso significava passar muito tempo em instituições psiquiátricas, mas, após um dia circulando pelos corredores, ele percebera que os pacientes da clínica Dr. Eiras não se comportavam “como as pessoas loucas que você vê em filmes de Hollywood”:

Excetuando-se alguns casos patológicos de catatonia ou esquizofrenia, todos os outros pacientes são perfeitamente capazes de falar sobre a vida e de terem suas ideias próprias sobre o assunto. De vez em quando eles têm ataques de pânico, crises de depressão ou agressividade, mas estas não duram muito.

Paulo passou os dias seguintes tentando conhecer o lugar para o qual fora degredado pelos pais. Conversando com enfermeiros e funcionários que caminhavam a passos lentos pelos intermináveis corredores, descobriu que naquela clínica estavam internados oitocentos doentes mentais, separados pelo grau de insanidade e pela classe social. O pavimento onde se alojava era privilégio dos ditos “loucos mansos” e dos indicados por médicos privados, enquanto os demais, “perigosos” e dependentes dos serviços públicos de saúde, ficavam em outro prédio. Os primeiros dormiam em quartos com no máximo duas camas e banheiro privativo, e durante o dia podiam circular livremente por todo o andar. Mas tomar os elevadores — cujas portas eram trancadas com chave — só era possível em companhia de um enfermeiro e com guia assinada por um médico. Todas as janelas, sacadas e varandas eram protegidas por grades de ferro ou elementos vazados de cimento. Os segurados da previdência social dormiam em quartos coletivos com dez, vinte e até trinta leitos, ao passo que os considerados violentos permaneciam trancados em celas solitárias.

A Casa de Saúde Dr. Eiras não era apenas um hospício, como Paulo imaginou inicialmente, mas um conjunto de clínicas de neurologia, cardiologia e desintoxicação para alcoólatras e consumidores de drogas. Dois de seus diretores, os médicos Abraão Ackerman e Paulo Niemeyer, estavam entre os mais respeitados neurocirurgiões do Brasil. Assim como à sua porta se enfileiravam centenas de trabalhadores, usuários da previdência social, à espera de uma consulta, a Dr. Eiras era o destino também de grandes personalidades com problemas de saúde. Cinco anos antes do internamento de Paulo, lá estivera por quatro meses, em um chalé especialmente isolado para ele, o magnata Assis Chateaubriand, dono de um império de comunicações, vitimado por trombose cerebral. E na Dr. Eiras terminariam seus dias dois populares ídolos brasileiros, o gênio do futebol Garrincha, em 1983, vítima de alcoolismo, e a cantora Dircinha Batista, internada com depressão e que morreria em 1999 de parada cardíaca.

Durante o período em que esteve internado, Paulo recebeu visitas semanais da mãe. Em uma delas Lygia apareceu acompanhada da filha Sônia Maria, na época com quinze anos, que insistira muito para ver o irmão no hospital. Sônia saiu de lá chocada. “O ambiente era horrível, pessoas falando sozinhas pelos corredores”, lembraria com indignação a irmã, anos depois. “E, perdido naquele inferno, estava o Paulo, um menino, alguém que jamais deveria estar ali.” Saiu de lá com ganas de dizer isso aos pais, de implorar que abrissem o coração e tirassem o irmão do hospício,

mas faltava coragem. Se ela não protestava nem em defesa dos próprios direitos, o que poderia fazer por ele? Ao contrário de Paulo, Sônia passaria a vida submissa aos pais — a ponto de, casada e mãe de filhos, não fumar na frente do pai e ocultar-lhe que usava maiô de duas peças.

Quanto aos padecimentos de Paulo, só não foram maiores, nas palavras do dr. Benjamim, que o visitava todas as manhãs, graças “à magia, a um jogo de cintura muito peculiar dele, mesmo quando protestava contra o fato de estar internado”. Segundo o psiquiatra, “se Paulo não sofreu mais é porque tinha uma bela conversa”. E foi graças à “bela conversa” que escapou de uma violência praticada com frequência contra os doentes mentais da clínica: os choques elétricos. Embora fosse um homem bem informado sobre doenças mentais, tradutor de livros de psiquiatria, o dr. Benjamim Gomes era um empedernido defensor do tratamento que boa parte do mundo já condenara, a bárbara eletroconvulsoterapia. “Em certos casos, como nas depressões irrecuráveis, não há alternativa”, repetia com segurança. “Qualquer outra terapia é tapeação, engodo, paliativo, é protelação perigosa.” O fato é que, enquanto esteve internado, Paulo foi submetido a doses tão pesadas de psicotrópicos que passava o dia inteiro abobalhado, arrastando chinelos pelos corredores. E, embora jamais tivesse experimentado qualquer tipo de droga — nem mesmo maconha —, passou quatro semanas consumindo caixas e caixas de medicamentos supostamente desintoxicantes que o deixavam ainda mais atordoado.

**casa de saúde
dr. eiras sa**
Rua Senador A. B. - bairro - tel. 881.8848 - e.g., 34.361.238/0001-42 - Insc. mun. 430.858/01

Rio de Janeiro, 05 de maio de 1998.

Ofício nº 2269
Ilmo. Sr.
Paulo Coelho de Souza
Av. Atlântica, nº 3370 aptº 701 - Copacabana
Rio de Janeiro - RJ

Prezado Senhor,

Em resposta ao seu requerimento de 24 de abril de 1998, transcrevemos, abaixo, os dados constantes do prontuário médico em nome de Paulo Coelho de Souza:

Interações:

- 1ª 01.06.65 a 28.06.65 -> Alta médica
- 2ª 20.07.66 a 09.09.66 -> Alta por evasão
- 3ª 28.06.67 a 09.07.67 -> Alta por evasão

Histórico:

- 1ª Internação: segundo o pai, o paciente vem apresentando modificações psicológicas, principalmente no que se refere à conduta. Tornou-se agressivo, irritável, hostilizando abertamente os genitores. Atm politicamente mostra-se contrário aos pais-sic. Na escola, vem decaindo progressivamente e fala em largar os estudos. A mãe pensa que o paciente enfrenta problemas de ordem sexual, pois tem fimose e não parece ter amadurecido suficientemente. Quando não consegue obter o desejado, usa de artifícios para sempre satisfazer. Assim, assustura pelo pai um atestado que o mesmo se recusou a dar-sic. “Sinto que o menino vem tomando atitudes cada vez mais extremadas e isto nos levou a interná-lo.” Ultimamente estava trabalhando como repórter e parecia que tinha boa produtividade, pois iria ser efetivado-sic.
- 2ª Internação: Ocorreu apenas de cansaço. Negou-se a dar informações. Está calmo, bem orientado no tempo e no espaço.
- 3ª Internação: Internado para observação e tratamento.

Diagnóstico: CID 10 (JANEIRO/98) -> F60.1

Tratamento: Psicofarmacológico, complexo vitamínico, antitéxicos.

Médico Assistente: Dr. Benjamim Gomes

Atenciosamente,

Dr. Benjamim Gomes
Dr. Benjamim Gomes de Souza
Diretor-Técnico

Nota: A divulgação deste laudo é de exclusiva responsabilidade do requerente.

058.1 046

A ficha de Paulo na Casa de Saúde Dr. Eiras: além de “agressivo, irritável, hostil e politicamente contrário aos pais”, a mãe achava que ele tinha problemas sexuais.

Como quase ninguém sabia que estava internado, mal tinha notícias dos amigos. Um dia recebeu a inesperada visita do responsável indireto por sua presença ali, o amigo que lhe pedira a carta de recomendação, que saiu de lá com uma ideia maluca, que nunca se realizaria: organizar um comando com os rapazes do extinto grupo Rota 15 para resgatá-lo à força daquele lugar medonho. Mas sua sofrida alma só encontrava a verdadeira paz quando aparecia por lá seu mais recente flerte: Renata Sochaczewski, uma linda garota que conhecera em um grupo de teatro amador e que se tornaria uma das grandes atrizes brasileiras com o nome artístico de Renata Sorrah — a quem Paulo chamava carinhosamente de “Rennie” ou “Pato”. Quando não conseguia entrar para visitá-lo, Renata fazia chegar-lhe furtivamente às mãos curtos bilhetinhos de amor. Coisas como “Aparece na janela que estou te esperando para dar até logo”, ou “Escreve uma lista do que você quer e me entrega na sexta-feira. Ontem telefonei, mas não te chamaram”.

Ao receber alta médica, quatro semanas depois de ter sido internado, Paulo estava muito fragilizado, mas ainda tentava tirar alguma lição positiva daquela passagem pelo inferno. Só ao voltar para casa é que se animou a retomar as anotações no diário:

Neste meio-termo, estive internado na Casa de Saúde Dr. Eiras, como desajustado. Passei lá

28 dias, perdi aulas, perdi o trabalho, e saí como se fosse bom, sem nenhum motivo para internação. É, meus velhos têm cada uma! Me estragam a profissão, me estragam o ano escolar e gastam dinheiro para depois notarem que eu não tinha nada. O negócio é começar tudo de novo. Levar o que já passou na brincadeira e na demagogia. (O pior é que eu ia passar para o quadro efetivo do jornal no dia da minha internação.)

Mas isto foi bom. Como dizia um interno do meu pavimento, “todas as experiências pelas quais temos de passar são boas, mesmo as más”. Sim, tirei grande proveito. Pude me amadurecer e ter maior autoconfiança. Pude fazer um estudo maior de meus amigos, e notar certas coisas em minhas ideias que passaram despercebidas. Agora sou um homem.

Se ele deixara a clínica convencido de que “não tinha nada”, esta não era a opinião do psiquiatra Benjamim Gomes. A ficha hospitalar arquivada em seu nome nos porões da Dr. Eiras apresentava um diagnóstico sombrio, que mais parecia uma condenação: “Paciente com personalidade esquizoide, avesso a contatos sociais e afetivos. Tem preferência por atividades solitárias. É incapaz de expressar sentimentos e de experimentar prazer”. A julgar por aquele pedaço de papel, o sofrimento só estava começando.

Paulo apedreja a própria casa e sonha que está sendo levado de novo para o hospício: o problema é que não era sonho

Os poucos amigos que tinham acompanhado os 28 dias de sofrimento de Paulo na clínica se surpreenderam com a alta. Embora fisicamente abatido e com aparência mais frágil do que antes, não fazia a menor questão de esconder que tinha sido internado em um hospício. Ao contrário, na primeira vez que apareceu no murinho da rua Rodrigo Otávio, atraiu uma roda de amigos para se gabar de ter vivido uma experiência que nenhum dos demais conhecera: ser tratado como louco. Descreveu personagens e relatou episódios tão mirabolantes acontecidos na casa de saúde, muitos inventados, que alguns amigos chegaram a manifestar inveja por nunca terem estado em um lugar tão interessante. Lygia e Pedro se preocuparam com o comportamento do filho. Temendo que a internação pudesse estigmatizá-lo na escola e no trabalho, tratavam o assunto com absoluta discrição. O próprio pai se encarregara de comunicar ao Andrews e ao *Diário de Notícias* que sua ausência se devia a “uma viagem inesperada”. Ao saber que o filho estava contando a verdade para todos, o dr. Pedro o advertiu:

— Pare com isso. Se as pessoas souberem que você esteve internado com problemas mentais, jamais poderá se candidatar a presidente da República.

Sem a menor pretensão de ser presidente do que quer que fosse, Paulo parecia ter voltado da clínica com apetite redobrado para o que chamava de “vida intelectual”. E agora tinha um novo lugar para bater ponto, além do teatro amador do Andrews e do Cine Paissandu. A diretora do Serviço Nacional de Teatro (SNT), Bárbara Heliodora, conseguira autorização do governo para transformar a antiga sede da UNE, a União Nacional dos Estudantes (que havia sido saqueada e incendiada por grupos de extrema-direita no dia do golpe militar), no novo Conservatório Nacional de Teatro. Sem restaurar ou pintar as marcas deixadas pelas chamas dos vândalos, no lugar onde funcionara o Centro Popular de Cultura, o célebre CPC da UNE, foi criado o Teatro Palcão, uma sala de espetáculos com 150 lugares que voltaria a ser, sem a liberdade de antes, um centro de agitação cultural ocupado permanentemente por laboratórios, ensaios e montagens de grupos teatrais. Ali nasceria também o embrião do Teatro Universitário Nacional (TUN), companhia irregular composta apenas de estudantes. Toda a experiência de Paulo na área se resumia à peça *O Feio*, destruída antes de completar um dia de existência, e a mais duas ou três outras que escrevera e que também não haviam passado dos limites domésticos. Mas estava confiante em que tinha jeito para a coisa e mergulhou de cabeça no recém-criado Conservatório Nacional de Teatro.

Quando retornou ao *Diário de Notícias*, tornou-se claro para Paulo que sua ausência de quase um mês sepultara ou pelo menos adiara a chance de ser efetivado como repórter, mas continuou ali sem ganhar nem reclamar. Trabalhar em um lugar que lhe permitia escrever todos os dias — mesmo que fossem os assuntos chatos que costumavam cair em suas mãos — estava muito bom, até de graça ele topava. No final de julho de 1965 foi destacado para fazer uma reportagem sobre a história da Congregação Mariana no Brasil. Começando a adquirir traquejo como repórter, não teve dificuldade para se desincumbir da tarefa: na sede da instituição, entrevistou religiosos, anotou números e escreveu um pequeno artigo contando tudo sobre os marianos, desde que haviam chegado ao Brasil juntamente com os primeiros missionários jesuítas portugueses. Na manhã seguinte, a caminho do Andrews, comprou o *Diário de Notícias* na banca e sorriu orgulhoso ao ver sua matéria publicada. Com uma mexida aqui e outra ali do copidesque, mas na essência era o seu texto que estava sendo lido por milhares de leitores àquela hora.

Ao chegar à redação, depois do almoço, soube que sua cabeça estava a prêmio. Enfurecidos com a reportagem, os congregados marianos tinham ido reclamar diretamente com a proprietária do jornal. Os religiosos o acusavam de ter inventado informações, atribuindo-as a dirigentes da instituição. O jovem foca ficou indignado ao ouvir aquilo — afinal, o episódio da carta lhe ensinara uma lição para o resto da vida e nem queria ouvir falar em falsificação. Embora os colegas dissessem que a melhor política era se fingir de morto até o assunto esfriar, lembrou-se da experiência do salto sobre o rio, na Fortaleza de São João, e decidiu: melhor do que sofrer com a perspectiva de ser punido injustamente era ir logo esclarecer tudo. Sentou-se diante da sala envidraçada da diretoria, o chamado “aquário”, e esperou pela chegada da dona do jornal, o que só aconteceria duas horas depois. Introduzido no aquário, permaneceu de pé diante da mesa dela:

— Dona Ondina, eu sou a pessoa que escreveu a reportagem sobre a Congregação Mariana e

vim esclarecer...

Interrompido no meio da fala, nem pôde terminar a frase:

— Você está despedido.

Surpreso, ainda tentou argumentar:

— Mas dona Ondina, eu estou para ser efetivado no jornal...

Sem tirar os olhos do papel, ela repetiu:

— Você está despedido. Pode se retirar, por favor.

Paulo saiu de lá lamentando sua ingenuidade. Se esperasse alguns dias, como lhe haviam aconselhado, provavelmente ela se esqueceria do assunto. Agora não havia mais salvação. Voltou para casa com o rabo entre as pernas. Apesar de abalado com a notícia, sua capacidade de fantasiar parecia ser infinita. Ao registrar no diário o arrependimento por ter tomado a iniciativa, ele pinta a demissão com tintas de perseguição política:

Ah! Quanta coisa eu poderia ter feito para evitar o que aconteceu comigo! Poderia ter cedido e tornar-me de direita simplesmente para conservar meu emprego no jornal. Mas não. Quis ser o mártir crucificado por suas ideias, e me colocaram na cruz antes que pudesse dizer algo para a humanidade. Não pude sequer dizer que era inocente, que lutava pelo bem de todos. Mas não! Morre agora, cão imundo. Eu sou um verme. Um C-O-V-A-R-D-E! Fui despedido do "DN" por subversão. Agora, nada mais me resta que um colégio noturno e muito tempo sem fazer nada.

O *Diário de Notícias* não era um jornal de direita nem ele havia sido demitido por razões políticas, mas Paulo parecia disposto a tirar proveito da internação. Uma vez que tinha "aval de louco", iria gozar da inimizabilidade que protege os doentes mentais e fazer o que lhe desse na cabeça. Que se danassem a escola e os pais, porque pretendia correr atrás de seu sonho. Nas suas próprias palavras, virara um "transviado", um frequentador de gangues, mas, como não tinha músculos como os demais rapazes, achou que podia ser um "transviado intelectual", alguém que lia coisas que nenhum dos amigos lera e sabia coisas que ninguém conhecia. Andava em três turmas diferentes — a do Paissandu, a do Conservatório e a do que restara do Rota 15 —, mas toda vez que a violência aflorava ele se envergonhava por não ter coragem sequer para apartar uma briga de socos.

Sabia, contudo, que não era com exibições de força física que iria triunfar. E se antes se sentia "um existencialista a caminho do comunismo", agora se considerava "o comunista da rua". Havia lido a célebre trilogia de Henry Miller — *Sexus*, *Plexus* e *Nexus* —, passara os olhos em obras de Marx e Engels, e sentia-se seguro para falar de temas como "socialismo real", "guerra fria" e "exploração da força de trabalho". Num texto intitulado "A Arte no Brasil", ele cita Lênin para assegurar que o líder bolchevique "já falava da necessidade de dar dois passos atrás quando se vê que é o único meio para dar um passo à frente. A arte não pode fugir desta premissa. Deve primeiro se adaptar ao homem e depois de ter grangeado [sic] sua confiança, seu respeito e seu amor, induzi-lo ao caminho da realidade". A base do sofisma de enveredar por um terreno que antes repudiava era simples: eu sou um intelectual, e, como intelectual é sempre comunista, sou comunista. A mãe de uma garota com quem andara flertando chegara a acusá-lo de estar "colocando minhoca" na cabeça dos pobres da rua. "De Henry Miller ao comunismo é um passo", escreveu, "então eu já estou comunista". O que só confessava ao diário é que odiava Bergman, achava Godard "um saco" e Antonioni "uma chatice". De verdade gostava mesmo era de ouvir os Beatles, mas não ficava bem a um comunista dizer isso em público.

Os estudos, como prometera, tinham passado para o segundo ou terceiro plano. Temendo que ele fosse perder o ano, em agosto a direção do Andrews chamou Lygia e Pedro para tratar de três assuntos: notas baixas, faltas excessivas e "problemas pessoais do aluno". Desde o reinício das aulas, após as férias de julho, o jovem não conseguira notas superiores a 2,5 em nenhuma disciplina e nesse período não comparecera a uma única aula de matemática — o que explicava o fato de nunca ter tirado mais do que três nessa matéria, desde que se mudara para o Andrews. Ele de fato saía de casa todas as manhãs e ia para o colégio, mas lá chegando, envolvido com o grupo de teatro, costumava passar dias sem entrar na sala de aula. O diagnóstico apresentado aos pais era preocupante: ou o filho superava o desânimo e arranjava algum estímulo para estudar ou seria reprovado. Embora o Andrews não adotasse o sistema de jubilação do Santo Inácio, o orientador escolar sugeriu sutilmente aos pais que, "para evitar o mal maior", talvez fosse mais conveniente transferi-lo, antes do final do ano, para uma instituição de ensino "menos exigente". Em português claro: se não quisessem passar a vergonha de ver o filho reprovado de novo, o melhor era matriculá-lo logo em uma "boate" — como eram chamados os colégios em que bastava o aluno

pagar em dia as mensalidades que a aprovação estava garantida. Eles receberam o conselho com indignação. Nem Lygia nem Pedro tinham perdido as esperanças de trazer Paulo de volta para o mundo do Bem, e aceitar uma sugestão como aquela é que seria, sim, uma capitulação humilhante. Por nada desse mundo ele iria terminar o colegial numa escola de quinta categoria.

Paulo, no entanto, parecia viver em outra galáxia. O convívio com o meio teatral, reduto de oposição ao regime militar, o aproximara de jovens que iniciavam a militância na política. Agora só via filmes e peças de teatro de protesto e incorporara ao seu vocabulário slogans esquerdistas como “mais pão, menos canhão” e “o povo, unido, jamais será vencido”. Na noite em que, com um grupo de amigos, assistia a Oduvaldo Viana Filho e Paulo Autran encenando *Liberdade, Liberdade*, no Teatro Opinião, a peça foi interrompida no meio. Um rapaz descabelado e com forte sotaque nordestino subiu ao palco e fez um “comício-relâmpago” contra a ditadura militar. Era o líder estudantil e futuro deputado federal Vladimir Palmeira, na época presidente do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (Caco), da então denominada Faculdade Nacional de Direito, conclamando o público a mais uma passeata estudantil contra o regime. Como um indicador do agravamento da situação política no país, poucos anos depois Vladimir Palmeira, preso pelo regime militar, seria trocado pelo embaixador dos Estados Unidos, Charles Burke Elbrick, sequestrado por um comando guerrilheiro. Nas poucas vezes em que Paulo se animou a participar de uma passeata contra o governo, seu real objetivo era ser visto pelo pai, cujo escritório ficava na região central da cidade, terreno obrigatório das marchas de protesto que começavam a pipocar no Rio. Na verdade ele estava sendo despertado para um mundo que nunca fizera parte de suas preocupações, o da política. Salvo um ou outro registro, como o resultado das eleições presidenciais de 1960, vencidas por Jânio Quadros, seu diário era um retrato da indiferença com que via a política e os políticos. Quando os militares tomaram o poder, em abril do ano anterior, Paulo estava entregue a altas divagações a respeito do céu e do inferno. Duas semanas antes do golpe, enquanto o país fervia com as repercussões do discurso do presidente João Goulart no célebre “comício das reformas”, Paulo consumira várias páginas do diário para contar a desdita de uma loura de dezesseis anos” que conhecera na rua: “Imagine que essa menina fugiu de casa e para poder viver tem se sujeitado às mais humilhantes coisas possíveis, apesar de ainda conservar sua virgindade. No entanto será obrigada a perdê-la para poder comer”. E concluía: “Nessas horas chego a duvidar da existência de Deus”.

Mas isso era o passado. Agora o futuro autor de best-sellers se sentia um militante da resistência, embora suas manifestações contra a ditadura nunca extrapolassem os limites do diário, e mesmo assim de forma muito tímida. Era lá que registrava o inconformismo com a situação vigente, como no libelo que intitulou de “Eu Acuso” — uma salada em que contrapunha, de um lado, os Beatles, Franco, Salazar e Lyndon Johnson, e, do outro, De Gaulle, Glauber Rocha e Luís Carlos Prestes:

Eu acuso os ricos, que compraram a consciência dos políticos. Eu acuso os militares que dominam pelas armas o sentimento do povo. Eu acuso os Beatles, o Carnaval e o futebol de desviar a mentalidade da geração que se formava e que tinha sangue suficiente para afogar os tiranos. Eu acuso Franco e Salazar, que vivem à custa da opressão de seus próprios compatriotas. Eu acuso Lyndon Johnson, que vive à custa da opressão de países que não podem reagir à enxurrada de dólares. Eu acuso o papa Paulo VI, que deturpou as palavras de Cristo.

Mas haverá algo de bom no mundo que me cerca? Sim, não é só decepção. Aí está De Gaulle, que reergueu a França e pretende estender por todo o mundo a liberdade. Aí está Yevtushenko, que levantou a voz contra um regime, sabendo que poderia ser esmagado sem ninguém saber, mas afinal viu que a humanidade sabia aceitar seus pensamentos, livres como pombas. Aí está Khruchov, que permitiu que o poeta se expressasse em toda sua forma. Aí estão Francisco Julião e Miguel Arraes, dois verdadeiros líderes que souberam lutar até o fim. Aí estão Ruy Guerra e Glauber Rocha, que trouxeram para a arte popular uma mensagem de revolta. Aí está Luís Carlos Prestes, que sacrificou tudo por um ideal. Aí está a vida que palpita em mim, para que eu possa algum dia falar também. Aí está o mundo, nas mãos dos jovens. Talvez, antes que seja tarde, eles tomem consciência do que isto significa. E lutem até a morte.

A primeira oportunidade de trabalho que surgiu, no entanto, estava a anos-luz da luta contra a ditadura militar e a espoliação dos povos subdesenvolvidos pelo imperialismo ianque. Uma cooperativa de atores chamada Grupo Destaque estava ensaiando um clássico infantil, a peça *Pinóquio*, com estreia marcada para o fim daquele ano de 1965, e a direção topara com um problema complicado. Como os cenários eram trocados sete vezes durante o espetáculo, temia-se

que, cada vez que a cortina descesse, o público, composto, sobretudo, de crianças, se dispersasse pela plateia, atrasando o reinício da peça. A solução encontrada pelo produtor, o francês Jean Arlin, era simples: chamar mais um ator para, a cada intervalo, aparecer no palco e distrair a criançada até que as cortinas subissem de novo. Para o papel, lembrou-se de um novato feio e desengonçado, mas muito espirituoso, que lhe fora apresentado por Joel Macedo, chamado Paulo Coelho. Não era teatro de resistência, o papel que lhe ofereciam nem texto tinha, tratava-se de apenas alguns minutos de improviso, e a perspectiva de que o trabalho rendesse algum dinheiro era remotíssima. Como se tratava de uma cooperativa, após os espetáculos a renda da bilheteria seria rateada, em dinheiro vivo, primeiro para pagar o aluguel do teatro, depois os técnicos, iluminadores e contrarregas, com o restante — se sobrasse algo — fraternalmente dividido entre atores e atrizes. A cada um dos atores, no final, caberia apenas o suficiente para um lanche, mas mesmo assim Paulo aceitou o convite na hora.

No primeiro ensaio de que participou, pegou no guarda-roupa do teatro um macacão esmolambado e um chapéu velho e esperou na coxia a hora de entrar. A única orientação que recebera do diretor, o argentino Luis Maria Olmedo, conhecido como “Cachorro”, foi a de improvisar. Quando a cortina baixou, na primeira troca de cenário, subiu ao palco e, em meio a micagens, declamou o que lhe veio à cabeça:

— Batatinha quando nasce, se esparrama pelo chão. Mamãezinha quando dorme, põe a mão no coração.

Sob gargalhadas gerais, ganhou o papel e um novo apelido. Daquele dia em diante, para os amigos do teatro, passaria a ser o Batatinha. Apesar de se considerar um péssimo ator, durante as semanas seguintes entregou-se com tal dedicação ao trabalho que, quando *Pinóquio* estava para estreiar, suas entradas haviam sido incorporadas ao espetáculo, com direito a que seu nome aparecesse no programa e nos cartazes. A cada ensaio elaborava ainda mais as falas — sempre respeitando os poucos minutos da troca dos cenários —, inventava nomes estranhos, fazia caretas, saltava e gritava. No fundo, achava ridículo tudo aquilo, mas, se aquela era a porta que lhe tinham aberto, era por ela que entraria no mundo do teatro. A fase do teatrinho familiar chegara ao fim. No Grupo Destaque iria conviver com profissionais, pessoas que viviam do teatro — desde gente experiente como Geraldo Casé, responsável pela trilha sonora da peça, até atores jovens, como o cearense José Wilker. Embora tivesse a mesma idade de Paulo, Wilker já trabalhara como profissional de teatro e naquele mesmo ano fizera uma ponta no filme *A Falecida*, dirigido por Leon Hirszman, um dos cardeais do Cinema Novo. Após os ensaios, a alegre e colorida trupe do *Pinóquio* saía do Teatro Miguel Lemos, caminhava pela praia até a rua Sá Ferreira, a quatro quadras de distância, e fazia a parada obrigatória no bar Gôndola. Era lá que se encontrava a fauna de atores, atrizes, técnicos e diretores que todas as noites enchia os palcos dos quase vinte teatros então existentes em Copacabana.

Paulo se sentia no melhor dos mundos. Por fim, tinha completado dezoito anos, e isso significava que podia beber à vontade, assistir a qualquer tipo de filme ou peça de teatro e varar as noites na rua sem ter de dar satisfação a ninguém. Exceto, naturalmente, ao pai. O engenheiro Pedro Queima Coelho via com péssimos olhos a nascente vocação do filho para o teatro. E não era só porque ele mal aparecia no colégio e estava na iminência de ser reprovado de novo. Para os pais, o mundo do teatro era um “reduto de homossexuais, comunistas, viciados em drogas e preguiçosos” do qual preferiam ver o filho longe. No final de dezembro, porém, acabaram capitulando e aceitaram o insistente convite para ir à pré-estreia de *Pinóquio*. Afinal, tratava-se de um clássico infantil, nada do teatro indecente e subversivo que andava fazendo tanto sucesso no país. Paulo reservara assentos para os pais, a irmã e os avós — e, para sua surpresa, todos compareceram. No dia da estreia o *Caderno B* do *Jornal do Brasil* publicou uma nota e pela primeira vez seu nome apareceu em letra de forma. Era o último da lista, mas para quem estava começando era o lugar certo. A sensação de estar num palco foi registrada de forma breve mas emocionada no diário:

Ontem foi minha estreia. Emoção. Mas emoção mesmo. Inesquecível quando me vi diante do público, com os spots cegando-me, e meus dizeres provocando risos. Sublime, mas sublime mesmo. Foi minha primeira realização este ano.

A ida da família à estreia não significou um armistício. Ao saberem da reprovação no Andrews, e ainda apegados à ideia fixa de que Paulo tinha problemas mentais, os pais o obrigaram a frequentar uma psicoterapia de grupo três vezes por semana. Indiferente ao ar de hostilidade que respirava no ambiente doméstico, o filho vivia momentos inesquecíveis. Em algumas semanas praticamente criara um personagem novo na peça: quando as cortinas baixavam, sentava-se na

ponta do palco, desembrolhava um apetitoso caramelo ou bombom e punha-se a comê-lo voluptuosamente. A garotada olhava a cena babando de vontade e o projeto de ator perguntava a um dos pirralhos da primeira fila:

— Quer uma balinha?

O público urrava:

— Eu quero! Eu quero!

Ele respondia com ar sádico:

— Pois vai continuar querendo. Não dou, não!

Batatinha dava mais uma mordida, ou lambida, e voltava-se de novo para alguém da plateia:

— Você quer um bombom?

De novo a gritaria, e mais uma vez Paulo negava, e isso se repetia até que as cortinas subissem para mais um ato da peça. Um mês e meio depois da estreia, *Pinóquio* passou a ser encenado no Teatro Carioca, instalado no térreo de um edifício de apartamentos no Flamengo, a poucos metros do Cine Paissandu. Uma tarde, enquanto ensaiava, Paulo notou que numa das últimas cadeiras da plateia se sentara uma moça muito bonita, de olhos azuis e longos cabelos escorridos pelas costas, que parecia olhá-lo fixamente. Era Fabíola Fracarolli, moradora no oitavo andar do mesmo prédio, que vira a porta aberta e, por curiosidade, entrara para conhecer o teatro por dentro. No dia seguinte Fabíola voltou e no terceiro ele decidiu abordá-la. A garota tinha dezesseis anos, era órfã de pai e vivia num pequeno apartamento alugado com a mãe, costureira, e com a avó materna, uma anciã esclerosada que passava o dia inteiro agarrada a uma bolsa cheia de papéis velhos que dizia serem “a sua fortuna”. Até os quinze anos Fabíola convivera com um estorvo estético — um gigantesco, caricato nariz à la Cyrano de Bergerac. Ao descobrir que o único rapaz que conseguira conquistar tinha sido pago pelas primas para namorá-la, não pensou duas vezes. Subiu na janela do apartamento, pendurou-se do lado de fora e desafiou a mãe:

— Ou a senhora me paga uma operação plástica ou eu me atiro!

Semanas depois, recuperada da cirurgia e ostentando um narizinho de miss esculpido a bisturi, sua primeira providência foi acabar tudo com o namorado, que custou a reconhecer naquela beldade a nariguda de antes. E foi a nova Fabíola que se apaixonou perdidamente por Paulo. Em fase de franca ascensão com as mulheres, ele continuava o flerte com Renata Sorrah e resolvera perdoar Márcia e aceitá-la de volta como namorada. Mas ainda assim passou a namorar firme com Fabíola. A mãe dela parecia ter se compadecido do rapaz franzino e de respiração ofegante, a ponto de incorporá-lo como agregado da família. O namorado passou a almoçar e jantar quase todos os dias com elas, o que facilitava muito sua vida como Batatinha. Como se tanta delicadeza não fosse suficiente, logo dona Beth mudaria sua cama para o quarto da mãe doente, de modo a liberar um cômodo, que Paulo passou a usar como estúdio, escritório e sala de reuniões. Para dar ao lugar uma aparência menos doméstica, ele colou folhas de jornais em todos os espaços disponíveis, forrando as paredes, o teto e até o chão do quarto. Nas ausências da mãe de Fabíola, o local de trabalho dava lugar à alcova em que a jovem viveu, com o namorado, sua iniciação sexual. Mas Paulo continuava sem entender o que uma mulher linda como aquela, capaz de chamar a atenção dos homens na rua, poderia ter visto num sujeito tão mofino como se julgava. Perseguido pela insegurança e movido por um traço certamente doentio, deu um ultimato à namorada:

— Eu não consigo acreditar que uma mulher com a sua beleza, seu charme, com essas roupas tão lindas, possa estar apaixonada por mim. Preciso de uma prova de que você me ama de verdade.

Fabíola respondeu com um “pode pedir o que quiser” tão firme que ele se encheu de coragem e propôs:

— Se você me ama mesmo, deixe que eu apague este cigarro na sua coxa. Sem chorar.

A garota levantou a barra da saia indiana que ia até os pés, deixando à mostra um naco de perna, como alguém que espera a aplicação de uma injeção, e lhe dirigiu um sorriso, sem dizer mais nada. Paulo deu uma tragada funda no Continental sem filtro e quando a ponta do cigarro estava completamente vermelha espremeu-o com força na coxa lisa e dourada de sol. Com os olhos fechados, Fabíola ouviu o chiado e sentiu o cheiro desagradável da brasa queimando sua pele — ela guardaria essa cicatriz pela vida afora, mas não abriu a boca nem deixou escapar uma lágrima. Paulo ficou em silêncio, mas pensou: essa me ama. Apesar de tantas e tão sucessivas declarações de amor, era ambíguo seu sentimento em relação a Fabíola. Se de um lado se orgulhava de circular pelos lugares da moda de mãos dadas com um mulherão daqueles, de outro morria de vergonha da frivolidade e espantosa ignorância dela a respeito do que quer que fosse. Fabíola era o que se chamava na época de “cocota” — ou “patricinha”, como seriam conhecidas mais tarde as garotas bonitas, elegantes e intelectualmente vazias. No dia em que ela disse em

público, numa roda de chope, que Mao Tsé-Tung era “o costureiro francês que criou os terninhos Mao”, Paulo teve vontade de enfiar a cabeça num buraco. A dela, claro. Mas era um namoro tão cômodo, que não lhe exigia nada, e ela era tão bonita que valia a pena suportar aquelas bobagens com bom humor.

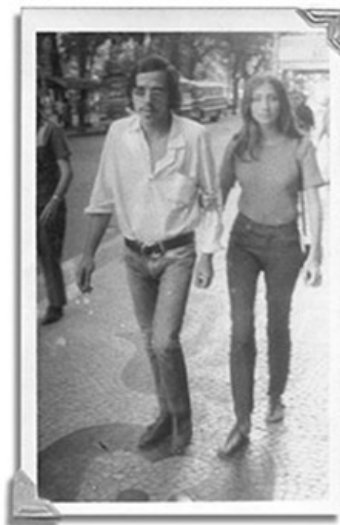
No dia em que foi convidada para conhecer a casa dele, a garota levou um susto. A julgar pela aparência andrajosa do namorado, e por sua dureza permanente (com frequência ela tirava dinheiro da própria mesada para que Paulo comprasse cigarros e andasse de ônibus), Fabíola sempre imaginou que o parceiro fosse um pobretão que não tinha onde cair morto. Daí sua surpresa ao ser recebida por um mordomo de luvas brancas e dólmã de botões dourados. Por instantes chegou a imaginá-lo filho de algum empregado, mas não, era filho do próprio dono da casa — “uma enorme mansão cor-de-rosa, com piano de cauda e jardins internos enormes”, diria Fabíola lembrando-se desse dia. “Imagine que no meio da sala de visitas havia uma escadaria idêntica à do filme... *E o Vento Levou...*” Na hora do almoço Lygia indicou os lugares em que cada um devia se sentar. Simulando familiaridade com aquela quantidade de talheres de prata de vários tamanhos e com o grande prato vazio à sua frente, Fabíola não se arriscou a fazer perguntas. O mordomo parou às suas costas, esticou o braço e depositou uma tigelinha de porcelana com sopa sobre o prato. Muitas décadas depois ela daria gargalhadas ao reconstituir a cena:

— Como nunca havia sido servida à francesa, não tive dúvidas: peguei a tigelinha de sopa e coloquei no centro da mesa, para que todos se servissem. Em vez de ficar bravo comigo, o Paulo teve um acesso de riso. Riu tanto que caiu da cadeira.

Embora maior de idade e gozando de relativa independência, Paulo ainda sofria frequentes recaídas infantis. Uma noite ficou até tarde ouvindo discos de poesias com Márcia (cuja família entregara os pontos e resolvera aceitar o namoro) e, ao voltar para casa, que ficava a poucas dezenas de metros de distância, deparou, em suas palavras, “com um bando de negões mal-encarados”. Na verdade não passavam de garotos de rua com quem Paulo batera boca dias antes, ao reclamar do barulho que faziam jogando bola. Porém, ao vê-los armados de pedaços de pau e garrafas, ele se apavorou, voltou ao apartamento da garota e ligou para a própria casa, despertando um mal-humorado Pedro Queima Coelho. Sempre dramático e teatral, implorou:

— Papai, venha me buscar na casa da Márcia. Mas venha armado de revólver, porque estou sendo ameaçado de morte por doze criminosos.

E só tomou coragem para sair quando, da janela do apartamento da namorada, viu na rua o pai, aquele homenzarrão, de pijama e trabuco na mão, garantindo sua volta. O zelo paterno não significava que a situação em casa tivesse melhorado. Continuava tensa, como sempre, mas havia diminuído o controle sobre sua vida. Seu desempenho no segundo semestre no Andrews tinha sido tão ruim que o aluno-problema fora inabilitado até para fazer as provas finais, sendo reprovado. A única saída era tomar o rumo que Pedro jurara não permitir: procurar um colégio “menos exigente”. O escolhido foi o Guanabara, no Flamengo, onde ele tinha esperanças de terminar o colegial e então tentar uma faculdade — que de forma alguma seria a de engenharia, como sonhava o pai. A opção por um curso noturno obrigara a família a relaxar a vigilância sobre seus horários e dar-lhe uma cópia da chave de casa, mas a liberalidade ia ter um preço: se ele queria ter independência, escolher a própria escola, fazer teatro e chegar em casa na hora que entendesse, então teria de trabalhar. Pedro conseguia um emprego em que o filho poderia ganhar algum dinheiro vendendo anúncios para os programas de corridas do Jockey Club, mas, depois de semanas de insistência, o novo integrante do mercado de trabalho não conseguira um só centímetro quadrado de publicidade.



Como prova de amor, a bela Fabíola permite que Paulo apague um cigarro em sua coxa.

O insucesso não tirou o ânimo do pai, que lhe proporcionou uma segunda oportunidade, agora na Souza Alves Acessórios, empresa especializada na venda de equipamentos para indústrias. Embora detestasse fazer as coisas obrigado, decidiu concordar, em nome de sua própria independência financeira. Sim, porque dessa vez era um emprego com salário fixo, sem necessidade de vender nada a ninguém. No primeiro dia Paulo apresentou-se de terno e gravata, com a gaforinha domada a golpes de escova. Chegou curioso por saber onde seria sua mesa de trabalho, e estranhou quando o chefe o levou até um galpão enorme, apontou uma vassoura e ordenou:

— Pode começar. Primeiro você vai varrer este depósito. Quando terminar, me avise.

Varrer? Mas ele era um ator, um escritor, e o pai lhe arranjava um emprego de faxineiro? Não, aquilo só podia ser alguma brincadeira, um trote que deviam aplicar em todos os novatos, no primeiro dia de trabalho. Resolveu entrar no jogo e, de mangas arregaçadas, varreu chão até a hora do almoço, quando começava a sentir dores nos braços. Terminada a tarefa, vestiu o paletó e comunicou sorridente, ao superior, que estava pronto. Sem olhar para o novo empregado, o sujeito entregou-lhe uma nota fiscal e apontou com o dedo para uma porta:

— Retire vinte caixas de hidrômetros daquela sala e leve até a expedição, no térreo, junto com esta nota fiscal.

Mas então era verdade! Aquilo só podia ter sido feito deliberadamente para humilhá-lo: o pai o obrigara a trabalhar de contínuo numa indústria. Acabrunhado, fez o que lhe mandaram e em poucos dias descobriu que a rotina era aquela mesmo: carregar caixotes, empacotar registros de água e luz, varrer o chão do depósito e do almoxarifado. Qual o Sísifo que o atormentara na draga, o trabalho ali também parecia não ter fim. Quando acabava uma coisa, aparecia outra. Semanas depois, ele registrou no diário:

Estou me suicidando aos poucos, sem sentir. Não vou aguentar mais acordar às seis, estar no trabalho às sete e meia para varrer o chão e carregar ferragens o dia inteiro, sem almoçar, e depois ter que pegar ensaios até a meia-noite.

Só aguentou um mês e meio, e nem precisou pedir demissão. O gerente se encarregou de ligar ao dr. Pedro para informar que o rapaz não dava “para esse tipo de serviço”. Ao deixar o prédio da Souza Alves pela última vez, Paulo levava no bolso os trinta cruzeiros de salário a que fizera jus. O primeiro destino dado ao dinheiro foi comprar um compacto simples com os dois mais recentes sucessos de Roberto Carlos, “Quero que Vá Tudo pro Inferno” e “Escreva uma Carta, Meu Amor”. Era compreensível que não tivesse aguentado o trabalho. Além de *Pinóquio*, encenada seis dias por semana, começara a ensaiar uma segunda peça infantil, *A Guerra dos Lanches*, também dirigida pelo argentino Luis Olmedo, o Cachorro. “Ganhei o papel nesta nova peça”, anotaria, vaidoso, “graças a meu espetacular desempenho como o Batatinha do *Pinóquio*”. Agora iria trabalhar como ator de verdade, dividindo o palco com o amigo Joel Macedo e uma linda morena chamada Nancy, irmã de Roberto Mangabeira Unger, o aluno exemplar que abiscoitara quase todos os primeiros lugares no Santo Inácio. Após a cansativa rotina dos ensaios, a peça estreou em meados de abril de 1966. Ao vê-lo nervoso, Cachorro sapecou-lhe um beijo na testa:

— Batatinha, eu confio em você!

Paulo pisou no palco com o pé direito. Vestido de caubói, bastou entrar em cena para arrancar gargalhadas da plateia, e assim foi até o fim. Quando o espetáculo terminou, estava consagrado como o melhor ator da noite. Em meio aos cumprimentos, diante dos constrangidos Pedro e Lygia, presentes à noite de gala, Cachorro o abraçava e beijava:

— Batatinha, não tenho palavras para descrever sua atuação. Você produziu um curto-circuito em cena, magnetizou toda a plateia. Foi demais.

No espetáculo de encerramento da temporada de *Pinóquio* a cena se repetiria. Batatinha fora o único ator — justo ele, que nem ator de verdade era — capaz de arrancar aplausos do público em cena aberta, mais de uma vez. Não fosse a absoluta falta de dinheiro, estaria levando a vida que pedira a Deus. Tinha várias namoradas, fazia razoável sucesso como ator e logo estaria produzindo e dirigindo suas próprias peças. Aprendeu a tocar violão e agora andava para cima e para baixo com o instrumento no ombro, como faziam seus ídolos da Bossa Nova. Mas, como vinha ocorrendo com frequência na sua vida, as ondas de alegria eram quase sempre interrompidas por surtos de depressão profunda. É desse período, aparentemente feliz e estimulante, por exemplo, o registro que fez no diário após ler uma biografia de Toulouse-Lautrec:

Acabo de terminar, neste instante, uma das histórias reais mais comoventes que já li. É a vida de um pintor rico, de família nobre, talentoso e cuja glória alcançou-o ainda na mocidade, mas, paralelamente a isto, o homem mais infeliz da humanidade, pois nunca foi amado, devido ao seu grotesco corpo e à sua feiura sem igual. Por causa da bebida, morreu na flor da idade, pois seu organismo teve minadas as últimas forças. Um homem que, nos cafés escuros e ruidosos de Montmartre, conviveu com Van Gogh, Zola, Oscar Wilde, Degas, Debussy, e viveu desde os dezoito anos a vida que todos os intelectuais aspiravam ter. Um homem cujo dinheiro e posição social jamais serviram para humilhar os outros, mas, também, nunca lhe deram uma migalha de amor sincero ao seu coração faminto de ternura. De certa forma, este homem se identifica muito comigo. Henri de Toulouse-Lautrec, cuja biografia foi descrita admiravelmente por Pierre La Mure, nas 450 páginas de “Moulin Rouge”. Jamais me esquecerei deste livro.

Continuava lendo muito, mas agora com este hábito adicional: cada livro lido recebia uma pequena resenha no diário, como antes, mas acompanhada de uma classificação, igual à dos críticos profissionais. Uma estrela, mau; duas, bom; três, ótimo; quatro estrelas, genial. Em uma página do mês de junho, ele próprio registraria espanto diante de tamanha voracidade literária: “Bati um recorde: estou lendo ao mesmo tempo cinco livros. Assim não vai dar pé”. E não é que estivesse lendo livrecos água com açúcar. Naquele dia tinha em sua cabeceira *Crime e Castigo*, de Dostoiévski; *Temor e Tremor*, de Kierkegaard; *Para Nervosos e Angustiadados: um Guia Médico*, de David Harold Fink; *Obras-Primas da Poesia Universal*, organizado por Sérgio Milliet; e *Panorama do Teatro Brasileiro*, de Sábato Magaldi.

No mesmo junho de 1966, Paulo tomou coragem e mostrou a Jean Arlin sua primeira produção adulta: uma peça em três atos, intitulada *Juventude sem Tempo*. Na verdade tratava-se de uma miscelânea com trechos de poemas, discursos e frases de efeito de autores que iam de Bertolt Brecht a Carlos Lacerda, passando por Morris West, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Jean-Paul Sartre e, claro, Paulo Coelho. O francês achou interessante,

mexeu aqui e ali e resolveu ensaiar o espetáculo. Mais do que isso, como era uma peça simples, quase sem cenários e figurinos, decidiu apresentá-la no primeiro Festival da Juventude que se realizaria durante as férias na cidade serrana de Teresópolis, a cem quilômetros do Rio. Como, além de autor, também era ator, na segunda semana de julho, Paulo subiu a serra com a trupe do Grupo Destaque — contrariando a proibição dos pais, claro. Animado com a festança, ainda inscreveu uma poesia sua, “Revolta”, em um concurso promovido pelo festival, a ser julgado pelo poeta Lêdo Ivo e o crítico Walmir Ayala. A peça foi um fiasco e o resultado do concurso de poemas só sairia dali a um mês, mas o que importava é que ele tinha tido coragem para tentar.

O clima em casa não mudara nada. Além de continuarem encrencando com os horários — ele raramente voltava antes de uma hora da manhã —, agora os pais faziam marcação cerrada para que cortasse os cabelos, hábito que abandonara fazia seis meses. Quando o pai ouvia, tarde da noite, o barulho da chave na porta de entrada, Paulo podia contar com um sermão de meia hora antes de dormir. Em uma dessas madrugadas deu com o dr. Pedro à sua espera na porta do quarto, de braços cruzados e olhar ameaçador:

— Você passou dos limites de novo. A partir de amanhã volta a vigorar o regime anterior: às onze da noite as portas desta casa se fecham e quem estiver fora dorme na rua.

Passou o dia seguinte circulando entre o estúdio no apartamento de Fabíola e os ensaios de *A Guerra dos Lanches*, cujo público mingua a olhos vistos. À noite foi ao Paissandu ver o filme *A Chinesa*, a obra mais recente de Godard — embora não apreciasse o diretor, estava interessado no debate sobre o filme, previsto para depois da sessão. Lá encontrou-se com Renata e no fim da noite os dois foram comer pato assado com maçã e beber o célebre chope gelado do Zeppelin, em Ipanema — um reduto da esquerda endinheirada que Paulo só podia frequentar, como naquela noite, na condição de convidado. Não havia quase ninguém no lugar quando pediram a conta e saíram em direção ao Leblon. De mãos dadas, caminharam quase três quilômetros pela praia, até à rua Rita Ludolf, onde Renata morava. Morto de sono, Paulo esperou muito até que passasse um ônibus da linha Lapa-Leblon, e deviam ser quase quatro da manhã quando enfiou a chave na fechadura da porta de entrada. Enfiou, não. Tentou, porque a chave não entrava. Só então percebeu que o pai cumprira a ameaça da véspera e mandara trocar a fechadura. Àquela hora não tinha mais como conseguir pouso na casa de Joel ou de Fabíola. Tomado de fúria, encheu as mãos de pedras e passou a quebrar, uma por uma, todas as vidraças de portas e janelas na fachada da casa. Acordados pela barulheira, os pais pretendiam medir forças com ele, mas, temendo que a vizinhança chamasse a polícia, Pedro Coelho desceu e abriu a porta para o filho. Deixando transparecer — ou, como se dizia na época, “dando bandeira” — que havia bebido além da conta, Paulo atravessou a sala cheia de cacos de vidro e subiu as escadas sem ouvir uma só palavra do pai.

Os livros do escritor	coletor	marcação	comentários
51 Um dia na vida de Ivo	"	romance	***
52 O Terceto Homom	Coetzee	romance	*
53 Exploração Biológica	Rabau	exposição para	**
54 Quarto Quarto	T. S. E. Galt	exposição	***
55 A vida dos Bontles	Henri Druze	biografia	**
56 A mulher negra	Fred Mayle	Ficção Científica	***
57 Amor e Simpatia	Valerio	"	**
58 O Coração de Maraca	Henry Miller	romance	***
59 Anabasi	Anabasi	romance	***
60 O Mundo de H. Miller	Jon Hawk	documentário	***
61 Minha vida com Henri	Elza Soares	biografia	***
62 Mapa e Ciência	Leandro Braga	exposição	**
63 O mundo de H. Miller	Valerio	exposição	***
64 O mundo do sexo	Henry Miller	biografia	***
65 Rituais do Umbanda	Bernardo Romo	romance	***
66 Submarino Amarelo	Nelson Netto (ado)	contos	***
67 Sexo em Clutch	Henry Miller	biografia	***
68 Auto Conhecimento	M. Luther King	discurso	***
69 Ecce Homo	Nietzsche	filosofia	**
70 Livro das Profecias	Moisés Montano	profecias	○
71 Nostalgias	M. da Silva	"	○
72 A vida e o depois	Sonia Khan	"	○
73 Submarino Amarelo	João Newton	"	*
74 Aproximação do Apocalipse	Waldemar Lora	filosofia	*
75 Aproximação do Apocalipse	Waldemar Lora	filosofia	*

Leitor compulsivo mas pouco criterioso, Paulo ia de T. S. Elliot a Henry Miller, passando por Elza Soares e umbandismo. Lia, criticava e classificava os livros com estrelas.

Naquela noite dormiu logo, mas teve um pesadelo horrível. Sonhou que havia um médico sentado na beira da cama, medindo sua pressão, sob as vistas de dois enfermeiros que seguravam uma camisa de força na porta do quarto. Só então, atordoado, percebeu que não se tratava de um

sonho. O pai chamara o pronto-socorro do manicômio para interná-lo de novo. Desta vez, à força.

Fragmentos da “Balada do Cárcere de Repouso” [inspirada em Oscar Wilde]

Quarta-feira, 20 de julho

8:00 horas — Me acordaram para tomar a pressão. Ainda meio tonto de sono, pensei que fosse sonho. Mas aos poucos fui me compenetrando da realidade. Era o fim. Me mandaram vestir a roupa às pressas. Na porta de casa um veículo do Socorro Psiquiátrico de Urgência. Nunca pensei que fosse tão deprimente entrar num carro destes.

Alguns vizinhos espiam a distância o rapaz magro e cabeludo que abaixa a cabeça para entrar no carro. Abaixa a cabeça. Estava vencido.

9:30 horas — Os expedientes burocráticos já foram formalizados. E eis-me novamente no nono andar. Como foi rápido! Ainda ontem eu andava com Rennie, alegre, meio preocupado, mas jamais esperando isto. E eis-me de novo aqui porque não quis passar uma noite na rua. Penso nela, às vezes. Sinto-me meio piegas.

Aqui são todos tristes. Não há sorrisos. Olhares parados, buscando algo, um encontro consigo mesmo. Meu colega de quarto é sobrinho de um ministro importante. Tem mania de morte. De gozação, fico tocando no violão a Marcha Fúnebre. É bom ter um violão. Faz esquecer tudo. Traz um pouco de alegria a este ambiente carregado de tristeza. Uma tristeza profunda de quem nada mais aspira ou deseja algo da vida. O que me consola é que eles sabem cantar.

15:00 horas — Estive conversando com um rapaz que está aqui há dois anos. Disse-lhe que eu estava angustiado e que queria sair daqui. E ele me falou com toda a sinceridade: “Pra quê? Aqui é tão bom. Não há com o que se preocupar. Pra que lutar? No fundo, ninguém gosta de nada”. Sinto medo. Medo de vir a pensar como ele. Sinto angústia. Angústia de não saber quando deixarei de ver o mundo através de grades. É uma angústia indescritível. Angústia de um prisioneiro condenado à prisão perpétua, sabendo que um dia obterá livramento condicional. Mas quando será esse dia? Daqui a um mês? Três meses? Um ano? Ou não virá?

17:00 horas — Ou não virá?

19:20 horas — Não posso sair deste andar, não posso telefonar nem escrever cartas. Há pouco tentei falar (escondido) com Rennie e ela estava jantando. Mas e se não estivesse? O que eu ia falar? Me lastimar? Me enaltecer? O que eu ia falar, com quem eu ia falar? Será que eu ainda posso falar, meu Deus?

Impressiona-me a calma com que aceitam esta prisão. Tenho medo de aceitá-la assim também. “Todo homem é incendiário aos vinte e bombeiro aos quarenta” — então acho que eu tenho 39 anos e 11 meses. Estou à beira da derrota. Senti isso quando mamãe esteve aqui hoje à tarde. Ela me olha de cima. No primeiro dia já me sinto meio vencido. Mas tenho que ganhar.

Quinta-feira, 21 de julho

8:00 horas — Ontem me deram uma violentíssima droga para dormir e só estou acordando agora. Durante a noite, sem quê nem pra quê, meu companheiro me acorda para perguntar se eu sou a favor da masturbação. Disse-lhe que sim e virei para o lado. Francamente, não entendi o porquê dessa pergunta. Aliás, nem sei se foi um sonho meu, mas que foi estranho, isso foi. Flávio, meu amigo de quarto, tem longos períodos de silêncio. Quando fala é para repetir a mesma pergunta: como vão as coisas e as pessoas lá fora. Ele ainda quer continuar em contato com o mundo. Coitado! Ele orgulha-se da sua vida de boêmio, mas agora está aqui, reconhecendo-se doente.

Eu jamais faria isto. Estou bom.

11:30 horas — Acabo de verificar que esvaziaram minha carteira. Não posso comprar nada para o Pato. Aliás, ontem falei com o Pato. Prometeu vir hoje me visitar. Eu sei que é proibido, mas quero falar com ela. Falei ao telefone, mas em tom de gozação, para disfarçar minha fossa.

O pessoal aqui gosta de me mostrar novidades. No fundo eu gosto deles. O Roberto vive me

mostrando coisas — modo de calcular idade, voltímetro, etc. Flávio tem mania de conhecer gente importante. Os casos curiosos são inúmeros aqui. Um tem mania de cheirar a comida, outro não faz nada com medo de engordar, um terceiro só fala em sexo e aberrações sexuais. Meu companheiro de quarto está deitado com o olhar fixo e o rosto triste. O rádio toca “Menina Flor”. O que ele estará pensando? Seu olhar busca desesperadamente um encontro consigo mesmo ou estará abandonado, ao léu, perdido, derrotado?

Converso com alguns internos. Uns estão aqui há três meses, outros há nove, outros há anos. Eu não aguentarei tudo isso.

“E o céu escureceu da hora sexta até a hora nona, e na hora nona Ele falou: Pai, Pai, porque Me abandonaste?”

A música, o sol além das grades, os sonhos, tudo isso traz uma melancolia imensa. Lembro-me de Teresópolis, onde nós montamos “Juventude sem Tempo”. Fracasso de público, mas uma grande experiência. Dias felizes, onde se podia ver livremente o sol raiar, correr a cavalo, beijar, sorrir.

Agora, mais nada. Mais nada. Íamos levar a peça aqui no Rio. Agora só eles é que vão levar. É triste começar a realizar alguma coisa e ser interrompido. Muito triste mesmo. Estou com preguiça de escrever sobre a peça, mas não posso dormir. O sono embota o raciocínio, e aí eu ficarei como os outros daqui. Mas há recortes de jornais publicados antes da nossa ida a Teresópolis. O que veio depois eu conto mais tarde. Tem tempo.

Tem muito tempo.

14:10 horas — Estou esperando o Pato. Meu médico veio até o meu quarto trazer-me uma antologia de poetas franceses. É bom porque eu aprendo um pouco esta língua. Disse-me que eu estava calmo, parecia estar gostando. Às vezes gosto um pouco daqui. É um mundo à parte, onde se come e se dorme. Mais nada. Mas chega uma hora em que eu me lembro do mundo lá fora e me dá vontade de sair. Agora já nem é tanta. Ontem foi pior. Já estou me habituando. Falta apenas a máquina de escrever.

Sei que o Pato virá (ou tentará vir) hoje. Deve estar curiosa com o que está acontecendo comigo. Depois virá mais duas ou três vezes e então serei esquecido. C'est la vie. E não posso fazer nada. Gostaria que ela viesse diariamente alegrar-me com seu jeitinho diferente, mas isto não acontecerá. Nem sei se permitirão que ela me visite hoje. Mas, em todo caso, é agradável essa perspectiva, esse gostoso suspense da espera.

14:45 horas — Já são quinze para as três e o Pato não chega. Não deve vir. Ou talvez não a tenham deixado entrar.

Sexta-feira, 22 de julho

11:50 — Pato veio ontem. Trouxe-me uma porção de fotografias dela nos States e prometeu-me uma com dedicatória. Gosto do Pato. Tenho a triste impressão de tê-la tratado como não devia. Fui frio e distante. E ela estava tão carinhosa...

Até agora não chegou de casa o resto das minhas coisas. Assim que chegar a máquina terei de bater um trabalho sobre psiquiatria que o dr. Benjamim me deu. Terminei seu livro “Antologia dos Poetas da França”. Agora vou tentar ler “O Leopardo”, de Lampedusa.

Engraçado, estou me acostumando com a ideia de ficar aqui.

12:00 horas — Começo a me deixar vencer pelo sono. O sono pesado, sem sonhos, o sono-fuga, o sono que faz esquecer que estou aqui.

14:00 horas — Não consegui continuar lendo “O Leopardo”. É um dos livros mais chatos que já li em toda a minha vida. Monótono, um estudo besta e sem valor. Parei definitivamente agora, na página 122. Sinto muito. É chato deixar uma coisa pela metade, mas não aguento. Me dá sono. E eu tenho que evitar o sono a qualquer custo.

14:30 horas — É chato deixar uma coisa pela metade.

14:45 horas — Diálogo com o colega de quarto.

— Eu não quero morar na Dr. Eiras, no Flamengo, em Copacabana, em nenhum desses lugares...

— Onde então, Flávio?

— No Cemitério São João Batista. A vida perdeu todo o sentido para mim desde o carnaval de 1964.

— Por quê?

— A pessoa que eu mais gostava neste mundo não quis ir ao Municipal comigo.

— Ora, Flávio, deixa de bobagem. Há ainda tantas mulheres para amar. [Pausa] Você ainda gosta dela?

— Ele. Era um menino. Hoje ele está lá fora tentando vestibular para medicina e eu aqui, esperando a morte.

— Deixa de bobagem, Flávio.

— Ontem ele me telefonou. É meio afeminado. Eu ficaria muito feliz se ele viesse aqui. Por causa dele tentei suicídio ingerindo lança-perfume misturado com uísque na noite do baile. Fui parar no pronto-socorro. Hoje ele está lá fora e eu aqui, esperando a morte.

Flávio é um cara esquisito. De aspecto totalmente esquizoide. Mas às vezes conversa, como agora. E eu me sinto triste e impotente. Tentou suicídio mais de uma vez aqui. Falou-me muito de sua vida de boêmio e noto um certo orgulho ao contar isto. Por experiência própria, sei que todo boêmio sente orgulho da sua boemia.

Flávio está chorando.

Meus amigos, no fundo, no fundo mesmo, acho que a maioria dos internos está aqui por falta de amor (dos pais ou de alguém). Eu me enquadro no primeiro caso (amor dos pais).

15:00 horas — Os doentes daqui às vezes são engraçados. O “pele”, seu Ápio, velho de uns 56 anos, disse-me ontem que a Revolução Bolchevique foi financiada pelos americanos. Há um rapaz, o único da minha idade aqui, que faz algum barulho alegre aqui dentro. Às vezes joga buraco à noite.

Não posso escrever mais, Flávio está chorando.

Sábado, 23 de julho

10:00 horas — Ontem à noite consegui telefonar para Luís e Pato. Pato disse que era minha namorada, que gostava muito de mim. Fiquei feliz e devo ter falado muita bobagem por causa disso. Sou um piegas, um bobão. No final da minha conversa com o Pato a telefonista se meteu e eu não pude falar mais nada. Ela vem aqui segunda-feira. Tenho medo de ficar me lamentando muito com ela. É chato, sinto-me inferior.

Luís ficou de vir aqui ao meio-dia.

Ao meu lado agora há um chato chamado Marcos. Ele está aqui desde que saí, isto é, um ano atrás. Fica tirando meu rádio toda hora para ouvir futebol.

Expulsei-o diplomaticamente do quarto.

20:30 horas — São só oito e meia da noite, mas aqui parece que já é muito mais tarde. Luís veio. Levantou um pouco meu moral. Telefonei para o Pato e falei mais besteiras.

Domingo, 24 de julho

É domingo de manhã. Ouço rádio e sinto uma solidão imensa me matando pouco a pouco. É domingo de manhã, um domingo sombrio, triste. Estou aqui atrás das grades, sem conversar com ninguém, imerso em minha solidão. Gosto deste termo: imerso em minha solidão.

É domingo de manhã. Ninguém canta, o rádio toca uma melodia triste falando de amor e pranto. Eis um dia sem perspectivas.

O Pato está longe. Meus amigos estão longe. Na certa dormindo, após uma noite de farras e alegria. Eu estou só aqui. O rádio agora toca uma valsa antiga. Penso no meu pai. Sinto pena dele. Deve ser triste para alguém ter um filho como eu.

Neste domingo de manhã sinto meu amor por Rennie morrer um pouco. Estou certo que o dela deve estar morrendo também. Estou com as mãos vazias, nada posso oferecer, nada posso dar. Sinto-me impotente e indefeso como uma andorinha sem asas. Sinto-me mau, perverso, sinto-me só. Sozinho no mundo.

Aqui tudo é monótono e imprevisível. Guardo com temor os retratos do Pato, meu dinheiro e os cigarros. São as únicas coisas que podem me distrair um pouco.

Segunda-feira, 25 de julho

Espero tanto por ti e quanto mais chega a hora, mais aumenta minha vontade de ver-te. Ontem

ao telefone disseste que eras minha namorada. Pois bem, estou muito feliz em ter uma namorada. A gente se sente menos sozinho aqui, o mundo parece mais bonito, mesmo atrás das grades. E ainda se tornará mais lindo quando chegares. Para isto, nesta madrugada, abro inteiramente meu peito e entrego meu coração a ti, meu amor. Sinto-me meio triste porque estás longe, porque não podes ficar o tempo todo comigo. Mas já sou um homem e tenho que vencer sozinho essa parada.

Engraçado, sinto-me possessivo. Ontem falei com Luís e Ricardo ao telefone. Virão aqui terça-feira. Sei que para eles é um esforço. Luís está com o pai em uma casa de saúde e Ricardo tem seus estudos. Mas virão. E me alegro com isso. Descobri que a gente pode tirar alegria e felicidade das coisas mais tristes. Descobri que não estou tão só como pensava. Há gente que precisa e gosta de mim. Sinto-me nostálgico, mas feliz.

Terça-feira, 26 de julho

Li ontem à noite todo o “Nosso Homem em Havana”, de Graham Greene. Ainda não tive tempo (ha! ha! ha!) de fazer um estudo do livro. Mas me distraí. Gostei.

Domingo, 31 de julho

13:00 horas — As treze horas deste dia, nesta casa de saúde, acabo de receber a notícia de que no concurso de poesias do Diário de Notícias, com 2500 concorrentes, tirei o nono lugar na classificação geral e o segundo lugar em menção honrosa. Provavelmente estarei numa antologia a publicar.

Estou feliz. Queria estar lá fora, contando a todos, falando a todos. Estou superfeliz.

Detrás das grades, penso se a Tatá se lembra de mim, do seu primeiro namorado. Não sei se cresceu muito, se está magra ou gorda, se é intelectual ou high-society. Pode ter ficado aleijada, ou perdido a mãe, pode ter-se mudado para um palacete. Faz oito anos que não a vejo, mas hoje eu gostaria de estar com ela. Nunca mais soube dela. Outro dia telefonei e perguntei se ela namorou um tal de Coelho. Ela só disse sim e desligou.

Sábado, 6 de agosto

Patinho, meu amor, sinto uma terrível necessidade de conversar contigo neste momento. Agora que o dr. Benjamim me ameaçou com insulina e choque elétrico, agora que fui acusado de viciado em tóxicos, agora que me vejo como um animal acuado, sem defesa alguma, sinto vontade de conversar contigo. Se este for o momento de transformação da minha personalidade, se daqui a alguns instantes começar o desmoronamento sistemático do meu eu, queria que você estivesse junto a mim.

Aí conversaríamos os assuntos mais banais do mundo. Você iria embora sorrindo, me esperando rever daqui a alguns dias. Você não saberia de nada e eu faria de conta que estava tudo bem. Na porta do elevador você notaria uma lágrima boba nos meus olhos, e eu diria que foi um bocejo porque a conversa estava chata. Na vitrolinha que você me emprestou estaria tocando “Olé Olá” com a Nara Leão. E lá debaixo você olharia para cima e veria a minha mão por entre as grades te dando adeus. Aí eu viria para o meu quarto e choraria um lenço inteiro pensando no que foi e no que devia ter sido e no que não pôde ser. Aí os médicos entrariam com a maleta preta e o choque elétrico penetraria em mim, em todo o meu corpo.

E na solidão da noite eu pegaria a gilete, olharia para teu retrato colado na cama e o sangue escorreria e eu te diria baixinho, ao contemplar o teu sorriso no retrato: “Este é o meu sangue”. E morreria sem sorrir, sem chorar. Morreria, simplesmente, deixando muita coisa para acabar.

Domingo, 7 de agosto

Diálogo com o dr. Benjamim

— Você não tem brio. Depois da sua primeira internação eu pensei que você nunca mais voltasse, fosse fazer o máximo possível para tornar-se independente. Mas qual o quê. Aqui está você de novo. O que você realizou neste tempo? Nada. Quanto lhe rendeu a viagem a Teresópolis? Qual o proveito que você tirou dela? Por que você é incapaz de realizar alguma coisa sozinho?

— Ninguém realiza nada sozinho.

— Bom, talvez... Mas me diga: que lucro, que vantagem você teve indo a Teresópolis?

— Experiência.

— Você é do tipo que vai passar a vida toda experimentando.

— Doutor, tudo o que é feito com amor vale a pena. Eis minha filosofia: o amor às coisas é

suficiente para justificar nossos atos.

— Se eu pegasse quatro esquizofrênicos do quarto andar, esquizoides mesmo, eles teriam melhores argumentos que você.

— Eu disse besteira?

— Claro que disse! Agora veja: você passa o tempo todo fazendo uma imagem de si mesmo, uma imagem falsa, sem notar que nada do que está em você é aproveitado. Você está reduzido a zero.

— Eu sei. Qualquer coisa que eu fale é pura defesa. Diante de mim, eu não presto.

— Então reaja! Mas você é incapaz. Você está satisfeito com o que acontecia. Você se acomodou nesta situação. Olhe, conforme andarem as coisas, vou deixar minha responsabilidade de lado e chamar uma junta médica pra lhe dar eletrochoques, insulina, glicose, coisas para fazer você esquecer e se tornar mais manso. Vou lhe dar mais um tempo. Vamos, seja homem! Vença isto!

Domingo, 14 de agosto — Dia dos Pais

Bom dia, papai. Hoje é teu dia.

*Durante muitos anos esta era a hora de acordares sorrindo
e sorrindo pegares o presente que eu trazia a teu quarto,
e sorrindo beijares minha fronte, abençoando-me.*

*Bom dia, papai, hoje é teu dia
e nada posso dar-te ou dizer-te,
pois teu coração amargurado ficou surdo a palavras.*

*Já não és o mesmo. Teu coração está velho,
teus ouvidos estão cheios de tantos desesperos,
teu coração dói. Mas inda sabes chorar. E creio que choras
o tímido pranto de pai rigoroso e prepotente:
choras por mim, porque estou aqui entre as grades,
choras porque hoje é dia dos pais e eu estou longe,
fazendo com que a amargura e a tristeza
penetrem em teu coração.*

*Bom dia, papai. O sol está nascendo lindo,
hoje é dia de festa e alegria para muitos,
mas estás triste. E sei que tua tristeza sou eu,
sem querer transformei-me numa cruz pesada
que carregas às costas, lacerando-te as carnes,
ferindo o teu peito.*

*A esta hora minha irmã surgirá no teu quarto
com um lindo presente embrulhado em crepom
e tu sorrirás, para não entristecê-la também. Mas no fundo
teu coração se desfaz em pranto
e eu nada posso dizer, senão palavras mórbidas de revolta,
e eu nada posso fazer, senão aumentar teu sofrimento,
e eu nada posso te dar, senão lágrimas e arrependimento,
de me haveres posto no mundo.*

*Talvez, se eu não existisse, agora estarias feliz,
a felicidade de um homem que lutou uma existência inteira
por uma vida calma*

*e agora, no dia universal dos pais,
recebe a recompensa por sua luta, sob a forma de beijos,
quinhilarias compradas com a mesada pequena
que durante semanas ficou intocável na gaveta
para que pudesse ser transformada em presente,
que, por menor que seja, é imenso no coração de cada pai.
Hoje é o dia dos pais. Mas papai me internou
numa casa de saúde para loucos. Estou longe,
não posso abraçá-lo, estou longe da família,
longe de tudo, e sei que ele,
vendo os outros pais com os filhos à sua volta,
a tecer-lhes carinhos, sentirá pontadas agudas atingindo
seu pobre coração amargurado. Mas estou interno,*

*há vinte dias não vejo a luz do sol,
e se pudesse lhe dar alguma coisa seria a escuridão
de quem nada mais aspira ou almeja na vida.
Por isso me quedo quieto. Por isso não posso nem dizer
“Bom dia, querido, que a felicidade esteja contigo;
tu foste homem, tu me geraste numa noite qualquer,
minha mãe pariu-me em dor,
mas agora posso dar-te um pouco do tesouro
depositado em meu coração
por tuas mãos suadas de trabalho.”
Nem isso posso dizer. Tenho que ficar quieto
para não entristecê-lo mais ainda,
para ele não pensar que sofro, que sou infeliz aqui,
no meio desta calma imensa, só encontrável no céu,
se de fato o céu existe.
Deve ser triste ter um filho como eu, meu pai.*

*Bom dia, meu pai. De mãos vazias
eu te dou este sol que nasce, vermelho, onipotente,
para que fiques menos triste e mais contente,
para pensares que és justo e sou feliz.*

Terça-feira, 23 de agosto

É madrugada, véspera do meu aniversário. Gostaria agora de escrever neste caderno uma mensagem de otimismo e compreensão: foi por isso que arranquei as folhas anteriores, profundamente incompreensíveis e tristes. É duro, principalmente para uma pessoa com o meu temperamento, aguentar já 32 dias sem descer. É bem duro mesmo, acreditem. Mas no fundo, sei que não sou o mais infeliz dos homens. Tenho a juventude correndo por minhas veias, e posso recomeçar tudo de novo milhares de vezes.

Véspera do meu nascimento. Nesta linhas que escrevo na madrugada, eu gostaria de restaurar um pouco da confiança em mim.

“Olha, Paulo, o vestibular você faz ano que vem, ainda existem muitos anos à sua frente. Não há o que reclamar. Aproveita estes dias para pensar um pouco e escrever muito. Rosetta, tua máquina de escrever, solidária companheira de combates, está contigo pronta a servir-te a qualquer hora que quiseses. Lembras-te de Salinger? ‘Guarda tuas experiências. Talvez elas mais tarde sirvam para alguém, como te serviram as dos que vieram antes de ti.’ Reflete sobre isto. Não te consideres tão abandonado. Afinal, no início, teus amigos te apoiaram bastante. O esquecimento é uma lei da vida. Também tu te esquecerias de alguém que partiu. Não censure teus amigos por isto. Eles fizeram o que estava ao alcance. Desanimaram, como desanimarias se estivesses no lugar deles.”

Quinta-feira, 1º de setembro

Desde julho estou aqui. E agora o negócio já está na base da covardia. Qualquer coisa o culpado sou eu. Ontem, por exemplo, fui o único a tomar injeção para dormir, quando só eu obedeci ao enfermeiro e me deitei, enquanto os outros ficaram fazendo esporro. A freira empombou-se com a minha garota e não posso mais receber visitas dela. Souberam que eu ia vender as camisas e negativo: perdi a chance e o dinheiro. Me viram com a Beretta na mão e me caquetaram.

Interrupção: corte de cabelo

Pronto, lá se foi o meu cabelo. Agora estou com cara de bebê, completamente inseguro, puto dentro das calças. Agora veio a vontade temida, que é a vontade de ficar aqui. Não me interessa mais sair. Estou arrasado. Desde fevereiro que eu não cortava o cabelo. Até que numa casa de saúde me colocaram esta opção: cortar ou não sair. Preferi cortar. Mas depois veio aquela sensação de que se destruiu a última coisa que restava. Esta página iria ser escrita como um manifesto de revolta. Mas agora não tenho mais vontade de nada. Fodido, fodido e meio. Estou arrasado. Não me revolto mais. Agora, a acomodação está quase vindo.

Sábado, 3 de setembro

*E assim termina esta balada e assim termino eu.
Sem mensagens, sem nada, sem nenhuma vontade de vencer,
destruída em seus intestinos pelo ódio humano.
Foi bom sentir isto. A derrota total. [...]
Vamos começar tudo de novo.*

Amarrado à cama, o corpo de Paulo treme a cada volta da manivela: vão começar os eletrochoques

Paulo zanzava de pijama pelos corredores depois do almoço de domingo de setembro de 1966. Acabara de ler a “Balada do Cárcere de Repouso”, terminada no dia anterior, e estava orgulhoso do maço de 35 páginas datilografadas que conseguira produzir em um mês e meio no manicômio. Para falar a verdade, não estava tão longe assim do original em que se inspirara, a “Balada do Cárcere de Reading”, poema escrito em 1898 pelo irlandês Oscar Wilde para descrever a prisão em que cumprira pena de dois anos por práticas homossexuais na Inglaterra vitoriana. Ao ler a frase final da última página — “Vamos começar tudo de novo” —, podia jurar que aquelas não eram cinco palavras vãs, escolhidas para enfeitar o final de um texto. Começar tudo de novo tinha um único significado: sair o mais depressa possível do inferno que era a clínica e recomeçar a vida. Uma ideia aterrorizante se tornava cada dia mais palpável: se dependesse dos médicos ou de seus pais, ele continuaria mofando no nono andar ainda por muito tempo.

Absorto nesses pensamentos, não notou os dois enfermeiros que se aproximaram e pediram que os acompanhasse até outra área do prédio. Conduziram-no a um cubículo de chão ladrilhado e paredes revestidas de azulejos, onde o dr. Benjamim o esperava. No centro do cômodo havia uma cama coberta com um grosso lençol de borracha e, ao lado, um pequeno aparelho parecido com um transformador de energia doméstico, com fios e manivela — era a chamada “maricota”, semelhante ao equipamento usado clandestinamente pela polícia para torturar presos e obter confissões —, e se apavorou:

— Quer dizer que vou tomar choques?

Sempre gentil e sorridente, o psiquiatra tentou tranquilizá-lo:

— Não se preocupe, Paulo. Você sabe que não dói nada. É muito mais traumatizante ver alguém sendo tratado que passar pelo tratamento. Você sabe, não dói nada.

Deitado na cama, viu um enfermeiro enfiar um tubo plástico em sua boca, para impedir que a língua enrolasse durante a convulsão e o asfixiasse. O outro enfermeiro veio por trás e grudou em cada uma de suas têmporas um eletrodo parecido com um minidesfibrilador cardíaco. Enquanto fitava a tinta descascada do teto, a máquina foi ligada. Começava mais uma sessão de eletroconvulsoterapia. Ao primeiro movimento feito na manivela pelo enfermeiro, uma cortina parecia ter descido sobre seus olhos. Sua visão foi se estreitando, fixou-se em um único ponto até ficar tudo escuro. A cada golpe na manivela seu corpo sacudia-se descontrolado, aos solavancos, e golfadas de saliva eram expelidas pela boca, como vômitos de espuma branca. Paulo nunca conseguiu calcular quanto tempo durava cada sessão — alguns minutos? uma hora? um dia? — nem sentia qualquer mal-estar. Ao recobrar a consciência, tinha a impressão de ter saído de uma anestesia geral: a memória desaparecia e às vezes ficava horas deitado na cama, de olhos abertos, até conseguir reconhecer e identificar onde estava e o que fazia ali. Salvo a fronha e a gola do pijama umedecidas pela baba, não restava na sala qualquer vestígio da brutalidade de que fora vítima. O eletrochoque parecia ter força suficiente para destruir seus neurônios, mas o médico tinha razão: não doía nada.

A eletroconvulsoterapia baseava-se na ideia de que os distúrbios mentais resultam de “desorganizações elétricas cerebrais”. Depois de dez a vinte sessões de eletrochoques aplicados em dias alternados, as convulsões provocadas pela sucessão de descargas elétricas teriam o condão de “reorganizar” o cérebro do paciente, permitindo seu retorno à normalidade. Esse tratamento apresentava um grande benefício em relação a seus congêneres, o Metazol e o choque insulínico: provocava amnésia retrógrada, isto é, apagava a lembrança dos eventos imediatamente anteriores às descargas, inclusive de sua própria aplicação. Sem se lembrar exatamente do que lhe acontecera e de quem lhe provocara aquilo, o paciente deixava de ter sentimentos negativos em relação aos médicos ou à própria família.

Paulo acordou no final da tarde com a boca amarga. Em meio à leseira que costumava entorpecer a cabeça e os músculos depois das aplicações de eletrochoques, levantou-se lentamente, como se fosse um ancião, e caminhou até a grade da janela. Viu que chovia fino, mas ainda não reconhecia o próprio quarto, para onde fora levado após a sessão. Tentou lembrar o que havia além da porta de entrada, mas não conseguiu. Quando andou em direção a ela, sentiu as pernas bambas e o corpo corroído pelos choques. Caminhou com dificuldade até sair do quarto. Lá fora viu um imenso corredor vazio e sentiu vontade de andar um pouco por aquele cemitério de

vivos. O silêncio era tanto que de qualquer lugar parecia ser possível ouvir o barulho de seus chinelos arrastando-se pelos corredores brancos e desinfetados. Ao dar os primeiros passos, teve a nítida impressão de que as paredes se aproximavam à medida que avançava, até começar a se sentir esmagado, com as costelas doendo. As paredes estavam tão perto e o comprimiam de tal forma que não dava mais para caminhar. Aterrorizado, tentou raciocinar:

“Se eu ficar quieto, nada me acontecerá. Mas, se andar, ou destruirei as paredes ou serei esmagado.”

Que fazer? Nada. Parado estava e parado permaneceu, sem mover um músculo. Ali ficou, não sabe por quanto tempo, até que uma enfermeira o conduziu pelo braço, vagarosamente, de volta ao quarto, deitando-o na cama. Ao acordar percebeu uma pessoa de pé a seu lado, alguém que aparentemente conversava com ele durante o sono. Era Luís Carlos, paciente do quarto vizinho, um mulato magrinho com jeito de malandro que se envergonhava tanto da própria gagueira que diante de estranhos se fazia passar por mudo. Como todos os demais internos, ele também garantia que não era louco. “Estou aqui porque resolvi me aposentar”, cochichava, como se revelasse um segredo de Estado. “Arranjei com um médico um atestado de insanidade mental, e se ficar aqui dois anos como louco eu consigo me aposentar.”

Assim como Paulo fora jogado ali pelos pais, cada um de seus colegas de infortúnio tinha uma explicação para sua presença na Casa de Saúde Dr. Eiras. Um dizia que estava lá para escapar de uma dívida de jogo, outro fora internado pela esposa ciumenta, um terceiro garantia que sua única doença era gostar de cachaça. Na verdade, Paulo não aguentava mais ouvir aquelas histórias. Nas visitas dos pais se ajoelhava no chão, chorava e pedia de mãos postas que o tirassem dali, mas a resposta era sempre a mesma: “Espere mais uns dias, você está quase bom, o dr. Benjamim vai lhe dar alta em poucos dias”. Seu único contato com o mundo exterior eram as cada vez mais raras visitas de amigos que conseguiam burlar a vigilância. Aproveitando o entra e sai da portaria, quem tivesse um pouco de paciência conseguia cruzar os muros transportando o que quisesse. Foi assim que ele, perdido em um surto persecutório, conseguiu que um amigo contrabandeasse para dentro da clínica, escondida na cueca, uma pistola automática calibre 7.65 carregada de balas. Mal circulou entre os doentes que Paulo andava armado pelos corredores, apressou-se a enfiar a Beretta na bolsa de Renata, que sumiu com a arma dali. Ela era a visita mais frequente. Quando não conseguia driblar o controle, deixava na portaria bilhetinhos para lhe serem entregues:

[...] O bobão do elevador já me conhece e hoje não me deixou subir. Diz pro pessoal aí que você brigou comigo, assim talvez esse bando de sacanas pare de te encher.

[...] Ando triste, não porque v. me tenha feito triste, mas porque eu não sei o que fazer pra te ajudar.

[...] A pistola está bem guardada no meu armário. Eu não mostrei pra ninguém. Aliás, mostrei para o Antônio Cláudio, meu irmão. Mas ele é tão legal que nem perguntou de quem era. Mas eu disse.

[...] Amanhã é dia de eu ir aí entregar esta carta. Vai ser um dia triste. Desses dias que deixam a gente doendo por dentro. Depois vou ficar quinze minutos lá embaixo olhando para a sua janela para ver se você recebeu mesmo. Se você não aparecer é porque não te entregaram a carta.

[...] Batata, eu estou com tanto medo que às vezes tenho vontade de ir falar com a sua mãe ou com o dr. Benjamim. Mas não ia adiantar nada. Por isso vê se aguenta firme aí. Aguenta mesmo. Tive uma ideia ótima: quando você sair a gente toma um cargueiro e vai para Portugal, morar no Porto, não é genial?

[...] Sabe, eu comprei um maço de Continental porque assim eu fico com um pouco do seu gostinho na minha boca.

No dia do seu aniversário foi Renata quem apareceu com um pacote de bilhetes e cartas recolhidas entre os amigos com mensagens otimistas e animadoras, todos torcendo para que o Batatinha voltasse logo aos palcos. No meio daquela papelada repleta de beijos e promessas de visitas, uma mensagem deixou-o especialmente excitado. Era um recadinho de três linhas de Jean Arlin: “Amigo Batatinha, a nossa *Juventude sem Tempo* vai estreiar dia 12 de setembro aqui no Rio. Contamos com a presença do autor”. A ideia de fugir ressurgiu com força total quando ele percebeu que de cabelos cortados tinha ficado irreconhecível até para o colega de quarto. Passou dois dias sentado em uma cadeira no corredor, fingindo que lia um livro, mas na verdade controlando com o rabo do olho o movimento do elevador — única alternativa não só de fuga, mas até de circulação dentro do prédio, pois as escadas eram fechadas com grades de ferro. A tocaia lhe trouxe uma certeza: o período de maior movimento ocorria aos domingos, entre meio-dia e

uma da tarde, quando médicos, enfermeiros e funcionários mudavam de turno e se acotovelavam com centenas de visitantes que entravam e saíam do elevador lotado.

De chinelos e pijama, os riscos de ser apanhado eram enormes. Mas, vestido com “roupa de rua” e calçando sapatos, era possível se infiltrar sem ser notado no bolo de gente que se apertava desordenadamente para não perder o elevador e deixar o complexo de prédios. Sempre protegido pelo livro aberto diante dos olhos, Paulo refez dezenas, centenas de vezes o trajeto da fuga. Considerou todos os obstáculos e imprevistos que poderiam surgir e concluiu que as chances de escapar eram muito grandes. Mas tinha de ser logo, antes que as pessoas se acostumassem à sua nova fisionomia, sem a antiga juba encaracolada que passava dos ombros.

Só compartilhou seu plano com duas pessoas: Renata e Luís Carlos, o falso mudo, seu vizinho de quarto. A namorada não só o estimulou como ainda contribuiu com 30 mil cruzeiros — cerca de 850 reais de 2008 — tirados de suas economias, para o caso de ter que lubrificar a mão de alguém, durante a fuga. E Luís Carlos animou-se tanto com a ideia que decidiu ir junto, pois estava “com o saco cheio” do marasmo da casa de saúde. Paulo perguntou se isso significava desistir do plano de se aposentar como louco, mas o colega respondeu, gaguejando, como sempre:

— Fugir faz parte da doença. Todo doido foge pelo menos uma vez. Já fugi antes, depois eu mesmo volto para cá.

Por fim chegou o tão esperado domingo, dia 4 de setembro de 1966. Devidamente paramentados com “roupas de gente normal”, os dois colegas viveram instantes que pareciam não ter fim, enquanto o elevador descia, parando em todos os andares. O tempo todo cabisbaixos, temiam que em algum andar entrasse um médico ou um enfermeiro conhecido. Foi um alívio quando chegaram ao térreo e caminharam até o portão — como Paulo calculara centenas de vezes, nem depressa demais que despertasse suspeita, nem tão devagar que permitisse a alguém identificá-los. Tudo correu exatamente como planejado. Sem ter sido necessário subornar ninguém, o dinheiro dava para mantê-los por alguns dias.

Sempre em companhia de Luís Carlos, Paulo foi à estação rodoviária e comprou duas passagens de ônibus para Mangaratiba, cidadezinha litorânea a pouco mais de cem quilômetros ao sul do Rio de Janeiro. O sol começava a se pôr quando os dois contrataram um barqueiro para transportá-los até uma ilha a meia hora do continente. Tão pequena que o bairro de Ipanema não caberia inteiro dentro dela, a ilha Guaíba era um paraíso que vivia seus derradeiros anos a salvo da mão humana — antes que Paulo virasse adulto ela seria transformada em um mega terminal de exportação de minério de ferro. Em uma de suas pontas, na praia da Tapera, ficava uma casa de propriedade de Heloísa Araripe, a “tia Helói”, irmã de sua mãe — e foi só ao chegar lá que ele, sempre levando a reboque o falso mudo, por fim se considerou a salvo da maldita clínica, dos médicos e dos enfermeiros.

Como refúgio o lugar parecia ser mesmo o ideal, mas horas depois de lá chegar os dois viram que não daria para ficar ali por muito tempo, pelo menos naquelas condições. Raramente usada pela tia Helói, a casa não tinha absolutamente nada além de um filtro de barro com água pela metade — e ainda assim com uma suspeitíssima coloração esverdeada. Uma vez que o caseiro, um caíçara que vivia numa cabana a metros da casa, não manifestara interesse em partilhar seu jantar, na hora em que bateu a fome, só lhes restou atacar uma bananeira do quintal para aliviar os rancos do estômago. Ao acordarem, no dia seguinte, com os braços e as pernas cobertos de picadas de pernilongos, tiveram que buscar na mesma bananeira o café da manhã, e depois o almoço, e ainda no fim do dia o jantar. No segundo dia, o mudo sugeriu que tentassem outra dieta, pescando algum peixe, mas a ideia foi derrubada ao descobrirem que o fogão da casa não tinha gás e na cozinha não havia talheres, óleo, sal nem nada. Na terça-feira, três dias após a chegada, os dois passaram horas sentados no trapiche à espera do primeiro barqueiro que os levasse de volta ao continente. Quando o ônibus de Mangaratiba os deixou na rodoviária do Rio, Paulo comunicou ao companheiro de fuga que iria passar alguns dias escondido até decidir o que fazer da vida. Luís Carlos também estava achando de bom tamanho a aventura e decidiu voltar à Casa de Saúde Dr. Eiras.



Meu muito querido "Batatinha"

Estou muito triste e aberto com tudo o que aconteceu. Foi um choque muito grande para mim. Nunca podia imaginar uma coisa dessas. Parece um pesadelo. Estou pela ideia que nós todos sentimos muito, muito mesmo. Temos muitas saudades mas, saudades estas que aumentam dia a dia, e maior e mais aguda sem você. Não sei como poderemos fazer. Tenho pensado muito em você e cada vez que o João vai contigo me convence de que tudo que está acontecendo é verdade. Me parece um pesadelo daqueles que fazem a gente acordar no meio do dia e se sentindo de desespero. É impossível avaliar o que você está passando, como está se sentindo. Meu Deus. Mas por favor, meu Batatinha, corajoso, lute, não se deixe afetar nem influenciar por esse ambiente. Não se preste completamente. Procure se distrair lendo muito, observando esses tipos estranhos que aí vivem; faça algo como se fosse um estudo. Eu sei que é duro mas faça força. Pense em nós que tanto te queremos e nos encontramos às vezes em que estivermos reunidos. Faça disso, uma constante lembrança. Você é forte, eu sei. Mas procure, João. Talvez ajude a diminuir um pouco seu isolamento. Eu sei que você nos tem muito, nós todos o sabemos. Talvez se convencer de que tudo nos passa de um possível engano. Lute. Não se entregue. Mas tudo na vida perfeita harmonia. Converse com os médicos, se abra com eles, peça sua ajuda, faça deles amigos que

Uma das cartas enviadas pela namorada Renata Sorrah quando Paulo estava internado no hospício: "Meu Batatinha, tenha coragem, lute, não se deixe afetar nem influenciar por esse ambiente".

Os dois se despediram às gargalhadas, ambos torcendo para que voltassem a se encontrar algum dia. O filho do dr. Pedro tomou um ônibus e bateu na casa de Joel Macedo, onde pretendia se homiziar até colocar as ideias no lugar. O amigo o recebeu com muito carinho, mas temia que sua casa pudesse não ser um bom esconderijo, pois Lygia e Pedro sabiam que era lá que ele costumava dormir nas noites de alta boemia. E, se era para sair do Rio, o esconderijo ideal era outra casa — a que seu pai acabara de construir num condomínio de Cabo Frio, cidade quarenta quilômetros adiante de Araruama. Antes de pegarem a estrada, ele exigiu de Paulo uma providência profilática — tomar um bom banho e mudar de roupa, sem a qual seria impossível viajar na companhia do amigo, que entrava no quarto dia sem qualquer higiene pessoal. Horas depois pegavam a estrada na perua DKW-Vemag de Joel — dirigida pelo dono, uma vez que, depois do trauma do atropelamento, Paulo jamais se atrevera a pôr as mãos no volante de um carro. Os amigos passaram os dias tomando cerveja no bairro da Ogiva, andando pela praia das Conchas e lendo a nova paixão de Joel, o teatro dos russos Maxim Górkí e Nikolai Gogol. Quando se foi o último tostão do dinheiro que Renata lhe dera, Paulo achou que estava na hora de voltar. Fazia uma semana que fugira e não tinha mais sentido perambular sem rumo e sem destino. Foi a um posto telefônico, fez uma ligação a cobrar para casa. Ao ouvir sua voz, do outro lado da linha, o pai não lhe pareceu zangado, mas sinceramente preocupado com sua saúde e seu estado físico e mental. Ao saber que o filho estava em Cabo Frio, Pedro ofereceu-se, subitamente gentil, para ir buscá-lo de carro, mas ele preferiu voltar com Joel.

Depois de passarem uma semana procurando desesperadamente o filho em necrotérios e delegacias de polícia, tanto Lygia como Pedro comportavam-se de forma irreconhecível. Concordaram em que ele não retornasse à clínica e, delicados e gentis, se diziam interessados por seu trabalho no teatro e pareciam ter suspenso definitivamente o horário-limite de voltar para casa. Paulo via aquela liberalidade com desconfiança. “Ao final de uma semana de pânico, sem ter notícias minhas”, diria depois, “eles aceitariam qualquer condição, então eu tratei de aproveitar”. O cabelo e um arremedo de barba cresciam sem que ninguém o aborrecesse e o pouco tempo que sobrava de suas atividades era dedicado às garotas. Além de Renata e Fabíola (Márcia andava meio afastada), agora estava encantado com a Genivalda, uma nordestina feiosa e de pernas finas, mas dona de uma inteligência brilhante. Geni, como ela preferia ser chamada, não se vestia bem, não morava na Zona Sul nem estudava na PUC ou nos colégios chiques, mas, como parecia saber tudo, tinha lugar cativo nas rodas do Paissandu.

Seu lento mas perceptível êxito com as mulheres não se devia a qualquer intervenção cirúrgica, como no caso de Fabíola, mas a uma mudança de costumes que começava a chegar ao Brasil. A revolução da chamada “contracultura”, que assombrava o mundo, estava transformando não apenas padrões políticos e comportamentais, mas também estéticos. E isso fazia com que homens possivelmente até então considerados feios, como o roqueiro Frank Zappa ou, no Brasil, o músico Caetano Veloso, se tornassem padrões dessa beleza moderna num passe de mágica. Pelo novo critério de beleza, o homem viril, saudável e escanhado estava sendo substituído pelo desgrenhado, esfarrapado e de aparência frágil. Um publicitário diria que era John Wayne dando lugar a Woody Allen como objeto do desejo das mulheres. Beneficiário dessa ditadura da informalidade, o único problema de Paulo consistia em ter um lugar para namorar. Ávido por recuperar o tempo perdido, além das namoradas firmes, conquistava também as avulsas que porventura lhe cruzassem o caminho, fossem amadoras ou profissionais. Em uma época em que não existiam motéis e o moralismo exigia certidão de casamento dos casais que se registravam em hotéis, restavam poucas alternativas para os jovens que, como ele, não dispunham de uma *garçonnière*. Não que pudesse reclamar, pois, além da leniência da mãe e da avó de Fabíola, que fechavam os olhos e os ouvidos para o que se passava no estúdio revestido de jornais, ainda contava com a colaboração do tio José, em Araruama, cujas portas estavam sempre abertas, fosse quem fosse a companhia que Paulo levasse no fim de semana ou no feriado.

Ainda assim, quando surgia uma conquista inesperada, ele resolvia o problema como dava. Certa feita passou horas em preliminares amorosas com uma jovem candidata a atriz em um pedalinho na lagoa Rodrigo de Freitas. Depois de uma via-sacra por inferninhos e já embalados — por álcool, pois nenhum dos dois consumia qualquer tipo de droga —, Paulo e a garota terminaram a noite fazendo sexo na casa onde ela morava com uma tia-avó. Como era um apartamento de uma única peça, divertiram-se transando diante dos olhos estatelados da anciã, surda-muda e senil — experiência, aliás, que se repetiria algumas vezes. Em outra ocasião confessou ao diário que havia feito sexo em circunstâncias ainda mais insólitas:

Convidei Maria Lúcia para dar uma volta na praia comigo, depois fomos bater papo no cemitério. É por isso que escrevo hoje: para, mais tarde, eu me lembrar que tive uma amante por um dia. Uma menina completamente despida de preconceitos, a favor do amor livre mais radical, uma menina que é mulher. Ela disse que meu tipo físico delatava, antes de qualquer coisa, que eu era quente na cama. E os dois, interrompidos de vez em quando pelo cansaço, ou por um enterro que passava, se amaram a tarde inteira.

Semanas depois de ter fugido da clínica, porém, esses problemas chegariam ao fim. Graças à intermediação do avô paterno, Paulo conseguiu autorização dos pais para fazer uma experiência: morar sozinho por uns tempos. A nova casa foi oferecida pelo próprio Mestre Tuca: um pequeno apartamento que mantinha no Edifício Marquês de Herval, na avenida Rio Branco, em pleno centro comercial do Rio. O lugar, a poucas quadras da zona de baixo meretrício da cidade, não podia ser pior. Durante o dia a região era uma ruidosa babel de camelôs, pequenos comerciantes, vendedores de bilhetes de loteria e pedintes, com ônibus e carros circulando em todas as direções. A partir das sete da noite era como se os cenários de uma peça tivessem sido trocados. O colorido do dia dava lugar às sombras e os personagens diurnos eram substituídos por prostitutas, malandros, travestis, cafetões e traficantes. Nada nas imediações lembrava o mundo de onde Paulo vinha, mas não importava, aquela era a sua casa, ali mandava ele e mais ninguém. E, além disso, descobrira que o prédio tinha fluidos muito positivos. Naquele lugar funcionara, nos anos 1920, o famoso Palace Hotel, *rendez-vous* de francesas belíssimas entre as quais fazia grande sucesso uma dupla de rapazes: seu próprio avô, o Mestre Tuca, e um antigo colega de escola, o

compositor Bororó, coautor, com Lamartine Babo, da célebre canção “Da Cor do Pecado”.

Assim que procurou os amigos do Grupo Destaque, Paulo soube que a prometida montagem de *Juventude sem Tempo* no Rio fora cancelada por falta de recursos. Parte da trupe que fizera *Pinóquio* e *A Guerra dos Lanches* agora estava metida em nova aventura, à qual foi imediatamente incorporado: encenar uma peça de teatro para adultos. Sob a bandeira do Teatro Universitário Nacional, fazia semanas que ensaiavam uma adaptação de *Capitães da Areia*, famosa e polêmica obra escrita trinta anos antes por Jorge Amado. Louro, de olhos azuis e bronzeado, o diretor e autor da adaptação mais parecia um dos surfistas que passavam os dias pegando ondas no Arpoador. Aos quinze anos, o precoce Francis Palmeira já tivera uma peça, *Ato Institucional*, proibida pela censura. Era tão estimulante ver aquele bando de jovens fazendo teatro de gente grande que Jorge Amado — autor festejado mundialmente e membro da Academia Brasileira de Letras — não só autorizou a adaptação como escreveu um simpático texto para o programa da peça:

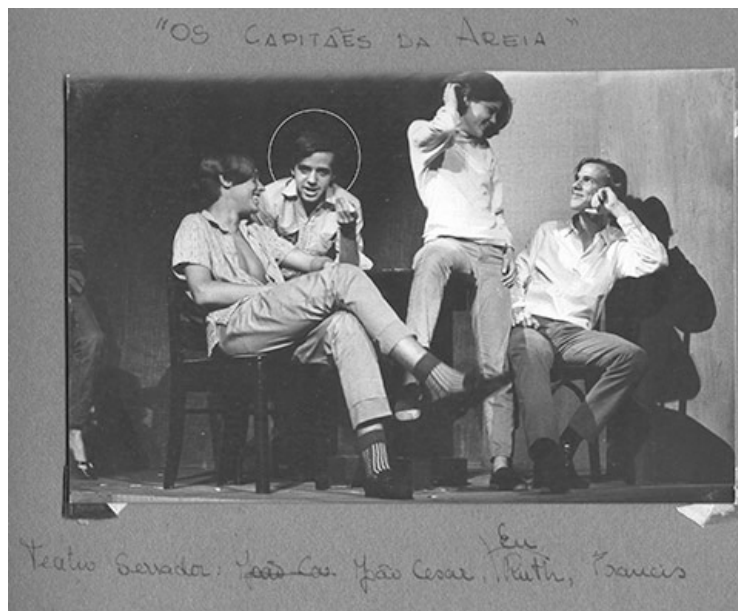
Confiei aos estudantes a adaptação teatral de meu romance Capitães da Areia e o fiz com confiança e alegria: os estudantes estão hoje na vanguarda de tudo quanto se realiza de bom no Brasil. São os lutadores incansáveis pela democracia, pelos direitos dos homens, pelo progresso, pelo avanço do povo brasileiro, contra a ditadura e a opressão. No romance em que eles se basearam para sua peça de teatro, também eu transmiti uma palavra de fé no povo brasileiro e de protesto contra todas as formas de injustiça e de opressão. A primeira edição dos Capitães da Areia foi publicada uma semana antes da proclamação do “Estado Novo”, ditadura cruel e obscurantista — que apreendeu a edição e proibiu o livro. Esse romance foi arma de luta. Hoje ele ganha uma nova dimensão: o palco que torna tão imediato o contacto com o público. Só posso desejar aos estudantes do Teatro Universitário Nacional o maior sucesso, certo de que eles estão mais uma vez a serviço da democracia e do Brasil.

Estava na cara que ia dar problema. O primeiro foi com o Juizado de Menores, que ameaçou proibir os ensaios enquanto não exibissem a autorização paterna de todos os que tinham menos de dezoito anos, a começar do diretor do espetáculo. Quando faltavam poucos dias para a estreia, os ensaios foram interrompidos pela presença do delegado Edgar Façanha, chefe da Censura no Rio de Janeiro, acompanhado de um agente do Serviço Nacional de Informações, o SNI, em busca do certificado de liberação, sem o qual a peça não poderia ser encenada. Como não havia nenhum certificado, no bate-boca que se seguiu os policiais acabaram detendo um dos atores, Fernando Resky, e se retiraram com uma advertência: se quisessem mesmo estreiar a peça na data marcada, 15 de outubro de 1966, que tratassem de levar às pressas uma cópia do texto para ser submetido ao crivo oficial. Dias depois *Capitães da Areia* seria liberada com supressões reveladoras do obscurantismo que cada vez mais sufocava o país sob o regime militar. Tinham sido proibidas as palavras “camarada”, “diálogo”, “revolução” e “liberdade” e uma frase inteira fora cortada: “Todos os lares estariam abertos para ele, porque a revolução é uma pátria e uma família para todos”.

As dificuldades para chegar até a montagem haviam sido tantas que o grupo achou melhor engolir os cortes sem protestar nem recorrer. Embora perdido entre os trinta atores e atrizes que pisavam o palco durante o espetáculo, Paulo fazia um papel de razoável destaque. Era Almiro, homossexual amasiado com Brandão, e que morria de varíola — ou de “bexiga”, como se dizia na época — no final da peça. Jorge Amado tinha prometido estar na pré-estreia, mas, como estava em Lisboa para o lançamento de seu mais recente sucesso, o romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, pediu que o representasse, em carne e osso, ninguém menos que “Volta Seca”, um dos meninos de rua de Salvador em quem se inspirara para criar os personagens-título da peça. O noticiário dos jornais do Rio sobre a investida da censura contra *Capitães da Areia* funcionou como um atrativo tão grande que os quatrocentos lugares do Teatro Serrador, no centro do Rio, foram insuficientes para comportar o público na noite da estreia. Da sua lista de convidados pessoais Paulo só notou duas ausências: Renata e o dr. Benjamim — ele mesmo, o dos choques elétricos.

A partir da segunda internação, Paulo passaria a ter com o psiquiatra uma curiosa relação. Não era apenas afeto que os aproximava, apesar de tudo o que Paulo havia sofrido na clínica, mas a proximidade com o médico, ou a opinião deste a respeito de suas dúvidas, passaram a dar-lhe uma segurança que não tinha antes. Na época esse tipo de comportamento era considerado um dos efeitos colaterais da tal amnésia retrógrada. Muitos e muitos anos depois, porém, o próprio Paulo diagnosticaria aquilo como algo que veio a ser chamado de “síndrome de Estocolmo”: uma súbita e inexplicável dependência afetiva de sequestrados em relação a seus sequestradores, de pessoas privadas da liberdade com seus captores — e, no seu caso, de pacientes psiquiátricos com os responsáveis por sua internação. “Eu estabeleci com o doutor Benjamim a mesma relação do

sequestrado com o sequestrador”, diria o escritor maduro em entrevista. “Mesmo depois de sair da clínica, nas minhas grandes crises da juventude, nos problemas com namoradas, eu ia lá conversar com ele.”



Ontem fui com a mulher mais velha da zona — e a mais velha com quem eu já dormi em toda a minha vida (eu não trepei, paguei apenas para olhar). O seio parecia um saco sem nada dentro e ela ficava na minha frente, nua, passando a mão na boceta. Eu a olhava sem compreender por que ela me inspirava piedade e respeito ao mesmo tempo. Ela era pura, extremamente carinhosa e profissional, mas era uma mulher muito velha, ninguém pode imaginar quanto. Talvez uns 70 anos. Francesa, tinha o jornal “France Soir” jogado no chão. Me tratou com o maior cuidado. Trabalha das 18 às 23 horas, depois toma um ônibus, vai para casa e onde ela mora é uma velhinha respeitável. Ninguém diz, meu Deus! Eu não posso me lembrar dela nua porque me dá uma tremedeira e uma mistura muito grande de sentimentos. Esta velhinha jamais vai sair da minha cabeça. Muito estranho.

Se às vezes pagava sem fazer sexo, acontecia também de fazer sem pagar nada, ou quase nada (“... ontem eu estava inspirado e consegui trazer uma prostituta sem pagar nada — no fim ela levou um suéter que eu tinha roubado de um amigo”). Assim como permitia relações platônicas, a zona podia despertar paixões demolidoras, dignas de tangos e boleros. Paulo não escaparia desse destino. Durante semanas seguidas dedicou todas as páginas de seu diário a um amor alucinante por uma jovem prostituta. Um dia a mulher desapareceu com outro cliente, sem deixar notícias, e ele de novo entrou em parafuso. Apesar de ser homem feito, só mesmo a inocência de um menino para as coisas do amor justificaria sua crise de ciúme por ter sido traído por uma prostituta. “Prestai bastante atenção! Senti vontade de chorar como nunca havia chorado antes, porque naquela mulher residia todo o meu ser”, lamentou, melancólico. “Com sua carne eu podia manter a solidão um pouco distante. “Ao ouvir que a amada havia voltado e que estava revelando intimidades suas na zona, desabou:

Soube que ela está me difamando, contando coisas que meu imenso amor me havia levado a fazer. Nunca mais ela pronunciou algo de nobre a meu respeito. Descobri que para ela eu era um zero à esquerda, um porto destruído. Vou citar o nome da mulher a quem eu entreguei o que havia de puro no meu ser putrefato: Tereza Cristina de Melo.

Dia e noite faziam, a essa altura da vida, grande diferença para Paulo. Durante o dia continuava levando uma vida de sonho: namoradas, ensaios, grupos de estudos, debates sobre cinema e o existencialismo. Embora mal tivesse posto os pés no novo colégio, conseguira passar de ano, o que o deixava a um passo do vestibular, que decididamente não seria de engenharia, como desejava o dr. Pedro. Nas poucas vezes em que aparecia na casa da família — em geral para filar boia ou pedir dinheiro —, inventava mentiras para chocar os pais, dizendo que estivera nos lugares mais extravagantes do Rio. “Eu lia nos jornais notícias sobre os locais frequentados pela juventude livre e mentia dizendo que tinha estado lá, só para escandalizar meu pai e minha mãe.” Para onde fosse, levava sobre o ombro o violão que quase nunca tocava, só “para fazer estampa para as garotas”. Maior de idade, divertia-se com as batidas do Juizado de Menores à caça de adolescentes consumindo bebidas alcoólicas.

Com a chegada da noite, contudo, as crises de melancolia e solidão voltavam impiedosas. Chegou um momento em que não suportava mais. Fazia três meses que resistia a um constante pesadelo, noite após noite, e sentiu que teria que voltar atrás. Encaixotou todas as suas coisas e, macambúzio e humilhado, pediu aos pais para o receberem naquela casa onde imaginara jamais voltar a viver.

A desenvoltura com que circulava entre mulheres de todos os níveis, das prostitutas do Manguê às cocotas elegantes do Paissandu, transmitia a todos a impressão de que Paulo era um homem sexualmente resolvido. Mas tratava-se apenas de impressão. O convívio com o universo teatral, onde a homossexualidade trafegava sem qualquer repressão, despertara uma dúvida tão secreta que nem ao diário fora revelada: e se ele tivesse mesmo “problemas sexuais”, como a mãe suspeitara ao interná-lo pela primeira vez? Ou, em português sem subterfúgios: e se fosse homossexual? Embora estivesse perto de completar vinte anos, essa ainda era uma zona sombria e misteriosa para Paulo. Ao contrário do que costumava acontecer entre meninos brasileiros da época, tivera sua iniciação sexual com a precoce e experiente Madá, e não fazendo “troca-troca” — ou, como se dizia no Rio de então, fazendo “meia” — com algum amigo. Nunca sentira desejo de ter intimidade física com um homem, nem mesmo chegara a fantasiar experiências assim. Várias vezes, contudo, ao ver grupos de amigos homossexuais conversando, nos intervalos dos ensaios, flagrava-se fazendo silenciosas e perturbadoras indagações. “E se eles tiverem razão? E se a opção sexual deles for melhor que a minha?”

A vida tinha lhe ensinado que era melhor ser o primeiro a pular no rio gelado do que sofrer na fila até que chegasse sua hora. Em vez de ficar se martirizando com dúvidas intermináveis, sabia que só havia uma maneira de resolver o problema: experimentar. Ao ler em um texto de Karl Marx algo parecido com “a prática é determinante”, interpretou a frase como um estímulo a mais para a decisão que havia tomado. Uma noite, quando ainda morava no apartamento do avô, no centro da cidade, encheu-se de coragem e resolveu tirar a questão a limpo. Circulou várias horas por boates gay no pesado *bas-fond* das galerias Alaska e Menescal, em Copacabana, até que, calibrado por alguns uísques, resolveu atacar. No balcão de um inferninho, aproximou-se de um rapaz da sua idade — um profissional, que estava ali para fazer sexo por dinheiro — e foi direto ao assunto:

— Oi, tudo bem? Estou a fim de ir para a cama com você, quer ir comigo?

Paulo estava preparado para tudo, menos para a resposta que ouviu:

— Não. Não quero ir para a cama com você.

A surpresa não teria sido maior se tivesse levado um soco. Como não? Mas ele estava pagando! O sujeito virou as costas e deixou-o de copo na mão. Ao tentar de novo em outra boate, e diante do segundo não, encerrou sua curta e frustrada experiência homossexual. Semanas depois, imerso em febril atividade profissional, parecia ter se esquecido daquilo.

Se a carreira do escritor Paulo Coelho continuava um visível fracasso, o mesmo não se podia afirmar do dramaturgo. Sua primeira aventura solo no mundo das artes cênicas, ainda em teatro infantil, foi a montagem de um clássico do cinema, *O Mágico de Oz*. Ele não só se encarregou da adaptação do texto de Lyman Frank Baum como dirigiu a peça e selecionou para si mesmo o papel do Leão. Sem recursos para figurinos ricos, na hora do espetáculo simplesmente pintava bigodes no rosto, amarrava duas orelhas de pano na cabeça e o rabo era uma corda costurada nas calças, cuja ponta enroscava no dedo indicador durante todo o espetáculo. Da versão original praticamente só se aproveitara a canção “Over the Rainbow”. O restante da trilha foi composto por Antônio Carlos Dias, o Kakiko, músico e ator com quem Paulo compartilhara um camarim coletivo durante a temporada de *Capitães da Areia*. Para surpresa de todos, *O Mágico de Oz* não apenas pagou os gastos com a montagem e os salários de atores e técnicos, como ainda deixou saldo positivo — dinheiro que Paulo guardaria com avareza para uma nova produção. Se ter o nome impresso em letra de forma nas páginas de espetáculos dos jornais era de alguma forma sinônimo de sucesso, ele não tinha do que reclamar: em um único dia de 1967, seu nome estava em três lugares diferentes dos cadernos culturais da imprensa carioca. No Teatro de Arena, era o autor e diretor de *O Tesouro do Capitão Berengundo*; no Santa Terezinha estava em cartaz uma adaptação sua, *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*; e no Teatro Carioca aparecia como ator em *A Onça de Asas*, de Walmir Ayala.

As peças infantis até que davam algum dinheiro, mas só no teatro adulto seria possível atingir a fama e o prestígio que buscava. A repercussão da montagem de *Capitães da Areia* tinha deixado isso bem claro. No mês de março convidaram-no para atuar em uma grande montagem: o musical *A Ópera dos Três Vinténs*, de Bertolt Brecht e Kurt Weill, cuja tradução fora encomendada ao acadêmico Raimundo Magalhães Júnior e que seria dirigida por José Renato. O espetáculo fizera

muito sucesso em São Paulo com um elenco de famosos como Leilah Assumpção, Maria Alice Vergueiro, Ruth Escobar e Sílvia de Abreu. Repleta também de estrelas de primeira grandeza, a trupe do Rio não ficava atrás e era formada, entre outros, por Dulcina de Moraes, Fregolente, Marília Pêra, Francisco Milani, José Wilker, Denoy de Oliveira e, no papel do reverendo Kinball, o velho Bororó, ex-companheiro de farras do avô, Mestre Tuca. A coreografia tinha sido entregue ao consagrado bailarino Klauss Vianna e com a peça seria inaugurado o teatro da Sala Cecília Meirelles, na Lapa. Paulo representava um mendigo cego, papel de pouca expressão, mas seu nome saíria estampado no programa ao lado de todos aqueles craques. Após várias semanas de ensaios, estavam todos preparados para a estreia. Dias antes a companhia foi convidada a montar uma cena da peça ao vivo, nos estúdios da TV Rio, a mais importante da cidade. Na hora da apresentação deu-se pela falta do ator Oswaldo Loureiro, que deveria cantar a música-tema. E como Paulo era o único do grupo que sabia de cor a letra de “Mack the Knife”, coube-lhe o maior destaque no programa de tevê. O razoável sucesso de *A Ópera dos Três Vinténs* fixou-o ainda mais na nova profissão.

Já estava de novo instalado na casa dos pais e a peça continuava em cartaz quando o diabo da homossexualidade decidiu tentá-lo mais uma vez. Agora a iniciativa não partiu dele, mas de um ator de cerca de trinta anos que também trabalhava na peça. Na verdade, os dois só haviam trocado algumas palavras e olhares, mas numa noite, após o espetáculo, o outro o abordou sem meias palavras:

— Quer dormir comigo lá em casa?

Nervoso e surpreso com a cantada inesperada, Paulo respondeu o que lhe veio à boca:

— Sim, quero, sim.

Passaram a noite juntos. Apesar de se lembrar, muito tempo depois, que sentira certa abjeção ao se ver trocando carícias com um homem, fez sexo com ele, penetrando-o e se deixando penetrar. Paulo voltaria para casa, no dia seguinte, ainda mais confuso do que antes. Não sentira nenhum prazer e continuava sem saber se era ou não homossexual. Meses depois voltaria à carga e de novo escolheria entre os colegas de palco o companheiro para a experiência. Na casa deste, uma quitinete em Copacabana, sentiu enorme constrangimento quando o parceiro propôs que tomassem banho juntos. O mal-estar prosseguiu noite adentro. O sol começava a entrar no pequeno apartamento quando afinal conseguiram fazer sexo — e Paulo Coelho se convenceu, de uma vez por todas, de que não era homossexual.

Para alguém com tantas dúvidas a respeito de sua própria sexualidade, ele continuava a fazer um surpreendente sucesso com as mulheres. Desistira de Márcia, terminara o namoro com Renata e continuava o casamento informal com Fabíola, que parecia cada dia mais bela. Bígamo precoce, porém, apaixonara-se pela sergipana Genivalda, ela mesmo, a feia e brilhante Geni que inebriava os ouvidos da *intelligentsia* do Paissandu e do Zeppelin. Após semanas de assédio diário e infrutífero, por fim conseguira levá-la para um fim de semana na casa do tio José, em Araruama. Na primeira noite juntos, qual não foi sua surpresa ao ouvir Geni, aquela mulher experiente, com ar tão maduro e que parecia saber tudo, pedir-lhe num sussurro para ir com calma, pois aquela seria a primeira relação sexual de sua vida. Por falta de lugar adequado para se encontrarem, os primeiros meses de lua de mel foram desconfortáveis, mas férteis: no começo de junho Geni telefonou para comunicar que estava grávida, esperando um bebê dele. Na mesma hora Paulo decidiu que queria ter a criança, mas nem teve tempo de dizê-lo, porque ela anunciou que ia fazer um aborto. Ele propôs um encontro para que pudessem conversar, mas Geni foi irredutível: estava firme em sua atitude e, além do mais, queria também colocar um ponto final no namoro. Desligou o telefone e sumiu como se nunca tivesse existido.

Aos poucos Paulo entrou de novo em parafuso. Nervoso com a notícia da gravidez e o súbito desaparecimento de Geni, pôs-se a procurá-la por todos os cantos até saber que a namorada voltara para sua cidade natal, Aracaju, onde pretendia fazer o aborto. Ansioso por removê-la da ideia, mas sem meios de localizá-la a quase 2 mil quilômetros de distância, ele recaiu em crises de depressão, intercaladas por breves manifestações de euforia. E era isso que refletiam páginas e páginas do diário, escritas em noites de insônia:

Eu respiro solidão, eu visto solidão, eu defeco solidão. É foda. Nunca me senti tão só. Nem nos amargos e longos dias da minha adolescência abandonada. Aliás, solidão para mim não é novidade. Só que estou me cansando disto. Em breve faço uma loucura que aterrorizará o mundo.

Quero escrever. Mas para quê? Por quê? Sozinho, os problemas existenciais ocupam meu cérebro, e daquele burburinho intenso só distingo uma coisa: vontade de morrer.

A veia dramática para relatar misérias aparecia também nas lufadas de alegria. Raros e pouco duradouros, os momentos de otimismo eram registrados sem absolutamente nenhuma modéstia.

Chegou minha hora de parir; já cantada numa poesia que fiz na Casa de Saúde. Nesta manhã, junto com a luz, eu nasço. Chegou a hora de mostrar ao mundo quem sou.

Até o meio do ano de 1967 o mundo ainda não sabia quem era Paulo Coelho, mas corria o risco de perdê-lo, a julgar pela frequência dos surtos depressivos e pela insistência com que falava em morte e suicídio. No fim de junho, após padecer outra noite de insônia, ele teve um repente. Guardou o diário na gaveta, passou duas vezes a chave na porta, certificou-se de que estava realmente trancada e começou a quebrar tudo. Começou pelo violão, esmigalhado sobre a mesinha de trabalho com um estrondo que parecia a explosão de uma bomba. Os vizinhos que àquela hora, por volta de seis da manhã, ainda não tinham despertado para mais uma quinta-feira de trabalho acordariam assustados com o escarcéu na casa dos Coelho. Com os cacos do violão arreventou a vitrola portátil, de plástico vermelho, o rádio de ondas curtas e saiu quebrando o que encontrava pela frente.

Não havia mais nada para destruir, mas ainda sobrava fúria. Paulo andou até a estante e começou pelos dez volumes da coleção Sherlock Holmes. Rasgou-os um por um e depois entrou na prateleira de autores brasileiros, nos de prosa, de poesia, de filosofia, até que o chão do quarto ficou coberto de livros destruídos. Entrou no pequeno banheiro contíguo e, usando o braço do violão como tacape, arreventou o espelho do armário. Quando a barulheira baixou por instantes, ouviu o pai esmurrando a porta e exigindo que ele abrisse, mas não se alterou. Arrancou e picou em pedacinhos dois textos que colara atrás da porta — uma oração de São Francisco de Assis e a letra de “Barbara”, poema do francês Jacques Prévert — e fez o mesmo com os pôsteres de pinturas que decoravam o quarto: a *Maja Desnuda*, de Goya; o *Jardim das Delícias*, de Bosch; e a *Crucificação*, de Rubens. Ofegante, viu que só uma peça tinha sobrevivido inteira: a poltrona branca onde costumava “chorar ou olhar o céu estrelado”, como escrevera certa vez. Sem ter nenhum instrumento com que arreventar o móvel, não hesitou em abrir a janela e atirá-lo ruidosamente em um jardim lateral da casa. Só então, quando não havia mais nada em pé ou inteiro, decidiu abrir a porta. Mal teve tempo de notar que não era mais o pai quem batia: dois enfermeiros o imobilizaram e um deles aplicou-lhe no braço uma injeção com algo que pareceu ser um forte sedativo.



A estreia de “Capitães da Areia”, no Teatro Serrador: problemas com a censura e elogios de Jorge Amado.



À direita, Paulo vive Almiro, o homossexual que morre no fim da peça.



Ao abrir os olhos, reconheceu a tinta descascada do teto: estava de novo deitado numa cama do nono andar da Casa de Saúde Dr. Eiras. A primeira providência que os enfermeiros tomaram, tão logo despertou da sedação, foi levá-lo aos ascensoristas e adverti-los:

— Este é o paciente que fugiu daqui no ano passado. Guardem bem esta cara e, desta vez, cuidado com ele.

Na clínica nada havia mudado em relação às internações anteriores. Salvo Flávio, o sobrinho do ministro que tentara se matar com uísque e lança-perfume, lá estavam todos, inclusive o gago e falso mudo Luís Carlos, seu companheiro de fuga. Os rostos eram os mesmos de antes e o suplício também. Já no primeiro dia Paulo foi submetido a uma sessão de eletrochoques tão pesada que, quando Fabíola apareceu para visitá-lo, horas depois da aplicação, ele ainda estava inconsciente, completamente babado e com a fisionomia desfeita pela violência das descargas elétricas no cérebro. A despeito do carinho e desvelo com que foi tratado pela namorada — na terceira internação Fabíola foi a única pessoa, além dos pais, a visitá-lo —, ele não conseguia tirar da cabeça a desaparecida Geni e seu bebê.

Uma semana depois de ser levado à Dr. Eiras, período em que foi submetido a três sessões de eletrochoques, Paulo estava de novo pensando em fugir. E outra vez o companheiro escolhido foi Luís Carlos, que também não aguentava mais a rotina do hospício. A chance surgiu no dia em que um membro da equipe do dr. Benjamim efetuou um exame superficial em sua boca e viu que estava nascendo o dente do siso. O médico parecia ter descoberto a pólvora:

— Já sei qual é seu problema: é um dente que está nascendo e pressionando sua cabeça. Isso te deixa nervoso e provoca essas crises. Vou pedir ao nosso dentista que extraia esse dente e aí isso acaba.

Enquanto buscavam um enfermeiro para acompanhá-lo à clínica dentária da Dr. Eiras, ele encontrou Luís Carlos e avisou:

— É agora! Vão me levar ao dentista e vou tentar escapar. Veja se também consegue fugir. Se tudo der certo, nos encontramos daqui a uma hora no café em frente à clínica.

Atravessou as alamedas que separavam os prédios da clínica, sempre vigiado de perto pelo enfermeiro, que na porta do consultório olhou o relógio e combinou com o dentista: como a extração levaria cerca de meia hora, iria ao banheiro e retornaria em seguida para acompanhar o paciente de volta ao prédio dos doentes mentais. A consulta, no entanto, não durou nem cinco minutos. Após examiná-lo rapidamente com espelinhos e cutucar-lhe os dentes com pinças pontiagudas, o dentista o dispensou:

— Não sei quem inventou essa bobagem! Desde quando um dente do siso deixa alguém maluco? Pode sentar aí fora e esperar o enfermeiro para voltar para o seu andar.

Era a hora. Paulo esgueirou-se pelos corredores, cruzou de cabeça baixa e com passos rápidos o bosque interno, juntou-se à aglomeração de visitantes e médicos na portaria e minutos depois estava em liberdade. Chegou correndo ao café da esquina da rua Assunção com a Marquês de Olinda e, para sua surpresa, viu Luís Carlos esperando-o com um copo de cerveja na mão — era tudo o que dava para comprar com os trocados que trouxera no bolso. Festejaram a façanha às gargalhadas e trataram de cair fora dali antes que dessem pela falta deles no nono andar e viessem em sua captura (na verdade, a corda parecia andar frouxa na clínica: só em 9 de julho, dois dias após a fuga, é que os médicos notaram o desaparecimento dos dois). Na saída Paulo ainda conseguiu vender seu relógio de pulso para o caixa do bar e, como não havia tempo para muita negociação, acabou apurando apenas 300 cruzeiros novos (650 reais de 2008), menos da metade de seu valor real. Os fugitivos caminharam três quadras pela rua Marquês de Olinda, sentaram-se no gramado do aterro e passaram horas em silêncio, desfrutando um prazer barato que para ambos tinha um sabor indescritível: ver a deslumbrante praia da Urca com o Pão de Açúcar ao fundo. Era exatamente a mesma vista que tinham das janelas do manicômio — só que agora sem nenhuma grade diante dos olhos. Paulo contou a Luís Carlos o que estava planejando:

— Vou à rodoviária comprar uma passagem de ônibus para Aracaju. Preciso localizar uma namorada que está, ou estava, esperando um bebê meu. Se você quiser ir junto, o dinheiro do relógio dá para pagar também a sua passagem.

O gago se assustou com uma viagem tão longa, mas na falta de programa melhor, e sem ter mesmo para onde ir, aceitou o convite. Como o ônibus do Expresso Paraibano, que servia a capital de Sergipe, só saía às oito da manhã seguinte, os parceiros passaram a noite nos bancos da estação rodoviária. As passagens haviam consumido oitenta cruzeiros novos, sobrando dinheiro mais do que suficiente para a dupla se alimentar na interminável viagem. Luís Carlos quis saber como sobreviveriam ao chegar ao destino, mas Paulo o tranquilizou com um “lá a gente se preocupa com isso”. Depois de atravessar os estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, com paradas em quinze cidades, na manhã de 9 de julho de 1967, dois dias depois, os dois chegaram à capital sergipana. Só em Aracaju Luís Carlos ficou sabendo que Paulo não tinha endereço, telefone ou qualquer outra forma de localizar a amada Genivalda em uma cidade de 170 mil habitantes. Sua única referência local era o nome de Mário Jorge Vieira, um jovem poeta e militante do clandestino Partido Comunista Brasileiro (PCB), cujo contato era a estudante de medicina e agitadora cultural Ilma Fontes.

Graças às mentiras que inventou, um dia depois Paulo estava instalado no conforto da casa do jornalista Marcos Mutti com o amigo — que apresentava a todos como “meu secretário mudo” — e aparecendo nas colunas sociais da imprensa local, ora como “universitário e ator”, ora como “jovem dramaturgo carioca”, mas sempre acompanhado de histórias fantasiosas:

Circulando nos meios artísticos sergipanos o ator de teatro Paulo Coelho, que fez recentemente no Rio a peça Édipo Rei junto com Paulo Autran. Parece que Coelho veio ver o nosso verde e plantar novas sementes na ínfima história da arte cênica por estas plagas.

Ao cabo de uma semana de buscas, ele perdeu a esperança de reencontrar Geni — de quem só voltaria a ouvir falar muitos e muitos anos depois, quando soube que ela de fato se submetera ao aborto e que tempos mais tarde, ainda jovem, morrera atropelada. Frustrado no único objetivo que o levava a Aracaju, planejava retornar em seguida ao Rio de Janeiro, mas a hospitalidade era tamanha que foi ficando. Tratado com honras de estrela, deu longa entrevista à *Gazeta de Sergipe*, ocasião em que foi apresentado aos leitores:

No dia 9 chegou em nossa terra uma figura estranha. Cabelos longos, barba por fazer, corpo fino, um semblante esquisito, mas na cabeça muitas ideias, muita esperança e uma vontade imensa de difundir a arte pelo Brasil de brasileiros. Um artista. Um rapaz de vinte anos que abandona o lar (filho de uma das mais notáveis famílias do Rio de Janeiro) pelo amor à arte. Uma mente voltada para a Humanidade.

Protegido pela distância (ou, quem sabe, pela inimizabilidade assegurada a loucos, crianças e índios), Paulo foi tomado de súbita coragem e aproveitou o espaço no jornal para, pela primeira vez, desancar a ditadura militar — ou, mais grave ainda, o então presidente da República, marechal Artur da Costa e Silva. “Não vou calar minha boca só porque um marechal de pijama pegou um fuzil e diz que está defendendo a moral e a liberdade de um povo que nem sabe o que é liberdade”, declarou, subitamente abusado. Não parecia uma entrevista, mas um manifesto, uma conclamação. “Não viajei milhares de quilômetros até Aracaju para ficar quieto. Não mentirei a mim e aos que me cercam.” A repercussão de tal veemência não podia ter sido melhor, a ponto de lhe oferecerem espaço na *Gazeta de Sergipe* para publicar um artigo político assinado na edição do sábado seguinte.

Na sexta-feira, porém, soube que havia dois sujeitos na cidade procurando “o cara que veio do Rio” para matá-lo. Certo de que eram parentes de Geni dispostos a lavar com sangue a honra da moça, viu a coragem desaparecer num passe de mágica. Tratou de juntar sua tralha e estava pronto para fugir quando o gago o lembrou do artigo prometido ao jornal. Paulo abriu a bolsa de couro que carregava a tiracolo e retirou dela o recorte de um jornal carioca que apanhara num banco da rodoviária de Vitória da Conquista, na Bahia, uma das quinze paradas do ônibus até Aracaju. Pediu aos donos da casa para usar a máquina de escrever e copiou, sílaba por sílaba, um artigo que vergastava a ditadura militar por acabar com as liberdades no Brasil. Manteve o mesmo título e só trocou o nome do autor. Onde estava escrito “Carlos Heitor Cony”, o escritor e jornalista tornado célebre pela coragem com que atacava o golpe militar desde os primeiros dias nas páginas do *Correio da Manhã*, ele escreveu “Paulo Coelho de Souza”. Sempre arrastando Luís Carlos, gastou o dinheiro que restava em duas passagens de ônibus para Salvador — o máximo que seus trocados permitiam. Décadas depois, indignados ao saberem que tinham sido enganados o tempo todo, inclusive no artigo inteiramente plagiado de Cony, os sergipanos que conviveram com o escritor na época contam outra versão para sua saída repentina de Aracaju. “Ele e o tal secretário mudo passaram duas semanas sem tomar banho e fumando maconha o dia inteiro”, relembra Ilma Fontes. “Por isso Paulo Coelho foi expulso da casa do Marcos Mutti: por passar o dia fumando maconha numa rua estritamente residencial.” Duas semanas sem banho talvez nem fosse novidade em sua vida, mas o consumo de maconha seguramente não fazia parte dos hábitos de Paulo em julho de 1967.

Ao desembarcarem na capital baiana sem um tostão no bolso, os dois caminharam dez quilômetros para chegar às Obras Sociais Irmã Dulce, instituição de caridade conhecida em todo o Brasil. Depois de enfrentar uma longa fila de mendigos portando cuias de alumínio para receber a porção diária de sopa, aproximaram-se de uma mesinha na qual os miseráveis eram recebidos em pessoa pela religiosa — a quem Paulo se referia, no diário, como “Irma la Douce”, herética brincadeira com o nome da prostituta vivida pela atriz Shirley MacLaine no filme de Billy Wilder. Ele explicou à pequenina freira de olhar triste que precisava de dinheiro para comprar duas passagens de ônibus para o Rio. Como não havia melhor demonstração de pobreza que a aparência andrajosa dos dois pedintes, ela nem fez perguntas e escreveu em letra miúda, num pedaço de papel com o nome da instituição impresso:

*Estes 2 rapazes pedem um transporte grátis até o Rio.
Irmã Dulce — 21/7/67*

Agora era só trocar o bilhete no guichê da rodoviária pelas duas passagens. Na Bahia qualquer pedaço de papel assinado pela freira valia como um *voucher* para se obter um prato de comida, a internação de um parente ou, como no caso deles, passagens de ônibus. As quarenta horas de viagem de Salvador ao Rio foram consumidas por Paulo na elaboração do anteprojeto de um livro sobre a fuga e a viagem ao Nordeste. Um livro, não. Com o tempero megalomaniaco de sempre, previa escrever nada menos que nove livros, cada um com doze capítulos. Embora no final da viagem tivesse todos os tomos ordenados e os capítulos titulados (*Preparando a Fuga; Meus Companheiros de Viagem; O Filho do General; Meus Cabelos Longos e as Ideias Curtas dos Outros; A Pistola de Pedro ou Quando os Baianos se Cagam; Dormindo em Latas de Querosene a 7º Centígrados...*), trabalho que ocupou quinze páginas de diário, o projeto nunca passou disso: um projeto. Na estação rodoviária do Rio, ele e Luís Carlos se despediram, emocionados. Mais uma vez Paulo tomaria o rumo de casa e o falso mudo voltaria ao manicômio, onde cumpriria o que restava de seus dias como falso louco para obter a sonhada aposentadoria. E, como faltavam poucos meses para isso, ambos sabiam que as chances de voltarem a se encontrar eram pequenas.

Se dependesse da vontade de Paulo eles teriam se reencontrado poucos meses depois da despedida. Ainda não tinha se passado um ano daquela internação quando, outra vez mergulhado

em surtos de melancolia e depressão, o futuro best-seller quebrou todo o quarto de novo. A ruidosa rotina se repetiu, salvo pelo final. Agora, ao abrir a porta, não encontrou enfermeiros com seringas ou camisas de força nas mãos, mas um jovem e simpático médico, que lhe perguntou delicadamente:

— Posso entrar?

Era o psiquiatra Antônio Ovídio Clement Fajardo, cujo consultório costumava enviar pacientes para tratamento na Casa de Saúde Dr. Eiras. Quando Lygia e Pedro ouviram os primeiros estrondos da quebradeira no quarto do filho, ligaram para o dr. Benjamim, mas, como ninguém conseguisse localizá-lo e se tratava de um caso de urgência, entraram em contato com o dr. Fajardo. Falando ao telefone com Pedro Coelho, o médico pediu informações básicas sobre o doente:

- Está armado?
- Não.
- É alcoólatra?
- Não.





A imprensa de Aracaju recebe Paulo como um grande dramaturgo carioca. Antes de sumir da cidade, ele copia um artigo de Carlos Heitor Cony contra a ditadura e assina embaixo: "Paulo Coelho de Souza".

- É viciado em drogas?
- Não.

Então era mais simples. Fajardo insistiu:

- Posso entrar?

A repetição da insólita pergunta deixou Paulo sem ação.

- Entrar aqui? Mas o senhor não veio para me internar?

O médico respondeu com um sorriso:

- Só se você quiser. Mas você não respondeu: posso entrar?

Sentado na cama, o médico olhou por todo o quarto, como se avaliasse o tamanho dos estragos, e prosseguiu com absoluta naturalidade:

- Quebrou tudo, hein? Muito bom. Ótimo.

Paulo não entendia o que se passava. O médico continuava explicando, em tom professoral:

— O que você destruiu foi o seu passado. Está ótimo. Agora que ele não existe mais, vamos começar a pensar no futuro, está bem? Minha sugestão é que você comece a passar duas vezes por semana no meu consultório para podermos conversar sobre o seu futuro.

Ele continuava atônito:

- Mas, doutor, eu tive um surto de loucura e o senhor não vai me internar?

O médico continuava impassível:

— Todo mundo tem um lado meio doido. Eu também devo ter o meu, e isso não é motivo para internar as pessoas a torto e a direito. Você não é um doente mental.

Só a partir desse episódio é que a paz voltou a reinar na casa dos Coelho. "Acho que meus pais estavam convencidos de que eu era um caso perdido e preferiam me manter ao alcance dos olhos e me sustentar pelo resto da vida", se lembraria Paulo, muito tempo depois. "Sabiam que eu ia voltar a andar com 'más companhias', mas não passava pela cabeça deles me internar novamente." O problema é que o filho não estava disposto a continuar vivendo sob o controle paterno. Seria capaz de aceitar qualquer alternativa que não fosse voltar para a depressiva quitinete do avô no centro da cidade. A solução intermediária, que duraria alguns meses, porém, veio de novo dos avós. Fazia alguns anos que o Mestre Tuca e a avó Lilisa tinham se mudado para uma casa ali perto, na Gávea, sobre cuja garagem fora construída uma edícula de um só quarto, mas com banheiro e entrada independente. O neto, se quisesse — e se o dr. Pedro concordasse, claro —, poderia mudar-se para lá.

O neto queria tanto que, antes mesmo de o pai ter tempo de dizer "não", havia transferido para o novo endereço tudo o que restara do quebra-quebra no quarto: a cama, a mesinha de trabalho, as poucas roupas e a máquina de escrever, prudentemente poupada da fúria do fim de junho. Em

pouco tempo percebeu que morar ali era estar na antessala do paraíso: diante da extrema liberalidade dos avós, entrava e saía quando bem entendesse e, dentro dos generosos limites da decência, podia receber quem quisesse, de dia ou de noite. A tolerância era tal que Paulo se lembraria muitos anos depois, muito vagamente, que a edícula pode ter sido o lugar onde experimentou maconha pela primeira vez.

Sem nenhum controle sobre o filho e sem nenhuma queixa dos avós acerca de seu comportamento, meses depois o pai sugeriu que Paulo se mudasse para um lugar mais confortável. Se lhe interessasse, poderia voltar a morar sozinho, não mais na quitinete do Mestre Tuca, mas em um belo apartamento que o dr. Pedro recebera como remuneração por ter construído um edifício na rua Raimundo Correa, em Copacabana. Desconfiado de tanta generosidade, Paulo descobriu que a oferta escondia interesses materiais do pai: seu verdadeiro objetivo era tirar de lá o inquilino que atrasava com frequência o pagamento do aluguel. E, como a lei dizia que o contrato só poderia ser rompido pelo locador se o imóvel viesse a ser utilizado por um parente em primeiro grau do proprietário, a mudança solucionava dois problemas, o dele e o do pai. Como quase tudo o que vinha do dr. Pedro, o agrado tinha também suas esquisitices: Paulo só poderia utilizar um dos três dormitórios, porque os outros dois permaneceriam o tempo todo fechados e vazios. E o acesso teria que se dar sempre pela porta dos fundos, porque a social seria trancada e a chave ficaria em poder do velho. Como herança do antigo inquilino ficou uma velha geladeira que costumava assustar os incautos com choques inesperados, mas fora isso funcionava direitinho. Paulo só teve de comprar num brechó das vizinhanças algumas lâmpadas, uma cama Patente, uma estante e pronto, a casa podia ser ocupada.

Se a temporada passada no apartamento do avô tinha sido tenebrosa, Paulo guardaria da rua Raimundo Correa as mais agradáveis lembranças. Namoros começaram e acabaram, mas Fabíola permanecia fiel a ele. Engolia o ciúme e aguentava as “Renatas, Genis e Márcias que iam e vinham”, como ela se lembraria, “mas na hora do aperto era eu quem estava ao lado dele, por puro amor — por puro amor”. Muitos anos depois, convertido em celebridade internacional, Paulo se recordaria com saudade dessa época:



Depois de fugir do hospício, Paulo chega à Bahia sem dinheiro e consegue da irmã Dulce um passe para voltar ao Rio.

Experimentei um período de grande alegria tentando exercer minha liberdade, a fim, finalmente, de poder viver a “vida de artista”. Deixei de estudar e me dediquei exclusivamente ao teatro e a frequentar os bares preferidos dos intelectuais. Durante um ano eu fiz exatamente o que quis. Foi aí que a Fabíola entrou de vez na minha vida.

Dramaturgo em tempo integral, transformou a sala de jantar do novo apartamento em oficina de cenários, figurino, composições e ensaios. Deixou os vizinhos com a pulga atrás da orelha ao pintar em italiano, sobre a porta de entrada — que jamais usaria —, a frase que aparece no pórtico do Inferno, na obra de Dante Alighieri: “*Lasciate ogni speranza, voi che entrate*” (“Perdei toda a esperança, vós que entraís”). Paulo traduzia peças, dirigia e trabalhava como ator. As montagens de mais sucesso cobriam os prejuízos das outras, e assim ele ia sobrevivendo sem depender exclusivamente dos pais.

Quando começava a raspar o fundo do cofre, tentava garantir o básico em mesas de pôquer e sinuca ou apostando em cavalos no Jockey Club. Aprovado no Guanabara, conseguira terminar o curso científico, mas não tinha planos de prestar qualquer vestibular tão cedo. No final do ano de

1968, Paulo resolveu se aventurar na única seara do teatro que ainda não havia frequentado: a produção. Fez ele mesmo a adaptação do clássico *Peter Pan*, que pretendia dirigir e no qual pensava igualmente em contracenar, mas levou uma ducha de água fria ao descobrir, desolado, que suas economias eram uma ninharia perto do necessário para a montagem. Ainda ruminava a frustração quando Fabíola apareceu uma noite em seu apartamento, abriu a bolsa e tirou pacotes de cédulas presas por elásticos — eram mais de 5 mil cruzeiros novos, algo como 20 mil reais de 2008 — que espalhou sobre a cama, explicando o significado daquilo:

— Este é o meu presente para você fazer a montagem de *Peter Pan*.

Fabíola contou que estava para fazer dezoito anos e decidira dizer à mãe, à avó e a todos os amigos e parentes que, em vez de vestidos e presentes, preferia ganhar dinheiro. Recolhe aqui e ali, descobre clientes ricas da mãe e padrinhos que não via há muitos anos e no final lá estava o resultado: os pacotinhos jogados sobre a cama não chegavam a ser uma fortuna, mas era dinheiro que dava e sobrava para tornar viável o projeto de produzir uma peça. Declamatório, como sempre, Paulo se emocionou com a oferta:

— Uma namorada me trocou por dois vestidos e agora você troca todos os vestidos e presentes por mim. Seu gesto reabilita as mulheres no meu conceito.

Fabíola não apenas conseguiu os recursos para a montagem, como ainda vendeu anúncios no programa da peça e conseguiu permutas com os restaurantes das imediações do Teatro Santa Terezinha, no Jardim Botânico — em troca de seus nomes impressos no material de propaganda, permitiam que atores e técnicos jantassem de graça. Paulo retribuiu à altura tanto empenho e convidou-a para encenar o papel-título. A ele caberia fazer o Capitão Gancho. Com trilha sonora composta por Kakiko, *Peter Pan* encheu a casa durante todo o tempo em que esteve em cartaz, permitindo que cada centavo investido fosse recuperado. E, contrariando a lenda que diz que sucesso de público é fracasso de crítica, a peça teve a carreira coroada com a premiação no primeiro Festival de Teatro Infantil do Estado da Guanabara. O sonho de Paulo continuava o mesmo — ser um grande escritor —, mas, enquanto isso não acontecia, não lhe restava outra alternativa senão ir vivendo de teatro. Os bons resultados o animaram a se profissionalizar, e logo exibiu, orgulhoso, a carteira da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), assinada por seu presidente, Raimundo Magalhães Júnior, o tradutor da *Ópera dos Três Vinténs* que ele encenara.

Em 1969 veio o convite para trabalhar como ator na peça *Viúva, Porém Honesta*, de Nelson Rodrigues. No intervalo de um ensaio, bebericava uma cerveja no bar ao lado do Teatro Sérgio Porto quando notou que estava sendo observado por uma mulher loura e bonita, sentada ao balcão. Fingia desviar a atenção e quando se voltava lá estava ela, de olhar fixo nele e com um discreto sorriso nos lábios. O flerte não deve ter durado mais que dez minutos, mas Paulo ficou impressionado. À noite escreveu no diário:

Não posso precisar como tudo começou. Ela apareceu de repente. Eu entrei e pressenti logo seu olhar. Entre dezenas de pessoas eu sabia que ela estava me olhando e não tive coragem de encará-la. Nunca a tinha visto antes. Mas ao pressentir seu olhar alguma coisa se revelava. Era uma história de amor que começava a ser contada.





Acima, Fabíola vive a Sininho e Paulo o Capitão Gancho, na peça “Peter Pan”.



Ao lado, toda a trupe reunida (ao centro, de bigode, Kakiko, o autor da trilha musical da peça).

A bela e misteriosa loura era Vera Prnjatovic Richter, onze anos mais velha que ele e que naqueles dias tentava colocar um ponto final em seu casamento de quinze anos com um rico industrial. Sempre muito bem-vestida, tinha carro, coisa ainda pouco comum entre as mulheres da época, e morava em um apartamento de andar inteiro em um dos endereços mais caros do Brasil, a avenida Delfim Moreira, no Leblon. Do ponto de vista de Paulo ela só tinha um defeito visível: estava namorando o ator Paulo Elísio, um apolo barbudo conhecido pelo mau humor e por ser faixa preta de caratê. Mas os pressentimentos registrados no diário seriam mais fortes que as artes marciais. Duas semanas depois Vera Richter viria a ser a primeira mulher de Paulo Coelho.

O major ameaça: se você estiver mentindo, vou arrancar seu olho para fora da órbita e mastigá-lo

O ano de 1969 começou com o Brasil mergulhado na mais brutal ditadura de toda a sua história. No dia 13 de dezembro de 1968, o presidente da República, marechal Artur da Costa e Silva — o “marechal de pijama” a quem Paulo se referira na fanfarronice sergipana —, baixara o Ato Institucional nº 5, instrumento de força que fechava as últimas frestas de liberdade que ainda restavam após o golpe militar de 1964. Assinado pelo presidente e subscrito por todos os seus ministros — inclusive o da Saúde, o dr. Leonel Miranda, proprietário da Casa de Saúde Dr. Eiras —, o AI-5, entre muitas outras violências contra as liberdades públicas e os direitos dos cidadãos, suspendia o direito ao *habeas corpus* e dava ao governo poderes para censurar a imprensa, o teatro, os livros e colocar o Congresso Nacional em recesso. Mas não era só o Brasil que estava à beira de um incêndio ao longo de 1968.

No sexto ano de uma guerra de agressão contra o Vietnã, para a qual tinham enviado mais de meio milhão de soldados, os Estados Unidos haviam escolhido para presidente o falcão belicista Richard Nixon. Em maio fora assassinado o líder pacifista negro Martin Luther King Jr. E menos de sessenta dias depois seria a vez de o senador Robert Kennedy, expoente das correntes mais liberais, morrer crivado de balas. Um dos símbolos da contracultura era a peça *Hair*, exibida em Nova York, em que atores e atrizes a certa altura apareciam nus no palco. Em maio, os estudantes franceses haviam ocupado a Sorbonne e transformado Paris em um campo de batalha, obrigando o general Charles de Gaulle a conferenciar com chefes militares franceses em Baden-Baden, na Alemanha. A febre mundial atravessara a chamada Cortina de Ferro e chegara à Tchecoslováquia sob a forma da Primavera de Praga, projeto liberalizante encampado pelo secretário-geral do Partido Comunista tcheco, Alexander Dubcek, que seria esmagado em agosto pelos tanques do Pacto de Varsóvia, a aliança militar da União Soviética e seus satélites.

No Brasil engatinhava a oposição à ditadura. Primeiro sob a forma de pacíficas passeatas estudantis — das quais Paulo raramente participava, e quando o fazia era mais por farra e pela aventura de “enfrentar a polícia” do que propriamente por convicção. A temperatura política subiu ainda mais com a eclosão de greves operárias em São Paulo e Minas Gerais, atingindo níveis alarmantes quando os serviços de inteligência militar detectaram o surgimento de grupos guerrilheiros, que o regime indistintamente denominava “terroristas”. No final do ano, na verdade, havia pelo menos quatro organizações armadas praticando atos de guerrilha urbana — Vanguarda Armada Revolucionária (VAR-Palmares), Ação Libertadora Nacional (ALN), Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e Comando de Libertação Nacional (Colina). O Partido Comunista do Brasil — PC do B, de inspiração chinesa —, por sua vez, despachara para Xambioá, no norte de Goiás (hoje nos limites do estado de Tocantins), os primeiros militantes que montariam um foco de guerrilha rural na região do rio Araguaia, na orla da selva Amazônica. A extrema esquerda assaltava bancos e explodia bombas em quartéis, e a extrema direita organizava atentados contra um dos focos mais visíveis da oposição ao regime, o teatro.

Em São Paulo, durante a encenação da peça *Roda Viva*, de Chico Buarque, um grupo do Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadiu e depredou o Teatro Ruth Escobar, despindo e espancando atores e técnicos, entre os quais a atriz Marília Pêra, colega de Paulo Coelho na *Ópera dos Três Vinténs*. O mesmo aconteceria meses depois no Teatro Opinião, no Rio (onde Paulo vira Vladimir Palmeira fazer um “comício-relâmpago”), posto abaixo por um atentado a bomba, realizado também pelo CCC. Em outubro, a polícia política prendeu quase mil estudantes que participavam em Ibiúna, na Região Sul de São Paulo, de um congresso clandestino da UNE, proscria pelo regime. Segundo estatísticas levantadas pelo jornalista Elio Gaspari, o ano de 1968 terminou com números assustadores: dezoito mortos (doze em manifestações de rua e seis vitimados por atentados guerrilheiros, sendo dois oficiais estrangeiros — um capitão norte-americano e um major alemão), 21 assaltos a bancos e 85 denúncias de tortura a presos políticos em quartéis e distritos policiais. Imediatamente após a edição do AI-5, centenas de pessoas foram presas em todo o país, entre elas o ex-governador da Guanabara e líder civil do golpe de 1964, Carlos Lacerda, os compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil e o jornalista Carlos Heitor Cony, o mesmo que Paulo plagiara em Aracaju.

Embora se gabasse de ser “o comunista da turma”, e mesmo sendo testemunha da violência que atingia sua categoria profissional — afinal, agora era um autor teatral, com carteira assinada e

tudo o mais —, Paulo manifestava solene indiferença diante do furacão político que devastava o Brasil. Assim como acontecera durante o golpe militar, para ele o AI-5 passou em brancas nuvens, não merecendo uma vírgula, um hífen em seus caudalosos diários. As primeiras palavras escritas em 1969 são reveladoras do destino de sua energia:

Hoje é Ano-Novo. Passei minha noite com adúlteras, homossexuais, lésbicas e cornos.

Em 1964 podia-se atribuir seu desinteresse pela política à pouca idade, mas agora era um adulto a caminho dos 22 anos, faixa etária da maioria dos nomes que despontavam como lideranças dos movimentos políticos e culturais que agitavam o país. E se alguma mudança importante estava se processando em sua vida, ela não se devia ao caldeirão político em que o Brasil se debatia, mas à sua nova paixão, Vera Richter.

Miúda, loura e bem-vestida a qualquer hora do dia ou da noite, ela nascera em 1936 em Belgrado, capital do então Reino da Iugoslávia (e hoje capital da Sérvia), filha de uma família de abastados proprietários rurais. Até os vinte anos levava uma vida típica de jovem de classe alta, e quando fazia o primeiro ano da faculdade de teatro, onde frequentava o curso de direção, começou a sentir na pele as mudanças políticas em curso na Europa Central. A morte de Stálin re aproximou Moscou do grande líder iugoslavo, o marechal Josip Broz Tito. Após impor com mão de ferro a unificação do país, Tito coletizou a agricultura, transformando as propriedades privadas em bens sociais não estatais, administrados pelos trabalhadores. Era chegada a hora de os ricos saírem de cena. Como tinham amigos estabelecidos no Rio de Janeiro, as Prnjatovic — a mãe viúva, a irmã mais velha e Vera — decidiram que esse seria também o seu destino. No auge da Guerra Fria as fronteiras estavam fechadas, o que significava que as saídas teriam de ocorrer com toda a discrição possível. A mãe e a irmã mais velha viajaram na frente e só meses depois, já instaladas em Copacabana, mandaram a passagem para Vera. Falando apenas inglês e o dialeto italianado de sua terra, sentindo-se desenraizada no Brasil, ela acabou aceitando um casamento, arranjado pela família, com um conterrâneo milionário e doze anos mais velho. A própria Vera se lembraria, anos depois, que até os estranhos notavam quão incompatíveis eram os cônjuges. Como a maioria das garotas de vinte anos, ela era ruidosa, gostava de dançar, de praticar esportes e de cantar; tímido e silencioso, o marido dedicava à leitura e à música clássica todas as horas em que não estava cuidando de sua empresa de comércio exterior.

Quando os olhares deles se cruzaram aquela noite, no bar do teatro, o casamento de Vera era apenas uma formalidade. Ela e o marido viviam sob o mesmo teto mas não mais formavam um casal. Ela fora atraída ao Teatro Carioca por uma notícia de jornal segundo a qual o jovem diretor baiano Álvaro Guimarães — tido como o homem que “descobriu” Caetano Veloso — estava selecionando alunos para um curso de teatro. Passadas quase quatro décadas, ela se lembra que não foi muito lisonjeira a primeira impressão que Paulo lhe causou:

— Parecia o professor Abronsius, o cientista cabeçudo do filme *A Dança dos Vampiros*, do Roman Polanski. Era aquilo: uma cabeça enorme num corpinho franzino. Feio, cheio de espinhas, aqueles lábios grossos e caídos, os olhos esbugalhados, Paulo não era nenhuma beleza...

Mas ele tinha encantos facilmente identificáveis aos olhos de uma mulher apaixonada:

— O Paulo era um Dom Quixote! Era um cara alucinado... Tudo para ele parecia fácil, tudo era simples. Vivia nas nuvens, não tocava o chão. Mas estava permanentemente angustiado por uma ideia fixa: ser alguém. Faria tudo para conseguir ser alguém. Esse era o Paulo.

Com a chegada de Vera, o relacionamento com Fabíola estava condenado de qualquer maneira, mas acabou quando esta o surpreendeu com a outra. Fabíola desconfiava que Paulo vinha se encontrando clandestinamente com uma jovem atriz holandesa que aparecera nos ensaios e decidiu tirar a suspeita a limpo: uma noite sentou-se na soleira da porta do apartamento da rua Raimundo Correa e só arredou pé de lá no fim da manhã, quando ele afinal teve de sair com a estrangeira. Desapontada com alguém que recebera as mais inequívocas declarações do seu amor, pôs fim ao namoro. Meses depois Fabíola, que adquirira certa intimidade com os Coelho, escandalizaria Lygia e Pedro ao aparecer nua em pelo na capa do semanário satírico *Pasquim*.

Como o próprio Paulo lembraria anos depois, foi a experiente Vera quem o ensinou a verdadeiramente fazer sexo, a falar inglês e a se vestir um pouquinho melhor. Mas não conseguiu ajudá-lo a superar o trauma de Araruama: continuava a tremer só de pensar em pegar na direção de um automóvel. A convergência de gostos e interesses se estenderia também à vida profissional dos dois: o dinheiro de Vera era o combustível que faltava para que ele pudesse enfim mergulhar de cabeça no teatro. Dividido entre o antigo endereço de Copacabana e o luxuoso apartamento de Vera no Leblon, onde passou a dormir quase todas as noites, matracou semanas seguidas a máquina de escrever até poder anunciar, orgulhoso, à namorada sua primeira peça para adultos,

intitulada *O Apocalipse*. O casal parecia mesmo ter sido feito um para o outro: Vera não só entendeu toda a peça (prodígio conseguido por pouquíssimas pessoas), mas gostou tanto que se dispôs a montá-la profissionalmente, atuando como produtora — ou seja, a pessoa que põe o dinheiro —, desde que Paulo se encarregasse da direção. Tudo correu tão bem que, no final de abril de 1969, os críticos e editores de cultura dos jornais recebiam o convite para a pré-estreia e o programa anunciando o elenco, no qual Vera brilhava como atriz principal. Em segundo plano no coração do autor e diretor, Fabíola Fracarolli fazia um papel secundário; para compor a trilha sonora, Paulo convidara o amigo Kakiko, recém-formado em odontologia, e que agora dividia seu tempo entre o consultório e a música. E foi tendo Kakiko como parceiro que ele escreveu sua primeira letra, um frevo chamado “Tragiblefe”, que, embora não tenha sido aproveitado na peça, anos depois seria gravado pela cantora Nara Leão:

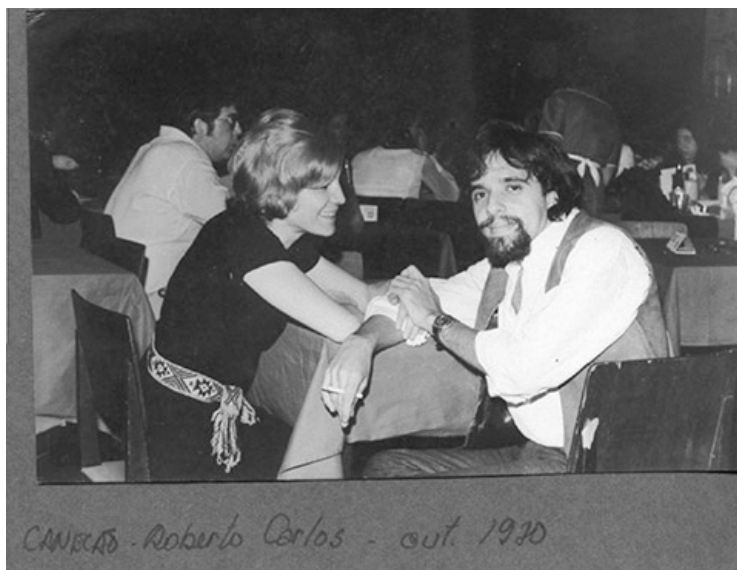
Vai acabar o nosso mundo / Só nos resta este segundo / Vamos beber o sangue imundo / Que vai jorrar até fartar / E as mulheres saem nuas / Descabeladas pelas ruas / Enquanto o sexo se espraia ao luar / Automóveis singulares, bomba atômica em todos os lugares / Do amor virá a radiação que destrói o nosso coração.

êê... Poesia, morte lenta, agonia / Sorriso aberto vem contente nos buscar e nos deixar / Vamos deixar a saudade dessa civilização / Onde o homem amou demais o seu irmão... O sorriso puro da criança / Perdeu a esperança e em cores vai mudar / O dinheiro ordenou um ritmo quente, a bomba cantou...

êê... radiação, êêê... radiação / Eu vou matar o meu irmão, não resta outra solução êê... / Olha o perigo, corre depressa pro abrigo / É seu irmão, mas é também seu inimigo.

Junto com o convite e o programa, jornalistas e críticos receberam um *press release* escrito em linguagem pretensiosa e hermética, mas que dava uma ideia do que seria a encenação de *O Apocalipse*. “A peça é um retrato do momento atual, da crise da existência humana, que perde todas as suas características individuais em favor de uma massificação mais cômoda, por ser dogmatizadora do pensamento”, dizia o texto de divulgação, que prosseguia sempre no mesmo tom incompreensível: “*O Apocalipse* é uma transcendência do presente tentando uma revalorização total dos arcaicos conceitos atuais. Segue uma linha evolutiva, partindo do clássico e chegando até uma forma de linguagem que atinge mais o sentimento que a razão”. E prometia, por fim, a grande revolução da dramaturgia moderna: a abolição total dos personagens, “permitindo que o trabalho do ator se circunscreva à pessoa que interpreta”. Eliminar os personagens de uma peça de teatro, de fato, parecia uma ousadia que nem o revolucionário diretor polonês Jerzy Grotowski chegara a tentar. O espetáculo começava com a projeção de cenas de um documentário sobre a missão da nave Apolo 8 à Lua, depois da qual o elenco faria uma coreografia “tribal com influências orientais”, segundo o programa. Atores e atrizes se sucediam no palco, declamando recriações de trechos de *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, *Júlio César*, de Shakespeare, e dos Evangelhos. No encerramento, antes de dirigir provocações ao público, cada ator fazia o papel de si mesmo, revelando situações traumáticas vividas na infância.

O Apocalipse permitiu que Paulo sentisse pela primeira vez na pele um flagelo que o perseguiria pela vida afora: a crítica. Nos dias seguintes à pré-estreia a peça foi massacrada em todos os jornais do Rio. A montagem, os cenários e os figurinos, o texto e a interpretação, tudo, sem exceção, foi pulverizado pelos críticos. Clóvis Levi, do jornal *O Dia*, acusava o autor e diretor de ter misturado num liquidificador as peças *Roda Viva*, *Os Fuzis*, *Galileu Galilei* e *Cemitério de Automóveis* para tentar tirar desse sumo a tal “plasticidade de uma nova estética” anunciada no programa. E terminava a coluna com um anátema: “É preciso impedir que um ato de irresponsabilidade artística, como *O Apocalipse*, venha destruir um trabalho sério que está custando horas de estudo a grandes artistas do teatro brasileiro”. Eram de calibre igual os disparos vindos de Jaime Rodrigues, no *Diário de Notícias*: “Nem cabe falar de desempenho ou interpretação nesse equívoco total, nessa lamentável perda de tempo que está em cartaz no Teatro Nacional de Comédia”. Mas veio das mãos de Sua Santidade, Yan Michalski, um dos mais temidos e respeitados críticos de teatro do país, a pá de cal sobre o que restava de *O Apocalipse*. Em uma coluna inteira do *Jornal do Brasil*, intitulada “Extravagância Apocalíptica”, Michalski dissecava as razões do fracasso da peça:



Em um show do Canecão, no Rio, Paulo e sua nova paixão, Vera Richter.



A ex-namorada Fabíola escandaliza a família Coelho ao aparecer nua nas páginas do semanário *O Pasquim*.

Pobre teatro de vanguarda, quantos crimes são cometidos em teu nome!

[...] O Apocalipse é de uma profunda imaturidade intelectual e cultural, e de uma chatura insuportável. Paulo Coelho parece ter ouvido o galo cantar, mas tão de longe que lhe foi impossível distinguir a direção de onde o canto do galo vinha.

[...] O lema do dia é protestar contra as injustiças da História — então tome protesto contra o acorrentamento de Prometeu, contra o assassinato de César, contra a crucificação de Cristo, contra os crimes nazistas, contra a invasão da Tchecoslováquia, contra o projeto Apolo, contra o tabu da virgindade, etc., etc., tudo posto num só saco e bem misturado antes de servido ao incauto freguês.

Depois de uma hora de brincadeiras desse tipo — durante as quais os intérpretes são vítimas de horríveis contorções, como se o verdadeiro apocalipse tivesse chegado sob a forma de uma forte dor de barriga — cada um dos atores chega à boca de cena, diz o seu nome, conta um triste caso que lhe aconteceu na infância e o deixou traumatizado e lança ao público a ameaça: “Espero vocês lá fora”, após o que se retira pela plateia. Mas não espera lá fora coisa nenhuma: daqui a pouquinho estão todos de novo no palco, agradecendo, risonhos, os aplausos que uma parte do público — que pensa que um tal espetáculo, só por ser diferente, é teatro de vanguarda — insiste em lhes tributar.

Paulo Coelho, enfim, sequer pôde confirmar a máxima de Nelson Rodrigues, segundo a qual “a sorte dos dramaturgos é que a crítica não consegue levar nem uma bactéria aos teatros”. O *Apocalipse* foi um fracasso de crítica e um desastre de público. Ficou apenas algumas semanas em cartaz e deixou um buraco de bom tamanho no caixa da primeira iniciativa conjunta dele e de Vera — rombo que ela prontamente se encarregou de cobrir.

A montagem coincidiu com uma mudança importante na vida dos dois. O casamento de Vera tinha degringolado, mas, como o marido continuava a viver no apartamento do casal, ela decidiu acabar com o constrangimento mudando-se com o namorado para um lugar que se convertera em endereço-símbolo da contracultura — ou, como se dizia na época, do desbunde — carioca daquele final dos anos 60: o Solar Santa Terezinha, mantido pela igreja do mesmo nome e que seria imortalizado com o nome de Solar da Fossa. Criado originalmente como abrigo noturno para mendigos, o Solar era um imenso casarão retangular com um pátio central em torno do qual ficavam os quartos. Como se tratava de um ponto privilegiado — ficava na rua Lauro Muller, a meio caminho de Copacabana e de Botafogo, ao lado da recém-inaugurada casa de shows Canecão —, o lugar foi ocupado pela jovem *intelligentsia* sem dinheiro do Rio de Janeiro. Tinha ares de grande cortiço decadente, embora fosse considerado *cult* morar lá.

O aluguel mensal de uma suíte — quarto com banheiro —, como a ocupada pelo escritor mineiro Ruy Castro, saía por algo em torno de duzentos cruzeiros (360 reais de 2008), mas na maioria dos casos cada morador tinha de dividir um banheiro com mais meia dúzia de hóspedes. Entre as lendas que envolvem o Solar está a de que a canção “Panis et Circencis”, composta pelos moradores Gilberto Gil e Caetano Veloso, traz na letra uma espécie de homenagem ao lugar: o verso “Mandeí plantar folhas de sonho no jardim do solar” seria uma referência aos pés de maconha que vicejavam nos canteiros do pátio do casarão colonial. Um sem-número de futuros famosos ali morou, entre os quais os compositores Zé Kéti, Rogério Duarte, Torquato Neto e Capinam, e atores e atrizes como Betty Faria, Cláudio Marzo, Tânia Scher, Odete Lara, Ítala Nandi e Darlene Glória, que se consagraria em 1973 com o filme *Toda Nudez Será Castigada*. Uma presença provocava arrepios de medo nos esquerdistas e usuários de drogas do lugar: todas as noites aparecia por lá o policial Mariel Mariscotte, um dos integrantes do Esquadrão da Morte e namorado de Darlene.

Paulo e Vera ocupavam uma suíte no Solar, no final do mês de julho de 1969, quando resolveram fazer um programa diferente. Em meados de agosto a seleção brasileira de futebol iria disputar com o escrete paraguaio, em Assunção, uma partida pelas eliminatórias da Copa do Mundo que se realizaria em 1970 no México. Embora tivesse pouco interesse por futebol, num domingo Paulo emocionara a namorada estrangeira levando-a para assistir a um Fla-Flu com o Maracanã lotado. Hipnotizada pelo espetáculo, Vera passou a apreciar o esporte, e foi quem sugeriu que fossem de carro ao Paraguai a fim de assistir à partida. Ele nem sabia que o Brasil ia jogar, mas adorou a ideia e, como em tudo o que fazia, passou a dedicar-se ao planejamento da viagem. De cara descartou a possibilidade de se embrenharem sozinhos por quase 2 mil quilômetros de estrada — maratona que teria unicamente Vera como motorista, uma vez que o namorado ainda não adquirira coragem para aprender a dirigir automóveis. A solução foi chamar dois acompanhantes para a aventura: o músico-dentista Kakiko e Arnold Bruver Jr., um novo agregado que o teatro incorporara ao dia a dia de Paulo e Vera. Kakiko fora lembrado com segundas intenções: além de motorista habilitado, garantiria a hospedagem de todos em

Assunção, na casa de uma namorada paraguaia de seu pai. E Bruver, como quase toda a fauna em cuja órbita Paulo gravitava, era um tipo singular: filho de pai letão e mãe gaúcha, tinha 33 anos, era bailarino, músico, ator e cantor de ópera e fora expulso, por suposta subversão, da Marinha — arma em que atingira o posto de capitão de corveta — após um Inquérito Policial Militar instaurado pelo golpe de 1964. Só depois de aceitar o convite é que Arnold revelou também não saber dirigir. A providência seguinte foi pedir ao Mestre Tuca, que fizera com a avó Lilisa uma viagem de carro a Foz do Iguaçu, na fronteira do Brasil com o Paraguai, para organizar um roteiro com as indicações de locais para reabastecer o carro, fazer refeições e dormir.

Na ensolarada e fria manhã de 14 de agosto, uma quinta-feira, os quatro se encontraram na porta do Solar da Fossa e embarcaram no Volkswagen branco de Vera. Quando o carro passou pelo aterro do Flamengo, Paulo reviu a paisagem que chamara sua atenção um ano antes: enormes balões de nuvens brancas boiando sobre a superfície da baía de Guanabara. E respirou aliviado ao se dar conta de que agora estava a caminho da liberdade e não de um manicômio, como na vez anterior. Traçado em cima de um mapa rodoviário, o minucioso roteiro feito pelo avô Tuca previa que, no primeiro estirão, iriam até São Paulo e de lá tomariam o rumo do Vale do Ribeira, só parando para dormir na cidade paulista de Registro. A viagem transcorreu sem problemas, com Vera e Kakiko revezando-se na direção a cada 150 quilômetros. Era noite quando o carro parou na porta do pequeno hotel de Registro, aonde os quatro chegaram estropiados, mas felizes: em doze horas de estrada tinham vencido seiscentos quilômetros, cerca de um terço da distância total. A população local olhava com justificada desconfiança todo forasteiro que aparecia. Desde que o Departamento de Ordem Política e Social (Dops), a polícia política existente nos Estados na época, desbaratara o congresso da UNE meses antes em Ibiúna, a cem quilômetros dali, as cidadezinhas do Vale do Ribeira, a região mais pobre do estado de São Paulo, passaram a ser frequentadas por pessoas estranhas, que o povo não distinguia se eram da polícia ou sabe-se lá de onde. Mas os quatro estavam tão cansados que nem houve tempo para sua presença despertar a curiosidade de alguém. Chegaram e foram direto para a cama.

Na sexta-feira acordaram cedo, porque o trecho seguinte era o mais longo de toda a viagem a ser vencido em apenas um dia. Se tudo corresse bem, na hora do jantar estariam em Cascavel, na região oeste do Paraná, a 750 quilômetros dali, a última escala antes de chegarem a Assunção. Mas nem tudo correu bem. O pesado tráfego de caminhões os obrigava a ficar muito tempo esperando o momento de fazer ultrapassagens com segurança. O resultado é que às dez da noite estavam todos famintos e para chegar a Cascavel ainda restavam duzentos quilômetros. Foi a essa altura que Vera parou o carro no acostamento e pediu a Kakiko que descesse para verificar se havia algum problema com os pneus, porque estava sentindo o carro deslizar.

Como não havia nada de errado, concluíram que a neblina grossa que cobria tudo na região é que estava deixando a pista escorregadia. Kakiko sugeriu que Vera passasse para o banco de trás e descansasse, que ele dirigiria até Cascavel. Depois de rodar mais uma hora, parou em um posto para abastecer. Como todas as despesas comuns eram rateadas no ato entre os quatro, ao procurar a carteira Vera percebeu que tinha perdido a bolsa com dinheiro e todos os documentos, inclusive a carteira de motorista e o certificado de propriedade do carro. E concluiu que ela só poderia ter caído no momento em que passara a direção para Kakiko. Não havia outra saída senão voltar ao lugar em que haviam parado, cem quilômetros atrás, a fim de tentar localizar a bolsa. Consumiram três horas indo e voltando, mas sem sucesso. Por mais que procurassem por todos os lados, sob as luzes do carro, não havia nenhum sinal da bolsa, e nos bares e postos das imediações ninguém tinha informações a dar. Certo de que aquilo era um mau presságio, um sinal a ser interpretado, Paulo propôs que dessem meia-volta e retornassem ao Rio — afinal, ninguém ali tinha o menor interesse em futebol —, mas nenhum dos três companheiros concordou. Continuaram a viagem e só chegaram a Cascavel quando o sábado clareava, com o carro apresentando a primeira pane: a embreagem tinha parado de funcionar e daquele jeito não dava para prosseguir.



Sem saber que estavam na rota da guerrilha de Lamarca, Kakiko, Paulo, Vera e Arnold fazem a primeira escala da viagem na cidade de Registro.

Por causa do jogo do Brasil, no dia seguinte, quase tudo em Cascavel estava fechado, inclusive as oficinas mecânicas em que tentaram consertar o automóvel. A decisão de só terminar a viagem em Assunção era majoritária e resolveram continuar de ônibus até o fim. Compraram passagens até Foz do Iguaçu, e, como Vera não tinha documentos, misturaram-se às hordas de turistas e torcedores para cruzar a ponte que separa o Brasil do Paraguai. Em território paraguaio, tomaram outro ônibus com destino à capital. Logo depois de se instalarem na casa da namorada do pai de Kakiko, os quatro souberam que os ingressos para o futebol estavam esgotados fazia dias, mas não se importaram. O fim de semana foi dedicado a visitar tribos de índios guaranis nos arredores da cidade e a tediosos passeios de barco no rio Paraguai. Na segunda de manhã começaram a providenciar o reparo do carro em Cascavel. Com o sumiço da bolsa, a viagem de volta teria que ser revestida de cuidados adicionais: sem os documentos do Volks, não poderiam cometer nenhuma infração na estrada; e, sem o dinheiro de Vera, as despesas dos quatro teriam de ser divididas por apenas três — o que significava comer menos e pernoitar em lugares mais baratos. Refizeram o roteiro do avô e decidiram seguir para Curitiba, onde dormiriam e tentariam obter uma segunda via dos documentos do carro e da carteira de habilitação de Vera.

Por volta de umas dez da noite — nenhum dos viajantes se lembraria direito no futuro quando — a fome os obrigou a parar antes da capital paranaense. Ao encostarem o carro no estacionamento de uma churrascaria, na entrada da cidade de Ponta Grossa, tinham rodado cerca de quatrocentos quilômetros. Para economizar, aplicaram o golpe que vinham usando desde que Vera perdera a bolsa: Paulo e ela se sentavam à mesa sozinhos e pediam pratos para dois. Quando a comida era servida, Kakiko e Arnold apareciam e dividiam os pratos com eles.

Devidamente alimentados, os quatro se preparavam para voltar à estrada quando entrou no salão do restaurante um grupo de soldados da Polícia Militar, armados de metralhadoras. O que parecia ser o chefe dirigiu-se à mesa:

— O Fusca branco com placa da Guanabara que está aí no estacionamento é de vocês?

Único motorista habilitado do grupo, Kakiko se sentiu na obrigação de responder:

— Sim, é nosso.

Quando o militar pediu para ver o certificado de propriedade do carro, Kakiko explicou em detalhes, sob o olhar aterrorizado dos amigos, que Vera tinha deixado a bolsa junto à porta do carro, contou a perda da carteira com tudo dentro e o plano de dormir em Curitiba e conseguir lá a segunda via dos documentos perdidos. O sujeito ouviu tudo com olhar incrédulo e decidiu:

— Vocês vão ter que explicar isso ao delegado. Vamos conosco.

Levados a um distrito policial, os quatro passaram a noite sob um frio glacial, sentados em um banco de madeira, até às seis da manhã, quando apareceu o delegado envolto em ponchos e cachecóis para dar-lhes pessoalmente a notícia:

— Vocês são acusados de terrorismo e assalto a banco. Aí não é mais comigo, é com o Exército.

Embora nenhum deles tivesse maior interesse pelo assunto, a situação política se agravara muito nos últimos meses no Brasil. Desde a edição do AI-5, em dezembro de 1968, mais de duzentos professores universitários e pesquisadores tinham sido aposentados compulsoriamente, presos ou exilados — na lista de punidos havia nomes de prestígio internacional, como o sociólogo e futuro presidente da República Fernando Henrique Cardoso, o historiador Caio Prado Jr. e o físico Mário Schemberg. No Congresso Nacional, 110 deputados e quatro senadores tiveram seus mandatos cassados, e, nos estados e municípios, cerca de quinhentas pessoas haviam sido

afastadas da administração pública direta e indireta sob a acusação de subversão. Com a cassação de três ministros do Supremo Tribunal Federal, a violência chegara à mais alta corte do país. Em janeiro, o capitão Carlos Lamarca desertara de um quartel do Exército em Quitaúna, bairro de Osasco (SP), levando para a guerrilha urbana um veículo com 63 fuzis automáticos, três submetralhadoras e muita munição. Em São Paulo, o governador nomeado Abreu Sodré criara a Operação Bandeirantes (Oban), órgão que reunia policiais e militares das três armas, destinado a reprimir a oposição, que logo se converteria num centro de torturas de adversários do regime e de onde viria o primeiro nome de uma lista de 139 presos políticos “desaparecidos” pela ditadura: Virgílio Gomes da Silva, o “Jonas”.





Horas antes de o pesadelo começar, o grupo faz turismo em Assunção, no Paraguai, e em Foz do Iguaçu.

Dois dias antes da prisão de Paulo e seus amigos, quatro guerrilheiros armados de metralhadoras — três homens e uma mulher loura —, utilizando um Volks branco com placas da Guanabara, haviam assaltado um banco e um supermercado na cidade de Jandaia do Sul, cem quilômetros ao norte de Ponta Grossa. Só podiam ser os mesmos, imaginaram os órgãos de repressão. Tiritando de frio e de medo, os quatro foram transportados em um camburão verde-oliva guardado por soldados fortemente armados até a sede do 13º Batalhão de Infantaria Blindada (BIB), no bairro da Uvaranas, no outro lado da cidade. Obcecado com a mania de interpretar sinais, Paulo poderia alimentar esperanças de sair ileso daquela confusão se tivesse lido o nome grafado em cimento sobre o imponente portão de entrada do quartel — aquele era o Batalhão Tristão de Alencar Araripe, nome dado em homenagem ao ilustre conselheiro do Império que vinha a ser bisavô do Mestre Tuca e, portanto, seu tataravô. Talvez por ele não ter visto o sinal, nada indicava que aquilo fosse terminar bem. Maltrapilhos, malcheirosos e mortos de frio, os quatro desceram do camburão em um pátio enorme onde centenas de recrutas faziam ordem unida. Para aterrorizá-los ainda mais, alguns soldados batiam com a mão direita espalmada sobre a esquerda em concha, gesto obsceno cujo significado qualquer brasileiro sabia: eles estavam perdidos.

Colocados em celas separadas, despidos e revistados, meia hora depois começaram a ser interrogados. O primeiro a ser chamado foi Kakiko, levado a uma cela onde havia apenas uma mesa e duas cadeiras, uma das quais ocupada por um homem moreno, alto e forte, de coturnos e farda de campanha com uma identificação bordada no peito: *Maj. Índio*. Não era um nome falso, como Kakiko supunha. Descendente de índios charruas e nascido em Alegrete, no Rio Grande do Sul, o major Índio do Brasil Lemes, então com 39 anos, não entraria para a história do Brasil pela honra de ser neto do general Honório Lemes, genial estrategista gaúcho conhecido como “o Leão do Caverá”, nem pela tragédia de ter testemunhado aos quinze anos o assassinato do pai, o funcionário público Gaspar Lemes. Com a derrocada da ditadura, muitos anos depois, seu nome apareceria três vezes nas listas de “elementos envolvidos diretamente em torturas” do Projeto Brasil Nunca Mais, coordenado pela Arquidiocese de São Paulo.

O major Índio mandou que Kakiko ocupasse uma das cadeiras e sentou-se diante dele. Juntou os dedos indicador e anular da mão direita, com os demais fechados, e agitou-os no ar, como uma espátula, a milímetros do nariz do preso. Só então começou a pronunciar a frase de que o músico-dentista se lembraria para o resto da vida, palavra por palavra:

— Ninguém até agora tocou a mão em vocês, mas preste atenção no que eu vou lhe dizer. Se uma só informação que você der aqui for falsa — uma só será suficiente —, eu vou enfiar estes dois dedos no seu olho esquerdo, vou arrancar seu globo ocular para fora e vou mastigá-lo. Seu olho direito será preservado para testemunhar a cena. Estamos entendidos?

Os crimes cuja autoria estava sendo atribuída a Paulo e seus amigos tinham ocorrido poucos dias antes da prisão. O primeiro, o assalto à mão armada aos caixas de um supermercado em Jandaia do Sul, não deixara vítimas. Mas, ao tentar se apropriar dos malotes com dinheiro que eram levados para a agência do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, na mesma cidade, a quadrilha acabou matando a tiros o gerente José Santamaria Filho. As semelhanças entre os

quatro viajantes e os guerrilheiros pareciam justificar as suspeitas dos militares de Ponta Grossa. Embora os assaltantes usassem meias de náilon cobrindo o rosto, não havia dúvidas de que eram três homens brancos, um deles cabeludo, como Paulo, e uma mulher loira, como Vera, e que ocupavam um Volks branco com placas da Guanabara, idêntico ao dos viajantes. O mapa que Paulo carregava também pareceu às autoridades minucioso e profissional demais para ter sido feito por um avô zeloso para o neto hippie. E, além disso, o trajeto escolhido não poderia ser mais comprometedor: informações dos órgãos de inteligência militar davam conta de que o grupo do capitão Carlos Lamarca poderia estar preparando a implantação de um foco guerrilheiro no Vale do Ribeira — exatamente parte do trajeto por eles percorrido na ida para Assunção. Um dossiê com as fichas dos quatro e informações sobre o carro fora enviado aos chamados órgãos de segurança de Brasília, do Rio e de São Paulo.

Além da prisão ilegal e das intimidações cada vez mais assustadoras, nenhum dos quatro sofrera até então nenhum tipo de violência física. O major Índio repetira aos demais a promessa de mastigar-lhes um olho, insistindo em que aquilo não era apenas uma ameaça:

— Até agora ninguém encostou a mão em vocês. Estamos lhes dando comida e cobertores na presunção de que são inocentes. Mas não se esqueçam: se houver uma sílaba de mentira nos seus depoimentos, cumprio o prometido. Já arranquei os olhos de outros terroristas e farei isso de novo com vocês, sem o menor problema.

A situação se agravou para valer no fim da manhã da terça-feira, quando alguns empregados do supermercado de Jandaia do Sul foram levados ao quartel do 13º BIB para o reconhecimento dos suspeitos. Com Paulo e Vera a visualização foi feita através do pequeno postigo da porta das celas, sem que percebessem que estavam sendo espiados. No caso de Arnold e Kakiko as portas foram simplesmente abertas, permitindo que as pessoas olhassem rapidamente lá dentro, tão assustadas quanto os presos. Embora os assaltantes estivessem com o rosto encoberto na hora dos crimes, e mesmo tendo visto os presos de soslaio, em celas sem iluminação, as testemunhas foram unânimes: eram eles os criminosos. Os interrogatórios se tornaram mais intensos e intimidatórios, e as mesmas perguntas eram repetidas quatro, cinco, seis, dez vezes. Vera e Arnold tiveram de explicar a todos — sim, porque agora era uma sucessão de civis e militares que entrava nas celas para perguntar — o que faziam na região uma iugoslava e um oficial de Marinha cassado por subversão. Paulo respondeu não sabe quantas vezes às mesmas dúvidas: se fizeram uma viagem tão longa, por que nem viram o jogo e retornaram ao Brasil? Como Vera conseguira atravessar a fronteira com o Paraguai nos dois sentidos sem documentos? Por que o mapa sugeria tantas alternativas para dormir e abastecer o carro? Paulo se queixaria com Arnold, num dos raros momentos em que estiveram a sós na mesma cela, que aquilo era um pesadelo kafkiano: até a presença da inocente bombinha nebulizadora que aliviava suas crises de asma teve de ser explicada em detalhes várias vezes.

O pesadelo prosseguiu por cinco dias. No sábado de manhã soldados armados entraram nas celas e deram ordens para que os presos pegassem suas coisas porque iam ser “removidos”. Espremidos no cubículo traseiro do mesmo camburão verde-oliva, os quatro se convenceram de que estavam prestes a ser executados. Quando o veículo parou minutos depois, qual não foi a surpresa deles ao desembarcarem em frente a um bangalô cercado de roseiras cuidadosamente aparadas. No alto da escada da casa os esperava um sorridente militar de cabelos grisalhos com um buquê de flores na mão. Era o morador da casa, coronel Ivan Lobo Mazza, 49 anos, comandante do 13º BIB e herói da Força Expedicionária Brasileira, que combatera na Itália na Segunda Guerra. Mazza explicou aos aturdidos viajantes que tudo tinha sido esclarecido e que eles eram de fato inocentes. As flores, colhidas pelo próprio oficial, foram oferecidas a Vera como pedido de desculpas. O coronel explicou as razões da prisão — o avanço da luta armada, a semelhança deles com os assaltantes de Jandaia do Sul, a passagem pelo Vale do Ribeira — e fez questão de perguntar a cada um se tinha sofrido violências físicas. Diante da péssima aparência do grupo, que completava sete dias sem ver água, sugeriu que usassem o banheiro da casa e depois lhes ofereceu salgadinhos em uma bandeja, acompanhados de uísque escocês. O defeito na embreagem do carro tinha sido reparado na oficina do quartel e para que pudessem chegar ao Rio em segurança levariam um salvo-conduto assinado pelo próprio coronel Mazza. A viagem chegara ao fim.

“A droga é para mim o mesmo que a metralhadora é para os comunistas e guerrilheiros”

De volta ao Rio, Paulo iria entrar nos anos 70 movido por um novo combustível: a maconha. Depois viriam outras drogas, mas no começo foi apenas a maconha. Assim que experimentaram a erva juntos, ambos pela primeira vez, ele e Vera tornaram-se consumidores regulares. Novatos no assunto e pouco familiarizados com o efeito daquilo, antes de fumar trancavam numa gaveta todas as facas e objetos cortantes da casa, “para prevenir qualquer risco”, como ela dizia. Fumavam todos os dias e a qualquer pretexto: à tarde para melhor desfrutar os poentes vermelhos do Leblon, à noite para aguentar a emoção de deitar na cabeceira da pista do Aeroporto Santos Dumont, com o ruído ensurdecedor dos aviões pousando e decolando a metros de distância. E, se não houvesse motivo, fumavam para espantar o tédio. Paulo se lembraria, tempos depois, de ter passado dias seguidos sob o efeito de maconha, sem um intervalo de meia hora sequer.

Definitivamente livre do controle paterno, convertera-se em um legítimo hippie, alguém que não apenas se vestia e se comportava como tal, mas pensava como hippie. Deixara de ser comunista, sem nunca ter sido, ao receber em público um sermão de um militante do PCB por afirmar que adorara o filme *Os Guarda-Chuvas do Amor* — musical francês estrelado por Catherine Deneuve. Com a mesma ligeireza com que transitara do cristianismo dos jesuítas para o marxismo, agora era um devoto da insurreição hippie que campeava pelo mundo. “Esta será a última revolução da humanidade”, escreveu no diário. “O comunismo é passado, nasce uma nova irmandade, o misticismo penetra na arte, a droga é alimento essencial. Quando Cristo consagrou o vinho, consagrou a droga. A droga é um vinho de cepa superior.”

Depois de alguns meses no Solar da Fossa, ele e Vera alugaram em sociedade com um amigo um apartamento de dois dormitórios em Santa Teresa, bairro boêmio encarapitado em uma colina próxima da Lapa, no centro da cidade, cortado por um romântico bondinho que guinchava ao subir suas ladeiras. Entre um e outro endereço tiveram que morar por algumas semanas no apartamento do Leblon, período em que o casal conviveu com o ex-marido de Vera, que ainda não se mudara.

Se a maconha, como afirmam alguns especialistas, costuma levar o usuário a estados prolongados de letargia e prostração, em Paulo a droga parecia provocar efeito contrário. Tomado de repentina hiperatividade, nos primeiros meses de 1970 adaptou para o teatro e montou *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, participou de laboratórios com o dramaturgo Amir Haddad, inscreveu textos no Concurso de Contos do Paraná e no Prêmio Esso de Literatura (que depois seria extinto). E ainda encontrou tempo para escrever três peças teatrais, *Os Caminhos do Misticismo*, sobre o padre Cícero Romão Batista, milagreiro nordestino; *A Revolta da Chibata: História à Beira de um Cais*, sobre a sublevação de marinheiros ocorrida no Rio de Janeiro em 1910; e *Limites da Resistência*, uma colagem de textos. Ele enviou *Limites* com um pedido de coedição ao Instituto Nacional do Livro, órgão do governo federal, mas não passou nem pelo primeiro obstáculo, a Comissão de Leitura. Sua obra caiu nas mãos do crítico e romancista Octavio de Faria, que, embora ressaltasse qualidades pontuais, despachou os originais diretamente para o arquivo, com um eloquente parecer:

Não esconderei minha perplexidade ante livro tão estranho como esse “Os Limites da Resistência”, que, mesmo depois de lido, não consigo saber em que gênero literário classificar e que traz, apenas, a indicação de capa: Os Limites da Resistência — compostos de “11 Diferenças Fundamentais” com epígrafe de Henry Miller e pretende ser tudo em matéria de “apreensão” da vida. Divagações, construções surrealistas, depoimentos de experiências psicodélicas, brincadeiras de espécies as mais variadas. Em conjunto, um amontoado de “diferenças fundamentais”, inegavelmente bem escritas, inteligentes, mas que não me parecem do gênero das que se incluem nos nossos quadros de valorização. Pertence ao tipo de obra de que cuidam as editoras “pra frente”, na esperança de revelar “gênios”, não as do Instituto Nacional do Livro, qualquer que venha a ser o futuro literário do Sr. Paulo Coelho de Souza.

Restaria a ele o consolo de estar em ótima companhia. A mesma Comissão de Leitura que desclassificara *Os Limites da Resistência* havia descartado pelo menos duas obras de autores que

se tornariam clássicos da literatura brasileira: *Sargento Getúlio*, livro que lançaria no Brasil e nos Estados Unidos o escritor João Ubaldo Ribeiro, e *Objeto Gritante*, de Clarice Lispector, que seria publicado com o nome de *Água Viva*. Como se alguma força quisesse afastá-lo da ideia fixa de ser escritor, o teatro lhe oferecia mais reconhecimento que a prosa. Embora Paulo pusesse muita fé na peça sobre o padre Cícero, prevendo para ela um futuro brilhante, a verdade é que só *A Revolta da Chibata* obteria algum êxito. Resultado de pesquisa minuciosa sobre o levante liderado pelo marujo negro João Cândido, *A Revolta* fora inscrita pelo autor no prestigiado Concurso Teatro Opinião mais por dever de ofício, sem grandes esperanças de ser classificada. O prêmio oferecido ao vencedor era melhor do que dinheiro: a montagem da peça pelo elenco do Opinião, o mais festejado grupo de teatro de vanguarda do Brasil. Ao saber, por um telefonema de Vera, que *A Revolta* ficara em segundo lugar, Paulo, sem qualquer modéstia, reagiu com mau humor:

— Só peguei segundo lugar? Que merda! Estou ficando com estigma de segundo lugar.

O primeiro tinha ido para a comédia policial *Os Dentes do Tigre*, da mineira e também estreante Maria Helena Kühner. Se seu objetivo, porém, era mesmo a fama, ele não tinha do que reclamar. Além de ser citada em todos os jornais e elogiada por nomes como os dos críticos João das Neves e José Arrabal, como segunda colocada *A Revolta da Chibata* ganharia o direito de entrar no disputado Ciclo de Leituras do Opinião, aberto ao público e realizado todas as semanas. Embora tivesse desdenhado o prêmio, Paulo foi tomado de grande ansiedade nos dias que antecederam a leitura dramática. Durante a semana inteira não conseguiu pensar noutra coisa e ficou cheio de si ao ver uma atriz consagrada como Maria Pompeu lendo um texto de sua autoria, em noite de casa cheia.

A proximidade com o Opinião o levaria, meses depois, a conhecer de perto — ou, pelo menos, tentar — um dos mitos internacionais da contracultura, o revolucionário grupo de teatro americano The Living Theatre, na época em excursão pelo Brasil. Criado em 1947 em Nova York pelo casal Julian Beck e Judith Malina — esta só viria a ser conhecida do grande público muito depois, como a macabra avó do filme *A Família Addams* —, o Living rodava o mundo pregando a revolução estética que influenciara fortemente o teatro e o cinema engajados dos anos 60 e 70. Um ano antes o roqueiro Jim Morrison fora preso em Miami por exhibir o pênis a uma plateia de 10 mil pessoas, durante um show. Na delegacia o músico alegou que o exibicionismo era uma técnica dramatúrgica aprendida num curso com o Living. Ao saber que conseguira ingressos para ver uma apresentação do grupo americano, Paulo ficou tão emocionado que se sentiu “acovardado, como se fosse uma grande decisão”. Temendo ser instado a dar sua opinião sobre alguma coisa, nos intervalos ou após a peça, leu trechos de Nietzsche antes de ir para o teatro, “para ter o que dizer”. Ao final, ele e Vera ficaram tão impactados com o que viram que conseguiram um convite para ir à casa onde estava hospedada a *troupe* — Beck e Malina incluídos — e de lá saírem para uma visita à favela do Vidigal. A julgar pelas anotações no diário, contudo, o encontro não transcorreria tão bem:

Contato íntimo com o Living Theatre. Fomos à casa de Julian Beck e Judith Malina e ninguém se dirigiu a nós. Um amargo sentimento de humilhação. Fomos com eles à favela. Era a primeira vez na vida que eu subia numa favela. É um mundo à parte.

No dia seguinte, embora tivessem almoçado com o grupo e assistido a ensaios, a indiferença dos norte-americanos por eles não mudaria. “Julian Beck e Judith Malina: continua o gelo total conosco”, escreveu. “Mas eu não os censuro. Sei que deve ter sido muito difícil chegar aonde estão. “Paulo só voltaria a ter notícias do Living e de seus líderes meses depois, ao ouvir no rádio de um táxi que todo o grupo fora preso em Ouro Preto, Minas Gerais, sob a acusação de uso e porte de maconha. O casal alugara um casarão na histórica cidade, transformando-o em laboratório permanente de experiências dramatúrgicas com atores vindos de vários Estados. Semanas depois de instalados, a polícia cercou a casa e prendeu todos os dezoito membros do grupo no dia 1º de julho de 1971, transferindo-os em seguida para as celas do Dops de Belo Horizonte. Assim que ouviu a notícia, e com o táxi em movimento, Paulo tirou do bolso a caneta, um bloquinho de papel e, com a letra tremida, escreveu uma minipeça de teatro em um ato, na qual fantasiava as razões da prisão:

O Teatro da Vida

Julian Beck e Judith Malina acordam de manhã em Ouro Preto.

Judith Malina — É, aqui não está dando mais. Vamos nos mandar.

Julian Beck — De acordo. Mas antes é preciso uma grande peça, um laboratório arrasador.

Os dois pensam cinco minutos.

JB — Já sei a resposta. Telefona para a polícia. Diz que sabe da existência de maconha na sala onde um grupo de teatro faz experiências. Dá qualquer pista que eles pedirem.

Judith telefona, o comissário de polícia faz mil perguntas, às quais ela responde pacientemente. Acendem e fumam um cigarro de maconha durante dez minutos.

JB — OK, chama o grupo. Avisa que vamos ter ensaio agora. Vamos realizar um laboratório cujo tema será a prisão.

Julian Beck e Judith Malina se reúnem com os seus doze apóstolos. A polícia chega.

Apesar dos protestos de personalidades de todo o mundo — Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Pier Paolo Pasolini, Jean-Luc Godard e Umberto Eco, entre outros —, o governo militar manteve o grupo preso durante sessenta dias, ao fim dos quais expulsou todos os estrangeiros do Brasil sob a acusação de “tráfico de drogas e subversão”.

Quanto a Paulo, meses depois de ele e Vera serem apresentados à maconha, receberam de um amigo, o artista plástico Jorge Mourão, um tijolinho do tamanho de uma caixa de chicletes que parecia feito de uma cera muito escura, quase preta. Era haxixe. Embora originário da mesma planta de onde sai a maconha, o haxixe é mais forte e sempre foi uma droga mais consumida na Europa e no Norte da África do que na América do Sul, razão pela qual era considerado novidade entre usuários brasileiros. Obsessivo com o planejamento e a organização de tudo em que se metia, Paulo decidiu converter um mero “tapa” em uma solene experiência científica. A partir do momento em que ingeriu a droga pela primeira vez, passou a narrar todas as sensações a um gravador, enquanto o tempo era cronometrado. O resultado final foi datilografado e colado no diário:

Notas Breves sobre a Experiência com Haxixe
A Edgard Allan Poe

Começamos a fumar dentro de meu quarto, às dez e quarenta da noite. Presentes eu, Vera e Mourão. O haxixe é misturado com tabaco comum, na proporção de um para sete, aproximadamente, e colocado num cachimbo especial de prata. Esse cachimbo faz a fumaça passar através da água gelada, possibilitando uma filtragem perfeita. Três tragadas para cada um é proporção suficiente. Mas Vera não participará da experiência, incumbida que está da gravação e das fotos. Mourão, velho de drogas, orientará os caminhos a serem seguidos.

3 minutos — Sensação de euforia e leveza. Alegria incontida. Agitação interior bastante potente. Ando da frente para trás numa sensação de embriaguez total.

6 minutos — Peso nas pálpebras. Sensação de tontura e dormência. A cabeça começa a atingir proporções assustadoras, com as imagens ligeiramente distorcidas para uma forma circular. Nesta fase da experiência vieram à tona determinados bloqueios (de ordem moral). Nota: os efeitos podem ter sido prejudicados pelo excesso de nervosismo.

10 minutos — A sensação de dormência está gigantesca. Os nervos completamente relaxados e me deito no chão. Começo a suar, mais por angústia que por calor. Nenhuma iniciativa: se a casa pegasse fogo preferiria morrer a me levantar daqui.

20 minutos — Estou consciente, mas perdi qualquer orientação auditiva. É um estágio agradável que leva a uma despreocupação total.

28 minutos — A sensação de relatividade do tempo é algo impressionante. Deve ter sido assim que Einstein descobriu aquilo.

30 minutos — Repentinamente, perco por total a consciência. Tento escrever, mas não percebo que isto é apenas uma tentativa, um teste. Começo a dançar, a dançar feito louco, a música vem de outro planeta e possui uma dimensão desconhecida.

33 minutos — O tempo passa com uma lentidão exagerada. Não tenho coragem de experimentar LSD...

45 minutos — O medo de voar pela janela é tão grande que saio de minha cama e deito-me no chão, no fim do quarto, bem afastado da rua lá de fora. Meu corpo não exige conforto. Posso ficar deitado no chão sem mover-me.

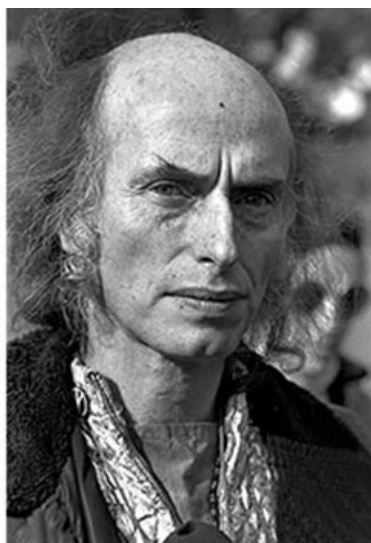
1 hora — Olho para o relógio sem entender por que estou tentando gravar tudo. Para mim isto não passa de uma eternidade da qual jamais conseguirei sair.

1 hora e 15 — De repente uma imensa vontade de sair do transe. No inverno mais rigoroso, sou tomado de súbita coragem e aceito um banho frio. Não sinto a água sobre o corpo. Estou nu. Mas não consigo sair do transe. Apavoro-me ante a possibilidade de ficar eternamente assim. Livros que li sobre esquizofrenia aparecem caminhando no banheiro. Quero sair. Quero sair!

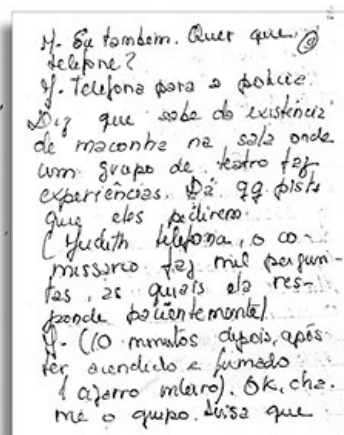
1 hora e meia — Estou rígido, deitado, suando de pavor.

2 horas — A passagem do transe para o estado normal se faz imperceptivelmente. Não há enjoo, sonolência ou cansaço, mas uma fome inusitada. Procuro um restaurante na esquina. Caminho, ando. Um pé na frente do outro.

Não satisfeito em fumar e registrar os efeitos do haxixe, Paulo cometeu um atrevimento que nos bons tempos do dr. Pedro lhe custaria uma temporada de eletrochoques no manicômio: tirou uma cópia das “Notas Breves...” e quase matou os pais do coração quando a deu para eles lerem. Do seu ponto de vista o gesto talvez não fosse apenas uma provocação a Lygia e Pedro. Embora confessasse ao diário ter “descoberto um outro mundo” e que “droga é a melhor coisa que existe”, Paulo não se considerava um maconheiro vulgar, mas “um ideólogo ativista do movimento hippie” que não se cansava de repetir entre os amigos a mesma bravata, como registrou por escrito: “A droga é para mim o mesmo que a metralhadora é para os comunistas e guerrilheiros”. Ou então coisas incompreensíveis como esta: “Os terroristas acham que o governo é que distribui a maconha, mas não sabem eles que aí é que está acontecendo a maior inversão de valores de que a humanidade tem notícia”.



bras do living theatre,
Yulian Beck e Judith Ma
Luna com seus 12 apólos,
com porte de boixos.
Neste ponto ficou claramente
demonstrado o que é o Tea-
tro da Vida. O dialogo entre
Beck e Marina deve ter sido
essenci-
al. O que me está clendo
mais feroz nos mandos.
M. Be acordo. Mas antes
é preciso uma grande fase,
um laboratório arrojado.
(os dois pensam o mi-
nutos) ~~mas~~ ~~uma~~ ~~uma~~ ~~uma~~
OK, foi a resposta.



Dentro de um táxi, Paulo cria uma minipeça de teatro imaginando como teria sido a prisão de Julian Beck e do Living Theatre pela polícia brasileira.

Além da maconha e do haxixe, o casal havia se tornado consumidor frequente de drogas sintéticas, ou seja, produzidas industrialmente em laboratórios. Desde que fora internado pela primeira vez ele tomava, por prescrição médica, doses regulares de Valium, usado no tratamento do transtorno da ansiedade. Sem temer o estrago que aqueles coquetéis podiam produzir em seus neurônios, os namorados se entupiam de drogas como Mandrix, Artane, Dexamil, Pervitin. Presente em alguns desses remédios, a anfetamina atuava sobre o sistema nervoso central, acelerava a frequência cardíaca e aumentava a pressão sanguínea, produzindo agradável sensação de relaxamento muscular, seguida de estados de euforia que se estendiam por até catorze horas. Quando o organismo se cansava, tomavam algum indutor de sono, como o potente Mandrix, e capotavam. Medicamentos utilizados no controle de surtos epiléticos ou no tratamento do mal de Parkinson garantiam sessões intermináveis de “viagens” que varavam dias e noites sem interrupção. Em um fim de semana no sítio de Kakiko, em Friburgo, a cem quilômetros do Rio, Paulo realizou um “teste de limite” para saber quanto tempo conseguia ficar drogado, sem parar sequer para dormir — e festejou ao passar, cronometradas, 24 horas insone e completamente “chapado”, como se dizia então. No perigoso caminho que estava trilhando, só a droga parecia ter importância. “Nossa alimentação tornou-se algo muito subjetivo”, escreveu no diário. “A gente não sabe quando comeu pela última vez e no entanto a comida não tem feito a menor falta.”

Uma única amarra parecia mantê-lo ligado ao mundo dos normais, aqueles que não consumiam drogas: a renitente ideia fixa de ser escritor. Estava decidido a se trancar na casa do tio José, em Araruama, e só escrever. “Escrever, escrever muito, escrever tudo” era seu projeto imediato. Vera concordava e o incentivava, mas propôs que, antes de ele se confinar para isso, deveriam relaxar realizando uma viagem de recreio. Em abril daquele 1970 o casal decidiu viajar a uma das mecas do movimento hippie: Machu Picchu, a cidade sagrada dos incas, situada nos Andes peruanos, a 2.400 metros de altitude. Ainda traumatizado com a viagem ao Paraguai, Paulo temia que algo de mau pudesse lhe acontecer ao sair do Brasil. Só depois de muito planejamento, por exigência dele, claro, e de passar semanas em cima de mapas e roteiros turísticos é que o casal enfim partiu. Inspirados em *Easy Rider*, filme com Peter Fonda e Dennis Hopper que fizera enorme sucesso em 1969 e se convertera em um *cult hippie*, não tinham destino muito definido nem data certa para voltar. No dia 1º de maio tomaram um avião do Lloyd Aéreo Boliviano em direção a La Paz para uma viagem embalada em novidades — a primeira das quais Paulo experimentou tão logo desembarcou no aeroporto de El Alto, na capital da Bolívia: a neve. Emocionou-se tanto ao descer do avião e ver tudo coberto pela camada de um branco tão imaculado que não resistiu: atirou-se no chão e pôs-se a comer neve. Era o começo de um mês de ócio absoluto.



Fim de semana de embalo pesado no sítio de Kakiko: 24 horas seguidas sob o efeito de maconha.

Colocada fora de combate pelo ar rarefeito dos quase 4 mil metros de altitude de La Paz, Vera passou o dia na cama do hotel. Paulo saiu para conhecer a cidade e, habituado à pasmaceira política de um Brasil sob ditadura, ficou chocado com as manifestações operárias por ocasião do Dia do Trabalho. À noite, ao retornar ao hotel, comentou com Vera:

— Estou impressionado com as passeatas e os comícios dos trabalhadores pelo Primeiro de Maio. Parece que a mesa aqui está para ser virada a qualquer hora.

Embora previsões políticas não fossem o seu forte, desta vez ele acertara em cheio: quatro meses depois, chegaria ao fim o governo do general Alfredo Ovando Candía, que se tornara presidente da República, pela terceira vez, em setembro do ano anterior. Beneficiados pelo baixo custo de vida da Bolívia, alugaram um carro, ficaram em bons hotéis e frequentaram restaurantes de luxo. Dia sim, dia não, a elegante Vera arrumava tempo para ir ao cabeleireiro, enquanto Paulo se familiarizava com as ladeiras íngremes de La Paz. E foi na cidade que os dois cruzaram a fronteira em direção a um novo tipo de droga, praticamente inexistente no Brasil: o mescalito — também conhecido como peiote, peyotl ou mescal, nomes que mudam conforme o país para designar o mesmo chá alucinógeno destilado de cactos cortados e dessecados. Maravilhados com a serenidade e a tranquilidade transmitidas pela bebida, mergulharam em intermináveis alucinações visuais e experimentaram momentos esplendorosos de sinestesia, uma confusão dos sentidos que dá ao usuário a sensação de poder cheirar uma cor ou ouvir um sabor.

Passaram cinco dias em La Paz tomando o tal chá, visitando casas de música típica, as penas, e frequentando *diabladas*, lugares de representação teatral onde um homem fazia o papel de Supay, o equivalente inca ao Demônio dos cristãos. Quando estavam na estação ferroviária de La Paz, onde tomariam um trem em direção ao lago Titicaca, Paulo percebeu que havia esquecido uma cueca usada no hotel e, tomado por um surto de sovinice, sob os protestos de Vera, quase perdeu a viagem ao gastar quarenta minutos e uma corrida de táxi para recuperar a peça de roupa e

retornar instantes antes da partida. Ao chegarem ao destino, atravessaram de barco o Titicaca, o lago navegável situado à maior altitude do mundo, seguiram de trem para Cuzco e Machu Picchu e depois, de avião, foram até Lima.

Na capital do Peru alugaram um carro e tocaram para Santiago do Chile, passando por Arequipa, Antofagasta e Arica. O plano era passar mais tempo nesse trecho, mas os hotéis eram tão modestos que Paulo e Vera decidiram seguir em frente. Nenhum dos dois achou muita graça na capital chilena — “uma cidade como qualquer outra”, escreveu —, mas lá tiveram a oportunidade de assistir a *Z*, filme do diretor grego Costa-Gavras que denunciava a ditadura dos coronéis na Grécia e estava proibido no Brasil. Quase sempre embalados pelo chá de mesclito, quando a viagem completou três semanas eles estavam em Mendoza, na Argentina, a caminho de Buenos Aires. Paulo se roía de ciúme quando via a atraente Vera ser galanteada por homens, sobretudo quando ela se punha a falar com eles em inglês, língua que ainda não compreendia direito. Se em La Paz a visão da neve o hipnotizara, em Buenos Aires a surpresa viria ao andar de metrô pela primeira vez. Habitados aos preços baixos dos lugares por onde tinham passado, na capital portenha se aventuraram a jantar no Michelangelo, restaurante conhecido como “a catedral do tango” e onde tiveram o privilégio de ouvir um clássico do gênero, o cantor Roberto “Polaco” Goyeneche. Quando veio a conta de vinte dólares, Paulo quase caiu da cadeira ao descobrir que estavam em um dos mais caros restaurantes da cidade.

Embora sua asma tivesse convivido pacificamente com as altitudes andinas, foi em Buenos Aires, ao nível do mar, que ela ressurgiu com toda a força. Com febre de 39 graus e torturado por crises respiratórias, caiu de cama por três dias, só se recuperando em Montevideu, no dia 1º de junho, véspera de embarcar para o Brasil. Por exigência dele, a volta não seria feita pelo Lloyd Aéreo Boliviano. A mudança não se devia a nenhuma superstição, nem ao fato de que teriam que voltar a La Paz e de lá embarcar para o Rio, mas à imagem de uma estátua de bronze de um piloto civil que Paulo vira no aeroporto de La Paz, em homenagem “aos heroicos pilotos do LAB mortos em ação”:

— Só um louco viajaria numa companhia que trata como heróis os pilotos cujos aviões caíram! Já imaginou se o piloto do nosso voo tem sonhos de virar estátua?

Afinal, foi pela Air France que os dois voaram para o Rio de Janeiro, aonde chegaram no dia 3 de junho, a tempo de assistir pela tevê ao jogo de estreia do Brasil na Copa do Mundo de 1970, quando a seleção brasileira derrotou a da Tchecoslováquia por 4 a 1 com gols de Jairzinho, Rivelino, Pelé (2) e Petras. De volta à rotina, ainda impressionada com a crise de asma ocorrida na viagem, Vera o convenceu a tentar parar de fumar, abstinência que Paulo ofereceu como promessa a São José para que fosse bem-sucedida uma cirurgia de catarata a ser feita pelo pai (quando o dr. Pedro recebeu alta, o filho deixou no diário um curioso registro: “Que não restem dúvidas — a cura do meu pai se deve exclusivamente ao Caboclo Cobra Coral”). Aos poucos sua mulher se convertia em alguém mais que a balzaquiana rica que o ensinara a fazer sexo e que o obrigava a ler livros inteiros em inglês. De alguma forma exercia também funções maternas — fosse para trazê-lo de volta à terra, quando Paulo voava alto demais em seus devaneios, fosse para estimulá-lo nos momentos de depressão.

O sonho de tornar-se escritor não saía do lugar. Ele não conseguiu classificar um só conto ou romance nos concursos de que participara. “Com o coração em pedaços, ouvi a notícia no *Repórter Esso*”, choramingou no diário. “Perdi mais um concurso de literatura. Não ganhei nem menção honrosa.” Sem se deixar abater pelas derrotas, no entanto, continuava a anotar como temas para futuras obras literárias coisas como “discos voadores”, “Jesus”, “o Abominável Homem das Neves”, “espíritos encarnando em cadáveres” e “telepatia”. Só que os prêmios continuavam passando cada dia mais longe dele, como ficou registrado em suas anotações:

Meu bom José, meu santo protetor. Você é testemunha de que tentei muito este ano. Perdi todos os concursos. Ontem, ao saber da derrota no concurso de peças infantis, Vera disse que quando a sorte vier para mim, virá toda de uma vez. Será? Um dia responderei.

No dia 24 de agosto, quando ele completou 23 anos, Vera deu-lhe um sofisticado microscópio e ficou feliz ao ver o sucesso que o presente fizera: muitas horas depois de abrir o pacote, Paulo continuava curvado sobre as lentes, examinando atentamente as plaquetas de vidro e fazendo anotações num caderno. Curiosa, ela se pôs a ler o que ele escrevia:

Há 23 anos eu nascia, nesta data. Eu já fui esta coisa que olho no microscópio. Agitado, correndo em direção à vida, infinitamente pequeno, mas com todos os caracteres hereditários da espécie atrás de mim. Já estavam programados meus dois braços, minhas pernas e meu

cérebro. Do espermatozoide eu me reproduziria, as células se multiplicariam. E eu estou aqui, com 23 anos.

Só então ela entendeu que Paulo pusera seu sêmen nas plaquetas de vidro do microscópio para ver os próprios espermatozoides. O relato continuava:

Ali vai um possível engenheiro. Mais adiante morre aquele que deveria ser médico. Um cientista capaz de salvar a Terra também morre, e eu olho tudo isto impassível, através do meu microscópio. Ao alcance do meu olho, meus espermatozoides se mexem na fúria, na fúria de encontrar um óvulo, na fúria de se perpetuarem.

Boa companheira na diversão, Vera era rigorosa quando tinha que enquadrá-lo. Ao perceber que, se dependesse da vontade dele, Paulo jamais passaria do diploma colegial que recebera no Guanabara, ela praticamente o obrigou a se preparar para o vestibular em alguma escola superior. A tutela produziu resultados surpreendentes. No fim do ano o namorado conseguiu entrar em nada menos que três faculdades: Direito, na Cândido Mendes; Direção Teatral, na Escola Nacional de Teatro; e Comunicações, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio. Esse desempenho não poderia, é claro, ser creditado exclusivamente aos dotes de Vera. A explicação para o fato de terminar o colégio numa escola sem tradição de qualidade e passar em três vestibulares estava também no apetite literário de Paulo. Desde que iniciara a anotação sistemática de suas leituras, quatro anos antes, lera mais de trezentos livros, ou 75 por ano — número estratosférico considerando-se que cada brasileiro lia em média, na época, um único livro por ano. Ele lia muito e lia de tudo. De Cervantes a Kafka, de Jorge Amado a Scott Fitzgerald, de Ésquilo a Aldous Huxley. Lia dissidentes soviéticos, como Alexandr Soljenítsin, e brasileiros escrachados como o humorista Stanislaw Ponte Preta. Lia, fazia um pequeno comentário sobre cada obra e, como os críticos literários que tanto o infernizariam, distribuía estrelas a seu bel-prazer. Receber quatro estrelas, a mais alta cotação, era privilégio de poucos, como Henry Miller, Borges e Hemingway. E com a maior sem-cerimônia era capaz de juntar num mesmo saco livros como *Um Sonho Americano* (Norman Mailer), *Revolução na Revolução* (Régis Debray) e dois clássicos brasileiros, *Os Sertões* (Euclides da Cunha) e *História Econômica do Brasil* (Caio Prado Jr.), todos classificados na humilhante categoria dos “Sem cotação — Zero estrela”.





Paulo e Vera nas ruínas de Machu Picchu, no Peru: drogas, passeios turísticos e visitas diárias ao cabeleireiro.

Em meio a essa salada de temas, períodos e autores, um gênero parecia começar a despertar o interesse de Paulo: os livros que tratavam de ocultismo, bruxaria, satanismo. Desde que pusera os olhos em *Alquimia Secreta dos Homens*, um livrinho escrito pelo bruxo espanhol José Ramón Molinero, tornara-se um devorador de tudo que dissesse respeito ao mundo intangível pelos sentidos humanos. Quando terminou a leitura de *O Despertar dos Mágicos*, best-seller mundial do realismo mágico escrito pelo belga Louis Pauwels e pelo franco-ucraniano Jacques Bergier, ele já se sentia um membro dessa nova tribo. “Sou um mágico que se prepara para despertar”, escreveu no diário. No final de 1970 havia acumulado meia centena de obras dedicadas ao gênero. Nesse período lera, comentara e atribuíra estrelas a todos os seis livros publicados no Brasil pelo alemão Hermann Hesse (inclusive, claro, *O Jogo das Contas de Vidro*, Prêmio Nobel de Literatura de 1946), aos best-sellers do suíço Erich von Däniken (*Eram os Deuses Astronautas?* e *De Volta às Estrelas*) e a uma miscelânea que ia de obras da densidade de um clássico como *Fausto*, de Goethe, que recebeu apenas três estrelas, a vigarices como *Magia Negra* e *Magia Branca*, de um certo V. S. Foldej, que nem classificação mereceria.

Um dos mais festejados autores dessa nova onda não apenas escrevia sobre ocultismo, mas mantinha sua própria história envolta em mistério. Era Carlos Castañeda, que teria nascido em 1925 no Peru (ou em 1935, no Brasil, segundo outras fontes) e que se formara em antropologia na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Quando preparava a tese de doutoramento, decidiu transformar em livros autobiográficos suas experiências de campo feitas no México sobre a utilização de drogas naturais como o peiote, o cogumelo e o estramônio (a chamada “erva-do-diabo”) em rituais indígenas. O sucesso mundial de Castañeda, que chegou a ser capa da revista *Time*, atraiu para o deserto de Sonora, na fronteira da Califórnia e do Arizona com o México, onde sua obra era ambientada, hordas de hippies que chegavam dos quatro cantos do planeta em busca da nova terra prometida.

Para quem não acreditava em coincidências, como Paulo, soou como um “sinal” o fato de que justo nessa ocasião sua mãe lhe oferecesse de presente uma viagem exatamente para... os Estados Unidos. A avó Lilisa iria a Washington visitar a filha Lúcia, casada com o diplomata Sérgio Weguelin, e ele poderia acompanhá-la até a capital americana e, se quisesse, estenderia a viagem sozinho ou com o primo Serginho, alguns anos mais jovem. Além da possibilidade de conhecer de perto a região dos xamãs de Castañeda, o presente vinha a calhar também porque a relação com Vera parecia estar chegando ao fim. “A vida com ela está ficando complicada”, reclamava no começo de 1971 a seu diário. “Não temos mais sexo, ela me inferniza, eu a infernizo. Não a amo mais. É só hábito.” A situação tinha chegado a um nível tal de desgaste que os dois haviam deixado de viver juntos. Vera retornara ao apartamento no Leblon e ele trocara Santa Teresa pela edícula que ocupara na casa dos avós antes de se mudar para Copacabana. No diário, aliás, anunciava também que estava “meio casado” com uma nova mulher, a jovem atriz Christina Scardini, que conhecera na escola de teatro e por quem jurava estar perdidamente apaixonado. Era mentira, mas não parecia: em um mês e meio de viagem, a garota seria destinatária de nada menos que 44 cartas enviadas dos Estados Unidos.

Depois de um festivo jantar de despedida oferecido pelos pais a seus amigos, nos primeiros dias de maio ele embarcava com os avós num voo da Varig para Nova York, onde tomariam uma ponte aérea para Washington. Ao pisarem no Aeroporto Kennedy, Paulo e a avó Lilisa estranharam a pressa inesperada de que fora tomado o Mestre Tuca, que insistia em pegar o voo das onze da

manhã para a capital americana, cujo *check-in* estava sendo encerrado, conforme informava o alto-falante. Lilisa e o neto argumentavam que não havia motivo para afobação, porque se perdessem aquele avião embarcariam no voo seguinte, meia hora depois. Mas o avô cabeça-dura não queria conversa. Estressados com a correria, os três entraram no aparelho com as portas quase sendo fechadas. O velho só sossegou quando estavam todos sentados e com os cintos de segurança apertados. À noite, ao ver um telejornal na casa do tio, Paulo entendeu que era a mão do Destino quem apressara Mestre Tuca no aeroporto: logo após decolar, o avião do voo das 11:30 horas, um bimotor Convair da empresa Allegheny (depois US Airways) teve problemas mecânicos e ao tentar fazer um pouso de emergência nas proximidades de New Haven, a setenta quilômetros de Nova York, se espatifara no chão, matando os trinta passageiros e tripulantes.

Hospedado na casa do tio diplomata na cidade de Bethesda, no estado de Maryland, a meia hora de Washington, em vez de fazer um diário da viagem, Paulo decidira registrar na torrencial correspondência dirigida a Christina tudo o que passava na frente de seus olhos. E ele parecia atordado com o que via. Era capaz de ficar minutos em pé, abobalhado, diante de máquinas automáticas de vender selos, jornais e refrigerantes, ou passar horas seguidas dentro de lojas de departamentos sem comprar nada, apenas deixando-se extasiar diante da variedade de produtos. Logo na primeira carta lamentou não ter levado do Brasil “um saco de dinheiro”, pois descobrira que a moeda de vinte centavos de cruzeiro era aceita em todas as máquinas como sendo de 25 centavos de dólar, embora o dinheiro brasileiro valesse na época cinco vezes menos que o americano. “Eu faria uma boa economia se trouxesse mais moedas”, confessou, “porque 25 cents é o que pago pela postagem de uma carta para o Brasil nas máquinas de venda de selos ou por um ingresso para ver filmes de sacanagem nas muitas lojas pornográficas que existem por aqui.” Tudo era novidade e tudo o emocionava, das gôndolas dos supermercados entupidas de supérfluos às obras de arte da National Gallery — onde Paulo chorou ao tocar com as próprias mãos a tela *A Morte e o Averno*, do holandês Hieronymus Bosch. Sim, porque, mesmo sabendo que tocar uma obra é considerado pecado capital em qualquer museu sério, ele não colocou os dedos apenas sobre o painel pintado por Bosch em 1485, mas em várias outras raridades. Parava diante da obra por alguns minutos, olhava para os lados e, quando tinha certeza de não estar sendo observado pelos guardas, sem nenhuma cerimônia cometia a heresia de espalhar os dez dedos sobre a pintura. “Toquei em Van Gogh, Gauguin, em Degas e senti algo crescer dentro de mim, sabe?”, revelou à namorada. “Estou crescendo aqui. Aprendendo muito.”

Nada, contudo, parece tê-lo impressionado tanto, na capital americana, como as visitas que fez a um museu militar e ao FBI. O primeiro, com grande número de itens sobre a participação dos Estados Unidos nas duas guerras mundiais, pareceu-lhe um lugar “aonde as crianças são mandadas para aprender a odiar os inimigos dos Estados Unidos”. Não só as crianças, a julgar por sua reação. Depois de percorrer todo o museu e ver aviões, foguetes e filmes sobre o poderio militar americano, saiu de lá “odiando os russos, querendo matar, matar, babando ódio”. No *tour* pelo FBI, guiado por um agente federal, viu o Museu dos Gângsteres, com roupas e armas originais usadas por bandidos famosos, como Dillinger, “Baby Face”, “Kelly Metralhadora” e outros, assim como bilhetes autênticos de reféns de grandes sequestros. No canto de uma sala espantou-se com uma luz piscando, sob a qual havia uma placa com os seguintes dizeres: “Cada vez que esta luz acende, um crime tipo A (assassinato, sequestro ou estupro) é cometido nos Estados Unidos”. O problema é que a luz acendia a cada três segundos. No estande de tiro, o agente se vangloriou de que no FBI só se atirava para matar. À noite, em carta pontilhada de exclamações, resumiria as emoções da visita:

Os sujeitos não erram um tiro! Atiraram de revólver e metralhadora e todos na cabeça dos alvos! Nenhum fora! E crianças! Crianças, meu amor, assistindo a tudo aquilo! Escolas inteiras no stand de tiro do FBI para verem como eles defendem a pátria! Que barra-pesada, meu amor! O agente me contou que as exigências para se entrar para o FBI são: altura não menor que 1,80 m, boa pontaria e permitir um vasculhamento total da vida pregressa. Nada mais. Não há nenhum exame de inteligência, só de pontaria. Estou no país mais adiantado do mundo, no país do conforto completo e da mais alta perfeição social. E por que acontecem estas coisas aqui?

Preocupado com sua imagem pública, no pé de quase todas as cartas Paulo insistia para que Christina não mostrasse seus escritos a ninguém. Podia revelar o conteúdo das cartas a quem quisesse, mas não exibi-las. “Elas são muito íntimas e sem a menor preocupação de estilo”, explicava. “Conta o que escrevo, mas não mostra.” Ao final da maratona de uma semana de visitas, comprou uma passagem de trem para Nova York, onde pretendia decidir que destino

tomar em seguida. A bordo de um confortável vagão vermelho e azul de segunda classe da empresa Amtrak, minutos depois de deixar a capital americana sentiu um arrepio ao saber que as casamatas de concreto com as palavras *fall-out shelter* pintadas em letras amarelas que via à beira da ferrovia eram abrigos à prova de radiação nuclear, para onde as pessoas deveriam se dirigir no caso de guerra atômica. Os maus pensamentos foram afastados por um cutucão no seu ombro quando o trem se preparava para a primeira parada, na cidade de Elizabeth, em Nova Jersey. Era o cobrador, fardado de azul e com uma bolsa de couro amarrada à cintura, que se dirigiu a ele:

— *Hi, guy, can you show me your ticket?*

Assustado e sem entender que era para mostrar a passagem, respondeu em português:

— Desculpe?

O sujeito parecia apressado e mal-humorado:

— *Don't you understand? I asked for your ticket! Without a ticket nobody travels in my train.*

Só então, tomado de profundo desânimo, Paulo percebeu que todo o esforço de Vera para convertê-lo num impecável anglófono tinha sido em vão. Sem ter a quem recorrer, descobriu que uma coisa era ler textos em inglês, e ainda assim com o auxílio da mulher ou de dicionários. Outra, bem diferente, era falar e, sobretudo, entender o que as pessoas falavam naquela língua. A desoladora verdade é que estava sozinho nos Estados Unidos e não conseguia pronunciar uma única, uma escassa palavra em inglês.

Sua impressão inicial de Nova York foi a pior possível. Ao contrário da limpeza e do colorido que estava habituado a ver nas telas dos cinemas e nos relatos dos livros, a cidade que desfilava pelas janelas do trem, assim que a composição atravessou o túnel do Brooklyn e entrou na ilha de Manhattan, pareceu-lhe infestada de mendigos e gente feia, malvestida e ameaçadora. Mas essa visão não o deprimiu. Pretendia ficar poucos dias na cidade e logo se despachar para o verdadeiro objetivo daquela viagem: o Grand Canyon, no Arizona, e os desertos mágicos do México, tão decantados na obra do guru Castañeda. As primeiras dicas de sobrevivência naquela selva lhe foram dadas ainda no trem pelo passageiro de origem hispânica que o socorrera no aperto com o bilheteiro. Como Paulo dispunha de apenas trezentos dólares e pretendia passar dois meses “varando os Estados Unidos de ponta a ponta”, a primeira providência seria trocar o trem, como meio de transporte, pelos ônibus da empresa Greyhound. Estes, sim, ele se lembrava de ter visto muitas vezes no cinema, rodando em estradas que cruzavam desertos com o elegante cão galgo pintado na lataria. Comprando um passe por 99 dólares, o passageiro adquiria o direito de viajar durante 45 dias para qualquer ponto onde houvesse uma linha da Greyhound, ou seja, mais de 2 mil cidades espalhadas pelos Estados Unidos, o México e o Canadá. E, se o plano era mesmo ficar dois meses passeando, o dinheiro restante o obrigaria a se hospedar num dos muitos albergues da Associação Cristã de Moços — Young Men’s Christian Association (YMCA) —, onde o pernoite saía por seis dólares, com café da manhã e jantar incluídos.

Bastaram dois dias, porém, para Nova York se encarregar de desfazer o desapontamento de que ele fora tomado ao chegar. Primeiro porque, embora os alojamentos da YMCA fossem pequenos — a metade de seu quarto na casa da avó — e não tivessem banheiro, tevê ou ar-condicionado, eram individuais e limpíssimos, com a roupa de cama trocada diariamente. O pessoal do atendimento era cortês e a comida servida no bandeirão não chegava a ser uma iguaria, mas era bem-feita e apetitosa. Não fosse o desconforto de ter que dividir um só banheiro com todos os demais hóspedes do corredor, Paulo seria capaz de morar no albergue por tempo indeterminado. O problema continuava sendo a língua. O inferno se repetia todos os dias, na hora de escolher a comida no refeitório. De bandeirão na mão e nervoso com a fila de hóspedes famintos e impacientes a apressá-lo, não havia meio de falar corretamente os nomes dos alimentos. Custou a entender que a pronúncia do nome do bife de carne moída não era *hambúrguer*, mas *râmbe’guer* (“*râm-ber’-guer! râm-ber’-guer!*”, repetia em voz alta o cozinheiro), que vegetal era *vég’tuibol* e não *vegetêibol*, como supunha, e *lettuce* (alface) não se pronunciava *lêitiuce*, mas *lére’ce*. O sufoco diminuiu quando Paulo aprendeu que o saboroso feijão servido pela YMCA chamava-se *poroto*. E como esta era uma palavra que pronunciava sem dificuldades, estava resolvido o problema: até pegar os truques do idioma, comeria apenas porotos, e estava muito bom.

Além da agradável hospitalidade do albergue, a atmosfera de tolerância e liberalidade de costumes que se respirava em Nova York em poucos dias o reconciliou com a cidade. Paulo descobriu que, assim como o sexo, a maconha e o haxixe estavam disponíveis nas ruas, sobretudo nas imediações da Washington Square, praça onde bandos de hippies vindos de todos os cantos varavam os dias tocando guitarra e desfrutando dos primeiros raios de sol da primavera. Certa noite chegou ao restaurante do albergue quando faltavam cinco minutos para as portas se fecharem. Mesmo com quase todos os lugares vazios, pegou sua bandeja e sentou-se diante de uma garota que parecia ter uns vinte anos, magrinha, de longos e alvos braços, vestida com aquele que parecia ser o traje oficial das hippies de todo o mundo — um vestido indiano de algodão multicolorido batendo nos pés. Ela retribuiu com um sorriso no rosto sardento, e Paulo, certo de que tinha inglês para um galanteio, avançou:

— *Excuse me?*

A moça não entendeu:

— *What?*

Ao perceber que era incapaz de pronunciar até mesmo um banal *excuse me*, ele relaxou e disparou a rir de si mesmo. A descontração facilitou a abordagem e às onze da noite o brasileiro e Janet — era esse o nome da garota — caminhavam juntos pelas ruas da cidade. Por mais que insistisse em saber o que a menina fazia, Paulo não conseguia entender o que significava a palavra *belêi*, o tal curso que ela fazia na universidade. *Belêi?* Mas o que era estudar *belêi*? Janet afastou-

se alguns metros, em um gesto teatral, e deu um salto para cima, com os braços abertos, girando o corpo em torno de si mesma. Saltitou nas pontas dos pés mais duas ou três vezes, sob os olhares curiosos dos passantes, e pousou delicadamente na sua frente, simulando a reverência de um súdito diante do rei. Então era isso! *Belêi* era balé, ela era bailarina! No fim da noite, a caminho do alojamento, no qual homens e mulheres dormiam em pavilhões separados, o casalzinho parou num desvão do prédio do Madison Square Garden para as despedidas. Entre beijos e abraços, Janet escorregou a mão abaixo da cintura de Paulo, por cima da calça jeans, mas logo interrompeu as carícias e sussurrou em seu ouvido, quase soletrando as palavras, para que ele entendesse:

— Já estive com outros rapazes antes, mas você... Wow! Você é o primeiro que tem o *dick* quadrado.

De novo em meio a gargalhadas, teve que explicar que não, ele não tinha o pênis quadrado. Para não deixar seus documentos no armário da YMCA, colocara todo o dinheiro e a passagem de volta ao Brasil dentro do passaporte de capa dura e guardara tudo num lugar supostamente seguro: dentro da cueca. E foi guiado pela mão da bailarina Janet — com quem passaria a fazer sexo regularmente, em recantos escondidos de parques e jardins — que conheceu um novo mundo chamado Nova York, com tudo o que a cidade tinha de culta e de louca no começo dos anos 70. Acompanhou passeatas de ativistas contra a Guerra do Vietnã, assistiu a concertos de música barroca no Central Park e ficou surpreso ao descer as escadarias sob o estádio e deparar com a Pennsylvania Station feericamente iluminada. “É uma estação de trens maior que a Central do Brasil, aí do Rio”, contou em carta à namorada, “só que inteiramente construída debaixo da terra”. Emocionou-se ao entrar no Madison Square Garden, “onde três meses atrás Cassius Clay foi derrotado por Joe Frazier”. Sua paixão pelo boxeador que adotaria o nome de Muhammad Ali era tal que Paulo não só acompanhava todas as lutas dele como costumava comparar suas mirradas medidas físicas às do gigante americano. Embora não tivesse data para voltar, o tempo parecia curto para usufruir de tudo o que Nova York oferecia a um jovem vindo de um país pobre e sob ditadura militar. Deslumbrado — ou desbundado, como dizia se sentir com a cidade —, viu tudo o que podia ver. Foi ao show de uma das maiores bandas americanas de rock, a Credence Clearwater Revival, assistiu ao thriller *Straw Dog*, dirigido por Sam Peckinpah com o ator iniciante Dustin Hoffman, viu peças de teatro em que os atores praticavam sexo explícito no palco. E quase perdeu o fôlego num cinema do Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova York, ao ver o documentário *Gimme Shelter*, filmado meses antes, durante a apresentação dos Rolling Stones no Festival de Altamont, na Califórnia. *Gimme Shelter* mostra as cenas em que o adolescente negro Meredith Hunter é morto a facadas diante das câmeras por um grupo de Hells Angels que fazia a segurança dos músicos ingleses. Quando conseguia algum tempo livre, tentava resumir nas cartas a voragem que estava experimentando:

Há bairros em que tudo — livros, jornais, anúncios — é escrito em chinês, outros em espanhol ou em italiano. Meu hotel hospeda uma fauna: homens de turbante, militantes dos Panteras Negras, indianas de roupa comprida, tudo acontece aqui dentro. Ontem à noite, ao sair do quarto, separei uma briga violenta entre dois velhos de sessenta anos! Os velhinhos se batiam pra valer! Ainda não te falei do Harlem, o bairro negro, mas é algo avassalador, desbundante. O que é NY? Acho que NY são as putas fazendo trottoir ao meio-dia no Central Park, é o edifício onde “O Bebê de Rosemary” foi filmado, é o lugar onde “West Side Story” foi filmado.

Antes de fechar os envelopes, salpicava as margens das cartas com melosas declarações de amor (“adorada, amada, mulher admirável” ou “vou te telefonar mesmo que tenha que ficar sem comer um dia só para ouvir a tua voz durante um minuto”) e algumas mentiras como “não se preocupe com qualquer traição de minha parte”, e “pode confiar irrestritamente em mim”. O fato é que, ao cabo de duas semanas de tórrida lua de mel com a maior cidade americana, Paulo estava convencido de pelo menos duas limitações: nem seu inglês tartamudo nem suas economias seriam suficientes para realizar o plano de passear solitariamente durante dois meses pelos Estados Unidos. A questão do dinheiro poderia ser contornada com a meia-sola sugerida por Janet: utilizar o bilhete da Greyhound apenas em viagens noturnas e de duração superior a seis horas, o que permitiria transformar o ônibus em dormitório. O problema da língua, porém, parecia insolúvel. Seu vocabulário ginasiano até daria para satisfazer as necessidades básicas, como dormir e comer, mas Paulo sabia que a viagem perderia o encanto se não entendesse corretamente o que os outros diziam. Entre voltar para o Brasil e pedir socorro, optou pela alternativa mais cômoda: fez uma chamada telefônica a cobrar para a casa da tia, em Washington, e convidou o primo Sérgio, que falava inglês fluentemente, para seguir viagem em sua companhia. Dias depois, os dois rapazes,

de mochila nas costas e usando os ônibus da Greyhound como hotel, partiam em direção a Chicago, primeiro estirão rumo ao Grand Canyon, no coração do Arizona, a mais de 4 mil quilômetros de Manhattan — um lugar tão distante que os relógios de lá marcavam duas horas menos que os de Nova York.



Passagens da viagem *easy rider* pelos Estados Unidos. No alto, Paulo e Janet: “Você tem o *dick* quadrado?”.

Os únicos registros desse período são as cartas enviadas a Christina, e chama a atenção a ausência de qualquer referência ao companheiro, que, afinal, estava salvando sua viagem. Não é um lapso, porque, além de ignorar a presença de Serginho, Paulo dizia à namorada que viajava sozinho. “Talvez deixe a máquina com vovô durante a viagem”, escreveu, “porque estou sozinho e não posso bater fotos de mim mesmo, e gastar foto com paisagem é melhor comprar cartão-postal.” Como tentava dar à viagem o caráter de uma aventura que exigia coragem, ele deixa a impressão de querer se exibir para a namorada dizendo estar sozinho naquela maratona. Qualquer que fosse a razão da omissão, a verdade é que dali em diante o primo evaporaria misteriosamente das cartas, sempre escritas na primeira pessoa.

Com o dinheiro contado, todos os gastos eram registrados por Paulo num pedaço de papel com os valores em dólares e na moeda brasileira: um maço de cigarros, 60 cents (3 cruzeiros), um hambúrguer, 80 cents, um bilhete de metrô, 30 cents, uma entrada de cinema, 2 dólares. Cada vez que perdiam o ônibus noturno da Greyhound o caixa era desfalcado em 7 dólares, preço da diária nos mais modestos hotéis de beira de estrada. O banho de civilização e barbárie tomado em Nova York o deixara tão chocado — baratinado, foi a expressão usada por ele — que custou a se ambientar nos estados caipiras do Meio-Oeste. “Depois de NYC fica pouca coisa para dizer”, lamentou-se com Christina em uma carta de garranchos rabiscados dentro do ônibus em movimento. “Escrevo apenas porque estou com muita saudade da minha mulher.” As demais cidades por onde passavam mereceriam apenas registros superficiais na correspondência. De Chicago ficou a impressão de ser a cidade “mais fria” da viagem, até então. “As pessoas são completamente neuróticas, de uma agressividade total e incontrolável. É a cidade do trabalho sério.”

	Ali	Norton	EU
Idade	34	31	39
Peso	99,7 kg	97,51 kg	64
Altura	1,90 m	1,90 m	1,69
Tórax (normal)	1,11 m	1,14 m	88 cm
Tórax (dilatado)	1,76 m	1,22 m	96 cm
Envergadura	2 m	2 m	1,72 m
Biceps	38,1 cm	40,6 cm	29 cm
Antebraço	34,3 cm	33 cm	29 cm
Cintura	94 cm	83,8 cm	82 cm
Coxa	66 cm	63,5 cm	69 cm
Barriga da perna	43,2 cm	39,4 cm	34 cm
Punho	33 cm	33 cm	26 cm
Tornozelo	24,1 cm	25,4 cm	14 cm
Pulso	20,3 cm	20,3 cm	14 cm
Pescoço	44,4 cm	44,4 cm	37 cm

Paulo compara suas próprias medidas físicas às dos pesos-pesados Muhammad Ali e Ken Norton.

Depois de passarem cinco dias na estrada, os olhos de Paulo brilharam ao aparecer na janela empoeirada do ônibus uma placa rodoviária que indicava: “Cheyenne — 100 milhas”. Situada no estado de Wyoming, na fronteira com o Colorado, no miolo do Oeste americano, aquela era uma cidade que ele parecia conhecer desde criança. Paulo lera tantos livros e revistas e vira no cinema tantos westerns ambientados em Cheyenne que se sentia capaz de reconstituir, de memória, os nomes das ruas, hotéis e saloons onde se passavam as aventuras de caubóis e peles-vermelhas. O espanto ao ver a placa rodoviária vinha do fato de que ele não sabia que a cidade existia de verdade. Na sua cabeça, Cheyenne era uma fantasia indígena da qual haviam se apropriado os autores dos livros, filmes e quadrinhos com histórias do faroeste que lera e vira na infância e na adolescência. Embora não devesse esperar o contrário, foi com desolação que descobriu que, se ainda havia caubóis na cidade — de botas de salto carrapeta, chapelões, cintos com cabeças de touros reproduzidas nas fivelas e revólveres na cintura —, estes agora se locomoviam em Cadillacs conversíveis. Os únicos rastros da Cheyenne que vira em *O Grande Combate*, clássico western de John Ford, eram as diligências utilizadas por uma comunidade local do grupo Amish — seita cristã conservadora sediada no Canadá e nos Estados Unidos que proíbe o uso de modernidades como elevadores, telefones e automóveis. Mas sua grande decepção foi descobrir que a velha e empoeirada Pioneer Street, local preferido pelos caubóis para os duelos nos finais de tarde da mítica Cheyenne, tinha sido transformada em uma movimentada avenida de quatro pistas asfaltadas e onde se concentravam dezenas de lojas de bugigangas eletrônicas. Antes de tomar o ônibus rumo ao Arizona, onde fica o Grand Canyon, Paulo comprou o único souvenir que seu dinheiro permitia: um diploma de fora da lei assinado pelo legendário bandido Jesse James.

Da região em que os dois se encontravam, o caminho natural para o Grand Canyon era descer cerca de mil quilômetros em direção ao sudoeste e cruzar o Colorado e um pedaço do Novo México até entrar no estado do Arizona. Mas, como ambos queriam conhecer o Parque Nacional de Yellowstone, e na ânsia de utilizar até o último centavo do passe da Greyhound, embicaram no sentido contrário, rumo ao norte. Ao saber que o ponto mais próximo do parque servido por aquela linha era a cidade de Idaho Falls, a trezentos quilômetros de Yellowstone, Paulo fez duas

extravagâncias seguidas: primeiro dissipou trinta dólares no aluguel de um carro. E depois, como ainda não conseguira tirar a carteira de motorista, traumatizado com o atropelamento de Araruama, mentiu na locadora e apresentou sua credencial do Sindicato dos Atores do Rio como se aquela fosse a habilitação brasileira para dirigir. Mesmo sabendo dos riscos de prisão que corria se fosse parado por um guarda rodoviário, rodou o dia inteiro entre as geleiras do parque e os gêiseres que esguichavam água quente e enxofre sobre a neve, e viu ursos e veados atravessando a pista. De noite, voltaram para devolver o veículo e trataram de procurar logo um ônibus da Greyhound onde pudessem se esconder do frio. Embora fosse alto verão e os dois tivessem experimentado temperaturas de até 38 graus, o frio no lugar onde estavam, a duas horas da fronteira com o Canadá, era tão insuportável que o ar-condicionado do carro parecera insuficiente para aquecer o ambiente. Como nenhum dos dois tinha roupa adequada para temperaturas tão baixas, ao chegarem à estação rodoviária de Boise, capital de Idaho, correram ao guichê da Greyhound para saberem a que horas partia o próximo ônibus noturno. Para onde? Para qualquer lugar onde não fizesse tanto frio. E, se o único destino com assentos disponíveis àquela hora era San Francisco, na Califórnia, era para lá mesmo que iriam.

No meio da noite, quando o ônibus atravessava o deserto de Nevada, ele escreveu uma carta para Christina vangloriando-se de haver enganado o funcionário da locadora com a carteira falsa, mas arrependido porque o gasto supérfluo com o aluguel do carro tinha “estourado o orçamento”. E contou também ter descoberto a origem do fortíssimo cheiro de uísque que empesteara os ônibus da Greyhound: “Todo mundo aqui anda com sua garrafinha no bolso. Bebe-se muito nos Estados Unidos”. A carta é interrompida no meio e retomada horas depois:

Eu ia direto para San Francisco, mas descobri que o jogo em Nevada é livre e passei a noite aqui. Eu queria jogar e ver como jogam. Não fiz nenhum amigo no cassino, todos estavam preocupados demais em jogar. Acabei perdendo cinco dólares nas jackbox, as maquininhas de apostas em que a gente puxa uma alavanca, sabe qual é? Ao meu lado está sentado um cowboy, de botas, chapéu e lenço tal qual nos filmes. Aliás, o ônibus inteiro está cheio de cowboys. Estou no Farwest rumo a San Francisco, aonde devo chegar às onze da noite. Daqui a sete horas terei terminado de cruzar o continente americano, coisa que poucas pessoas fizeram.

Ao chegarem à cidade, esgotados após 22 dias de viagem, os primos se registraram em um albergue da YMCA e passaram o dia inteiro dormindo, na tentativa de se recuperarem das mais de cem horas espremidos dentro de ônibus. Berço do movimento hippie e das manifestações de protesto de 1968, San Francisco provocou em Paulo um impacto tão grande quanto Nova York. “Esta cidade é muito mais livre que NYC. Entrei em um cabaré de alto luxo e vi mulheres nus fazendo amor com homens no palco, na frente dos americanos ricos com suas esposas”, contou, excitado e lamentando não ter podido ver tudo. “Entre rapidamente e vi um pedacinho, mas, como não tinha dinheiro para sentar, um sujeito me pôs para fora.” Espantou-se ao ver adolescentes adquirindo e consumindo comprimidos de LSD à luz do dia, comprou haxixe no bairro hippie — e fumou o baseado na rua, sem ser importunado por ninguém —, participou de manifestações contra a Guerra do Vietnã e viu uma passeata pacifista de monges budistas ser desfeita a golpes de cassetete por uma gangue de jovens negros. “Respira-se um ar de loucura completa nas ruas desta cidade”, resumiria ele em carta dirigida a Christina. Após cinco dias de “baratino total” naquela disneylândia *underground* em que se convertera a cidade, os primos embarcaram de novo num ônibus rumo ao Grand Canyon. Desceram no meio do caminho, em Los Angeles, mas, como a parada coincidiu com o feriado de 4 de Julho, dia da Independência dos Estados Unidos, o que deixou a cidade às moscas, acabaram ficando poucas horas lá. “Não tem nada aberto, e encontrar um lugar para tomar café foi um custo”, lamentou. “O famoso Hollywood Boulevard era um deserto completo, sem ninguém nas ruas, mas deu para ver que tudo aqui é extremamente luxuoso, até o bar mais vagabundo.” E, como o custo de vida em Los Angeles parecia incompatível com o bolso de mochileiros, nem sequer pernотaram na cidade. Tomaram outro ônibus e 24 horas depois de terem saído de San Francisco estavam chegando à cidade de Flagstaff, porta de entrada para o Grand Canyon.

Tão impressionantes quanto a beleza daquele desfiladeiro em cujo fundo corriam as águas barrentas do rio Colorado eram os preços extorsivos de hotéis e restaurantes, quase iguais aos das grandes cidades americanas. Como não havia albergues da YMCA na região, compraram uma barraca de náilon — o que provocou um buraco de dezenove dólares no esquelético caixa — e passaram a primeira noite em um acampamento de hippies, onde havia pelo menos a garantia de haxixe gratuito. Assim que despontou o sol, eles desarmaram a barraca, encheram as mochilas

com garrafas de água e comida enlatada e saíram a pé em direção ao Grand Canyon. Caminharam sob sol forte durante todo o dia e quando decidiram parar, exaustos e famintos, descobriram que estavam no ponto mais largo da fenda — que ali mede vinte quilômetros de uma margem à outra — e também no mais profundo: entre eles e o leito do rio a profundidade era de 1.800 metros. Montaram a barraca, fizeram uma pequena fogueira para esquentar as latas de sopa e, derrubados pelo cansaço, caíram no sono, só despertando com a primeira luz do sol, no dia seguinte.

Quando Serginho propôs que descessem até o rio Colorado, Paulo se assustou. Como não havia absolutamente ninguém ali além dos dois, temia que estivessem em uma trilha pouco utilizada por turistas e se enfrentassem alguma dificuldade não teriam a quem pedir ajuda. Serginho, contudo, estava decidido: se Paulo não se animasse, desceria sozinho. Enfiou a tralha na mochila, pendurou-a nas costas e começou a descer, sob protestos do primo, que gritava, tentando demovê-lo:

— Serginho, o problema não é a descida, mas a volta! Vai fazer muito calor e teremos que subir o equivalente à escadaria de um prédio de quinhentos andares! E debaixo de sol!

Nada feito, o primo nem se virou para ouvi-lo. Não havia remédio senão pegar a própria mochila e descer também, seguindo os passos dele, que se encontrava uns cem metros à sua frente. A beleza do lugar afugentou os maus presságios. O Grand Canyon assemelhava-se a uma ferida de 450 quilômetros de extensão aberta em um deserto de areias vermelhas, no fundo da qual corria o que parecia ser um minúsculo filete de água. Na verdade tratava-se do caudaloso rio Colorado, que nasce nas montanhas Rochosas, no estado do Colorado, e flui por mais de 2.300 quilômetros até desaguar no mar de Cortez, no México, trajetória em que corta mais seis estados americanos (Arizona, Califórnia, Nevada, Utah, Novo México e Wyoming). Estar ali dentro era mesmo uma emoção indescritível. Depois de caminhar umas cinco horas, Paulo parou, extenuado, e sugeriu ao primo que encerrassem a aventura e comessem a subir de volta:

— Nós mal jantamos ontem, não tomamos café da manhã direito e até agora não almoçamos. Dá uma olhada para cima e vê a distância que teremos que subir.

O outro, porém, mostrou-se irredutível:

— Então você fica me esperando aqui, porque eu vou descer até a margem do rio.

E continuou a caminhar. Paulo achou uma sombra para se sentar, fumou um cigarro, desfrutou o esplendor da paisagem sob silêncio absoluto e ao olhar o relógio viu que era meio-dia. Desceu alguns metros tentando localizar Serginho, mas não conseguiu vê-lo. Aliás, nem ele nem ninguém: até onde a vista podia alcançar não havia sinal de nenhum ser vivente. Nem um turista, nem moradores da região, não havia ninguém num raio de muitos, muitos quilômetros. Percebeu que se descesse mais um pouco chegaria a uma platibanda rochosa de onde teria uma visão panorâmica do lugar. O problema é que nem de lá era possível localizar o primo. Começou a gritar o nome dele, com as mãos em concha. Gritava, ficava alguns instantes em silêncio, esperando a resposta, voltava a gritar e nada. Sua voz ecoava pelas paredes de pedra vermelha, mas não havia sinal do outro. Estava na cara que os dois haviam escolhido uma trilha inóspita e pouco frequentada. Do medo para o pânico foi um pulo. Sentindo-se absolutamente indefeso e sozinho naquele fim de mundo, entrou em parafuso. “Vou morrer aqui”, repetia em voz alta:

— Vou morrer. Não vou conseguir. Não vou sair daqui. Vou morrer aqui, diante dessa natureza maravilhosa.

Paulo estava ciente de que àquela hora, no alto verão, as temperaturas na região do Grand Canyon costumavam passar dos cinquenta graus centígrados. A água tinha acabado e nada indicava que pudesse haver alguma bica no meio daquele deserto. E, na verdade, ele nem sabia mais onde estava, tal o emaranhado de trilhas que se confundiam umas com as outras. Passou a gritar por socorro, mas não aparecia ninguém, nem ele ouvia nada além do eco da própria voz. Já passava das quatro da tarde. Desesperado para encontrar o primo, começou a descer correndo, cambaleante, em direção ao rio, mesmo sabendo que cada passo para baixo significava que teria de subir aquilo de volta. O sol queimava seu rosto quando topou com um sinal de civilização. Chumbada numa rocha havia uma placa de ferro com um botão vermelho e uma advertência escrita em alto-relevo: “Se você está perdido, aperte o botão vermelho e será resgatado por helicópteros ou mulas. Você pagará uma multa de US\$ 500”. Restavam-lhe apenas oitenta dólares — o primo devia ter outro tanto no bolso —, mas a descoberta da placa lhe dava duas certezas: eles não tinham sido os primeiros a fazer a besteira de pegar aquele caminho e o risco de morrerem ali estava afastado. Mesmo que isso custasse alguns dias de cadeia até que os pais enviassem o dinheiro da multa. Antes, porém, Paulo tinha que achar Serginho. Desceu mais algumas dezenas de metros, sem nunca perder de vista o botão vermelho, único referencial visível, e depois de uma curva deu com um belvedere natural sobre o qual estava aparafusada

uma luneta de ferro com uma fenda lateral para moedas. Enfiou 25 cents, a lente se abriu e ele passou a varejar as margens do rio, à procura do companheiro de viagem. Lá estava ele: encolhido à sombra de uma pedra e aparentemente tão estropiado quanto Paulo, Serginho dormia a sono solto. Era noite fechada quando os dois chegaram a Flagstaff, onde tinham sido deixados pelo ônibus dois dias antes. Estavam moídos de cansaço e com a pele inchada por queimaduras de sol, mas vivos. Depois daquele dia extenuante, a perspectiva de dormir mais uma noite no camping dos hippies era tão desanimadora que Paulo arriscou uma sugestão:

— Acho que merecemos duas coisas hoje: jantar em restaurante e dormir em hotel.

Encontraram um motel confortável e barato, deixaram as mochilas e entraram no primeiro restaurante, onde cada um pediu o seu *t-bone steak* — um generoso bife que mal cabia no prato e custava dez dólares, o mesmo valor da diária. Ambos estavam jogando dinheiro fora. O mal-estar causado pelo sol os deixara sem ânimo nem forças sequer para pegar nos talheres. Como o apetite era grande, comeram apressadamente até raspar os pratos, e cinco minutos depois estavam no banheiro, vomitando o jantar mal digerido. Voltaram ao motel e desabaram nas camas para a última noite que passariam juntos naquela viagem: no dia seguinte Serginho voltaria para a casa dos pais, em Washington, e Paulo seguiria para o México.

Embora estivesse chegando ao fim sem nenhum atropelo mais grave, a viagem aos Estados Unidos guardava alguma semelhança com a que Paulo fizera com Vera, Kakiko e Arnold ao Paraguai, dois anos antes. Na primeira ele se dispusera a rodar quase 2 mil quilômetros de carro para assistir a um jogo do Brasil, e ao chegar a Assunção nem se importara com o fato de que os ingressos para a partida estavam esgotados. Desta vez o que o motivara a aceitar a oferta da mãe tinha sido a possibilidade de peregrinar pelos misteriosos desertos que haviam inspirado o bruxo Castañeda — e no entanto Paulo, entretido por tanta novidade, se esquecera inteiramente disso. E agora, com dores por todo o corpo, em consequência da aventura no Grand Canyon, e com o dinheiro cada dia mais curto, a tentação de voltar para o Brasil era grande. Como, porém, o prazo de validade do passe da Greyhound ainda lhe dava alguns dias de franquia, seguiu em frente, tal qual planejara originalmente. Habitado à abundância americana, durante os cinco dias em que esteve no México Paulo scandalizou-se com a miséria exposta nas ruas, como no Brasil. Experimentou todos os xaropes de cogumelos e chás de cactos alucinógenos que pôde e quando não lhe restava mais um tostão tomou um ônibus para Nova York — dentro do qual passou mais três dias — e embarcou de volta para o Brasil.

“O governo tortura e eu tenho medo da tortura, tenho medo da dor. Meu coração está batendo depressa demais”

Refeito da viagem, uma semana depois de voltar ao Brasil Paulo ainda não decidira o que fazer da vida. A única coisa certa é que não voltaria mais para a Faculdade de Direito, abandonando o curso na metade do primeiro ano. Continuava a frequentar as aulas do curso de Direção na Faculdade de Filosofia do Estado da Guanabara (Fefieg), que seria a futura Universidade do Rio de Janeiro (UniRio), e tentava de todas as maneiras publicar seus textos em jornais cariocas. Fruto de sua própria experiência, escreveu um artigo sobre a liberalidade com que as drogas eram tratadas nos Estados Unidos e enviou-o à publicação mais em voga na época, o semanário humorístico *Pasquim*, que se tornaria influente veículo de oposição à ditadura. Prometeu a São José acender quinze velas em seu louvor se o texto fosse publicado e toda quarta-feira era o primeiro a chegar à banca de jornais da esquina de casa. Folheava o tabloide avidamente e o devolvia à pilha, macambúzio. Só depois de três semanas entendeu que o artigo fora rejeitado. Mesmo sentidas como bofetadas que o deixavam dias e dias mortificado, essas recusas não eram suficientes para sepultar o velho sonho de se tornar um escritor. Ao perceber que o silêncio do *Pasquim* era um sonoro não, Paulo fez uma curiosa anotação no diário. “Tenho refletido sobre os problemas da fama e concluí que a sorte não tem pintado”, choramingou, para logo concluir, profético: “Mas é bom que não tenha pintado. Quando estourar, estoura de vez”. O problema é que, enquanto não estourasse, ele precisava ganhar a vida.

Fazer teatro continuava sendo prazeroso, mas o dinheiro das bilheteiras costumava ser insuficiente até para pagar as despesas com a encenação. Isso acabou levando-o a aceitar um convite para dar aulas em um cursinho privado que preparava alunos para o vestibular do curso de teatro da Fefieg, atividade que em nada contribuía para seus planos futuros, mas não lhe tomava muito tempo e garantiria um salário mensal de 1.600 cruzeiros — o equivalente em 2008 a cerca de seiscentos reais.

No dia 13 de agosto de 1971, uma sexta-feira, pouco mais de um mês depois de voltar dos Estados Unidos, Paulo atendeu uma chamada telefônica de Washington com uma notícia terrível: o avô Arthur Araripe acabara de falecer. O Mestre Tuca sofrera traumatismo craniano ao cair de uma escada na casa da filha, em Bethesda, onde estivera hospedado, e morrera no ato. Chocado com a notícia, sentou-se e ficou alguns minutos em silêncio, tentando colocar as ideias no lugar. Uma das últimas imagens que guardava dele, sorridente e de boina na cabeça, ao chegarem ao aeroporto de Washington, parecia fresca demais para aceitar o fato de que o velho estava morto. Paulo tinha a nítida impressão de que se saísse na varanda encontraria lá o Mestre Tuca cochilando de boca aberta sob as páginas da revista *Seleções*. Ou, como adorava fazer, provocando o neto hippie com suas ideias reacionárias e preconceituosas, tais como dizer que Pelé era “um crioulo boçal” e Roberto Carlos, “um gritador histérico”. Ou defender todos os ditadores de direita, a começar do português Salazar e do espanhol Franco (nessas ocasiões o dr. Pedro costumava se animar com a conversa e insistir em que “qualquer analfabeto” era capaz de pintar como Picasso ou tocar guitarra como Jimi Hendrix). Ao contrário de se irritar, Paulo morria de rir com os exageros do avô teimoso, que, apesar de todo o conservadorismo, e talvez por ter sido boêmio na juventude, era o único na família a respeitar e entender os amigos estranhos com quem andava. O convívio de tantos anos, aprofundado nos exílios na edícula, acabara fazendo de Mestre Tuca um segundo pai para Paulo. Um pai generoso e tolerante, o oposto do verdadeiro, o duro e irascível dr. Pedro. Era por tudo isso que a inesperada morte do avô se tornava ainda mais dolorosa, e a ferida aberta pela perda levaria tempo para cicatrizar.

Ele continuou dando aulas no pré-vestibular e frequentando o curso de teatro, no qual também começava a colocar defeitos. “No primeiro ano da escola o aluno aprende a ser picareta e a usar o prestígio pessoal para conseguir o que quer”, escreveu no diário. “No segundo ano o aluno perde o senso de organização que tinha antes e no terceiro acaba virando bicha.” Sua proverbial paranoia atingiu níveis insuportáveis quando soube que o detetive Nelson Duarte, acusado de ser do Esquadrão da Morte, circulava pela Escola Nacional de Teatro em busca de “maconheiros e comunistas”. Em uma de suas investidas, o policial foi enfrentado por uma mulher valente, a professora e fonoaudióloga Glória Beutenmüller, que o recebeu de dedo em riste:

— Aluno meu usa o cabelo do tamanho que quiser — e, se for preso, só sai daqui arrastado. Protegido pelo sigilo do diário, Paulo protestava solitariamente contra as arbitrariedades:

O Nelson Duarte ameaçou de novo alunos e professores que usam cabelos compridos, e a escola baixou um decreto proibindo a entrada de cabeludos. Hoje nem fui à aula pois ainda não havia resolvido se cortava ou não. Isso me afetou profundamente. Cortar os cabelos, não usar colares, não se vestir como hippie... É inacreditável. Com este diário estou fazendo um verdadeiro arquivo secreto da minha época. Um dia publicarei tudo. Ou guardarei tudo numa urna à prova de radiação e com um código fácil de decifrar, para que alguém um dia leia o que escrevi. Pensando bem, estou achando meio grilante guardar este caderno.

Ele já havia deixado abundantes registros de que não compartilhava das ideias de muitos dos amigos de esquerda que se opunham à ditadura. Afirmações como “não adianta acabar com isto e colocar o comunismo, que seria a mesma merda”, ou “pegar em armas nunca foi solução para nada” salpicavam o diário aqui e ali. Mas o país vivia o ápice da repressão à luta armada e os arrastões acabavam atingindo até meros simpatizantes e seus amigos. Mesmo censuradas nos jornais, as notícias de violências do governo contra oposicionistas acabavam chegando a seus ouvidos, e a sombra dos órgãos de segurança parecia cada dia mais próxima. Um amigo fora preso pelo Dops só porque renovara o passaporte para viajar ao Chile, na época governado pelo socialista Salvador Allende. Um ano antes Paulo achou que ia infartar de susto ao ler nos jornais que uma antiga paquera sua, a bela Nancy Unger, fora baleada e presa em Copacabana ao resistir à prisão a tiros. Agora acabava de saber que Nancy tinha sido banida do Brasil com mais 69 presos políticos, trocados pelo embaixador suíço Enrico Giovanni Bucher, que fora sequestrado por um comando da Vanguarda Popular Revolucionária. No fim sobrava até para quem não estava na resistência armada. Perseguido pela censura, o compositor Chico Buarque de Holanda se autoexilara na Itália. Os baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso tiveram a cabeça raspada em um quartel do Exército do Rio e depois se exilaram em Londres. Aos poucos Paulo foi se enchendo de ódio contra os militares, mas nada que o fizesse superar o medo e abrir o bico, dizendo publicamente o que pensava. Atordoado por não conseguir fazer nada contra um regime que estava torturando e matando gente, entrava em depressão.

Em setembro de 1971, o Exército cercou e matou, no sertão da Bahia, o capitão Carlos Lamarca. Ao ler trechos do diário do guerrilheiro morto divulgados pela imprensa, Paulo redigiu um longo e amargo desabafo que reproduz com fidelidade as contradições em que se debatia. E confessou mais uma vez que evitava tratar de política no diário por uma única razão: medo. Não que tivesse qualquer culpa no cartório. “Minha jogada é outra”, esclarecia, “acho política e guerrilha duas coisas terrivelmente furadas.” Ia às passeatas mais por diversão do que por convicção e, embora fosse contra o que acontecia no Brasil, não queria nem ouvir falar em comunismo. “Acho mesmo que se o país hoje fosse comuna, a barra ia estar tão ruim como está agora.” Mas como não protestar diante do que acontecia à sua volta? E era sozinho, trancado no quarto, que chorava as mágoas:

Vivo num clima terrível, TERRÍVEL! Não suporto mais as conversas que surgem toda hora a respeito de prisões e torturas. Não há mais liberdade no Brasil Meu campo está sob uma censura idiota e filha da puta.

Li o diário de Lamarca. Eu o admirava apenas porque lutava por suas ideias, nada mais. Hoje, porém, vendo os comentários aviltantes que a imprensa faz, me deu vontade de gritar, de berrar. Fiquei realmente puto. E descobri no seu diário um grande amor por alguém, um amor poético e cheio de vida, que o jornal chama de “dependência do terrorista por sua amante. Descobri um homem cheio de autocrítica, hiper-honesto consigo mesmo, apesar de lutar por uma ideia que considero errada.

O governo tortura e eu tenho medo da tortura, tenho medo da dor. Meu coração está agora batendo depressa demais, porque estas linhas são comprometedoras. Mas eu tenho que escrever, está tudo uma merda.

Todas as pessoas que conheço já estiveram presas ou já levaram porrada. E ninguém tinha nada com nada.

Eu sempre acho que um dia vão dar uma batida neste quarto e pegar este caderno. Mas são José me protege. Agora que estas linhas estão escritas sei que vou viver sobressaltado, mas eu não podia continuar assim, precisava desabafar. Vou escrever à máquina porque é mais rápido. É preciso ser rápido. Quanto mais cedo este caderno sumir do meu quarto, melhor. Tenho muito medo da dor física. Tenho medo de tornar a ser preso como já fui. E não quero que isso aconteça nunca mais, por isso procuro não pensar sequer em política. Eu não poderia resistir. Mas eu vou resistir. Até hoje, dia 21 de setembro de 1971, eu tinha medo. Mas hoje é um dia histórico — ou talvez sejam apenas algumas horas históricas. Estou me libertando da cadeia

que eu mesmo construí, graças a todo o mecanismo Deles.

Foi muito difícil para mim escrever estas linhas. Eu repito isto para que nunca me iluda, quando reler este diário em lugar seguro, daqui a uns trinta anos, a respeito do tempo em que estou vivendo. Mas agora mixou. Os dados estão lançados.

Mas Paulo sabia que sua oposição ao regime jamais sairia do papel, e isso o empurrava de novo para as sufocantes crises de depressão e solidão. Passava os dias trancado no quarto dos fundos da casa da avó, fumando maconha e tentando iniciar o tão sonhado livro. Ou pelo menos uma peça de teatro, um ensaio. Bloquinhos cheios de ideias para qualquer um desses gêneros estavam ali, à mão, mas faltava alguma coisa — disposição? inspiração? — e chegava aos fins de tarde sem ter produzido uma linha. Dava três horas de aulas no cursinho e ia para a faculdade. Entrava, conversava com um e outro, e, como estava achando aquilo cada vez mais chato, acabava sozinho num bar da esquina da escola, tomando café, fumando um Continental com filtro atrás do outro e enchendo folhas de cadernos com anotações. Foi numa dessas noites que a moça apareceu, de minissaia, botas de cano alto e farta cabeleira negra cujas pontas escorriam ombros abaixo. Sentou-se a seu lado no balcão do bar, pediu um café e puxou conversa. Era a arquiteta recém-formada Adalgisa Eliana Rios de Magalhães, a Gisa, mineira de Alfenas e dois anos mais velha que Paulo. Trocara Minas pelo Rio para estudar na Universidade Federal e agora ganhava a vida fazendo projetos para o Banco Nacional da Habitação, mas gostava mesmo era de desenhar histórias em quadrinhos. Magra como as modelos de passarelas, Gisa tinha um rosto exótico em que contrastavam os melancólicos olhos negros e a boca de lábios carnudos e sensuais. Eles conversaram por algum tempo, trocaram telefones e se despediram. De novo qual uma raposa diante das uvas, ao chegar em casa Paulo enterrou com breves palavras qualquer chance de que aquele encontro rendesse algo mais: “É feia e sem sex-appeal”.

Ao contrário dele, e sem que Paulo jamais viesse a saber disso, Gisa fora ativa militante de oposição ao regime militar. Nunca participara de ações armadas nem de nada que envolvesse risco de vida — o que no jargão da repressão significava ser uma *subversiva*, não uma *terrorista*. Desde que passara a frequentar o primeiro ano de arquitetura, em 1965, perambulou por células de várias agremiações clandestinas de esquerda infiltradas no movimento estudantil. Pela porta do diretório acadêmico entrou primeiro para o Partido Comunista Brasileiro, o PCB ou Partidão, onde sua função era panfletar as assembleias estudantis com exemplares do tabloide *Voz Operária*. Saiu do Partidão junto com a Dissidência da Guanabara, organização que em 1969 mudaria de nome para Movimento Revolucionário 8 de Outubro, ou apenas MR-8, um dos grupos responsáveis pelo sequestro do embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick. Embora nunca tivesse sido mais do que uma militante de base, Gisa era atuante. Além do trabalho de panfletagem, participara das duas ocupações da Faculdade de Medicina, fizera cursos de leitura de *O Capital*, de Karl Marx, estava no grupo que invadiu e ocupou por várias semanas o restaurante da Faculdade de Arquitetura e era encarregada de encartar, em todos os números da revista *Arquitetura*, uma publicação legal, uma página solta contendo pregação marxista. Em duas ocasiões representou organizações políticas em congressos do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) realizados em São Paulo e ajudou a arregimentar estudantes para as assembleias e manifestações que haviam tomado o Rio em 1968, a começar da passeata de protesto pela morte do estudante Edson Luiz de Lima Souto, em março, e da mais famosa delas, a Passeata dos Cem Mil, em junho.

Quando conheceu Paulo Coelho, Gisa estava namorando um jovem arquiteto pernambucano, também formado no Rio, chamado Marcos Paraguassu de Arruda Câmara. Mais do que mero militante, Marcos era filho de Diógenes de Arruda Câmara, membro da alta direção do Partido Comunista do Brasil, o PC do B. Tido como stalinista duro, “Arrudão”, como era conhecido, estava preso no Rio desde 1968, quando retornara ao Brasil depois de quatro anos de exílio na então Tchecoslováquia com a família — o filho inclusive. Nesse mesmo ano, Marcos fora preso pelo Dops quando representava o PC do B no congresso da UNE em Ibiúna. Naquele final de 1971, enquanto Marcos redigia os manifestos que Gisa se encarregava de distribuir, o pai dele, da cela em que se encontrava preso, no 2º Batalhão de Cavalaria do Exército, despachava militantes para a Amazônia com instruções de montar a primeira base daquela que se transformaria na mais dramática aventura da história do partido: a guerrilha do Araguaia.

Apesar do desdém com que Paulo a tratara após o primeiro encontro, os dois voltaram a se ver todas as noites no barzinho ao lado da escola de teatro. Uma semana depois, ele a acompanhou até a porta do prédio em que ela vivia com o irmão José Reinaldo, na praia do Flamengo. A moça o convidou para subir ao apartamento, onde ouviram música e fumaram maconha até tarde. Ao enfiar a chave na porta para entrar em casa, às duas da manhã, o irmão os flagrou nus, deitados

no tapete da sala. Não fazia um mês que os dois haviam se visto pela primeira vez quando Gisa terminou o romance com Marcos Paraguassu: ela e Paulo tinham decidido viver juntos. Para que a união pudesse se materializar, o casal teve de esperar mais três semanas, tempo que ela levou para desalojar o irmão que hospedava em seu pequeno apartamento. Na primeira noite passada sob o mesmo teto, Paulo propôs que os dois se casassem na véspera do Natal, dali a um mês e meio. Gisa aceitou, a despeito de ter estranhado um pouco a rapidez com que ele se mudou de mala e cuia para sua casa — e de achar muito estranho o hábito dele de andar permanentemente nu pela casa.

Talvez movida pela esperança de que o casamento colocasse o filho na linha, ao conhecer Gisa dona Lygia reagiu como costumava fazer com as outras namoradas de Paulo: disse que fazia muito gosto em tê-la como nora e, se concordassem, ela se encarregaria de escolher a igreja e o padre para a cerimônia. No dia 22 de novembro, porém, três meses após a primeira troca de olhares entre os dois, o diário registrou: “Gisa está grávida. Se é assim, vamos ter o filho”. E, como os astros garantiam que o bebê seria um menino do signo de Leão, isso parecia deixá-lo ainda mais entusiasmado com a perspectiva da paternidade. “Minhas forças renascerão com esse filho”, festejou. “Nos próximos oito meses irei redobrar meu ardor e subir sempre, cada vez mais.”



A bela Gisa entra como um furacão na vida de Paulo: um mês depois do primeiro olhar, os dois estavam juntos.

O sonho não resistiu a uma semana de paúra. Passados os primeiros dias de entusiasmo pela novidade, Paulo começou a sentir calafrios de pavor toda vez que pensava no assunto — isto é, o tempo todo. Quando afinal pôs os pés no chão e concluiu que seria uma rematada loucura ter um filho naquelas condições — sem trabalho fixo, sem profissão definida e sem meios de manter uma família —, a primeira pessoa a ser informada da decisão não foi Gisa, mas a mãe dele. Ao contrário do que Paulo imaginava, no entanto, dona Lygia não parecia uma católica integrista ao ouvir o filho contar que ia sugerir à namorada que fizesse um aborto. Ela concordava que não ia dar certo. “Além de você não ter condições materiais para criar um filho”, ponderou a mãe, “sua forma de encarar o mundo e sua instabilidade emocional recomendam isso mesmo: não ter essa criança.” Ao saber da mudança de planos, Gisa resistiu muito antes de concordar, mas também acabou convencida de que seria uma irresponsabilidade ter o bebê. Com a ajuda de amigos, descobriram uma clínica especializada em abortos — clandestina, claro, pois tratava-se de um crime — e marcaram a operação para o dia 9 de dezembro de 1971, uma quinta-feira. Nenhum dos dois conseguiu pregar o olho na noite anterior. De manhã levantaram em silêncio, tomaram banho e saíram em busca de um táxi. Às sete em ponto, como estava marcado, chegaram à clínica.

Foi uma surpresa para ambos ver que havia lá umas trinta mulheres, a maioria muito jovens,

muitas acompanhadas dos maridos ou namorados — e todas com aparência patibular. Ao chegar, cada uma se identificava para a enfermeira, deixava um pacotinho de cédulas sobre a mesa — o lugar não aceitava cheques — e aguardava ser chamada. Embora houvesse cadeiras suficientes para todos, a maioria preferia esperar de pé. Cinco minutos depois, Gisa foi levada por outra enfermeira até uma escada de ladrilhos que dava no segundo andar. Saiu de cabeça baixa, sem se despedir. Em minutos todas as mulheres haviam sido chamadas, só restando na sala de espera alguns homens. Paulo sentou-se em uma das cadeiras, tirou um caderno da bolsa e passou a fazer anotações, tomando o cuidado de escrever com letras miúdas para evitar a curiosidade dos parceiros de infortúnio. De forma consciente ou não, cada um dos acompanhantes tentava disfarçar a ansiedade de um jeito. Paulo piscava os olhos repetidamente, o vizinho da cadeira à sua direita despejava no cinzeiro metade do tabaco de cada cigarro, antes de acendê-lo, o outro folheava uma revista de trás para a frente, com o olhar absorto. Apesar do tique, Paulo não parecia nervoso. Ele fora tomado, isso sim, por uma desagradável sensação de pequenez física, como se tivesse sido acometido de um choque de nanismo e encolhido de um instante para outro. Dois alto-falantes tocavam som ambiente, e, embora ninguém ali estivesse interessado em ouvir música, todos acabavam vencidos, acompanhando o ritmo com os pés ou dedilhando nos chaveiros. Observando o movimento, Paulo anotou no diário: “Todos procuram ocupar os membros o máximo de tempo e das mais variadas formas possíveis, porque a ordem do subconsciente é clara: não pensar no que está acontecendo aqui”. Havia sempre um deles olhando o relógio, e toda vez que se ouviam passos as cabeças se mexiam na direção da escada. De vez em quando alguém reclamava que o tempo estava custando a passar. Um grupinho tentava afastar os maus pensamentos conversando em voz baixa sobre futebol. Paulo só olhava e escrevia:

Um rapaz ao meu lado reclama da demora e diz que vai chegar atrasado para pegar seu carro na oficina. Mas eu sei que ele não é desse tipo. Ele não está pensando no carro, mas quer que eu acredite nisto para que eu tenha sempre dele a impressão de um forte. Eu sorrio e olho dentro dos neurônios dele: ali está sua mulher de pernas abertas, o médico colocando uma pinça, cortando, raspando e enchendo tudo de algodão no final. Ele sabe que eu sei, vira para o outro lado e fica quieto, sem olhar nada, respirando apenas o suficiente para se manter vivo.

Às oito e meia da manhã metade das mulheres tinha ido embora e nada de Gisa aparecer. Paulo foi até o bar da esquina, tomou um café, fumou um cigarro e voltou para o caderno, impaciente e preocupado com o risco de algo não ter dado certo com a namorada. Mais uma hora e nenhuma notícia. Às nove e meia enfiou a mão no bolso, pegou a caneta num supetão e escreveu:

Senti que foi agora. Meu filho penetrou na eternidade da qual nunca havia saído. A gente passa por cada uma que nem sei o que falar.

De repente, não se sabe vindo de onde, nem por quê, ouviu-se o som que dificilmente alguém esperaria escutar naquele lugar: um saudável e estridente choro de bebê, imediatamente seguido pelo grito de espanto de um gaiato na sala de espera:

— Nasceu!

Por um instante aqueles homens pareceram liberados da dor, da tristeza e do medo que os unia naquele lugar fúnebre e arrebataram numa incontável, selvagem gargalhada coletiva. Refeito do frouxo de riso, Paulo ouviu passos na escada: era Gisa que voltava da curetagem, quase três horas depois de ali chegarem. Pálida como nunca a vira, e com enormes olheiras roxas, ela parecia meio grogue, ainda sob o efeito do anestésico. No táxi, a caminho de casa, Paulo pediu ao motorista que tentasse andar devagar “porque a moça sofreu um corte no pé e está doendo muito”.

Gisa dormiu a tarde inteira e quando acordou não parou mais de chorar. Contou, em prantos, que na hora de ser anestesiada teve vontade de sair correndo de lá:

— O médico enfiou um cilindro dentro de mim e tirou um menino que ia nascer perfeito. Mas agora nosso filho está apodrecendo em algum lugar, Paulo...

Nenhum dos dois conseguia dormir. Era tarde da noite quando ela veio andando vagarosamente até a escrivaninha onde ele fazia anotações:

— Estou sem coragem para lhe pedir uma coisa: tenho que trocar o curativo e acho que consigo fazer isso sozinha. Mas se doer muito você vai até o banheiro me ajudar?

Ele sorriu e respondeu um solidário “claro que sim”, mas bastou a porta do banheiro se fechar para Paulo implorar mil vezes a São José que o poupasse daquela tarefa ingrata. “Me perdoe a

covardia, meu são José”, murmurou, olhando para o alto, “mas trocar o curativo do aborto da Gisa vai ser demais para mim. Demais! Demais!” Para seu alívio, minutos depois ela dava descarga e deitava-se de novo na cama. Desde que deixara a clínica de abortos, Gisa só não chorava nas poucas horas de sono. No sábado, como ela parecia estar um pouco melhor, Paulo aproveitou a tarde para passar no cursinho onde dava aulas. Ao voltar, à noite, encontrou-a no ponto de ônibus, na porta do prédio. Os dois voltaram para casa e só depois de muita insistência é que ela confessou o que estava fazendo na rua:

— Eu saí de casa para morrer.

A reação de Paulo foi surpreendente. Com ar grave, para que não restassem dúvidas de que falava a sério, respondeu na hora:

— Estou muito chateado por ter interrompido tão importante processo. Se você decidiu morrer, vá em frente e se suicide.

Mas ela havia perdido a coragem. Na terceira noite seguida passada em claro, Gisa só abriu a boca para chorar, e ele não parou de falar um segundo. Explicou didaticamente que ela não tinha saída: depois de convocado à Terra, o Anjo da Morte só retornava levando uma alma. Contou que não adiantava recuar, porque o Anjo iria persegui-la eternamente, e, mesmo que ela não quisesse mais morrer, ele poderia matá-la depois, por atropelamento, por exemplo. Lembrou seu enfrentamento com o Anjo, na adolescência, quando teve de degolar uma cabra para não entregar a própria vida. A saída era essa, enfrentar o Anjo:

— Você precisa desafiá-lo. Faça o que combinou: tente se suicidar, mas torça para escapar com vida.

Quando Gisa, exausta, fechou os olhos, ele correu para o diário, onde conceituou sobre a insânia que estava sugerindo à namorada:

Eu sei que Gisa não vai morrer; mas ela não sabe disso e não pode viver na dúvida. É preciso dar uma resposta ao Anjo de qualquer maneira. Dias atrás uma amiga nossa, a Lola, retalhou todo o corpo com gilete de fazer barba, mas foi salva no último momento. Muita gente anda tentando suicídio ultimamente. Mas poucos conseguiram e isso é bom, porque eles escapavam com vida e conseguiam matar uma pessoa que existia dentro deles de quem eles não gostavam.

Essa macabra teoria não era apenas fruto da imaginação doentia de Paulo, mas estava cientificamente embasada por um psiquiatra cujo consultório ele andava frequentando — e a quem identificava no diário apenas como “dr. Sombra”. E o eixo teórico de sua terapia se concentrava exatamente no que ele fizera com Gisa: reforçar os traumas do paciente. O médico lhe dissera taxativamente que ninguém tem cura pelos métodos convencionais. “Se você está perdido e acha que o mundo é muito mais forte”, prescrevia a seus pacientes, “então o que lhe resta é o suicídio.” Exatamente aí, segundo Paulo, residia a genialidade da tese:

— O sujeito sai do consultório completamente arrasado. Só então percebe que não tem mais nada a perder e começa a fazer coisas que jamais teria a coragem de fazer em outras circunstâncias. Em suma, o método do dr. Sombra é realmente a única coisa em termos de subconsciente em que eu tenho uma certa confiança. É a cura pelo desespero.

Quando acordaram no dia seguinte — um radioso e ensolarado domingo de verão —, Paulo não precisou mais gastar latim para convencer Gisa de nada. Viu quando a namorada vestiu um maiô, pegou um frasco de barbitúricos no armário do banheiro — o vidro parecia ser de Orap, o remédio que ele costumava tomar desde a primeira internação — e despejou-o inteiro na boca, bebendo um copo d’água por cima. Saíram juntos pela rua, ela ainda cambaleante, e andaram até a praia. Paulo ficou na calçada e Gisa entrou na água, dando braçadas mar adentro. Embora soubesse que com aquela quantidade de remédios na cabeça a namorada jamais teria forças para nadar de volta, esperou de pé, olhando para o que logo se transformaria em um ponto negro que se confundia com os reflexos do sol nas ondas. Um ponto preto cada vez mais distante. “Eu tive medo, me deu vontade de fraquejar, de chamá-la, de dizer que não fizesse aquilo”, escreveu depois, “mas eu sabia que Gisa não ia morrer.” Dois homens que faziam ioga na areia vieram interpelá-lo, preocupados com a moça que desaparecia no horizonte:

— É melhor chamar um salva-vidas. A água está muito fria e se ela tiver câimbra não volta mais.

Paulo tranquilizou-os com um sorriso e uma mentira:

— Não precisa, ela é nadadora profissional.

Meia hora depois, quando um grupo de pessoas começou a se aglomerar na calçada, prevendo uma tragédia. Gisa começou a voltar. Ao chegar à areia, pálida, com uma aparência espectral, ela vomitava muito — o que provavelmente lhe salvou a vida, ao expelir as pílulas — e tinha os

músculos do rosto e dos braços enrijecidos pela água fria e pela dose exagerada de remédios. Paulo amparou-a até em casa e depois registrou no diário os resultados da “cura pelo desespero”:

Estou pensando: com quem o Anjo terá se contentado desta vez, já que Gisa está nos meus braços? Ela chorou e ficou muito cansada, afinal, estava com oito comprimidos na cabeça. Nós voltamos pra casa e ela dormiu no tapete mesmo, mas acordou diferente, com mais brilho nos olhos. Durante um certo tempo a gente não saiu de casa com medo do contágio. A epidemia do suicídio grassava como nunca.

Se alguém bisbilhotasse os diários dele nos meses que antecederam a tentativa de suicídio de Gisa não se espantaria com a enormidade do comportamento de Paulo. Desde que se iniciara no assunto, ao ler o livro de Molinero, ele mergulhara para valer no ocultismo e depois na bruxaria. Não se tratava mais de frequentar ciganas, pais de santo, cartomantes e leitoras de tarô. A certa altura concluíra que “o ocultismo é a minha única esperança, o único escape visível”. Como se tivesse deixado de lado o velho sonho de ser escritor, agora concentrava todas as suas energias na tentativa de “penetrar fundo na Magia, último recurso e última saída para meu desespero”. Tudo o que dissesse respeito a bruxos, feiticeiras e poderes ocultos era consumido com avidez. Na prateleira de livros do apartamento em que vivia com Gisa, as obras de Borges e Henry Miller passaram a dar lugar a coisas como *O Dom da Profecia*, *Livro do Juízo Final*, *Levitação* e *O Poder Secreto da Mente*. Com frequência ia à cidade de Ibiapas, a cem quilômetros do Rio, onde se submetia a banhos purificadores de lama negra ministrados por um tipo conhecido como “Pajé Katunda”. E é de uma dessas viagens a Ibiapas o primeiro registro feito por Paulo atribuindo a si capacidade para interferir em elementos da natureza. “Pedi uma tempestade”, escreveu, “e em seguida caiu uma tempestade nunca vista.” Não era sempre, porém, que os poderes sobrenaturais funcionavam. “Tentei sem resultado fazer ventar”, escreveu pouco depois, “e acabei voltando para casa frustrado.” De outra feita, o que falhou foi a tentativa de destruir um objeto apenas com a força do pensamento:

Ontem eu e Gisa tentamos mentalmente quebrar um cinzeiro, mas não conseguimos. E não é que estávamos almoçando aqui, logo depois, quando a empregada veio falar que havia quebrado o cinzeiro? Foi um desbunde.

As seitas passaram a ser outra ideia fixa de Paulo. Tanto podiam ser Meninos de Deus quanto Hare Krishnas, adeptos da Bíblia do Diabo ou ainda os fiéis da Igreja de Satã, que conhecera na viagem aos Estados Unidos. Bastava exalar algum cheiro de sobrenatural — ou de enxofre, dependendo do caso — para que ele se interessasse. Isso sem falar na miríade de grupelhos de adoradores de seres extraplanetários e de caçadores de discos voadores. De tal maneira se enfronhou no mundo esotérico que acabou recebendo convite para escrever em uma publicação da área, a revista *A Pomba*. Publicada pela PosterGraph, uma pequena editora dedicada à cultura *underground* e à impressão de pôsteres políticos, a revista era uma miscelânea de artigos e entrevistas sobre os temas de interesse para as tribos hippies: drogas, rock, alucinações e experiências paranormais. Impressa em preto e branco, trazia em todos os números um ensaio fotográfico com alguma mulher nua — como nas revistas masculinas, mas com a diferença de que as modelos da *Pomba* pareciam senhoras recrutadas entre as funcionárias do prédio onde funcionava a redação. E, tal como no caso de dezenas de outras publicações semelhantes, *A Pomba* não produzia qualquer repercussão, mas devia ter seu público cativo, pois conseguiu sobreviver durante sete meses. Por metade do salário recebido no cursinho, Paulo aceitou ser o faz-tudo da revista: pautava os assuntos, fazia entrevistas, escrevia ensaios. A parte visual — diagramação, ilustrações e fotografias — ficou por conta de Gisa. A experiência parece ter dado certo, porque, após a circulação de dois números sob a orientação dele, o dono da PosterGraph, Eduardo Prado, aceitou sua sugestão para lançarem uma segunda publicação, que acabou recebendo o nome de *2001*. Como cuidaria das duas publicações, ele teve o salário duplicado, mas foi obrigado a abandonar as aulas no cursinho.

Quando fazia o trabalho de campo para escrever uma reportagem sobre o Apocalipse, Paulo recebeu indicação para ouvir um personagem que se autointitulava “o herdeiro da Besta no Brasil”, chamado Marcelo Ramos Motta. Habitado às representações fantasiosas, comuns nos ermos por onde andava — bruxos que davam consultas de turbante, instalados em torno de velas, dentro de tendas árabes —, ele se surpreendeu ao visitar o entrevistado em um apartamento simples e austero, com móveis clássicos e algumas dezenas de livros nas estantes, nas quais um detalhe chamou-lhe a atenção. Todos os volumes estavam encapados com o mesmo papel pardo,

sem qualquer indicação do conteúdo, salvo um pequeno número manuscrito no pé da lombada. A outra surpresa foi quando Motta apareceu, não de capa preta e tridente na mão, como Paulo esperava, mas trajando um elegante terno azul-marinho, camisa branca, gravata de seda e sapatos pretos de verniz. Dezesseis anos mais velho do que Paulo, alto, magro, a barba negra cerrada cobrindo metade do rosto, seu olhar, este sim, era muito esquisito. A voz também tinha um tom cavo, como se não estivesse falando normalmente, mas tentando imitar alguém. Não deu um sorriso, simplesmente estendeu a mão para que o entrevistador se sentasse e fez o mesmo em uma cadeira à sua frente. Paulo tirou um bloco da bolsa e, para quebrar o gelo, fez uma pergunta:

— Por que todos os seus livros estão encapados?

O homem não parecia estar para conversa fiada:

— Não é da sua conta.

Assustado com a grosseria, Paulo pôs-se a rir:

— Desculpe, mas não quis insultá-lo, era só curiosidade.

Motta não se alterou:

— Isto não é coisa para crianças.

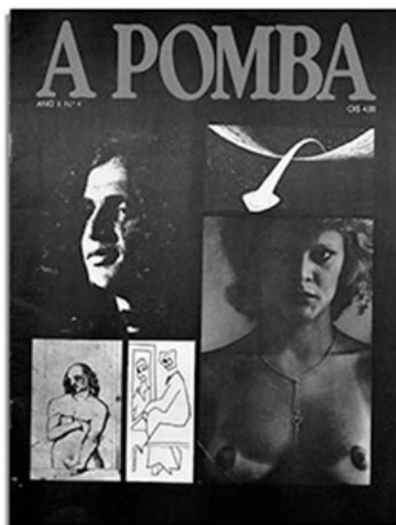
Terminada a entrevista, Paulo escreveu e publicou a reportagem, mas não conseguiu tirar da cabeça a imagem do sujeito estranho e sua biblioteca com as lombadas cegas. Depois de várias recusas, Motta se dispôs a recebê-lo de novo e abriu o jogo:

— Sou o líder mundial de uma sociedade que se chama A. A., Astrum Argentum.

Levantou-se, pegou na estante o disco *Sgt. Pepper's*, dos Beatles, e encostou o indicador em uma das figuras da enorme colagem que ilustra a capa. Era um homem idoso, calvo, o segundo da foto, ao lado de um guru indiano:

— Este homem se chama Aleister Crowley, e nós somos os propagadores de suas ideias no mundo. Vá se informar sobre ele, depois voltamos a conversar.

Só depois de varejar bibliotecas e sebos é que Paulo descobriu que havia muito pouco no Brasil sobre o velhinho que aparecia na capa do disco dos Beatles, perdido entre imagens da atriz Mae West, de Mahatma Gandhi, Hitler, Jesus Cristo e Elvis Presley. Enquanto se preparava para voltar a falar com o misterioso Motta, tocava as duas revistas junto com Gisa. Como o orçamento era insuficiente para contratar mesmo que fosse um único colaborador, era ele quem acabava escrevendo quase todo o conteúdo das duas publicações. Para que os leitores não percebessem o pauperismo em que vivia a redação, recorria a vários pseudônimos, além do próprio nome. Aí, no começo de 1972, um estranho apareceu na redação — na verdade uma modesta sala no décimo andar de um edifício comercial do centro do Rio de Janeiro. Usava um terno lustroso, desses que nunca amarrotam, gravata fina e pasta de executivo na mão — e anunciou que queria falar com “o redator Augusto Figueiredo”. Na hora Paulo não associou o visitante a alguém que lhe telefonara dias antes, perguntando pelo mesmo Augusto Figueiredo. Foi o suficiente para despertar paranoias adormecidas. O sujeito tinha toda a pinta de policial, devia estar ali por causa de alguma denúncia — drogas? — e o problema é que Augusto Figueiredo não existia, era um dos nomes que usava para assinar matérias. Apavorado, mas tentando simular naturalidade, tentou despachar o intruso o mais depressa possível:





Um exemplar da revista *A Pomba*, o líder satanista Marcelo Motta (de barba) e o bruxo Aleister Crowley, homenageado na capa do disco dos Beatles.

— O Augusto não está. Quer deixar recado?

— Não. É só com ele mesmo. Posso sentar para esperá-lo?

Confirmado, o homem era mesmo um tira. Sentou-se a uma mesa, pegou um exemplar antigo da *Pomba*, acendeu um cigarro e passou a ler, com ar de quem não estava com a menor pressa. Uma hora depois continuava lá. Havia lido todos os números velhos da revista, mas não dava sinais de que pretendia ir embora. Paulo lembrou-se da lição adquirida durante os saltos sobre a ponte, na infância: a melhor maneira de diminuir o sofrimento é enfrentar o problema no nascedouro. Decidiu contar logo a verdade para o policial — tinha absoluta certeza de que se tratava de um policial. Antes, porém, tomou o providente cuidado de vasculhar as gavetas da redação e certificar-se de que ali não restava nem um fragmento de *beata*, nome dado às guimbas de cigarros de maconha. Tomou coragem e, piscando muito, confessou que mentira:

— O senhor me desculpe, mas não existe nenhum Augusto Figueiredo aqui. Quem escreveu o artigo fui eu, Paulo Coelho. Qual foi o problema?

O visitante abriu um largo sorriso e dois braços compridos, como se oferecesse um abraço, e falou com forte sotaque baiano:

— Mas então é com você mesmo que eu quero falar, rapaz! Muito prazer, meu nome é Raul Seixas.

Como prova de boa-fé, Paulo promete ao Demônio não pronunciar nomes de santos nem rezar por seis meses

Além do interesse por discos voadores e de terem sido ambos péssimos alunos na adolescência, Raul Seixas e Paulo Coelho pareciam ter pouca coisa em comum. O primeiro trabalhava como produtor musical de uma gravadora multinacional, a CBS, andava sempre de cabelos aparados, paletó, gravata e pasta de executivo na mão. Nunca experimentara drogas, nem mesmo uma tragada num baseado de maconha. O outro usava calças saint-tropez, com o cinto abaixo dos quadris, cabelão despenteado caindo pelos ombros, sandálias franciscanas, colares no pescoço e óculos de lentes octogonais da cor lilás — e passava boa parte do tempo chapado. Raul tinha endereço fixo, era um chefe de família centrado, pai de Simone, uma menina de dois anos, e Paulo vivia em tribos cujos membros se sucediam qual as estações do ano. Nos últimos meses sua família se resumia a Gisa e a Stella Paula, uma linda hippie de Ipanema tão fascinada quanto ele por ocultismo e coisas do Além. No que se referia à bagagem cultural, a distância entre os dois se tornava ainda mais visível. Aos 25 anos o escritor havia lido — e comentado, com atribuição de estrelas — mais de quinhentos livros, e escrevia com articulação e fluência. Quanto a Raul, embora tivesse passado a infância entre os livros do pai, ferroviário e poeta bissexto, não dava para dizer que se tratava de alguém afeito às leituras. Uma data na biografia deles tivera significados diferentes, mas igualmente importantes para ambos. No dia 28 de junho de 1967, quando Paulo chegava dopado ao nono andar da Casa de Saúde Dr. Eiras para sua terceira internação, Raul completava 22 anos e casava-se com a estudante americana Edith Wisner em Salvador, Bahia, sua terra natal. Ambos acreditavam em astrologia, e se tivessem confrontado seus mapas astrais veriam que o zodíaco fazia pelo menos uma previsão segura: a dupla estava fadada a ganhar muito dinheiro, em qualquer negócio que se metesse.

Quando Raul Seixas entrou na sua vida, Paulo Coelho estava mergulhado até a raiz dos cabelos no hermético e perigoso universo do satanismo. Amiudara seus encontros com Marcelo Ramos Motta e, após devorar pedregosos compêndios sobre pentáculos, cabala, sistemas mágicos e astrologia, pôde entender um pouco e aproximar-se da obra do careca que aparecia na capa do disco dos Beatles. Nascido em Leamington, Inglaterra, na última hora do dia 12 de outubro de 1875, Aleister Crowley tinha 23 anos quando diz ter recebido, na cidade do Cairo, uma entidade que lhe transmitiu o *Liber Al vel Legis* — “O Livro da Lei de Thelema” — ou apenas *Liber Oz*, como passaria a ser conhecido, sua primeira e mais importante obra de cunho místico.

A Lei de Thelema proclamava o início de uma era em que o homem teria liberdade de realizar todas as suas vontades, objetivo sintetizado na epígrafe “Faze o que queres, há de ser tudo da Lei”, considerada a regra básica de conduta dos seguidores de Crowley. Entre os instrumentos recomendados para se atingir esse estágio estavam a liberação sexual, o uso de drogas e a redescoberta da sabedoria oriental. Em 1912 Crowley ingressa na seita Ordo Templi Orientis (O.T.O.), uma organização de cunho maçônico, místico e mágico, da qual logo se tornaria o cabeça e principal teórico. Autodenominado “A Besta”, o bruxo inglês construiu um templo em Cefalu, na Sicília, mas acabaria expulso da Itália pelo governo do ditador Benito Mussolini, em 1923, sob a acusação de promover orgias. Entre seus admiradores estava o poeta português Fernando Pessoa, também adepto da astrologia e com quem Crowley chegou a trocar cartas tratando de mapas astrais. Não só trocaram cartas, mas se encontraram quando Crowley esteve em Lisboa. Durante a Segunda Guerra ele foi chamado pelo escritor Ian Fleming, criador do personagem James Bond e oficial de Inteligência da Marinha britânica, para orientar os ingleses sobre como as superstições e o misticismo dos dirigentes nazistas podiam ser aproveitados em favor dos Aliados. E teria sido Aleister Crowley, por intermédio de Fleming, quem sugeriu a Winston Churchill utilizar como símbolo o V da vitória — na verdade uma representação de Apophis-Typhon, um deus de destruição e aniquilação capaz de sobrepujar as energias da suástica nazista.

No mundo da música, não foram apenas os Beatles a se transformarem, no caso durante curto período, em thelemitas, nome dado aos seguidores de Crowley. Suas teorias satânicas seduziram vários artistas e bandas de rock como Black Sabbath, The Clash, Iron Maiden e Ozzy Osbourne (que compôs o clássico “Mr. Crowley”). O famoso Castelo de Boleskine, onde Crowley morou por alguns anos, se tornaria propriedade de Jimmy Page, guitarrista do Led Zeppelin. Mas as ideias da Besta inglesa também inspiraram tragédias horripilantes: em agosto de 1969 seu discípulo americano Charles Manson chefou o massacre de quatro pessoas a tiros, facadas e golpes de

porrete em uma mansão de Malibu, na Califórnia. Entre as vítimas estava a atriz Sharon Tate, de 26 anos, que esperava um bebê do marido, o cineasta Roman Polanski.

Paulo parecia tão intoxicado pelas leituras e práticas sobrenaturais que nem mesmo atrocidades como as cometidas por Manson pareciam recolocar seus pés no chão. O assassino de Sharon Tate foi qualificado como “o homem mais maligno e satânico que caminhou na face da Terra” pelo júri popular que o condenou à morte — pena depois convertida em prisão perpétua. Quando leu a notícia, Paulo anotou no diário:

As armas de guerra hoje são as mais estranhas que se possa encontrar. Drogas, religião, moda... É algo contra o qual não se pode lutar. Sob este aspecto Charles Manson é um mártir crucificado.

Até conhecer o parceiro, Raul nunca tinha ouvido falar em Crowley nem na nomenclatura utilizada por aquela gente. Nada de Astrum Argentum, O.T.O. ou *Liber Oz*. Gostava de ler sobre discos voadores, mas o objeto principal de seu interesse sempre fora a música, ou, mais precisamente, o rock ‘n’ roll, gênero musical com o qual Paulo tinha relação superficial — gostava de Elvis Presley, conhecia as bandas mais famosas e ponto. A paixão pelo rock levou o baiano a repetir três vezes a segunda série ginásial no Colégio São Bento, em Salvador, e aos dezoito anos ele fazia algum sucesso em apresentações pelo interior da Bahia como líder da banda Os Panteras. Por exigência do futuro sogro, um pastor protestante americano, abandonou a vida artística, que parecia promissora, e retomou os estudos. Recuperou em um curso supletivo o tempo perdido, e, quando prestou o vestibular para a Faculdade de Direito, ficou entre os primeiros colocados. “Eu só queria provar às pessoas, à minha família, como era fácil estudar e passar em exames”, diria Raul, muitos anos depois, “porque para mim aquilo não teve a mínima importância.” Nos primeiros meses de casado sustentou a casa dando aulas de violão e de inglês, idioma com o qual adquirira familiaridade não só pela origem de Edith. Desde o final dos anos 30, quando se identificaram as primeiras jazidas de petróleo do Brasil no bairro do Lobato, em Salvador, a capital baiana fora invadida por levas de técnicos, geólogos e engenheiros importados dos Estados Unidos para os trabalhos de campo — uma presença tão maciça que ajudou a popularizar o idioma inglês em alguns segmentos sociais. Mas, antes que seu casamento completasse três meses, Raul caiu em tentação.

Em outubro de 1967 passava por Salvador o cantor Jerry Adriani, contratado para um show no elitista Club Bahiano de Tênis, do qual participariam também a musa da Bossa Nova, Nara Leão, e o humorista Chico Anysio. Elevado à condição de estrela nacional da Jovem Guarda, Adriani era considerado cafona pelos ouvintes mais sofisticados, mas fazia muito sucesso entre a garotada. No dia do espetáculo, um funcionário do clube procurou o cantor no hotel com a notícia de que sua participação fora cancelada por uma razão inacreditável:

— A banda que você contratou tem vários músicos pretos, e preto não entra no Clube Bahiano.

Era isso mesmo que ele estava ouvindo. Embora desde 1951 estivesse em vigor no país a Lei Afonso Arinos, que qualifica como crime a discriminação racial, “preto não entrava no Bahiano nem pela porta da cozinha”, como denunciaria anos depois a canção “Tradição”, de outro baiano ilustre, o compositor Gilberto Gil. O preconceito adquiria traços ainda mais cruéis por se tratar de um clube instalado na Bahia, um estado em que mais de setenta por cento da população são negros e pardos. Em vez de chamar a polícia, o empresário encarregado do show preferiu contratar outra banda. A primeira de que se lembrou foi a finada Os Panteras, de Raul Seixas, que nos últimos meses de vida mudara de nome para The Panthers. Localizado em casa durante uma soneca, Raul adorou a ideia de ressuscitar o conjunto e saiu em seguida pela cidade em busca de seus antigos acompanhantes, o baixista Mariano Lanat, o guitarrista Perinho Albuquerque e o baterista Antônio Carlos Castro, o Carleba, todos brancos. A improvisação acabou dando certo e os Panthers deixaram o palco do clube sob aplausos. No fim do espetáculo Nara Leão cochichou no ouvido de Jerry Adriani:

— Essa banda que te acompanhou é maravilhosa. Por que não chama esse pessoal pra tocar com você?

Ao ouvir, naquela mesma noite, o convite do cantor para que o grupo o acompanhasse em uma turnê pelo Norte e o Nordeste que começaria na semana seguinte, Raul ficou eletrizado. Excursionar com um artista de projeção nacional, como Jerry Adriani, era uma daquelas bênçãos que o destino não costuma colocar duas vezes no caminho de alguém. Mas também sabia que aceitar a proposta era o mesmo que jogar para o alto o casamento com Edith, e isso era uma aposta alta demais. Embora lamentando, teve que recusar o convite:

— Seria uma honra fazer a temporada com você, mas, se me ausentar de casa agora, meu

casamento acaba.

Interessado de verdade na companhia da banda que acabara de conhecer, Jerry Adriani dobrou a parada:

— Se é esse o problema, está resolvido: sua mulher é convidada da produção, leve-a com você na excursão.

Rebatizada pela segunda vez, agora com o nome de Raulzito e os Panteras, a banda saiu tocando Brasil adentro. Além de propiciar ao casal uma espécie de lua de mel divertida e inusitada, a turnê deu resultados tão satisfatórios que no final Jerry Adriani convenceu Raul e seus músicos a se mudarem para o Rio e se profissionalizarem. No começo de 1968 estavam todos instalados em Copacabana para uma aventura que não teria final feliz. Embora tivesse conseguido gravar pela Odeon o LP *Raulzito e os Panteras*, as dificuldades eram tantas que, nos dois anos seguintes, o único trabalho que apareceu foi tocar como banda de apoio nos shows do próprio Adriani. Houve momentos em que Raul teve de pedir dinheiro emprestado ao pai para pagar o aluguel da casa em que viviam ele, Edith e os demais componentes do grupo. Retornar à Bahia pela porta dos fundos foi um golpe duro para todos e sobretudo para Raul, o líder do grupo, mas não havia outra escolha. A contragosto, retomou as aulas de inglês e começou a dar por encerrada a carreira de músico quando veio uma proposta de Evandro Ribeiro, diretor da CBS, para voltar a trabalhar no Rio — não como *band leader*, mas como executivo da área de produção musical. Seu nome tinha sido sugerido à direção da gravadora por Jerry Adriani, interessado em trazer o amigo de volta para o eixo Rio-São Paulo, centro da produção musical brasileira. Tentado a acertar as contas com a cidade que o derrotara, Raul não pensou duas vezes. Pediu a Edith que pusesse a mudança num caminhão e dias depois dava expediente, de paletó e gravata, no poluído centro velho do Rio, onde ficavam os escritórios da CBS. Em poucos meses era o produtor musical de discos de nomes importantes, a começar do próprio Adriani.

Naquele final de maio de 1972, Raul não atravessou a pé os sete quarteirões que separavam o prédio da CBS da redação da *Pomba* apenas para elogiar a reportagem do inexistente Augusto Figueiredo sobre extraterrestres. Em sua pasta de executivo levava um artigo de sua autoria sobre discos voadores e queria saber se haveria interesse em publicá-lo. Paulo o recebeu de forma cortês, disse que publicaria o artigo — aliás, o que mais faltava na revista era exatamente isso, colaboradores — e, movido por segundas intenções, espichou a conversa sobre ufologia e vida em outros planetas. A menção do nome CBS lhe acendeu rasteiros sentimentos materiais: uma vez que gostava da revista e era executivo de multinacional, pensou, o almofadinha bem que podia conseguir anúncios da gravadora para *A Pomba*. O breve encontro terminou com um convite de Raul para que Paulo fosse jantar em sua casa no dia seguinte, uma quinta-feira. Na época o futuro escritor ainda não dependia do I Ching, o célebre oráculo chinês, para decidir o que fazer, mas não tomava nenhuma iniciativa sem consultar sua família adotiva, então composta por Gisa e pela agregada Stella Paula. Até algo banal, como ir ou não à casa de alguém, era objeto de votação, como ele se lembraria depois:

— Tivemos uma verdadeira discussão ideológica dentro daquele minúsculo partido hippie para decidir se deveríamos ou não tomar um trago na casa do Raul.

Mesmo percebendo que, salvo a ufologia, os dois nada pareciam ter em comum, Paulo estava de olho nos anúncios da CBS que o jantar podia render e votou a favor de aceitarem o convite. Gisa o acompanhou, enquanto Stella Paula, voto vencido, não se sentiu obrigada a ir. Na quinta à noite, quando se dirigia com Gisa para o encontro, Paulo parou em uma loja de discos e acabou comprando o LP *Prelúdios para Órgão*, de Johann Sebastian Bach. O ônibus que os levava do Flamengo para o Jardim de Alah — pequeno e elegante miolo entre Ipanema e Leblon, na Zona Sul do Rio, onde ficava o apartamento de Raul — foi parado no caminho por uma batida policial. Desde o arrocho da ditadura, em dezembro de 1968, as chamadas operações pente-fino, como aquela, tinham se tornado uma rotina na vida dos brasileiros das cidades grandes. Ao ver, porém, os policiais dentro do ônibus pedindo os documentos de todos os passageiros, Gisa enxergou naquilo um mau presságio, uma advertência, e ameaçou desistir. Mas Paulo fincou pé no que estava decidido e, às oito da noite, conforme o combinado, apertaram a campainha do apartamento de Raul. O encontro durou umas três horas. Para que a memória não se perdesse, ao sair de lá, o obsessivo Paulo parou no primeiro botequim, debruçou-se sobre o balcão e registrou na capa do disco de Bach detalhes da visita àquele que, por pouca familiaridade, ainda chamava de “o cara”. Todos os espaços em branco do envelope do disco foram ocupados pela letrinha miúda, quase ilegível:

Fomos recebidos pela mulher dele, Edith, com uma filha pequenininha, que deve ter no máximo três anos. É tudo caretinha, tudo bem-comportado. Serviram umas cumбуquinhas com

salgadinhos... Há anos que eu não janto em casa de ninguém que tivesse cumбуquinhas com salgadinhos. Salgadinhos, que coisa ridícula! Aí veio o cara:

— Querem um uísque?

Claro que queríamos uísque, né? Bebida de rico. Mal acabou o jantar; Gisa e eu já estávamos doidos para ir embora. Aí o Raul disse:

— Ah, eu queria mostrar umas músicas minhas para vocês.

Puta merda, ainda íamos ter que ouvir música? Mas eu precisava conseguir o anúncio de qualquer maneira. Fomos para o quarto de empregada e aí ele pegou o violão e tocou umas músicas maravilhosas. No final o cara me diz:

— Você escreveu aquela matéria dos discos voadores, não é? Estou planejando voltar a ser cantor, você não quer escrever umas letras para mim?

Eu pensei: fazer letras? Imagina se eu vou escrever letras para esse careta que nunca tocou numa droga na vida! Nunca botou um cigarro de maconha na boca. Nem um cigarro normal. Mas já estávamos saindo e eu não tinha falado do anúncio. Tomei coragem e pedi:

— Nós vamos publicar o seu artigo, mas você não conseguiria um anúncio na CBS para a revista?

Imaginem meu espanto quando ele disse que tinha pedido demissão da CBS naquele dia:

— Estou indo para a Philips porque vou seguir o meu sonho. Não nasci para ser executivo, quero ser cantor.

Naquele momento eu percebi: o careta sou eu, esse cara é do maior respeito. Um cara que larga o emprego que lhe dá tudo, a filhinha, a mulherzinha, a empregada, a familinha, os salgadinhos! Saí de lá impressionado com o cara.

25 de maio de 1972

Os maus presságios identificados por Gisa não estavam inteiramente equivocados. Ela errara o ano, mas não a data. Se marcava o primeiro passo de Paulo em direção a um de seus sonhos — a fama —, 25 de maio, por coincidência, viria a ser também uma data crucial, um divisor de águas na vida do futuro escritor: o dia escolhido pelo destino, anos depois, para agendar o encontro dele com o Demônio, cerimônia para a qual se preparava quando conheceu Raul Seixas. Orientado por Marcelo Ramos Motta, ele se sentia um discípulo da falange da Besta. Determinado a integrar-se às forças malignas que haviam conquistado de Lennon a Charles Manson, iniciava seu processo para ser aceito na O.T.O. como Probacionista, o primeiro grau na hierarquia da seita. Para sua sorte, seu orientador não seria Motta, mas outro militante da organização, um funcionário graduado da Petrobras chamado Euclydes Lacerda de Almeida — cujo nome mágico era Frater Zarathustra, ou Frater Z. —, residente na cidade fluminense de Paraíba do Sul, a 150 quilômetros do Rio. “Recebi uma carta, malcriada como sempre, do Marcelo”, escreveu Paulo a Frater Z. ao saber da notícia. “Estou proibido de entrar em contato com ele, a não ser através de você.” Era mesmo um refrigério ter por instrutor um homem polido como Euclydes, e não o grosseirão Marcelo Motta, que tratava todos os subordinados a coices. Trechos extraídos de cartas dirigidas a militantes da O.T.O. por Parzival XI (como Motta pomposamente se autodenominava) revelam que Paulo fora cuidadoso ao qualificar apenas de malcriado o chefe dos adoradores do Demônio:

[...] Preferivelmente não me escreva mais. Se o fizer, mande envelope com selos e já endereçado para resposta — ou não receberá resposta alguma.

[...] Avalie a sua posição na escala vertebrada, macaco!

[...] Se o senhor é incapaz de se levantar sobre as suas duas pernas e buscar o Caminho por seu próprio esforço, então fique de quatro, ganindo como o cão que é.

[...] O senhor não passa de um pingão de merda na ponta do pau do macaco.

[...] Se de repente seu filho mais querido, ou você mesmo, ficar doente de uma doença mortal, que necessite custosa operação e você só puder dispor do dinheiro da O.T.O., deixe seu filho morrer, ou morra você mesmo. Mas não toque no dinheiro.

[...] Você ainda não viu nada. Espere até seu nome se tornar conhecido como membro da O.T.O. O serviço secreto do Exército, a CIA, o Shin-Beth [o serviço militar de inteligência de Israel], os russos, os chineses e os inúmeros padres romanos disfarçados de iniciados imediatamente procurarão entrar em contato com você.

Em pelo menos duas ocasiões o nome de Paulo aparece na correspondência de Parzival XI com Euclydes. Na primeira, fica a impressão de que o futuro autor estaria intermediando a publicação, pela Editora Três, de São Paulo, do livro *O Equinócio dos Deuses*, escrito por Crowley e traduzido para o português por Marcelo Motta:

[...] Entrei em contato diretamente com a Editora Três através de seu representante no Rio, e cedo veremos o que é essa história da publicação do “Equinócio dos Deuses”. Paulo Coelho é jovem, entusiasta e imaginativo, mas ainda é cedo para pensarmos que a publicação realmente será feita por aquela firma.

Na segunda, Euclydes é repreendido por ter transmitido prematura e exageradamente ao novio informações sobre o poder de Parzival XI:

[...] Paulo Coelho disse que você disse que eu destruí a maçonaria no Brasil. Você fala demais. Mesmo que fosse verdade, o Paulo Coelho não tem maturidade mágica para perceber como se fazem essas coisas, e portanto fica confuso.

Nessa altura Paulo havia realizado suas próprias experiências de aproximação com o Demônio. Meses antes de conhecer Motta e a O.T.O., em uma de suas intermináveis crises de angústia ele se derramava em lamúrias. As desculpas eram muitas, mas bem espanadas permitiam ver a verdade de sempre: prestes a completar 25 anos, não passava de um João-ninguém, sem a mais remota perspectiva de um dia tornar-se um escritor famoso. O beco parecia sem saída e a dor dessa vez era tão profunda que, em vez de implorar socorro à Virgem Maria ou ao indefectível São José, como costumava fazer, Paulo resolveu se entender com o Príncipe das Trevas. Se lhe desse poderes para realizar todos os seus sonhos, o Diabo receberia em troca a sua alma. “Como homem ilustrado e conhecedor dos princípios filosóficos que regem o mundo, a humanidade e o Cosmos”, jactou-se no diário, “tenho perfeita consciência de que o Demônio não significa o Mal, mas apenas um dos polos no equilíbrio da humanidade.” Utilizando uma caneta de tinta vermelha (“cor do referido ente sobrenatural”), começou a redigir o pacto, sob a forma de uma carta dirigida ao Diabo. Logo nas primeiras linhas deixou claro que estabeleceria as condições e não trataria com intermediários:

Você já estava querendo isto há muito tempo. Senti que Você vinha fechando o círculo à minha volta, e sei que Você é mais forte que eu. Você tem mais interesse em comprar minha alma do que eu em vendê-la. De qualquer forma, eu preciso ter uma ideia do preço que Você vai me pagar. Para tanto, de hoje, 11 de novembro de 1971, até o dia 18 de novembro, vou fazer uma experiência. Falei diretamente com Você, o Rei do Outro Polo.

Para ritualizar a negociação, arrancou uma flor de um vaso e esmagou-a sobre o tampo da escrivaninha, ao mesmo tempo em que propunha a Satanás uma espécie de *test drive* espectral:

Vou massacrar esta flor amarela e comê-la. A partir deste momento, durante sete dias, vou fazer tudo que eu quiser e vou conseguir o que desejar; porque Você vai estar fazendo isso para mim. Caso esteja satisfeito com a amostra, eu Lhe entregarei minha alma. Se for necessário um ritual, eu me encarregarei de traçá-lo.

Como prova de boa-fé, Paulo prometeu ao Demônio que, durante o período de vigência da experiência, faria o sacrifício de não rezar nem pronunciar nomes considerados sagrados pela Igreja. Mas fez questão de deixar expresso que aquele era um teste, não um contrato eterno. “Conservo o direito de voltar atrás”, prosseguiu, sempre em letras vermelhas, “e quero acrescentar que só faço isto movido pelo desespero completo em que me encontro.” O ajuste não durou nem uma hora. Fechou o caderno, saiu para fumar um cigarro e caminhar na praia e, ao voltar para casa, estava pálido como um defunto, aterrorizado com a loucura que fizera. Abriu de novo o caderno e escreveu em letras maiúsculas que ocupavam toda a página:

PACTO CANCELADO. EU VENCI A TENTAÇÃO!

Paulo encerrou o episódio certo de que tinha passado a perna no Diabo, mas sua esperteza não perdia por esperar. Enquanto o encontro dos dois não acontecia, insistia em invocar o espírito do Mal nas reportagens e artigos escritos para *A Pomba* e em uma nova empreitada em que se metera, os roteiros de histórias em quadrinhos. Criados por ele, seres do Além ganharam vida nos traços de Gisa e passaram a ilustrar as páginas da revista. A boa receptividade à série *Os Vampiristas*, que retratava os conflitos e as peripécias de um vampirinho pacifista e solitário, animou Gisa a enviar seus trabalhos para a King Features, poderosa agência americana de distribuição de histórias em quadrinhos, da qual sequer recebeu resposta. O casal, porém, conseguiu emplacar tirinhas de sua autoria em dois dos principais diários do Rio, *O Jornal* e *Jornal*

do Brasil — neste, Gisa e Paulo criaram uma tira especial do vampirinho para o caderno infantil, publicado aos domingos. A parceria geraria um filho popularíssimo, o personagem Curingão, publicado nos volantes utilizados para apostas na Loteria Esportiva. De vez em quando, até nas páginas do festejado *Pasquim*, órgão oficioso da *intelligentsia* carioca, aparecia uma tira produzida pelos dois. Sobrevivendo praticamente sem anúncios — embora tivesse chegado a vender 20 mil exemplares, um fenômeno no minguado mercado da contracultura —, em meados de 1972 *A Pomba* cambaleava sob dívidas, ameaçando levar para o buraco também a *2001*. Quando o editor Eduardo Prado anunciou que estava pensando em fechar as duas publicações, Paulo e Gisa se transferiram para o jornal *Tribuna da Imprensa*, no qual passaram a assinar uma página inteira, publicada aos sábados, batizada com o mesmo nome da revista que morrera dois números depois de nascer: *2001*.

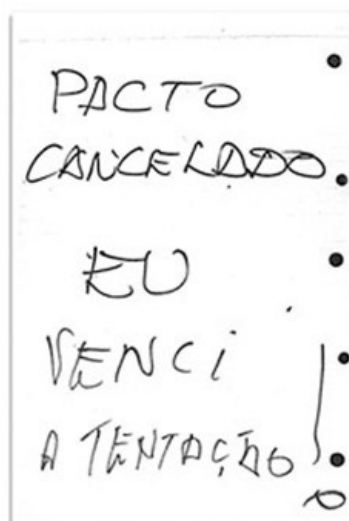
A mudança de veículo era um passo a mais para que o trabalho deles saísse do submundo dos discos voadores, elfos e bruxos e alcançasse um público mais amplo. Embora com tiragem modesta, se comparado aos grandes diários do Rio, a *Tribuna* era um jornal respeitado por sua tradição de luta. Criado em 1949 pelo jornalista Carlos Lacerda para combater as ideias, os partidários e o futuro governo do presidente Getúlio Vargas (1951-54), e agora nas mãos de Hélio Fernandes, o jornal era uma vítima preferencial da censura militar. A chegada de Paulo e Gisa ao velho prédio da rua do Lavradio, nas imediações da Lapa, coincidia com o período mais repressivo de toda a história da ditadura, e isso se refletia no cotidiano do jornal. Fazia três anos que a redação da *Tribuna* era visitada todas as noites por oficiais do I Exército que liam tudo e depois decidiam o que podia e o que não podia ser publicado. Segundo Hélio Fernandes, nessa época um quinto da produção diária da redação era atirado na lata de lixo pelos censores. Ele próprio era exemplo do que se passava com os alvos da violência do regime, pois havia sido preso nada menos do que 27 vezes desde 1964, duas delas sob a forma de confinamento. Todavia, como os militares pouco se importavam com os temas herméticos e sobrenaturais, a página feita por Paulo e Gisa na *Tribuna* não era objeto de nenhuma ameaça. A visibilidade dada pelo jornal, de qualquer forma, animou o futuro escritor a apresentar ao departamento de propaganda da Petrobras o projeto de um gibi feito por ele e Gisa para ser distribuído nos postos de gasolina da rede estatal. O funcionário que os recebeu tinha aprovado a ideia, mas Paulo, preocupado em conferir o máximo de seriedade ao projeto, quis dar uma demonstração de boa-fé:

— Para a Petrobras não correr riscos, podemos trabalhar de graça durante um mês.

O sujeito voltou atrás:

— De graça? Desculpe, mas você é muito amador. Aqui ninguém faz nada de graça. Vá trabalhar mais, e quando você for um profissional, traga seu projeto de volta.

Ainda com o rabo entre as pernas pela recusa, em agosto Paulo recebeu um convite para acompanhar a mãe e a avó materna, Lilisa, em uma viagem de três semanas à Europa. Ele estava embalado no trabalho jornalístico e vacilou antes de dizer sim, mas não era todo dia que se podia jogar para o alto uma ida à Europa com todas as despesas pagas. E também, afinal, poderia deixar prontas várias edições de quadrinhos e da página na *Tribuna* para que Gisa ilustrasse e diagramasse enquanto ele estivesse fora — pois o convite materno não incluía a namorada. Durante 21 dias Paulo fartou-se de visitar museus, ruínas e catedrais no roteiro que começou em Nice, no Sul da França, e terminou em Paris, passando por Roma, Milão, Amsterdã e Londres. Salvo duas ou três escapadelas da vigilância materna para fumar haxixe, em Amsterdã, a viagem também serviu para afastá-lo por quase um mês do consumo diário de drogas.



Acima: Paulo se arrepende e desiste do pacto com o Diabo. Abaixo, a história em quadrinhos do Vampirinho, escrita por ele e ilustrada por Gisa.



Habituação à mãe metódica e obsessiva, ao chegar em casa Paulo se enfureceu quando viu o apartamento de pernas para o ar e constatou que pelo menos uma colaboração para a *Tribuna* não fora entregue no prazo:

A casa está uma bagunça só, e isso me irritou profundamente. Nem mesmo varrida está. A conta de luz não foi paga, o aluguel também não. A página da Tribuna não foi entregue, o que é uma completa irresponsabilidade. Estou tão desnortado com isto que não tenho nada a escrever.

Nem só más notícias, porém, o esperavam no Brasil. Enquanto estava fora chegara pelo correio um convite tentador. A professora Glória Albues, da Secretaria de Educação do Mato Grosso, pusera afinal no papel um velho projeto que os dois haviam imaginado em uma das viagens dela ao Rio. A ideia é que ele passasse três semanas a cada dois meses em três cidades do Mato Grosso — Campo Grande, Três Lagoas (hoje no Mato Grosso do Sul, estado que na época ainda não fora criado) e Cuiabá — ministrando o curso intitulado Teatro e Educação para professores e alunos da rede pública de ensino. O salário era sedutor — 1.500 cruzeiros por mês, o equivalente a 4.500 reais de 2008 —, o dobro do que embolsava fazendo *A Pomba* e *2001*. Mas havia uma razão adicional para fazer Paulo trocar as delícias do Rio pelas inóspitas paragens mato-grossenses. Quando o projeto do curso fora pensado ele ainda não tinha relações com a O.T.O., mas agora, interessado em propagar as ideias de Crowley, uma luz se acendeu em sua cabeça: por que não transformar o curso em um laboratório de práticas de magia negra?

Paulo Coelho não existe mais. Ele agora é Luz Eterna (ou Staars), nome mágico que escolheu para cultuar Satã

Sozinho ou em companhia de Gisa, que o seguia em sua caminhada rumo ao satanismo, Paulo vinha testando alguns dos chamados exercícios ou práticas mágicas. Um dos que fazia com frequência consistia, primeiro, em colher em algum jardim uma folha de *Sansevieria trifasciata*, planta de folhas duras e pontiagudas conhecida popularmente como espada-de-são-jorge. Se realizado em público, o exercício costumava expor o noviço a um certo ridículo, porque em seguida era preciso caminhar dez passos empunhando a planta como se fosse uma espada de verdade, voltar-se para o poente, e então reverenciar os quatro pontos cardeais, apontando a “espada” para cada um deles e gritando a plenos pulmões:

— A força está no Oeste!

Cada passo para o lado esquerdo era acompanhado de um berro, dado com os olhos voltados para o céu:

— A sabedoria está no Sul! A proteção está no Leste! A vitória está no Norte!

Levada para casa, a espada-de-são-jorge era picada em onze pedaços — onze é o número mágico da teoria thelemita — com um canivete ou faca previamente enfiado na terra e depois aquecido sobre o fogo e lavado na água do mar. Em seguida, os onze pedaços eram dispostos sobre a mesa da cozinha, formando o símbolo de Marte — o círculo encimado por uma pequena seta, que também representa o sexo masculino —, enquanto água era fervida em uma panela. Misturados às pétalas despedaçadas de duas rosas amarelas, os fragmentos da espada-de-são-jorge eram colocados na água fervente. Toda a cerimônia precisava ser realizada de tal modo que aquela baba espessa e viscosa estivesse pronta precisamente às onze da noite — segundo o *Liber Oz*, a hora do Sol —, quando seria então misturada à água de uma banheira para um banho de imersão que duraria até meia-noite, a hora de Vênus. Após realizar uma dessas experiências, Paulo enxugou-se e escreveu no diário, com a casa quase às escuras e o caderno iluminado apenas pela luz de uma vela:

Sei que este ritual pode parecer extremamente ingênuo. Durou, ao todo, quase duas horas. Mas posso dizer que na maior parte desse tempo estive em contato com uma dimensão diferente, onde as coisas estão interligadas nas Leis (Causas Segundas). Sinto o mecanismo, mas ainda não sou capaz de compreendê-lo. Tampouco consigo racionalizar o mecanismo. Sinto apenas que a intuição funciona muito perto da racionalização e essas duas esferas quase se tocam. Alguma coisa me leva a crer que o Demônio realmente existe.

Outra cerimônia que repetia com frequência era o chamado “Ritual do Pentagrama Menor”, mandinga que consistia em estender no chão um lençol branco, sobre o qual pintava em verde uma estrela de cinco pontas. O desenho era cercado por um fio de barbante embebido em enxofre, com o qual Paulo desenhava o símbolo de Marte. Apagadas as luzes, uma única lâmpada era pendurada no teto, bem no centro do pentagrama, de forma a simular uma coluna de luz. Com uma espada na mão, inteiramente nu e voltado para o Sul, ele pisava no centro do lençol, fazia “o asana do Dragão” — posição, na ioga, em que a pessoa se acocora no chão — e passava a dar saltos para cima, como um sapo, enquanto repetia em voz alta invocações ao Demônio. Em uma dessas ocasiões a cerimônia terminou de forma insólita, como ficou registrado no diário:

No final da primeira meia hora meus problemas pessoais começaram a interferir seriamente na concentração, desgastando muita energia. Mudei do asana do Dragão para o da Íbis, terminando por ficar de cócoras no centro do círculo, sacudindo o corpo. Isto excitou-me sexualmente, e terminei me masturbando sem pensar em nenhuma mulher, mas só na coluna de luz sobre o círculo. Gozei para o alto da coluna, em sucessivas contrações. Isto pareceu consagrar-me definitivamente. Claro que pintou muito complexo de culpa no meio da masturbação, mas logo isso passou, tal foi o estado de êxtase em que fiquei.

E foi em meio a essas tentativas ainda incorpóreas de se aproximar do Demônio que Paulo se preparou para a primeira temporada mato-grossense. Deixou prontos os textos e roteiros para a *Tribuna* e outras publicações com as quais colaborava e datilografou um programa para o curso —

no qual um leigo não conseguiria identificar nada de mágico ou diabólico. “Esse era o truque que eu usava de propósito para ninguém perceber”, confessaria anos depois, “porque sabia que estava cometendo a suprema irresponsabilidade de usar técnicas e rituais de magia para dar aulas para professores e adolescentes”:

— Ali eu estava fazendo magia à esquerda, ou magia negra: usava os caras sem que eles soubessem, inocentemente, para minhas experimentações mágicas.

Antes de embarcar, Paulo pediu permissão a Frater Zaratustra para adotar no curso a *Tábua Esmeralda* de Hermes Trimegisto, vade-mécum de treze mandamentos tão megalômanos quanto os de Crowley — coisas do tipo “Pelos teus recursos terás toda a glória do mundo”, “Toda obscuridade fugirá de ti”, ou “Tua força está acima de todas as forças”. Sem saber que seriam usados como cobaías para experimentos de uma seita satânica, os mato-grossenses o receberam de braços abertos. Sua chegada em cada uma das cidades participantes do projeto era saudada pela imprensa local com elogios, exageros e até pitadas de fantasia. Depois de compará-lo a Plínio Marcos e Nelson Rodrigues, duas das maiores estrelas da dramaturgia brasileira, o *Diário da Serra*, de Campo Grande, cumprimentava o governo por ter convidado Paulo a levar para Mato Grosso um curso “que foi coroadado de sucesso quando ministrado no Rio de Janeiro, em Belém do Pará e em Brasília”. O tratamento que lhe foi conferido pelo *Jornal do Povo*, de Três Lagoas, seria ainda mais derramado:

E chegou a vez de Três Lagoas. Temos a oportunidade de sentir uma das grandes expressões do teatro nacional: a figura de Paulo Coelho. A princípio sua pessoa quase não nos diz nada. Mas Paulo Coelho é grande! O protótipo do concretismo, onde tudo é forte, estruturado e crescente. Uma figura como essa não poderia deixar de dar-se, e isso é algo que o apunhala a todo momento, suscitando em si a enorme capacidade transmissora. Não querendo pecar por exagero, simbolicamente podíamos compará-lo a Cristo, que também veio para criar.

Desde a farsa de Aracaju, quando plagiara o artigo de Carlos Heitor Cony, ele não recebia tantos salamaleques. Missionário em tempo integral, Paulo aproveitava as poucas horas de folga para enfronhar-se ainda mais no misticismo, não lhe importando muito o meio de acesso a esse mundo misterioso. Em Três Lagoas, “através de um tibetano que está lá cumprindo uma missão”, esteve na sede da Sociedade Brasileira de Eubiose, grupo defensor da vida em harmonia com a natureza, e na loja maçônica Grande Ordem do Brasil. Ao saber que havia uma aldeia de índios aculturados na periferia da cidade, tratou de visitá-los em busca de informações sobre feitiçaria indígena. Ao cabo de três semanas de trabalho, fechou as malas no hotel de Campo Grande e registrou o primeiro balanço da experiência:

No começo o trabalho com a Tábua Esmeralda foi uma grande decepção. Ninguém sacou direito como é que funcionava aquilo (nem eu mesmo, com todos os laboratórios e improvisações que fiz a respeito). De qualquer forma a semente foi lançada na cuca dos alunos, e alguns modificaram muito seu raciocínio e passaram a pensar de outra forma. Uma aluna entrou em transe durante uma das aulas. A grande maioria reagiu contra e o trabalho só teve algum sentido no último dia de aula, quando consegui, de uma forma ou de outra, romper os bloqueios emocionais do pessoal. É claro que estou falando de um desenvolvimento meramente dramático a respeito da Tábua. Talvez se o último dia de aula fosse o primeiro, eu poderia ter conseguido alguma coisa interessante com eles.

Ah, antes que me esqueça: outro dia saí pela cidade para recolher algumas plantas (tinha acabado de ler Paracelso e ia fazer uma cerimônia) e vi uma árvore de maconha plantada em frente à agência do Banco do Brasil. Imagine!

De volta ao Rio, Paulo soube por um colega da *Tribuna* que a redação do *Globo* estava precisando de gente. Era grande a tentação de escrever naquele que apregoava ser “o maior jornal do país”, e conseguiu que alguém marcasse uma entrevista com Iran Frejat, o temido chefe de redação do jornal da família Marinho. Se conseguisse entrar lá, disporia de um instrumento de verdade para difundir o ideário da O.T.O. Várias vezes, em sua correspondência com o Frater Zaratustra, ele colocara a página semanal da *Tribuna* à disposição da seita, mas nunca lhe haviam pedido nada. Ao comentar com Raul Seixas o interesse em uma vaga no *Globo*, o amigo tentou demovê-lo da ideia, acenando outra vez com a proposta de uma parceria musical:

— Deixe disso. Não vá pedir emprego em jornal nenhum, vamos fazer música. A TV Globo vai regravar *Beto Rockfeller* [novela inovadora e de grande sucesso levada ao ar na extinta TV Tupi

em 1968-69] e me pediu a trilha sonora. Por que não fazemos juntos? Eu componho a música e você escreve os versos.

Enquanto Paulo batia cabeça, perdido entre o sobrenatural e a necessidade de ganhar a vida, Raul construía sua carreira de cantor, dedicando-se exclusivamente à música: estava com um LP no mercado — a *Sociedade da Grã Ordem Kavernista*, gravado quase clandestinamente na CBS, semanas antes de se demitir — e preparava-se para disputar o sétimo Festival Internacional da Canção, promovido pela Rede Globo. No caso de Paulo, aceitar a parceria significava retornar à poesia, coisa que havia jurado jamais fazer. Pelo menos naquele momento, a vaga existente no Globo parecia mais ao alcance da mão e era ela que iria tentar. Acertada a entrevista com Frejat, apareceu na hora marcada no prédio da rua Irineu Marinho, apresentou-se ao chefe de reportagem — que parecia de péssimo humor — e sentou-se num canto da redação, à espera de ser chamado. Antes de sair de casa, Paulo enfiara na bolsa um providencial livro de poemas de San Juan de la Cruz, que o ajudaria a se distrair enquanto aguardava. Às duas da tarde, uma hora depois de chegar, Frejat ainda não lhe dirigira um olhar, embora passasse várias vezes diante dele, dando ordens e distribuindo papéis entre as mesas. Paulo se levantou, serviu-se de café em uma garrafa térmica, acendeu um cigarro e sentou-se de novo. Quando o relógio deu três horas da tarde ele perdeu a paciência. Arrancou as páginas do livro que estava lendo, picou-as em dezenas de pedacinhos, encheu as mãos em concha com o monte de papel, levantou-se e jogou tudo aquilo na mesa de Frejat. O gesto inusitado apanhou de surpresa o jornalista, que reagiu com uma gargalhada:

— O que é isso garoto? Ficou doido?

Paulo falou baixo, mas grosso:

— Faz duas horas que estou esperando, você não reparou? Você faz isso só porque estou pedindo emprego? Isso é uma falta de respeito!

Frejat encerrou o assunto com uma reação surpreendente:

— Está bem, desculpe. Era o emprego que você queria? Então vamos fazer um teste: se der certo, o emprego é seu. Pode começar agora mesmo. Vá à Santa Casa contar defuntos.

Defuntos? Sim, uma de suas tarefas diárias seria exatamente essa: passar na Santa Casa de Misericórdia e em outros dois grandes hospitais do Rio para recolher as listas com os nomes dos mortos que no dia seguinte encheriam a página de obituário do jornal. A despeito da experiência no *Diário de Notícias* e na *Tribuna*, ele ia começar em *O Globo* como foca. Como estagiário de repórter B, o mais modesto degrau da carreira, trabalharia sete horas por dia, com uma folga semanal, e ainda ganharia o salário de 1.200 cruzeiros por mês — cerca de setecentos reais de 2008. As primeiras semanas foram consumidas no que chamava de “reportagens sobre natureza morta” ou “cobertura de manifestação pacifista” — as visitas diárias aos necrotérios da cidade. Os mortos ilustres, como políticos e artistas, eram da alçada dos repórteres mais experientes, que redigiriam obituários ou as chamadas matérias de “memória”. Quando a macabra via-sacra diária terminava mais cedo, ele dava uma passada na região do baixo meretrício, no Mangue, para bater papo com as prostitutas.

Embora não fosse formalmente contratado — e era assim com a maioria dos focas em boa parte dos veículos da imprensa brasileira (o que significava não ter acesso a qualquer benefício social) —, ele podia fazer as refeições no baratíssimo restaurante da empresa. Por módicos seis cruzeiros — cerca de três reais de 2008 —, almoçava ou jantava no bandejão do jornal, em cujas mesas se cansaria de ver ninguém menos que o dono do *Globo*, Roberto Marinho, em pessoa, empunhando pratos, talheres e guardanapos. O patrão, pelo jeito, também o vira. Dias depois de terem se cruzado na fila do refeitório, Paulo soube por Frejat que o “doutor Roberto”, como o jornalista e empresário era conhecido, tinha mandado avisá-lo que ele podia escolher: ou cortava o cabelo — na época enorme, na altura do ombro — ou não precisaria voltar à redação. Trabalhar no *Globo* era mais importante e ele acatou a exigência sem grandes problemas, dando uma desbastada na juba negra. De qualquer modo, aos poucos os austeros redatores de paletó e gravata davam lugar a uma fauna desgrenhada que causava espanto aos mais velhos. Um dos principais colunistas do próprio *Globo*, o dramaturgo Nelson Rodrigues, chegou a denunciar a invasão em um ferino artigo intitulado “A Inteligência Hippie”:



Na temporada no Mato Grosso, Paulo recorre a técnicas e rituais de magia negra em seus cursos de teatro para adolescentes.

Outro dia um amigo meu passou num dos nossos maiores jornais. Voltou horrorizado. Vira uma redação de hippies. Vira, em primeiro lugar, redatores descalços. Eu quis duvidar: "Descalço mesmo?" Jurou: "Quero que Deus me cegue se minto!" Um outro escrevia com um mico no ombro. E o meu amigo não entendia o mico. E uns três ou quatro tinham a cara do Satã, o assassino da bela Sharon. Num canto, uma estagiária catava lêndeas na cabeleira de um companheiro. E eis que, de súbito, uma ratazana prenha dá uma corridinha e para. Passou um cronista, cujo aroma era pior que o da praia de Ramos. E as estagiárias vagavam por entre

as mesas e cadeiras, leves, ágeis, incorpóreas como sílfides.

Ainda assim Paulo foi aproveitado na reportagem em duas ou três emergências, permitindo que seus superiores percebessem que o foca de olheiras profundas sabia escrever e tinha desenvoltura para fazer entrevistas. Sem nunca ser destacado para coberturas de maior relevância, passou a sair todos os dias à rua tal como os demais repórteres, sobre os quais parecia ter sempre uma vantagem: quase nunca voltava para a redação de mãos abanando. O que seus chefes não sabiam é que, quando não encontrava entrevistados para cumprir as pautas, ele simplesmente inventava as reportagens — com todos os fatos, depoimentos e personagens saídos de sua imaginação. Em uma dessas ocasiões Paulo recebeu a incumbência de realizar uma reportagem sobre pessoas cujo trabalho girasse em torno do carnaval. Passou o dia na rua, retornou à redação e no começo da noite entregou ao editor, o experiente Henrique Caban, cinco laudas de entrevistas com, entre outros, “Joaquim de Souza, vigia”, “Alice Pereira, garçonne”, “Adilson Lopes de Barros, dono de bar”. A reportagem era encerrada com uma “análise do comportamento dos cariocas frente ao carnaval”, um depoimento do suspeitíssimo “psicólogo Adolfo Rabbit”. À noite Paulo anotou em cima da cópia carbono da reportagem que levava para casa algo que nem Caban nem ninguém jamais saberia: “Esta matéria foi COMPLETAMENTE inventada”.

Mesmo valendo-se de expedientes condenáveis como esse, a verdade é que ia bem no jornal. Não fazia nem dois meses que começara a trabalhar quando viu uma de suas entrevistas, esta legítima, com Luís Seixas, presidente do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), saltar para a manchete principal do *Globo* no dia seguinte: “Remédio de graça no INPS”. E logo em seguida receberia uma boa notícia: se topasse ser o pauteiro da madrugada, receberia um aumento salarial de cinquenta por cento. O inconveniente que afastara a maioria dos candidatos ao lugar — ter que trabalhar todos os dias das duas da madrugada às nove da manhã — não era exatamente um problema para alguém como ele, um insone que parecia se sentir tão bem na escuridão da noite quanto à luz do sol. As atribuições do pauteiro da madrugada começavam com a leitura de todos os jornais concorrentes com data do dia seguinte, comprados ainda durante a noite nas bancas do centro, a fim de cotejá-los com a edição do *Globo*, e verificar assuntos que eventualmente merecessem atenção do jornal. Isto feito, pescava nos noticiários de rádio o que ia ser notícia no dia seguinte, preparando a pauta para os repórteres que chegariam no começo da manhã. Além disso, cabia a ele decidir, em seu expediente, que ocorrências da noite mereciam ou não a presença de um repórter ou um fotógrafo. Nos primeiros dias torceu para que alguma coisa importante acontecesse no seu horário. “Qualquer dia destes vai pintar o grande furo da noite, e eu terei que cobrir, aumentando minha responsabilidade”, anotou no diário. “Eu gostava mais do outro horário, mas trabalhar neste não seria desagradável, se não fosse o filho da puta do Frejat, que fica me prendendo aqui de manhã.” Nos quase seis meses em que ocupou a função, só uma ocorrência o obrigaria a mobilizar repórteres e fotógrafos: o assassinato do jogador Almir Albuquerque, o “Pernambquinho”, atacante do Flamengo morto a tiros por turistas portugueses em uma briga no restaurante Rio Jerez, na Zona Sul. Na maioria das vezes, porém, as noites transcorreram sem incidentes, o que deixava tempo para que ele, sozinho na redação, enchesse laudas de anotações que depois seriam coladas no diário.

[...] Acho que o chefe Frejat não gosta de mim. Ele falou para alguém que eu sou “meio intelectualoide”.

[...] Como falei para Gisa, o que me agrada no jornalismo é que ninguém dura muito. Todos caem e se levantam de uma hora para outra. A queda de Frejat é próxima, e vai acontecer, pois a redação inteira está pressionando. Ninguém é bom caráter em jornalismo. Quem é está fodido.

[...] Li no jornal que um sujeito matou a mulher a facadas porque ela não reagia. Vou recortar a notícia e deixar para Gisa ler. Espero que ela entenda bem.

[...] Adalgisa foi para Minas deixando a casa num pandemônio completo. Não entregou a paginação da Tribuna, não pagou a luz e não lavou uma roupa sequer. Estas coisas me deixam chateado demais. Parece que ela não tem a menor noção do problema de marido e mulher. Agora estou sem saco de pagar a luz e a casa vai ficar às escuras. Falando no telefone, ela me disse que “desbundou com muito trabalho”, mas não é nada disso. É só uma grande irresponsabilidade.

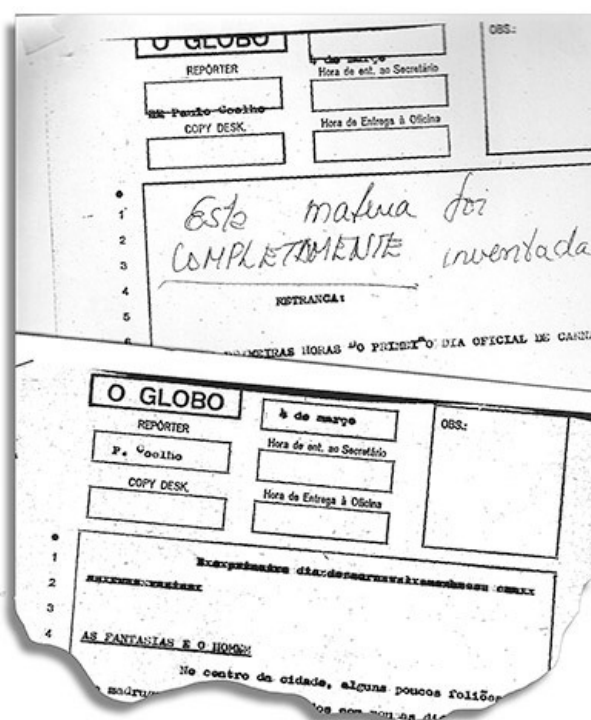
Como seu comprometimento com o curso em Mato Grosso era anterior ao trabalho no *Globo*, no final de 1972, depois de muita insistência, Paulo conseguiu que o jornal o liberasse por três semanas, sem remuneração, para dar as aulas de teatro. Mas no começo do ano seguinte o

problema reapareceria. “Estou num impasse entre o curso de Mato Grosso e o trabalho aqui no maior jornal do país”, escreveu no diário. “Caban disse que não posso ir, e pelo jeito um dos dois eu vou ter que largar.” Além disso, Raul continuava insistindo na ideia de trabalharem juntos. Para mostrar como era genuíno seu interesse em tê-lo como letrista, o baiano fez-lhe uma gentileza sedutora: assinou como sendo sua e de Paulo Coelho a canção “Caroço de Manga”, composta só por ele para a trilha da nova versão da novela *Beto Rockfeller*. Embora não seja incomum, no mundo fonográfico, um autor “dar parceria” a um amigo em uma música, isso significava também a divisão equitativa dos direitos autorais gerados pela obra. Aos poucos o personagem Raul Seixas começava a ganhar lugar na sua vida:

[...] É uma tranquilidade trabalhar de noite. Não tomei banho hoje. Dormi das nove da manhã às sete da noite. Levantei, Gisa não tinha ido trabalhar. Telefonamos para Raul avisando que não vai dar para sair hoje.

[...] Estou cansado. Bati à máquina o dia todo e agora não consigo me lembrar da música que prometi ao Raul.

[...] O Raul está cheio de escrúpulos bobos em fazer música comercial. Ele não percebe que quanto mais você domina os meios de informação, mais importante se torna sua ação.



Nem todas as reportagens escritas por Paulo para o jornal *O Globo* eram verdadeiras.

Tal qual previra, em abril de 1973 Paulo teve que decidir se continuava ou não no *Globo*. Como vinha se tornando praxe em todas as ocasiões em que se via obrigado a tomar uma decisão, importante ou não, ele entregou seu destino ao Livro das Mutações, o I Ching. Sozinho em casa, e depois de prévia concentração, jogou sobre a mesa as três moedas do oráculo chinês e anotou no diário os hexagramas revelados. Não havia dúvidas: o I Ching o prevenia contra o trabalho no jornal, advertindo-o de que aquilo significaria “um lento e prolongado exercício rumo ao infortúnio”. Não precisava de mais nada. Na manhã seguinte estava encerrada definitivamente sua efêmera carreira no *Globo*. O saldo tinha sido positivo, até o bancário. Os trocados acumulados com a venda das histórias em quadrinhos, com o curso no Mato Grosso, a página na *Tribuna* e o trabalho no *Globo* não apenas pagaram as despesas do dia a dia, mas permitiram que ele, sempre seguro, iniciasse seu pé-de-meia como modesto, mas atento, investidor na Bolsa de Valores. “Perdi meu dinheiro em ações do Banco do Brasil. Estou derrotado...”, anotaria a certa altura no diário, para dias depois se reanimar. “As ações da Petrobras, que eram apenas 25 quando eu comprei, hoje são 300.”

Entre o dia em que se demitiu do *Globo* e o início da parceria com Raul Seixas, Paulo fez um pouco de tudo. Além das atividades que mantinha, voltou a dar aulas no cursinho pré-vestibular,

passou a dirigir shows do amigo músico e chegou a trabalhar como ator na pornochanchada *Os Mansos* — na qual, ao lado de estrelas de peso como José Lewgoy, Sandra Bréa e Heloísa Mafalda, fazia o papel de um filho de calabreses traído pela mulher. Sem a obrigação de varar as noites na redação, horário que o obrigava a passar o dia dormindo, começou a se encontrar com Raul, ora na sua casa, ora na deste, para levar adiante a parceria tantas vezes adiada. A perspectiva de trabalharem juntos tinha uma sedução adicional para Paulo: se “Caroço de Manga” já gerava royalties perceptíveis na sua conta bancária, dava para imaginar o que significaria ser letrista de um disco de sucesso. Para não ferir os pruridos hippies do amigo, Raul não falava em dinheiro ao cortejá-lo:

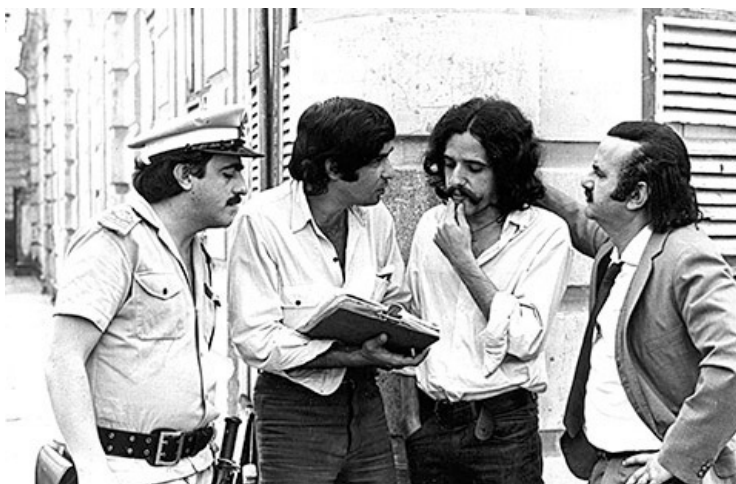
— Esse seu jeitão de artista incompreendido não está com nada. Se você quer atuar, tem que falar de um jeito que as pessoas entendam o que você quer dizer.

Com a experiência de quem, em tão pouco tempo, tornara-se autor de mais de oitenta músicas gravadas por diversos intérpretes — embora dissesse não gostar de nenhuma delas —, o baiano tinha traquejo suficiente para limar os preconceitos que Paulo ainda cultivava contra qualquer forma de versejar. “Para falar a sério com as pessoas você não precisa falar difícil”, repetia Raul nas intermináveis conversas que passaram a ter. “Ao contrário, quanto mais simples você for, mais sério pode ser.” Didático, quase professoral, explicava que aquilo não era um bicho de sete cabeças:

— Fazer música é escrever em vinte linhas uma história que a pessoa pode ouvir dez vezes sem ficar com o saco cheio. Se você conseguir isso, terá dado o grande salto: vai fazer uma obra de arte que todo mundo entende.

E assim começaram. Mais do que meros parceiros musicais, com o passar dos meses os dois se tornaram grandes amigos — ou, como ambos gostavam de dizer para os jornalistas, “inimigos íntimos”. Eles e as respectivas mulheres saíam juntos e se visitavam com frequência. Não precisou muito para que Raul e Edith fossem atraídos para o vertiginoso feitiço das drogas e da magia negra. Nessa época, na verdade, as drogas estavam em segundo plano na vida de Paulo, tamanho era o fascínio que exerciam sobre ele os mistérios que Frater Zaratustra e a O.T.O. lhe revelavam. A tão proclamada “inimizade íntima” entre os dois não era só uma expressão, e parece ter nascido junto com a amizade. Se Raul abrisse as portas da fama e da fortuna para o novo amigo, este retribuiria introduzindo-o no mundo das coisas secretas, em um universo ao qual não tinham acesso os mortais comuns. Pelo que ambos se cansaram de afirmar ao longo da vida, o que parecia uma troca de delicadezas nada mais era que uma sutil, quase imperceptível disputa pessoal, em que cada qual punha suas cartas na mesa: Raul tinha o caminho para a fama, mas era Paulo quem sabia como chegar ao Demônio.

O primeiro fruto do trabalho conjunto apareceu em 1973 sob a forma do LP intitulado *Krig-Ha, Bandolo!* — nome tirado de um grito de guerra do personagem Tarzan, herói dos romances de Edgar Rice Burroughs, do cinema e de histórias em quadrinhos. Das cinco canções em que Paulo aparecia como letrista, apenas uma, “Al Capone”, se tornaria um hit desses que as pessoas cantam pelas ruas. *Krig-Ha* seria responsável também por revelar Raul Seixas como letrista de mão-cheia. Pelo menos três das canções em que ele era letrista e compositor — “Mosca na Sopa”, “Metamorfose Ambulante” e “Ouro de Tolo” — continuariam sendo tocadas no rádio muitos anos depois de sua morte, ocorrida em 1989. Embora não tenha sido um arrasa-quarteirão, o disco permitiu que Paulo pudesse, enfim, ver dinheiro de verdade jorrando na sua conta bancária. Ao pedir o saldo na agência do Banco do Brasil de Copacabana, semanas depois do lançamento de *Krig-Ha*, ele não acreditou ao ver que tinham sido depositados pela Philips, produtora do disco, nada menos que 240 milhões de cruzeiros — algo como quatrocentos mil reais de 2008, uma dinheirama como jamais vira antes.



Paulo durante as filmagens da pornochanchada “Os Mansos”. À esquerda o ator Ari Fontoura e à direita Felipe Carone.

O resultado do disco permitiu que os quatro — Paulo e Gisa, Raul e Edith — festejassem à tripa forra. Tomaram um avião, e, depois de passar uma semana de criança na Disney World, na Flórida, visitaram Memphis, no Tennessee, a cidade natal de Elvis Presley, e se esbaldaram por um mês em Nova York. Em um dos muitos passeios que fizeram pela Big Apple, os dois casais bateram um dia na porta do Dakota Building, o cinzento, neogótico e algo sinistro edifício de apartamentos de frente para o Central Park onde vivia o beatle John Lennon e que fora cenário de um clássico do satanismo, o filme *O Bebê de Rosemary*, dirigido por Roman Polanski. Movidos, quem sabe, pela proverbial imodéstia brasileira, Paulo e Raul acreditavam que o sucesso de *Krig-Ha* fosse credencial suficiente para que aqueles dois raquíticos roqueiros pudessem confraternizar com a inatingível figura do autor de *Imagine*. De volta ao Brasil, Paulo e Raul deram várias entrevistas, inclusive para publicações internacionais, revelando detalhes da conversa com Lennon — que, segundo eles, apesar de gripado, recebeu-os com a mulher Yoko para uma conversa, trocou partituras de músicas e até considerou a possibilidade de fazerem algo juntos. Um nota distribuída à imprensa, quando retornaram ao Brasil, revelava como tinha sido o encontro:

[...] John Lennon terminou aparecendo um dia antes de nossa volta. Fomos com um jornalista de uma cadeia de TV do Brasil. Assim que nos sentamos, o jornalista perguntou imediatamente sobre a separação dele e de Yoko. Sem maiores cerimônias, John pediu ao jornalista que se retirasse imediatamente, pois não ia gastar seu tempo com fofocas. A reunião começou tensa por causa desse incidente, com John nos prevenindo que qualquer tentativa de capitalizar nosso encontro para autopromoção no Brasil seria muito mal recebida. Passados os primeiros minutos a tensão se desfez, e conversamos durante meia hora sem parar sobre o presente e o futuro. Os resultados desta reunião serão divulgados pouco a pouco, de acordo com o desenvolvimento das situações.

Era mentira pura. Com o passar do tempo a versão foi sendo moldada à realidade: Paulo e Raul nunca estiveram na casa do beatle e tampouco foram recebidos por sua mulher, Yoko Ono. O personagem mais próximo de John Lennon com quem conseguiram falar foi o porteiro do Dakota: pelo interfone, ele informou secamente que “o sr. Lennon não se encontra em casa” — e nada mais. Outra invencionice difundida pela nota à imprensa dizia que o beatle ficara muito impressionado com um projeto que Paulo e Raul se preparavam para lançar no Brasil, chamado Sociedade Alternativa.

O plano era criar uma comunidade inspirada na experiência desenvolvida por Aleister Crowley no começo do século XX em Cefalu, na Sicília. O lugar escolhido para sediar a “Cidade das Estrelas”, como Raul a batizara, era a cidade de Paraíba do Sul, onde vivia o iniciado Euclides Lacerda, aliás Frater Zaratustra. O roqueiro baiano incorporara com tal rapidez o mundo das drogas e da magia que, um ano depois de se conhecerem, ele nem de longe lembrava o executivo escovadinho que aparecera na redação da *Pomba* para falar de discos voadores. Barbudo e exibindo vistosa gaforinha negra, Raul passou a se vestir de forma extravagante, com calças justas nas pernas e abertas na barra, como patas de elefante, e paletós de lamê brilhante, sem camisa por baixo, que deixavam entrever seu peito pálido, cavo e ossudo.

Ao voltarem da turnê americana os dois amigos começaram a conceber aquele que seria, de

longe, o maior sucesso da dupla: o LP *Gita*. Das onze canções escolhidas para compor o disco, sete tinham letras escritas por Paulo e, destas, pelo menos três se converteriam em marcas registradas da dupla: “Medo da Chuva”, “Gita” e “Sociedade Alternativa”. A primeira denunciava, logo no verso inicial, as pouco ortodoxas concepções do letrista a respeito do casamento (*É pena que você pense que eu sou seu escravo / Dizendo que eu sou seu marido e não posso partir / Como as pedras imóveis na praia eu fico ao teu lado / Sem saber dos amores que a vida me trouxe e eu não pude viver...*). Já a música-título, “Gita”, nada mais era que a fiel e bem-elaborada tradução do diálogo das entidades Krishna e Arjuna contido no *Bhagavad Gita*, texto sagrado do hinduísmo que os autores tinham acabado de ler. O mais intrigante do álbum, contudo, era a sexta música, “Sociedade Alternativa”. Ou, pelo menos, o que ela ocultava. À primeira vista a letra de “Sociedade Alternativa” soa como inocente brincadeira surrealista em torno de uma única estrofe, repetida ao longo de toda a música:

*Se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou esperar Papai Noel
Ou discutir Carlos Gardel
Então vá!*

Era no refrão que abria e fechava a faixa, porém, que se ocultava o mistério. Com o coro reforçando sua voz, Raul abria o verbo:

*Faze o que tu queres, pois é tudo da lei.
Viva! Viva! Viva a Sociedade Alternativa!*

Como se não quisessem deixar dúvidas a respeito de suas intenções, os autores transcrevem *ipsis litteris* trechos inteiros do *Liber Oz* para, enfim, abrirem o jogo, deixando claro a serviço de quem estava a dupla. Enquanto Raul cantava o refrão, sua própria voz, mixada em segundo plano, declamava:

*O número 666 chama-se Aleister Crowley!
Viva! Viva!
Viva a Sociedade Alternativa!
A lei de Thelema
Viva! Viva!
Viva a Sociedade Alternativa!
A lei do forte
Esta é a nossa lei e a alegria do mundo
Viva! Viva!
Viva o Novo Aeon!*

Embora só os escassos iniciados no mundo de Crowley percebessem isso, Paulo Coelho e Raul Seixas tinham decidido converter-se em porta-vozes da O.T.O. e, por decorrência, do Demônio. Para muitos de seus ouvintes aquela era uma mensagem cifrada, para burlar a censura, e defendia uma nova sociedade como alternativa à ditadura militar. Essa parecia ser também a opinião do governo: depois de ter liberado a gravação de “Sociedade Alternativa”, a censura proibiu sua execução nos shows que Raul fazia pelo Brasil afora. Com ou sem censura, a verdade é que tudo corria tão bem que Paulo concluiu que seus dias de penúria material e emocional haviam chegado ao fim. Naquela noite, como às vezes costumava fazer, em vez de escrever ele gravou o diário em fita cassete, dramatizando a fala, como se estivesse em um palco:



Edith, Raul, Paulo e Gisa nos Estados Unidos.

No dia 15 de abril de 1974, aos 26 anos de idade, eu, Paulo Coelho, terminei de pagar os meus crimes. Somente aos 26 anos tive consciência clara de que já paguei. Agora dai-me a recompensa.

Eu quero agora o que me é devido.

O que me é devido será o que eu desejar!

E eu desejo dinheiro!

Eu desejo poder!

Eu desejo glória, imortalidade e amor!

Enquanto os demais desejos não se realizavam, ele desfrutava do dinheiro, da glória e do amor. No começo de maio, Raul o convidou juntamente com Gisa para irem a Brasília, onde faria três espetáculos durante a Festa das Nações que se realizaria na capital federal nos dias 10, 11 e 12. Ali começaria uma temporada de promoção do LP *Gita*, que seria colocado no mercado semanas depois. Escravo do I Ching, Paulo espalhou as três moedas do oráculo várias vezes sobre a mesa até se certificar de que a viagem não representaria nenhum risco. Instalados no à época elegante hotel Nacional, na tarde de sexta-feira, dia do primeiro show, os dois foram chamados à Polícia Federal para um procedimento que se tornara rotina no comportamento da censura: reiterar aos artistas o que podia e o que não podia ser cantado em público. O coronel e o burocrata que os receberam explicaram que no caso deles a única música vetada era “Sociedade Alternativa”. Com gente apinhada em todos os cantos do ginásio de esportes onde se apresentavam, os dois primeiros espetáculos transcorreram sem imprevistos. Na noite de domingo, dia do show de encerramento, Raul, que passara a tarde e o começo da noite fumando maconha, teve o que chamou de “um estranhamento”. De uma hora para outra não conseguia se lembrar de uma só letra das músicas previstas. Enquanto a banda mantinha o público aceso, o baiano agachou-se na beira do palco e cochichou ao parceiro, sentado na primeira fila:

— Dom Paulete, me socorre que estou tendo um troço. Sobe aqui e segura o público um minuto enquanto eu jogo uma água no rosto.

De microfone em punho, Raul apresentou Paulo à multidão como “meu parceiro querido” e o deixou com o abacaxi nas mãos. Como a plateia acompanhava a banda com palmas, gritando o refrão proibido, Paulo simplesmente fez o mesmo e passou a cantar com o público:

Viva! Viva! Viva a Sociedade Alternativa!

Viva! Viva! Viva a Sociedade Alternativa!

De volta ao Rio ele resumiria em poucas linhas o fim de semana em Brasília:

Foi uma viagem calma. Na sexta tivemos contato oficial com o governo, falando com o chefe da Censura e um coronel da Polícia Federal. No domingo falei para a multidão pela primeira vez, fui pego completamente desprevenido. Toda a divulgação da Sociedade Alternativa vai acontecendo durante as entrevistas.

Naquela semana Paulo tomaria uma importante decisão: a formalização de sua entrada na O.T.O. na condição de “probacionista” (ou seja, noviço), ocasião em que jurou “dedicação eterna à Grande Obra”. Para os seguidores do Demônio, a partir daquele 19 de maio “do ano de 1974 da Era Vulgar”, o “nome profano” de Paulo Coelho de Souza desapareceria para dar lugar ao “nome mágico” que ele próprio escolhera: *Luz Eterna* — ou *Staars*, ou ainda, simplesmente, 313. Depois de postar seu juramento no correio, ele anotou no diário: “De tanto ser invocado, Ele já deve estar ventando fogo pelas narinas aqui por perto”. Estava. Na manhã de 25 de maio, seis dias após seu ingresso no mundo das trevas, Paulo teria afinal o tão desejado encontro com o Demônio.

Paulo escapa do Demônio e dos policiais do Dops, mas cai num lugar pior que o inferno: o DOI-Codi

A dinheirama que a Philips depositara na conta bancária de Paulo no ano anterior era só uma amostra do que estava por vir. No rastro do ruidoso sucesso de *Krig-Ha, Bandolo!* a gravadora lançou um compacto com as canções “Gita” e “Não Pare na Pista”, esta concebida na rodovia Rio-Bahia, quando a dupla voltava de alguns dias de férias no sítio dos pais de Raul, no município de Dias d’Ávila, no interior baiano. O objetivo do compacto era apenas oferecer ao público um aperitivo do LP que chegaria ao mercado em junho, mas em menos de um mês ele tinha batido o teto de 100 mil cópias vendidas, cifra que daria aos autores um precoce Disco de Ouro, o primeiro de uma penca de seis que as duas canções juntas ganhariam. Cada vez que uma estação de rádio fazia, sem saber, uma invocação ao Demônio, executando o refrão “Viva! Viva a Sociedade Alternativa!”, a caixa registradora dos dois parceiros tilintava. Em abril de 1974 Paulo comprou um apartamento de 150 metros quadrados na rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, a poucas quadras da vila onde nascera e passara a infância, e para lá se mudou com Gisa.

No dia 24 de maio, uma sexta-feira, duas semanas depois da minitemporada em Brasília, Raul telefonou contando que fora intimado a comparecer na segunda-feira seguinte ao Dops a fim de “prestar esclarecimentos”. Habitado às frequentes convocações para discutir a liberação de músicas para shows ou discos, ele não parecia assustado, mas por via das dúvidas pediu que o parceiro fosse junto. Assim que desligou o telefone, Paulo indagou ao I Ching se havia algum risco em ir com Raul ao Dops. Como a resposta fosse negativa — ou pelo menos pareceu ser, uma vez que a interpretação do oráculo, segundo seus seguidores, nem sempre é precisa —, não pensou mais no assunto.

Ao acordar, na manhã de sábado, Paulo viu no criado-mudo um bilhete de Gisa, que saíra mais cedo e prometia voltar logo. Ao passar os olhos pela primeira página do *Jornal do Brasil* que fora deixado sob a porta de entrada, a data impressa sob o cabeçalho chamou sua atenção: fazia exatamente dois anos que conhecera Raul — e que sua vida virara de pernas para o ar. Tomou café, acendeu um cigarro, deu uma espiada pela janela, de onde era possível ver o sol batendo na calçada, lá embaixo, e foi até o quarto vestir uma bermuda para a caminhada diária de uma hora. Sentiu na casa um leve cheiro de queimado, vistoriou as tomadas e os eletrodomésticos e não encontrou nada errado. Ao dar dois passos percebeu que o cheiro voltava, agora mais forte. Não, não. Aquilo não era cheiro de combustão elétrica, mas de algo que lhe parecia a cada segundo mais familiar. Sentiu um frio na barriga quando a memória o transportou para o lugar onde sentira o mesmo cheiro que agora invadia seu apartamento: a sala de cadáveres da Santa Casa de Misericórdia, que frequentara diariamente por vários meses, recolhendo dados sobre os mortos para a página de obituário do *Globo*. Era o cheiro macabro das velas que pareciam estar permanentemente acesas, iluminando no velório da Santa Casa a desencarnação daqueles mortos. A diferença é que o odor que empesteara tudo à sua volta era tão forte que parecia vir de cem, de mil velas queimando ao mesmo tempo.

Ao abaixar-se para amarrar os tênis, teve a impressão de que o chão de tacos de madeira se inclinava para cima, aproximando-se perigosamente de seu rosto. Eram suas pernas que haviam bambeado inesperadamente, como se ele tivesse sido acometido de uma vertigem muito forte, inclinando o peito para a frente. Quase se estatelou no chão. Com a intensificação da vertigem, tentou lembrar se havia comido algo estranho, mas não, não havia sido nada assim: na verdade, não sentia náuseas nem vontade de vomitar, apenas era chacoalhado por uma voragem que parecia tomar conta de tudo à sua volta. Junto com os surtos de tontura, que iam e vinham, percebeu que o apartamento estava tomado por uma bruma escura, como se o sol sumisse de repente e nuvens cinzentas invadissem a casa. Por um instante implorou que estivesse vivendo o momento mais temido pelos usuários de droga — LSD. Mas nem isso era possível. Fazia muito que não punha na boca um pedacinho sequer de LSD. E nunca ouvira falar que maconha ou cocaína tivessem levado alguém a um inferno como aquele.

Tentou abrir a porta e sair para a rua, mas o medo o paralisava. Lá fora podia estar pior do que em casa. Agora, além das vertigens e da fumaça, ouvia barulhos assustadores, como se alguém ou alguma entidade estivesse quebrando tudo à sua volta — mas as coisas continuavam em seus lugares. Aterrorizado e sem forças para reagir, viu suas esperanças renascerem quando o telefone tocou. Pediu a Deus que fosse Euclydes Lacerda, o Frater Zaratustra, este sim, alguém capaz de

pôr um fim àquele martírio. Ergueu o fone do gancho mas quase desligou ao se dar conta de que estava invocando o santo nome de Deus para falar com um discípulo do Diabo. Antes fosse Euclides: quem o chamava era a amiga Stella Paula, que ele também recrutara para a O.T.O. Em prantos e tão apavorada quanto ele, a garota ligara para pedir socorro, pois seu apartamento estava sendo tomado por tufos de fumaça negra, um forte cheiro de algo em decomposição e outros miasmas sufocantes. Agora ele é que passou a chorar de forma incontrolável. Desligou o telefone e se lembrou do recurso que usava quando exagerava no consumo de maconha ou cocaína: foi à geladeira e bebeu vários copos de leite, um atrás do outro, e depois enfiou a cabeça embaixo da torneira da pia do banheiro, deixando escorrer a água fria. Nada, nada. O cheiro dos mortos, a fumaça e as vertigens continuavam, assim como o barulho de quebradeira, tão forte que o obrigava a tapar os ouvidos com as mãos para diminuí-lo.

Só então, como se sua memória espanasse um velho hieróglifo, começou a entender o que se passava. Após romper por completo seus laços com a fé cristã, ele passara os últimos anos trabalhando com energias negativas em busca de algo que nem mesmo Aleister Crowley conseguira: encontrar-se com o Demônio. O que acontecia naquela manhã de sábado era o que Frater Zarathustra chamava de “refluxo de energias mágicas”: o que ele tanto pedira em invocações e banhos em espadas-de-são-jorge tinha sido atendido. Paulo estava cara a cara com o Demônio. Teve vontade de se atirar pela janela, mas saltar do quarto pavimento podia significar arrebentar-se no chão, sofrer terrivelmente, talvez não poder mais andar, mas mesmo assim não morrer. Chorando como um bebê abandonado, com as mãos em concha sobre os ouvidos e a cabeça enterrada entre os joelhos, ele se lembrou de fragmentos das ameaças que padre Ruffier trovejava desde o púlpito da capela do Colégio Santo Inácio. Com nitidez meridiana viu os braços curtos e grossos do religioso gaúcho levantados para o céu em meio às imprecações:

Liberdade Poder Destino	Vida Putrefação Morte
-------------------------------	-----------------------------

A.°. A.°.

O JURAMENTO DE PROBACIONISTA

Eu, PAULO COELHO, estando em gozo
(nome profano)

de saúde física e mental, neste 19 dia de MAIO
(nº) (mês)

An LXX, de 1974, e.v.,
(ano a partir de 1904, em algarismos romanos) (ano da era vulgar, e.v.)

em TAUREUS, de 1974, e.v.,
(sinal zodiacal) (ano da era vulgar, e.v.)

na presença de T.,
(inicial do moto do Neófito ou Neófita)

um(a) Neófito(a) da A.°. A.°, aqui me dedico a: Encetar a
Grande Obra, que é obter um conhecimento científico da natureza
e dos poderes de meu próprio ser.

Que a A.°. A.°. corôe a Obra, empreste-me de Sua sabedoria
na Obra, me habilite a compreender a Obra!

Reverência, dever, simpatia, devoção, assiduidade, confiança
eu trago à A.°. A.°.; e em um ano a partir desta data posso
ser admitido(a) ao conhecimento e conversação da A.°. A.°.

Testemunhe minha mão [assinatura]
(assinatura mundana)

Moto LUZ ETERNA
(313)

Amor Paixão Deboche	Luz Percepção Segurança
---------------------------	-------------------------------

No dia 19 de maio de 1974 da Era Vulgar, o nome profano de Paulo Coelho desaparece e dá lugar a “Luz Eterna” — ou apenas 313.

[...] Estamos no inferno! Aqui só se veem lágrimas e só se ouve o ranger de dentes do ódio de uns contra os outros.

[...] Enquanto choramos de dor e de remorso, o demônio sorri um sorriso que nos faz sofrer ainda mais. Mas o pior castigo, a pior dor, o pior sofrimento é não termos nenhuma esperança. Estamos aqui para sempre.

[...] E o demônio dirá: meu caro, seu sofrimento ainda nem começou!

Era isso, ele estava no inferno — um inferno muito pior do que padre Ruffier prometera e ao qual parecia condenado solitariamente. Sim, porque fazia muito tempo que aquilo começara — duas horas? Três? Ele perdera a noção de tempo — e Gisa não dava sinal de vida. Teria havido

alguma coisa com ela? Para não continuar pensando naquilo, passou a contar os livros que tinha em casa, depois os discos, os quadros, as facas, as colheres, os garfos, pratos, pares de meia, as cuecas... Quando chegou às últimas peças, começou tudo de novo, contando livros, discos... Estava agachado sob a pia da cozinha, com as mãos cheias de talheres, quando Gisa chegou. Tão estremunhada quanto ele, com tremores de frio e batendo dentes, a namorada perguntou o que estava acontecendo, mas Paulo não sabia. Ela irritou-se:

— Como não sabe? Você sabe tudo!

Abraçados, os dois se ajoelharam no chão da cozinha e puseram-se a chorar. Ao se ouvir confessando a Gisa que estava com medo da morte, Paulo viu renascer os fantasmas do Colégio Santo Inácio. “Você está com medo de morrer”, gritara-lhe uma vez padre Ruffier, na frente dos colegas, “e eu estou indignado com a sua covardia.” Gisa também estava envergonhada ao ver acovardado daquele jeito o homem que dias antes era o sabe-tudo, o machão que a induzira a se meter com os desatinados bruxos da O.T.O. No meio daquele pandemônio, contudo, pouco importava a Paulo a opinião que tivessem a seu respeito o padre, a namorada, os pais. A única verdade é que não queria morrer e muito menos entregar a alma ao Demônio. Tomou coragem e sussurrou no ouvido de Gisa:

— Vamos procurar uma igreja! Vamos sair daqui direto para uma igreja!

A militante de esquerda parecia não reconhecer o namorado:

— Igreja? Mas o que você vai procurar numa igreja, Paulo?

Deus. Ele queria uma igreja para pedir a Deus que o perdoasse por ter duvidado de Sua existência e pusesse fim àquele sofrimento. Arrastou Gisa até o banheiro, abriu o registro de água fria do chuveiro e acocorou-se no chão, ao lado da namorada. O mau cheiro, a nuvem e os barulhos continuavam. Paulo pôs-se a rezar em voz alta todas as orações que conhecia — ave-maria, pai-nosso, salve-rainha, credo —, até que ela passou a acompanhá-lo. Eles jamais se lembrariam de quanto tempo ficaram ali, mas ambos estavam com as pontas dos dedos das mãos azuladas e enrugadas pela água quando Paulo se levantou correndo, foi à sala e pegou na estante um exemplar da Bíblia. De novo sob a água, abriu o livro sagrado numa página ao acaso e deu com o versículo 9, capítulo 22, de São Marcos, que ele e a namorada passaram a repetir, como um mantra, sob o chuveiro:

Eu creio, Senhor. Ajudai minha incredulidade...

Eu creio, Senhor. Ajudai minha incredulidade...

Eu creio, Senhor. Ajudai minha incredulidade...

As seis palavras foram repetidas pelos dois em voz alta como um ditirambo centenas, talvez milhares de vezes. Paulo renegou e abjurou, também em voz alta, suas ligações com a O.T.O., com Crowley e com todos os demônios que pareciam ter libertado naquele sábado. Quando a paz voltou, a noite entrava pela janela do apartamento. Paulo estava se sentindo um farrapo — física e emocionalmente.

Atordoado com o que acabara de viver, o casal não teve coragem de dormir aquela noite no apartamento. Os móveis, livros e objetos da casa continuavam todos no mesmo lugar de sempre, como se aquele lugar não tivesse sido palco de um terremoto, mas o melhor era não arriscar, e foram passar o fim de semana na casa de Lygia e Pedro, na Gávea. Desde que começara a namorar Paulo, Gisa frequentava a casa dos Coelho regularmente, sendo sempre bem recebida, sobretudo por Lygia, que a cercava de todos os carinhos. Não era uma exceção. A mãe tratava as namoradas de Paulo com deferência especial, tendo afirmado a todas que faria muito gosto se a relação progredisse para um casamento. Nem mesmo Vera Richter, cuja idade e estado civil poderiam despertar mal-estar em família tão conservadora, teve tratamento diferente. Lygia sabia que se fosse esperar uma nora perfeita o filho morreria solteiro. Para os Coelho, o defeito de Gisa era o radicalismo político. Nos demorados almoços de domingo na Gávea, quando se juntavam os pais, tios e avós de Paulo, Gisa não abria mão de defender suas ideias, mesmo sabendo que estava em um sodalício de salazaristas, franquistas e, claro, ferrenhos defensores da ditadura militar brasileira. Embora tudo indique que ela tenha deixado aos poucos a militância política no movimento estudantil, seus pontos de vista não haviam mudado. Marcos Medeiros Bastos, primeiro marido de Sônia Maria, irmã de Paulo, lembra que a garota parecia ter prazer em provocar os mais velhos:

— Nos almoços com a gente na casa dos pais ou dos avós do Paulo, na Gávea, ela tinha atitudes radicais. O pessoal mais velho era muito conservador e ela era uma contestadora radical.

Quando o casal de namorados saiu, na segunda de manhã, dona Lygia os convidou para um jantarzinho que faria naquela noite para a irmã Heloísa, a “tia Helói”. De táxi — Paulo ainda não

aprendera a dirigir —, os dois retornaram ao apartamento da Voluntários da Pátria. Nem cheiros, nem miasmas, nem cacos de vidro, nada indicava que dois dias antes aquele lugar tinha sido palco do que aos dois parecera, sem a menor dúvida, uma guerra entre o Bem e o Mal. Ao escolher a roupa que iria usar depois do banho, Paulo decidiu que não seria mais escravo de superstições. Pegou no guarda-roupa uma camisa de brim azul-claro, mangas curtas e bolsos com bordados coloridos, um presente que a mãe lhe fizera três anos antes — e que nunca havia posto no corpo. É que a peça de roupa tinha sido comprada em uma viagem dos pais a Assunção, capital do país vizinho cujo nome, desde a prisão em Ponta Grossa, ele não pronunciava mais. Ao vestir a camisa paraguaia queria, antes de tudo, provar a si mesmo que estava livre dos cacoetes esotéricos. Almoçou com Gisa e às duas da tarde passou no apartamento de Raul para acompanhá-lo na visita ao Dops.

Para transpor os quinze quilômetros coalhados de engarrafamentos que separam o Jardim de Alah, onde morava o baiano, do prédio do Dops, no centro da cidade, consumiram mais de meia hora, tempo gasto na discussão dos eventos que teriam pela frente, para a divulgação do LP *Gita*. Um ano antes, quando fora lançado o álbum *Krig-Ha, Bandolo!*, os dois haviam liderado uma “passeata musical” pelas ruas do comércio do centro velho do Rio, uma ideia de Paulo que fez grande sucesso. O *happening* inusitado rendera preciosos minutos de aparição nos telejornais, além de reportagens em jornais e revistas. Para *Gita*, queriam fazer algo ainda mais extravagante. A tranquilidade com que se dirigiam à polícia política sob uma ditadura militar, sem a companhia de um advogado ou de um representante da gravadora, não era uma atitude irresponsável. Além de serem artistas razoavelmente conhecidos — Raul, pelo menos, era —, nenhum deles tinha esqueletos no guarda-roupa. Salvo a prisão de Paulo em Ponta Grossa, em 1969, e as escaramuças com a Censura, a nenhum poderia ser imputado qualquer ato que se confundisse com oposição à ditadura. E o regime, de qualquer forma, exterminara todos os grupos de luta armada que atuavam no país. Seis meses antes, no final de 1973, tropas do Exército haviam massacrado os últimos focos da guerrilha do Araguaia, no sul do Pará, deixando um saldo de 69 mortos entre os militantes do PC do B. Aniquilada a oposição armada, aos poucos a máquina repressora ia sendo naturalmente desativada. Muitos crimes e atrocidades ainda eram e continuariam sendo cometidos pelo regime, mas naquela segunda-feira de maio de 1974 não era nenhuma maluquice atender a uma intimação do Dops — até porque sabia-se que as acusações de torturas e eliminação de presos recaíam na maioria das vezes contra os serviços de inteligência e outros setores do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.





A passeata musical de Paulo e Raul pelas ruas centrais do Rio e o gibi *Krig-Ha Bandolo*, que deixaria a polícia intrigada.

Quando o táxi os deixou na porta do centenário prédio de três andares, na rua da Relação, a duas quadras dos escritórios da gravadora Philips, eram três horas em ponto do dia 27 de maio. Enquanto Paulo se sentava para ler jornal num banco de espera, Raul mostrou a intimação ao funcionário de um guichê e em seguida entrou por um corredor. Meia hora depois o roqueiro estava de volta. Sem se dirigir ao parceiro, que já se preparava para sair, Raul foi até um telefone público na parede, fingiu discar um número e passou a cantarolar algo em inglês:

My dear partner, the men want to talk with you, not with me...
[Querido parceiro, os homens querem falar é com você, não comigo...]

Como Paulo não parecia entender o truque usado para alertá-lo de que corria perigo, Raul continuou tamborilando os dedos no telefone e repetindo, como se fosse um refrão:

They want to talk with you, not with me...
They want to talk with you, not with me...
[Querem falar é com você, não comigo.
Querem falar é com você, não comigo.]

Paulo continuava não entendendo nada. De pé, pronto para sair, ele perguntou, sorrindo: — Que maluquice é essa, Raul? Que música é essa que você está cantando? Quando ameaçou caminhar em direção à porta, um policial pôs a mão no seu ombro: — Você, não. Você vai ter que ficar aqui para prestar alguns esclarecimentos. Aturdido, Paulo só conseguiu balbuciar um rápido “avise o meu pai” para Raul, antes de sumir numa porta. Foi conduzido por um labirinto de corredores mal-iluminados e atravessou um pátio ao ar livre até chegar a uma galeria com celas gradeadas dos dois lados, a maioria das quais parecia vazia e de onde exalava um cheiro fortíssimo de urina misturada com desinfetante. O

homem que o levava parou diante de uma delas, onde havia dois rapazes presos, atirou-o lá dentro com um safanão e passou a chave no ferrolho. Sem dirigir a palavra aos outros, Paulo sentou-se no chão, acendeu um cigarro e, tomado de pânico, tentou descobrir o que poderia estar por trás daquela prisão. Estava imerso em suas preocupações quando um dos rapazes, mais jovem que ele, o interrompeu:

— Você não é o Paulo Coelho?

Assustado, respondeu instintivamente:

— Sim, sou eu, por quê?

— Nós somos Meninos de Deus. Eu sou casado com a Talita, que você conheceu em Amsterdã.

Era verdade. Ele se lembrou que, durante a viagem à Holanda, uma garota brasileira o abordara, atraída pela bandeira do Brasil costurada no ombro de seu casaco jeans. Assim como Paulo, os dois presos também ignoravam o que faziam ali. Criada na Califórnia anos antes, a seita Meninos de Deus conseguira angariar centenas de adeptos no Brasil e aqui enfrentava graves acusações, entre elas a de estimular a prática de sexo com crianças, inclusive de pais com os próprios filhos. A presença daqueles três nas celas do Dops era um fiel instantâneo do estado da repressão política no Brasil. A temida e violenta máquina montada pela ditadura para enfrentar guerrilheiros agora preocupava-se com hippies, maconheiros e seguidores de seitas malucas. Somente lá pelas seis da tarde um policial à paisana, com uma pistola enfiada no cinto e uma pasta de papelão na mão, abriu a porta da cela e perguntou:

— Qual de vocês é o Paulo Coelho de Souza?

Ele se identificou e foi conduzido a uma sala, no segundo andar do prédio, onde havia apenas uma mesa e duas cadeiras. O policial sentou-se em uma delas e deu ordens para que Paulo ocupasse a outra. Tirou da pasta e jogou sobre a mesa o gibi de quatro páginas que acompanhava o LP *Krig-Ha, Bandolo!* e iniciou um diálogo surrealista com o preso:

— Que merda é esta?

— Este é o encarte que acompanha o álbum gravado por mim e pelo Raul Seixas.

— O que significa *Krig-Ha, Bandolo!*?

— Significa “Cuidado com o inimigo!”.

— Inimigo? Que inimigo, o governo? Em que língua isso está escrito?

— Não! Não é nada contra o governo. Os inimigos são leões africanos e isso está escrito na língua falada no Reino de Pal-U-Don.

Certo de que estava sendo feito de palhaço por aquele cabeludo esquelético, o policial ameaçou partir para a ignorância, obrigando-o a explicar didaticamente que tudo aquilo era obra de ficção, inspirada nos lugares, personagens e dialeto das histórias em quadrinhos de Tarzan, ambientadas num lugar imaginário da África chamado Pal-U-Don. O sujeito não estava satisfeito:

— E quem escreveu esse negócio?

— Eu escrevi e minha mulher, que é arquiteta, ilustrou.

— Como se chama sua mulher? Quero ouvi-la também. Onde ela está agora?

Paulo entrou em pânico diante da perspectiva de enredar Gisa naquele pesadelo, mas sabia que ali não dava para mentir — e nem havia razões para mentir, pois ambos eram inocentes. Olhou o relógio e viu que eram quase oito da noite:

— Seu nome é Adalgisa Rios. Nós fomos convidados para jantar hoje na casa dos meus pais, e a esta hora ela deve estar lá.

O policial recolheu os papéis, cigarros e isqueiro que espalhara sobre a mesa, levantou-se e deu ordens para que o aterrorizado preso o seguisse:

— Vamos lá, então. Vamos buscar a patroa.

Ao ser enfiado em uma perua branca e preta, com o símbolo da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro pintado na porta, Paulo experimentou um instante de alívio. Isso significava que estava oficialmente preso e, pelo menos em tese, sob a guarda do Estado. O inferno eram as prisões realizadas por policiais à paisana, em veículos comuns e com chapas frias, sem nenhuma ordem, nenhum mandado oficial. Estas, sim, costumavam ser a antessala das torturas e dos 117 desaparecidos políticos acumulados pelo regime. Os pais pareciam não acreditar quando viram o filho sair do camburão, cercado por quatro homens armados. Disseram que Gisa ainda não chegara e queriam saber o que estava acontecendo. Paulo tentou acalmá-los, dizendo tratar-se de um problema com o disco *Krig-Ha, Bandolo!* que seria resolvido logo — a ponto, certamente, de ele e Gisa retornarem a tempo do jantar. Um dos policiais reforçou o que ele dizia, dirigindo-se a Lygia e Pedro:

— É isso mesmo, daqui a pouco eles estarão de volta.

Na mesma posição em que viera — sentado no banco traseiro da viatura, com um policial armado de cada lado e dois no banco da frente —, rodou mais alguns minutos de volta ao centro

da cidade. No meio do caminho, Paulo perguntou se podiam parar num telefone público e inventou que precisava comunicar à gravadora que estava havendo problemas com o disco. Um dos policiais disse que não e o tranquilizou, repetindo que em poucas horas ele e a esposa estariam livres. O golpe não dera certo: na verdade Paulo planejava telefonar para sua própria casa a fim de pedir a Gisa que jogasse fora um pote cheio de maconha na estante da sala. Permaneceu gelado e em silêncio até chegarem à porta do prédio em que moravam. Um policial ficou na direção do veículo enquanto os outros três subiram com ele, espremendo-se no pequeno e lento elevador — que naquele dia pareceu consumir uma hora para chegar até o quarto pavimento. Do lado de dentro, vestindo um colorido sári indiano que lhe cobria o corpo até os pés, Gisa apagava as luzes, pronta para sair, quando Paulo entrou com os policiais:

— Meu amor, eles são do Dops e precisam de alguns esclarecimentos sobre meu disco com o Raul e sobre o gibizinho que você e eu fizemos para a Philips.

Apesar de assustada, Gisa pareceu segurar o tranco com serenidade:

— Pois não, estou às ordens. O que os senhores querem saber?

Um policial disse que não podia ser assim:

— Nós só podemos tomar depoimentos na sede do Dops, então vamos voltar para lá.

Ela não entendeu:

— Mas nós estamos presos?

O policial respondeu educadamente:

— Não. Vocês estão detidos para esclarecimentos, e vão ser soltos em seguida. Mas antes de sair vamos ter que dar uma revistada rápida no apartamento. Com licença.

O coração de Paulo batia tão depressa que ele pensou que ia enfartar: era agora que eles iam achar a maconha. De pé, no meio da sala, com o braço no ombro de Gisa, ele acompanhava com os olhos o movimento dos policiais. Um deles apreendeu uma pilha de cerca de cem gibis *Krig-Ha, Bandolo!*, outro fuçava as gavetas e armários, ao passo que o terceiro, que parecia o chefe, bisbilhotava a estante de livros e discos. Ao ver o pote de laca chinesa do tamanho de uma caixa de bombons, pegou-o nas mãos, abriu a tampa e viu que estava cheio de maconha até a boca. Cheirou o conteúdo, como se aspirasse o buquê de um perfume, fechou o pote e recolocou-o no lugar de origem. Só então Paulo percebeu que a situação era infinitamente pior do que supunha: se o policial desdenhava um pote de maconha é porque ele era suspeito de crimes muito mais graves. A síndrome de Ponta Grossa desabou sobre sua cabeça: será que ele tinha sido de novo confundido com um terrorista, um assaltante de bancos?

Só ao chegarem ao Dops é que ele e Gisa entenderam que não jantariam em casa aquela noite. Separados logo na entrada, os dois foram obrigados a trocar a roupa que vestiam por macacões amarelos em cujo bolso superior estava pintada a palavra “PRESO”, em letras maiúsculas. Na madrugada do dia 28 cada um deles foi fotografado e identificado criminalmente, e ambos tiveram que passar tinta de carimbo nos dedos e “tocar piano” nas fichas policiais abertas aquela noite em seus nomes — a de Paulo receberia o número 13720 e a de Gisa, 13721. Sempre separados um do outro, foram interrogados durante várias horas — entre os objetos pessoais confiscados junto com as roupas estavam os relógios, o que os fazia perder um pouco da noção do tempo, sobretudo na circunstância em que se encontravam, presos num lugar onde não entrava luz natural. Sem torturas físicas, os interrogatórios de ambos versaram basicamente sobre o psicodélico gibi que acompanhava o disco *Krig-Ha, Bandolo!* e o significado da tal Sociedade Alternativa. Isso, claro, depois de passarem horas ditando para escrivães aquilo que o jargão policial chama de *capivara* — um minucioso, detalhado histórico de todas as atividades exercidas pelo preso até aquele dia. Quando Paulo contou que tinha estado em Santiago em maio de 1970 em companhia de Vera Richter, os policiais o apertaram em busca de informações sobre brasileiros que lá viviam, mas ele nada tinha a contar, pela simples razão de que não mantinha relações com nenhum brasileiro exilado no Chile, ou em qualquer outro país. Gisa, por seu lado, custou a convencer seus interrogadores de que o título *Krig-Ha, Bandolo!* tinha surgido no meio de uma reunião de criação da Philips quando Paulo, de pé sobre uma mesa, gritava para todos os lados as três palavras do reino de Pal-U-Don.

simpático e menos ameaçador — abriu a cela e devolveu-lhe as roupas e documentos que usava ao ser preso: ele e Gisa estavam livres. Paulo vestiu-se às pressas, encontrou a namorada no saguão de entrada e o casal foi acompanhado pelo tira até o café existente ao lado do Dops, onde fumaram um cigarro juntos (muitos anos depois, quando o escritor era uma estrela internacional, os dois voltariam a se cruzar, sem se falarem, em uma rua de Milão, na Itália). Ansioso para se afastar daquele lugar aterrorizante, Paulo tomou um táxi e mandou tocar para a casa dos pais, na Gávea. O motorista pegou a avenida Mem de Sá, entrou nas modernas e arborizadas pistas do aterro do Flamengo e, quando o táxi rodava em alta velocidade em frente ao hotel Glória, foi violentamente fechado por três ou quatro veículos civis — entre eles duas peruas Chevrolet Veraneio, naquela época uma espécie de veículo-padrão dos órgãos de repressão —, dos quais saltaram vários homens à paisana que abriram as duas portas de trás do Chevette amarelo em que o casal se encontrava, arrancando-o para fora a tapas. Algemado e atirado de bruços sobre o gramado, Paulo viu com o canto do olho Gisa ser jogada dentro de uma perua, que arrancou queimando os pneus. A última coisa que viu antes de lhe enfiarem a cabeça em um capuz negro foi a elegante construção branca do hotel Glória, feericamente iluminado. Sentado no banco de trás de uma Brasília, conseguiu balbuciar uma pergunta a um dos homens que o cercavam:

— Vocês vão me matar?

O agente percebeu o estado de pânico em que ele se encontrava:

— Cara, fica calmo. Ninguém vai te matar. Só vamos te interrogar.

O medo não ia embora. Com as mãos tremendo, Paulo desmoronou por dentro, mas esqueceu a vergonha e pediu ao sequestrador:

— Posso segurar na tua perna?

O sujeito parece ter achado engraçado o insólito pedido:

— Pode segurar numa boa. E fica tranquilo que a gente não vai te matar.

Só trinta anos depois, com a redemocratização do país, é que Paulo viria a saber que naquela noite ele estava sendo sequestrado por um comando do DOI-Codi. Preocupado com o estrago que tudo aquilo produzia na frágil estrutura emocional do filho, Pedro Queima Coelho fez questão de estar em casa para recebê-lo com sua sólida figura paterna, quando Paulo fosse libertado. Passou a noite em claro, ao lado de um silencioso telefone, e às oito da manhã tomou um táxi rumo ao Dops. Ao chegar, ficou atônito com o que disse o policial de plantão, logo no balcão de entrada:

— Seu filho e a namorada foram soltos ontem às dez da noite.

Como o pai, com os olhos saltando das órbitas, parecia não acreditar no que ouvia, o funcionário abriu uma pasta e mostrou-lhe duas folhas de papel timbrado. “Este é o alvará de soltura, e aqui estão as assinaturas deles”, apontando com o dedo e simulando compaixão. “Solto ele foi. Se seu filho não chegou em casa, vai ver que entrou na clandestinidade.”

Começara o pesadelo que tirava o sono dos adversários da ditadura e de seus familiares. Às dez da noite do dia anterior Paulo e Gisa haviam entrado para a lista de “desaparecidos” do regime. Isso significava que o que quer que lhes acontecesse, inclusive desaparecer, não era mais responsabilidade do Estado, uma vez que ambos tinham sido libertados sãos e salvos, após assinarem um alvará oficial de soltura.

Os fatos que se sucederam ao sequestro são envoltos em um cipoal de mistérios tão grande que ao completar sessenta anos, em 2007, o próprio escritor ainda tinha perguntas não respondidas. Registros dos órgãos de segurança permitem afirmar que Raul nem chegou a ser detido e que no dia 27 de maio o Dops prendeu o casal, tendo identificado e ouvido os dois na madrugada e no decorrer do dia 28. Papéis do I Exército também indicam que, depois do sequestro na porta do hotel Glória, Paulo e Gisa foram levados separadamente para o Batalhão de Polícia do Exército, na rua Barão de Mesquita, Zona Norte do Rio, onde ficavam as dependências do DOI-Codi, não havendo informações sobre quanto tempo teriam permanecido presos nesse quartel. Embora alguns de seus familiares afirmem, sem segurança, que ele pode ter ficado “até dez dias” no DOI-Codi, no dia 31, sexta-feira, Paulo estava na Gávea escrevendo as primeiras linhas do diário pós-libertação:

Estou hospedado na casa de meus pais. Tenho medo até de escrever o que aconteceu comigo. Foi uma das piores experiências da minha vida — mais uma vez, uma prisão injusta. Mas meus medos serão vencidos pela fé e o ódio será derrotado pelo amor. Da insegurança nascerá a certeza em mim mesmo.

Ocorre, contudo, que, entre os documentos extraídos dos arquivos da Abin, a Agência Brasileira de Inteligência (sucessora do extinto SNI, o Serviço Nacional de Informações), consta um longo interrogatório feito com Paulo das onze da noite do dia 14 às quatro da madrugada do dia 15 de junho nas dependências do DOI-Codi. O enigma reside no fato de que ele assegura jamais ter retornado ao DOI-Codi depois de libertado. Com a mesma segurança, o advogado Antônio Cláudio Vieira garante nunca tê-lo acompanhado à Barão de Mesquita nem haver sido chamado uma segunda vez pela família Coelho para socorrer o filho. A mesma versão é corroborada pelo dr. Pedro, pela irmã Sônia Maria e pelo ex-marido dela, Marcos, que na época testemunhou tudo de perto. A primeira e natural suspeita — de que Paulo, aterrorizado, pudesse ter delatado amigos ou prejudicado pessoas, e que agora tentaria apagar essa mancha de sua história — não resiste à leitura das sete páginas datilografadas sob o timbre do então I Exército. Para quem, como os homens do DOI, andava atrás de inimigos da ditadura, o interrogatório rendera cinco horas ininterruptas de puríssima água-de-flor-de-laranjeira, ou seja, nada. As primeiras quatro páginas são ocupadas pela reiteração da “capivara” que ele fizera no Dops, o detalhado histórico de sua vida até ali: escolas, trabalho em teatro, viagens, a prisão no Paraná, *O Globo*, curso em Mato Grosso, *A Pomba*, a parceria com Raul... O trecho que se refere à adesão dele e de Raul à O.T.O. é de tal forma incompreensível que obrigou o escritor a salpicá-lo com vários *sic* — para não restarem dúvidas de que o preso tinha dito aquilo mesmo:

Que ainda em 1973 o depoente e Raul Seixas concluíram “que o mundo vive um intenso

período de tédio” (sic); que por outro lado verificaram que a carreira de um cantor, quando não vem acompanhada de um movimento forte, tende a se encerrar rapidamente. Que o declarante e Raul Seixas então resolveram “capitalizar o fim do hippismo e o súbito interesse despertado pela magia no mundo” (sic); que o depoente passou a estudar os livros de uma sociedade esotérica chamada “OTO”. Que o depoente e Raul Seixas resolveram então fundar a “Sociedade Alternativa” a qual foi registrada em cartório para evitar falsas interpretações” (sic); que o depoente e Raul Seixas estiveram em Brasília e expuseram os preceitos da Sociedade Alternativa aos chefes da Polícia Federal e da Censura, que colocaram que a intenção não era ir contra o governo, mas inclusive interessar a juventude num outro tipo de atividade” (sic).

Quando os agentes pediram que entregasse nomes de pessoas de esquerda de suas relações, Paulo só conseguiu se lembrar de dois: um frequentador do Paissandu, “conhecido de todos pelo apelido de Filósofo”, e um ex-namorado de Gisa no movimento estudantil cujo nome também não lhe ocorria, mas acreditava “começar com a letra H ou A”. A segurança com que todos afirmam que ele não retornou ao DOI-Codi depois do sequestro é corroborada por seu diário — no qual não há absolutamente nenhum registro de que tenha voltado a depor na madrugada de 14 para 15 de junho. A hipótese de que o escrivão tivesse datilografado erradamente a data fica fragilizada diante do fato de que o depoimento tem sete páginas, e em cada uma delas a data digitada é a mesma, 14 de junho. A prova definitiva de que Paulo de fato esteve no DOI-Codi nesse dia, contudo, está em um pequeno detalhe: ao ser fotografado e identificado no Dops, horas depois da prisão do dia 27, ele usava bigode e cavanhaque. No dia 14, ao ser qualificado, aparece como tendo “barba e bigodes raspados”.

Quanto a Gisa, no período em que permaneceu no DOI-Codi foi submetida a dois interrogatórios. O primeiro começou às oito da manhã de 29 de maio e só terminou às quatro da tarde, e o segundo foi tomado entre oito e onze horas da manhã do dia seguinte, quinta-feira. Em ambos foi ouvida na condição de militante da AP e do PC do B, mas, tal como Paulo, ela pouco ou nada tinha a informar além de seu trabalho de base no movimento estudantil, quando circulara entre várias organizações de esquerda. Numa das madrugadas em que ainda estavam presos no DOI deu-se algo que produziria o definitivo rompimento entre os dois. Com a cabeça coberta por um capuz, ele era levado ao banheiro por um policial quando, ao passar diante de uma cela, ouviu alguém em prantos chamá-lo:

— Paulo? Você está aqui? Se é você, fala comigo!

Era Gisa, provavelmente encapuzada, como ele, que reconhecera sua voz. Aterrorizado com a possibilidade de voltar a ser colocado nu na “geladeira” — a cela fechada em cujo interior a temperatura era mantida baixa a ponto de justificar o apelido —, permaneceu em silêncio. A namorada implorava ajuda:

— Paulo, meu amor! Por favor, diga que sim. Só isso, diga que é você que está aqui!

Nada. Ela insistia:

— Por favor, Paulo, diga a eles que não tenho nada a ver com isso.

Naquele que consideraria o maior gesto de covardia de toda a sua vida, ele não abriu a boca. Numa tarde daquela semana — muito provavelmente na sexta-feira, dia 31 —, um carcereiro apareceu com suas roupas, deu ordens para que se vestisse e cobrisse a cabeça com o capuz. Enfiado no banco de trás de um carro, soltaram-no em uma pracinha da Tijuca, bairro de classe média a dez quilômetros do quartel onde ficara preso.

Os primeiros dias na casa dos pais foram de puro terror. Cada vez que alguém batia na porta, ou que tocava o telefone, Paulo se trancava no quarto, com medo de ser levado de novo pela polícia, Exército ou seja lá quem o tivesse sequestrado. Para ele se tranquilizar um pouco foi preciso que o dr. Pedro, condoído da paranoia do filho, jurasse que não permitiria outra prisão, ainda que a custo de uma tragédia. “Se aparecer alguém aqui para te prender sem mandado judicial”, prometeu, “será recebido por mim a bala.” Só depois de duas semanas trancado na Gávea, Paulo teve coragem de voltar a pôr os pés na rua, e ainda assim escolheu para se aventurar pela primeira vez um dia em que seria fácil descobrir se alguém o estivesse seguindo: a quinta-feira, 13 de junho, quando Brasil e Iugoslávia abriam a Copa do Mundo de futebol de 1974, realizada na Alemanha — e o país inteiro estaria diante das tevês torcendo para a seleção nacional. Com o Rio transformado em cidade-fantasma, seguiu de ônibus até o Flamengo e, depois de muita hesitação, tomou coragem e entrou no apartamento em que ele e Gisa viviam até o sábado do que acreditavam ser a aparição do Diabo. Estava tudo desarrumado, exatamente do jeito que os policiais o haviam deixado na segunda-feira à noite. Antes de o juiz apitar o final do jogo, que terminou empatado em zero a zero, Paulo já se encontrava sob a proteção da casa

paterna. Uma das penitências que se impôs, aliás, para “tudo voltar ao normal o mais depressa possível” foi não assistir a nenhum jogo da Copa do Mundo — da qual o Brasil sairia classificado em quarto lugar.

O mais difícil foi procurar Gisa. Desde o terrível encontro na carceragem do DOI-Codi, ele não tivera mais notícias da namorada, mas a voz dela chorando — “Paulo! Fala comigo, Paulo!” — não parava de ressoar em sua cabeça. Quando afinal conseguiu ligar para o antigo apartamento onde ela voltara a viver, lembrou-se da possibilidade de o telefone estar sob escuta e perdeu a coragem de perguntar se ela tinha sido torturada e quando fora solta. Ao propor um encontro para conversarem sobre o futuro, ouviu de Gisa o dramático e definitivo ultimato:

— Não quero voltar a viver com você, não quero que me dirija mais a palavra e prefiro que você nunca mais pronuncie meu nome.

O desabamento emocional diante do que ouviu foi tão grave que a família teve que voltar a pedir socorro ao dr. Benjamim Gomes — ele mesmo, o psiquiatra da Casa de Saúde Dr. Eiras. Para sorte de Paulo, dessa vez o médico decidiu substituir os eletrochoques por sessões diárias de análise, que nas primeiras semanas aconteciam em domicílio — tratamento que custava a nada módica quantia mensal de 3 mil cruzeiros, o equivalente a 4 mil reais de 2008. Os sentimentos persecutórios haviam chegado a tais extremos que, em uma de suas saídas, sentiu tanto medo que desmaiou na rua, em frente a uma livraria em Copacabana, sendo socorrido por transeuntes. Quando recebeu da Philips a prova da capa do LP *Gita*, que estava no forno, quase caiu: era uma foto de Raul com uma boina de Che Guevara, encimada pela estrelinha vermelha de cinco pontas dos comunistas. Apavorado, na mesma hora ligou para a Philips e ordenou: ou mudavam a foto da capa ou podiam tirar todas as suas músicas do disco.



Meu amor (hoje maio 74 foi um lindo dia. Inútil)

Está aqui a conta do material, você precisa comprar uma esta de lixo para o banheiro, dobrar os panos de limpeza por a próxima semana e mandar costurar o casaco dos calos. Deixe aquele vidro embaixo do aquecedor.

Acho que a empregada (o nome dela é Beth) é ótima. Veja como tudo está tão limpinho e gostoso. Tenha juízo e procure não se expor a risos inúteis. Com muito amor e carinho Adalgisa.

(P.S. Como pode o sol e o céu serem tão lindos quando vai tempestade no meu coração)

Gisa e a última carta escrita para o namorado.

Abaixo, os documentos de ambos no DOI-Codi: depois da covardia de Paulo, ela passaria a ser a "mulher sem nome".

128

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO AGRICULTO
E EXERCÍCIO

Nº. 04.25 JUL 1974

1. ASSUNTO: DEPENDENTES PRESTADOS AO DOL/DOU/DA
2. DEPENDENTE: DOL
3. CLASSE/GRUPO: 1
4. SÓCIO: C12 - 812/82 - 14 BR - 809/88 - 3a LAR - APG
5. DEP. PRINC. (NOME): DOL - 1 BR
6. ANEXO: Cópia de dependente
7. ASSINATURA: 24/74

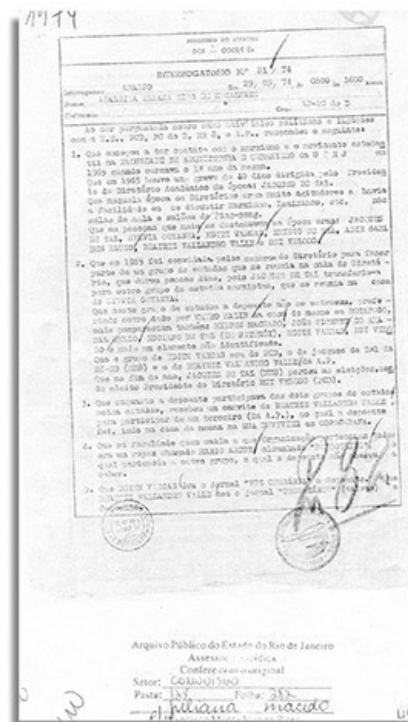
Esta agência remete, em anexo, os dependentes prestados ao DOL/DOU/DA
2 de dois dependentes anexo anexo anexo:
- Dep. n. 81/74 - PAULO CÉSAR DE SOUZA
- Dep. n. 84/74 - MURIEL DE MORAES LAMBERTO FILHO.

305

CONFIDENCIAL

O SECRETARIADO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DE SEUS DADOS DOCUMENTAIS.
ART. 10 - INC. IV - LEI Nº 11.340/56 - REGISTRO PARA RACIONALIZAÇÃO DE ARQUIVOS DOCUMENTAIS.

Arquivo PEN/CO do Estado do Rio de Janeiro
Assessoria Jurídica
Conferência original
Série: 125
Pasta: 125
Folha: 205
Assessoria Jurídica - Mat. 145.114-1



Quando quiseram saber por quê, ele respondeu tão vagarosamente que parecia soletrar ao telefone:

— Porque eu não quero mais ser preso e com essa foto na capa do disco vão me prender de novo. Entenderam?

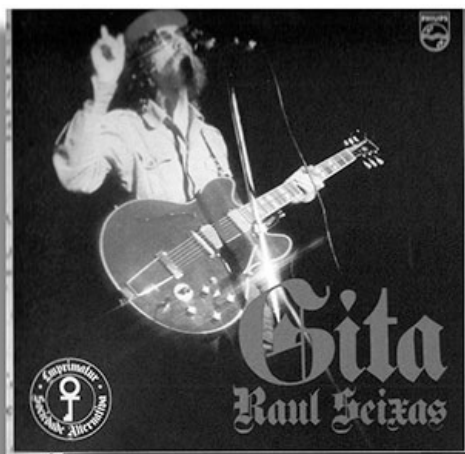
Depois de muita parlamentação, aceitou que a capa saísse com Raul usando a boina do Che, mas exigiu uma declaração escrita da Philips afirmando que a escolha era responsabilidade exclusiva da empresa. Acabou prevalecendo a sugestão de um artista gráfico que contemplava a todos: a estrelinha vermelha foi simplesmente apagada da foto, fazendo com que a boina voltasse a ser apenas uma inocente boina, sem qualquer conotação comunista. E foi nesse estado de espírito que ele desabou no divã do psiquiatra. Na primeira sessão, o severo dr. Benjamim esclareceu que não iria haver choques, mas ele não estava ali para brincar:

— Seu grande ato de covardia na prisão aconteceu quando a Adalgisa o chamou. Bastava você dizer “sim, sou eu”, mas por medo de apanhar você não teve coragem de responder.

Como Gisa não atendesse mais a seus telefonemas, passou a lhe escrever cartas diárias, pedindo perdão pelo que fizera na cadeia e propondo que voltassem a viver juntos. Em algumas delas, expunha a insegurança em que vivera durante os três anos passados juntos:

Não entendi quando você mudou-se para minha casa e trouxe apenas as roupas indispensáveis. Nunca entendi sua insistência em ficar pagando aluguel do outro apartamento vazio. Procurei pressionar com dinheiro, dizendo que não pagaria mais, e no entanto você continuou mantendo o outro apartamento. O fato de existir o outro apartamento me deixava bastante inseguro. Significava que de um momento para o outro você poderia escapar de minhas garras e recuperar sua liberdade.

Gisa nunca respondeu, mas ele continuou a escrever. Um dia o pai, visivelmente constrangido, o chamou a um canto. “Meu filho, a Gisa me telefonou no escritório”, contou, com a mão em seu ombro. “Ela pede para você não lhe escrever mais.” Paulo ignorou o pedido e continuou a escrever:



A capa de “Gita”, ainda com o selo da Sociedade Alternativa: por exigência de Paulo, a estrelinha comunista foi apagada da boina de Raul Seixas.

Hoje eu soube pelo velho que você não quer mais me ver. Soube também que você está trabalhando, está bem, e fiquei ao mesmo tempo ferido e alegre. Acabei de ouvir “Gita” no rádio. Fico pensando se você se lembra de mim quando ouve essa música. Acho que foi a letra mais bonita que já fiz. Eu sou tudo aquilo. Agora estou sem ler, sem escrever e sem amigos.

Um dos traços da paranoia era esse — reclamar do suposto abandono dos amigos por medo de se aproximarem de alguém que tinha sido preso e sequestrado pelos órgãos de segurança. Realidade ou alucinação, o importante é que na memória dele, salvo Raul, apenas duas pessoas de suas relações lhe estenderam a mão: a jornalista Hildegard Angel e Roberto Menescal, um dos pais da bossa nova e na época diretor da Polygram. Juntamente com a Phonogram, a Polydor e a Elenco, a empresa era um dos braços brasileiros da multinacional holandesa Philips, e tinha como uma de suas maiores concorrentes no Brasil a CBS, subsidiária da americana Columbia. Hilde, como era e é conhecida, continuou amiga de Paulo mesmo tendo dolorosas razões para não querer mais encrencas com a ditadura: três anos antes seu irmão caçula, Stuart Angel, militante do grupo guerrilheiro MR-8, tinha sido barbaramente assassinado por asfixia num quartel da Aeronáutica, com a boca presa ao cano de escapamento de um jipe em movimento. E a mulher dele, a economista Sônia Moraes Angel, militante da ALN, também morrera sob torturas no DOI-Codi de São Paulo poucos meses antes, no final de 1973. Como se duas tragédias não fossem suficientes para a mesma família, a mãe de Hilde e Stuart, a estilista Zuzu Angel, morreria dois anos depois, em 1976, em um acidente automobilístico com todas as características de atentado e que acabaria nas telas de cinema no filme-denúncia intitulado *Zuzu Angel*.

Foi Hilde quem, depois de muita insistência, convenceu Paulo a voltar a circular: convidou-o a assistir ao debate “A Mulher e a Comunicação”, do qual ela participaria com a feminista Rose Marie Muraro, no Museu Nacional de Belas-Artes. A justificada paranoia de Paulo atingiria níveis insuportáveis se ele soubesse que no meio da plateia havia um espião, o policial Deuteronômio Rocha dos Santos, que no mesmo dia redigiu um informe sobre o encontro para a Seção de Buscas Especiais do Dops, não se esquecendo de registrar: “[...] entre os presentes encontrava-se o jornalista e escritor Paulo Coelho, amigo pessoal de Hildegard Angel”.



À esquerda de Paulo a jornalista Hildegard Angel, uma das poucas pessoas a lhe estender a mão depois da prisão e do sequestro.

Abaixo: agente infiltrado pelo Dops espiona palestra dada por Hilde e identifica, entre os presentes, “o jornalista e escritor Paulo Coelho”.



Tão logo adquiriu forças para circular pela cidade sem medo de voltar a ser sequestrado, a primeira providência importante que Paulo tomou, depois do período que passou a chamar de “semana negra”, foi procurar a O.T.O. Duas razões o moviam a bater na porta de Frater Zaratustra: ele queria entender o que havia ocorrido em sua casa naquele sábado terrível e depois, qualquer que fosse a explicação dada pela seita, iria se desligar definitivamente daquilo. O medo do Diabo era tanto que solicitou a Euclides-Zaratustra que o encontro fosse realizado durante o dia na casa dos pais, onde voltara a morar, e, por garantia, convidou Roberto Menescal como testemunha. Foi bom ter chamado Menescal: para sua surpresa, no dia marcado quem apareceu na casa da Gávea foi ninguém menos que Parzival XI, o autocoroado cabeça mundial da seita. Ele mesmo, o sinistro e mal-educado Marcelo Ramos Motta. Paulo resolveu ir direto ao assunto, sem muitos prolegômenos. Após relatar resumidamente o ocorrido em casa e nas duas prisões, indagou:

— Eu quero saber o que me aconteceu no sábado e nos dias seguintes.

Parzival XI olhou-o com desprezo:

— Você sempre soube que conosco vale a lei do mais forte. Lembra que te ensinei isso? Na lei do mais forte, quem segura a barra passa. Quem não segura a barra dança. E ponto final. Você foi fraco e dançou.

Menescal, que acompanhava o diálogo a distância, ameaçou avançar sobre o visitante — hipótese que poria em risco porcelanas e cristais dos Coelho, uma vez que o autor de “O Barquinho” praticava aikidô e o bruxo crowleysta era faixa-preta de jiu-jitsu. Mas Paulo o conteve e reagiu, pela primeira vez tratando o sumo sacerdote por seu nome vulgar:

— Mas então a O.T.O. é isso, Marcelo? No sábado aparece o Demônio na minha casa, na segunda eu sou preso e na quarta sou sequestrado? Isso é a O.T.O. ? Então, meu caro, estou fora.

Tão logo viu-se livre do bruxo, foi com grande alívio, como se tirasse das costas uma pesada cruz de madeira, que Paulo se sentou à máquina e redigiu um ofício formalizando seu desligamento da misteriosa Ordo Templi Orientis. Sua breve e dramática incursão do reino das trevas não chegara a completar nem dois meses:

Rio de Janeiro, 6 de julho de 1974

Eu, Paulo Coelho de Souza, que assinei meu juramento de Probacionista no ano LXX, 19 de maio, com o sol no signo de Taurus, 1974 e. v., peço e considero-me excluído da Ordem, por total incompetência quanto à realização das tarefas que me foram designadas.

Declaro que estou em pleno estado de gozo de saúde física e mental ao tomar esta decisão.
93 93/93

Testemunhe minha mão,

Paulo Coelho

O que Paulo considera o rompimento com o Demônio e seus seguidores não significou o fim da paranoia. Na verdade só se sentia de fato seguro quando estava em casa, com os pais presentes e as portas bem trancadas. Foi no meio desse desespero que surgiu a ideia de sair do Brasil por um tempo, pelo menos até que os medos se desvanecessem. Com Gisa afastada, nada mais o prendia ao Brasil. As vendas do LP *Gita* superaram as expectativas mais otimistas, e não parava de jorrar dinheiro na sua conta bancária.

A virada produzida na sua vida pela parceria com Raul acabou por empanar um momento importante da trajetória de Paulo: o lançamento de seu primeiro livro. Ainda não se tratava da Grande Obra que sonhava produzir, mas era um livro. Publicado no final de 1973 pela conceituada Editora Forense, especializada em livros didáticos, *O Teatro na Educação* era a sistematização do programa dos cursos que o autor ministrara nas escolas públicas de Mato Grosso. Nem mesmo uma elogiosa reportagem, assinada por Gisa e publicada na página semanal deles na *Tribuna da Imprensa*, fora capaz de alavancar as vendas: um ano depois de lançado, *O Teatro na Educação* só havia vendido quinhentos exemplares, de uma tiragem inicial de 3 mil cópias. Apesar de ser previsível que a obra passaria praticamente despercebida no mundo das letras, aquele era seu primeiro livro e, portanto, merecia ser festejado. Quando Gisa chegou em casa, no dia em que *O Teatro na Educação* ficou pronto, sobre a mesa de jantar havia dois cálices e uma garrafinha de uma dose de licor Bénédicte que Paulo ganhara aos quinze anos e guardara todo esse tempo, prometendo abri-la só quando publicasse seu primeiro livro. Nem o insucesso da estreia como autor nem as cornucópias da fama, contudo, seriam capazes de abalar a velha e sólida convicção, o sonho que se convertera, como ele próprio reconhecia, em uma obsessão: ser um escritor famoso no mundo inteiro. Mesmo depois de se tornar conhecido como compositor, nos momentos de solidão a ideia fixa voltava com força total. Uma rápida folheada em seus diários revela, em frases salpicadas aqui e ali, que o reconhecimento público como compositor não o fizera mudar de planos: ele não pretendia ser apenas um escritor a mais, “e sim, textualmente, famoso em todo o mundo”. Lamentava que, na sua idade, os Beatles “já tinham dominado o mundo”, mas, “mesmo com tanta porrada comendo solta”, Paulo não perdia a esperança de que seus sonhos viessem a se realizar. “Sou como um guerreiro aguardando sua hora de entrar decisivamente em cena”, escreveu, “e minha sina é o sucesso. Meu grande talento é lutar por ele.”

Como Raul ficara muito abalado com as prisões do amigo, não foi difícil convencê-lo a também viajar para o exterior por uns tempos. Entre a decisão de sair do Brasil e o embarque não decorreram nem dez dias. Ter de voltar ao Dops para retirar o visto de saída do país — exigência imposta pela ditadura a quem quisesse viajar ao exterior — provocou tanto medo que no dia marcado Paulo enfrentou uma tremenda crise de asma. No dia 14 de julho de 1974, um mês e meio depois do sequestro, os dois parceiros desembarcavam em Nova York sem data para voltar.

Cada um levava a tiracolo uma namorada nova. Raul se separara de Edith, mãe de sua filha Simone, e estava vivendo com outra americana, Gloria Vaquer, irmã do baterista Jay Vaquer. Abandonado por Gisa, Paulo começara a namorar a bela Maria do Rosário do Nascimento e Silva, uma esguia morena de 23 anos. Atriz, roteirista e produtora de cinema, Rosário era filha do jurista mineiro Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva, que uma semana antes da viagem fora nomeado ministro da Previdência Social pelo general Ernesto Geisel, presidente da República, posto que ocupara no primeiro governo da ditadura militar. A despeito das atividades do pai, Rosário era uma ativista de esquerda que escondia perseguidos pelo regime e chegara a ser presa ao filmar

depoimentos de operários na estação de trens da Central do Brasil, no Rio. Quando se aproximou de Paulo, por intermédio da jornalista Hilde Angel, estava desfazendo um tumultuado casamento de três anos com Walter Clark, então diretor-geral da Rede Globo de Televisão.

O saldo bancário de qualquer um daqueles quatro viajantes era mais do que suficiente para que se hospedassem confortavelmente no luxuoso hotel Plaza, em frente ao Central Park, ou no discreto Algonquin, endereços naturais de estrelas de passagem por Nova York. Nos loucos anos 70, contudo, o *cult* era ficar em lugares que despertassem emoções fortes. Foi assim que Paulo, Rosário, Raul e Gloria bateram na porta do hotel Marlton — ou, mais precisamente, nas grades de ferro que protegiam a entrada do hotel das gangues de rua do Greenwich Village, bairro boêmio onde ele se situava. Construído em 1900, o Marlton era célebre por acolher indistintamente cafetões, prostitutas, traficantes de drogas, artistas de cinema, músicos de jazz e beatniks. Por seus 114 quartos, a maioria com banheiro no corredor, haviam passado personalidades como os atores John Barrymore, Geraldine Page e Claire Bloom, os cantores Harry Belafonte, Carmen McRae e Miriam Makeba, e o escritor beat Jack Kerouac. E foi de um dos quartos do Marlton, em junho de 1968, que a fanática feminista Valerie Solanas saiu, armada de revólver, para realizar o atentado que quase tirou a vida do multiartista pop Andy Warhol. O apartamento de Raul e Gloria, com uma sala, um quarto e banheiro, custava por mês trezentos dólares. O de Paulo e Rosário, com apenas um quarto e banheiro, ficava em duzentos dólares, mas não tinha geladeira, o que os obrigava a passar os dias bebendo Coca-Cola morna e uísque caubói — isso, claro, quando não estavam fumando maconha ou cheirando cocaína, principais diversões do grupo.

Naquele 8 de agosto de 1974, os olhos do mundo inteiro estavam voltados para os Estados Unidos. Depois de dois anos e dois meses envolvido num escândalo de espionagem, o chamado “Caso Watergate”, o governo do republicano Richard Nixon agonizava em praça pública. As grandes decisões eram tomadas em Washington, mas o coração americano batia em Nova York. Parecia haver na atmosfera da *Big Apple* uma carga adicional de eletricidade. Esperava-se a qualquer momento que o presidente sofresse o impeachment ou renunciasse. Depois de uma noite em uma boate da moda, Paulo e Rosário acordaram às três da tarde, desceram para um reforçado *breakfast* no Child, boteco barra-pesada a uma quadra do Marlton, e voltaram para o quarto. Cheiraram algumas carreiras de cocaína e quando se deram conta estava escurecendo. No rádio de cabeceira o locutor anunciava que dali a dez minutos seria instalada uma rede nacional de rádio e tevê para transmitir um pronunciamento do presidente Nixon. Paulo deu um salto da cama onde os dois risonavam:

— Vamos, Maria! Vamos descer para gravar as reações do povo na hora da renúncia.

Vestiu um casaco jeans sobre o corpo sem camisa, calçou botas de montaria que vinham até os joelhos, pegou o gravador portátil — um tijolo do tamanho de uma lista telefônica —, encheu os bolsos de fitas cassete e pendurou a câmera fotográfica no pescoço de Rosário, apressando-a:

— Vamos, Maria! Não podemos perder isso. Vai ser melhor do que final de Copa do Mundo!

Na rua ele ligou o gravador e saiu narrando o que via, como se fizesse uma transmissão radiofônica ao vivo:

Paulo — Hoje é dia 8 de agosto de 1974. Estou na rua 8, indo para o restaurante Shakespeare. Faltam cinco minutos para o presidente dos Estados Unidos renunciar. Chegamos. Estamos aqui no Shakespeare, a tevê está ligada mas ainda não começou o pronunciamento... O que você disse?

Rosário — Eu disse que continuo achando que o povo americano não tem nada de frio. Pelo contrário, pô!

Paulo — Parece futebol. A tevê está ligada aqui no bar do Shakespeare. Ainda não começou o pronunciamento mas já dá para ver uma tremenda passeata na rua.

Rosário — As pessoas estão gritando, está vendo?

Paulo — Estou!

No apinhado Shakespeare, os dois conseguiram um lugar diante do aparelho de tevê pendurado no teto, com o som no volume máximo. De terno azul-marinho e gravata vermelha, Nixon surge na tela com aparência fúnebre. Um silêncio de igreja toma conta do lugar quando ele começa a ler o discurso de renúncia ao cargo mais importante do mundo. Durante quinze minutos, sem que se ouvisse do público uma voz, um pigarro, Nixon explicou as razões que o levaram à dramática decisão. Sua fala foi encerrada com um toque melancólico:

To have served in this office is to have felt a very personal sense of kinship with each and every American. In leaving it, I do so with this prayer: may God's grace be with you in all the

days ahead. [Ter servido neste posto é ter sentido uma especial proximidade com cada americano. Deixando-o, faço-o com esta oração: que a graça de Deus esteja com vocês em todos os dias vindouros.]

Mal o discurso chegou ao fim e Paulo estava na calçada, seguido de perto por Maria do Rosário, com o microfone na boca, como um locutor de rádio.

Paulo — Puta que pariu! Realmente fiquei muito impressionado, Rosário, muito! Se algum dia eu tiver que renunciar; que seja assim... Olha ali: o Nixon acabou de renunciar e tem um cara dançando na esquina.

Rosário — Dançando e tocando banjo. País de loucos!

Paulo — Meus sentimentos, neste momento, são completamente indescritíveis. Nós estamos andando pela rua 8.

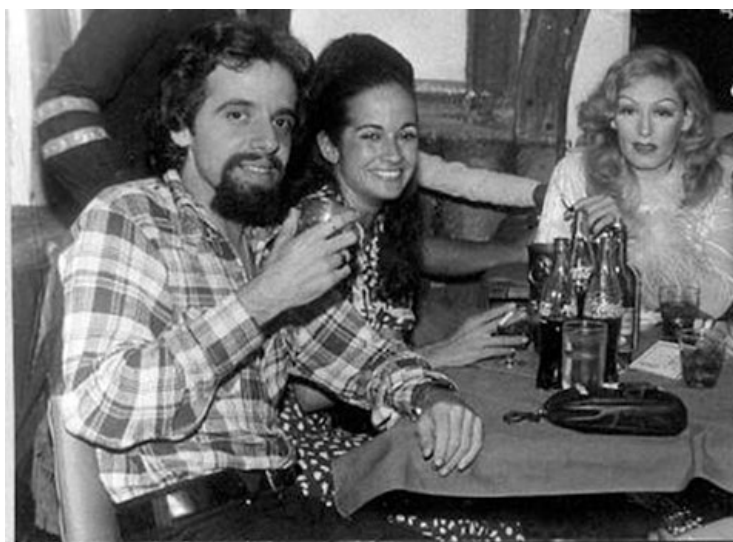
Rosário — As pessoas realmente estão muito felizes e isso é legal demaaaaais!

Paulo — Estão! Elas estão meio atônitas, Maria. Realmente! As tevês estão entrevistando as pessoas nas ruas! Um dia histórico, este!

Rosário — Tem uma mulher chorando, tem uma menina chorando. Ela tá emocionada, com certeza.

Paulo — Realmente é uma hora muito desbundante, né? Mas muito desbundante mesmo!

Excitadíssimos, os dois retornaram ao Marilton. Rosário desceu no terceiro andar, onde ficava o apartamento deles, e Paulo continuou no elevador até o sétimo, onde pretendia mostrar a Raul as fitas com a loucura que tinha sido aquele fim de tarde em Nova York. Ao abrir a porta sem bater, como era o costume entre os dois, deu com o parceiro escornado sobre um sofá, dormindo de boca aberta. Sobre a mesinha do abajur, uma carreira de cocaína pronta para ser aspirada, uma garrafa de uísque pela metade e uma pilha de dinheiro com cerca de 5 mil dólares em notas de cem. Para alguém que vinha de um carnaval cívico, como Paulo, e que testemunhara uma festa popular sem igual, o choque provocado por aquela visão do amigo ali, desfeito e entregue ao pó e ao álcool, teve o impacto de um coice. Sua desolação não era só ver naquele estado um amigo que introduzira no mundo das drogas, mas também a certeza de que a cocaína estava levando a si próprio para o mesmo caminho. Paulo nunca confessara isso a ninguém, nem mesmo ao diário, mas sabia que estava se tornando um dependente da droga. Chocado, voltou ao seu apartamento. Iluminado apenas pela luz azulada que vinha da rua, viu o corpo esguio de Rosário nu sobre a cama. Sentou-se acabrunhado ao lado da namorada, acariciou-a de leve nas costas e anunciou com um sussurro:



Paulo com Rosário: acima em um restaurante e abaixo festejando a renúncia de Nixon em Nova York. Naquele 8 de agosto de 1974 ele cheirou cocaína pela última vez na vida.



— Hoje é um dia histórico também para mim. No dia 8 de agosto de 1974, parei de cheirar cocaína.

A sra. Paulo Coelho impõe limites: até um fuminho, tudo bem. Mas nada das tais extravagâncias sexuais

Os planos de permanecer em Nova York por vários meses foram abreviados por um inesperado acidente. Certa noite Paulo experimentava um abridor de latas elétrico — e por descuido permitiu que a afiada lâmina resvasse, atingindo sua mão direita. A toalha de banho que Rosário usara para tentar estancar a hemorragia do ferimento logo virou uma gigantesca almôndega de sangue. Levado de ambulância a um pronto-socorro no Village, soube que a máquina tinha decepado o tendão flexor de seu dedo anular direito. Submetido a uma cirurgia de emergência, terminou com nove pontos no dedo e viu-se obrigado a usar durante várias semanas uma tala de metal que lhe imobilizava a mão.

Dias depois, ele e Rosário embarcavam de volta ao Brasil, enquanto Raul e Gloria seguiam para Memphis, no Tennessee. Ao retornar ao Rio, Paulo achou que acumulara forças suficientes para enfrentar os fantasmas e decidiu morar sozinho no apartamento em que vivera com Gisa. A coragem, contudo, teve vida curta. No dia 10 de setembro, após duas semanas, estava de novo atracando seu barco no inabalável porto paterno da Gávea. Ansioso por se livrar de tudo o que lembrasse demônios, prisões e sequestros, antes de se mudar para a casa dos pais, vendeu todos os seus livros, discos e quadros. Quando viu o apartamento pelado, sem nada nas paredes e nas estantes, escreveu no diário: “Acabo de me desfazer do passado”. Não seria tão fácil assim. As paranoias, medos e complexos continuavam corroendo sua alma. Com frequência confessava continuar sentindo-se culpado até por fatos ocorridos na infância, como ter “colocado a mão no sexo de uma menina”, ou mesmo “sonhar coisas pecaminosas com a mamãe” — mas em casa pelo menos tinha a esperança de que ninguém o sequestraria impunemente.

Em uma época em que a variedade de parceiros e a promiscuidade sexual implicavam poucos riscos, o entra e sai de mulheres na sua vida era registrado no diário sem que nenhuma delas tivesse recebido qualquer referência especial — salvo uma ou outra avaliação sobre o desempenho sexual desta ou daquela. Às vezes provocava reencontros com ex-namoradas, mas a verdade é que não se refizera do fim do romance com Gisa — a quem continuava escrevendo e de quem jamais receberia resposta. Quando soube que Vera Richter estaria reatando relações com o ex-marido, anotou:

Hoje fui à cidade resolver meu psicanalítico problema com as ações do Banco do Brasil. Pensei em vendê-las e dar o dinheiro para o Mário, em troca de ter possuído a Vera por mais de um ano. Na realidade foi a Vera quem me possuiu, mas dentro dessa minha cuca fundida, eu sempre considerei o contrário.

A parceria com Raul continuava dando os melhores resultados, mas internamente a nave da Sociedade Alternativa começava a fazer água. Antes mesmo da “noite negra” e da prisão de Paulo, haviam surgido entre eles e a Philips sutis divergências sobre o significado da tal sociedade. Tudo indica que Raul levava a sério a ideia de criar uma nova comunidade — ou seita, ou religião, ou movimento — que pusesse em prática e divulgasse os mandamentos de Aleister Crowley, de Parzival XI e de Frater Zaratustra. Para os executivos da gravadora, contudo, Sociedade Alternativa nada mais era que uma boa marca para alavancar vendas de discos — algo como haviam feito, no começo dos anos 60, os cabeludos da Jovem Guarda. Paulo testemunhara essa diferença de pontos de vista em abril daquele ano de 1974.

O presidente da Philips no Brasil, o sírio naturalizado brasileiro André Midani, criara um grupo de trabalho informal para ajudar a empresa a situar melhor seus artistas no mercado. Coordenado por Midani e o compositor Roberto Menescal, o *dream team* era formado pelo pesquisador de mercado Homero Icaza Sánchez, o escritor Rubem Fonseca e os jornalistas Artur da Távola, Dorrit Harazim, Nelson Motta, Luis Carlos Maciel, João Luís de Albuquerque e Zuenir Ventura. O grupo reunia-se uma vez por semana na suíte de algum hotel de luxo do Rio, e ali passava um dia inteiro discutindo o perfil e a obra de determinado artista da Philips. No primeiro encontro discutiam somente entre eles, e na semana seguinte repetiam a dose na presença do artista. Os participantes eram pagos a peso de ouro — Zuenir Ventura conta que recebia por reunião “quatro mil ou quatro milhões, não lembro, mas sei que era o equivalente ao meu salário mensal como diretor da sucursal carioca da revista *Visão*”. Cada artista reagia de uma maneira à novidade. A

rebelde Rita Lee perdeu a paciência “com aquele monte de babacas” que queriam dar palpite até na cor dos seus cabelos e encerrou a reunião com um deboche:

— Enquanto vocês decidem se devo ou não usar uma peruca *black power*, vou ali no banheiro tomar um ácido.

Tempos depois ela gravaria a música “Departamento de Criação”, cuja letra trazia indisfarçável ironia com a equipe montada pela Philips:

Quem vive pra servir assim / Não serve pra viver aqui / E você quer que eu faça aquilo tudo / Que você não sabe fazer?

E acaba-se o mundo por falta de imaginação / Eu não! Meu departamento é de criação! Mas que falta de imaginação / Eu não! Meu departamento é de criação!

Ao chegar a vez de Paulo e Raul se submeterem ao grupo, quem andava numa maré de paranoia brava era o baiano. Certo de que estava sendo seguido por policiais disfarçados, Raul contratara como guarda-costas o investigador Millen Yunes, da Delegacia de Polícia do Leblon, que nas horas de folga acompanhava o músico por todos os lados. Quando Paulo lhe transmitiu o convite feito por Menescal para que fossem os próximos sabatinados pelo seleto grupo de intelectuais, Raul deu um pulo:

— Isso é coisa da polícia para nos pegar! Não tenha dúvidas de que a polícia infiltrou gente nesse grupo para gravar o que falarmos lá. Cai fora dessa, dom Paulete! Diga ao Menesca que não vamos.

Paulo assegurou ao parceiro que não havia perigo, que ele conhecia a maioria dos participantes, que no grupo havia até gente de oposição à ditadura e, por fim, garantiu que nem Midani nem Menescal fariam uma canalhice daquelas. Como Raul não arredasse pé, a solução foi ir sozinho à reunião — mas por via das dúvidas deixou sobre a mesa um gravador ligado, cujas fitas entregaria ao parceiro no final do dia. Antes que as discussões fossem abertas, alguém deu a palavra a Paulo para explicar, durante o tempo que fosse necessário, o que era exatamente a Sociedade Alternativa. Pelo que lembra mais de três décadas depois, ele não tinha tomado nenhuma droga nem fumado maconha. Mas parecia que sim, a julgar pelo que disse em seguida, devidamente registrado no gravador:

A Sociedade Alternativa atinge o nível político, o nível social, a camada social de um povo, estão me entendendo? E ela atinge, porra, a camada intelectual de um povo que está saindo de uma cortição, que está sendo mais exigente... Tanto é que houve uma discussão lá em São Paulo sobre a revista Planeta. Eu acho que a Planeta vai falir daqui a um ano porque todo mundo que lê Planeta aprende e começa achar Planeta uma revista boba, feito faliu na França, inventaram o Le Nouveau Planet, depois o Le Nouveau Nouveau Planet, estão me entendendo? Acabaram fechando a revista. Assim vai acontecer também com todo esse povo que atualmente curte macumba. Não, não, não! Não o proletário, hein? Mas aquilo que a gente chama classe média. A burguesia que, de repente, resolveu se interessar, sabe, intelectualmente? É claro, existe outro aspecto da questão que é o aspecto da fé, de você ir lá e conseguir fazer uma promessa, conseguir ganhar um terreno, enfim, outras coisas. Bom, mas em termos culturais vai haver uma mudança, entende? E essa mudança vai vir de fora, do jeito que sempre veio, tão me entendendo? E ela nunca vai ser filtrada por um produto brasileiro chamado espiritualismo. Isso, agora, já discutindo num plano espiritual, porque no plano político acho que eu fui bem claro, né?

Clareza evidentemente não fora sua principal virtude, mas o grupo de trabalho parecia habituado a personagens assim. Paulo engatou uma segunda e prosseguiu:

Então... Nem estou querendo defender colocações, nem nada. Então vai haver essa filtragem. Na minha opinião, não é filtragem, mas nunca o sujeito vai deixar de curtir Satã, que é um negócio altamente fascinante: “Pô, Satã?” É um tabu como... Como a virgindade, tão me entendendo? Então, quando todo mundo começa a falar de Satã, mesmo que você tivesse medo do Demônio e detestasse ele, você efetivamente quer curtir essa, entende? Porque é agressão, agressão do Sistema contra si mesmo, agressão de repressões, entende? Aparece uma série de coisas dentro desse esquema e você passa a curtir essa... É uma onda que vai durar pouquíssimo, mas que ainda não pintou, a do Satã. Mas ela é um fenômeno. É resultado da agressão, da mesma coisa do amor livre, do tabu sexual que os hippies abriram.

[...] Isso que eu dei não foi um panorama de Sociedade Alternativa. Coloquei algumas coisas

mas eu procurei dar um panorama de tudo aquilo que nós concebíamos, a visão geral da coisa, certo? Bom, então, agora colocando Raul Seixas nisso tudo... A Sociedade Alternativa serve a Raul Seixas, e não se deixa influenciar porque a gente conversou dois dias sobre Sociedade Alternativa, que a gente só fala em Sociedade Alternativa, entende? A Sociedade Alternativa serve pra Raul Seixas na medida em que Raul Seixas catalisa esse tipo de movimento, entende? Ela tem sido julgada por um mito. Ninguém explica o que é Sociedade Alternativa. Estão me entendendo?

“Mais ou menos”, apressou-se a responder o jornalista Artur da Távola. Como a maioria dos presentes, na verdade, não havia entendido nada daquele mistifório, o problema que o grupo colocava para Paulo era simples: se aquelas eram as explicações que ele e Raul dariam à imprensa sobre o significado da Sociedade Alternativa, então que se preparassem para ver a ideia reduzida a pó pela mídia. Dorrit Harazim, na época editora da seção internacional da revista *Veja*, achava que, se eles pretendiam convencer o público de que Sociedade Alternativa não era apenas um lance de marketing, mas um movimento místico, ou político, era preciso ter argumentos mais objetivos para deixar isso claro:

— Antes de tudo vocês precisam decidir: a Sociedade Alternativa é algo político ou metafísico? Com esses argumentos vai ser muito difícil você explicar a qualquer pessoa o que é de fato a Sociedade Alternativa.

Embora aquela tivesse sido a primeira vez que o grupo de trabalho opinava unanimemente sobre um assunto, coube a Artur da Távola chamar a atenção para o risco de eles estarem secando uma mina de ouro:

— Precisamos tomar muito cuidado porque estamos apontando defeitos em uma dupla que vende centenas de milhares de discos. Não podemos esquecer que o Raul e o Paulo já são um sucesso indiscutível.

Mas havia outra questão que preocupava o grupo: a insistência com que os dois artistas repetiam à imprensa, falando a sério, que tinham visto discos voadores. Tratava-se de uma empulhação, insistiam todos, que poderia afetar o desempenho comercial da dupla — e sugeriram que Paulo recomendasse a Raul deixar de lado aquela maluquice. Eles tinham razões para se preocupar. Meses antes Raul dera uma longa entrevista ao *Pasquim* e, como era de se esperar, foi apertado pelos jornalistas para explicar a Sociedade Alternativa e a visão dos discos voadores, quando teve oportunidade de delirar à vontade. Explicou que aquela não era uma sociedade imposta por nenhuma verdade, nenhum líder, mas nascera “como uma tomada de consciência de uma nova tática, de novos meios”. Como a resposta não parecia ter ficado clara, explicitou melhor o que queria dizer: “A Sociedade Alternativa é fruto do próprio mecanismo da coisa”, continuou, acrescentando que ela tinha atravessado fronteiras. “Mantemos correspondência constante com o John Lennon e a Yoko Ono, que também fazem parte da Sociedade.” Sem ninguém para policiá-lo, Raul fantasiava até sobre fatos públicos, como o primeiro encontro dele com Paulo. “Conheci o Paulo na Barra da Tijuca”, contou ao *Pasquim*. “Às cinco horas da tarde eu estava lá meditando e ele também, mas eu não o conhecia — foi nesse dia que nós vimos o disco voador.” Um dos entrevistadores perguntou se podia descrever o suposto óvni e ele emendou, no mesmo galope:

— Era meio assim... prateado, mas com uma aura alaranjada em volta. Ele estava lá parado, enorme. O Paulo veio correndo, eu não o conhecia, mas ele disse: ‘Você está vendo o que eu estou vendo?’ A gente aí sentou e o disco sumiu num ziguezague incrível.

Eram declarações como essas que faziam o grupo de trabalho da Philips temer pela ridicularização pública da dupla, e, quando terminou a maratona, Paulo juntou as fitas gravadas com a íntegra de tudo o que se falara ao longo do dia para entregar ao parceiro. Como as considerações não eram exatamente elogiosas, em vez de relatar pessoalmente a Raul o que acontecera, preferiu, ao chegar em casa, gravar mais uma fita, na qual expunha ao baiano seu ponto de vista sobre a reunião na suíte do hotel Méridien:

O grande medo do grupo de trabalho é que a Sociedade Alternativa dê certo e que o Raul — no caso você, que está ouvindo esta fita — não esteja em condições de enfrentar a barra. Eles têm medo que a Sociedade Alternativa cresça e, na hora que o Raul for dar uma entrevista sobre o que é a Sociedade Alternativa, seus fundamentos, o Raul, como disse o Artur da Távola, vai verbalizar mas não vai explicar. E a imprensa vai cair de pau, vai dizer que é uma farsa, e aí a carreira do Raul se queima. Quer dizer, toda a preocupação da Philips é o problema da competência do Raul para aguentar essa barra. A reunião foi extremamente tensa. Num ponto, realmente, eu sinto que eles não arredarão pé: na incompetência sua, no caso de você, Raul, não aguentar a barra. Você vai ouvir isso na fita e eu estou falando disso

agora porque essa impressão ficou muito forte.

Outra coisa levantada foi o problema do disco voador, com todos dizendo que aquilo é uma empulhação. Disseram, por exemplo, que toda vez que você chegar num lugar e repetir esse negócio de disco voador, a imprensa vai cair de pau, não vai perdoar mesmo. Porra, eu resolvi ficar calado, não explicar se era verdade ou mentira. Mas para o grupo de trabalho essa história de disco voador deve ser abandonada aos pouquinhos. Não cheguei a falar, mas deixei aberta a possibilidade de nós desmentirmos a jogada do disco voador pelo menos para o grupo de trabalho.

Embora a ideia da Sociedade Alternativa ainda tivesse força para angariar centenas de milhares de compradores de discos e um número incerto de adoradores do Demônio pelo Brasil afora, o tempo se encarregaria de mostrar que o grupo de trabalho tinha razão. Como não se tratava de um movimento político nem tampouco metafísico, com o passar dos anos a expressão “Sociedade Alternativa” não seria lembrada senão como um refrão musical dos anos 70.

Ao voltar de Nova York com a mão enfaixada e cheia de pontos cirúrgicos, no auge do sucesso do LP *Gita* (que fora lançado na ausência deles), Paulo acabou sendo convidado por Menescal a se incorporar ao grupo de trabalho da Philips na condição de consultor, com a mesma remuneração dos demais membros — o que significava acrescentar todo mês à sua conta bancária o equivalente a mais de 20 mil reais de 2008. Vinha dinheiro de tudo quanto era lado. Quando recebeu a primeira prestação de contas da gravadora pelas vendas iniciais de *Gita*, ficou em dúvida se aplicava o dinheiro em ações ou se comprava uma casa de veraneio em Araruama, mas acabou se decidindo por um apartamento na movimentada rua Barata Ribeiro, em Copacabana. Além da parceria com Raul, nesse período Paulo escreveu também três letras — “Cartão Postal”, “Esse Tal de Roque Enrow” e “O Toque” — para o LP *Fruto Proibido*, que a cantora Rita Lee lançaria no começo de 1975, e ainda produziu roteiros cinematográficos para Maria do Rosário. Entre uma atividade e outra, trabalhou como ator na pornochanchada *Tangarela, a Tanga de Cristal*. Em dezembro de 1974 a gravadora fechou uma das torneiras que irrigavam suas contas ao encerrar as atividades do grupo de trabalho, mas logo abriu outra: por sugestão de Menescal, André Midani contratou Paulo Coelho para trabalhar como executivo da empresa, na função de gerente do Departamento de Criação.

A estabilidade financeira e profissional não teve o condão, entretanto, de apaziguar sua alma torturada. Se até maio de 1974 convivera de forma traumática com os sentimentos de perseguição e rejeição, depois da prisão eles parecem ter-se tornado insuportáveis. Das seiscentas páginas de diário escritas nos doze meses após sua libertação, mais de quatrocentas tratavam de medos decorrentes daquela semana negra. Em um único caderno de sessenta páginas, escolhido ao acaso, a palavra “medo” é repetida 142 vezes, seguida de “problema”, 118 vezes, além de dezenas de “solidão”, “desespero”, “paranoia”, “estranhamento” etc. Para traduzir seu estado de espírito ele costumava recorrer aos clássicos da língua, como fez ao citar Guimarães Rosa para encerrar uma página do diário: “Não é medo, não. É que eu perdi a vontade de ter coragem”. Em maio de 1975, por ocasião do primeiro aniversário de sua saída do DOI-Codi, mandou celebrar uma missa de ação de graças na Igreja de São José, seu santo protetor.

Acima do dr. Benjamim ou talvez do próprio pai, desde que saíra da cadeia a figura que mais segurança lhe inspirava era o advogado Antônio Cláudio Vieira, que Paulo considerava o responsável por sua libertação. Assim que retornou dos Estados Unidos, pediu ao dr. Pedro que marcasse uma hora para ele agradecer a Vieira pela ajuda. Ao chegar ao luxuoso apartamento de andar inteiro no morro da Viúva, de onde se tinha uma privilegiada vista do aterro do Flamengo, Paulo se surpreendeu mesmo foi com Eneida, a filha do advogado. Morena, bonita, elegante e um palmo mais alta que ele, a moça chamava a atenção pela exuberância das joias que usava — dentre as quais sobressaía um pequeno escorpião de ouro maciço que levava permanentemente pendurado no pescoço por uma correntinha. Advogada como o pai, em cujo escritório trabalhava, Eneida desfilava pelas ruas do Rio com os cabelos esvoaçantes, a bordo de um invejado e legítimo conversível MG, importado da Inglaterra. Naquele encontro os dois não passaram de um flerte, mas exatos 47 dias depois Paulo propôs casamento a Eneida, que aceitou imediatamente o pedido. Pelos valores vigentes em boa parte da sociedade brasileira, ele não só tinha condições de casar como se tornara um bom partido — isto é, alguém com dinheiro suficiente para manter mulher e filhos. Um novo álbum dele com Raul fora lançado no final de 1975 com o nome de *Novo Aeon*. Os dois assinaram quatro das treze faixas (“Rock do Diabo”, “Caminhos I”, “Tú És o MDC da Minha Vida” e “A Verdade sobre a Nostalgia”). O LP revelava também o grau de envolvimento que Raul continuava mantendo com os satanistas da O.T.O.: o mal-educado Marcelo Motta assinava nada menos que cinco faixas do disco como letrista (“Tente Outra Vez”, “A Maçã”, “Eu Sou Egoísta”,

“Peixuxa — O Amiguinho dos Peixes” e “Novo Aeon”). Embora Raul e seus seguidores considerassem esse trabalho uma obra-prima, *Novo Aeon* não chegou aos pés dos álbuns anteriores, tendo vendido pouco mais de 40 mil cópias.

Condições materiais para constituir família não faltavam, como se vê, mas tamanha ligeireza para tomar a decisão de pedir a mão da moça só podia ser explicada por uma paixão fulminante — que, no entanto, não era recíproca. Para ele nada podia ser mais conveniente: de uma só cajadada, conseguiria uma mulher para afinal casar e “encaretar”, como vinha se prometendo desde que saíra da cadeia, e, além disso, passaria a ter como sogro o fiador da sua segurança emocional, Antônio Cláudio Vieira. Na noite de 16 de junho de 1975, depois de acender um baseado duplo, Paulo decidiu que estava na hora de resolver aquilo. Ligou para Eneida solicitando que avisasse aos pais que iria formalizar o noivado e o pedido de casamento em poucas horas:

— É só o tempo de eu passar em casa e pegar meus pais. Logo em seguida estaremos aí.

Os velhos dormiam profundamente, mas foram retirados da cama pelo filho maluco que decidira de repente ficar noivo, numa segunda-feira. Fosse pelo efeito da maconha, fosse por nunca ter representado antes aquele papel, a verdade é que, na hora de se dirigir ao futuro sogro, Paulo sentiu a boca seca, engasgou, gaguejou e não conseguiu pronunciar uma sílaba sequer. Diante do olhar atônito dos estremunhados Pedro e Lygia, Vieira salvou a situação com presença de espírito:

— Todos sabemos o que você quer dizer. Você está pedindo a mão da Eneida em casamento, é isso? Se é isso, está concedida.

Sim, era isso mesmo, respondeu aliviado. Em meio a um rápido brinde de champanhe francês, Paulo abriu a capanga de couro que usava a tiracolo e tirou dela um belo anel de brilhantes que comprara para a futura esposa. Meia hora depois da chegada das visitas não havia mais ninguém acordado no apartamento do morro da Viúva. No dia seguinte, Eneida retribuiria o presente de noivado mandando entregar na casa de Paulo a novidade que se transformara em objeto do desejo de jornalistas e escritores: uma máquina Olivetti elétrica que o escritor usaria até 1992, quando passaria a escrever em microcomputadores pessoais. Nem três semanas haviam se passado e o diário começava a revelar que o noivado talvez tivesse sido uma precipitação:

Estou com sérios problemas de relacionamento com a Eneida. Eu a escolhi pela segurança e estabilidade emocional que isto me daria. Eu a escolhi buscando um equilíbrio para o meu temperamento naturalmente desequilibrado. Agora estou percebendo o preço que devo pagar por isto: castração. Castração de comportamentos, castração de conversas, castração de loucuras. Eu não posso aceitar isto.

Voltar atrás e desmanchar o noivado não passava por sua cabeça, pois isso significaria não apenas perder o advogado, mas ganhar um inimigo — algo que só de pensar lhe dava um frio na barriga. Mas Paulo percebia que Eneida também estava se enchendo de suas esquisitices. De fato, a noiva não se importava que ele continuasse a fumar maconha, mas não queria ser obrigada a também consumir a droga, e Paulo passava o tempo todo insistindo que o fizesse. Quanto às “propostas sexuais”, ela deixara claro: nada de *ménage à trois*. Eneida não aceitava que amigas dele compartilhassem a cama do jovem casal de noivos. O desfecho da relação, portanto, era previsível. Quando o noivado completava quarenta dias, Paulo registrou no diário que tudo tinha chegado ao fim:

Eneida simplesmente me deixou. Tem sido muito difícil, muito difícil mesmo. Eu a escolhi como mulher e companheira, mas ela não aguentou a barra e subitamente sumiu da minha vida. Eu tenho desesperadamente tentado entrar em contato com a mãe dela, mas eles se afastaram também. Temo que ela tenha contado para os pais minhas castañedices e as propostas sexuais. Estas últimas eu sei que contou. A dissolução foi bastante dura para mim, muito mais dura do que eu imaginava. Minha velha e meu velho vão ficar muito chocados com a notícia do rompimento do noivado. E vai ser difícil aceitarem outra mulher como aceitaram minha ex-noiva. Isto eu sei, mas o que posso fazer? Parto novamente, sem tréguas, em busca de uma outra companheira.

A companheira em quem ele andava de olho era a estagiária Cecília Mac Dowell, da equipe de imprensa da Philips. Mas antes de se declarar a Cissa, como era chamada, Paulo ainda viveu um romance-relâmpago com a também jornalista Elisabeth Romero, que o entrevistara para uma revista especializada em música. Começaram a sair juntos e o namoro engatou. Beth chamava a atenção por se locomover pelas ruas do Rio montada em uma robusta moto Kawazaki 900, em cuja garupa Paulo passou a circular. Apesar de breve, o namoro permitiu a Beth testemunhar um

episódio que seria citado por Paulo dezenas, centenas de vezes em entrevistas publicadas na imprensa internacional: o encontro que não houve entre ele e seu ídolo Jorge Luis Borges. Com a proximidade dos feriados de fim de ano, Paulo convidou Beth para irem a Buenos Aires, onde pretendia visitar o grande escritor argentino.

Ele vinha adiando a viagem fazia algum tempo, com medo de ir ao Dops pedir visto de saída para o país vizinho e ser preso. Sem nenhum contato ou apresentação prévia, o casal enfrentou 48 horas de ônibus entre o Rio e a capital portenha levando como única indicação um endereço: rua Maipu, 900, onde vivia Borges. E foi para lá que Paulo se dirigiu logo após se instalar na cidade. O porteiro do prédio, no centro da cidade, informou que *don Jorge Luis* estava do outro lado da calçada, tomando café no bar de um velho hotel. Paulo atravessou a rua, entrou pelo lobby e contra a luz de uma vidraça viu a silhueta inconfundível do magistral autor de *O Aleph*, então com 76 anos de idade, sentado sozinho a uma mesa, sorvendo uma xícara de expresso. A emoção foi tamanha que o brasileiro não teve coragem de se aproximar. Esgueirando-se para fora em silêncio, tal como entrara, deixou o lugar sem dirigir a Borges um bom-dia, um muito prazer, atitude de que se arrependeria para sempre.

Aos 28 anos de idade, aquele seria seu primeiro Natal longe da família. A caminho de sua reconversão cristã, no dia 24 convidou Beth para assistirem juntos à Missa do Galo na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, nas imediações da Casa Rosada, sede do governo argentino. Surpreso com a recusa da moça, que preferia aproveitar a noite para andar pelas ruas de Buenos Aires, ele simplesmente terminou o namoro. Telefonou para Cissa, no Rio, a pretexto de desejar votos de boas festas, e se declarou:

— Estou apaixonado por você e volto daqui a três dias. Se você prometer que me espera no aeroporto, vou de avião, para estarmos juntos o mais breve possível.

Miúda como ele, de olhos castanhos e nariz levemente aquilino, Cecília Mac Dowell tinha dezenove anos e cursava comunicação na PUC do Rio de Janeiro quando conheceu Paulo. Filha da americana Patrícia Fait e do respeitado e abastado tisiologista Afonso Emílio de la Rocque Mac Dowell, proprietário de uma grande clínica para tuberculosos em Jacarepaguá, ela fora educada no tradicional Colégio Brasileiro de Almeida, em Copacabana, criado e dirigido pela professora Nilza Jobim, mãe do compositor Tom Jobim. Embora aquele fosse um lar conservador — o pai vinha de tradicionais troncos nordestinos e a mãe recebera rigorosa formação protestante —, os Mac Dowell acolheram de braços abertos o bicho-grilo que se apaixonara por sua filha caçula. Com o correr dos meses, Patrícia e Afonso Emílio fechavam os olhos até para o fato de Cissa passar todos os fins de semana em companhia do namorado (que alugara o apartamento da Voluntários da Pátria e se mudara para o quarto e sala da barulhenta Barata Ribeiro). Passados trinta anos, Cissa olharia para trás e, com humor ferino, enxergaria segundas intenções nessas liberalidades dos pais:

— Como minhas duas irmãs mais velhas não tinham se casado, acho que o patamar de expectativas de meus pais em relação aos futuros genros baixou um pouco. Por via das dúvidas, o melhor era não espantar possíveis candidatos.

Quaisquer que fossem as razões dos pais, a verdade é que nos finais de semana, enquanto os Mac Dowell iam para a casa de campo da família em Petrópolis, Cissa juntava roupas e objetos pessoais em uma sacola de pano e se baldeava para o apartamento da Barata Ribeiro — com o que a sexta-feira passou a ser chamada pelos dois de “dia da Maria Sacola”. O fantasma do desastrado noivado com Eneida, no entanto, continuava assolando a alma de Paulo toda vez que o tema ameaçava ressurgir, como anotava no diário. “Hoje à noite vai ter jantar na casa da Cissa e essas coisas me deixam no maior grilo”, lamentava, “porque se assemelha a um noivado, e o que eu menos quero no momento é ficar noivo de alguém.” Em uma das sessões psiquiátricas, que continuava frequentando regularmente, o dr. Benjamim Gomes aventou a hipótese de suas tensões nervosas terem origem nas dificuldades de relacionamento sexual:

Ele disse que meu desinteresse por sexo provoca esta tensão em que ando. Na realidade Cissa é um pouco igual a mim, não faz tanta questão de ser comida. Eu me realizava com isto, pois ficava sem obrigação, mas agora passarei a usar o sexo como uma terapia para aliviar as tensões. O dr. Benjamim me falou que a curva do eletrochoque é a mesma do orgasmo e a mesma do ataque epilético. Com isso, descobri no sexo uma terapia.

Por mais que ficasse perturbado com qualquer coisa que lembrasse um noivado, em março de 1976, quando a namorada retornou de um passeio de três semanas na Europa, Paulo lhe propôs casamento. Cissa aceitou o pedido com sincera alegria, mas sob condições: teria que ser casamento de verdade, de papel passado em cartório, e também com igreja, padre, noiva de

branco e noivo de paletó e gravata. Ele respondeu com uma gargalhada, afirmando que aceitava todas as exigências em nome do amor “e porque eu estava mesmo precisando dar uma encaretada, e nada melhor que um casamento para isso”. Antes que a cerimônia acontecesse Paulo ainda jogaria o I Ching várias vezes, para saber se estava agindo certo, e registraria no diário a insegurança em que vivia:

Ontem fui tomado por um grande cagaço de casamento e fiquei apavorado. Reagi violentamente. Já estávamos meio cabreiros um com o outro e a coisa terminou ficando feia entre nós.

Dois dias depois seu estado de espírito era outro:

Tenho dormido fora do apartamento porque estou com paranoia. Estou doido que Cissa venha morar logo comigo. No fundo nós nos amamos e nos compreendemos e ela é uma pessoa muito fácil de lidar. Mas para isto precisamos enfrentar antes a palhaçada do casamento.

Com a alma aos solavancos, Paulo chegou ao dia 2 de julho ainda mais enfarpelado do que a noiva exigira. Pontualmente às sete da noite, quando um conjunto de violinos começou a executar o *Noturno nº 2* de Chopin, ele esgueirou-se por entre as cortinas do altar da Igreja de São José, no centro do Rio de Janeiro, e perfilou-se ao lado direito do padre. Comparado com o Paulo Coelho que se deixara fotografar chapadíssimo em Nova York, dois anos antes, o do altar parecia um príncipe. Com os cabelos curtos, bigode e cavanhaque cuidadosamente aparados, vestia meio fraque moderno, com paletó tipo jaquetão, calças listradas, sapatos pretos, camisa branca de abotoaduras e gravata prateada — roupa idêntica à usada pelo pai e pelo sogro, mas da qual foram dispensados os padrinhos Roberto Menescal e Raul Seixas. Dona Lygia não só escolhera pessoalmente o local do casamento religioso como dera de presente à paróquia de São José uma pintura nova para a imponente igreja, cujas torres chegam a ter três andares de altura.

Sob os acordes de *Pompa e Circunstância*, de Elgar, cinco meninas com roupas de damas de honra abriam caminho para a noiva, de vestido branco e longo até os pés, levada pelo braço do pai. Entre as dezenas de convidados que lotavam a igreja, chamava a atenção a figura singular de Raul Seixas, de óculos escuros embora fosse noite fechada, gravata-borboleta vermelha e paletó com pespontos também vermelhos. Na hora da bênção das alianças, os violinos encheram a nave, com o *Adágio* de Albinoni encerrando a cerimônia religiosa. De lá seguiram todos para o apartamento dos pais da noiva, na rua General Urquiza, no Leblon, onde foi oficiado o casamento civil e, em seguida, oferecido um fastuoso jantar aos convidados.

A lua de mel não teve nenhum atrativo especial. Como ambos tinham de retornar logo ao trabalho, passaram uma semana em uma casa de veraneio de parentes dele na ilha de Jaguanum, no litoral fluminense. Nenhum dos dois guardaria lembranças marcantes desses dias. Nos diários de Paulo não há nenhuma referência à viagem de núpcias, e os flashes que permanecem na memória de Cissa também não falam de um mar de rosas:

O Paulo não estava muito feliz. Acho que ele não queria aquela formalidade toda... Ele aceitou, mas acho que foi porque eu insisti. Mas não foi assim uma lua de mel em que disséssemos, ai, estamos completamente apaixonados, foi maravilhoso. Não. Não tenho essa lembrança. Sei que passamos uns dias lá, não posso dizer quantos, e voltamos para a vidinha no Rio.

A vidinha começaria com um pequeno azedume entre marido e mulher. Embora fosse dono de espaçoso apartamento na rua Voluntários da Pátria, no qual vivera quase três anos com Gisa, Paulo preferia mantê-lo alugado e morar no segundo imóvel de sua propriedade, o quarto e sala da barulhenta Barata Ribeiro. Se a escolha tivesse como objetivo fazer economia, Cissa não se importaria. O problema é que ele preferia viver ali para estar perto dos pais, que haviam vendido a casa da Gávea e cujo novo apartamento ficava na rua Raimundo Correia, em Copacabana, a uma quadra de distância. As lembranças que ela guardaria dos primeiros meses do casamento não eram animadoras:

Morar ali era uma coisa horrível. O único quarto dava de frente para a rua Barata Ribeiro, onde fazia um barulho infernal. Mas ele estava na fase materna e queria porque queria ficar perto da mãe, que morava no mesmo quarteirão. Nosso apartamento mal cabia numa boa sala. Ele tinha o outro apartamento, mas queria ficar perto da mãe. Como eu tinha sido educada

dentro do protestantismo, naquela história de fazer tudo pela felicidade do casal, dormia com o barulho da Barata Ribeiro. O casamento foi em julho, acho que ficamos ali uns seis meses.

Podia não ser um começo de matrimônio dos mais promissores, mas, como nenhum casal está a salvo das intempéries da vida em comum, o casamento caminhava. Às vezes as brigas eram ruidosas, como na madrugada de 24 de agosto, quando Paulo completava 29 anos. Cissa foi acordada às duas da manhã por um estrondo assustador, como se uma bomba tivesse explodido dentro de casa. Levantou-se apavorada e deu com o marido na sala do apartamento, com um rojão queimado na mão. Devidamente abastecido de um bom baseado, ele decidira festejar seu aniversário e estava explodindo rojões para o céu, para desespero da vizinhança. Tudo, claro, registrado para a posteridade pelo gravador:

Paulo — Agora é 1:59 do dia 24 de agosto de 1976. Estou completando 29 anos. Vou soltar um foguete comemorando quem sou eu e vou gravar o barulho. [ruído do estouro do foguete] Que barato! As pessoas vieram pra janela!

Cecília — Paulo!!

Paulo — O que é? Todo mundo acordou, os cachorros estão latindo...

Cecília — Isso é um absurdo!

Paulo — O quê?

Cecília — Você está maluco?

Paulo — Fez um esporro bonito! Ecoou por toda a cidade! Eu sou o campeão!! [rindo muito] Que ótimo eu ter comprado esses foguetes naquele dia! Que ótimo! Puta merda, foi um barato! [rindo muito] Que barato, meu Deus do céu! Que loucura! Acho que me libertou de coisas pra caralho, soltar esse foguete!

Cecília — Fica um pouquinho aqui comigo que eu estou nervosa.

Paulo — Por que que você tá nervosa? É alguma premonição, alguma coisa assim?

Cecília — Nããão, Paulo, é porque foi um dia muito pesado.

Paulo — Ah, graças a Deus! Porra, isto foi uma libertação, Cecília. Solta um foguete que você também vai ficar tranquila, imediatamente. Solta na janela daqui.

Cecília — Não! Quem ouvir o barulho vai ver de onde veio. Esquece esse negócio de foguete. Fica um pouquinho comigo, fica?

Paulo — [ri muito] Que barato! Duas horas da manhã, um foguete comemorando meu aniversário, as estrelas enchendo o céu. Ai, meu Deus do céu! Muito obrigado! Vou disparar mais fogos pela cidade! [barulho dos rojões explodindo]

Cecília — Paulo! Os porteiros de todos os prédios vão ver que é daqui.

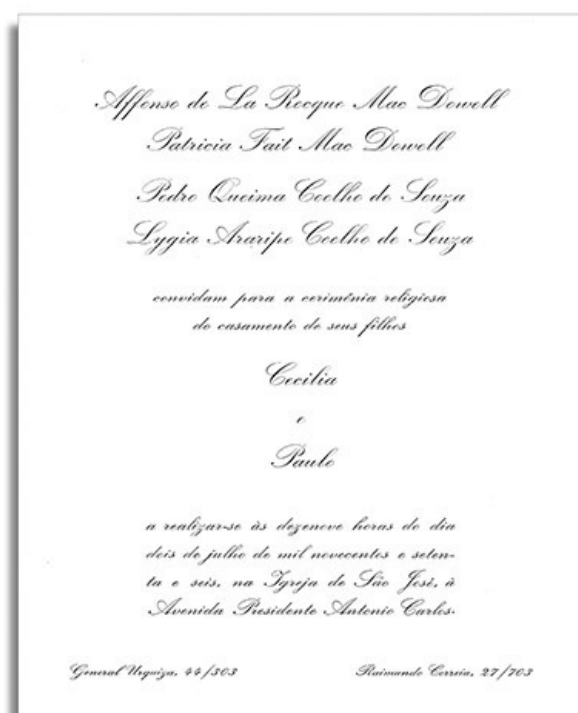
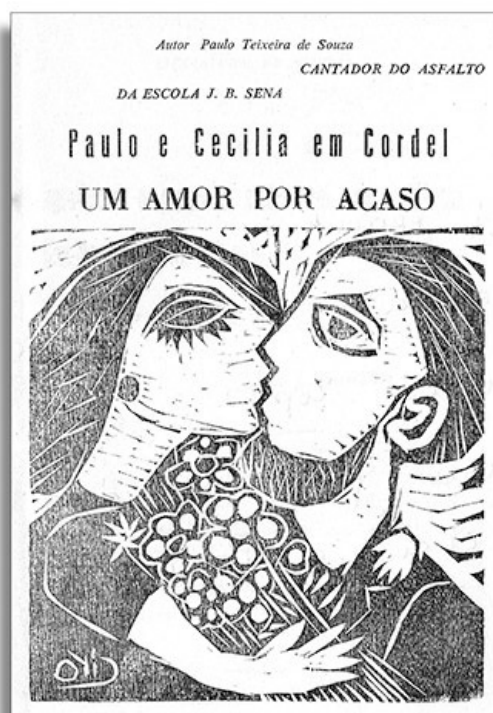
Cissa de fato era uma pessoa fácil de lidar, mas tinha personalidade forte e não gostava de ser forçada a fazer nada contra a vontade. Assim como acontecera com Eneida, aceitava as castañedices do marido — às vezes até o acompanhava no consumo de um cigarro de maconha —, mas não queria nem ouvir falar nas extravagâncias conjugais que ele chamava de “propostas sexuais”. Um dia Paulo acordou no fim da manhã, hora em que, como sempre, Cissa estava no trabalho. Sobre o criado-mudo ela havia deixado uma folha de papel manuscrita que parecia queimar-lhe as mãos, quando ele leu. O bilhete revelava que, se o marido resolvera de fato encaretar, isso tinha acontecido apenas da porta de casa para fora.



Já marido e mulher, Paulo e Cissa deixam o altar da Igreja de São José. Abaixo, os noivos entre os pais dela e os dele.



Cissa deixa a cerimônia rumo ao banquete de casamento. Ao lado os dois convites: um careta e um hippie.



A quem interessar possa:

Tenho tranquilidade em relação às quinhentas mulheres do Paulo, porque nenhuma delas representa uma ameaça. Mas hoje realmente entrei em parafuso em relação a meu casamento. Quando Paulo falou, brincando com uma secretária, que vai pegar na bunda dela, já achei uma coisa muito sem classe. Mas pior foi ouvir uma proposta indireta de pagar “uns caras” na Cinelândia para participarem do nosso relacionamento sexual. Eu sabia que ele já tinha feito isso antes, mas nunca imaginei que fosse me propor uma coisa tão nojenta como essa, me conhecendo como o Paulo me conhece, sabendo o que eu penso disso. Então, nesta madrugada eu me sinto mais que nunca sozinha porque sei que não posso desabafar com ninguém. Só o que posso prever, e até desejar no íntimo agora, é que o mais cedo possível me separe do Paulo, o mais cedo que esta merda de sociedade permitir, mas sei que vai ser um trauma muito

grande para mim e para minha família.

O matrimônio ainda não completara sequer as bodas de papel — fazia poucos meses que eles estavam casados — e começava a naufragar.

“Em Londres caíram por terra todas as chances de um dia eu ser um escritor mundialmente famoso”

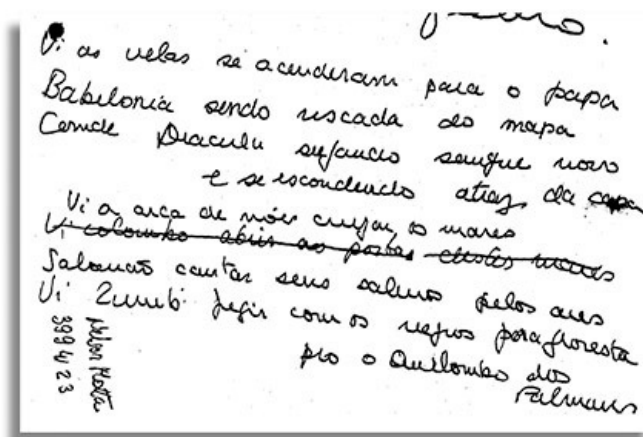
Se o casamento desmoronava, o mesmo não se podia dizer da vida profissional. Em dezembro de 1976 a Philips colocou nas ruas o quinto LP de Paulo com Raul, *Há Dez Mil Anos Atrás*, que logo se converteria em outro estrondoso sucesso e do qual dez das onze faixas traziam letras de sua autoria. A canção que dava nome ao álbum tinha duas peculiaridades: uma redundância no título e o fato de ser a tradução adaptada de “I Was Born Ten Thousand Years Ago”, conhecida canção tradicional americana de domínio público que tinha várias versões, a mais famosa delas gravada por Elvis Presley quatro anos antes. Outra curiosidade do disco é que, desde que se inspirara na adolescente do filme de Vittorio De Sica, aos catorze anos, era a primeira vez que Paulo dedicava uma de suas criações a alguém, neste caso ao pai, Pedro Queima Coelho. Tratava-se de uma forma inusual de homenagem, uma vez que a letra registra as diferenças entre ele e o pai e traz uma sugestão de condescendência. Embora isto só viesse a ser admitido pelo autor anos depois, qualquer pessoa que conhecesse um pouquinho de sua história familiar entenderia que o “Pedro” do rock-balada “Meu Amigo Pedro”, a segunda faixa, era o pai, como claramente se nota em alguns versos:

Toda vez que eu sinto o paraíso / Ou me queimo torto no inferno / Eu penso em você, meu pobre amigo / Que só usa sempre o mesmo terno
Lembro, Pedro, aqueles velhos dias / Quando os dois pensavam sobre o mundo / Hoje eu te chamo de careta, Pedro / E você me chama vagabundo
Pedro, onde você vai eu também vou / Mas tudo acaba onde começou
E eu não tenho nada a te dizer / Mas não me critique como eu sou / Cada um de nós é um universo, Pedro / Onde você vai eu também vou

Sucesso era sinônimo de dinheiro, e, para Paulo, dinheiro devia ser transformado em pedra e cal. Antes que o ano de 1976 terminasse, ele tornou-se proprietário de seu terceiro imóvel, um apartamento de dois dormitórios na rua Paulino Fernandes, no Flamengo, a cem passos da vila onde nascera e fora criado. Apesar do prazer que a propriedade de imóveis lhe proporcionava, havia um problema em ficar rico, como acontecia com ele: a preocupação com a suposta cobiça alheia, sobretudo dos comunistas. Nisto, sim, o parceiro de Raul Seixas tinha encaretado para valer. O cabeludo que pouco antes contestava a sociedade de consumo e nas letras de música ironizava a posse de bens materiais agora se arrepiava com a possibilidade de perder o pé-de-meia que acumulava com cupidez. “Hoje, no cinema, tive um puta medo do comunismo vir e pegar todos os meus apartamentos”, confessou ao diário, para emendar, sem meias palavras: “Não lutaria nunca pelo povo. Estas podem ser palavras malditas, mas eu não faria nunca isso. Luto pelo pensamento e talvez por uma elite de privilegiados que elejam uma sociedade à parte”.

A tranquilidade material que o mundo da música lhe assegurava, porém, em nenhum momento parece tê-lo desviado do velho e surrado sonho: ser um grande escritor. Nos momentos de angústia chegava a desconfiar, “quase com certeza”, que não conseguiria concretizá-lo. Assustava-se toda vez que se dava conta da proximidade do seu trigésimo aniversário — data-limite que estabelecera para se tornar um escritor famoso, e além da qual imaginava não haver a menor esperança de ter êxito na literatura. Mas voltava a se animar à simples leitura de uma notícia como a de que a célebre escritora inglesa Agatha Christie acumulara uma fortuna de 18 milhões de dólares só com a venda de seus livros. Nesses momentos Paulo mergulhava fundo nos devaneios:

Não pretendo de jeito nenhum publicar meus romances no Brasil. Aqui ainda não existe mercado para isso. No Brasil um livro com 3 mil exemplares vendidos é um sucesso, quando nos Estados Unidos isso é o fracasso mais redondo possível Não tem futuro. Se eu quiser ser um escritor, tenho que estar constantemente pensando em me mandar.



Fragmentos do original de “Eu Nasci Há 10 Mil Anos Atrás”, grande sucesso da dupla Paulo e Raul.

Enquanto o destino não apontava a porta de entrada para a glória, Paulo era obrigado a se submeter à rotina de horários, reuniões e viagens a São Paulo que seu cargo de executivo fonográfico exigia. A Philips decidira concentrar todos os seus departamentos em um único escritório, instalado na então longínqua Barra da Tijuca, moderno bairro que começava a nascer no Rio. Ele fazia muxoxos contra a mudança, não só porque o emprego passara a ficar a quarenta quilômetros de casa, o que o obrigou a superar o trauma de Araruama, comprar um carro e tirar carteira de motorista, mas também porque lhe havia sido reservada uma sala de trabalho minúscula. Não se queixava a ninguém, exceto ao diário:

Estou sentado no meu escritório novo, se é que podemos chamar de escritório o local que ocupo agora. Eu e minha equipe, constituída de duas secretárias, uma assistente e um boy, ocupamos uma área equivalente a 30 m², ou seja, 5 metros por pessoa. O que já seria bastante exíguo, se não levássemos em consideração a montoeira de móveis obsoletos que também foi colocada nesse pequeno espaço.

Além da distância e do desconforto, ele percebeu que seu cargo estava no epicentro de um permanente terremoto que mexia com vaidades, prestígio e disputa de espaço na mídia. Esse campo de batalha, no qual os egos estavam constantemente engalfinhados e quase sempre combatendo pelas costas, não parecia o lugar ideal para alguém com a alma tão torturada por medos e paranoias. Se algum mandachuva o cumprimentasse pouco efusivamente no elevador, ele logo via uma ameaça a seu emprego. Não ser convidado para um espetáculo ou um lançamento concorrido do meio musical constituía garantia segura de alguns dias de insônia e abundantes páginas de lamúrias no diário. Não figurar entre os participantes de uma reunião na companhia podia desencadear incontroláveis acessos de asma. A insegurança atingia níveis extremos. Um produtor musical que não falasse direito com ele gerava uma crise interior capaz de praticamente impedi-lo de trabalhar. Quando vários sintomas de perseguição se juntavam, Paulo perdia o rumo.

Hoje eu estou muito ruim, completamente atacado de paranoia. Acho que ninguém gosta de mim, que vão me fazer uma puta sacanagem de uma hora para outra, e que não me dão mais a atenção que me davam.

O cagaço baixou porque fui praticamente alijado de uma reunião de manhã. Isso me deixou com o nariz escorrendo, será que minhas gripes têm um fundo psicológico? O André Midani, presidente da companhia, entra na sala e não fala direito comigo; meu parceiro está num péssimo humor, e eu acredito que esteja havendo um complô contra mim. Numa coluna de jornal meu nome nem é mencionado, quando deveria ser.

Para aumentar meu complexo de perseguição, deixando a insegurança à flor da pele, descobri que não fui convidado nem para o lançamento do livro do Nelson Motta. Ele tem me segregado bastante, mas é uma pessoa pela qual eu nunca consegui esconder minha antipatia.

Acho que as pessoas só me toleram porque sou amigo do Menescal. Fico griladíssimo com isso.

Sua dupla atividade profissional — ele exercia a um só tempo os papéis de compositor e executivo da gravadora — também era um foco de temores irreprimíveis. Com frequência Paulo era obrigado pela função a produzir caudalosos relatórios para a direção da Philips, contendo

avaliações críticas do desempenho dos mais importantes artistas contratados pela empresa, ou seja, seus colegas. Embora a leitura de seus informes estivesse restrita a Midani, Menescal, Armando Pittigliani e mais um ou dois diretores, ele gelava só de pensar que aquele material poderia cair nas mãos ou chegar aos ouvidos dos artistas avaliados. O temor era procedente, pois costumava ser bastante avarento em elogios e duro nas críticas. Mesmo com todo o estresse que significava ocupar um cargo como aquele, Paulo era um funcionário mais do que dedicado, cujo entusiasmo pelo que fazia não poucas vezes significava estender o expediente até altas horas da noite. O trabalho na Philips funcionava como um dos apoios do tripé em que se equilibrava sua frágil estabilidade emocional. O outro era o casamento, e o terceiro, uma novidade a que se entregara de corpo e alma, a ioga. Além disso, quando a barra pesava demais ele pedia socorro ao psiquiatra Benjamim Gomes, que o punha de novo nos eixos à custa de baterias de antidepressivos.

Em janeiro de 1977 Paulo já se convencera de que Cissa era diferente das suas companheiras anteriores. “Ela é o que é, e não mudará tão cedo”, confessava. “Deixei de transformar meu tempo para tentar transformá-la e agora percebo a inutilidade disso.” Aos poucos, entretanto, conseguia atrair a esposa para pelo menos uma faceta de seu mundo — as drogas. Cissa jamais viria a ser uma consumidora, mas foi pelas mãos dele que pela primeira vez fumou maconha e depois experimentou LSD. Seguindo um ritual semelhante ao adotado por Vera Richter quando fumou haxixe pela primeira vez, os dois realizaram a experiência com o ácido lisérgico no dia 19 de março, dia de São José, cuja imagem foi beijada por ambos antes da cerimônia. Ligaram um gravador de som na hora em que ela colocou a pequena pastilha na língua, e a partir de então Cissa descreveu os momentos iniciais de insegurança, sentiu dormência e formigamento pelo corpo até chegar ao êxtase. Nesse instante, começou a ouvir sons, como costuma acontecer nessas ocasiões, “indescritíveis”. Aos prantos ela tentava, sem conseguir, revelar o que sentia:

Ninguém pode segurar o que está entrando pelos meus ouvidos. Nunca mais vou esquecer o que ouvi agora. Preciso tentar descrever... Eu sei que você ouviu como eu ouvi. Eu olhava pra esse teto de nossa casinha. Eu não sei... Acho que não dá pra descrever, mas eu preciso... Paulo, é um negócio impressionante.

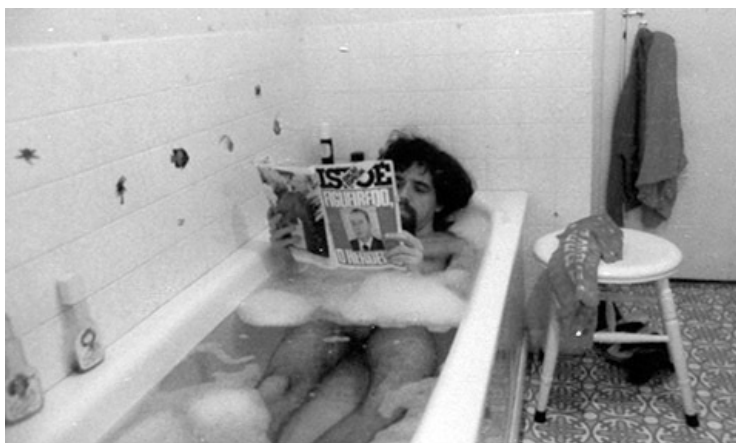
O marido monitorava a “pesquisa” e também se ocupava da trilha sonora da gravação. A abertura era uma manchete do *Jornal Nacional*, da TV Globo, anunciando altos índices de acidentes de trânsito no Rio. Em seguida vinham a *Tocata e Fuga*, de Bach, e a *Marcha Nupcial*, de Wagner. Para tranquilizar sua cobaia, Paulo garantia que, na eventualidade de uma *bad trip*, um inocente copo de suco de laranja feito na hora era remédio suficiente para reverter o efeito do ácido lisérgico.

Se mascaravam suas angústias, as drogas eram, contudo, insuficientes para afugentá-las. Foi durante uma dessas fossas profundas que um super-herói invadiu seu quarto com a missão de salvá-lo. Era o peso pesado Rocky Balboa, personagem vivido pelo ator Sylvester Stallone no filme *Rocky, um Lutador*. Naquela madrugada de março de 1977, ao assistir na cama, junto com Cissa, à entrega do Oscar pela tevê, Paulo se emocionou ao ver *Rocky* arrebatado nada menos que três estatuetas — melhor filme, melhor direção e melhor edição. Assim como o lutador Balboa, que renascera do nada para se tornar campeão, também ele queria ser um vencedor e estava decidido a buscar seu prêmio. E o único que poderia lhe interessar continuava sendo o mesmo de sempre, o velho sonho de se tornar um escritor lido em todo o mundo. Como já estava claramente definido em sua cabeça, o primeiro passo no longo caminho rumo à glória literária era mudar-se do Brasil e escrever seus livros no exterior. No dia seguinte, localizou Menescal na academia de ginástica onde o chefe e amigo treinava aikidô e disse a ele que estava de partida. Se dependesse de Paulo, o destino do casal seria Madri, mas acabou prevalecendo a opinião de Cissa e nos primeiros dias de maio de 1977 os dois desembarcavam no Aeroporto de Heathrow, em Londres, a cidade escolhida para berço de sua primeira obra.

Poucos dias depois estavam instalados numa quitinete alugada em um prédio de três andares no número 7 da Palace Street, a meio caminho entre a estação Victoria e o Palácio de Buckingham, pela qual pagavam 186 libras, o equivalente a 340 dólares mensais de aluguel. Era um apartamento espremido, mas com boa localização e um tentador item supérfluo: uma banheira. Ao chegar à capital britânica, o casal abriu uma conta na agência do Banco do Brasil com um depósito de 5 mil dólares. Dinheiro não era exatamente um problema para Paulo, mas, além de sabidamente parcimonioso nos gastos, ele contava com uma dificuldade legal, que estabelecia em trezentos dólares o limite de remessa mensal de valores para residentes fora do Brasil. Para burlar a exigência do Banco Central, nos finais de mês, avós, tios e primos eram

mobilizados no Rio de modo a que cada um enviasse trezentos dólares para amigos brasileiros de Paulo e Cissa, residentes em Londres, que em seguida repassavam os valores para a conta do casal no Banco do Brasil. Com essa artimanha, recebiam cerca de 1.500 dólares mensais sem qualquer tributação.

Além da renda de aluguéis que recebia do Brasil, Paulo escrevia uma coluna de música para a revista semanal *Amiga*, do extinto grupo Bloch. Cissa chegou a realizar trabalhos jornalísticos para o serviço brasileiro da BBC e eventualmente publicava pequenas reportagens assinadas no *Jornal do Brasil*. Sem falar, claro, de todo o serviço doméstico, uma vez que a contribuição do marido nessa área era igual a zero. Mais grave: além de não compartilhar as tarefas do dia a dia, ele proibiu a entrada em casa de comida congelada e polidamente pediu à esposa que comprasse um livro de culinária. O problema passou a ser a tradução das receitas do *Basic Cookery*. Os dois gastavam horas para entender os textos a fim de que ela pudesse transformá-los em pratos. Um cardápio semanal anunciando as refeições de cada dia foi solenemente entronizado em lugar de destaque numa das paredes do apartamento. Nele percebia-se que carne era uma iguaria que só se permitiam uma vez por semana, deficiência compensada com frequentes fugas à cozinha exótica de restaurantes paquistaneses e tailandeses.



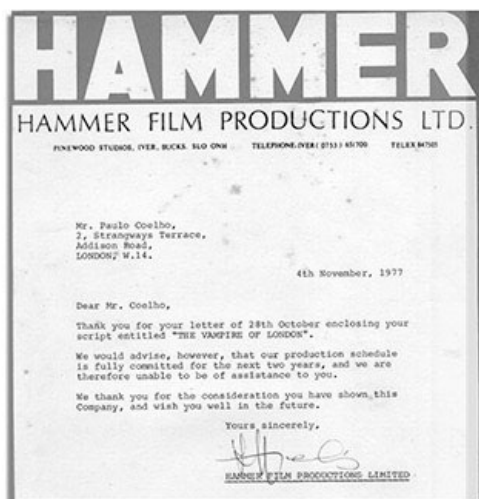
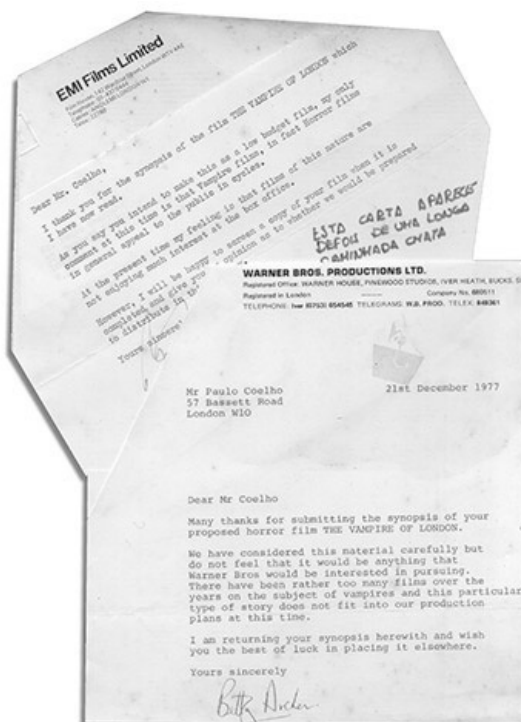


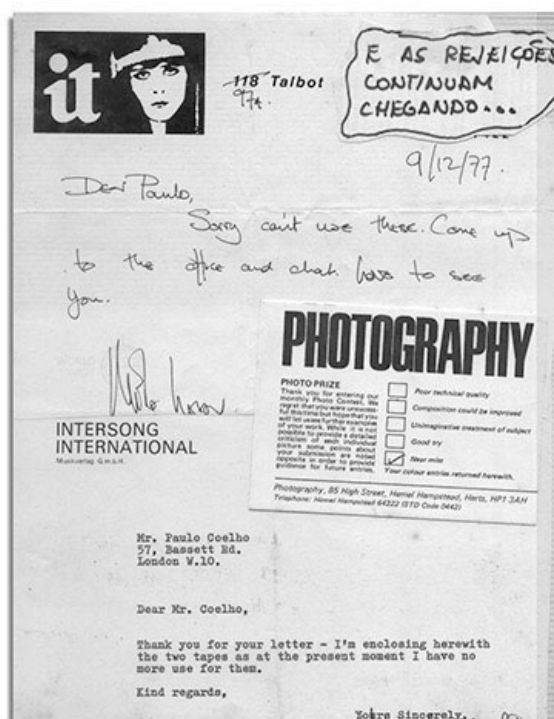
Lua de mel na Inglaterra: Paulo num pub londrino e lendo notícias do Brasil, e Cissa no miniapartamento em que viviam.

Nunca faltou dinheiro, e o que recebiam era suficiente para as despesas — aí incluídos, claro, os cursos de ioga, fotografia e vampirismo que ele frequentava, os passeios, as pequenas viagens e a curtição da vasta programação cultural londrina. Os dois eram os primeiros da fila quando entrava em cartaz algo que tivesse sido proibido pela censura no Brasil — como o filme *Estado de Sítio*, do grego Costa-Gavras, uma denúncia contra a ditadura uruguaia. Foram necessários três longos e pachorrentos meses sem fazer absolutamente nada para Paulo se dar conta do estado de ociosidade em que se encontrava:

Tenho trabalhado dois dias por semana, no máximo. Isso significa que, se tirarmos a média, desses três meses de Europa, trabalhei menos de um mês. Para quem se propôs a conquistar o mundo, para quem veio cheio de sonhos e desejos, dois dias de trabalho por semana é muito pouco.

Como não havia meios de sair o bendito e tão esperado livro, Paulo tentava ocupar o tempo livre com alguma atividade produtiva. Seus pendores para a fotografia não resistiram à primeira prova, uma tentativa de realizar um ensaio erótico doméstico, enquanto Cissa dormia. “Hoje acordamos tarde, como sempre. Cissa estava nua e me deu uma imensa vontade de tirar algumas fotos dela para mandar para alguma revista. Não pelo dinheiro, mas pela curtição. Fizemos isso, o que resultou numa boa trepada.” Se o curso de fotografia não apresentou resultados práticos, o de vampirismo o animou a escrever o roteiro de um filme intitulado *The Vampire of London*. Enviado pelo correio a grandes produtores, todos responderam polidamente, mas deixaram claro que, no seu entender, vampiros não atraíam grandes bilheterias. Um deles, especialmente atencioso, ofereceu-se para “examinar o filme quando ele estiver terminado, e dar-lhe minha opinião se estamos ou não preparados para distribuí-lo”.





Editores e produtores cinematográficos respondem “não” a todas as propostas de trabalho de Paulo.

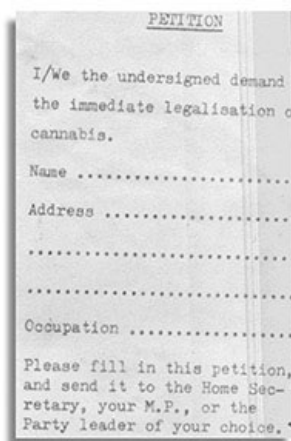
Em julho Paulo e Cissa haviam percebido que não seria fácil fazer amizades em Londres. Para suprir essa carência, receberam uma rápida visita dos pais dele. A troca de correspondência com o Brasil também se intensificava, fosse sob a forma de cartas ou, como Paulo preferia, de fitas gravadas sempre que houvesse um portador. Pilhas e pilhas de fitas cassete se acumulavam na casa dos pais e dos amigos, sobretudo na do mais querido de todos, Roberto Menescal, através de quem ficou sabendo que Rita Lee estava com parceiro novo — e isso, somado às recusas de produtores e editoras, rendeu páginas de lamúrias:

Minha parceira também encontrou seu outro parceiro. Eu fui esquecido muito mais depressa do que pensava: três meses. Em três meses eu parei de representar qualquer coisa para a vida cultural daquele país. Ninguém escreve há vários dias.

O que houve? O que existe atrás dos mistérios que me conduziram até aqui? E o sonho que sonhei minha vida inteira? Pois bem, agora estou diante da realização do meu sonho, e me sinto como se não estivesse preparado para ele.

No fim de 1977, época de renovar o contrato semestral com o senhorio, os dois resolveram deixar o apartamento da Palace Street, de aluguel considerado alto demais e com cujo proprietário tinham atritos constantes. Além disso, no dia em que chegaram lá fora morto a facadas o vizinho gay do andar de cima, crime que, no entender de Paulo, deixara o lugar envolto em péssimas energias. Colocaram anúncio de cinco linhas nos classificados de um jornal londrino com os seguintes dizeres: “Jovem casal procura apartamento com telefone a partir de 15 de novembro”. Dias depois estavam instalados na Bassett Road, em Notting Hill, bairro onde fica a Portobello Road, com seu famoso mercado de quinquilharias — e na qual, trinta anos depois, Paulo ambientaria o livro *A Bruxa de Portobello*. Não era um endereço tão chique como o anterior, do qual distava dez quilômetros, mas o casal agora morava num apartamento bem mais espaçoso, melhor e mais barato que o outro.

Mesmo sem ter possibilitado que Paulo se convertesse em roteirista cinematográfico, o curso de vampirismo deixaria rastros na sua vida. Lá viria a conhecer uma graciosa massagista japonesa de 24 anos chamada Keiko Saito, como ele interessada no tenebroso assunto. Além de colega no curso, Keiko tornou-se sua companheira em panfletagens que faziam pelas ruas de Londres — um dia contra os extermínios em massa perpetrados pelo “marechal” Pol Pot, no Camboja, no outro colhendo assinaturas a favor da legalização da maconha na Grã-Bretanha.



O casal procura um novo endereço em Londres e, nas horas vagas, faz panfletagens pela legalização da maconha.

Conheceu, se encantou e logo estava afetivamente envolvido com a garota cuja família vivia em Tóquio e que também estava curtindo a Londres “desbundada” dos anos 70. Como costumava fazer e continuaria fazendo com todas as mulheres que passariam por sua vida, Paulo abriu o jogo com Cissa:

— Estou apaixonado pela Keiko e quero saber o que você pensa se eu convidá-la para vir viver conosco.

Na única ocasião em que tratou publicamente desse episódio — uma entrevista ao jornalista W. F. Padovani, então na revista *Playboy*, em outubro de 1992 —, Paulo revela que a esposa aceitou de bom grado a proposta de bigamia:

Playboy — E o terceiro casamento, com a Cecília Mac Dowell?

Paulo — Esse foi na igreja.

Playboy — Você foi com roupa de noivo e tudo?

Paulo — Fui, e o Raul Seixas foi o padrinho. Eu e a Cecília, então, fomos morar em Londres, onde vivemos uma experiência amorosa a três.

Playboy — Como assim?

Paulo — Fui fazer um curso sobre vampiros e me apaixonei por uma das estudantes, uma japonesa chamada Keiko. Como também amava a Cecília, resolvi viver com as duas.

Playboy — Elas toparam?

Paulo — Sim, vivemos um ano juntos.

Playboy — E como era na cama?

Paulo — Eu transava com as duas ao mesmo tempo, mas elas não transavam entre si.

Playboy — Uma não tinha ciúme da outra?

Paulo — Não, nunca tiveram.

Playboy — Não tinha vez que você sentia vontade de namorar uma só?

Paulo — Pelo que me recordo, não. Era mesmo um amor a três, com muita intensidade.

Playboy — A Cecília e a Keiko não transavam, mas o que exatamente uma sentia pela outra?

Paulo — Uma tinha muito carinho pela outra. Entendiam perfeitamente a extensão do meu amor por elas e eu também entendia o amor delas por mim.

Como os dirigentes comunistas chineses e soviéticos costumavam fazer com dissidentes políticos em fotos oficiais, Paulo eliminou da cena descrita na revista *Playboy* um personagem

importante nessa história, o jovem e cabeludo produtor musical brasileiro conhecido como Peninha, que na época também vivia em Londres. Aquela era uma casa de um só cômodo, e com uma única cama, e Cissa entendeu que ele estava propondo viver com as duas, como um xeique das arábias. Paulo sempre a tinha considerado “uma pessoa fácil de lidar”, mas após um ano de convivência aprendera que se casara com uma mulher que não engolia desaforos. Surpreso, viu-a reagir com chocante, inimaginável naturalidade para uma burguesinha de sobrenome nobre:

— Eu aceito que a Keiko venha morar aqui, desde que você concorde em que se mude para cá o Peninha, com quem também estou muito envolvida.

Colocado em xeque-mate, Paulo não teve alternativa senão concordar com a incorporação do quarto membro daquilo que passou a chamar de “família ampliada”, ou “Assembleia-Geral da ONU”, a extravagante comunidade conjugal da qual faziam parte ele, Cissa, Keiko e Peninha. A aparição em Londres de algum parente do casal original obrigava Keiko e Peninha a evaporarem enquanto a visita estivesse na cidade — como aconteceu, por exemplo, quando Gail, irmã mais velha de Cissa, passou uma semana hospedada no apartamento. O primeiro e único Réveillon dos Coelho na Inglaterra seria festejado junto com a família ampliada, em uma viagem de trem de alguns dias a Edimburgo, na Escócia.

O final do ano era a época em que Paulo mergulhava em intermináveis e frustrantes balanços das conquistas obtidas — e das derrotas acumuladas. Ainda não seria daquela vez que poria as mãos no Oscar imaginário que tanto o estimulava a deixar o Brasil em março. Meses e meses se passaram sem que produzisse uma única linha do tão sonhado livro. Era derrota em cima de derrota, o que só confessava solitariamente ao diário:



Keiko e Paulo...



... Cissa e Peninha...



... e a nova família reunida.

Tem sido um período de rejeições. Todos os escritos que mandei para os diversos concursos em que pude entrar foram rejeitados. Hoje acabei de receber o resultado que faltava. Todas as mulheres com quem pretendi sair me rejeitaram. Isto não é uma força de imagem. Quando eu digo “todas” eu quero dizer que não houve qualquer exceção.

[...] Desde criança eu sonhava ser escritor, vir para o exterior fazer minhas obras e me tornar mundialmente famoso. É claro que Londres foi aquele passo que eu sonhava dar desde criança. Acontece que os resultados não foram aqueles que eu estava esperando. A minha primeira e maior decepção foi comigo mesmo. Seis meses de total inspiração à minha volta, e eu sem conseguir disciplina suficiente para escrever uma linha.

Para consumo externo, fazia questão de aparecer como o compositor bem-sucedido cujo hobby era escrever de Londres para revistas brasileiras. O velho amigo Menescal, porém, com quem Paulo se correspondia com frequência, começou a desconfiar que o pupilo não andava bem e achou que estava na hora de encerrar a temporada londrina. Embora Paulo concordasse em retornar ao Brasil, não queria fazê-lo de rabo entre as pernas, como um derrotado. Se a Philips o convidasse para voltar a trabalhar lá, ele embarcaria rumo ao Rio de Janeiro no dia seguinte. O mandachuva da gravadora não só se deslocou até Londres para fazer-lhe a proposta como também levou consigo Heleno Oliveira, alto executivo da multinacional. O emprego só iria se materializar em março de 1978, mas Paulo precisava do convite, não do emprego. Na véspera de viajar, juntou os poucos escritos que conseguira produzir naqueles estéreis meses londrinos e colocou-os em um envelope, no qual, depois de lacrá-lo, escreveu seu nome e endereço. Depois, enquanto tomava um uísque com Menescal em um modesto pub na Portobello Road, “esqueceu” o envelope junto ao balcão. Na sua última noite na cidade ele explicava ao diário a razão do gesto:

Tudo o que escrevi este ano eu esqueci naquele bar. É a minha última chance de alguém me descobrir e falar assim: genial, esse cara. Então lá está meu nome, meu endereço. Se quiserem, têm como me achar.

Ou o pacote se perdeu ou quem o encontrou não considerou seu autor um cara tão genial. Devidamente escoltado pelo amigo benfeitor, o casal retornou ao Brasil em fevereiro de 1978. Durante o voo, enquanto Cissa se desmanchava em lágrimas, talvez antevendo o agravamento da situação que criticara em setembro, Paulo sintetizava o período em poucas palavras:

Em Londres caíram por terra minhas chances de um dia ser um escritor mundialmente famoso.

Tratava-se apenas de mais uma derrota, nunca um fracasso — como repetiriam vários dos personagens que ele criaria, anos depois. Sem o livro que jurara escrever, sem parceiros, sem emprego, com poucos amigos e sem a proteção do anonimato que em Londres lhe permitia relações conjugais heterodoxas, ele e Cissa voltaram ao apartamento da rua Barata Ribeiro, que lhes parecera inadequado mesmo antes da viagem à Inglaterra. Mal se instalaram e Paulo passou

a vaticinar dias sombrios para o casamento caso a “flexibilidade emocional” que prevalecia em Londres não se estendesse ao Brasil:

A relação com Cissa pode ser durável caso exista a mesma flexibilidade emocional que existia em Londres. Já avançamos bastante para que qualquer recuo seja aceitável. De outra maneira, porém, não haverá chances. Será apenas uma questão de tempo. Mas, enfim, esperemos que tudo dê certo. Acho, porém, que a volta para o Brasil tende muito mais a nos separar do que a nos manter unidos, porque aqui somos mais intransigentes quanto à fraqueza do outro.

Meses depois mudavam-se para o quarto imóvel que Paulo incorporara a seu pequeno latifúndio urbano. Adquirido com os royalties acumulados durante sua ausência, era um confortável apartamento de três dormitórios na rua Senador Eusébio, no Flamengo, situado a duas quadras do Cine Paissandu, três da casa de Eneida, sua ex-noiva, e a poucos metros de onde morava Raul Seixas. Decoraram metade da parede da sala com fotos e objetos da passagem por Londres, que acabavam tendo duplo significado: se de um lado lembravam ao casal momentos felizes, de outro eram, para Paulo, a reiteração permanente da derrota por não ter conseguido escrever o tão desejado livro.



Roberto Menescal vai a Londres e traz o compositor de volta ao Brasil: as férias inglesas chegam ao fim.

Em março ele assumiu as funções de produtor artístico da Philips e ao longo dos meses seguintes retomou a rotina de executivo fonográfico. Como não gostava de acordar cedo, não raro despertava às dez da manhã com um telefonema da secretária avisando que alguém o havia procurado. Ia em seu próprio carro, um modesto Ford Corcel, de casa à Barra da Tijuca, e dedicava todo o dia a intermináveis reuniões, muitas delas externas, com artistas, diretores da gravadora e jornalistas ligados ao mundo dos discos. No escritório acabava cuidando de tudo: entre dezenas de telefonemas, despachava processos burocráticos, aprovava capas, escrevia cartas para fãs em nome de artistas famosos e até decidia a cor do lenço que deveria usar o cantor Sidney Magal — que a mídia acusava de ser um “cigano de proveta”, um artista fabricado em laboratório. Magal, na verdade, não era um “produto doentio da cabeça de Paulo Coelho”, como chegou a afirmar *O Pasquim*, mas uma criatura do produtor argentino Roberto Livi. Em graus diferentes, nomes como os de Rosana, Oswaldo Montenegro e Fábio Júnior, estes sim, estavam entre os talentos descobertos ou orientados por Paulo Coelho.

A vizinhança com Raul Seixas não contribuiu para reaproximar os parceiros. Embora continuasse sem conseguir explicar aos jornalistas se a Sociedade Alternativa era um pássaro ou um avião, o baiano genial insistia na pregação do ideário de Aleister Crowley, com todas as mandrakarias pelas quais Paulo passara e das quais não queria mais nem ouvir falar. Afastados desde o megassucesso de *Há Dez Mil Anos Atrás*, Paulo acompanhava de longe a carreira do músico, que nesse período lançara dois discos solo de rock e um terceiro inteiramente concebido com o velho amigo Cláudio Roberto Azeredo. No final do ano os dois “inimigos íntimos” foram convencidos pela WEA, a nova gravadora de Raul, a entrar em estúdio para tentar ressuscitar a dupla que arrebatara o Brasil. Não deu certo. Colocado no mercado no começo de 1979, o LP *Mata Virgem*, para o qual Paulo fez cinco letras (“Judas”, “As Profecias”, “Tá na Hora”, “Conserve seu Medo” e “Magia de Amor”), não chegou a atingir um décimo da vendagem de álbuns como

Gita e Há Dez Mil Anos Atrás.

A fama tal como os dois haviam experimentado entre 1973 e 1975 tornou-se coisa do passado, mas Paulo havia incorporado o “grande salto” que Raul lhe ensinara — “fazer música é escrever em vinte linhas uma história que a pessoa pode ouvir dez vezes sem ficar com o saco cheio” — e não dependia mais do parceiro. Além das cinco feitas para *Mata Virgem*, no decorrer de 1978 ele comporia quase vinte canções, em parcerias que iam de nomes que marcaram a música popular brasileira da época, como Zé Rodrix, até artistas de cujo destino não se teria mais notícias, como “Miguel”, “Mena” e “Pedro Paulo”. Convertido em uma espécie de homem-dos-sete-instrumentos do showbiz, dirigiu e roteirizou espetáculos para Rosana, Jorge Veiga, Alcione e Sidney Magal. Assim, quando o diretor de pornochanchadas Pedro Rovai decidiu filmar o longa-metragem *Amante Latino*, inspirado e estrelado por Magal, o convidado para escrever o roteiro, como não poderia deixar de ser, foi Paulo Coelho. Como costumava acontecer com seu frágil sistema emocional, quando o trabalho ia bem, o coração capengava — e vice-versa. Desta vez não estava sendo diferente. O céu de brigadeiro em que voava profissionalmente cobria-se de nuvens quando chegava em casa. O azedume dava lugar às discussões cada vez mais frequentes e agressivas, e depois vinham os intermináveis silêncios, que podiam durar dias. Em fevereiro de 79, ele decidira fazer sozinho uma viagem de navio à Patagônia. Quando, na volta para o Brasil, o transatlântico atracou em Buenos Aires, ele ligou para Cissa propondo a separação. Não deixa de ser curioso que tenha escapado a ele, tão preocupado com os sinais, que três anos antes, também por telefone, e também da capital argentina, tivesse proposto casamento a Cissa.

A separação de fato aconteceu no dia 24 de março daquele 1979, quando ela deixou o apartamento da Senador Eusébio, e foi judicialmente confirmada em 11 de junho, em uma vara da família localizada a cinquenta metros da Igreja de São José, onde haviam se casado. A audiência quase não se dá no dia marcado. Primeiro porque Cissa teve que sair de última hora para comprar uma saia, pois o juiz não admitia o uso de calça jeans em seu tribunal. Depois porque o advogado esqueceu um documento, o que os obrigou a subornar um funcionário do cartório e receber a certidão de separação judicial pela porta dos fundos. Superados os contratempos, ex-marido e ex-mulher foram civilizadamente almoçar em um restaurante. Cada um deles deixou um registro diferente daquele fim de casamento. O de Paulo foi feito no mesmo dia:

Não sei se ela está meio desesperada, mas chorou muito. Para mim o trâmite não foi nada traumatizante. Saí de lá e fui cuidar dos meus negócios em outros escritórios, outras salas, outros mundos. Jantei bem, jantei como há muito tempo não jantava, mas isso não tem qualquer relação com a separação. Apenas a cozinheira, que preparou uma comida muito gostosa.



Na volta ao Brasil, Paulo vira executivo da Phonogram: acima com Sidney Magal e abaixo com Vanusa.



Por sua vez, Cissa, que se recusara a partilhar o que quer que fosse com ele — nem mesmo os bens adquiridos após o casamento, como lhe asseguravam as leis brasileiras —, resumira seus sentimentos em um bilhete de um parágrafo escrito em inglês e enviado pelo correio ao ex-marido. Em poucas palavras ela o espetava exatamente onde ele se considerava o tal: na cama.

Um dos principais problemas entre nós, na minha opinião, era a cama. Eu nunca entendi por que você não se preocupava comigo na cama. Eu poderia ter sido muito melhor se eu sentisse que você se preocupava com meu prazer na cama. Mas você não se preocupava. Você nunca se preocupou. Então eu comecei a desconsiderar o seu prazer também.

Para alguém cuja estabilidade emocional dependia tanto de uma relação afetiva sólida, de uma mulher que o ajudasse a enfrentar as tempestades da alma, o fim do casamento era o prenúncio seguro de mais depressão, mais melancolia. Não que faltassem mulheres, ao contrário, o problema é que agora ele enfiara na cabeça que elas sugavam as energias que deveria destinar à carreira de escritor. “Tenho saído muito, tenho trepado muito, mas com mulheres-vampiros”, escreveu, “mas não quero mais saber disso.”

Quem parece ter ficado seriamente abalada com a separação foi a mãe dele. Em meio à atmosfera das festas comemorativas da ressurreição de Cristo, ela enviou ao filho uma longa carta datilografada em espremido espaço um. Não parecia algo escrito por “uma besta”, como mais de uma vez se referira a Lygia. Em um português elegante, o documento revelava também tratar-se de alguém com familiaridade pouco comum entre os leigos com o linguajar psicanalítico. E insistia em que o responsável pela separação era ele, com suas inseguranças e sua incapacidade de reconhecer que perdera:

Meu adorado filho,

Temos muito em comum, inclusive a facilidade de expressão através de uma carta. Por isso, neste domingo de Páscoa envio-lhe essas linhas na esperança de ajudá-lo. Ou pelo menos de dizer que o amo muito, e que portanto sofro quando você sofre, e que me alegro quando você está feliz.

Como bem pode imaginar, você e Cissa não me saem da cabeça. Não é preciso repetir que o problema é seu, e que o melhor é que eu ficasse quieta. Não sei, portanto, se realmente vou enviar-lhe essa carta.

Quando eu digo que o conheço bem, estou me baseando apenas na minha intuição de mãe, pois muito de você, infelizmente, foi estruturado longe de nós, portanto muita coisa na verdade me escapa. Você foi reprimido na infância, depois foi sufocado dentro dos próprios envoltórios, e acabou tendo que romper relações íntimas, quebrar esquemas, e começar do zero. Mesmo angustiado, temeroso, inseguro, consegui. E como! Mas você soltou também todo um lado reprimido com o qual não sabe ainda lidar.

Cecília eu conheço pouco, mas ela me parece uma mulher prática. Forte. Sem medos. Intuitiva. Simples. Deve ter sido um baque muito grande para você quando ela começou a devolver-lhe o que era seu, e que ela havia retido neuroticamente como se fosse dela: sua dependência, seus grilos, suas carências. Ela não aceitou mais carga alheia, aí o equilíbrio do

casal se abalou ou se rompeu. Não sei como foi o diálogo final, mas você tomou isso como rejeição, como desamor, e não aguentou suportar. Uma só forma existe de resolver o problema: conhecê-lo. Identificá-lo. Você me disse que não sabe perder. Só se pode viver plenamente a vida se aceitarmos ganhar e aceitarmos perder.

Lygia

NB: Como vê, continuo péssima datilógrafa. Resolvi enfrentar o leão... Aí vai a carta.

Filho amado: à minha maneira, hoje eu rezei muito por você. Para que Deus faça crescer dentro de você a certeza de que está em suas mãos construir sua vida. E para que ela possa sempre ser como até hoje tem sido: plena de realizações conscientes e honestas e cheia de momentos de alegrias e de felicidades.

Beijos mil.

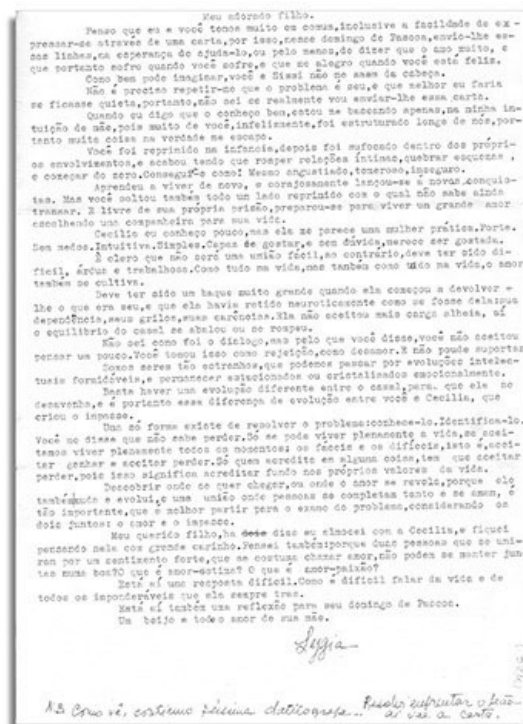
L.

Como ele próprio gostava de escrever nas primeiras páginas de seu diário, não havia nada de novo sob o sol. E como ocorrera tantas vezes antes, em sua vida, a única maneira de tentar contrabalançar o desgosto de uma derrota afetiva era buscar conquistas no trabalho. Assim, parecia ter caído do céu o convite que recebeu em abril de 1979 — quando ainda não fazia um mês que estava separado — para trocar o emprego na Philips pela Gerência de Produto de sua maior concorrente, a CBS. Embutida na proposta vinha a perspectiva de, em pouco tempo, ser promovido a diretor artístico da gravadora americana. Depois de um rosário de insucessos amorosos e profissionais — o fracasso do álbum *Mata Virgem*, o noivado-relâmpago com Eneida, a esterilidade literária de Londres, o fim do casamento... —, o convite teve para ele o efeito de um bálsamo, a começar porque a mudança o recolocara na mídia do Rio e de São Paulo, que havia muito não frequentava. Mas também despertou um lado feio e desconhecido de sua personalidade: a arrogância. Como uma de suas tarefas era reorganizar o Departamento Artístico, ele começou batendo portas. “É verdade, cheguei lá com uma arrogância nunca vista”, recordaria anos depois. “De cara fui dando ordens e tratando os puxa-sacos a porrada, autoritarismo puro!” Desconfiado de que poderia estar havendo desvio de recursos da gravadora, passou a se recusar a assinar notas e faturas sobre as quais tivesse qualquer dúvida.

Sem saber que estava cavando a própria sepultura, contratou, demitiu, cortou despesas e fechou gerências, ateando ainda mais fogo a um mundo onde já ardia uma fogueira de egos e vaidades. Enquanto isso, uma rede de intrigas e de armadilhas ia sendo montada à sua volta pelos muitos prejudicados com sua operação-limpeza. Em uma segunda-feira, dia 13 de agosto de 1979, quando se completavam dois meses e dez dias de trabalho, ele chegou à gravadora no fim da manhã e, entre uma e outra decapitação, foi chamado à sala do argentino Juan Truden, presidente da CBS no Brasil. O patrão o esperava de pé, com um sorriso, a mão estendida e uma única frase nos lábios:

— Meu amigo, você está despedido.

Nada mais. Nem um “boa-tarde”, um “passe bem”. O impacto foi grande, não apenas pela secura da demissão, mas porque ele sabia que aquilo decretava o fim de sua carreira como executivo fonográfico. “Eu fui despedido no ponto máximo, no cargo mais alto da profissão, e não podia recuar, voltar a ser o que era no começo”, Paulo se recordaria muitos anos depois, em depoimento ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro. “Havia apenas seis gravadoras no Brasil e os seis cargos que eu podia almejar estavam ocupados.” Antes de fazer as malas ainda redigiu uma longa e ressentida carta a Truden, na qual dizia que, em virtude da falta de estrutura da companhia, “os artistas da CBS gozam no momento o desprazer de serem os menos prestigiados no mercado brasileiro”. E terminava dramaticamente, apropriando-se da expressão que permaneceu no imaginário popular como tendo sido cunhada pelo ex-presidente Jânio Quadros em sua carta-renúncia:



A carta de Lygia ao filho recém-separado da mulher: "Só se pode viver plenamente a vida se aceitamos viver plenamente todos os momentos, os fáceis e os difíceis".

E as mesmas forças ocultas que hoje são responsáveis pela minha demissão um dia estarão às voltas com a verdade. Porque não se pode tapar o sol com peneira, sr. Juan Truden.

Festejada pela falange de desafetos que acumulara como executivo musical, a demissão ("por incompetência", como saberia depois) ainda lhe renderia humilhações. Dias depois Paulo se encontraria em uma reunião social com Antônio Coelho Ribeiro, que acabara de ser nomeado presidente da Philips, empresa que ele deixara para tentar a sorte na CBS. Ao vê-lo, Ribeiro atirou pesado, na frente de uma roda de artistas:

— Você nunca passou de um blefe.

Não há notícias de que Paulo tenha articulado isso em algum terreiro de macumba, mas dez meses depois o despedido era Antônio Ribeiro. Ao saber da notícia, apanhou em uma gaveta um embrulho de presente que guardara pouco depois de ter sido insultado publicamente. Foi até o apartamento do executivo e, quando este abriu a porta, Paulo apressou-se a explicar a razão de sua presença ali:

— Lembra das palavras que você me disse quando fui demitido? Pois é, agora você pode repeti-las todos os dias olhando nos seus próprios olhos.

Desembrulhou o objeto e o entregou a Ribeiro. Era um espelho de parede no qual mandara pintar a frase maldita, em letras maiúsculas: "VOCÊ NUNCA PASSOU DE UM BLEFE". Devolvido o desaforo, deu meia-volta, tomou o elevador e foi embora.

Era hora de curar as próprias feridas. Marginalizado à força do mundo do showbiz, seu nome só voltaria a aparecer na imprensa no final do ano, quando a revista *Fatos&Fotos* publicou uma reportagem intitulada "Vampirológia: uma Ciência que Já Tem Seu Mestre Brasileiro". O mestre era ele, que agora se apresentava como especialista no assunto e anunciava estar escrevendo o roteiro para um longa-metragem nacional sobre vampiros que, na verdade, nunca chegou a ser filmado. A inesperada demissão da CBS o apanhara no contrapé, recém-saído de um casamento cujas cicatrizes ainda estavam abertas e sem condições de suportar sozinho aquele baque. Escaldado em incontáveis solidões, seu espírito vagava entre delírios de grandeza e sentimentos persecutórios, que às vezes conseguia juntar, no diário, em uma única frase, como esta:

Cada dia parece mais difícil conquistar meu grande ideal: ser alguém famoso e respeitado, ser aquele que escreveu o Livro do Século, o Pensamento do Milênio, a História da Humanidade.

Parecia ser apenas a reiteração da antiga esquizofrenia paranoide, ou depressão maníaca, diagnosticada por vários médicos responsáveis por sua saúde mental, a começar do dr. Benjamim Gomes. O problema é que se aproximava a hora do tradicional balanço de fim de ano, e ele, aos 32 anos, não conseguira realizar seu sonho. Às vezes Paulo chegava a baixar a guarda, momentos em que parecia se conformar em ser um escritor como qualquer outro. “De vez em quando penso em escrever um conto erótico, e sei que teria publicação certa”, anotou no diário. “Aliás, de repente eu posso me dedicar só a esse gênero, que está ganhando impulso no país com a liberação de revistas pornográficas. Posso assinar com um pseudônimo bem marcante.” Em seguida aos planos vinham as perguntas que não conseguia responder. Mas escrever livros eróticos para quê? Para ganhar dinheiro? Ora, isso ele estava fazendo e não era feliz. Para não ter que assumir como seus problemas que não eram de mais ninguém, voltava à antiga lenga-lenga: antes não escrevia porque estava casado e Cissa não contribuía. Agora, porque estava sozinho e a solidão o impedia de escrever.

[...] Continuo com os mesmos aqueles planos, que ainda não morreram dentro de mim. Posso ressuscitá-los quando quiser, basta arranjar a mulher da minha vida. E como eu queria encontrá-la logo...

[...] Tenho estado muito, muito sozinho. Não consigo ser feliz sem uma mulher do lado.

[...] Estou cansado de procurar. Estou precisando de alguém. Se eu tivesse uma mulher que amasse, eu aguentava bem.

Com tantas lamúrias, Paulo parecia confirmar o bordão popular segundo o qual o pior cego é o que não quer ver. Pois a mulher de sua vida circulava fazia mais de dez anos diante de seus olhos sem jamais ter merecido dele a gentileza de um sorriso ou um aperto de mão. Surpreende, aliás, que uma moça bonita como ela — do tipo mignon, cabelos pretos, olhar suave e pele de porcelana — tivesse passado tanto tempo despercebida a um rematado mulherengo. Christina Oiticica e ele haviam se conhecido em 1968, quando o tio dela, Marcos, fez o pedido de casamento a Sônia, irmã de Paulo.

Por exigência de dona Lygia, todas as mulheres tiveram que comparecer ao jantar de noivado, servido à francesa, trajando vestidos longos. Para os homens requeria-se o terno escuro — inclusive para Paulo, que na época ostentava vasta juba negra e na festa deu a nítida impressão de estar chapadíssimo de drogas. Nos anos seguintes os dois voltariam a se cruzar diversas vezes em reuniões e jantares familiares sem que nenhum tivesse jamais chamado a atenção do outro. Até porque entre essas festas estava o casamento de Cissa e Paulo — do qual Christina se tornara contraparente em 1972, quando Sônia e Marcos se casaram. Quando a irmã levou Paulo para o almoço de Natal de 1979 na casa dos pais de Christina, esta namorava firme com Vicente, um jovem milionário de cujo dote fazia parte, entre outros luxos, um monumental iate. O destino, no entanto, havia decidido que ela seria a tão esperada mulher para toda a vida de Paulo. Uma semana depois, os dois estavam juntos para sempre, como nos contos de fadas.

Quando Christina e Paulo se apaixonaram, os Oiticica haviam contribuído com duas celebridades para a história cultural do Brasil: o filólogo anarquista José Oiticica (1882-1957) e seu neto Hélio Oiticica (1937-1980), revolucionário artista plástico reconhecido internacionalmente e um dos inspiradores do movimento tropicalista. Hélio era primo do pai de Christina, Cristiano Monteiro Oiticica, professor de inglês e tradutor requisitado por importantes organismos como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Matriculada, ao terminar o primário, no tradicional Colégio Bennett, de orientação protestante, ela só conseguia se interessar pelas histórias bíblicas contadas nas aulas de religião. Nas demais disciplinas vinha fracassando sistemática e redondamente, o que a obrigou a deixar o colégio e vagar de escola em escola até desistir de vez, assim como fizera Paulo. Aos dezesseis anos, obteve dos pais a emancipação, necessária aos menores de idade que pretendessem se habilitar aos exames de madureza — o atual supletivo —, alternativa por meio da qual seria possível concluir, em menos de um ano, o ginásio e o colegial. Só então retornaria ao Bennett, que agora mantinha também cursos superiores, para estudar artes plásticas e arquitetura. E era como arquiteta que Chris trabalhava naquele final de 1979, quando Paulo apareceu na casa de seus pais para o almoço de Natal.

Embora fossem cristãos praticantes, os pais dela, Cristiano e Paula, tinham posturas excepcionalmente liberais. Se quisesse ir à aula, ia. Se preferisse ir ao cinema, nenhum problema. E desde que se tornara adulta passou a levar os namorados para dormir na casa dos pais sem qualquer objeção destes. Os felizardos, no entanto, nem foram tantos assim. Embora muito bonita, Chris não era exatamente o tipo moça sapeca. Fizera primeira comunhão, tinha comportamento reflexivo, gostava de ler e costumava passar horas ouvindo os corais de protestantes no largo do Machado, praça do Rio de Janeiro que tem uma igreja em cada uma de suas extremidades. Começou como ouvinte e logo depois integrava um daqueles corais amadores. Uma ou duas vezes por semana comparecia ao lugar marcado pelo grupo, composto de gente muito simples, e cantava para os passantes. Não que tivesse virado beata, nada disso. Era uma moça moderna, que via filmes de arte no Paissandu, comprava roupas na Bibba, a boutique da moda de Ipanema, e consumia quantidades profissionais de uísque no Lama's, o botequim preferido da turma do *Pasquim*. Chris saía religiosamente todas as noites e não raro só voltava para casa com o dia claro e as pernas desencontradas. “Minha droga era o álcool”, confessaria muitos anos depois. “Eu simplesmente adorava álcool.”

Ao rever Paulo no almoço de Natal, Chris lembrou-se de uma das poucas vezes em que haviam estado juntos, em 1977, quando o encontro quase terminou em tragédia. Semanas antes de ele e Cissa se mudarem para Londres, a irmã Sônia os convidara para apadrinhar sua segunda filha, Ana Luísa. A cerimônia seria na cidadezinha de Baependi, no sul de Minas. Acompanhada de Mário, o violonista seis anos mais novo que namorava na época, Chris, que era madrinha da primeira filha de Sônia, compareceu ao batizado na condição de tia paterna da garota, e acompanhada de vários parentes do ramo Medeiros Oiticica. A viagem e o batizado constituíram o pagamento de uma promessa feita por Sônia a Nhá Chica, beata milagreira que no começo do século XX vivera e construíra em Baependi uma pequenina igreja — e cujo processo de beatificação seria aberto pelo Vaticano na virada do século XXI. Passados muitos anos, Paulo publicaria um artigo no *Jornal do Brasil* relatando o que acontecera na cidadezinha sul-mineira:

Eu estava naquela igreja para apenas cumprir um dever social. Enquanto esperava a hora do batizado, comecei a passear pelos arredores e terminei entrando na humilde casa de Nhá Chica, ao lado da igreja. Eram apenas dois cômodos e um pequeno altar com algumas imagens de santos e um vaso com duas rosas vermelhas e uma branca. Num impulso, fiz um pedido: se aos cinquenta anos eu já fosse o escritor que sonhava, voltaria ali e traria para Nhá Chica duas rosas vermelhas e uma branca. Como lembrança, comprei um retrato de Nhá Chica e pus no bolso.



Em janeiro de 1980 Paulo reencontra Christina Oiticica: começava ali uma história de amor que atravessaria a virada do século.

Após a cerimônia os familiares festejaram o batizado com um almoço no hotel onde todos estavam hospedados, ocasião em que Paulo brincou com Chris, elogiando-a por ter arranjado um namorado “bonito e inteligente”. Para ela tinha sido uma surpresa saber que aquele bicho-grilo com cara de toxicômano era um cristão capaz de se ajoelhar diante de um altar, se persignar e rezar para uma imagem. No final da tarde, o grupo se acomodou de novo nos dois carros e pouco depois trafegava pela via Dutra, de volta ao Rio. Paulo ia à frente, levando Cissa e parte dos convidados no Ford Corcel que ganhara do sogro, seguido pelo cunhado Marcos, em outro veículo, com os demais parentes. Na altura de Barra Mansa, um ônibus que seguia na frente deles brecou de repente. Com uma manobra instintiva, Paulo desviou o carro em uma fração de segundo, o mesmo acontecendo com o cunhado, que vinha logo atrás. Um caminhão-tanque chocou-se tão violentamente com o ônibus que explodiu na hora. E vários veículos que não conseguiram parar engavetaram na bola de fogo em que o caminhão-tanque e o ônibus tinham se transformado. Aterrorizados, Paulo e o cunhado estacionaram na beira da estrada, enquanto feridos e cadáveres em chamas eram retirados do meio daquela fornalha. Ao procurar cigarros no bolso, encontrou o retrato de Nhá Chica que pegara na igreja horas antes.

Para ele, não havia dúvidas de que sua salvação — e a de seus familiares — tinha sido um silencioso milagre da beata.

Anoitecia no Rio de Janeiro quando foram servidos os últimos cafezinhos do almoço de Natal na casa dos Oiticica. De olho em Chris desde que chegara, Paulo valeu-se dos serviços do primo Sérgio Weguelin, também presente, para descobrir que ela não tinha compromissos naquela noite — embora estivesse namorando. Aí, na hora das despedidas, deu o bote, mas não diretamente. Pediu ao primo que a convidasse para juntos irem ao Cine Paissandu assistir a *Manhattan*, o mais recente sucesso de Woody Allen. Apanhada de surpresa, ela não soube o que responder. Quando deu por si estava no cinema apenas com Paulo — não no Paissandu, cuja lotação estava esgotada, mas no Condor, assistindo a uma reprise do velho *Aeroporto*, lançado quase dez anos antes. Paulo venceu as mais de duas horas de filme comportando-se como um verdadeiro cavalheiro, sem tentar sequer tocar as mãos de Chris. Com os olhos habituados à penumbra do cinema, ao saírem os dois deram com um feérico largo do Machado que parecia uma Bombaim, repleto de malabaristas, cartomantes, leitores de tarô, quiromantes, engolidores de fogo e, claro, vários corais religiosos dispersos sob as copas das árvores, cada qual entoando um hino diferente. O casal caminhou até um falso índio sentado diante de um balaio de vime vazio e em cujo corpo, visivelmente pintado com anilina, enroscava-se um nojento e assustador réptil de seis metros de comprimento. Era uma enorme sucuri, uma cobra não venenosa mas capaz de matar por asfixia um boi ou um ser humano, engoli-lo sem mastigar e passar semanas ruminando os restos da presa. Com um misto de medo e nojo daquele bicho, os dois se aproximaram do índio. Ostentando uma naturalidade de quem pergunta as horas, Paulo fez um desafio a Chris:

— Se eu beijar aquela sucuri na boca você me dá um beijo, também na boca?

Ela não acreditou no que ouvia:

— Dar um beijo nesse monstro? Você ficou maluco?

Ao perceber que ele falava a sério, aceitou o desafio:

— Está bem: se você beijar a sucuri eu lhe dou um beijo na boca.

Para espanto não só dela, mas de todos os circunstantes e até do índio, Paulo deu dois passos, agarrou com as duas mãos a cabeçorra da cobra e sapecou-lhe um beijo. Diante de dezenas de olhos arregalados, fez meia-volta, abraçou Chris e deu-lhe um longo, cinematográfico beijo na boca, saudado por uma salva de palmas dos presentes. Paulo ganhara mais que um beijo. Horas depois os dois estavam dormindo juntos no apartamento em que ele vivia, à rua Senador Eusébio.

No último dia do ano ele voltou à carga, mas não sem antes consultar o I Ching, convidando-a para passarem juntos o Réveillon no sexto imóvel de sua propriedade, uma pequena e agradável casa de veraneio que acabara de adquirir em Cabo Frio, balneário situado meia hora adiante da Araruama da sua infância. O chalezinho branco, com cinquenta metros quadrados, janelas vermelhas e telhado de sapé, era exatamente igual aos outros 74 do condomínio fechado Cabana Clube, um empreendimento do arquiteto Renato Menescal, irmão de seu amigo Roberto. Quando estavam na estrada, Paulo contou a Christina que na noite anterior sonhara com uma voz que repetia várias vezes a mesma frase: “Não passe a noite de Ano-Novo no cemitério”. Como nenhum deles conseguiu decifrar o significado da advertência, nem tinha planos de virar o ano entre sepulturas, o assunto foi esquecido. Logo após chegarem a Cabo Frio, ambos sentiram algo estranho na atmosfera da casa, embora não pudessem precisar o que era. Não se tratava exatamente de um odor ou de algo visível, mas daquilo que Paulo costumava chamar de energia negativa. À noitinha começaram a ouvir ruídos cuja origem também não dava para identificar — parecia que alguma criatura, humana ou animal, se arrastava pelos cômodos, mas além dos dois não havia mais ninguém ali. Intrigados e assustados, saíram para jantar. No restaurante, ao comentarem com o maître aqueles estranhos fenômenos, ouviram uma explicação de arrepiar os cabelos:

— Vocês estão no Cabana Clube? Ali era um cemitério de índios. Quando cavaram o chão para fazer as fundações do condomínio, deram com ossadas de centenas de índios, mas construíram as casas assim mesmo, em cima deles. Todo mundo em Cabo Frio sabe que aquele lugar é mal-assombrado.

Bingo! Era essa, na cabeça de Paulo, a advertência que a voz fizera tantas vezes no seu sonho: não passar a noite de Ano-Novo no cemitério. Não precisava mais nada. Paulo e Chris dormiram em um hotel e só voltaram à casa com o dia claro, e ainda assim apenas para pegar as roupas. Semanas depois o chalé era vendido pelos mesmos 4 mil dólares que havia custado meses antes. O tempo diria que os fantasmas não assombrariam a relação dos dois. Após romper com o namorado, nos primeiros dias do ano, Chris transferiu da casa de seus pais no Jardim Botânico para o apartamento da Senador Eusébio suas roupas, móveis e objetos pessoais — entre os quais se destacava a prancheta de desenho em que ganhava a vida como arquiteta. Começava ali um casamento jamais formalizado, mas que viraria o século e continuaria sólido pelo terceiro milênio adentro.

O começo da vida em comum, no entanto, não foi fácil. Tão preocupada quanto Paulo com a interpretação dos sinais cotidianos, ao entrar pela primeira vez no apartamento em que viveriam juntos, Chris não gostou nem um pouco de topar com uma biografia do conde Drácula aberta sobre um atril — o descanso usado para amparar a Bíblia durante a missa. Não que tivesse preconceitos contra vampiros ou vampirólogos — e até gostava de ver filmes sobre o assunto —, mas se escandalizou pelo fato de um objeto sagrado estar sendo usado como brincadeira, o que certamente atrairia, acreditava ela, energias negativas para a casa. Ficou tão mal impressionada com aquilo que desceu à rua e, no primeiro telefone público disponível, ligou para o pastor batista que costumava aconselhá-la e contou-lhe o que vira. Rezaram juntos, pelo telefone, e antes de voltar para casa Chris ainda achou prudente passar em uma igreja. E só se tranquilizou quando Paulo esclareceu, didaticamente, que seu interesse por vampirologia não tinha absolutamente nada a ver com satanismo, O.T.O. ou Aleister Crowley:

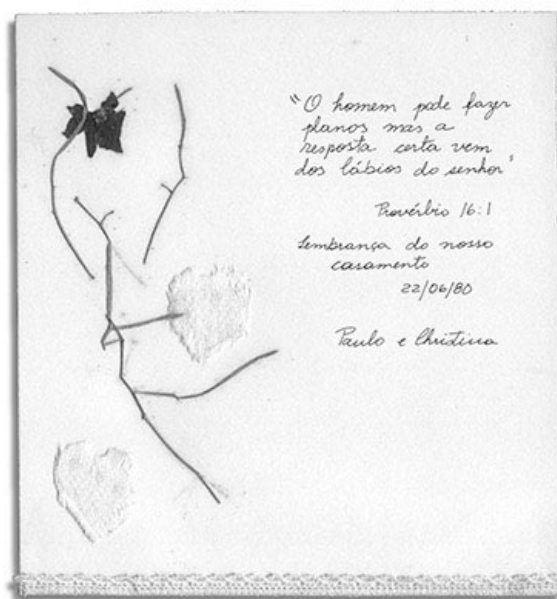
— O mito do vampiro existe desde cem anos antes de Cristo. E com esse pessoal das trevas eu não tenho mais contatos há anos.

De fato, desde 1974 ele não tivera mais contatos com os satanistas de Marcelo Motta, mas continuava aparecendo publicamente, aqui e ali, como especialista na obra de Aleister Crowley. Tanto que meses depois assinaria um longo ensaio sobre o bruxo inglês na revista *Planeta* — artigo ilustrado com desenhos feitos por Chris. Essa compatibilidade de crenças, porém, não impediu que o casamento cambaleasse muito, no começo, até se firmar para valer. Paulo se mostrava capaz de delicadezas especiais, como levá-la para passar um fim de semana na suíte

presidencial do hotel Copacabana Palace, o mais luxuoso e tradicional do Rio, mas permanecia mergulhado em dúvidas: Chris seria mesmo a “companheira maravilhosa” que há tantos anos esperava? Mesmo vendo nela uma “menina de ouro”, como dizia dona Lygia, temia que no fundo os dois estivessem juntos pelo mesmo e inconfesso motivo, que chamava de “o desejo paranoico de fugir da solidão”. Ao mesmo tempo em que dizia ter muito medo de se apaixonar por ela, suave frio só de pensar em perdê-la.

Tivemos nossa primeira e séria discussão alguns dias atrás, quando ela se negou a ir a Araruama comigo. De repente me apavorei ao sentir que Chris podia escapar facilmente de mim. Fiz tudo para tê-la perto, e no momento a tenho perto. Gosto dela, ela me traz paz, tranquilidade, e sinto que podemos tentar construir algumas coisas juntos.

Essas idas e vindas do começo da vida em comum não impediram que eles se casassem oficiosamente. No dia 22 de junho de 1980, um domingo cinzento, os dois sacramentaram a união com um almoço oferecido aos pais, familiares e poucos amigos no apartamento em que viviam. Christina encarregou-se da decoração, em estilo hippie, e em cada convite escreveu um salmo ou provérbio ilustrado por um desenho seu.



Em junho de 1980 Chris ilustra o salmo transformado em convite do casamento informal.

O único convidado a não comparecer foi o pastor batista para quem ela ligara no dia em que viu o livro do Drácula descansando no porta-bíblia.

O eclético interesse de Chris por religião parece ter ajudado o relacionamento do casal. Ao se

conhecerem, ela já era especialista em tarô, tema sobre o qual havia lido muitos livros — e, mesmo sem a obsessão de Paulo, jogava com frequência o I Ching, cujos vaticínios também sabia interpretar. Quando Paulo leu *O Livro dos Médiuns*, de Alan Kardec, o casal resolveu testar a própria mediunidade. Assim como Cissa fora cobaia na experiência com LSD, agora Paulo tentava levar Chris a psicografar mensagens do Além. No final, a “pesquisa” revelaria novas descobertas e, com elas, novos medos:

Tenho realizado algumas experiências. Começamos na semana passada, data em que comprei o livro. Chris tem servido como médium, e a gente tem conseguido algumas comunicações elementares. Estou profundamente conflitado. Minha concepção das coisas mudou radicalmente depois que cheguei cientificamente à conclusão de que os espíritos existem. Existem e nos cercam.

Muito tempo depois, Chris asseguraria que a experiência chegou a funcionar para valer. “Tenho certeza de que uma mesa de fato se moveu”, ela se lembraria, “e eu cheguei também a psicografar alguns textos.” A suspeita de que poderia ter poderes mediúnicos aumentou a partir do momento em que ela passou a ser tomada por estranhos e inexplicáveis sentimentos mórbidos ao entrar no banheiro do apartamento da Senador Eusébio. Eram sensações esquisitas, que ela própria tinha dificuldade para entender e que nunca revelara a ninguém. Todavia, mais de uma vez passou por sua cabeça a ideia de abrir o registro do gás do chuveiro, vedar as saídas de ar e se matar. Em um final de tarde de uma segunda-feira, dia 13 de outubro, ela deixou a prancheta onde desenhava e entrou no banheiro. Dessa vez o desejo suicida parecia incontrolável. Vencida, decidiu pôr fim à vida, mas, temendo que a morte por asfixia pudesse ser muito lenta e agonizante, preferiu recorrer a remédios. Serenamente, tomou um táxi até a casa dos pais, no Jardim Botânico, onde sabia existirem vidros de ansiolíticos consumidos regularmente por sua mãe — Somalium, na lembrança dela, ou Valium, segundo a versão de Paulo. Fosse qual fosse o nome do remédio, o certo é que esvaziou uma embalagem inteira na boca, escreveu um pequeno bilhete para o marido e capotou sobre a cama.

Ao chegar em casa e não encontrá-la, Paulo rumou para o apartamento dos pais dela, onde ambos costumavam jantar, e deparou-se com Chris desmaiada sobre a cama e ao lado dela, além do bilhete, uma embalagem de remédios vazia. Com a ajuda da sogra, que acabara de chegar, conseguiu ampará-la até o elevador — não sem antes obrigá-la a enfiar o dedo na garganta e vomitar o que pudesse. Na rua, pararam o primeiro táxi que passou e tocaram para a Clínica São Bernardo, na Gávea, onde os médicos submeteram Chris a uma lavagem estomacal de urgência. Recuperada, horas depois ela teria alta e voltaria para casa com o marido. Enquanto Chris adormecia no quarto do casal, ele ficou às voltas com a pergunta que o atormentava: qual era a origem das misteriosas emanções do banheiro que provocavam sentimentos tão mórbidos na sua mulher? Com a questão martelando na cabeça, desceu à portaria do prédio e contou ao zelador o que vinha acontecendo com Chris, pedindo a ajuda dele para decifrar o mistério. O funcionário acreditava ter a resposta na ponta da língua:

— O último morador desse apartamento, antes do senhor, foi um comandante de aviões da Panair que se suicidou no banheiro abrindo o registro do gás.

Quando voltou para casa e contou a história para a mulher, ela não pensou duas vezes: levantou-se com disposição inimaginável em alguém que horas atrás estava hospitalizada, juntou algumas mudas de roupas do casal, recolheu pentes, escovas de dentes e objetos pessoais, jogou tudo em uma mala e anunciou:

— Vamos para a casa da minha mãe. Nunca mais ponho os pés neste apartamento.

Não foi só ela. Nenhum dos dois jamais voltou a entrar lá, nem mesmo para fazer a mudança. Passaram pouco mais de um mês hospedados na casa de Paula e Cristiano, os pais de Chris — tempo suficiente para que terminasse a reforma do sétimo imóvel comprado por Paulo e pudessem se mudar para lá. Este era um apartamento térreo, com um belo e agradável jardim e uma característica impagável: ficava no mesmo prédio em que viviam Lygia e Pedro Queima Coelho. Mais segurança emocional, só morando na casa dos pais.

Embora prevalecessem sempre as regras impostas por Chris no que se refere às extravagâncias sexuais do marido, aquele decididamente não era um casal como todos os outros. Um dia, por exemplo, Paulo propôs que ambos se submetessem a uma experiência de laivos medievais à qual dava o pomposo nome de “teste recíproco de resistência à dor”. Chris concordou, mesmo sabendo do que se tratava: os dois ficaram nus e, com uma fina vara de bambu de um metro de comprimento, passaram a se açoitar. Cada vez era um que, com força sempre crescente, desferia uma chibatada nas costas do outro, até descobrirem os seus limites para o sofrimento físico — o

que só ocorreu quando brotaram filetes de sangue sob a pele lanhada de ambos.

A verdade é que, mesmo com traços tão singulares, o casamento aos poucos ia entrando nos eixos. Os primeiros dois anos transcorreram sem que nada excepcional transtornasse ou alterasse a convivência do casal. Estimulada pelo marido, Chris voltou a pintar, atividade que abandonara quatro anos antes, e ele começou a dirigir os chamados “especiais” da Rede Globo de Televisão. Não que precisassem de dinheiro para viver. Além das 41 canções que compusera com Raul Seixas, nos últimos anos Paulo tinha escrito mais de cem letras — originais ou versões de sucessos estrangeiros — para dezenas de parceiros, em sua maioria anônimos e desconhecidos do grande público. Isso significava que as torneiras de direitos autorais não paravam de abastecer sua conta bancária. Menos pelo dinheiro e mais por temer que a ociosidade o levasse à depressão e ao sofrimento, tentava não ficar à toa. Além dos especiais para a TV Globo — *Chico Xavier*, *Erasmoo Carlos*, *Globo de Ouro* e *Cem Anos de Espetáculos* —, ele dava palestras e participava de mesas-redondas sobre música e, às vezes, sobre vampirismo. Mas o remédio costumava se tornar inútil, porque, mesmo estando em plena atividade, de vez em quando a alma voltava a penar. Quando isso acontecia, como em uma crise do final de 1981, o desaguadouro de suas angústias continuava sendo o diário:

Nestes dois dias faltei a dois compromissos, sob o pretexto de uma extração dentária. Estou completamente desorientado sobre o que fazer. Estou sem saco até mesmo para escrever um pequeno press release que renderia um dinheirinho mínimo. A situação dentro de mim é esta. Não consigo escrever sequer estas páginas, e o ano, que eu esperava melhor que o anterior, deu no que anotei acima. Ah, sim: estou há alguns dias sem tomar banho.

A crise parecia ter batido tão pesado que mudara seu comportamento até a respeito de algo que sempre lhe fora muito caro, o dinheiro:

Passei a não ligar para nada, inclusive uma das coisas de que gosto muito, o dinheiro. Imagina que não sei quanto tenho no banco, coisa que sempre soube e com os maiores detalhes. Passei a me desinteressar por sexo, por escrever, por ir ao cinema, por ler. Até pelas plantas que durante tanto tempo eu cultivei com tanto carinho e que agora estão apodrecendo, regadas esporadicamente.

Se não conseguia se interessar mais por dinheiro nem por sexo, a situação era grave e merecia que fosse acionado o alerta vermelho para tais casos — o consultório do dr. Benjamim, que Paulo voltaria a frequentar em sessões mais espaçadas, uma vez por semana. Nessas ocasiões ele costumava repetir para Chris a mesma pergunta: “Será que estou no caminho certo?”. E foi assim, no final do ano de 1981, que ela fez a sugestão que tocaria em uma corda sensível da sua alma nômade: por que não largavam tudo e partiam pelo mundo em uma viagem sem destino e sem data para voltar? Seu instinto garantia que aquele era o caminho certo. “Algo me dizia que ia dar tudo certo”, Chris se lembraria anos depois. “Paulo acabou confiando na minha intuição e jogou tudo para o alto.” Decidido a “buscar o sentido da vida” onde quer que ele estivesse, Paulo pediu licença não remunerada na TV Globo, comprou duas passagens de avião para Madri — as mais baratas que encontrou — e prometeu que ele e Chris só voltariam ao Brasil quando acabasse o último centavo dos 17 mil dólares que levava no bolso.

Ao contrário de todas as viagens anteriores de Paulo, a excursão que ia durar oito meses acabou sendo realizada sem nenhum planejamento prévio. Apesar de levar recursos mais que suficientes para uma viagem confortável e sem apertos, ele não era de dissipar dinheiro. Escolheu a Iberia, companhia aérea que oferecia a passagem mais barata e ainda dava como brinde uma noite de hotel em Madri. Da Espanha os dois seguiram para Londres no início de dezembro de 1981, onde alugaram o mais barato veículo disponível, um minúsculo Citroën 2CV. Na capital britânica estabeleceram também a primeira regra da viagem: nenhum dos dois deveria carregar mais de seis quilos de bagagem. Isso significava sacrificar a pesada máquina de escrever Olivetti que Paulo levava e que de Londres mesmo foi despachada de volta ao Brasil por via marítima. Durante a missa em uma igreja perto do hotel, no segundo domingo na capital britânica, os dois ouviram o padre contar, no sermão, que a Polônia acabara de sofrer um golpe de Estado. O ministro da Defesa, general Wojciech Jaruzelski, assumira o poder, fechara o sindicato independente Solidariedade e mandara prender seu principal líder, Lech Walesa — que, nove anos depois, com a enorme reviravolta ocorrida no bloco comunista após a queda do Muro de Berlim, seria eleito presidente da República.

Enquanto refletiam sobre que rumo tomar, Paulo e Chris permaneceram em Londres até

meados de janeiro de 1982, quando pegaram a estrada determinados a conhecer dois lugares: a cidade de Praga, onde ele pretendia fazer uma promessa ao Menino Jesus, e Bucareste, capital da Romênia, país onde nascera, 550 anos antes, o fidalgo Vlad Tepes, personagem que inspiraria o escritor irlandês Bram Stoker a criar em 1897 o mais famoso de todos os vampiros, o conde Drácula. Um programa e tanto para quem andava de amores com a vampirologia. Na tarde de 19 de janeiro, uma terça-feira, os dois chegaram enregelados a Viena, depois de quase um dia de viagem para vencer os 1.500 quilômetros que separam Londres da capital da Áustria. Além de mal vedado, o modesto 2CV não tinha sistema de aquecimento interno, o que os obrigava a viajar embrulhados em cobertores de lã para suportar as baixas temperaturas do inverno. A parada em Viena era necessária para que obtivessem visto de entrada na Hungria, país que teriam de cruzar para chegar à Romênia. Resolvido o problema, dirigiram-se à Embaixada do Brasil, onde Chris precisava resolver uma pequena questão burocrática. Enquanto ela subia ao andar do prédio em que funcionava a legação brasileira, Paulo ficou na porta, fumando e caminhando pela calçada. De repente, com o estrondo de uma bomba, uma gigantesca lâmina de gelo de vários metros desprende-se do telhado do edifício, cinco andares acima, e espatifou-se na rua, rasgando ao meio a lataria de um carro estacionado a poucos centímetros do lugar em que Paulo se encontrava. Por dois palmos de distância ele estaria morto. O segundo susto aconteceu minutos depois, quando Chris chegou com a notícia de que Elis Regina havia morrido no Brasil. O choque não decorria apenas da notícia da morte daquela que era considerada a maior cantora brasileira e uma amiga querida, mas por uma particularidade. Elis fora a intérprete da canção com que Paulo encerraria sua carreira de compositor — a versão para o português do bolero “Me Deixas Louca”, de autoria do mexicano Armando Manzanero.

Após o pernoite em Budapeste, eles partiram rumo à capital da antiga Iugoslávia, onde resolveram ficar três dias. Não que Belgrado tivesse algum atrativo especial, mas faltava coragem para embarcar de novo no gelado Citroën, que, de tão frio e desconfortável, ameaçava inviabilizar a viagem. O carro virou um transtorno tão grande que em Belgrado resolveram devolvê-lo à locadora. Com a ajuda do gerente do hotel, descobriram uma pechincha: a Embaixada da Índia estava vendendo um Mercedes-Benz azul-claro com nove anos de uso, mas em bom estado, pela bagatela de mil dólares. Embora muito rodado, o veículo tinha um motor de 110 cavalos de potência (“duas vezes mais que o Chevette brasileiro”, contou Paulo ao pai, em uma carta) e estava equipado com eficiente sistema de aquecimento interno. Fechado o negócio, aquela seria a única grande despesa da viagem. Para o resto — hotéis, restaurantes e lugares a visitar —, tinham como guia o conhecido *Europe on 20 Dollars a Day* [“Europa por 20 Dólares Diários”], bem mais sofisticado que a bíblia dos hippies, o *Europe on 5 Dollars a Day*. Isso mesmo: em 1982 era possível comer e dormir em qualquer país da Europa por modestos cinco dólares diários.

Agora que estavam a bordo de um carro de verdade, a distância de cerca de quinhentos quilômetros entre Belgrado e Bucareste, destino seguinte do casal, poderia ser vencida em um único estirão. Exatamente por isso, contudo — por estarem viajando em um carro veloz e confortável —, preferiram fazer um ziguezague. Após cruzarem a Hungria e uma ponta da Áustria, ao final de mil e poucos quilômetros percorridos chegaram a Praga, onde Paulo faria ao Menino Jesus a promessa que seria cumprida quase 25 anos depois. Só então voltariam a descer em direção à Romênia, o que significava percorrer mais 1.500 quilômetros. Para quem não tinha pressa nem preocupação com dinheiro, estava muito bom. Por alguma misteriosa razão a passagem pelo país do conde Drácula não parece ter despertado nenhum interesse especial no vampirólogo Paulo Coelho. No indefectível diário, o único registro desse trecho da viagem refere-se ao espanto dele diante das águas negras do rio Dambovita, que corta Bucareste. Naquele vaivém pela Europa Central o acaso se encarregou de inventar um destino para eles: só semanas depois de comprar o Mercedes é que Paulo descobriu que o carro era originário da antiga República Federal Alemã (RFA ou, simplesmente, Alemanha Ocidental) e que a mudança de dono tinha de ser registrada no serviço de trânsito de Bonn, então capital da RFA. Viajar de Bucareste a Bonn significava cortar a Europa de ponta a ponta em um trajeto de quase 2 mil quilômetros — distância que agora não os assustava nem um pouco.



Depois de penar milhares de quilômetros em um Citroën 2CV, Paulo exibe orgulhoso o potente Mercedes-Benz.

Dois dias depois de deixar a capital da Romênia, o Mercedes azul cruzava a fronteira de entrada na Alemanha Ocidental. De Bucareste até Munique, a primeira cidade alemã por que passaram, o odômetro do carro marcara 1.193 quilômetros rodados. Estava tudo coberto de neve, era quase meio-dia, e, como nenhum dos viajantes tinha fome, em vez de almoçar por ali decidiram só parar em Stuttgart, cerca de duzentos quilômetros adiante. Minutos depois de passar por Munique, a capital da Baviera, Paulo desviou o veículo e entrou em uma alameda de árvores secas com uma placa indicativa em alemão: *Dachau Konzentrationslager*. Conhecer de perto o que restou do tristemente célebre campo de concentração nazista de Dachau era um antigo plano dele — desde garoto um apaixonado por livros e histórias da Segunda Guerra Mundial —, mas Paulo não imaginava que aquela visita de poucas horas iria mudar radicalmente sua vida e seu destino.

Embora só viesse a publicar seu primeiro livro de verdade em 1987, o escritor Paulo Coelho nasceu no dia 23 de fevereiro de 1982, aos 35 anos, no campo de concentração de Dachau, na Alemanha. Cinco dias antes ele tivera uma estranha experiência na capital tcheca. Logo após fazer sua promessa ao Menino Jesus de Praga, saíra com Chris para um passeio pela cidade, que, como quase toda a Europa Central, estava coberta de neve e mergulhada em um frio de muitos graus abaixo de zero. Atravessaram o rio Vltava pela imponente Karlův Most — a ponte Carlos, uma obra de arte do século XIV com quinhentos metros de extensão e ornada dos dois lados por trinta esculturas negras de santos, heróis e personagens bíblicos. Uma das extremidades da ponte está fincada na Cidade Velha. A outra desemboca na rua dos Alquimistas, onde, reza a lenda, está localizada a porta de entrada do inferno — pela qual, naturalmente, Paulo passou batido. O objeto de seu interesse era um calabouço medieval que anos antes tinha sido aberto à visitação pública. Para conseguir entrar, ele e Chris tiveram de esperar até que deixasse o local um enorme grupo de recrutas soviéticos que pareciam estar ali como turistas.

Minutos depois de transportar as portas da sombria masmorra e caminhar entre as celas, Paulo sentiu como se estivessem sendo desenterrados fantasmas dos quais se considerava liberto — os eletrochoques da Casa de Saúde Dr. Eiras, o episódio que considerou como seu encontro com o Demônio, a prisão pelo Dops, o sequestro, o ato de covardia diante de Gisa. De uma hora para outra todos aqueles eventos pareciam emergir de maneira incontrolável, como se tivessem acabado de acontecer. Começou a chorar de forma convulsiva e nesse estado foi retirado de lá por Chris. Aquele lugar tenebroso despertara lembranças que ameaçavam empurrá-lo para uma crise depressiva de proporções alarmantes, já que estava a milhares de quilômetros da segurança dos pais, do consultório do dr. Benjamim ou do ombro amigo de Roberto Menescal.

Desta vez as origens de seus tormentos não eram metafísicas, mas muito concretas e visíveis nas páginas dos jornais e nos noticiários da tevê: as ditaduras, a opressão das pessoas por Estados, as guerras, os sequestros e as prisões clandestinas, como as que o vitimaram e que se multiplicavam pelo planeta. No banco de trás do carro ele levava um exemplar da revista semanal americana *Time*, comprada em Belgrado (a então Iugoslávia era um dos poucos países do bloco socialista em que circulavam livremente publicações ocidentais), cujo título de capa era “A Agonia da América Central”, uma longa reportagem sobre a guerra civil que ceifaria quase 80 mil vidas no pequenino El Salvador. Semanas antes, a capa da mesma revista fora dedicada ao general Jaruzelski, autor do golpe de Estado na Polônia. No Chile, a feroz ditadura do general Augusto Pinochet estava prestes a completar dez anos e permanecia firme como nunca. No Brasil, o projeto dos militares parecia ter-se esgotado, mas ainda não havia garantias de que a democracia estava ao alcance dos olhos. Não poderia haver pior estado de espírito para percorrer o que havia restado de um campo de concentração nazista, mas era assim mesmo que Paulo se encontrava quando parou o Mercedes no estacionamento de visitantes de Dachau.

Primeiro campo construído pelo Terceiro Reich e tomado como modelo para os demais 56 espalhados pelo nazismo em dez países da Europa, Dachau funcionou desde 1941 até abril de 1945, quando seus portões foram abertos por tropas aliadas. Embora projetado para receber 6 mil pessoas, no dia da libertação havia ali mais de 30 mil prisioneiros. Nesse curto e trágico período, passaram por lá cerca de 200 mil pessoas de dezesseis nacionalidades. Embora majoritariamente judeus, entre eles também havia comunistas, socialistas e outros opositores do nazismo, como ciganos e testemunhas de Jeová. Por motivos jamais conhecidos, a câmara de gás instalada em Dachau nunca chegou a ser acionada, o que significava que os presos condenados à morte tinham de ser transportados de ônibus até o Castelo de Hartheim, a meio caminho entre o campo e a cidade de Linz, na Áustria, transformado em um centro de execução em massa. No trajeto para Hartheim, os ônibus com pessoas a quem restavam poucas horas de vida eram obrigados a cruzar duas cidadezinhas da margem esquerda do rio Inn, separadas uma da outra por menos de vinte quilômetros, e que se tornariam célebres por terem visto nascer dois personagens que entrariam na história por portas diferentes: em Braunau nascera Adolf Hitler, em 1889, e na vizinha Marktl havia vindo ao mundo em 1927 Joseph Ratzinger, que em 2005 seria sagrado o primeiro papa alemão, com o nome de Bento XVI.

A primeira surpresa que Paulo e Chris tiveram assim que cruzaram o portão de entrada do

campo de Dachau foi constatar que não havia absolutamente ninguém lá. Era até compreensível que o vento gelado tivesse afugentado os turistas, mas também não se viam porteiros, guardas ou funcionários que dessem informações. Estavam — ou pareciam estar — sozinhos naquele imenso retângulo de 180 mil metros quadrados cercado por todos os lados de muros e guaritas vazias. Ele ainda não se refizera dos maus pensamentos com que fora assaltado em Praga, dias antes, mas não queria perder a oportunidade de visitar um dos maiores campos de concentração nazistas. Seguiram as setas indicativas e percorreram o trajeto sugerido aos visitantes — o mesmo que era feito pelos presos. Passaram pela sala de recepção, onde os recém-chegados recebiam os uniformes, tinham a cabeça raspada e eram “desinfetados” com um banho coletivo de inseticida. Depois atravessaram os corredores onde se localizavam as celas-fortes, viram ganchos nas vigas nos tetos, onde presos eram pendurados pelos braços durante as sessões de torturas, e entraram nos galpões onde, até o final da guerra, amontoavam-se centenas de beliches de três e até quatro camas — ali os presos dormiam como animais, empilhados em gaiolas de madeira. Sempre em silêncio, os dois se horrorizavam ainda mais a cada nova ala.

Para alívio de ambos, a parte mais dolorosa da visita se encerrara. Paulo parecia abalado, mas enxergava os campos de concentração como uma tragédia do passado, de um nazismo derrotado numa guerra que chegara ao fim antes mesmo que ele nascesse. No salão destinado às homenagens de familiares aos mortos, porém, sentiu que de novo entrava em parafuso, como acontecera em Praga. Os cartões grampeados a buquês de flores frescas, colocadas ali poucos dias antes, constituíam a prova viva de que Dachau continuava sendo uma ferida aberta. Aqueles 30 mil mortos não eram nomes abstratos, retirados de livros, e sim seres humanos cuja morte, invariavelmente cruel, era tão recente que ainda despertava saudade em viúvas, filhos e irmãos.

Atordoados, os dois retornaram à área descoberta do campo, seguindo por uma alameda de árvores secas cujos galhos pareciam garras ossudas viradas para o céu. Na área norte do campo havia três pequenos templos religiosos — um católico, um protestante e um judeu —, ao lado dos quais nos anos 90 seria construído um quarto, da Igreja Ortodoxa russa. Paulo e Chris passaram direto pelos templos, atraídos pela placa que indicava o lugar mais tétrico de Dachau — o *Krematorium*. Naquele ponto do trajeto perceberam uma mudança radical no paisagismo. Ao contrário da aridez do campo, cujo chão é todo de pedras cinzentas, sem um centímetro quadrado de verde, conferindo ao lugar a inóspita aparência de uma paisagem lunar, o caminho que leva ao crematório atravessa, como num passe de mágica, um pequeno bosque recoberto, mesmo nos mais rigorosos invernos, por vegetação de exuberância tropical, com jardins, flores e trilhas recortadas entre alamedas de arbustos. Plantado em uma clareira no meio do bosque, o modesto e bucólico bloco de tijolos vermelhos só se distinguia de uma tradicional casa de família pela chaminé, grande demais para um imóvel tão pequeno. Ali estava o forno crematório onde haviam sido incinerados os corpos de mais de 30 mil prisioneiros mortos por execução, subnutrição, suicídio ou doenças, como a epidemia de tifo que devastara o campo poucos meses antes da libertação.

A experiência na prisão medieval de Praga não parecia ter ficado para trás, pois Paulo continuava tomado por impulsos incontroláveis. Viu os oito fornos também de tijolos vermelhos, em cujas bocas permaneciam as macas de metal em que os corpos eram empilhados para a incineração, e parou diante de uma porta descascada, sobre a qual estava escrita uma só palavra: *Badzimmer*. Não se tratava de um antigo banheiro, como o nome indicava, mas da câmara de gás de Dachau. Embora ela nunca tivesse sido utilizada, Paulo queria experimentar na pele o terror vivido por milhões de pessoas nos campos de extermínio nazistas. Afastou-se por um instante de Chris, entrou na câmara e fechou a porta. Encostado em uma parede, olhou para cima e percebeu, pendurados no teto, falsos chuveiros por onde deveria escapar o gás que se transformara na principal arma de Hitler e seus sequazes para as execuções em massa. Com o sangue gelado pelo terror, saiu daquele lugar empestado pelo cheiro da morte. Quando pôs os pés fora do crematório, ouviu os sinos do pequeno campanário da capela católica badalando e anunciando o meio-dia. Caminhou em direção ao ponto de onde vinha o som, e ao entrar de novo na aspereza cinzenta do campo notou uma enorme escultura moderna, que lembrava o célebre painel *Guernica*, pintado por Picasso. Sobre ela estava escrito, em vários idiomas: “Nunca mais!”. A leitura daquelas duas palavras no momento em que entrava na igreja trouxe um momento de paz à sua alma, como o escritor lembraria muitos anos depois:

Estou entrando na igreja, bato o olho naquele “Nunca Mais!” e digo: porra, graças a Deus! Nunca mais! Isso nunca mais vai acontecer! Puta merda, que bom! Nunca mais! Nunca mais vai haver batidas na porta da casa das pessoas à noite, nunca mais vão fazer pessoas desaparecerem. Que alegria! Nunca mais o mundo vai experimentar isso!

Entrou na capela com o coração cheio de esperanças, e, no curto espaço de tempo entre acender uma vela e fazer uma breve oração, sentiu-se subitamente tomado pelos velhos fantasmas. Em uma radical guinada de 180 graus, pulou da fé para o desespero. À medida que caminhava pelo campo gelado, alguns metros atrás de Chris, compreendeu que o “Nunca mais!” que acabara de ler nada mais era do que uma farsa em vários idiomas:

Silenciosamente eu disse para mim: como “Nunca mais!”? “Nunca mais” é a puta que pariu! O que aconteceu em Dachau continuava acontecendo no mundo, no meu continente, no meu país. No Brasil sabia-se que adversários do regime tinham sido jogados de helicópteros em alto-mar. Eu mesmo, em escala infinitamente menor, vivi vários anos em estado de paranoia por ter sido vítima dessa mesma violência! Na mesma hora voltaram à minha cabeça a capa da Time com a matança de El Salvador, a guerra suja que a ditadura argentina movia contra a oposição. Naquela hora eu perdi toda esperança na raça humana. Senti que bati lá no fundo. Concluí que o mundo era uma merda, a vida era uma merda, e eu era uma merda por não poder fazer nada contra isso.

Em meio a pensamentos tão contraditórios, uma frase começou a martelar na sua cabeça: “Nenhum homem é uma ilha”. Onde mesmo que ele tinha lido aquilo? Aos poucos e com algum esforço de memória, conseguiu reconstituir e declamar silenciosamente quase todo o texto: “Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada homem é parte do continente, parte do todo; se um seixo for levado pelo mar, a Europa fica menor; como se fosse um promontório, assim como se fosse uma parte de seus amigos ou mesmo sua; a morte de qualquer homem me diminui, porque eu sou parte da humanidade...”. Faltava a frase final, que ao ser lembrada parecia ter aberto todas as portas da memória: “... e por isso, nunca procure saber por quem os sinos dobram, eles dobram por ti”. Estava resolvido: tratava-se, agora sim, ele sabia, de uma das *Meditações* de John Donne, poeta inglês do século XVI, depois reproduzida pelo escritor americano Ernest Hemingway em seu romance *Por Quem os Sinos Dobram*, cuja ação transcorre durante a Guerra Civil Espanhola (1936-39). Nada de mais, não fosse o fato de que os sinos de Dachau estavam batendo e, principalmente, de tudo isso estar acontecendo com alguém capaz de enxergar sinais em uma pluma de pombo na calçada ou até mesmo em uma inocente gestante falando em um telefone público.

O que se passou nos minutos seguintes é algo que permaneceria para sempre coberto de mistério alimentado sobretudo pelo personagem central, que, nas poucas vezes em que foi instado a esmiuçar publicamente o ocorrido, se emocionou a ponto de chorar copiosamente.

Estávamos no meio de um campo de concentração, eu e minha mulher, sozinhos, sozinhos, sem mais uma puta viva alma por perto! Nesse momento eu entendi o sinal: senti que os sinos da capela estavam dobrando por mim. Aí eu tive a epifania.

Segundo ele, a revelação de Dachau se materializou na forma de um fecho de luz sob o qual um ser de aparência humana pareceu ter-lhe dito algo sobre a possibilidade de um reencontro dali a dois meses. Não seria uma voz humana, mas, como afirma Paulo, “uma comunicação de almas”. Apesar de nunca ter deixado de ser um episódio envolto em sombras, até o mais cético dos ateus talvez concorde que algo terá acontecido em Dachau — tão radical seria a guinada na vida de Paulo a partir daquele dia. Ele mesmo, no entanto, ainda não parecia ter-se dado conta disso. Ao chegar ao estacionamento, revelou em prantos à mulher o que acabara de viver — e a primeira e aterrorizante suspeita recaiu sobre a O.T.O. E se o que ele vira minutos antes fosse a reencarnação da Besta? Os fantasmas de Crowley e de Marcelo Motta teriam voltado a assombrá-lo, oito anos depois? Ao chegar a Bonn, seis horas mais tarde, Paulo optara pela solução mais cômoda — considerar a visão um simples delírio, uma breve alucinação provocada pelos medos e o estado de tensão em que se encontrava.



Paulo sai transtornado do crematório do campo de concentração nazista de Dachau, e, após passar pela escultura-símbolo, tem a visão que iria mudar sua vida.

O casal planejava ficar na então capital da Alemanha Ocidental apenas o tempo suficiente para resolver a papelada relativa ao carro e conhecer Paula, a sobrinha que nascera meses antes. Como estavam hospedados na casa de Tânia, irmã de Chris — e, portanto, livres de despesas com hotéis —, acabaram estendendo a estadia por uma semana. Nos primeiros dias de março o casal colocou de novo o Mercedes na estrada, agora para enfrentar os 250 quilômetros que o separavam da liberal Amsterdã, na Holanda, cidade que encantara Paulo dez anos antes. Os dois se hospedaram no Brouwer, pequeno hotel inaugurado no começo do século XX em um prédio de três andares construído, em 1652, à beira do canal Singel — e onde pagavam por dia dezessete dólares com direito a café da manhã. Os oito apartamentos existentes, seis de solteiro e dois de casal, eram minúsculos, mas a diária barata e o charme do hotel mereceram um bem-humorado elogio de Arthur Frommer, autor de *Europe on \$20 a Day*, registrado no livro de visitas do Brouwer: “Pobres hóspedes do Hilton...”. Na primeira carta enviada aos pais, Paulo falou dos *potshops*, “cafés onde se pode comprar e fumar livremente drogas consideradas leves, como o haxixe e a maconha, embora sejam proibidas a cocaína, a heroína, o ópio e as anfetaminas, inclusive o LSD”, e aproveitou para fazer sutil apologia da liberalização dessas drogas:

Isso não quer dizer que a juventude holandesa ande drogada. Pelo contrário, as estatísticas governamentais provam que existem muito menos drogados aqui, proporcionalmente falando, que nos EUA, na Alemanha, Inglaterra e França. A Holanda tem o menor índice de

desemprego de toda a Europa Ocidental, e Amsterdã é o quarto centro comercial do mundo.

Foi naquele ambiente livre, em que os dois fumavam maconha até cansar, que Chris experimentou LSD pela primeira e única vez. Paulo se impressionou tanto com a devastação física provocada pela heroína nos usuários — zumbis de várias nacionalidades que vagavam pelas ruas da cidade — que escreveu duas reportagens para a revista brasileira *Fatos&Fotos*, intituladas “Heroína, o Caminho sem Volta” e “Amsterdã: o Beijo da Agulha”. A relação dele com aquele submundo, no entanto, era estritamente profissional, de um repórter apurando um assunto. A julgar também por cartas enviadas ao pai, o tour que os dois levavam na Europa era uma viagem de hippies apenas na aparência:

Temos nos permitido tudo o que queremos, almoçando e jantando todos os dias. Apesar de estarmos sustentando um verdadeiro filho sedento (o Mercedes de 110 cavalos), frequentamos cinemas, sauna, barbeiro, boates e até cassinos.

A boa vida do casal parecia não ter fim. Após várias semanas na cidade, Paulo sentiu-se farto de tanta maconha. Sem ter de se preocupar com qualquer forma de repressão, havia testado espécies originárias de lugares tão distantes como o Iêmen e a Bolívia. Fumara *blends* com os mais variados teores de THC — ou *tetrahydrocannabinol*, o princípio ativo da droga — e provara verdadeiras bombas feitas com fumos premiados na Cannabis Cup, a copa do mundo da marijuana, realizada uma vez por ano em Amsterdã. Chegara a experimentar até uma novidade chamada *skunk*, a maconha cultivada em estufa com fertilizantes e proteínas. E foi ali, naquele paraíso hippie em que se transformara a capital holandesa, que Paulo descobriu que a erva não tinha mais nada a lhe oferecer. Como ele próprio disse, “de saco cheio” da eterna reiteração dos efeitos da droga, repetiu o juramento que fizera oito anos antes, em Nova York, em relação à cocaína: nunca mais fumaria maconha.

Eram essas conclusões que expunha a Chris no café do Hotel Brouwer quando sentiu um tremor de frio idêntico ao de Dachau. Olhou para o lado e viu que o vulto do campo de concentração havia se corporificado e estava ali, tomando chá em uma mesa ao lado. O primeiro sentimento foi de terror. Já ouvira falar de sociedades que, para preservar seus segredos, costumavam perseguir e até matar os trãsfigas e arrependidos. Estaria sendo seguido por gente da magia negra e do satanismo do outro lado do mundo? Em meio a ondas de pavor, lembrou-se da lição das aulas de educação física na Fortaleza de São João: para diminuir o sofrimento, o remédio é enfrentar logo o medo. Olhou para o estranho — um homem de seus quarenta anos, de paletó e gravata, com aparência de europeu —, tomou coragem e dirigiu-se a ele em inglês e de forma claramente inamistosa:

— Eu vi você dois meses atrás em Dachau e vou deixar clara uma coisa: não tenho nem quero mais ter qualquer relação com ocultismo, seitas e ordens. Se você está aqui por causa disso, perdeu a viagem.

Visivelmente surpreso, o estranho levantou os olhos e reagiu com serenidade e, para surpresa de Paulo, falando um português com sotaque forte, mas fluente:

— Calma. Senta aqui, vamos conversar.

— Posso chamar minha mulher, que está na mesa ao lado?

— Não, quero falar com você sozinho.

Paulo fez um gesto em direção a Chris afirmando que estava tudo bem, sentou-se à mesa e perguntou:

— Falar o quê?

— Que negócio é esse de campo de concentração?

— Tenho a impressão de tê-lo visto dois meses atrás.

O sujeito se fez de desentendido e disse que devia haver alguma confusão. Paulo insistiu:

— Me desculpe, mas acho que nós nos vimos no mês de fevereiro no campo de concentração de Dachau. Você não se lembra disso?

Diante da insistência, o homem admitiu que Paulo talvez pudesse de fato tê-lo visto, mas que também poderia ter ocorrido um fenômeno chamado “projeção astral” — algo que o brasileiro conhecia e a que se referira inúmeras vezes em seu diário:

— Eu não estava no campo de concentração, mas entendo o que você está falando. Deixa eu ver a palma da sua mão.

Paulo não se lembra se foi a esquerda ou a direita, mas, imediatamente após se fixar nela, o misterioso homem — que, agora se sabia, era também quiromante — passou a falar vagarosamente. Não parecia ler as linhas da mão, mas era como se estivesse tendo uma visão:

— Você tem uma coisa mal acabada aqui. Algo que se desfez por volta de 1974 ou 1975. Dentro da magia você cresceu na Tradição da Serpente. E talvez nem saiba o que é a Tradição da Pomba.

Não só como ex-devoto, mas sobretudo por ter sido leitor voraz de tudo o que dissesse respeito a esse universo, ele sabia mais que meros rudimentos do tema. Bê-á-bá do mundo das ciências ocultas, as tradições são dois caminhos diferentes que levam ao mesmo lugar: o conhecimento mágico, entendido como a capacidade de utilizar dons que nem todos os humanos conseguem desenvolver. Segundo as mesmas crenças, a *Tradição da Pomba* (também chamada de *Tradição do Sol*) é o sistema de aprendizado paulatino e contínuo, ao longo de etapas, opção em que cada discípulo ou neófito dependerá sempre de um Mestre — assim, com M maiúsculo. Por outro lado, a *Tradição da Serpente* (ou *Tradição da Lua*) costuma ser a via escolhida pelas pessoas intuitivas e, segundo os iniciados, por aquelas que trazem de existências anteriores alguma ligação ou compromisso com a magia. Além de não serem excludentes, as duas correntes podem ser sucessivas, uma vez que normalmente se recomenda aos candidatos à chamada “formação mágica” que cumpram também a Tradição da Pomba, após trilhar a da Serpente.

Ele começou a relaxar quando o homem afinal se apresentou. Era francês de origem judaica, trabalhava em Paris como executivo da multinacional holandesa Philips e militava em uma centenária e misteriosa ordem religiosa católica chamada R.A.M. — *Regnus Agnus Mundi* ou, em português, “Cordeiro do Reino do Mundo”, ou ainda “Rigor, Amor e Misericórdia”. A familiaridade com a língua portuguesa vinha de largos períodos passados no Brasil e em Portugal a serviço da Philips. Seu verdadeiro nome — que pode ser “Chaim”, “Jayme” ou “Jacques” — jamais seria revelado por Paulo, que passaria a se referir publicamente a ele como “o Mestre”, “Jean” ou simplesmente “J”. Com a voz pausada, Jean disse saber que o brasileiro havia iniciado e interrompido um caminho na magia negra e estava disposto a ajudá-lo:

— Se você quiser retomar sua trajetória mágica, e se o fizer na nossa ordem, posso orientá-lo. Mas, uma vez tomada essa decisão, você terá de cumprir, sem relutar, tudo o que eu lhe disser.

Aturdido com o que ouvia, Paulo pediu tempo para refletir. Jean mostrou-se rigoroso:

— Você tem um dia para decidir. Espero-o amanhã, aqui mesmo, nesta mesma hora.

Paulo não pensou mais em outra coisa. Ao mesmo tempo em que sentira enorme alívio depois de abandonar a O.T.O. e abjurar as ideias de Crowley, continuava tomado de enorme fascinação pelo mundo que deixara para trás. A noite negra, a prisão e o sequestro tinham sido uma lição mais do que suficiente, mas jamais perdera a fascinação pelo mundo da magia. “Eu tinha tido uma péssima experiência com tudo aquilo, mas só havia abandonado aquele mundo racionalmente”, ele se lembraria depois. “Emocionalmente ainda continuava ligado”:

— É como se você se apaixonasse por uma mulher e tivesse que mandá-la embora porque realmente ela não combina com a sua vida. Mas você continua a amá-la. Um dia ela aparece num bar, como o J. apareceu, e você tenta dizer: por favor, vá embora. Não quero te ver de novo, não quero sofrer de novo.

Sem conseguir pregar o olho, varou a noite conversando com Chris e era dia claro em Amsterdã quando por fim se decidiu. Algo lhe dizia que estava diante de um momento importante e resolveu aceitar o desafio, para o bem ou para o mal. Horas depois encontrava-se pela segunda (ou a terceira?) vez com o misterioso homem que a partir daquele momento seria seu mestre. Como “demonstração de poder”, Jean deu detalhes sobre a vida pessoal de Paulo e previu que “em poucos dias” uma guerra sangrenta eclodiria nas vizinhanças do Brasil. E de fato, na madrugada de 2 de abril, Argentina e Reino Unido entrariam em guerra pela posse do arquipélago das Malvinas, que os britânicos chamam de Falklands, conflito que durou dois meses e terminou com a vitória britânica e um saldo de três civis e 904 soldados mortos. Mas Jean não estava ali para fazer exhibições de suas habilidades de mago, e logo em seguida transmitiu a Paulo os primeiros passos para sua iniciação: na terça-feira da semana seguinte ele deveria estar no Vikingskipshuset, o Museu da Navegação Viking, em Oslo, capital da Noruega:

— Vá ao salão onde são exibidos três barcos com os nomes de *Gokstad*, *Oseberg* e *Borre*. Lá uma pessoa lhe dará algo.

Meio sem entender a tarefa que recebia, Paulo queria saber mais:

— Mas a que horas devo estar nesse museu? Como vou identificar essa pessoa? É um homem ou uma mulher? O que vou receber dela?

Enquanto se levantava, deixando algumas moedas sobre a mesa para pagar a xícara de chá que consumira, Jean satisfez apenas parte de sua curiosidade:

— Esteja nesse salão na hora em que o museu abrir as portas. As demais perguntas não precisam de respostas. Quando tivermos que nos ver de novo, você será avisado. Até logo.

Respondeu e ato contínuo desapareceu como se nunca tivesse existido — se é que algum dia Jean de fato existiu. Real ou sobrenatural, o certo é que deixara nas mãos do novo discípulo uma

tarefa que começava com um estirão de quase mil quilômetros para chegar à capital da Noruega, cidade em que Paulo nunca pusera os pés e onde deveria encontrar uma pessoa de quem não sabia sequer o sexo. Após percorrerem autoestradas cobertas de neve nos territórios de Holanda, Alemanha e Dinamarca, foram surpreendidos, ao chegarem a Helsingborg, em território sueco, por uma reforçada patrulha policial que parava e revistava meticulosamente todos os veículos com placas estrangeiras que cruzavam a fronteira. Enquanto os policiais varejavam o Mercedes de ponta a ponta — até mesmo pacotes fechados de cigarros eram examinados —, Paulo quase cria, sem querer, um problema adicional. Preocupado com o pacotinho de baseados de maconha que haviam comprado em Amsterdã, começou a perguntar à esposa, em português:

— Cadê o fumo? Onde escondemos a trouxinha com os baseados?

Por meio de gestos e caretas, Chris tentava explicar que um dos policiais entendia português, e se ouvisse o que ele dizia a viagem corria o risco de acabar ali mesmo. Foram, no entanto, apenas alguns minutos de susto: ou as autoridades não estavam interessadas em drogas leves ou a maconha tinha sido tão bem escondida que os policiais não a localizaram. Eles ainda teriam que rodar mais de quatrocentos quilômetros até Oslo, mas não havia razão para pressa, pois o encontro marcado por Jean só ocorreria dali a dois dias. Preocupado em ser pontual e temendo que o tal museu pudesse ter filas ou grupos de turistas que atrasassem sua entrada, na terça-feira Paulo madrugou. O folheto de propaganda do museu recolhido na portaria do hotel informava que as portas se abriam às nove da manhã, mas uma hora antes ele estava a caminho. Como acontece em toda a Escandinávia nessa época do ano, às oito da manhã o céu de Oslo ainda estava escuro e repleto de estrelas.

Situado na península de Bygdoy, a dez minutos do centro da cidade, o Vikingskipshuset é uma pesada construção amarela em forma de cruz, sem janelas e com o telhado pontudo. Só ao chegar lá é que Paulo percebeu que não havia entendido o que estava escrito no folheto de propaganda do museu: o horário de funcionamento das nove às dezoito horas era válido apenas para a alta temporada, de maio a setembro. Na baixa estação, de outubro a abril, as portas se abriam das onze às dezesseis horas — ou seja, seu coração ainda teria de suportar mais duas horas de bate-deira até que pudesse dar o primeiro passo naquele novo e misterioso mundo. Consumiu esse tempo refletindo sobre a decisão que acabara de tomar. “Aos 34 anos eu tentara tudo para realizar meu sonho de ser escritor e ainda não era ninguém”, Paulo se lembraria mais tarde. “Eu abandonara a magia negra e as ciências ocultas ao descobrir que elas não me ajudaram em nada, então por que não tentar o caminho que Jean me propunha?”

Às onze em ponto ele juntou-se à meia dúzia de turistas japoneses que se aglomeravam enregelados nos jardins ressecados ao redor do prédio e seguiu as setas até o salão de paredes ovaladas, como uma nave religiosa, onde estavam o *Gokstad*, o *Oseberg* e o *Borre*. Além dele, havia apenas uma pessoa lá dentro, uma loura bonita com cerca de quarenta anos, que parecia absorta na leitura de uma placa em uma das paredes. Ao ouvir seus passos ela virou-se para ele, deixando ver que tinha nas mãos algo comprido como uma bengala — ou uma espada. Sem dizer nada, a mulher caminhou em sua direção, tirou do dedo anular esquerdo um anel de prata com a reprodução do uróboro — a serpente que morde a própria cauda — e o enfiou no dedo médio da mão esquerda dele. Com o bastão-espada, traçou um círculo imaginário no chão, indicando que Paulo deveria colocar-se ali dentro, e simulou com a mão o gesto de quem derramava dentro do círculo o conteúdo de uma taça. Passou a mão direita sobre o rosto de Paulo, sem tocá-lo, insinuando que ele deveria cerrar os olhos. “Naquele momento senti que alguém havia liberado energias estagnadas”, diria anos depois em depoimento emocionado, “como se abrissem a comporta espiritual de um lago, deixando entrar a água fresca.” Quando reabriu os olhos, viu que o único rastro deixado pela misteriosa mulher era o estranho anel que carregaria no dedo para o resto da vida.

Paulo só voltaria a ter contato com Jean muito tempo depois, ao retornar ao Brasil. No fim de abril daquele ano de 1982 venciu o prazo que ele tinha para reassumir o trabalho na Globo, mas, depois de refletir muito com Chris, decidiu jogar o emprego pela janela e continuar na Europa. A contabilidade também contribuiu para a decisão de ficar. Salvo despesas imprevistas, como comprar uma bomba de gasolina nova para o carro, vinham gastando por mês cerca de 2 mil dólares, podendo se dar a todos os luxos que havia revelado aos pais. Os 7 mil dólares que tinham em caixa, portanto — sem contar aí os mil dólares que pretendia reaver quando revendesse o Mercedes —, eram mais que suficientes para permanecerem ainda por três meses em Amsterdã. Assim, só em meados de julho os dois afinal fecharam as malas e percorreram em três dias os 1.900 quilômetros entre Amsterdã e Lisboa, cidade de onde tomariam um avião com destino ao Brasil. Mas a primeira mudança visível no comportamento de Paulo Coelho após o encontro com seu mestre ocorreria ainda em solo europeu. Só mesmo uma força sobrenatural faria com que

alguém tão seguro com dinheiro, como ele, tenha preferido, em vez de vender o Mercedes e enfiar mil dólares no bolso, doar o veículo para uma instituição de caridade criada em 1758 pela rainha dona Maria I, a Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa.

Revigorados pelos oito longos meses na Europa, ao chegarem ao Rio de Janeiro Paulo e Chris voltaram a se instalar no apartamento térreo da rua Raimundo Correia, que desde a partida do casal era ocupado pelos pais dela. Aos poucos ele iria cumprindo as tarefas iniciáticas, as chamadas ordálias, que permitiriam seu ingresso na ordem R.A.M. e que podiam chegar tanto por cartas como por telefonemas de Jean. A primeira delas, chamada “o ritual do copo”, consistia em realizar todos os dias, durante seis meses e sempre à mesma hora, uma breve e solitária cerimônia: colocar sobre a mesa um copo que nunca tivesse sido usado, cheio de água, abrir o Novo Testamento em uma página qualquer e ler em voz alta um parágrafo ao acaso — um versículo, um salmo ou o que fosse — e em seguida ingerir a água. O trecho lido deveria ser assinalado com a data da leitura. Nos dias seguintes, ao abrir o livro, se a escolha recaísse em um texto já lido, o escolhido para a leitura deveria ser o parágrafo subsequente. Se este também tivesse sido lido, ele prosseguiria até encontrar um novo, não assinalado por leituras anteriores. Isso deveria ser repetido religiosamente todos os dias, durante o prazo estabelecido, e sempre à mesma hora. Para evitar ser apanhado em situações inconvenientes — uma reunião, um almoço, uma sessão de cinema —, Paulo escolheu a primeira hora da madrugada como o horário mais apropriado para sua penitência. E, como não havia especificação sobre o tamanho ou o modelo do copo, comprou um pequenino, desses usados para servir vodca nos bares, que poderia transportar discretamente junto com o Novo Testamento. Desse modo, ele eventualmente até poderia levantar-se da mesa de um jantar público, ir ao banheiro e cumprir a obrigação.

Felizmente nenhuma das ordálias impostas por Jean o impediu de tocar a vida normalmente. Dinheiro continuava não sendo problema, mas decididamente a parceria com Raul tinha saído de moda. Os discos continuavam vendendo, mas das torneiras da gravadora não jorravam tantos royalties como antes. Embora a receita regular dos cinco apartamentos que mantinha alugados na cidade lhe garantisse uma situação confortável, a falta de atividade com certeza o empurraria de novo para a depressão emocional. Portanto, o melhor a fazer era encontrar logo um novo trabalho.

Um ano antes da viagem à Europa, Paulo convencera Chris a criar uma empresa, a Shogun Editora e Arte Ltda., que tinha como finalidade original emitir notas fiscais para os trabalhos de arquitetura que ela realizava, mas também permitia que ambos tivessem cartões de visita, papéis de carta e envelopes impressos com a respeitosa chancela de uma pessoa jurídica. E, como ele próprio dissera, quando chegasse a hora de escrever seus livros, por que não editá-los ele próprio? Ao voltar ao Brasil, decidiu colocar a editora para funcionar de verdade e, como primeira providência, alugou um conjunto de duas salas em um prédio da rua Cinco de Julho, em Copacabana, a duas quadras do apartamento onde o casal morava. Embora chegasse a crescer e até a render bastante, a Shogun nunca deixaria de ser uma pequena empresa familiar, tocada no dia a dia pelos dois proprietários, ficando a contabilidade por conta do dr. Pedro, que acabara de se aposentar. Mantinha um único empregado sob contrato — um office boy.

Menos de três meses após o retorno ao Brasil, em outubro de 1982, a editora colocaria no mercado seu primeiro título, o livro *Arquivos do Inferno*, uma coletânea de dezesseis textos escritos pelo dono, Paulo Coelho. Era uma obra repleta de peculiaridades. Na capa pode-se ver o autor sentado de pernas cruzadas diante de uma máquina de escrever, com um cigarro entre os dedos e fazendo pose de pensador, ao lado de duas jovens com os seios à mostra: uma era sua própria mulher, Chris, e outra, Stella Paula, a velha companheira das mandingas crowleyanas — na foto usando uma cabeleira tão longa que cobria não apenas parte de seus seios, mas descia abaixo da cintura. Apesar de ser pouco mais que um opúsculo — ao todo tinha apenas 106 páginas —, *Arquivos do Inferno* certamente seria um recordista de prefácios, apresentações e orelhas. O primeiro, intitulado “prefácio à edição holandesa”, era assinado pelo gênio pop Andy Warhol (que jamais chegou a ler o livro, como Paulo confessaria anos depois):

[...] Conheci Paulo Coelho numa exposição minha em Londres, e descobri nele o passo à frente que pouquíssimas pessoas podem dar. Antes de ser um literato em busca de fórmulas pomposas, ele atinge friamente — e em cheio — as inquietações e as perspectivas do tempo presente. Caro Paulo, você me pediu um prefácio para seu livro. Na verdade, eu tenho certeza: seu livro é um prefácio para esta nova era que começa — antes que a outra tenha acabado.

Quem, como você, pisa na frente nunca corre o risco de cair num buraco, porque os anjos estendem seus mantos sobre o chão.

O segundo fora escrito por Jimmy Brouwer, dono do hotel em que o casal se hospedara em Amsterdã, o terceiro pelo jornalista Artur da Távola, seu colega no grupo de trabalho da Philips, o quarto pelo psiquiatra Eduardo Mascarenhas, na época apresentador de um programa de tevê e deputado federal, e o quinto por Roberto Menescal — a quem, juntamente com Chris, Paulo dedica o livro. Quase tudo em *Arquivos do Inferno* é intrigante e envolto em informações que não se encaixam. Conforme está dito na capa, trata-se supostamente de uma coedição da Shogun com a holandesa Brouwer Free Press, uma empresa que aparentemente nunca existiu. Um press release distribuído pela Shogun confundia ainda mais as coisas ao afirmar que *Arquivos* tinha sido publicado no exterior, o que não era verdade:

Depois de haver sido lançado com absoluto sucesso na Holanda — onde apenas em dois meses conseguiu se destacar diante da crítica e do público — o livro Arquivos do Inferno, de Paulo Coelho, estará em todas as livrarias do Brasil ainda este mês.

Nas páginas iniciais havia mais informações que só aumentavam a confusão. A primeira delas incluía entre as obras do autor (ao lado do Manifesto de *Krig-Há* e do *Teatro na Educação*) um certo Lon: *Diário de um Mago*, livro que teria sido editado pela Shogun em 1979 — embora nesse ano a editora ainda não existisse e o *Diário de um Mago* só viesse a ser publicado em 1987. Numa das poucas vezes em que tocou nesse assunto, anos depois, Paulo deu para o imbróglcio uma singela explicação: “Só pode ter sido profecia”. No verso da página de rosto tinha sido impressa em letra miúda outra esquisitice:

Da primeira edição em língua portuguesa e em língua holandesa foram retirados 300 exemplares que serão numerados e assinados pelo autor e vendidos a US\$ 350 em benefício da Ordem da Estrela Dourada.

O beneficiário das vendas — a tal “Ordem da Estrela Dourada” — denunciava algo que nem ao diário Paulo confessara. Oito anos depois de ter rompido com a magia negra, ele continuava com um pé na cozinha do satanismo. Parece pueril, mas eles pretendiam mesmo ganhar dinheiro com aquilo. Feitas as contas, na remotíssima hipótese de vender todos os exemplares daquela “tiragem exclusiva”, a Shogun faturaria nada menos que 105 mil dólares só com a venda de um pequeno reparte do livro. A menos, claro, que as palavras contidas nas 106 páginas de *Arquivos do Inferno* tivessem sido impressas para abalar os alicerces da humanidade. Não era exatamente isso, contudo, o que trazia o livrinho: ele oferecia ao leitor, em primeiro lugar, a surpresa de não conter um único capítulo ou ensaio tratando do tema mencionado no título, isto é, o inferno. Os dezesseis textos formam um emaranhado de assuntos sem qualquer ordenação temática ou cronológica, com o autor juntando coisas tão disparatadas como os provérbios do poeta inglês William Blake, ao lado de rudimentos de homeopatia e astrologia, intercalados por trechos de manuscritos de um certo Pero Vaz e por produções de sua própria lavra, como esta, intitulada “Os Pedacos”:

É muito importante saber que andei espalhando partes do meu corpo pelo mundo. Cortei unhas em Roma, cabelos na Holanda e na Alemanha. Vi meu sangue molhar o asfalto de New York e muitas vezes meu esperma caiu em solo francês, num campo de parreiras perto de Tours. Já descarreguei minhas fezes em rios de três continentes, reguei algumas árvores da Espanha com a minha urina e cuspi no Canal da Mancha e no Fjorde de Oslo. Certa vez, arranhei o rosto e deixei algumas células presas numa grade em Budapeste. Estas pequenas coisas — geradas por mim e que jamais verei de novo — me dão uma agradável sensação de onipresença. Sou um pouco dos lugares onde andei, das paisagens que vi e que me comoveram. Além disso, meus pedaços espalhados têm uma aplicação prática: em minha próxima encarnação, não vou me sentir só ou desamparado porque alguma coisa familiar, um cabelo, um pedaço de unha, um velho cuspe seco — estará sempre por perto. Semeei em vários lugares da terra, porque não sei onde vou renascer um dia.

De todo o mistifório que compõe *Arquivos do Inferno*, entretanto, o que mais chama atenção, ao final da leitura, é o segundo capítulo do livro, intitulado “A Verdade sobre a Inquisição”. Paulo deixa claro que não se trata de texto de sua autoria: ele apenas sustenta ter psicografado o que lhe fora ditado pelo espírito do espanhol Tomás Torquemada, o temível frade dominicano que

comandou os tribunais do Santo Ofício na península Ibérica no final do século XV. Como se quisesse se eximir de qualquer responsabilidade pelo conteúdo, o autor esclarece: não só a ortografia e os grifos, mas até “alguns erros sintáticos” tinham sido mantidos, tal e qual haviam sido ditados pelo espírito do grande inquisidor. As oito páginas do capítulo são recheadas de loas à tortura e ao martírio como instrumentos de defesa da fé:

[...] É portanto justíssimo que a pena de morte seja aplicada aos que, propagando a heresia com obstinação, fazem com que o bem mais precioso do homem, a Fé, seja perdido para sempre!

[...] Todo aquele que tem o direito de mandar tem também o direito de punir! E a autoridade que tem o poder de fazer leis tem também o poder de agir para que tais leis sejam cumpridas!

[...] As penas espirituais nem sempre bastam. A maioria das pessoas é incapaz de compreendê-las. A Igreja deve possuir e possui o direito de aplicar penas físicas!

Aparentemente com a intenção de atribuir à psicografia um caráter científico, Paulo encerra o texto com uma curiosa observação entre colchetes:

[Depois destas palavras, nenhuma outra comunicação foi feita pelo que se dizia “espírito de Torquemada”. Como é sempre importante anotar as condições em que se deu a transmissão — visando a futuras investigações científicas — registamos a temperatura ambiente (29 °C), pressão atmosférica (760 mmHg), condições do tempo (nublado) e a hora da recepção (das 21h15m às 22h07m).]

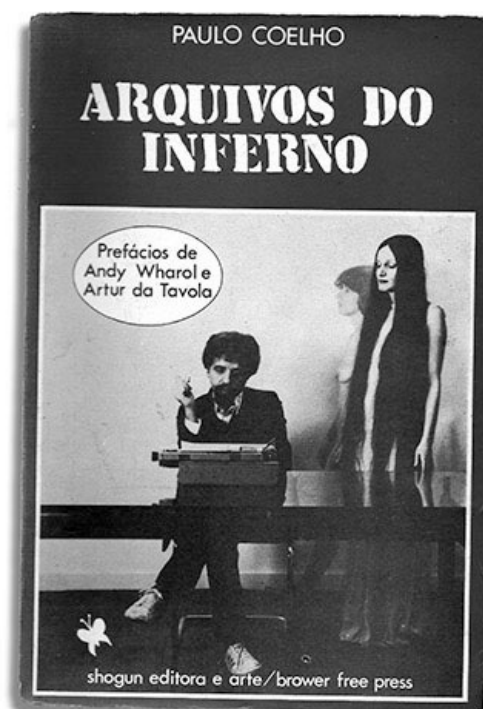
Aquela, porém, não fora a primeira ocasião em que Paulo se interessara pelo tribunal do Santo Ofício. Em setembro de 1971, ele cogitara escrever uma peça sobre o assunto e em suas pesquisas deparou com um livro de autoria de Henrique Hello, publicado pela Editora Vozes em 1936 e reeditado em 1951, cujo título era bastante sugestivo: *A Verdade sobre a Inquisição*. O texto de noventa páginas é uma longa peroração em defesa dos objetivos e dos métodos empregados pelos tribunais da Inquisição. Parte dele havia sido citada no prefácio da peça *O Santo Inquerito*, escrita em 1966 pelo dramaturgo Dias Gomes. Ao terminar sua leitura, Paulo concluíra ironicamente:

[...] Saí para trabalhar na peça sobre a Inquisição. É uma peça fácil.

É só plagiar o que um tal de Henrique Hello falou dela. Plagiar não, criticar. O sujeito tem um livro chamado “A Verdade sobre a Inquisição” a favor!

Provavelmente em função da prisão e do sequestro de que fora vítima em 1974, Paulo absteve-se de criticar o autor e limitou-se a transcrevê-lo pura e simplesmente. Uma comparação entre o que aparece em *Arquivos do Inferno* e o que foi publicado em 1936 mostra que, se de fato houve psicografia, o espírito que ditou “A Verdade sobre a Inquisição” foi o de Henrique Hello, e não o de Tomás Torquemada, uma vez que 95% do texto foi simplesmente copiado da obra de Hello.

Nada disso, porém, supera uma surpreendente informação que o autor insere logo na abertura de “A Verdade sobre a Inquisição”: Paulo afirma ali que a psicografia teria ocorrido “na noite de 28 de maio de 1974”. Ocorre, porém, que entre as 21h15 e as 22h07 da noite de 28 de maio de 1974 ele estava algemado no chão de um carro da polícia política, com a cabeça enfiada num capuz e sendo conduzido às dependências do DOI-Codi. Custa crer que os carcereiros de um dos mais violentos porões da ditadura brasileira tenham permitido a um preso redigir um ensaio de 12 mil caracteres, ainda que se tratasse de uma pregação em louvor da tortura. O próprio autor, de qualquer forma, parece ter-se dado conta de que *Arquivos do Inferno* não conseguiria parar em pé: esgotada a primeira e modesta edição, não se interessou por reeditá-lo. Quando ele já se tornara um nome internacional, a obra seria lembrada no website do escritor em discretas dezesseis palavras: “Em 1982, editou ele mesmo seu primeiro livro, *Arquivos do Inferno*, que não teve qualquer repercussão”.



Na capa de *Arquivos do Inferno*, Paulo faz pose intelectual ao lado de Chris e de Stella com os seios à mostra. Abaixo: juntos, os cinco prefácios eram quase do tamanho do livro.



Um quarto de século depois do rotundo fracasso, *Arquivos* se converteria em raridade e seria disputado por colecionadores em leilões na internet com lances mínimos em torno de 220 dólares — como se a fantasia inicial de Paulo estivesse se realizando por vias tortas.

Ao contrário de desanimá-lo, o insucesso do livro de estreia da Shogun serviu como importante ensinamento, ao deixar claro que aquela era uma empreitada que exigia profissionalismo. Decidido a tocar a editora para valer, assumiu a direção do negócio e a primeira providência que tomou foi seguir disciplinadamente, durante sete semanas, o Curso IOB por correspondência "para aprender orçamento empresarial e planejamento financeiro". O pacote de apostilas que foi obrigado a ler parece ter dado resultado, pois em 1984, dois anos depois de ativada, a Shogun

ocupava o 34º lugar no ranking das editoras brasileiras, publicado pela revista especializada *Leia Livros*. Rivalizando com casas editoriais tradicionais, como a *Civilização Brasileira* e a *Agir*, e à frente da *FTD* e até mesmo da *Rocco* (que anos depois seria a editora de Paulo no Brasil), a *Shogun* alugava estandes em feiras e bienais de livros e exibia um catálogo com mais de setenta títulos.

Entre os autores publicados, além dos proprietários, só havia dois nomes conhecidos, e não exatamente como escritores: a roqueira Neusinha Brizola, filha do então governador do Rio, Leonel Brizola (*O Livro Negro* de Neusinha Brizola), e o eterno “inimigo íntimo” Raul Seixas (*As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*). Os números que haviam empurrado a *Shogun* para a lista das maiores, no entanto, não eram decorrentes das obras de nenhum desses famosos. Ao contrário, o ouro vinha de centenas, milhares de poetas anônimos e dispersos por todo o Brasil, os quais, como acontecera com o dono da *Shogun* durante tantos anos, sonhavam em poder um dia ter nas mãos um livro com seus versos impressos em letra de forma. Em um país no qual centenas de autores jovens se cansam de bater em vão nas portas das editoras, quase implorando a publicação, a *Shogun* chegava com um verdadeiro ovo de Colombo: o “Concurso Raimundo Correia de Poesia”.

Por meio de pequenos anúncios em jornais ou panfletos distribuídos em portas de teatros e cinemas, poetas inéditos de todo o Brasil eram convidados a participar do concurso cujo nome — o mesmo da rua em que ficava a casa de Paulo e Chris, em Copacabana — homenageava o poeta parnasiano maranhense falecido no começo do século XX. O regulamento era simples: podiam se inscrever “autores, amadores ou profissionais, publicados ou não, sem qualquer limite de idade, desde que os poemas sejam em língua portuguesa”. A cada pessoa se permitia concorrer com até três poemas de no máximo duas páginas datilografadas em espaço duplo, cabendo a uma “comissão de críticos e especialistas de alto nível” (cujos nomes nunca foram divulgados) escolher os que seriam incluídos em uma antologia a ser publicada pela *Shogun*. Os selecionados recebiam um contrato pelo qual se comprometiam a pagar 380 mil cruzeiros (trezentos reais de 2008), referentes à compra antecipada de um pacote de dez exemplares — quem quisesse receber vinte livros pagaria 760 mil cruzeiros, e assim por diante. Aquilo parecia mais uma das mirabolantes operações das Organizações Arco criadas por Paulo na vila de sua infância em Botafogo, mas para surpresa do casal um dos concursos chegou a receber nada menos que 1.150 poemas, dos quais 116 foram selecionados para um livro intitulado *Poetas Brasileiros*. Para os editores tratava-se de um empreendimento de risco zero, pois a obra só era impressa depois que as quatro parcelas tivessem sido saldadas pelos autores. Cada um destes faria jus, além dos livros adquiridos, a um diploma emitido pela *Shogun*, assinado por Chris, e a um bilhete manuscrito de Paulo:

Caro Fulano:

Recebi e já li seu livro de poemas. Sem entrar no mérito do material — que é de altíssima qualidade e você sabe disto — quero cumprimentá-lo por não haver permitido que seus poemas ficassem na gaveta. No mundo de hoje, e neste momento bastante singular da História, é preciso ter a coragem necessária para divulgar os próprios pensamentos.

Novamente meus parabéns.

Paulo Coelho

Aquilo que à primeira vista parecia uma ação entre amigos revelou-se um grande negócio. Quando o casal mandou postar o último pacote de livros no correio, o caixa da *Shogun* tinha registrado a entrada de quarenta milhões de cruzeiros — equivalentes em 2008 a 320 mil reais. O sucesso de uma ideia aparentemente banal animou Paulo e Chris a repetir o projeto em escala industrial, e logo ele estava multiplicado por cinco. Além de *Poetas Brasileiros*, semanas depois a *Shogun* anunciava a abertura de concursos para a seleção dos poemas a serem publicados em quatro novas antologias, intituladas *Poetas Brasileiros de Hoje*, *A Nova Poesia Brasileira*, *A Nova Literatura Brasileira* e *Antologia Poética de Cidades Brasileiras*. Para estimular os desclassificados na primeira antologia a continuarem abrindo suas gavetas, Chris enviou a cada um deles uma animadora carta, na qual descobre-se que subira de 116 para 250 o número de poesias premiadas com a publicação:

Rio de Janeiro, 29 / agosto / 1982

Caro poeta:

Grande parte dos trabalhos não classificados no Concurso Raimundo Correia de Poesia mostrou ser de qualidade muito boa. Portanto, apesar de sermos forçados a restringir em 250 o número de poesias premiadas, resolvemos buscar uma solução para aquelas que, por não

cumprirem o Regulamento ou por não terem sido selecionadas pela Comissão Julgadora, não entraram na Antologia.

O livro “Poetas Brasileiros de Hoje”, mais um lançamento da Shogun no campo da poesia, será editado ainda este ano. Gostaríamos muito que uma de suas poesias participasse desta edição. Cada um dos autores entrará com a quantia determinada no Compromisso de Edição anexo, recebendo em troca dez exemplares da primeira tiragem. Com isto você estará pagando por exemplar apenas um pouco mais do que paga por uma revista noticiosa semanal — e estará investindo em si mesmo, aumentando a área de influência de seu trabalho e, eventualmente, abrindo as portas de uma carreira fascinante.

A Shogun, conforme o Compromisso de Edição anexo, enviará cópias de “Poetas Brasileiros de Hoje” aos mais destacados colunistas literários do país, e material informativo para mais de duas centenas de jornais e revistas importantes. Uma parcela da primeira edição será doada a bibliotecas estaduais e municipais — permitindo que milhares de leitores, através dos anos, tenham acesso à sua poesia.

Lord Byron, Lima Barreto, Edgar Allan Poe e outros grandes nomes da Literatura tiveram que financiar sozinhos a edição de seus trabalhos. Agora, com o sistema de divisão de custos, fica possível lançar o livro sem grandes despesas, e fica possível ser lido e comentado de norte a sul do país. Para participar de “Poetas Brasileiros de Hoje”, basta preencher o Compromisso de Edição anexo, assiná-lo e enviá-lo junto com o valor solicitado pela Shogun.

Qualquer dúvida, nos escreva.

Christina Oiticica

Cada vez mais populares, as antologias da Shogun pareciam ter o condão de fazer poetas românticos, parnasianos e concretistas se reproduzirem como cogumelos por todos os cantos do país. Nas noites de entrega dos diplomas e demais honrarias, eles eram tantos que, somados aos parentes e amigos, obrigaram a editora a alugar o Circo Voador, na Lapa, uma das mais novas casas de espetáculos do Rio, para acomodar a multidão de vates premiados e seus convidados. Além dessas solenidades, Chris ainda se encarregava de coordenar pessoalmente saraus públicos, em geral realizados em locais de muita afluência popular, nos quais os autores declamavam seus poemas premiados para passantes e desocupados que, com sincero interesse, paravam para ouvir poesia. Havia sempre algum contratempo, é claro, como os inadimplentes que demoravam para pagar ou o poeta que escreveu uma carta ao Jornal do Brasil protestando contra a iniciativa:

Particpei do V Concurso Raimundo Correia de Poesia, sendo agraciado com o Prêmio de Publicação do poema “Ser humano”, de minha autoria. Para que se concretizasse a publicação, tive que pagar quatro parcelas no valor total de Cr\$ 380 mil, pelos quais eu estaria comprando antecipadamente dez exemplares do livro. Na data-limite da última parcela, recebi os livros. Quando os vi e abri, fiquei decepcionado ao ponto de perder o estímulo pela leitura dos mesmos. Percebi naquele instante que havia caído num conto do vigário.

A impressão do miolo do livro é em tipografia, processo há muito tempo superado para esse tipo de trabalho. A diagramação é uma das piores que já vi, confusa e desagradável. Pela filosofia da Shogun, quem não paga não publica. Tenho conhecimento de que várias pessoas ficaram de fora, por não terem condições de pagar todas as parcelas. Cento e dezesseis poemas foram publicados. Pelos meus cálculos, a Shogun faturou um total de Cr\$ 44 milhões, com direito a movimentar nosso dinheiro desde a primeira parcela.

Pelo valor que nos foi cobrado, merecíamos coisa bem melhor. Faça as críticas com conhecimento de causa, pois sou profissional da área gráfica. Não daria o livro de presente nem o venderia ao meu pior inimigo.

Rui Dias de Carvalho — Rio de Janeiro

Uma semana depois, o Jornal do Brasil publicava a resposta da Shogun, na qual a diretora Christina Oiticica afirmava que as gráficas que imprimiam seus livros eram as mesmas que prestavam serviços a gigantes como as editoras Record e Nova Fronteira. Quanto a ganhar dinheiro com cultura, ela retrucava dizendo que tais lucros financiavam projetos que jamais interessariam a grandes editoras, como Poesia na Prisão (concurso realizado entre os presos do sistema carcerário do Rio de Janeiro), tudo isso sem depender de verbas públicas:

Não mendigamos subvenções do Estado para nossas atividades culturais. Somos independentes e nos orgulhamos disso, porque todos nós — editora e poetas — estamos provando que é possível ao artista novo ser editado e mostrar o seu trabalho.

As queixas não pareciam ser compartilhadas pelos demais autores publicados pela Shogun. Muitos anos depois, o poeta Marcelino Rodriguez se lembraria com orgulho, em seu blog na internet, de ter visto seu “Soneto Eterno” incluído nas antologias da editora:

Minha primeira aventura literária saiu pela editora Shogun, de propriedade do casal Paulo Coelho (hoje nosso mais importante escritor, embora muitos “acadêmicos” não reconheçam seu valor, talvez por não compreenderem o conteúdo da obra) e Christina Oiticica, que é uma pintora simpática e de muito talento (até hoje não esqueci o sorriso que ela me dirigiu, quando lá estive na editora).

A verdade é que, além de estímulo a jovens autores, o projeto se revelara também um empreendimento de sucesso. Organizando quatro antologias anuais, como vinha fazendo, a Shogun faturava por ano algo em torno de 160 milhões de cruzeiros — equivalentes em 2008 a 1,2 milhão de reais. Entre os anos de 1983 e 1986, quando ocorreu o boom das antologias e dos concursos de poemas, os valores podem ter sido ainda maiores, sobretudo depois que o número de premiados dobrou. Essa intensa atividade levou a editora a contratar mais funcionários, entre eles um certo Ricardo, produtor gráfico argentino que Chris e Paulo suspeitavam ser ligado aos órgãos de repressão política em seu país, mas nunca tiveram coragem de perguntar.

A caminho de completar quarenta anos, Paulo parecia ver sua vida finalmente entrar nos eixos. Chris se revelava uma mulher e tanto, o casamento se solidificava a cada dia e os negócios iam de vento em popa. Para a felicidade ser completa só faltava realizar a velha e batida ideia fixa: ser um escritor reconhecido em todo o mundo. Ele continuava recebendo orientação espiritual de Jean, mas isso não o afastou das leituras e debates públicos sobre temas esotéricos ou de sua antiga curiosidade, o vampirismo. E foi na condição de vampirólogo, em 1985, que Paulo atendeu a um convite para fazer uma palestra no maior centro de convenções da cidade, o Riocentro. O local se tornara conhecido em 1981 por ter sido palco de um fracassado atentado terrorista de extrema-direita, ocasião em que um sargento morreu e um capitão do Exército ficou ferido ao explodir antes da hora a bomba que pretendiam detonar durante um show comemorativo do Dia do Trabalho.

Desta vez o Riocentro estava sediando a primeira Feira Esotérica do Brasil, uma iniciativa do guru Kaanda Ananda, dono de uma loja de produtos esotéricos no bairro da Tijuca, no Rio, e autor do convite para que Paulo abrisse o encontro com uma conferência sobre vampirismo. Ao chegar lá, na tarde de 19 de outubro, um sábado, encontrou à sua espera o repórter Nelson Liano Jr., destacado pela Revista de Domingo do Jornal do Brasil para entrevistá-lo. Embora tivesse apenas 24 anos, Liano trabalhara nas principais redações cariocas e, assim como acontecera com Paulo, também passara por todos os tipos de drogas e tivera uma experiência mística aos treze anos, em sua cidade natal, Marília, no interior de São Paulo. Se existe amor à primeira vista também entre os esotéricos, isso acabaria acontecendo com eles. O encantamento recíproco foi tal que a conversa entre os dois só terminou quando Kaanda Ananda avisou pela terceira vez que a plateia estava lotada e que um público impaciente esperava por Paulo. Os dois se despediram com um abraço apertado, após trocarem números de telefone, e, enquanto Paulo entrava no auditório, Liano saía em direção ao estande da Editora Eco para tomar um café com o dono, seu amigo Ernesto Emanuele Mandarin.



Chris transforma a Shogun num grande negócio: acima, no estande da editora na Bienal do Livro e coordenando um sarau poético numa praça do Rio. Ao lado, o diploma oferecido aos autores selecionados.

Criada no início dos anos 60, a Eco era uma pequena editora instalada atrás do recém-inaugurado Sambódromo, no centro do Rio de Janeiro. Embora desconhecida no meio intelectual, em mais de vinte anos de funcionamento tornara-se referência entre os interessados em umbanda, candomblé, magia e simpatias populares. Em seu extenso catálogo podiam-se encontrar, naquele fim de 1985, títulos no mínimo curiosos, como *Manual da Cartomante*, *Manual de Rezas e Mandingas*, *Como Adivinhar o Futuro na Bola de Cristal*, *Cem Maneiras de Evitar Mau-Olhado* e *Como Desmanchar Trabalhos de Quimbanda* (este em dois volumes).

Somente sobre São Cipriano, santo tido como feiticeiro, a Eco havia publicado cinco obras

diferentes: *O Poderoso Livro de São Cipriano*, *O Antigo e Verdadeiro Livro de São Cipriano*, *O Livro Gigante de São Cipriano Capa de Aço*, *O Livro Gigante de São Cipriano Capa Preta* e, por fim, *O Livro de São Cipriano das Almas*. Durante o cafezinho com Mandarinino, Liano contou-lhe que acabara de entrevistar um vampirólogo:

— O cara se chama Paulo Coelho e é formado em vampirismo na Inglaterra. Agora mesmo está falando para um auditório entupido de gente sobre esse assunto: vampiros. Você não acha que isso pode dar um livro?

Mandarino arregalou os olhos:

— Vampirismo? Isso parece coisa de cinema. Será que vende livro? Na hora que acabar a palestra traz ele aqui no estande para um café.

Nem foi preciso muita conversa. Minutos depois de ser apresentado a Paulo, Mandarinino disparou uma proposta, à queima-roupa:

— Se você escrever um livro sobre vampirismo, a Editora Eco publica.

Como se fosse algo combinado, ele nem pestanejou antes de responder:

— Eu topo se o Nelson Liano aceitar escrevê-lo comigo, a quatro mãos.

Mandarino se espantou:

— Mas o Nelson me disse que vocês acabaram de se conhecer!

Paulo deu uma gargalhada:

— É verdade, mas já somos amigos para sempre.

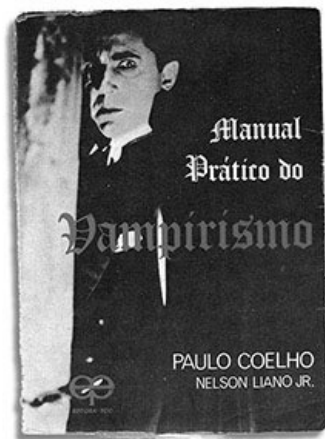
Negócio fechado. Os dois saíram de lá comprometidos a entregar à Eco os originais de um livro intitulado *Manual Prático do Vampirismo*. A obra seria organizada em cinco partes, sendo a primeira e a quinta escritas por Paulo, a segunda e a quarta por Liano e a terceira dividida entre os dois. Paulo e Chris ainda relutaram um pouco antes de bater o martelo, perguntando-se por que não editar o futuro livro pela Shogun, mas foram dissuadidos da ideia por Liano, para quem só uma editora com o perfil da Eco seria capaz de colocar adequadamente no mercado um livro sobre tal assunto — enquanto a especialidade da Shogun eram as antologias poéticas. Com a presunção de um best-seller, na hora de assinar o contrato, Paulo exigiu mudanças no modelo que a editora adotava com todos os seus autores. Preocupado com a inflação, queria prestações de contas mensais, e não trimestrais. Além disso, embora coubesse a Liano escrever metade do livro, mais a edição de texto final, Paulo ditou o seguinte adendo para a secretária de Mandarinino datilografar no pé do contrato:

Constará na capa apenas o nome de Paulo Coelho, sendo que no frontispício entrará, abaixo do título, “Produção de Nelson Liano Jr.”.

Em bom português, Liano ia escrever metade do livro e editá-lo inteiro, e apareceria apenas como produtor (e ainda assim nas páginas internas). E, conforme um adendo final proposto por Paulo, receberia apenas 5% dos direitos autorais (isto é, 0,5% do preço de capa do *Manual Prático do Vampirismo*), ficando os 95% restantes com o parceiro. Como se anteviesse ali uma galinha que ainda lhe daria muitos ovos de ouro, Mandarinino aceitou pacientemente as exigências do novato metido — e, como Liano também não apresentou objeção, assinaram o contrato uma semana depois do primeiro encontro. No prazo marcado, porém, só Liano entregou seus capítulos. Alegando excesso de trabalho na Shogun, Paulo não tinha escrito uma única sílaba da parte que lhe cabia. À medida que o tempo passava, as cobranças do parceiro e do editor Mandarinino se tornaram diárias, mas o texto não saía. Só depois de muita pressão e de ver todos os prazos estourados é que ele afinal entregou seu texto à Eco. Na última hora, talvez arrependido da injustiça que cometia com o parceiro, autorizou a inclusão do nome de Liano na capa — ainda que em corpo pequeno, como se ele fosse não o coautor, e sim um coadjuvante.

A noite de autógrafos do *Manual* aconteceu no elegante hotel Glória — em frente ao qual, onze anos antes, Paulo fora sequestrado pelo DOI-Codi —, com garçons servindo vinho branco e canapés. Criada por Chris, a capa exibia o título em letras góticas sobre uma célebre foto do ator húngaro-americano Bela Lugosi, que em 1931 se tornaria mundialmente conhecido ao interpretar o papel do conde Drácula no famoso filme de Tod Browning. Os textos discorriam sobre temas que iam das origens do vampirismo às grandes “dinastias” de sanguessugas humanos — divididas nos ramos romeno, britânico, germânico, francês e espanhol. A leitura se torna particularmente saborosa no capítulo que ensina como reconhecer um vampiro. No convívio social isso seria possível observando alguns hábitos ou traços do interlocutor. Por exemplo, ao deparar com um apreciador de carnes cruas ou malpassadas que fosse também estudioso e prolixo ao falar, era preciso se proteger: ali estava um legítimo herdeiro do romeno Vlad Dracul. Durante uma relação sexual, explicava o *Manual*, seria ainda mais fácil o leitor descobrir se dormia com um

perigoso hematófago: os vampiros não movimentam a pélvis durante o ato sexual, assegura o livro, e a temperatura de seu pênis é muitos graus mais baixa do que a dos mortais comuns. O *Manual Prático do Vampirismo*, contudo, ocultava ainda mais mistérios do que se podia perceber à primeira vista. Certamente nenhum daqueles convidados que circulavam pelo lobby do Glória bebericando vinho e sobraçando exemplares do livro recém-autografado sabia que, embora seu nome aparecesse na capa com muito mais destaque que o de Liano, Paulo não escrevera uma só palavra, uma única sílaba das 144 páginas do *Manual*. O autor jamais revelaria que, pressionado pelos prazos e sem ânimo para cumprir o prometido, resolveu contratar secretamente alguém para realizar a sua parte.





No alto, Bela Lugosi na capa do *Manual Prático do Vampirismo*. Acima, Toninho Buda (de camisa branca) reclama da ausência de seu nome na obra. Ao lado, o editor Ernesto Emanuele Mandarino, da Eco.

A escolha recaiu sobre um singular mineiro chamado Antônio Walter Sena Júnior, conhecido no mundo esotérico pela alcunha de “Toninho Buda” — apelido pouco apropriado para alguém que jamais pesou mais do que 55 quilos. Formado em engenharia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, cidade onde sempre viveu, Toninho conhecera Paulo em 1981, durante um debate sobre vampirismo no Colégio Bennett, no Rio. Estudioso de temas como magia e ocultismo, acompanhara de perto a carreira de Paulo e Raul Seixas, e sonhava com a ressurreição da velha Sociedade Alternativa. Honradíssimo com a possibilidade de ver seu nome impresso junto com o de Paulo Coelho em um livro, Toninho aceitou a tarefa em troca “do equivalente ao preço de um almoço num restaurante barato de Copacabana”, como diria depois. Escreveu um por um todos os capítulos que cabiam a Paulo e no dia combinado um envelope vindo de Juiz de Fora deixava na caixa de correio da Shogun os originais que faltavam para o livro ser impresso.

No dia 25 de abril de 1986, uma sexta-feira, Toninho Buda encontrava-se em Juiz de Fora com uma perna engessada e a outra enfaixada, ainda convalescendo de um atropelamento que sofrera semanas antes. Sentiu um golpe ao ler em uma coluna do *Jornal do Brasil* que, naquela noite, Paulo Coelho autografaria no Glória seu novo livro, *Manual Prático do Vampirismo*. Achou uma indelicadeza não ter sido sequer convidado para o lançamento, mas o melhor era acreditar que o convite não chegara a tempo. Mesmo movendo-se com dificuldade, e sempre com o auxílio de uma bengala, decidiu participar do lançamento de um livro que, afinal, era seu também. Seguiu até a rodoviária, tomou um ônibus e, depois de duas horas na estrada, entrou no Rio de Janeiro com o dia começando a escurecer. Atravessou a cidade de táxi e, escorado na bengala, subiu lentamente os quatro degraus de mármore branco da entrada principal do hotel Glória. Só então percebeu que tinha sido o primeiro a chegar: além das funcionárias da editora, que empilhavam livros sobre um móvel, não havia mais ninguém ali, nem mesmo o autor.

Aproveitou para comprar seu exemplar — além do convite, tampouco recebera um exemplar de cortesia — e sentou-se em uma poltrona no fundo do salão para lamber a cria em paz. Admirou a capa, percorreu com os olhos as primeiras páginas, o frontispício, as duas orelhas... Nada. Seu nome não aparecia em lugar nenhum daquele livro do qual metade havia sido integralmente escrita por ele. Não, não era possível, ele só podia ter lido mal. Enquanto os primeiros convidados chegavam e iam se organizando em uma fila diante da mesa onde o autor se sentaria, Toninho folheou de novo o volume, página por página, e convenceu-se de que não era engano: seu nome não constava do livro que ajudara a escrever. Já se preparava para tomar um táxi rumo à rodoviária quando viu Paulo entrar sorridente, acompanhado por Chris, Liano e Mandarino. Naquele instante o mineiro decidiu que não ia, como costumavam dizer na sua terra, perder a viagem, e desabafou, agitando para cima e para baixo o magro dedo indicador, movimento

acompanhado pelo pontudo narigão:

— Porra, Paulo! Você não botou meu nome no livro, cara! Foi a única coisa que te pedi! A única coisa que eu te pedi, cara!

Paulo fingiu não entender, pediu para ver um exemplar do *Manual*, folheou-o com os dedos e lamentou:

— É verdade, Toninho. Não puseram seu nome. Mas eu te prometo: vou mandar fazer um carimbo com seu nome e vamos carimbar toda a primeira edição. Nas próximas eu corrijo. Nesta vamos carimbar livro por livro. Me desculpe.

Mesmo desolado, Toninho Buda não estava interessado em azedar a festa do outro e achou melhor encerrar aquela conversa por ali:

— Paulo, eu não sou idiota. Não vem com essa conversa de carimbo comigo, cara. Vai lá pro teu lançamento, que está cheio de gente aí querendo autógrafo. Vai lá que eu vou-me embora, cara!

Toninho engoliu o desaforo em nome de uma esperança maior: atrair Paulo para a sonhada recriação da Sociedade Alternativa. A estratégia do mineiro era simples: tomar carona em atos públicos e manifestações populares para chamar a atenção da mídia e da opinião pública para o movimento. Meses antes ele escrevera de Juiz de Fora uma longa carta para Paulo sugerindo “ações públicas” do grupo, entre as quais propunha invadir o palco do primeiro concerto internacional Rock in Rio, na noite em que se apresentariam os brasileiros Baby Consuelo (depois Baby do Brasil) e Pepeu Gomes, ao lado de megaestrelas internacionais como Whitesnake, Ozzy Osbourne, Scorpions e AC/DC. O plano de Toninho consistia em tomar o microfone no clímax do espetáculo e meter um discurso pró-Sociedade Alternativa:

Acho que devemos fazer tudo para tomar o microfone do Rock in Rio. No entanto essa é uma coisa que vai depender quase que totalmente de você e de suas relações aí no Rio. Eu estou pronto e a fim mesmo de ir lá. Se você topa, pode começar a tomar as providências, mas não deixe de me informar do andamento, por favor.

Em janeiro de 1986, meses antes da noite de autógrafos do *Manual*, os dois haviam participado juntos de um happening no Rio. Aproveitando um ato de protesto de moradores da Zona Sul contra a decisão da Prefeitura de fechar ao público o Parque Lage, um dos pulmões verdes da cidade, resolveram infiltrar-se para anunciar o lançamento de um jornal intitulado *Sociedade Alternativa* — cujo rascunho havia sido inteiramente desenhado por Toninho. E foi ele quem se inscreveu junto aos organizadores da manifestação para fazer uso da palavra. Assim que chamaram seu nome, subiu à improvisada tribuna vestindo terno e gravata e passou a ler, diante das câmeras da tevê, o que intitulou de “Manifesto Número 11”. Era uma folha inteira de coisas do tipo “o espaço é livre, todos têm que ocupar seu espaço”, “o tempo é livre, todos têm que viver em seu tempo” e “não existe mais a classe artística: todos nós somos escritores, donas de casa, patrões e empregados, clandestinos e caretas, sábios e loucos”. Não era no conteúdo, mas na forma, que residia o caráter inusitado daquela performance. A cada frase, versículo ou pensamento que Toninho Buda lia, Chris cortava cuidadosa e silenciosamente um pedaço de sua roupa: primeiro uma gravata, um braço do terno, depois uma perna, mais um braço, uma gola, uma manga... Quando pronunciou a última frase (alguma coisa como “o grande milagre não será mais andar sobre as águas, mas caminhar sobre a terra”), ele estava completamente nu, sem um centímetro quadrado de pano sobre o corpo.

À noite, quando todos festejavam a repercussão da “ação pública” no Parque Lage, Paulo continuava resmungando sobre a necessidade de se fazer alguma coisa mais escandalosa, de impacto maior. Toninho deixou Chris e Paulo estatelados ao revelar o ato que imaginara realizar e que, em suas palavras, “deixaria a Sociedade Alternativa eternamente na memória de milhões de brasileiros”: nada menos que explodir a cabeça da estátua do Cristo Redentor. De lápis e papel na mão, expôs minuciosamente o plano que, como engenheiro, elaborara para fazer voar a cabeça de 3,75 metros de altura e trinta toneladas do monumento que a partir de 2007 se tornaria uma das sete Novas Maravilhas do Mundo Moderno. Qualquer pessoa normal colocaria para fora de casa um maluco como aquele, mas não foi isso o que Paulo fez. Ao contrário, disse apenas uma palavra:

— Prossiga.

Era o que Toninho queria ouvir. De pé, gesticulando, parecia salivar de prazer com a antevisão da grande catástrofe:

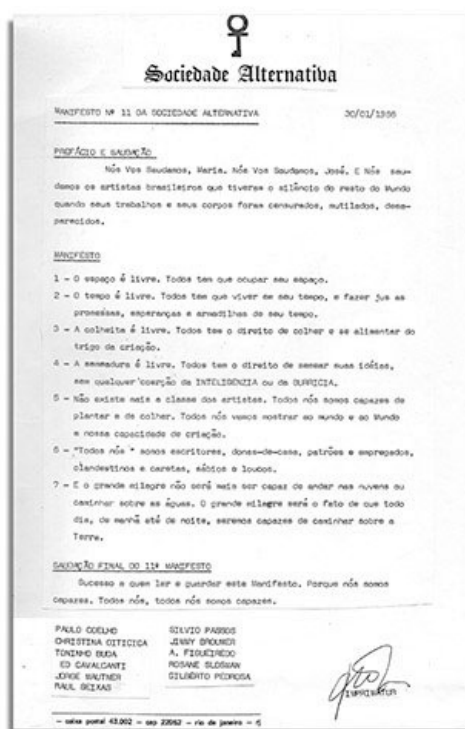
— Imagine a população do Rio de Janeiro acordar de manhã e ver o Cristo lá, sem cabeça e com aquele monte de vergalhões de ferro retorcidos saindo do pescoço em direção ao céu de anil! Imagine o édito de desagravo do papa, as multidões em procissão subindo o Corcovado em busca dos cacos para guardar de relíquia. Já pensou? A Igreja recolhendo díizimos para o milagre da

reconstrução e os traficantes dos morros se manifestando em apoio às autoridades! É aí que a gente entraria cantando “Viva! Viva a Sociedade Alternativa!” e distribuindo o primeiro número do nosso jornal com as notícias quentinhas sobre o lamentável episódio...

Era heresia demais, sobretudo para alguém em franco processo de reconciliação com a Igreja Católica, e Paulo preferiu colocar um ponto final na conversa e nunca mais tocar no assunto. Toninho só viria a saber disso meses depois, mas Paulo estava na iminência de ser admitido como Mestre da R.A.M., a ordem religiosa em que fora introduzido por Jean. A primeira e frustrada tentativa de adquirir esse grau na organização secreta ocorrera em janeiro daquele ano. Aproveitando uma viagem de trabalho ao Brasil, seu orientador marcara para o dia 2 de janeiro de 1986 a cerimônia secreta na qual ele receberia a espada, símbolo de sua ordenação como Mestre. O local escolhido foi o cume de uma das montanhas da Mantiqueira, na divisa entre os estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, ao lado de um dos pontos mais elevados do Brasil, o pico das Agulhas Negras. Além dos dois, estavam presentes apenas Chris, um guia contratado no local e um homem que também estava sendo iniciado na ordem. A única instrução que recebera era levar para lá a velha espada que utilizava havia anos em seus exercícios esotéricos. Segundo o próprio Paulo narra no prólogo de seu primeiro grande sucesso literário, *O Diário de um Mago*, juntaram-se todos ao redor de uma fogueira e a liturgia teve início quando Jean apontou para o céu uma espada novinha em folha que trouxera e nem tirara da bainha, proferindo as seguintes palavras:

— Que diante da face sagrada de R.A.M. você toque com suas mãos a palavra da vida e receba tanta força que se torne testemunha dela até os confins da terra!

Depois de cavar, com as mãos nuas, uma cova rasa e comprida, Paulo recebeu de Chris sua velha espada para ali ser depositada e enterrada, enquanto ele, ofegante e com voz trêmula, pronunciava as frases do ritual. Ao terminar, viu que Jean colocava sobre a cova a nova e tão esperada espada. Ainda segundo ele, todos estavam de braços abertos quando um fenômeno aconteceu: “O poder do Mestre fez com que em volta de nós se formasse uma espécie de luz estranha, que não clareava, mas era visível, e fazia com que o vulto das pessoas tivesse uma cor diferente do amarelo projetado pela fogueira”. Aproximava-se o ápice, não apenas da cerimônia, mas de uma longa jornada. Ainda sem acreditar no que estava vivendo, ouviu as palavras que Jean proferia enquanto riscava levemente a sua testa com a ponta da lâmina da espada nova:





Apesar de tudo, Paulo continua firme na bruxaria. Acima, o manifesto lido por Toninho Buda enquanto Chris cortava as roupas. Abaixo, panfleto para uma das apresentações da trupe crowleyana.

— Pelo poder e pelo amor de R.A.M., eu te nomeio Mestre e Cavaleiro da Ordem, hoje e para o resto dos dias desta tua vida. R de Rigor, A de Amor, M de Misericórdia; R de Regnum, A de Agnus, M de Mundi. Quando você tocar sua espada, que ela jamais fique muito tempo na bainha, porque haverá de enferrujar. Mas, quando ela sair da bainha, que jamais volte sem antes haver feito um bem, aberto um caminho ou bebido o sangue de um inimigo.

A tremedeira diminuiu e pela primeira vez, desde que chegara àquele lugar gelado, Paulo sentiu alívio. Quando sua mão tocasse a espada que Jean estendera no chão, ele seria afinal um mago. Nesse instante alguém desferiu uma violenta pisada sobre os dedos da mão direita que ele acabava de estender sobre a espada. Embora depois chegasse a temer que tivesse fraturado algum osso, na hora o susto foi maior que a dor: ergueu os olhos e viu que era de Jean o sapato que quase o aleijara. Furioso, o francês recolheu do chão a espada, colocou-a de novo na bainha e a entregou a Chris. Paulo percebeu então que a estranha luz desaparecera e que Jean parecia concentrar a ira de todos os deuses:

— Se fosse mais humilde, você teria recusado a espada. Se fizesse isso ela lhe seria entregue, porque seu coração estava puro. Mas, como eu temia, no momento sublime você escorregou e caiu. Por causa da sua avidez, você terá de caminhar novamente em busca de sua espada. E, por causa de sua soberba e de seu fascínio pelos prodígios, terá de lutar muito para conseguir de novo aquilo que tão generosamente ia sendo entregue a você.

A cerimônia terminou melancolicamente. Sozinhos no carro, de volta para o Rio de Janeiro, ele e Chris ficaram em silêncio durante um longo tempo, até que Paulo não resistiu à curiosidade e perguntou:

— O que vai acontecer comigo agora? O Jean te disse alguma coisa?

Serena, a esposa o tranquilizou, dizendo que com certeza ele iria recuperar a espada e o título de mestre, ou mago. Chris recebera de Jean instruções precisas sobre onde deveria esconder a espada para que o marido tentasse reavê-la. Ainda mais ansioso, Paulo quis saber que lugar tinha sido escolhido como esconderijo, mas ela não conseguiu responder com precisão:

— Isso ele não explicou direito. Ele disse que é para você procurar no mapa da Espanha uma antiga rota medieval conhecida como o Caminho de Santiago.

Ao buscar informações em agências de viagens, Paulo descobriu que, naquele ano de 1986, era quase nulo o interesse pelo chamado Caminho de Santiago. Menos de quatrocentos peregrinos se aventuravam anualmente a percorrer os setecentos inóspitos quilômetros do místico roteiro entre a cidade de Saint-Jean-Pied-de-Port, no Sul da França, e a catedral da cidade de Santiago de Compostela, capital da Galícia, no Noroeste da Espanha, que desde o primeiro milênio do cristianismo era percorrido por peregrinos em busca do suposto túmulo do apóstolo Tiago. O fenômeno espanhol que naquela época atraía milhões de turistas de todos os cantos do mundo nada tinha de religioso. Ao contrário, tratava-se da Movida madrilenha, um movimento sociocultural nascido na capital da Espanha após a morte do general Francisco Franco, em novembro de 1975, ao cabo de uma ditadura de quatro décadas. Como bem resumiu, em meados dos anos de 1980, o jornal francês *Le Monde Diplomatique*, a Movida era para ser apenas “um porre para festejar o fim do franquismo, mas esse pileque já dura mais de dez anos”. No início, a Movida consistiu apenas em uma tentativa do prefeito eleito de Madri, o velho socialista Enrique Tierno Galván, de levantar um pouco a autoestima dos espanhóis, e sobretudo a dos madrilenhos, durante o processo de redemocratização. Sair para a Movida significava percorrer uma via-sacra de bares, restaurantes, casas de shows, teatros e cinemas — e só voltar para casa quando o bolso ou o corpo estivessem fora de combate.

Quem quisesse exercitar seus talentos de músico, dançarino, malabarista ou cantor podia fazê-lo em praça pública, pois plateia não era problema. “Madri não dorme!”, exclamavam camisetas e buttons. Cartazes convocavam a população com frases de impacto como “Madri me mata!” e “Esta noite, todo mundo na rua!”, que se convertiam em slogans e gritos de guerra das tribos que circulavam dia e noite pela cidade. O movimento se espalhou para as artes em geral e contagiou sobretudo o cinema, que deu uma nova face à Espanha ao trocar a carranca do franquismo pelo deboche genial do mais dileto filho da Movida e um de seus militantes mais entusiasmados, o cineasta Pedro Almodóvar.

Para quem estava a caminho de uma penitência, como Paulo Coelho, não poderia haver escala mais tentadora do que a capital espanhola e sua Movida. Só faltava tomar coragem e embarcar. A frustração provocada pelo episódio no pico de Agulhas Negras fora tal que ele nem chegara a festejar a realização de um velho sonho: sua conta bancária tinha batido no equivalente a 300 mil dólares. Sem representar qualquer atrativo, a rotina da Shogun ia sendo assumida por Chris, enquanto ele passava os dias em casa, enchendo páginas e páginas de diários com as mesmas lamúrias de sempre:

Há muito tempo não sentia uma revolta como estou sentindo hoje. E não é contra Jesus, mas contra minha própria incompetência de não conseguir ter força de vontade suficiente para realizar meus sonhos.

De novo em crise com a fé, sentia que as forças lhe faltavam e com frequência afirmava ter vontade de se converter “ao ateísmo total”. Nunca perdera de vista o compromisso assumido com Jean (há vários registros em seu diário do tipo “... só na peregrinação vou me iluminar e me encontrar”), mas, como parecia decidido a adiar eternamente a viagem, coube a Chris tomar a iniciativa. Sem que o marido soubesse, no final de julho ela recorreu a uma agência de viagens, comprou duas passagens e anunciou em casa o fato consumado:

— Vamos para Madri.

Ele ainda tentou procrastinar mais uma vez a partida, alegando que a editora não poderia permanecer sem comando e que aquela história de localizar uma espada que Chris esconderia em uma estrada de setecentos quilômetros de extensão também parecia algo meio sem pé nem cabeça:

— Será que meu Mestre não me deu uma tarefa impossível de cumprir?

Ela, porém, estava decidida:

— Há sete meses que você não faz nada. Está na hora de cumprir o compromisso que assumiu.

Assim, no início de agosto de 1986 os dois desembarcaram no Aeroporto Internacional de Barajas, em Madri, onde os esperava o esquelético escravo Antônio Walter Sena Júnior — ele

mesmo, o próprio Toninho Buda, que sonhara dinamitar a cabeça do Cristo Redentor. E era com esta palavra — “escravo” — que Paulo passara a se referir e se dirigir a ele desde que, decidido a fazer o Caminho de Santiago, contratara o engenheiro como ajudante. Mal feito da frustração que lhe causara o *Manual Prático do Vampirismo*, Toninho estava montando um restaurante macrobiótico em Juiz de Fora quando recebeu a proposta — sim, porque Paulo deixara claro que não se tratava de um convite para viajarem juntos, mas de um contrato de trabalho. Ao saber, ainda por telefone, dos detalhes da proposta, Toninho iniciou um diálogo surrealista com o amigo — surrealista inclusive por ser uma escravidão remunerada:

— Mas o que você está me propondo é trabalho escravo!

— É exatamente isso: quero saber se você topa ser meu escravo durante os dois meses que vou passar na Espanha.

— Mas o que é que eu vou fazer lá? Não tenho um tostão, nunca saí do Brasil, nunca pus os pés num avião.

— Não se preocupe com dinheiro. Eu lhe dou a passagem e lhe pago um salário mensal de 27 mil pesetas.

— Quanto é isso em dólares?

— Deve dar uns duzentos dólares. Um dinheirão, se você considerar que a Espanha é o país mais barato da Europa. Topa?

Aos 36 anos, solteiro e desimpedido, Toninho não via por que recusar: afinal, não era todo dia que alguém o convidava para ir à Europa, não importava para fazer o quê. E, se as coisas não dessem certo, bastava tomar um avião de volta. Mas só ao chegar ao Rio, de malas prontas para o embarque, e ler o contrato de trabalho datilografado por Paulo é que descobriu que as coisas não eram bem assim. Em primeiro lugar, enquanto o casal Coelho embarcaria em um voo da Iberia com direito a uma noite de hotel, para economizar dinheiro Paulo lhe comprara uma passagem pela malfalada Linhas Aéreas Paraguias (LAP). Além dos riscos de voar em uma empresa que era uma das campeãs mundiais de insegurança, ele seria obrigado a embarcar em Assunção, no Paraguai, a fim de seguir para Madri. E, por se tratar de passagem ponto a ponto, o que a barateava ainda mais, ela só poderia ser usada nas datas previamente estabelecidas, o que significava que, chovesse ou fizesse sol, só poderia retornar ao Brasil no começo de outubro, dali a dois meses. Amarelado pelo tempo e perdido no fundo de um baú do Rio de Janeiro, o contrato mostra quão draconianas eram as condições impostas por Paulo a seu escravo — aqui chamado de “Tony”:

COMBINAÇÕES

1 - Se Tony for dormir no meu quarto, só irá na hora própria de dormir, já que estarei trabalhando lá durante o dia e a noite.

2 - Tony receberá uma ajuda de custo de US\$ 200 por mês, reembolsáveis quando ele chegar no Rio se o mesmo quiser, mas sem obrigatoriedade.

3 - No caso de meu quarto ou apartamento estar ocupado com outro(a) habitante, Tony dormirá por sua própria conta em outro lugar.

4 - Todos os programas que eu quiser fazer e desejar que Tony acompanhe serão por minha conta.

5 - A viagem com Chris não terá a companhia de Tony, que esperará em Madri.

6 - Tony foi bem avisado dos seguintes itens:

6.1 - que a passagem aérea não permite desmarcar a data da volta;

6.2 - que é ilegal trabalhar lá;

6.3 - que exceto a ajuda mensal de US\$ 200, terá que arranjar dinheiro por sua própria conta;

6.4 - que, se desmarcar a passagem de volta, terá que pagar o correspondente a uma tarifa normal (US\$ 2.080), descontados os US\$ já pagos pela passagem ponto a ponto.

1º de agosto de 1986

Antônio Walter Sena Júnior
Paulo Coelho

Ao ler aquela enormidade, Toninho Buda chegou a pensar em voltar para Minas, mas o desejo de conhecer a Europa era maior e não lhe restou alternativa senão assinar as “Combinações”. Como os horários de voos não coincidiam, ele embarcou um dia antes de Paulo e Chris, em uma viagem que começou com o pé esquerdo: ao desembarcar no aeroporto de Madri, permaneceu

três horas tentando explicar às autoridades, sem falar uma palavra de castelhano, como pretendia passar sessenta dias na Espanha com as quatro notas de dez dólares que levava no bolso. Viu-se submetido à humilhação de ser despido, interrogado e, finalmente, liberado. No dia seguinte, 5 de agosto, uma terça-feira, estava de novo no Aeroporto de Barajas esperando a chegada de seu amo. Toninho havia se instalado na pensão de uma velhinha cega que odiava o Brasil (“um país de mulheres sem-vergonha”, resmungava) e trancava a porta de entrada às onze da noite — a partir daquela hora, quem na rua estivesse na rua dormiria. A única vantagem oferecida pela pensão de dona Cristina Belarano era a insignificância de seiscentas pesetas cobradas como diária, aí incluído o modesto café da manhã. Os recém-chegados dormiram apenas a primeira noite juntos em Madri. No dia seguinte Chris alugou um carro e saiu para esconder a espada do marido no local indicado por Jean.

Fazia um calor sufocante na capital espanhola naquele dia 7 de agosto de 1986 quando Paulo deixou a cidade em um carro alugado. Dirigiu cerca de 450 quilômetros em direção ao norte, atravessou a fronteira com a França e devolveu o veículo em uma sucursal da locadora na cidade de Pau, onde dormiu duas noites. Na manhã de domingo, dia 10, tomou um trem até os Pireneus e ali fez aquela que seria a última anotação no diário antes de retornar da peregrinação:

*11h57 - S. Jean-Pied-de-Port
Festa na cidade. Uma música basca ao longe.*

Logo abaixo, a mesma página recebeu um carimbo onde se pode ler uma inscrição em latim — “St. Joannes Pedis Portus” —, ao lado do qual há uma anotação manuscrita em francês e assinada por alguém chamado “J” e cujo sobrenome seria algo parecido com “Relui” ou “Ellul”:

*Saint-Jean-Pied-de-Port
Basse-Navarre
Le 10 août 1986
J.*

Esse J inicial seria de Jean, o de Amsterdã e de Agulhas Negras? Como costuma ocorrer sempre que alguém tenta transpor com muitas perguntas a fronteira de seu mundo místico, Paulo Coelho não confirma nem desmente. Todos os indícios apontam para Jean como sendo a pessoa que estaria em Saint-Jean-Pied-de-Port (em nome da ordem religiosa R.A.M., provavelmente) para assegurar-se, de papel passado, de que o discípulo estava mesmo iniciando o cumprimento da ordália que lhe fora imposta. A peregrinação só terminaria na cidade espanhola de Cebrero, onde ele localizou a espada e interrompeu a caminhada. Durante muitos anos um motorista de táxi chamado Pedro, residente na cidadezinha de Roncesvalles, a meio caminho entre Pamplona e Saint-Jean-Pied-de-Port, contou para quem quisesse ouvir que o escritor, já famoso em todo o mundo, na verdade percorrera o trajeto instalado no banco de trás de seu confortável Citroën equipado com ar-condicionado. A intriga durou quinze anos, até que em 2001 a rede nipônica de tevê NHK decidiu produzir o documentário *Viagem ao Mundo do Alquimista*, sobre a vida de Paulo. No capítulo que tratava do Caminho de Santiago, os japoneses instalaram suas câmeras em Roncesvalles e montaram uma armadilha para o taxista, que confirmou com detalhes como teria sido a cômoda travessia feita em agosto de 1986. Antes que as câmeras tivessem sido desligadas, os jornalistas convidaram Paulo a se aproximar e ficar diante do motorista, a quem o entrevistador perguntou:

— O senhor sabe quem é este homem?

Pedro olhou-o de cima a baixo e respondeu com um muxoxo:

— Não tenho a menor ideia, não, nunca o vi antes.

Revelada a identidade do sujeito de cabelos raspados e rabo de cavalo na nuca, o motorista parecia desolado diante das câmeras, quase chorando ao explicar que tudo não passara de uma jogada de marketing para aumentar o faturamento:

— Eu nunca quis fazer mal a ninguém, muito menos ao sr. Coelho. Como os peregrinos gostam de escutar histórias do Caminho, inventei isso ao perceber que todo mundo preferia viajar com o motorista que transportou Paulo Coelho.

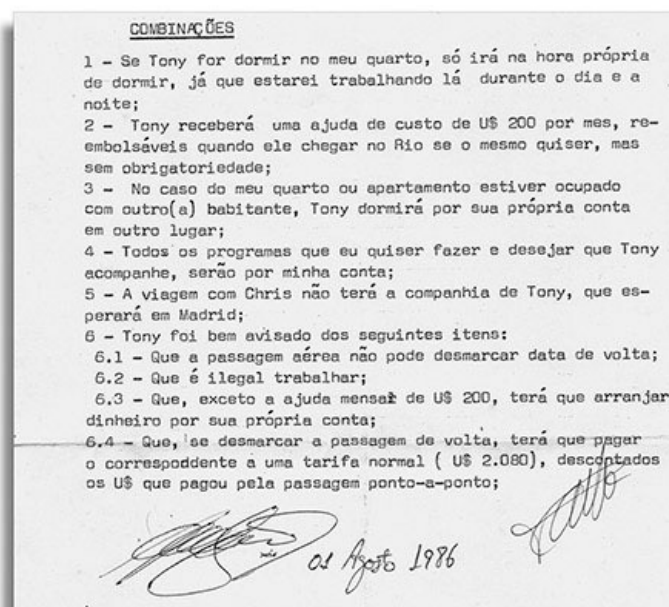
O episódio animou Paulo a incluir no prefácio das edições seguintes do *Diário* um pequeno trecho em que ele libera o leitor para acreditar na versão que preferir, alimentando ainda mais o mistério sobre a viagem:

Tenho escutado todo tipo de comentário a respeito de minha peregrinação; desde que a fiz

inteiramente de táxi (imagine o preço!) até que tive a ajuda secreta de algumas sociedades iniciáticas (imagine a confusão).

Os leitores não precisam ter certeza se fiz ou não a peregrinação: desta maneira, buscarão a experiência pessoal, e não aquilo que eu vivi (ou não?).

Fiz a peregrinação apenas uma vez — e mesmo assim, não a fiz por completo. Terminei no Cebrero e peguei um ônibus até Santiago de Compostela. Muitas vezes penso nesta ironia: o texto mais conhecido sobre o Caminho, neste fim de milênio, foi escrito por alguém que nunca o fez até o final.



O contrato de trabalho escravagista, mas remunerado, que Paulo assinou com Toninho Buda para a temporada espanhola.

A localização da espada — momento mais importante e misterioso de toda a viagem, e que só é revelado no final do livro — aconteceu ao se aproximar da cidade de El Cebrero, quando ainda faltavam 150 quilômetros para chegar a Santiago. Ali Paulo deu com um trôpego cordeiro sem dono à beira da estrada. Movido por algum tipo de intuição, passou a seguir o animal, que se embrenhou mato adentro até um ponto em que podia ver luzes no interior de uma velha igreja erigida ao lado de um pequeno cemitério, na entrada da cidade, como ele relata no livro:

A capela estava cheia de luz quando cheguei à sua porta. [...] O cordeiro se esgueirou por um dos bancos e eu olhei em frente. Diante do altar, sorrindo — e talvez um pouco aliviado —, estava o Mestre. Com minha espada na mão. Eu parei e ele se aproximou, passando direto por mim e saindo até o lado de fora. Eu o segui. Diante da capela, olhando para o céu escuro, ele desembainhou a minha espada e pediu que eu segurasse no punho junto com ele. Apontou a lâmina para cima e disse o Salmo sagrado daqueles que viajam e lutam para vencer:

— Caiam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita, tu não serás atingido. Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda; pois a seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.

Então eu me ajoelhei, e ele tocou com a lâmina nos meus ombros enquanto dizia:

— Pisarás o leão e a áspide. Calcarás aos pés o leãozinho e o dragão.

Paulo conta que, no exato momento em que Jean terminou de falar, um pesado aguaceiro de verão desabou sobre o lugar. “Tentei buscar com os olhos o cordeiro, mas ele havia desaparecido”, escreveu, “entretanto, isso não tinha a menor importância: a água viva descia dos céus e fazia com que a lâmina de minha espada brilhasse.” A julgar pela recompensa que o peregrino se deu depois, o esforço para encontrar a espada deve ter sido sobre-humano.

Como uma criança que estivesse festejando alguma forma de renascimento, Paulo entregou-se de corpo e alma à Movida madrilenha. Trocou o hotel em que se hospedara ao chegar por um agradável flat mobiliado no elegante bairro de Alonzo Martinez e caiu na festa que arrebatava a Espanha. Até o começo de outubro continuou contando com o trabalho de Toninho Buda — a

quem, no diário, se referia como “o escravo” ou apenas “o esc.” —, mas logo descobriu que contratara o servo errado. Enquanto Paulo se convertera em um sibarita disposto a aproveitar até a última gota da vida boêmia, Toninho revelou-se um vegetariano radical que só se alimentava de minúsculas porções de comida macrobiótica e não bebia nada que contivesse álcool. Sua recusa a provar um gole de um vinho da Rioja, uma das mais afamadas regiões vinícolas do mundo, deixara Paulo indignado:

— Experimenta, escravo. Não há vinho melhor do que este, mas pelo jeito você não tem mesmo sensibilidade...

Não bebia, não comia carne e tampouco podia varar as noites com o patrão, pois era obrigado a se recolher à pensão de dona Cristina às onze da noite, hora em que a Movida mal começava a ferver. E, com frequência cada vez maior, reclamava que o salário não estava sendo suficiente para sobreviver. Numa dessas ocasiões acabaram mantendo um diálogo áspero, após mais uma queixa de Toninho Buda:

— Paulo, o dinheiro não está dando nem para a comida.

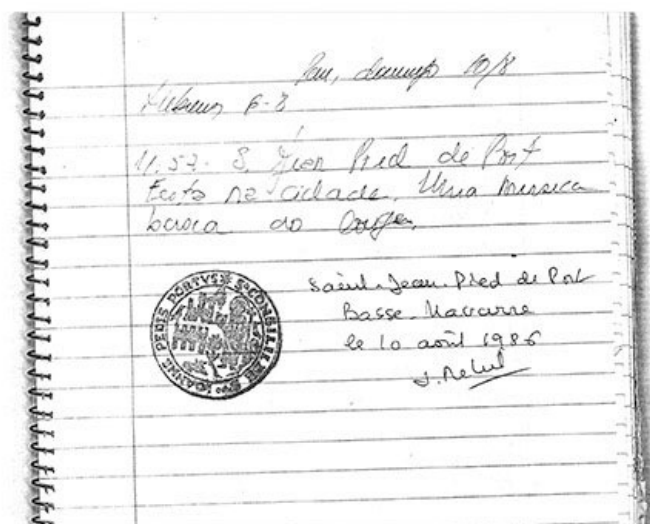
— Acho melhor você reler nosso contrato. Lá está escrito que se o orçamento estourasse você teria que arranjar dinheiro por sua própria conta.

— Porra, Paulo, mas no nosso contrato também está escrito que estrangeiro está proibido de trabalhar aqui na Espanha!

— Olha, escravo, isso é bobagem. Todo mundo aqui se vira. Você não é aleijado nem nada, então se vire!

Foi o que lhe restou fazer. Quando os dedos raspavam o último tostão do fundo do bolso ele recorria ao velho violão que levava do Brasil:

Escolhia uma movimentada estação de metrô, sentava no chão e punha-se a cantarolar músicas brasileiras ao som do instrumento. A seu lado um boné de boca para cima esperava as moedas e as raras cédulas atiradas pelos transeuntes. Toninho nunca podia ficar muito tempo no mesmo ponto, porque os fiscais acabavam enxotando-o de lá junto com os demais pedintes, mas uma hora de cantoria costumava render entre oitocentas e mil pesetas, o suficiente para pagar um prato de comida e a diária na pensão. Outra saída para amealhar mais trocados era valer-se de seus rudimentares conhecimentos de massagens asiáticas para dedicar-se clandestinamente a uma atividade que não exigia que falasse castelhano nem qualquer outra língua: massagista, no caso dele “especializado no método shiatsu”. Pensou em colocar um anúncio classificado em um dos jornais de Madri, mas o preço era proibitivo. Com a ajuda de um amigo, conseguiu que uma alma generosa imprimissem um pacote de cartões em que ele se oferecia para realizar “massajes terapeuticos a domicilio para insomnio, cansancio, tensión”. No dia em que os impressos ficaram prontos, grudou um exemplar no caderno-diário e escreveu acima dele:



Em Saint-Jean-Pied-de-Port, quilômetro zero do caminho de Santiago, um mistério: o “J. Relul” que assina o diário de Paulo seria Jean, o mestre?

5ª feira 25 set 86

Acordei tarde, mas fui correr no Parque do Retiro. Ao voltar tive diarreia e perdi as forças completamente. Paulo me ligou e eu disse a ele que vai ser preciso acontecer algum milagre

para conseguirem me segurar aqui... Fiz o cartão de massagista para distribuir em locais estratégicos de Madri, mas eu é que estou precisando de uma massagem! Preciso me fortalecer. A tensão está me arrebatando...

Alheio aos padecimentos do “escravo” (que retornaria ao Brasil no começo de outubro sem se despedir), Paulo só queria saber de festa. Almoçava e jantava em bons restaurantes, ia muito a cinemas e museus e acabou se entregando a duas novas paixões: as touradas e os jogos eletrônicos de fliperama, também conhecidos como pinball. Nestes, em geral só deixava a máquina depois de quebrar o recorde do jogador anterior. Com o passar do tempo ele se tornaria de tal forma aficionado às corridas de touros que era capaz de viajar horas de trem para ver determinado toureiro — ou touro — em atuação. Se não houvesse touradas, passava as tardes de pé em botequins cheios de adolescentes, com as mãos e os olhos grudados na tela iluminada do joguinho. Quando não parecia haver mais nada para inventar, ele se matriculou em um curso para aprender a tocar castanholas. Não foi preciso muito tempo, porém, para o velho pêndulo euforia-depressão voltar a torturar sua alma. Tinha 300 mil dólares no banco e cinco apartamentos rendendo aluguéis regulares, estava bem casado e acabara de receber sua espada de Mestre, ou de Mago (sempre com as iniciais maiúsculas, como ele grafava), mas continuava infeliz. Apesar da vida agitada que levava, encontrou tempo para encher, entre setembro e janeiro, quando retornaria ao Brasil, mais de quinhentas páginas de diário. A maioria delas, claro, repetia pela enésima vez a cantilena que vinha registrando fazia vinte anos e que havia se transformado num mantra choroso: “Vou fazer quarenta anos e ainda não sou um escritor consagrado”. No final de outubro, Chris apareceu em Madri para uma visita de poucas semanas e jogou ainda mais sal em suas feridas. Num dia em que o marido exaltava a capacidade de produção do pintor espanhol Pablo Picasso, ela aproveitou para abrir o jogo:

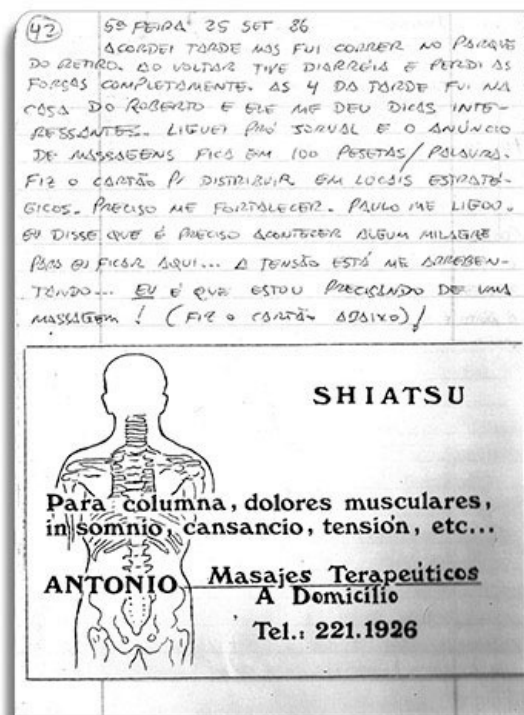
— Olha aqui, Paulo, você tem tanto talento quanto ele. Mas desde que eu te conheci, seis anos atrás, você não produziu nada. Eu dei e vou continuar dando todo o apoio que você precisar. Mas você precisa ter um objetivo concreto e persegui-lo com tenacidade. Só assim você chega aonde quiser.

Quando Chris voltou para o Brasil, no começo de dezembro, a cabeça dele estava pior do que antes. Vivia lamentando que perdera a capacidade de contar “até histórias de mim mesmo ou da minha vida”. Achava que o diário estava ficando “chato, medíocre e sem assunto”, mas afinal reconhecia que a responsabilidade era sua: “Nem mesmo o Caminho de Santiago eu contei aqui”. Segurando-se à custa de doses regulares de Somalium, nos momentos em que a depressão batia pesado Paulo ameaçava entregar os pontos:

Às vezes penso no fundo da minha alma em me suicidar de pavor das coisas, mas tenho fé em Deus que jamais farei isso. Seria trocar o medo por um medo maior. Eu tenho que afastar essa ideia de que escrever um livro seria uma coisa importante a fazer em Madri. Talvez eu fosse capaz de ditar um livro para alguém.

Em meados de dezembro, Chris ligou para dizer que não aguentava mais trabalhar ao lado do sogro, na Shogun:

— Paulo, teu pai é muito difícil. Eu preciso que você venha logo para cá.



Peripécias do engenheiro Toninho Buda: acima, no diário, ele conta que teve que virar massagista para sobreviver em Madri. Abaixo, depois de voltar ao Brasil, como cover de Raul Seixas.



Engenheiro à moda antiga, Pedro Queima Coelho não concordava com os gastos que a editora fazia com propaganda e isso acabou gerando atritos permanentes entre ele e a nora. O telefonema tinha sido um ultimato para ele iniciar a contagem regressiva e se preparar para voltar — com ou sem livro escrito. Esta última responsabilidade, pelo menos, Paulo havia transferido para Deus, ao implorar, no diário, que o Criador lhe desse algum sinal quando chegasse a hora de começar a escrever. Dias depois, em uma terça-feira em que Madri amanheceu gelada, saiu cedo para caminhar no Parque del Retiro, no centro da cidade. Ao voltar para casa, correu direto para o diário:

Mal dei alguns passos na calçada quando vi o sinal específico que havia pedido a Deus: uma pluma de pombo. Cheguei a hora de me dedicar a esse livro com toda a minha vontade.

Nas biografias e sites oficiais, *O Diário de um Mago* aparece como tendo sido escrito no carnaval de 1987, mas há claros indícios no diário do autor de que as primeiras linhas do livro começaram a nascer quando ainda estava na Espanha, pois, um dia após receber o que acredita ter sido um sinal divino, ele se pôs a trabalhar no livro, consciente de que estava diante de algo muito importante:

15/12 – Eu não posso escrever este livro como se fosse um livro qualquer. Eu não posso escrever este livro para passar o tempo, ou justificar minha vida e/ou meu ócio. Eu tenho que escrever este livro como se fosse a coisa mais importante da minha vida. Porque este livro é o começo de uma coisa muito importante. É o começo de meu trabalho de doutrinação na R.A.M. e é a ele que eu tenho que me dedicar daqui para a frente.

18/12 – Escrevi durante uma hora e meia. O texto me saiu fácil, mas falta muita coisa. Me pareceu muito inverossímil, muito estilo Castañeda. A primeira pessoa me preocupa. Uma outra alternativa seria um diário mesmo. Talvez tente essa amanhã. Acho que a primeira cena está boa, de modo que dá pra fazer variações sobre o tema até encontrar a maneira correta.

O milagre, aparentemente, estava se processando. Aproximava-se a hora de voltar para o Rio, mas um ano louco como aquele não poderia acabar sem surpresas adicionais. No dia 31 de dezembro, Paulo foi procurado por sua amiga Norma Jacobs — uma senhora que trabalhava na Embaixada do Brasil, ajudava a promover artistas brasileiros na Europa e era conhecida como *la gorda roquera brasileña* com uma proposta inusitada: substituir o pandeirista de um grupo carioca de samba e mulatas que iria tocar na festa de réveillon de uma importante família madrilenha e fora acometido de uma gripe fortíssima. Ele tentou escapular, mas não queria magoar Norma, a quem devia muitos favores. Tudo acertado, *la gorda* fez uma recomendação final para o grupo: não falar palavrões durante a festa, porque o dono da casa era um alto dirigente da Opus Dei, a ultraconservadora prelazia da Igreja Católica. Só minutos antes de chegar ao casarão regurgitando de mulheres de vestidos longos e homens de black tie é que Paulo soube que todo o grupo — ele inclusive — teria que trabalhar vestido com a camisa de um dos mais populares clubes de futebol do Brasil, o Flamengo. A batucada correu solta, com as mulatas rebolando diante do olhar esgazeado da pia plateia, e, pouco depois da virada do ano, já estavam todos guardando os instrumentos. Paulo dirigiu-se ao dono da casa para receber o cachê. Com a maior sem-cerimônia, o homem foi de uma franqueza desconcertante:

— Não gostei, e, portanto, não vou pagar.

Paulo reagiu de dedo em riste e elevando de propósito a voz, para que todos soubessem da ameaça de calote:

— Não gostou? Problema seu! Eu quero meu dinheiro e não saio daqui sem ele!

A prudência parecia ser uma das peregrinas virtudes do contratante do show. Ao perceber que Paulo não estava brincando, tirou um maço de notas do bolso e o entregou a Norma, para que ela pagasse o cachê daqueles selvagens — desde que isso fosse feito fora da casa dele:

— Aí está o dinheiro. Agora vocês se retirem, por gentileza, porque tenho de atender meus convidados.

Paulo saiu de lá feliz por ter abaixado a crista do santarrão. Deu os primeiros passos de 1987 em meio às centenas de milhares de pessoas que se embriagavam nas ruas de Madri festejando a passagem de ano. Entrou na primeira casa de fliperama que encontrou aberta, pediu um sanduíche de presunto e queijo, uma cerveja preta e colocou uma ficha na máquina, que projetava no seu rosto a luz multicolorida produzida pelo choque das esferas de aço que subiam e desciam. Minutos depois de ter iniciado o jogo, pimba! — quebrou seu próprio recorde. Não poderia haver melhor sinal de que o ano de 1987 começava muito bem.

A primeira providência de Paulo ao retornar ao Brasil foi convencer o pai a se afastar da Shogun para que Chris pudesse trabalhar em paz — o que acabaria ocorrendo sem ressentimentos. Na sua ausência, ela não só tocara os negócios da editora com grande competência como tentara exportar o sucesso dos concursos de poesias para além das fronteiras do Rio de Janeiro criando antologias regionais. No segundo semestre de 1986, a Shogun abriu o concurso que redundaria na I Antologia de Poetas Paraenses, mas, como apareceram apenas 44 gatos-pingados (no Rio eles continuavam chegando às centenas), a experiência morreu na primeira edição. A certeza de que Chris cuidava da empresa tão bem ou até melhor do que ele era um estímulo a mais para que Paulo se dedicasse integralmente ao livro. O escritor, no entanto, ainda tinha dúvidas, muitas dúvidas: seria mesmo o caso de escrever um livro relatando a peregrinação? Não seria apenas mais um livro sobre o assunto? Por que não desistir dessa ideia e tocar outro projeto, o de escrever um *Tratado de Magia Prática*? E o livro, qualquer que fosse o tema, deveria ser publicado pela Shogun ou entregue à Eco, como fizera com o *Manual Prático do Vampirismo*?

Essas incertezas duraram até 3 de março de 1987, uma terça de carnaval. Nesse dia Paulo sentou-se diante da Olivetti elétrica decidido a só sair dali quando colocasse o ponto final da última página de *O Diário de um Mago*. Trabalhou freneticamente durante 21 dias, período em que não tirou os pés de casa, só se levantando da cadeira para comer, dormir e ir ao banheiro. Quando Chris chegou para jantar, no dia 24, o marido tinha diante de si um pacote com duzentas páginas, prontinho para ser enviado à gráfica. A decisão de editá-lo pela Shogun amadurecia na sua cabeça e ele chegou mesmo a publicar pequenos anúncios classificados no caderno Ideias, que acompanhava a edição do *Jornal do Brasil* aos sábados, nos quais havia apenas uma curta chamada: “Vem aí! *O Diário de um Mago* — Editora Shogun”.

Quem mais uma vez o dissuadiu da ideia de ser a um só tempo autor e editor foi o jornalista Nelson Liano Jr., que o aconselhou a bater de novo na porta de Ernesto Mandarin. Neste caso, “bater na porta” era uma expressão literal, pois a modesta sala em que funcionava a Editora Eco, no centro da cidade, tinha apenas uma porta, que dava direto para a rua. Mandarin guardava o estoque em um depósito na outra calçada. Paulo ainda refletiu durante alguns dias e só em meados de abril assinou o contrato da primeira edição de *O Diário de um Mago* — o que seria feito no balcão de café de um barzinho ao lado da editora, na rua Marquês de Pombal. O documento contém algumas curiosidades. A primeira é que, em vez de valer por cinco ou sete anos, como de praxe, Paulo exigiu que o contrato fosse renovado a cada edição (a primeira foi de 3 mil exemplares). Ao contrário da exigência que apresentara no caso do *Manual Prático do Vampirismo* — quando pedira prestações de contas mensais, e não trimestrais, desta vez ele aceitava o que fora proposto, embora a inflação brasileira chegasse a quase 1% ao dia. A outra é que ao pé do contrato o autor acrescentou um adendo aparentemente sem sentido que, entretanto, se revelaria profético:

Após a venda dos primeiros 1.000 (hum mil) exemplares, a editora arcará com os custos de versão do livro para o espanhol e para o inglês.

Se entre seus dons estivesse a capacidade de prever o futuro, Paulo poderia aproveitar o embalo e colocar na conta de Mandarin, além do inglês e do espanhol, versões para os demais 44 idiomas em que *O Diário de um Mago* estaria traduzido vinte anos depois, entre os quais albanês, estoniano, pársi, hebraico, hindi, malaiala e maratí. Ainda que muito lentas no começo, as vendas do livro logo se tornaram superiores às de todos os demais títulos da Eco. Anos depois, aposentado e vivendo na cidade serrana de Petrópolis, a setenta quilômetros do Rio de Janeiro, Ernesto Mandarin se lembraria de que parte desse sucesso deveu-se a uma virtude de Paulo que poucos escritores costumam ter — o empenho na difusão do livro:

— Os autores deixavam os originais na editora e nada faziam para divulgar suas obras. O Paulo não só aparecia na imprensa escrita, falada e televisiva, mas dava palestras sobre o livro onde fosse chamado.

Por recomendação do amigo jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, Paulo tomou uma iniciativa rara até mesmo entre escritores consagrados: contratou, pagando do próprio bolso, a jornalista Andréa Cals, uma paraense de vinte anos, exclusivamente para divulgar o livro na mídia. O salário

era modesto — 8 mil cruzados mensais, mas o escritor acenava com bonificações tentadoras. Se o livro vendesse 20 mil exemplares até o final de 1987, Andréa ganharia uma passagem aérea Rio-Miami-Rio. Como o contrato previa também a divulgação da exposição de quadros de Chris intitulada Tarô, se todas as 22 obras expostas fossem vendidas até o encerramento da mostra, a jornalista também embolsaria um prêmio de 5 mil cruzados. Além disso, Paulo e Chris realizavam um trabalho paralelo de divulgação, imprimindo pequenos panfletos de propaganda do *Diário* que eles próprios se encarregavam de distribuir todas as noites em filas de cinemas, teatros e casas de espetáculo, entregando os “mosquitinhos” de mão em mão.

Todos esses esforços nada mais eram que uma tentativa de compensar a resistência dos grandes órgãos de mídia a abrir espaço para um tema tão específico como o do *Diário* — algo que só parecia interessar à cada vez mais mirrada imprensa underground. Andréa se recorda de ter tentado, em vão, emplacar uma aparição do *Diário* sob a forma de merchandising na novela Mandala, então exibida pela Globo, e cuja temática tinha alguma semelhança com o conteúdo do livro. Seria também fruto do trabalho dela a primeira notícia na grande imprensa falando da existência do *Diário de um Mago*. Tratava-se de uma notinha tão curta na seção Nomes da Revista de Domingo, do *Jornal do Brasil*, que sua repercussão terminaria ali mesmo. Ao lado dela o escritor aparecia, por sugestão de Joaquim, vestindo uma capa preta e empunhando uma espada. Embora pequena, a notícia não escaparia da atenção da produção do programa de entrevistas Sem Censura, transmitido ao vivo todas as tardes em rede nacional pela TV Educativa, para o qual Paulo foi convidado.

A uma pergunta da apresentadora Lúcia Leme e diante de milhões de telespectadores, Paulo revelou pela primeira vez em público o segredo até então privilégio de poucos amigos e do diário: ele era, sim, um mago, e entre seus poderes estava o de fazer chover, se desejasse. A estratégia funcionou. A repórter Regina Guerra, do jornal *O Globo*, viu o programa e sugeriu a seu chefe uma reportagem com o novo personagem da cena cultural carioca: o escritor que fazia chover. O chefe de reportagem achava tudo aquilo uma rematada bobagem, mas, diante da insistência da jovem, permitiu que realizasse o trabalho. O resultado é que no dia 3 de agosto o caderno cultural do jornal dedicava toda a sua primeira página a Paulo Coelho, batizado em um título de oito colunas como “O Castañeda de Copacabana”. Em uma sequência de fotos ele aparece entre as folhagens do jardim de seu apartamento vestindo a mesma capa preta, de espada nas mãos e óculos escuros. O texto que antecede a entrevista parecia ter sido feito de encomenda para alguém que se dizia com poderes sobrenaturais:

As paredes grossas do prédio antigo tornam o apartamento silencioso, apesar de estar em um dos pontos mais ruidosos da cidade — Copacabana, Posto Quatro. Um dos quartos serve de escritório e se abre para uma floresta em miniatura: arbustos, trepadeiras e samambaias se emaranham no terraço. A primeira pergunta — “você é um mago?” — Paulo Coelho, que está lançando O Diário de um Mago, seu quinto livro, responde com outra:

— Está ventando?

Uma olhada na folhagem compacta basta para se abanar a cabeça e murmurar um “não” casual, cujo tom indica a pouca importância da presença ou ausência de correntes de ar para a entrevista:

— Então, olha ali — ele permanece como estava, sentado em uma almofada, recostado em outra, sem nada fazer.

Primeiro, a ponta da folha mais alta da palmeirinha começa a balançar ligeiramente. No instante seguinte, a planta inteira se enverga, como toda a vegetação ao redor. Tilintam os fios da cortina de bambu do corredor, voam da prancheta as laudas de anotações da repórter. Depois de um ou dois minutos, a ventania cessa tão de repente quanto começou. Restam algumas folhas secas no carpete e uma dúvida: foi coincidência ou ele é mesmo um mago que sabe chamar o vento? É ler e descobrir.

Além de *O Globo*, o autor mandachuva só conseguiu mais algum espaço no *Pasquim* e na revista Manchete. Sempre simpático e receptivo aos jornalistas, posava em posição de iogue, deixava-se fotografar atrás de fumegantes tubos de ensaio de laboratório, punha e tirava a capa e a espada, ao gosto do freguês. As barreiras começavam a ser rompidas. O número de seu telefone aos poucos se incorporava às agendas dos colunistas sociais — entre os quais estava a amiga Hildegard Angel — e com frequência se podiam ler notinhas dando conta de que fora visto jantando em tal restaurante ou saindo de tal teatro. Pela primeira vez, Paulo sentia de frente o bafo da fama, algo que jamais pudera experimentar nem mesmo no auge do sucesso musical, pois naquela época a estrela, a face visível da dupla, era Raul Seixas. Essa superexposição logo

repercutiria nas vendas do livro, mas o *Diário* ainda parecia longe de virar um best-seller.

Para tentar capitalizar o que ele próprio chamou de “caco de fama”, Paulo e a astróloga Cláudia Castelo Branco, que prefaciara o *Diário*, associaram-se à empresa especializada Itatiaia Turismo para organizarem um pacote turístico-espiritual batizado de Os Três Caminhos Sagrados, que seriam o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Os interessados seriam guiados por Paulo e Cláudia em uma viagem que começaria em Madri e, antes de terminar em Santiago de Compostela, percorreria um extenuante zigue-zague passando pelo Egito (Cairo e Luxor), Israel (Jerusalém e Tel-Aviv), França (Lourdes) e novamente Espanha (Pamplona, Logrono, Burgos, León, Ponferrada e Lugo). Não se sabe se foi o péssimo anúncio publicado nos jornais (que não informava sequer quanto tempo duraria a excursão) ou o preço salgado do pacote, mas o certo é que não apareceu um único interessado. Mesmo não tendo dado resultados, o projeto consumira tempo e trabalho dos dois, e para remunerá-los a agência vendeu-lhes, pela metade do preço, uma excursão para o Oriente Médio, um dos locais sugeridos para o fracassado pacote místico-turístico.

Acompanhados de Paula, mãe de Chris, Paulo e Cláudia embarcaram no dia 26 de setembro, mas assim que chegaram ao Cairo ele decidiu desligar-se do grupo e prosseguir apenas com a sogra. No segundo dia na capital egípcia, contratou um guia de nome Hassan e pediu-lhe que o levasse ao bairro de Mokattam, a sudoeste da cidade, para visitar o monastério copta de São Simão Sapateiro. De lá atravessaram a cidade de táxi e anoitecia quando os dois, depois de cruzarem uma gigantesca favela horizontal, puseram os pés nas primeiras franjas de areia do maior deserto do planeta, o Saara, a poucas centenas de metros da Esfinge e das célebres pirâmides de Quéops, Quéfrem e Miquerinos. Trocaram o táxi por dois cavalos (Paulo temia desequilibrar-se no lombo de um camelo, o outro meio de transporte disponível a partir dali) e prosseguiram rumo às pirâmides. Ao chegar às proximidades dos monumentos de pedra, Paulo preferiu seguir a pé pela areia, enquanto Hassan cuidava dos cavalos, lendo o Corão, o livro santo dos muçulmanos. Próximo a um dos monumentos iluminados, Paulo afirma ter visto, no meio do deserto, uma mulher trajando chador e carregando um pote de barro no ombro. Tratava-se, segundo ele, de algo muito diferente do que acontecera em Dachau. “Uma visão é algo que você vê, e a aparição é uma coisa quase física”, explicaria. “O que aconteceu no Cairo foi uma aparição.” Mesmo habituado a fenômenos dessa natureza, ele estranhou o que vira. Olhou para o areal sem fim que o cercava, naquela noite banhado pela luz de uma lua cheia, e não viu ninguém além de Hassan, que continuava balbuciando versos sagrados. Ao se aproximar de Paulo, o vulto desapareceu tão misteriosamente quanto surgira. Mas deixou-lhe uma impressão tão forte que, meses depois, foi capaz de reconstituir a aparição em minúcias ao escrever seu segundo livro.



Para promover seu livro, Paulo posa de capa e espada para os jornais. Segundo a imprensa, ele era “o Castañeda de Copacabana”.

De volta para o Brasil, semanas depois, ele teria, ainda dentro do avião, a primeira grande notícia de sua carreira. Ao receber da aeromoça da Varig um exemplar do Globo do sábado anterior, ele dobrou o jornal sobre os joelhos, fechou os olhos, fez uma rápida mentalização e só então o abriu, direto no caderno cultural: lá estava *O Diário de um Mago* na lista dos mais vendidos da semana. Até o final do ano ele assinaria contratos para cinco novas tiragens do livro, cujas vendas iriam superar os 12 mil exemplares. O sucesso o animou a inscrever o *Diário* no Prêmio Instituto Nacional do Livro para romances já publicados, promovido pelo Ministério da Educação, cujo júri naquele ano se reunia em Vitória, capital do Espírito Santo. Os jurados eram o poeta carioca Ivan Junqueira, de quem, anos depois, Paulo viria a ser colega na Academia Brasileira de Letras; o escritor capixaba Roberto Almada; e o jornalista mineiro Carlos Herculano Lopes. No final, a escolha recaiu sobre o livro *O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior*, do português Cunha de Leiradella, então residente no Brasil. Sem sequer figurar entre os finalistas, *O Diário de um Mago* obteve apenas o voto de Junqueira. “O livro era alguma coisa inédita entre nós, um relato muito instigante porque misturava realidade com fantasmagoria”, relembra o acadêmico. “A mim, pessoalmente, interessou na medida em que gosto muito de literatura de viagem e também desse tipo de relato, meio mal-assombrado.”

Logo após a divulgação do resultado, Paulo sofreria mais uma decepção. A revista *Veja* publicara uma longa reportagem sobre o boom dos livros esotéricos no Brasil e simplesmente ignorara *O Diário de um Mago*. O baque foi tão grande que Paulo mais uma vez cogitou abandonar a carreira de escritor. “Hoje pensei seriamente em largar tudo e me aposentar”, anotou no diário. Semanas depois, porém, parecia refeito das duas derrotas e recorria ao I Ching pensando em um novo livro. Escreveu no diário a pergunta — “O que devo fazer para que meu próximo livro venda 100 mil exemplares?” —, jogou as três moedas sobre a mesa e arregalou os olhos de alegria ao ver o resultado. Em geral vago e metafórico em suas respostas, o oráculo chinês fora, segundo Paulo, surpreendentemente claro: “O grande homem promove boa fortuna”.

A boa fortuna — o novo livro — estava prontinha na sua cabeça. A próxima obra de Paulo Coelho seria baseada em uma fábula persa que também inspirou Borges, no conto “História dos Dois que Sonharam”, publicado em 1935 em *História Universal da Infância*. É o relato de Santiago, um pastor que, após sonhar repetidas vezes com um tesouro escondido junto às pirâmides do Egito, resolve deixar sua aldeia natal em busca daquilo que o autor chama de “lenda pessoal”. Na viagem ao Egito, Santiago conhece vários personagens, entre os quais um alquimista, e de cada encontro tira nova lição. No final da peregrinação ele descobre que o objeto de sua busca estava exatamente na aldeia que abandonara. O título também já tinha sido escolhido: *O Alquimista*. Não deixa de ser curioso que o livro que se tornaria um dos maiores best-sellers de todos os tempos — no fim da primeira década do século XXI, *O Alquimista* vendera mais de 35 milhões de exemplares — tenha sido concebido originalmente para ser uma comédia teatral que juntaria Shakespeare com o humorista brasileiro Chico Anysio, como o autor registrou em seu diário em janeiro de 1987:





Junto com o guia nas pirâmides do Egito, Paulo busca a inspiração que iria alimentar futuros livros seus.

Menescal e [o ator] Perry [Salles] me telefonam pedindo para fazer um espetáculo de um homem sozinho no palco. Por coincidência eu estava vendo no videocassete “Encurralado” [Steven Spielberg, 1971], um filme de um homem sozinho.

Surgiu uma ideia: um grande laboratório onde um velho homem, um alquimista, está buscando a pedra filosofal, a sabedoria. Quer ter a perfeita noção do que um homem pode atingir com a inspiração. O alquimista (talvez fosse um bom título) declamaria textos de Shakespeare e de Chico Anysio. Interpretaria músicas e dialogaria consigo mesmo, representando mais de um personagem. Pode ser um alquimista ou um vampiro. Sei por experiência própria que vampiros excitam muito a imaginação humana, e faz tempo que não vejo nada de terror com humor montado num palco.

Mas, tal qual Fausto, o alquimista percebe que a sabedoria não está nos livros, mas nas pessoas — e as pessoas estão na plateia. Para desinibi-las, começa alguma coisa em coro. Perry seria o alquimista, imbuído em seu papel de descoberta. Ressalto que tudo isto deve ser feito com um grande senso de humor.

Como a tal peça nunca chegou a ser encenada, aquele pequeno esboço de roteiro foi sendo mexido e alterado até que perdesse por completo o caráter dramático, adquirindo a forma de um romance. A intimidade de Paulo com aquela história era tanta que, ao decidir escrever o livro, não necessitou de mais do que duas semanas para produzir duzentas páginas, dimensão semelhante à que tivera *O Diário de um Mago*. Logo na abertura vinha a dedicatória a Jean, a quem Paulo dera o privilégio de ler os originais:

Para J.,

Alquimista que conhece e utiliza os segredos da Grande Obra.

Quando *O Alquimista* estava para ser lançado, em junho de 1988, *O Diário de um Mago* superara a marca de 40 mil cópias e completava dezenove semanas ininterruptas nas principais listas de best-sellers da imprensa brasileira. A soberba indiferença que os grandes meios de comunicação lhe haviam devotado acabou conferindo um sabor especial ao sucesso, fruto do próprio livro e da guerra de guerrilha que Paulo, Chris e Andréa Cals encetaram para divulgá-lo. O I Ching, tal como interpretado por Paulo, recomendou que renovasse o contrato com Andréa, mas, como ela tinha se comprometido com outro trabalho e o escritor exigia dedicação integral, as responsabilidades da jornalista foram transferidas para Chris. Ela e Paulo adotaram com *O Alquimista* a mesma tática usada no primeiro livro: o casal continuava frequentando portas de teatros, bares e cinemas, visitando livrarias e presenteando vendedores com livros autografados. Da experiência no mundo fonográfico, Paulo importara para o universo literário uma prática condenável — o jabaculê, nome que se dá ao pagamento por reportagens ou comentários radiofônicos favoráveis a um disco (no caso, a um livro). No meio da papelada acumulada pelo escritor, é possível encontrar vestígios de “jabá” nos “certificados de irradiação” emitidos pela rádio O Povo AM-FM, campeã de audiência de Fortaleza, no Ceará. As planilhas enviadas a Paulo

comprovavam que durante toda a segunda quinzena de julho *O Alquimista* fora objeto de “comentários testemunhais” (eufemismo para caudalosos elogios) três vezes ao dia nos programas de Carlos Augusto, Renan França e Ronaldo César, na época os apresentadores mais populares da cidade.

Ele e Chris tinham clareza de que estavam no meio de uma guerra onde valia tudo. Desde enviar exemplares autografados para os grandes barões da mídia brasileira (dos quais apenas Silvio Santos, o dono da rede de TV SBT, agradeceu, por meio de gentil telegrama) até converter-se num palestrante em tempo integral — com a diferença de que, ao contrário do costumeiro nesses casos, não cobrava nada para falar em público. Como um missionário, a qualquer hora do dia ou da noite estava disponível e tinha na ponta da língua os oito temas que oferecia para os organizadores das palestras escolherem: “Os caminhos sagrados da Antiguidade”, “O despertar dos magos”, “As práticas de R.A.M.”, “A filosofia e a prática da tradição oculta”, “A tradição esotérica e as práticas de R.A.M.”, “Recrudescimento do esoterismo”, “Magia e poder” e “Maneiras de ensinar e aprender”. Ao fim de cada sessão os ouvintes tinham a oportunidade de adquirir exemplares autografados do *Diário* e do *Alquimista*. E, aparentemente, juntar gente para ouvi-lo não chegava a ser problema. A agenda de Paulo desse período mostra que ele falou tanto em instituições renomadas, como o Teatro Nacional, em Brasília, ou as Faculdades Cândido Mendes, no Rio, como em hotéis-fazenda no interior de Goiás e até mesmo em residências particulares, como a palestra que ministrou no apartamento da sogra do cineasta Cacá Diegues, no Rio. A guerrilha, contudo, dava resultados lentos, e os reflexos dela na vendagem de *O Alquimista* ainda demorariam para aparecer. Seis semanas depois de lançado, alguns milhares de exemplares tinham sido vendidos — um prodígio em um país como o Brasil, é verdade, mas nada que se comparasse ao desempenho do *Diário* e muito menos aos planos do autor:

CERTIFICADO DE IRRAÇÃO

CLIENTE: PAULO COELHO
 ENDEREÇO: CAIXA POSTAL 430003
 PRODUTO: O ALQUIMISTA / LIVRO PUBLICADO
 CIDADE: RIO DE JANEIRO ESTADO: RJ

INSCRIÇÃO FORNECIDA: 03 VÉZES - 28 À 64 PERÍODO: 23 À 30/07/1988
 TEMPO: 30* - TESTEMUNHAL EM TRES PROGRAMAS (AM DO POVO).

CONTATO: GILBERTO OLIVEIRA/DETO. CONTENCIAL RÁDIO
 XXXX - XXXX. XXX/XXXX - XX

RELATÓRIO DAS CHAMADAS EM RESPOSTA DO ESPORTE DE 04(CINCO) EXEMPLARES, EM HORARIO INDETERMINADO

*AS CHAMADAS SÃO DIVIDIDAS ENTRE OS ANUNCIANTES: CARLOS AUGUSTO / RENAN FRANÇA E RONALDO CÉSAR

45 VÉZES

PARTECIPES: CARLOS AUGUSTO, RENAN FRANÇA E RONALDO CÉSAR

Planilhas da rádio O Povo revelam o pagamento de jabaculê para divulgar os livros de Paulo junto aos leitores cearenses.

O livro até agora ainda não chegou a 10% da meta estabelecida. Acho que esse livro depende de um milagre. Passo o dia ao lado do telefone, que não toca. Meu Deus! Por que não liga um jornalista dizendo que gostou do meu livro? Minha obra é maior que minhas manias, minhas palavras, meus sentimentos. Por ela me humilho, peço, espero, desespero.

Com *O Diário de um Mago* impávido nas listas de mais vendidos e *O Alquimista* apontando na mesma direção, tornara-se impossível ignorar o autor. Diferentemente do silêncio a que o primeiro livro fora relegado pelos grandes meios de comunicação, o lançamento de *O Alquimista* seria precedido de matérias de página inteira nos principais jornais do Brasil. E, como *O Diário de um Mago* fora solenemente ignorado quando publicado, a maioria da imprensa viu-se obrigada a redescobri-lo após o êxito de *O Alquimista*. Espaço ele parecia ter de sobra, mas nenhum jornalista telefonou para dizer que gostara do livro. O que os jornais haviam feito até então eram reportagens sobre o autor e um resumo da história contida no livro. Os veículos mais pobres pura e simplesmente reproduziam o press release distribuído pela Eco.

Coube ao jornal *Folha de S.Paulo* a primazia de publicar a primeira nota opinativa sobre um livro de Paulo Coelho, no dia 9 de agosto de 1988, em reportagem assinada pelo jornalista e crítico Antônio Gonçalves Filho. Este observa que *O Alquimista* “não tem o impacto da sedutora

narrativa” de *O Diário de um Mago*, e o único reparo que faz ao livro reside no fato de que a história adotada pelo autor “já serviu de tema a um número considerável de livros, peças, filmes e óperas”:

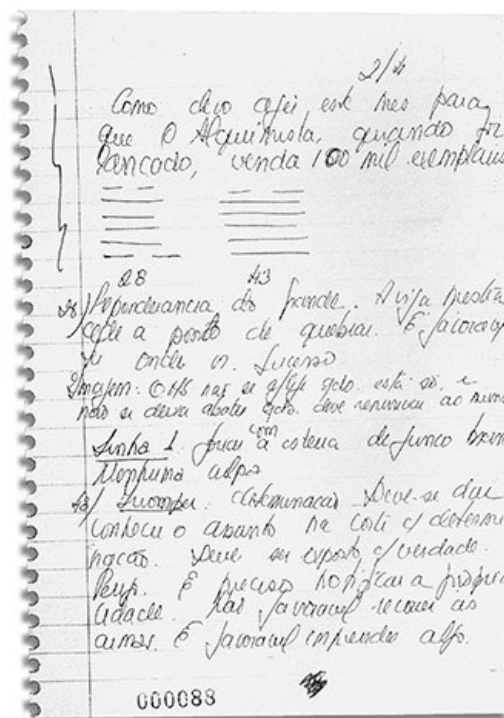
A rigor não existe qualquer novidade nessa fusão de lendas que tanto pode ter origem em manuscritos dos primeiros séculos da era cristã (“Parsifal”, por exemplo) como nos textos de Saint-Exupéry. Tampouco O Alquimista parece existir para isso. Como em “Parsifal”, o herói de Coelho neste seu “épico” também é um “tolo inocente” à procura de algo capaz de neutralizar os males do mundo. O culto da fé, a restauração da ordem, a afirmação da diversidade dentro de uma estrutura que tende à uniformização, enfim, todas as questões presentes em “Parsifal” se repetem em O Alquimista. Até mesmo a predestinação do herói.

O crítico parecia arrombar portas abertas. O próprio autor, no prefácio, deixa claras essas semelhanças e esclarece onde buscou inspiração para escrever seu livro:

O Alquimista é também um texto simbólico. No decorrer das suas páginas, além de transmitir tudo o que aprendi a propósito, procuro homenagear grandes escritores que conseguiram atingir a Linguagem Universal: Hemingway, Blake, Borges (que também utilizou a história persa para um dos seus contos) e Malba Tahan, entre outros.

No segundo semestre de 1988, Paulo cogitava dar um grande salto em sua vida — mudar-se para uma editora maior e mais profissional que a Eco — quando recebeu de Jean mais uma ordália: ele e Chris deveriam passar quarenta dias no deserto americano de Mojave, no sul da Califórnia. De malas prontas, às vésperas de embarcar ele teve uma conversa telefônica desanimadora com o editor Mandarin, que, embora ainda entusiasmado com *O Diário de um Mago*, não acreditava que *O Alquimista* teria o mesmo desempenho. O ideal seria postergar a viagem e resolver logo o problema, mas o mestre J. foi irredutível. Assim, em meados de setembro os dois estavam realizando os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola sob o calor inclemente de até cinquenta graus centígrados do Mojave. Dessa experiência nasceria, quatro anos depois, seu livro *As Valkírias*, escrito com *k* e não com *q* para ter onze letras, número considerado “forte” por algumas correntes esotéricas.

No final de outubro eles estavam de volta ao Rio. Paulo pretendia resolver logo seus problemas com a Eco, mas não adiantava nada deixar a pequena editora enquanto não soubesse em que porta bater. Certa noite, disposto a esquecer um pouco esses problemas, acompanhou um amigo a um recital de poesia que acontecia num barzinho da moda na Zona Sul. Durante todo o tempo teve a estranha sensação de que alguém do público sentado às suas costas o olhava fixamente. Só quando terminou o sarau e as luzes se acenderam é que se virou para trás e deu com o olhar fixo de uma linda garota de cabelos negros na flor de seus vinte anos. Não havia nenhuma razão aparente para que alguém o olhasse daquela maneira. Longe do hippie descabelado que fora até poucos anos antes, aos 41 anos Paulo tinha os cabelos quase totalmente brancos, cuidadosamente aparados, bigode e cavanhaque também curtos e grisalhos. A garota era bonita demais para que não tomasse nenhuma iniciativa. Aproximou-se dela e perguntou, sem rodeios:



Paulo pergunta ao I Ching o que fazer para *O Alquimista* vender 100 mil exemplares. Vinte anos depois, o livro já tinha batido a cifra de 50 milhões de cópias vendidas em todo o Planeta.

— Por acaso você estava olhando para mim durante o recital?

A menina sorriu:

— Estava, sim.

— Eu sou o Paulo Coelho.

— Eu sei. Olha o que tenho aqui em minha bolsa.

Enfiou a mão na sacola de couro e tirou de lá um exemplar meio desbeicho de *O Diário de um Mago*. Paulo ia autografá-lo, mas, ao saber que aquele pertencia a uma amiga, voltou atrás:

— Compre o seu que eu autografo.

Ficaram de se encontrar dois dias depois na centenária e elegante Confeitaria Colombo, no centro da cidade, quando ela levaria um exemplar especial para receber o autógrafo. Se a escolha de um local romântico como a Colombo revelava segundas intenções do escritor, não foi isso o que aconteceu. No dia marcado ele chegou com mais de meia hora de atraso e disse que não poderia se demorar, pois tinha um encontro imprevisto com seu editor, que acabara de confirmar o desinteresse em continuar publicando *O Alquimista*. Para poderem conversar um pouco mais, Paulo e a menina seguiram a pé até a Eco, que ficava a dez quadras da Colombo.

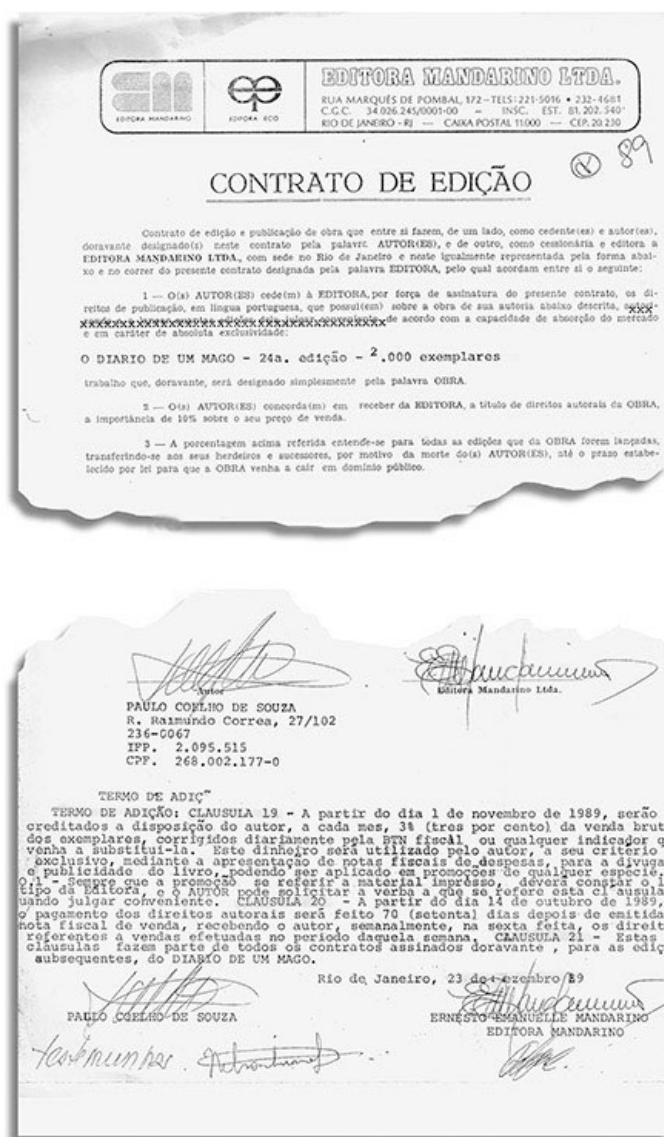
Ela era Mônica Rezende Antunes, vinte anos, filha única de um engenheiro, Jorge Botelho Antunes, e de uma secretária-executiva, Belina Rezende Antunes — pais liberais cuja única obrigação imposta à filha fora um curso de balé clássico que ela logo abandonaria. Aluna aplicada, estudara na melhor escola pública do Rio, o Colégio Pedro II, e quando conheceu Paulo cursava engenharia química na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Nunca fora muito namoradeira e, como a maioria das garotas da sua geração, gostava de cinema, shows e conversa fiada na casa dos amigos ou em barzinhos da moda. Quando participava de um grupo de teatro conheceu o namorado, o farmacêutico Eduardo Rangel, funcionário da multinacional farmacêutica Braun, com sede na Alemanha. Ao se recordar, muitos anos depois, daquela visita junto com Paulo à Eco, a lembrança mais forte que permaneceu em Mônica foi a de estar “ridiculamente vestida”:

— Imagine ir discutir contratos com o editor levando como companhia uma garota de shortinho, blusa florida e cabelos de ninfeta!

Mônica acabou sendo testemunha do momento em que Mandarinino abriu mão de continuar editando a verdadeira galinha dos ovos de ouro em que se converteria *O Alquimista*. Ele não acreditava que um livro de ficção como aquele fosse capaz de repetir o êxito de uma narrativa pessoal como *O Diário de um Mago*. Embora só tivesse lido o *Diário*, Mônica não entendia como alguém podia recusar o livro de um autor que lhe causara tanto impacto. Talvez para se consolar da recusa, Paulo forneceu a ela uma explicação pouco convincente para o que seriam as verdadeiras razões de Ernesto Mandarinino: com a inflação anual na casa dos 1.200%, era mais

rentável colocar o dinheiro em aplicações financeiras do que editar livros que oferecessem riscos de encalhe. Os dois andaram mais um pouco juntos, trocaram números de telefone e se separaram. Dias depois, quando ainda não decidira que destino dar aos direitos de *O Alquimista*, ele leu em uma coluna de jornal que naquela noite a escritora gaúcha Lya Luft estaria autografando seu livro de poemas *O Lado Fatal*, em coquetel oferecido por seu editor, Paulo Roberto Rocco, na Livraria Argumento, no Leblon, ponto de encontro da intelectualidade carioca. Fazia tempo que Paulo acompanhava a agilidade e o bom desempenho da Editora Rocco, que, embora tivesse pouco mais de dez anos de existência, exibia em seu catálogo pesos-pesados como Gore Vidal, Tom Wolfe e Stephen Hawking. Às oito da noite, quando ele entrou na Argumento, a livraria regurgitava de gente. Esgueirou-se por entre garçons e convidados, aproximou-se de Rocco, a quem conhecia apenas por fotografias em jornais, e travou com ele um rápido diálogo:

- Boa noite, meu nome é Paulo Coelho e eu gostaria muito de conhecê-lo.
- De nome eu já te conheço.
- Eu queria falar com você sobre meus livros. Eu tenho até uma amiga, a Bona, que mora no seu prédio, eu pensei em pedir a ela que desse um jantar para nos apresentarmos.



Nos contratos finais com Mandarin, Paulo impôs exigências que nem um best-seller conseguiria de seus editores.

— Não precisa pedir nada a ninguém. Venha à editora, que lá tomamos um café e conversamos sobre seus livros.

Rocco marcou o encontro para dois dias depois. Antes de se decidir, porém, Paulo recorreu ao I Ching para saber se deveria ou não entregar *O Alquimista* à nova editora — claro, desde que

Rocco demonstrasse interesse. Pelo que entendeu da resposta do oráculo, o livro só deveria ser entregue se o novo editor se compromettesse a colocá-lo nas livrarias antes do Natal. Era uma interpretação dispensável e muito conveniente do I Ching, uma vez que qualquer autor sabe que o Natal é a melhor época do ano para o mercado de livros. Ao sair de casa para encontrar-se com Rocco, o telefone tocou — era Mônica, a quem convidou para acompanhá-lo. Logo ao chegar, sentiu-se bem ao ver que dividia a mesma sala de espera com o escritor gaúcho João Gilberto Noll, duas vezes ganhador do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, e cuja obra inspirara até filmes, como *Nunca Fomos Tão Felizes*, do cineasta Murilo Salles. Depois de uma conversa breve e agradável, Paulo deixou com Rocco um exemplar de *O Diário de um Mago* e outro de *O Alquimista*. O editor achou meio esquisita aquela exigência de publicar o livro em tão pouco tempo, mas Paulo explicou que bastaria comprar os fotolitos da Eco, substituir o nome da editora e colocar o livro no mercado. Rocco ficou de pensar e disse que responderia na mesma semana. De fato, dois dias depois ele telefonava para avisar que o novo contrato estava pronto para ser assinado. A Rocco ia publicar *O Alquimista*.

Rejeitado por Mandarin, *O Alquimista* acabou por se tornar um dos mais populares presentes não só daquele, mas de muitos natais, réveillons, páscoas, carnavais, quaresmas e aniversários no Brasil e em mais de uma centena de países. A primeira edição lançada pela nova editora evaporou em poucos dias, produzindo algo pouco comum: um autor ter dois livros nas listas de best-sellers, um na coluna de ficção, *O Alquimista*, e outro na de não ficção, *O Diário de um Mago*. Não parou mais de vender. O fenômeno em que o livro se transformou nas mãos de Rocco animou Paulo a tirar também *O Diário de um Mago* da Eco e levá-lo para a nova casa, mas, como precisava de um pretexto para a mudança, passou a fazer exigências ao antigo editor. A primeira delas era tentar proteger seus royalties da corrosão provocada por uma inflação de assombrosos 1.350% ao ano: em vez de prestações de contas trimestrais (um privilégio de poucos autores), exigiu de Mandarin pagamentos semanais, mudança que acabou sendo aceita, mesmo contrariando as práticas de mercado. Aproveitando-se da infinita paciência do dono da Eco (e do evidente interesse deste em manter o livro), logo em seguida Paulo acrescentou duas cláusulas absolutamente inéditas em contratos editoriais brasileiros — correção monetária diária, vinculada a um dos mecanismos então existentes para isso, e a destinação de um percentual da venda bruta para divulgação do livro:

Cláusula 19: — Serão creditados à disposição do autor, a cada mês, 3% (três por cento) da venda bruta dos exemplares, corrigidos diariamente pelo BTN fiscal ou qualquer indicador que venha a substituí-lo. Este dinheiro será utilizado pelo autor, a seu critério exclusivo, mediante a apresentação de notas fiscais de despesas, para a divulgação e publicidade do livro, podendo ser aplicado em promoções de qualquer espécie.

Aquele braço de ferro entre o autor e seus dois editores parecia despertar especial interesse em Mônica Antunes, que agora andava para cima e para baixo ao lado de Paulo, aonde quer que ele fosse. No começo de 1989, a jovem confessou-lhe, durante jantar em uma pizzaria do Leblon, que estava pensando em trancar a matrícula na faculdade (ela acabara de passar para o segundo ano de engenharia química) e mudar-se com o namorado para o exterior. Os olhos do escritor faiscaram, como se previsse a abertura de uma nova porta para sua carreira:

— Grande ideia! Por que vocês não se mudam para a Espanha? Tenho vários amigos lá que podem ajudá-la. Você pode tentar vender meus livros. Se conseguir, ganha a comissão de 15% a que todo agente literário tem direito.

Quando comentou o assunto com o namorado, este descobriu que a empresa na qual trabalhava mantinha uma fábrica em Barcelona e, à primeira vista, não seria difícil conseguir uma transferência para lá — ou, na pior das hipóteses, um estágio remunerado durante alguns meses. Além disso, Mônica logo ficou sabendo que em Barcelona estavam sediadas algumas das mais importantes editoras espanholas. Na última semana de maio de 1989, Mônica desembarcou em Madri acompanhada de Eduardo. Chegou muito nervosa por causa do voo desconfortável. Suava frio por não falar nada de espanhol e pelo medo de ter problemas na alfândega com o excesso de bagagem e a escassez de dinheiro. Mas correu tudo bem e conseguiram um hotel limpo e barato em Madri, onde ficariam até decidirem exatamente o que fazer. Como era a primeira viagem de ambos à Espanha, aproveitaram os primeiros dias para seguir todas as recomendações de Paulo: foram três vezes ao Museu do Prado, percorreram o Jardim Botânico, o parque El Retiro e o Palácio Real, antiga sede da monarquia transformada em museu (que Mônica achou “luxuoso em demasia”). No domingo de Pentecostes acompanharam milhares de fiéis que atravessaram a cidade desde a Puerta del Sol, no coração da capital, até a catedral metropolitana, cantando músicas religiosas em uma procissão emocionante. “Só de lembrar disso fico arrepiada”, escreveu para Paulo dias depois, em uma carta que assinava “uma ninfeta num país estranho”. A capital espanhola tinha tudo isso de bom — e mais a Movida, que continuava a todo vapor —, mas a estada deles lá não passou de três semanas. Além do estágio na Braun, Eduardo conseguira também um trabalho temporário na fábrica de equipamentos cirúrgicos Palex — e ambas ficavam em Barcelona.

No primeiro ano de Espanha, Mônica e Eduardo moraram num apartamento situado em Rubí,

um dos muitos municípios de que se compõe a região metropolitana de Barcelona. Nas feiras de livros, percorriam os estandes recolhendo catálogos das editoras e passavam os dias seguintes enviando pelo correio a cada uma delas um pequeno press release oferecendo os direitos autorais de *O Alquimista* e, no caso de editores de outros países, também os de *O Diário de um Mago*. O dinheiro, porém, era curto, e, enquanto a fortuna não lhe sorria, Mônica foi obrigada a pegar no pesado: deu aulas particulares de inglês e matemática para crianças, distribuiu folhetos de propaganda de uma butique, foi garçonne e ainda arranhou tempo para fazer um curso de moda. Quando *O Diário de um Mago*, agenciado e traduzido pela boliviana H. Katia Schumer, foi publicado pela editora Martínez Roca (com o título de *El Peregrino de Compostela*), Mônica e Eduardo passaram a dar sua modesta contribuição para a difusão do livro: só andavam de metrô fingindo ler um exemplar para que a capa fosse vista o tempo todo pelos demais passageiros. “Como eu lia mesmo, de verdade”, contou ela numa carta, “acabei sabendo o texto quase de cor.”

Enquanto na Espanha o casal malhava em ferro frio, *O Diário de um Mago* e *O Alquimista* permaneciam na cabeça das listas de livros mais vendidos no Brasil. Apesar de ter aceito todas as exigências feitas pelo autor, no final de 1989 Mandarinino recebeu a visita de Paulo Rocco, que levava uma má notícia na carteira: por um adiantamento de 60 mil dólares, sua editora acabara de adquirir os direitos de publicação também de *O Diário de um Mago*. Passadas quase duas décadas, Ernesto Mandarinino não esconde a mágoa deixada pelo autor em quem a Eco apostara quando ele ainda não era ninguém:

— As edições foram se sucedendo e despertando a cobiça de outras editoras. Ao me visitar, o Rocco disse que iria levar o Paulo Coelho por 60 mil dólares de advance. Eu me limitei a declarar que se era vontade dele eu nada poderia fazer, pois os contratos eram por edição. Após 28 edições de *O Diário de um Mago*, ele nos deixou. Isso nos causou uma grande mágoa. Outra grande mágoa é ele nunca ter citado a sua origem, isto é, a pequena editora Eco, em suas entrevistas e reportagens.

Ressentimentos à parte, Mandarinino reconhece a importância do autor não só para o mercado editorial, mas para a própria literatura brasileira:

— Paulo Coelho transformou o livro em um produto popular e de grande consumo. Revolucionou o mercado editorial no Brasil, que se limitava a ridículas tiragens de três mil exemplares. Com ele o mercado cresceu. Paulo Coelho dignificou o livro no Brasil e a nossa literatura no mundo.

Em um mercado editorial mirrado como o brasileiro, era natural que grandes editores se interessassem por um autor que, com apenas dois títulos, havia batido na casa dos 500 mil exemplares vendidos. Sob a olímpica indiferença da mídia, pilhas de livros dele evaporavam nas livrarias e milhares de pessoas se espremiavam em auditórios pelo país afora — e não era para ouvir a caitituagem de sempre. Os leitores pareciam querer compartilhar pessoalmente com o autor as experiências espirituais de que falava em suas obras. Paulo fazia palestras concorridíssimas, e não eram incomuns cenas como a ocorrida no auditório Martins Pena, em Brasília, quando foi necessário colocar alto-falantes do lado de fora do auditório de 2 mil lugares para os retardatários. Uma entrevista dele à jornalista Mara Regea, da Rádio Nacional de Brasília, teve de ser repetida três vezes a pedido de gente que queria ouvi-lo falar durante uma hora e meia sobre alquimia e misticismo. Isso se repetia em todo o país. Em Belo Horizonte, o auditório de 350 lugares do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais foi insuficiente para as quase mil pessoas que apareceram para ouvi-lo, obrigando o jovem Afonso Borges, organizador do evento, a espalhar aparelhos de tevê por vários locais do prédio a fim de que ninguém perdesse o privilégio de ouvir as palavras do mago.

Quando despertou para o assunto, a imprensa parecia desorientada e sem saber como explicar o sucesso tão avassalador. Hesitantes em avaliar o conteúdo literário dos livros, os jornais preferiram encará-los como mais um fenômeno mercadológico passageiro. Na opinião de boa parte dos jornalistas, o escritor Paulo Coelho não passava de um modismo, como tinham sido o bambolê, o twist e até o compositor Paulo Coelho e sua Sociedade Alternativa. Desde que *O Globo* o chamara de “Castañeda de Copacabana” na primeira página do caderno cultural, dois anos antes, a mídia praticamente se esquecera dele. Só quando seus livros chegaram ao primeiro lugar das listas de mais vendidos, e o jornal *O Estado de S. Paulo* apurou que o *O Diário* e o *Alquimista* tinham vendido mais de meio milhão de cópias, é que os críticos se deram conta de que dois anos constituíam tempo de vida excessivo para algo que era apenas uma moda. Aquele homem de cabelos precocemente brancos que falava em sonhos, anjos e amor parecia ter vindo para ficar, mas levou tempo para a imprensa perceber isso. Depois ele só voltaria a aparecer com destaque nos jornais em outubro de 1989, também em reportagem de página inteira no Caderno 2, o suplemento cultural de *O Estado de S. Paulo*, dividida em duas partes. Primeiro vinha um grande perfil assinado por Thereza Jorge sobre a trajetória do autor como roqueiro, para afirmar ao final,

com todas as letras: “Mas é na literatura que Coelho atinge, agora, um lugar definitivo”. Ao lado de avaliação tão consagrada vinha a prova de que a obra dele dividia opiniões até na mesma página de um jornal. Centímetros à direita da entronização do autor na literatura, uma notinha de vinte linhas assinada por Hamilton dos Santos resumia a obra de Paulo a “uma síntese gelatinosa de ensinamentos que vão do cristianismo ao budismo”. Conforme o próprio autor confessaria, aquele seria “o primeiro pau, pra valer”, que tomava da crítica:

— Eu fiquei paralisado ao ler aquilo. Absolutamente paralisado. Era como se o autor estivesse me advertindo para o preço da fama.

Até o tabloide literário mensal *Leia Livros*, publicação cult dirigida pelo editor Caio Graco Prado, filho do venerado historiador comunista Caio Prado Jr., acabaria se curvando ante a força dos números. Na capa da edição de dezembro de 1989, Paulo aparecia de espada em punho, cabelos eriçados e olhar zen voltado para o infinito. O tratamento dado a ele por *Leia Livros*, no entanto, não diferia em nada da abordagem normalmente adotada pelo restante da imprensa. Das doze páginas da reportagem de capa, onze eram consumidas em um caudaloso perfil do autor, sem qualquer avaliação de sua obra. A crítica propriamente dita, assinada pelo professor Teixeira Coelho, da Universidade de São Paulo, ficou reduzida a um box de meia página. O brasileiro médio — que se supõe seja o perfil da maioria dos leitores do *Diário* e do *Alquimista* — talvez tivesse dificuldades para entender se Paulo estava sendo elogiado ou insultado, tal o rebuscamento da linguagem utilizada pelo acadêmico:

Ficou para trás o tempo em que a visão, a imaginação, o que não é racional (mas tem sua racionalidade própria), era parte integrante do real e vinha “de cima”, era um hábito mental. Este hábito definia um paradigma cultural, um modo de pensar e de conhecer o mundo. Paradigma que foi posto de lado pelo novo paradigma racionalista do século XVIII. Hoje é este paradigma que se mostra (temporariamente) esgotado. O fenômeno Paulo Coelho é um símbolo da decadência desse paradigma e implica a suspeição do racionalismo tal como o conhecemos ao longo destes dois séculos.

[...] Prefiro reconhecer no sucesso de vendas de Paulo Coelho o primado da imaginação, que cada vez mais conquista seus direitos sob diferentes formas (as religiões, a “magia”, as medicinas e o sexo “alternativos”, o método poético do conhecimento), aquelas que o pensamento carcomido pelo hábito emblemático cartesiano designa pelo nome de “irracionais”.

[...] No gênero de Paulo Coelho, Lawrence Durrell com seu “quinteto cátaro” é melhor escritor e Colin Wilson um autor mais intelectualizado. Mas juízos deste tipo são supérfluos.

Enquanto a imprensa quebrava a cabeça para entendê-lo, o fenômeno não parava de crescer. Em raro momento de incontinência verbal — sobretudo quando o assunto é dinheiro —, Paulo deixou escapar para o *Jornal da Tarde* que os dois livros haviam carreado para sua conta bancária nada menos que 250 mil dólares. É possível que tenha sido mais. A dar como verdadeiros os números que ele e Rocco divulgavam, até cálculos muito conservadores revelam que, do faturamento total das 500 mil cópias vendidas até então, pelo menos 350 mil dólares eram direitos autorais. Com dois best-sellers, novo editor, centenas de milhares de dólares a mais no patrimônio, a carreira internacional dando sinais de que poderia deslancar, Paulo foi convocado por Jean para cumprir mais uma das chamadas quatro rotas sagradas de que se compõem as peregrinações dos iniciados da ordem R.A.M. Depois do Caminho de Santiago, ele fizera uma nova penitência (no seu caso, a viagem ao deserto de Mojave), mas ainda lhe faltava a terceira e penúltima etapa, o Caminho de Roma. A quarta seria o caminho em direção à morte. O chamado Caminho de Roma não passava de uma metáfora, uma vez que poderia ser trilhado em qualquer ponto do planeta — com a grande vantagem de poder ser percorrido de carro. Sua escolha recaiu sobre o Languedoc, a franja dos Pireneus, no Sudoeste da França, onde floresceu, nos séculos XII e XIII, uma seita cristã denominada catarismo — ou albigensismo —, exterminada de forma selvagem pela Santa Inquisição. Outra peculiaridade do Caminho de Roma que, segundo Paulo, lhe fora transmitida por Jean é que o peregrino deve sempre seguir seus sonhos. Paulo achou aquilo demasiadamente abstrato e pediu mais informações, mas a resposta seria ainda menos esclarecedora:

— Se à noite você sonhar com um ponto de ônibus, no dia seguinte vá até o ponto de ônibus mais próximo. Se sonhar com uma ponte, sua próxima parada deverá ser em uma ponte.

Durante pouco mais de dois meses ele deambulou pelos vales, montanhas e rios dessa que é uma das mais belas regiões da Europa. No dia 15 de agosto deixou o Hotel d’Anvers, em que se hospedara na cidade de Lourdes, sagrada para os católicos, e seguiu em direção a Foix, Roquefixade, Montségur, Peyrepertuse, Bugarach e dezenas de outros vilarejos que na maioria das

vezes não passavam de um punhado de casas. Como não havia restrições nesse sentido por parte de Jean, um trecho do caminho foi realizado em companhia de Mônica, que cabulou uma semana de suas atividades em Barcelona para acompanhá-lo. Na noite de 21 de agosto de 1989, ao chegar à cidade de Perpignan, ele enfiou várias fichas num telefone público e ligou para Chris, no Brasil, a fim de matar as saudades. Do outro lado da linha, a esposa contou-lhe que seu ex-parceiro Raul Seixas acabara de morrer em São Paulo, vitimado por uma velha pancreatite provocada pelo alcoolismo. Voltou ao carro e transmitiu a notícia a Mônica:

— O Raul acaba de morrer.

— Raul? Que Raul?

— Como “que Raul”? Raul Seixas!

Era compreensível que ela desconhecesse de quem se tratava. Afinal, no auge da Sociedade Alternativa, Mônica tinha apenas cinco anos de idade. Para Paulo, no entanto, era uma perda tremenda. Depois de vários anos sem se verem, ele e Raul tinham se reencontrado quatro meses antes, no Rio de Janeiro, durante um show que o baiano apresentava no Canecão — e que viria a ser um de seus últimos espetáculos. Não se tratava de uma reconciliação, porque nunca haviam brigado, mas uma tentativa de reaproximação armada pelo novo parceiro de Raul, o jovem roqueiro Marcelo Nova. No meio do espetáculo, Paulo foi chamado ao palco e entoou com a banda o refrão “Viva! Viva! Viva a Sociedade Alternativa!”. Segundo o ex-escravo Toninho Buda, que se tornaria desafeto público de Paulo, o escritor cantava com as mãos dentro dos bolsos “porque fazia figa por ter sido obrigado a entoar em público o mantra do titio Crowley”. As imagens do espetáculo — filmadas por um fã amador e colocadas na internet muitos anos depois — mostram um Raul Seixas trêmulo, com o rosto inchado e a aparência de alguém devastado pela bebida. O último trabalho dos dois fora o LP *Mata Virgem*, gravado no remotíssimo ano de 1978. Em 1982, o selo paulista Eldorado tentou ressuscitar a dupla num novo álbum, mas os ex-parceiros pareciam estar “acometidos de frescurite aguda”, como disse um colunista carioca: Paulo morava no Rio e Raul em São Paulo, e ambos se recusavam a viajar até onde o outro estivesse para iniciar o trabalho. Literalmente salomônica, a solução foi proposta por Roberto Menescal, convidado a dirigir a gravação: o encontro se daria exatamente a meio caminho entre as duas capitais, no parque nacional de Itatiaia. Instalados num domingo no hotel Simon, Paulo acordou cedinho na segunda e, antes mesmo de tomar café, deixou um bilhete sob a porta do quarto de Raul: “Estou à disposição para iniciar o trabalho”. O baiano, contudo, nem deu as caras. Na terça, a mesma coisa. Na quarta-feira, Paulo foi procurado pelo dono do hotel, preocupado com o fato de Raul ter permanecido aqueles três dias trancado no quarto, bebendo e sem tocar sequer nos sanduíches que pedira por telefone. Morria ali a esperança de juntar de novo a dupla que revolucionara o rock brasileiro.

Sob o impacto da morte de seu “inimigo íntimo”, e ainda durante o percurso do Caminho de Roma, seis dias depois Paulo viveria o que afirma ter sido outra experiência extrassensorial. Ele guiava o carro alugado em direção a uma das cidadezinhas da região, onde participaria do chamado “ritual do fogo”, no qual invocações são feitas à luz de uma fogueira. No caminho, assegura, sentiu a seu lado a presença de ninguém menos — ou nada menos — que seu anjo da guarda. Não se tratava de alguém palpável ou audível, nem sequer de um ectoplasma, mas de uma entidade cuja presença ele podia sentir claramente e com a qual se comunicava apenas de forma mental. Segundo suas lembranças, foi ela, a entidade, a tomar a iniciativa, e então teria ocorrido o seguinte diálogo não verbal:



No espetáculo de Raul Seixas no Canecão, Paulo aparece de surpresa e sobe ao palco pela última vez com o parceiro, que morreria meses depois.

— O que você quer?

Sem olhar para o lado, o escritor continuou guiando o veículo:

— Quero que meus livros sejam lidos.

— Mas para isso você vai ter que levar muita porrada.

— Mas por quê? Só por querer que meus livros sejam lidos?

— Seus livros lhe darão celebridade, e aí você vai começar a apanhar para valer. Você tem de decidir se quer isso mesmo.

Antes de se desvanecer na atmosfera, a entidade ainda lhe teria dito:

— Eu lhe dou um dia para pensar. Hoje você vai sonhar com um determinado lugar. É lá que vamos nos encontrar amanhã, nesta mesma hora.

No pequeno hotel em que se hospedava na cidade de Pau, ele sonhou com um bondinho que levava passageiros ao topo de uma montanha muito alta. Ao acordar, na manhã seguinte, soube na portaria que uma das atrações da cidade era precisamente um teleférico, o Funiculaire de Pau, cujo ponto de partida ficava a poucos metros dali, ao lado da estação ferroviária. O morro no qual o bondinho verde-escuro despejava magotes de trinta turistas a cada dez minutos não era tão alto como o do sonho, mas não havia dúvidas de que estava no caminho certo. Quando começou a escurecer, mais ou menos 24 horas depois da aparição do dia anterior, Paulo enfrentou uma breve fila e minutos depois chegava a um terraço cercado de chafarizes — a Fontaine de Vigny, de onde teve uma deslumbrante vista das primeiras luzes da cidade se acendendo. O escritor se recorda com precisão não apenas da data — “era 27 de setembro de 1989, dia de São Cosme e São Damião” —, mas do pedido feito à entidade:

— Quero que meus livros sejam lidos. Mas quero que meu pedido possa ser renovado daqui a três anos. Você me dá três anos, e eu voltarei aqui em 27 de setembro de 1992 e direi se sou macho para continuar ou não.

Quando os intermináveis setenta dias de peregrinação pareciam próximos do fim, certa noite, após o “ritual do fogo”, uma jovem de pele e cabelos claros aproximou-se dele puxando assunto. Era Brida O’Fern, irlandesa de trinta anos, que alcançara o grau de Mestre da R.A.M. e, como ele, cumpria o Caminho de Roma. A companhia de Brida não seria apenas um agradável presente que aliviaria o cansaço do final da peregrinação. Embora tivesse planos de escrever um livro sobre o Caminho de Roma, Paulo encantou-se de tal forma com as histórias que a moça lhe contou que acabou optando por inspirar-se apenas na irlandesa para fazer seu terceiro livro — que, como ela, se chamaria Brida. Revelar o Caminho de Roma ficaria para depois.

Cumprida a ordália que lhe fora imposta por Jean, a produção de *Brida* iria inaugurar o método que o autor passaria a adotar em quase todos os seus livros dali em diante: ruminar o tema durante algum tempo e, quando a história estivesse madura, escrever o livro em duas semanas. O romance conta a história e as desventuras da jovem Brida O’Fern, que aos 21 anos decide ingressar no universo da magia. As descobertas começam quando ela conhece um mago, numa floresta a 150 quilômetros de Dublin, a capital da República da Irlanda. Orientada pela feiticeira Wicca, ela inicia seu caminho e, após cumprir todos os rituais, torna-se afinal uma Mestra da R.A.M. Logo nas primeiras páginas o autor faz uma advertência a seus leitores:

No livro O Diário de um Mago, troquei duas das práticas de R.A.M. por exercícios de percepção que havia aprendido na época em que lidei com teatro. Embora os resultados fossem rigorosamente os mesmos, isto me valeu uma severa reprimenda de meu Mestre. “Não importa se existem meios mais rápidos ou mais fáceis, a Tradição jamais pode ser trocada”, disse ele. Por causa disso, os poucos rituais descritos em Brida são os mesmos praticados durante séculos pela Tradição da Lua — uma Tradição específica, que requer experiência e prática na sua execução. Utilizar tais rituais sem orientação é perigoso, desaconselhável, desnecessário e pode prejudicar seriamente a Busca Espiritual.

Entusiasmado com o desempenho do *Diário* e do *Alquimista*, ao saber que Paulo tinha um novo livro saindo do forno, Rocco tomou a iniciativa e ofereceu-lhe 60 mil dólares por *Brida*. O insólito, no caso, não estava no valor ofertado, que, embora alto pelos padrões brasileiros, não quebrava nenhum recorde do mercado ou mesmo da editora — meses antes a Rocco pagara 180 mil dólares pelos direitos de publicação no Brasil do romance *A Fogueira das Vaidades*, do americano Tom Wolfe. O que chamava a atenção era a forma como Paulo Coelho propôs que o dinheiro fosse dividido — modelo que, aliás, passaria a adotar em quase todas as negociações de suas futuras obras no Brasil: 20 mil dólares seriam gastos pela editora em promoção e propaganda; outros 20

mil seriam destinados a custear as viagens que ele tivesse de fazer pelo Brasil para promover o livro; e apenas 20 mil seriam recebidos por ele como adiantamento de direitos autorais. Os outros 40 mil dólares sairiam dos cofres da Rocco a fundo perdido. A grande bomba, no entanto, foi guardada em segredo pela editora até as vésperas do lançamento, na primeira semana de agosto de 1990: a primeira edição de *Brida* teria uma tiragem de 100 mil exemplares — número só superado, entre autores brasileiros, por Jorge Amado, cujo romance *Tieta do Agreste* fora lançado em 1977 com tiragem inicial de 120 mil exemplares.

Se o anjo com quem Paulo se encontrou no teleférico de Pau era apenas fruto de sua fé, a verdade é que ele acertou na mosca ao vaticinar que o autor ia ser massacrado pela crítica. Ao contrário do tratamento água-com-açúcar que a imprensa lhe dedicara nos casos de *O Diário de um Mago* e do *Alquimista*, no lançamento de *Brida* a mídia parecia querer sangue — e em quantidade proporcional ao sucesso que aqueles livros faziam junto aos leitores. Impiedosos e muitas vezes roçando o desrespeito, os principais veículos de comunicação do Rio e de São Paulo pareciam dispostos a não deixar pedra sobre pedra:

O autor escreve muito mal. Não sabe usar a crase, emprega muito mal os pronomes, escolhe aleatoriamente as preposições, ignora coisas simples como a diferença entre os verbos “falar” e “dizer”. (Luiz Garcia, O Globo)

Em termos estéticos, Brida é um fracasso. Imitação do enfadonho modelo de Richard Bach, temperado com Carlos Castañeda. Os estereótipos permeiam o livro de Paulo Coelho. (Juremir Machado da Silva, O Estado de S.Paulo)

O que talvez devesse anunciar com mais galhardia é que faz chover. Pois Paulo Coelho faz mesmo — na horta dele. (Eugênio Bucci, Folha de S.Paulo)

O Alquimista é desses livros que, quando a gente larga, não consegue mais pegar. (Raul Giudicelli, Jornal do Commercio)

As pedradas vinham de todos os lados, não só de jornais e revistas. Dias depois do lançamento de *Brida*, o autor foi entrevistado em um popular talk show da tevê brasileira, o *Jô Soares Onze e Meia*, exibido em rede nacional pelo SBT. Embora fossem amigos e tivessem contracenado juntos na pornochanchada *Tangarela, a Tanga de Cristal*, o apresentador embarcou na onda contra Paulo Coelho e abriu o programa tendo nas mãos uma lista de dezenas de erros que teria descoberto no livro *O Alquimista*. A entrevista acabaria provocando uma polêmica paralela. Dois dias depois o jornal carioca *O Dia* exibiu uma nota na coluna de Artur da Távola — ele mesmo, o ex-colega do grupo de trabalho da Philips e um dos prefaciadores de *Arquivos do Inferno* — intitulada “Cadê o Crédito, Jô?”:

Esta coluna está ganhando o mundo. Embora não nos tenha dado o crédito, como deveria, já que entrou no estúdio tendo na mão um fax com a nota aqui publicada sobre os 86 erros do livro O Alquimista, pedido a nós pela produção do seu programa no SBT — Jô Soares entrevistou anteontem o escritor Paulo Coelho batendo em cima dos cochilos de revisão da Editora Rocco.

Pois o mago justificou o desleixo da editora afirmando que todos os erros foram propositais. “São códigos”, disse Paulo Coelho. “Se não fossem, teriam sido corrigidos nas edições seguintes.” Jô quis saber então sobre o verbo haver no plural, erro encontrado dezesseis vezes no livro por esta coluna. E o autor: “Escrevi haviam (dunas, estrelas etc.) porque é costume se falar haviam.”

Costume onde? Em Moçambique?

Ainda lhe restava, porém, um fiapo de esperança de que alguém na mídia lesse seus livros sem preconceitos, com os mesmos olhos dos milhares de pessoas que afluíam às livrarias de todo o país em busca de algum de seus três best-sellers. Quem sabe não seria a revista *Veja*, o mais lido e influente semanário brasileiro, que decidira dedicar a ele a capa da edição seguinte? Depois de conceder uma longa entrevista e posar para fotografias, o escritor aguardou ansiosamente o domingo de manhã, quando a revista chegava às bancas do Rio. A primeira surpresa foi ver que a capa, onde imaginava encontrar sua foto, estampava uma bola de cristal sob o título “A Maré do Misticismo”. Folheou a revista rapidamente até dar com a reportagem, intitulada “O Mago nas Alturas” e ilustrada por uma foto sua de capa preta, tênis e cajado na mão. Pôs-se a ler em diagonal, ávido de curiosidade, mas nem precisou ir muito além da décima linha para entender que o jornalista (a reportagem não era assinada) atirava com balas de grosso calibre: tanto *Brida* como o *Diário* e o *Alquimista* eram classificados como “livros com mal contadas histórias

metafísicas, banhadas num misticismo difuso”. Nas seis páginas seguintes, a fuzilaria continua com a mesma intensidade, sendo raro o parágrafo em que não saltasse uma crítica, um deboche, uma ironia:

[...] superstições tolas...
[...] ninguém sabe dizer com precisão onde termina a convicção verdadeira e começa a farsa...
[...] mais um surfista no vagalhão do misticismo lucrativo...
[...] embolsou 20 mil dólares como adiantamento para perpetrar Brida, e já cogita cobrar por suas palestras...
[...] seguramente o pior de seus livros...
[...] ficção pedestre...

Nem mesmo sua fé tinha sido poupada. Ao se referir à ordem religiosa de que fazia parte, *Veja* afirmava que *Regnum Agnus Mundi* nada mais era que algumas “palavras latinas soltas, que poderiam ser traduzidas aproximadamente por Reino do Cordeiro do Mundo”. Das incontáveis horas de entrevista que concedera, apenas uma frase foi aproveitada na íntegra. Quando lhe perguntaram onde residia a razão de tanto sucesso, ele respondera:

— É uma dádiva divina.

À *Veja* o escritor reagiu com uma carta de poucas palavras: “Gostaria de fazer apenas uma correção na reportagem ‘O Mago nas Alturas’. Não pretendo cobrar minhas palestras para o grande público. O resto não foi surpresa: todos nós somos muito burros e vocês, muito inteligentes”. Ao jornalista Luiz Garcia, de *O Globo*, enviou um longo texto, publicado em meia página do jornal com o título “Sou o Disco Voador da Literatura”, no qual, pela primeira vez, Paulo reclama do tratamento recebido pela mídia:

[...] No momento eu sou o disco voador da literatura — gostem ou não da forma, das cores e dos tripulantes. Então, que me vejam com espanto, mas não com tanta agressividade. Há três anos o público compra meus livros, em quantidades cada vez maiores, e eu não podia enganar tanta gente, de todas as faixas etárias e de todas as classes sociais, ao mesmo tempo. Tudo o que tenho feito é tentar mostrar a minha verdade e as coisas em que acredito com sinceridade — embora nem isso a crítica tenha me poupado.

O autor da crítica treplicou na mesma página, em cujo final adota tom tão abrasivo quanto o do texto anterior:

[...] Conformado com o fato de que continuará, como diz, em seu estilo confundível, a “combater o bom combate” aconselho-o, apenas, a não insistir na tese de que escrever com simplicidade e escrever mal são a mesma coisa. Não lhe fica bem.

Os números, no entanto, revelavam que o mote de Nelson Rodrigues valia também para o mundo dos livros: para sorte do autor, a crítica parecia incapaz de levar uma só bactéria às livrarias. Enquanto os jornalistas, de lupa na mão, buscavam verbos tortos, concordâncias duvidosas e vírgulas fora do lugar, os leitores não paravam de comprar o livro. Uma semana depois de colocado no mercado, *Brida* estava em primeiro lugar em todo o país, atribuindo ao autor novo recorde, o de ter três livros nas listas de best-sellers nacionais simultaneamente. O fenômeno de massas em que Paulo Coelho se tornou obrigou pessoas públicas, intelectuais e artistas a terem opinião formada sobre ele, o que era cobrado na maioria das entrevistas. Curiosamente, ao contrário da unanimidade da crítica, o mundo das personalidades parecia dividido diante do novo prodígio das letras nacionais, a julgar por declarações colhidas em jornais e revistas da época:

É um gênio. Ele ensina que a iluminação não está nas coisas complicadas. (Regina Casé, atriz)

Quem? Paulo Coelho? Não, nunca li nada dele. Mas não é falta de interesse, não. É porque estou há muito tempo fora da realidade. (Olgária Matos, filósofa e professora da Universidade de São Paulo)

O Alquimista tem a ver com a história de cada um. Fui iluminado por esse livro, que me empolgou tanto que recomendei à minha família. (Eduardo Suplicy, economista e político)

Li e houve luz. A narrativa explora a intuição e corre natural como um rio. (Nelson Motta,

compositor)

Os dois livros me iluminaram. Neles entendi coisas muito difíceis de explicar. (Técio Lins e Silva, advogado e político)

Já li O Diário de um Mago, mas prefiro as letras que ele fazia em parceria com o Raul Seixas. (Cacá Rosset, diretor de teatro)

É tudo extraordinariamente iluminador. Ele fala com o mistério. (Cacá Diegues, cineasta)

A despeito da acidez da crítica, um ano depois de lançado, *Brida* tinha tirado 58 edições e continuava na cabeça de todas as listas com uma vendagem que, somada à dos livros anteriores, beirava o primeiro milhão de cópias, um marco que pouquíssimos autores brasileiros tinham conseguido atingir até então. Estimulado pelo sucesso, Paulo se preparava para colocar nas livrarias, em 1991, uma bomba na área de não ficção: um livro autobiográfico revelando em detalhes o que fora sua aventura com Raul Seixas no mundo da magia negra e do satanismo — aí incluída, claro, a “noite negra”, quando ele acredita ter-se defrontado com o demônio. Ao contrário do que fizera em seus livros anteriores — só dar os originais para Chris ler quando tivesse colocado o ponto final —, desta vez ele entregava à esposa cada capítulo que ficava pronto. Enquanto Paulo passava os dias debruçado sobre o pequenino notebook Toshiba 1100, ela se eletrizava com a leitura. Quando estava próximo da página 600, no entanto, recebeu uma dura advertência de Chris:

— Paulo, para de escrever esse livro.

— O quê?

— Eu estou adorando o livro. O problema é que ele é todo sobre o mal. Sei que o mal é fascinante, mas você não pode continuar escrevendo isso.

Ele ainda tentou — “com argumentos e depois chutando tudo o que estava à minha volta” — demovê-la daquela ideia maluca:

— Mas você enlouqueceu, Chris! Pelo menos você podia ter me dito isso na página dez, não na seiscentos!

— Então vou lhe contar a razão da minha preocupação: eu olhei para Nossa Senhora Aparecida, e ela disse que você não pode escrever esse livro.

Depois de muita discussão, prevaleceu, como quase sempre costuma acontecer, o ponto de vista de Chris. Ao decidir que aquela obra maldita morreria inédita, Paulo imprimiu uma versão do livro e apagou do computador todos os vestígios do que escrevera. Marcou um almoço com o editor Paulo Rocco no elegante restaurante português Antiquarius, no Leblon, e colocou sobre a mesa o calhamaço de dez centímetros de altura:



Para frustração do escritor, no lugar de sua foto a revista *Veja* coloca na capa uma bola de cristal.

— Aqui estão os originais do novo livro. Abra em qualquer página.

Embora Rocco, também por superstição, nunca tivesse lido os originais de Paulo antes de enviá-los à gráfica, no caso tratava-se de um livro envolto em tanta cerimônia que o editor fez o que o autor sugeriu. Abriu o maço de folhas aleatoriamente, leu a página sorteada e ao terminar ouviu Paulo dizer:

— Além de mim e da Christina, você terá sido a única pessoa a ler alguma parte deste livro,

porque eu vou destruí-lo. Só não peço ao garçom para flambar estes originais porque não quero que essa energia negativa se transforme em fogo. Ele já foi todo deletado do meu computador.

Depois do almoço, Paulo caminhou sozinho pela praia do Leblon em busca do lugar onde pudesse sepultar para sempre o livro. Ao ver um caminhão basculante mastigando o conteúdo dos latões de lixo dos prédios da orla marítima, aproximou-se e atirou o pacote de originais na caçamba giratória, que, em segundos, os mutilou completamente, pondo fim ao livro que jamais seria lido.

Ao destruir em um caminhão de lixo os originais carregados de tantas energias negativas, é possível que Paulo tenha se poupado de aborrecimentos metafísicos futuros. Mas o ato de jogar fora um livro praticamente pronto também pusera na mesa um novo problema para ele e a editora: o que lançar em 1991, para não perder o empuxo produzido pelo êxito fenomenal dos três best-sellers anteriores? Enquanto não se decidia, Paulo sugeriu a Rocco adaptar e traduzir para o português um pequeno livro, pouco mais que um opúsculo, contendo um sermão proferido na Inglaterra em 1890 pelo jovem missionário protestante Henry Drummond. Tratava-se de *The Greatest Thing in the World*, prédica baseada na carta de São Paulo aos coríntios, na qual o autor discorre sobre as virtudes da paciência, bondade, humildade, generosidade, delicadeza, entrega, tolerância, inocência e sinceridade como manifestações “do supremo dom que foi concedido à humanidade: o amor”. Rebatizada com o título de *O Dom Supremo*, a edição brasileira parecia não ter a pretensão de ser senão um livro de menos de cem páginas contendo um sermão capaz de tocar corações sensíveis. A despeito de ter sido praticamente ignorado pela mídia e colocado no mercado sem nenhum estardalhaço, em poucas semanas *O Dom Supremo* também entraria para as listas dos livros mais vendidos, nas quais permaneciam, inamovíveis, *O Diário de um Mago*, *O Alquimista* e *Brida*.

O êxito, no entanto, não parece ter deixado o autor satisfeito. Afinal, aquela não era uma obra sua, e sim uma tradução lançada para ocupar o espaço deixado pelas renegadas memórias do período satânico. Em busca de tema para o novo romance, Paulo acabou se decidindo por uma história que estava engatilhada desde 1988, a aventura vivida com Chris nos Estados Unidos. A tarefa que então lhe fora confiada por Jean, diz Paulo, era precisa: ele e a mulher deveriam se submeter a uma quarentena espiritual no deserto do Mojave, um dos maiores parques nacionais americanos. Com cerca de 60 mil quilômetros quadrados — área pouco menor que o território da Lituânia —, o deserto é conhecido pelo clima hostil e por formações geológicas únicas, como o vale da Morte, cujos rios e lagos desaparecem durante metade do ano, deixando à mostra leitos secos e cobertos de sal. Para cumprir a ordália imposta pelo Mestre — encontrar seu anjo da guarda —, o escritor teria que se socorrer de um guia naquela imensidão de areia que se estende pelos estados da Califórnia, de Nevada, de Utah e do Arizona. O indicado por Jean era alguém de carne e osso e com nome próprio de uma só palavra: Took.

Obrigado a adiar para a volta a solução dos problemas com o editor Ernesto Mandarin, da Eco, no dia 5 de setembro de 1988 o casal desembarcou no aeroporto de Los Angeles, na Califórnia, e de lá partiu em carro alugado para uma viagem rumo ao sul, em direção ao mar de Salton, um lago de águas salgadas com cinquenta quilômetros de extensão e vinte de largura. Depois de horas dirigindo, atingiram um daqueles postos de gasolina semiabandonados e tão comuns em filmes sobre o Oeste americano. “Falta muito para chegar ao deserto?”, perguntou ele à moça que atendia na bomba. Ela disse que não, que o casal estava a cerca de trinta quilômetros da cidadezinha de Borrego Springs, na entrada do deserto, e deu-lhes alguns conselhos importantes: não ligar o ar-condicionado com o carro parado, para evitar o superaquecimento do motor, colocar quatro galões de água no porta-malas e não abandonar o veículo se acontecesse algum imprevisto. Paulo ficou espantado ao saber que o deserto estava tão perto:

— À minha volta o clima era ameno e a vegetação era de um verde luxuriante. Achei difícil acreditar que em quinze minutos de viagem tudo iria mudar radicalmente, mas foi o que aconteceu: assim que cruzamos uma cadeia de montanhas, a estrada começou a descer e apareceram na nossa frente o silêncio e a imensidão do Mojave.

Durante os quarenta dias em que permaneceram acampados ou, quando dava, hospedados em hotéis, Paulo e Chris conviveram com os vestígios históricos que fazem parte da lenda do deserto: minas de ouro abandonadas, restos de carroças de pioneiros cobertos de poeira, vilarejos fantasmas, eremitas que queriam distância do mundo e das pessoas, comunidades de hippies que passavam o dia em silenciosa meditação. Além desses, os únicos seres vivos com os quais cruzavam eram a chamada “vizinhança do Mojave”: cascavéis, lebres e coiotes, animais que para sobreviver ao calor só saíam à noite.

As primeiras duas semanas da quarentena deveriam ser passadas em silêncio absoluto, não sendo permitido que o casal trocasse sequer um cumprimento de bom-dia. Esse período seria

inteiramente dedicado aos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. Aprovados pelo Vaticano em 1548, os exercícios espirituais, ou simplesmente “EE”, são fruto da experiência pessoal do fundador da Companhia de Jesus. Não se trata, segundo a crença católica, de uma espiritualidade que deva ser pregada ou intelectualizada, mas experimentada. “É através da experiência que o mistério de Deus vai sendo revelado a cada pessoa, de forma singular e individual”, explicam os manuais editados pelos jesuítas, “e é esta revelação que deverá transformar sua vida”. O grande objetivo de Santo Inácio era que cada exercitante se tornasse um contemplativo na ação, “o que significa ver em tudo e em todos a figura de Deus, a presença da Trindade Santa construindo e reconstruindo o mundo”. E foi isso, e apenas isso, que Paulo e Chris fizeram durante os primeiros dias: orações e reflexões em busca de Deus. Certa noite, uma semana depois da chegada, estavam mergulhados nessa atmosfera de espiritualidade, sentados em uma duna e sob um céu de milhões e milhões de estrelas quando um primeiro estrondo quebrou a paz e o silêncio, logo seguido pelo segundo e por mais um e depois por mais outro. O ruído ensurdecedor vinha do céu e era fruto da explosão de gigantescas bolas de fogo que se desmanchavam em mil fragmentos coloridos, iluminando por instantes todo o deserto. Foram precisos alguns segundos, porém, para que se convencessem de que não se tratava do Armagedom, como Paulo lembraria muitos anos depois:

— Assustados, vimos luzes brilhantes que caíam devagar, deixando o deserto iluminado como se fosse dia. De repente, começamos a ouvir estrondos à nossa volta: eram aviões militares rompendo a barreira do som. Iluminados por aquela luz fantasmagórica, soltavam bombas incendiárias no horizonte. Só no dia seguinte soube que o deserto é utilizado para exercícios de guerra. Foi uma coisa arrepiante.



Paulo e Christina durante a peregrinação no deserto do Mojave, nos Estados Unidos. Abaixo, o local onde ele cimentou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, posteriormente furtada.



Encerradas as duas semanas iniciais de práticas espirituais, e sempre cumprindo as instruções transmitidas por Jean, Paulo afinal chegou ao velho trailer, permanentemente estacionado nas proximidades de Borrego Springs, onde vivia Took. Ambos se surpreenderam ao ver que o poderoso paranormal a que Jean se referira nada mais era que um rapazote de vinte anos. Orientado pelo jovem mago, Paulo passaria por dezenas de cidadezinhas na fronteira dos Estados Unidos com o México até encontrar um grupo conhecido na região como as “Valkírias”. Tratava-se de oito mulheres muito bonitas que vagavam pelas cidades do Mojave vestidas de roupas de couro preto e pilotando potentes motocicletas, lideradas pela mais velha delas, uma ex-executiva do Chase Manhattan Bank. Assim como Paulo e Took, Valhalla, a chefe do grupo, era também uma iniciada na ordem R.A.M. E o contato com ela é que acabaria levando Paulo, no trigésimo oitavo dia de viagem, e sem a companhia de Chris, a defrontar-se com uma borboleta azul e uma voz que, conta, se comunicava com ele. Em seguida, o escritor assegura ter visto seu anjo — ou pelo menos a materialização de parte dele, um braço que brilhava à luz do sol e ditava palavras bíblicas que Paulo transcreveu, trêmulo e apavorado, em um pedaço de papel.

Transido de emoção, não via a hora de contar a Chris o que vivera e dizer-lhe que “ver o anjo era ainda mais fácil que conversar com ele”: bastava acreditar que os anjos existem, bastava precisar de anjos. E eles se mostravam, brilhantes como o raiar da manhã.

Para celebrar o acontecimento, antes de encerrar a viagem, acompanhado por Chris e Took, Paulo entrou pelo deserto até chegar a um lugarejo conhecido como Glorieta Canyon. Quando os três caminharam por um pedregal inóspito, o escritor parou diante de uma pequena gruta. Em seguida, tirou do porta-malas sacos com cimento e areia e um garrafão de água, e se pôs a preparar argamassa. Quando sentiu consistência, cobriu a base da gruta com aquela maçaroca e, antes que a mistura começasse a endurecer, nela fixou pela base uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, a santa negra padroeira do Brasil, que levava na bagagem. Aos pés da imagem, gravou no cimento ainda mole as seguintes palavras:

THIS IS THE VIRGIN OF APARECIDA FROM BRAZIL. ASK FOR A MIRACLE AND RETURN HERE.

[Esta é a Nossa Senhora Aparecida do Brasil. Peça um milagre e volte aqui.]

Acendeu uma vela, fez uma rápida oração e partiu. De volta ao Brasil, Paulo passaria mais de três anos com os acontecimentos do Mojave na cabeça. Só no final de 1991, ao sentir que os originais destruídos no caminhão de lixo precisavam de um substituto, é que decidiu escrever *As Valkírias*. Segundo os registros do processador de textos de seu computador, as primeiras palavras do livro foram digitadas às 23h30 horas do dia 6 de janeiro de 1992, uma segunda-feira. Ao cabo de dezessete dias ininterruptos de trabalho, como se tinha tornado seu costume, ele digitou a frase final da 239ª e última página da obra:

[...] E só então seremos capazes de entender estrelas, anjos e milagres.

No dia 21 de abril, quando o livro tinha passado por todos os processos industriais e estava pronto para ser impresso, Paulo enviou de seu apartamento no Rio um fax à Editora Rocco informando que Jean não sugeria, mas “mandava” e “exigia” mudanças nos originais:

Prezado Rocco:

Recebi meia hora atrás um telefonema de J. (o Mestre), mandando suprimir (ou modificar) duas páginas do livro. Essas páginas estão no meio do livro, e se referem a uma cena chamada “O ritual que derruba os rituais.” Ele diz que nessa cena eu não devo, em absoluto, relatar as coisas como aconteceram — devo, isto sim, usar uma linguagem alegórica, ou interromper a narração do ritual antes de chegar à parte proibida.

Resolvi optar pela segunda alternativa, mas esta vai requerer alguns ajustes de ordem literária. Farei essa modificação neste feriado, mas fiquei ansioso para comunicar logo isso. Então, pode mandar pegar nesta quarta-feira:

— a modificação exigida pelo meu Mestre;

— a nova “Nota do Autor”.

Se eu não conseguir escrever, passo um novo fax, mas como meu Mestre disse que era para entrar em contacto imediato com a editora, estou fazendo isso (embora saiba que hoje é feriado).

Paulo Coelho

Além de Jean, do autor e de Paulo Rocco, ninguém jamais saberia o que continham os trechos censurados. A supressão, de qualquer forma, não parece ter comprometido o desempenho de *As Valkírias* entre os leitores. Menos de 24 horas depois de lançados, em agosto de 1992, os 120 mil exemplares da tiragem inicial tinham sido reduzidos à metade — isso mesmo, quase 60 mil livros sumiram das prateleiras das livrarias no próprio dia do lançamento. Quinze dias depois, *O Alquimista* deixava o primeiro lugar das listas de mais vendidos, no qual permanecera por 159 semanas consecutivas, para dar lugar a *As Valkírias*. O autor derrubava recordes um após outro. Com *As Valkírias*, Paulo tornava-se o primeiro autor brasileiro a ter nada menos do que cinco livros nas listas de best-sellers. Além do lançamento, lá estavam *O Alquimista* (159 semanas), *Brida* (106), *O Diário de um Mago* (68) e *O Dom Supremo* (19), marca que só havia sido superada pelo americano Sidney Sheldon, um dos mais bem-sucedidos autores do mundo, que chegara a ter seis livros em listas dos Estados Unidos (muitos anos depois, em 2003, Paulo retomaria o cetro das mãos do autor de *The Naked Face* ao emplacar sete livros na lista do *Knjinoie Obozrenie*, influente semanário literário moscovita — e seis meses depois repetiria o feito na lista do *Sunday Newspaper*, publicado em Bucareste, na Romênia).

O que mais chamou a atenção da imprensa, após o primeiro impacto de vendas do novo livro, não foi seu conteúdo, mas os detalhes do contrato do autor com a Rocco. Um jornal afirmava que Paulo receberia 15% sobre o preço de capa do livro (ao contrário dos 10% estabelecidos universalmente), outro revelava que faria jus a um prêmio de 400 mil dólares quando as vendas batessem em 600 mil exemplares. Um terceiro especulava sobre os gastos da editora com propaganda e informava que, para se proteger da inflação, o autor exigira prestações de contas quinzenais. O *Jornal do Brasil* assegurou que, na esteira do sucesso de *As Valkírias*, o mercado seria “inundado por plásticos com a inscrição ‘eu acredito em anjos’, cartazes anunciando que ‘os anjos estão entre nós’ e réplicas em cerâmica do autor, com barbicha e tudo, além de seiscentas camisetas da grife Company estampadas com o arcanjo Miguel”. Uma colunista do Rio de Janeiro noticiou que o autor supostamente recusara um cachê de 45 mil dólares para aparecer em um anúncio de seguros no qual dizia apenas uma frase: “Eu acredito em vida após a morte, mas, por via das dúvidas, faça seguro”. De tudo isso, o que parecia mesmo ser novidade é que, a partir de então, Paulo passaria a interferir também no preço de capa do livro — área em que, em geral, os autores não se intrometem. Preocupado em manter sua obra acessível às pessoas de menor poder aquisitivo, o autor passaria a estabelecer contratualmente um teto para o preço de seus livros — que, no caso de *As Valkírias*, era de onze dólares.

Rio de Janeiro, April 21, 1992

At.: Sr. Paulo Rocco
via fax

Prezado Paulo:

recebi a sua hora atrás um telefonema de J. (o mestre), pedindo suprir (ou modificar) duas páginas do livro. Estas páginas estão no meio do livro, e se refere a uma cena chamada "O Ritual que derruba os Rituais". Ele se diz que nesta cena eu não devo, em absoluto, relatar as coisas como aconteceram - deve, isto sim, usar uma linguagem alegórica, ou interpor a narração do ritual antes de chegar "a parte proibida".

Resolvi optar pela segunda alternativa, mas esta vai requerer alguns ajustes de ordem literária.

Farei esta modificação neste feriado, mas fiquei ansioso para comunicar logo isto. Então, pode andar pegar nesta quarta-feira:

- a modificação exigida pelo seu mestre (quando eu entro)
- a nova "Nota do Autor"
- a modificação da carta da Rita - que também exigirá uma sexta geral do epílogo.

Se eu não conseguir escrever, passo um novo fax, mas como seu mestre disse que era para entrar em contacto imediato com a editora, estou fazendo isto (embora saiba que hoje é feriado). Caso não tenha recebido outro fax além deste, pode andar pegar, por favor. Aproveito e devolvo as fitas de vídeo que tão gentilmente você alugou para mim.

Um grande abraço,

Paulo

P.S. Acabei de fazer os cortes solicitados. Não vão requerer compensação nova, apenas a eliminação de 3 blocos. Segue em anexo o bloco a ser eliminado.

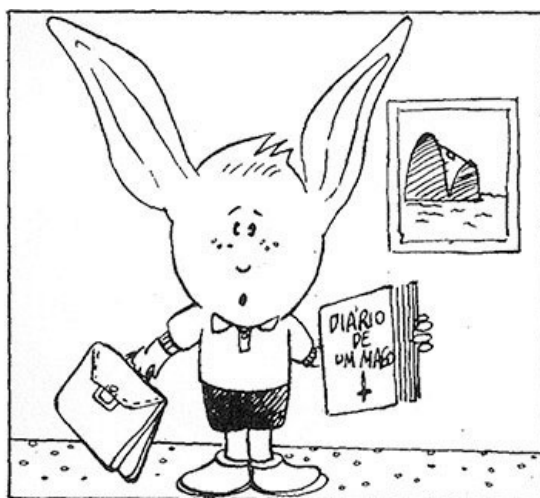
A mensagem de Paulo a seu editor com as mudanças exigidas por Jean nos manuscritos de seu novo livro, *As Valkírias*.

Passada a curiosidade inicial por números, recordes e cifras, as críticas começaram a brotar. E

vieram na mesma toada das que haviam sido dedicadas aos livros anteriores. “A mediocridade literária de *As Valkírias* acaba tendo um efeito positivo. Poderia ser um livro delirante, mas é sobretudo insípido. Torna-se, assim, mais fácil de ler” (*Folha de S.Paulo*). “Em termos de literatura, aí entendida como a arte de escrever, *As Valkírias* exhibe em doses generosas a mesma qualidade dos livros anteriores do Coelho: ou seja, nenhuma” (*Veja*). “Os livros de Paulo Coelho, e *As Valkírias* não é uma exceção, não primam pelo virtuosismo estilístico. Além do enredo fabulatório, são esculpidas toscamente frases que parecem tiradas de uma composição escolar” (*O Estado de S.Paulo*).

Em meio à fuzilaria da crítica, no entanto, os jornais haviam divulgado discretamente a notícia de que a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro pretendia adotar as obras de Paulo Coelho como forma de incutir nos estudantes o hábito da leitura. As duas reações à ideia, ambas publicadas no *Jornal do Brasil*, pareciam ainda mais ásperas que as palavras dos críticos. Na primeira delas, intitulada “Burricês”, o jornalista Roberto Marinho de Azevedo dizia-se estupefato com a informação e acusava a secretaria de “entupir esses inocentes com misticismo de oitava mão, escrito em português descuidado”. Pior que o texto era a ilustração que acompanhava o artigo, a caricatura de um estudante com orelhas de asno e levando nas mãos um exemplar de *O Diário de um Mago*. Não era tudo: em sua coluna semanal do mesmo *Jornal do Brasil*, o conservador e respeitado monge beneditino dom Marcos Barbosa, poeta, tradutor e membro da Academia Brasileira de Letras, identificava por trás daquilo a impressão digital do clero progressista:

Certos colégios estão adotando livros de Paulo Coelho, ou até mesmo pornográficos, por serem mais interessantes para os alunos do que Machado de Assis ou Raul Pompeia. Os teólogos “avançadinhos” que andaram pondo os anjos de lado, apesar das advertências de Paulo VI no Credo do Povo de Deus, devem estar surpresos com os trunfos colhidos pelo escritor-mago, cuja mulher é visitada por Anjos e Valkírias...



Publicada no *Jornal do Brasil*, charge deixa o autor indignado: segundo o crítico, adotar livros dele nas escolas seria emburrecer os alunos.

Com quatro livros publicados e convertido em um dos maiores êxitos literários de todos os tempos no Brasil, Paulo podia contar nos dedos da mão as críticas positivas publicadas em seu país sobre qualquer um deles. Incapazes de oferecer aos leitores uma explicação para o fenômeno de um autor que consideravam medíocre fazer tanto sucesso, os meios de comunicação buscavam respostas a esmo. Alguns preferiam atribuir apenas à propaganda os sucessivos records que o autor quebrava, mas isso continuava deixando uma pergunta no ar: se era tão simples, por que os demais escritores e editores não adotavam a mesma receita? Quando esteve de passagem pelo Brasil, antes do lançamento de *As Valkírias*, Mônica Antunes foi procurada pelo *Jornal do Brasil* com a indefectível questão: a que você atribui o sucesso de Paulo Coelho? Vestindo um elegante blazer pied-de-poule — talvez austero demais para alguém com ar ainda adolescente como ela —, a agente matou a questão com uma frase profética:

— Isto que estamos vendo é só o início de uma febre.

Outro argumento que se costumava usar para explicar tamanho sucesso — o baixo nível cultural do brasileiro, pouco habituado à leitura — seria demolido com a entrada dos livros de Paulo nos

dois mais emblemáticos mercados editoriais, o americano e o francês. A edição nos Estados Unidos começou a nascer no final de 1990. Paulo estava hospedado no hotel Holiday Inn de Campinas, cidade a cem quilômetros de São Paulo, preparando-se para um debate com estudantes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sobre o livro *Brida*, quando tocou o telefone. Do outro lado da linha estava o cinquentão Alan Clarke, dono do Gentleman's Farmer, um pequeno hotel de cinco quartos do tipo bed-and-breakfast na cidadezinha de West Barnstable, no estado americano de Massachusetts. Falando português fluente, Clarke explicou que nas horas vagas atuava como tradutor juramentado e trabalhara alguns anos no Brasil como executivo da multinacional International Telephone & Telegraph, a ITT, que dominou as telecomunicações em boa parte do mundo até o final dos anos 80. Ele havia lido e gostado de *O Diário de um Mago* e se oferecia para traduzi-lo para o inglês. Paulo sabia que o mercado americano poderia ser um trampolim para o resto do planeta, mas não se entusiasmou com a proposta:

— Obrigado pelo interesse, mas o que preciso é de um editor nos Estados Unidos, não de um tradutor.

Clarke não desanimou:

— Mas então posso tentar conseguir um editor para o livro?

Certo de que aquela conversa não daria em nada, Paulo disse que tudo bem. Sem nunca ter trabalhado antes com uma obra literária, Alan Clarke traduziu as 240 páginas de *O Diário de um Mago* e saiu em campo com os originais em inglês debaixo do braço. Só depois de trilhar uma interminável via-crúcis e ouvir por 22 vezes a palavra “não” foi que topou com alguém interessado. Valeu a pena tanto esforço, porque a editora era nada menos que a HarperCollins, à época a maior dos Estados Unidos. Só em 1992, quando Paulo estava lançando *As Valkírias* no Brasil, é que o livro veio a público, batizado como *The Diary of a Magician* (muito tempo depois o título seria mudado para *The Pilgrimage*, “A Peregrinação”). Passaram-se os dias e as semanas e logo se viu que *The Diary* não ia ser um arrasa-quarteirão. “Na verdade, o livro simplesmente não aconteceu”, o próprio autor se lembra. “Não teve destaque na mídia e foi praticamente ignorado pela crítica.”

O insucesso, entretanto, não arrefeceu o ânimo do dublê de agente e tradutor. Meses depois do lançamento, Clarke levou para os editores da Harper os originais da tradução que fizera de *O Alquimista* — e o livro conquistou todos os leitores profissionais convidados a dar pareceres sobre a conveniência ou não de seu lançamento no mercado americano. A dimensão do entusiasmo da HarperCollins pelo livro pode ser avaliada pela tiragem da primeira edição: 50 mil exemplares em capa dura, feito jamais alcançado por outro escritor brasileiro, nem mesmo pelo consagradíssimo Jorge Amado. O olfato dos editores da Harper se revelaria apurado: em poucas semanas o livro aparecia nas listas de best-sellers de jornais importantes como o *Los Angeles Time*, o *San Francisco Chronicle* e o *Chicago Tribune*. Apesar de mais cara, a edição em capa dura fez tal sucesso que só dois anos depois a editora colocaria no mercado a versão em brochura, mais em conta.

A explosão de *The Alchemist* abriu as portas de mercados com os quais o autor nem mesmo sonhara, como o da Oceania. Publicado na Austrália logo depois de nos Estados Unidos, *O Alquimista* seria recebido pelo *Sydney Morning Herald* como “o livro do ano”. O jornal afirmava tratar-se de “uma obra encantadora, de infinita beleza filosófica”. Os leitores australianos também pareciam concordar, uma vez que, semanas depois de colocado nas livrarias, ele galgaria o primeiro lugar na mais importante lista de best-sellers do país, a do próprio *Herald*. Paulo, contudo, sonhava mais alto. Ele sabia que o reconhecimento como autor não viria de Nova York nem de Sydney, mas do outro lado do Atlântico. Como costuma acontecer com nove entre dez escritores, seu sonho era ser publicado — e sobretudo ser lido — na França, a terra de Victor Hugo, Flaubert e Balzac.



Após o sucesso de *O Alquimista* no Brasil, a jovem agente Mônica Antunes anuncia profeticamente: isto é uma febre que está apenas no começo.

No começo de 1993, durante uma breve viagem à Espanha, Paulo foi surpreendido pela primeira repercussão do sucesso americano: a agente Carmen Balcells queria tê-lo entre seus contratados. Dona da mais respeitada agência literária da Europa, a matriarca catalã contava entre seus autores nomes como o do peruano Mario Vargas Llosa e o do colombiano Gabriel García Márquez, prêmio Nobel de Literatura de 1982. A tentação era grande, pois ser representado por Carmen era trilhar caminhos que haviam sido abertos pelos mais importantes autores latino-americanos. O diretor da agência encarregado de fazer o convite a Paulo prometia que a contratação seria anunciada festivamente na feira de livros de Frankfurt, a se realizar no segundo semestre, e mais: ao contrário da maioria dos agentes literários — entre eles Mônica Antunes —, que recebiam 15% dos resultados, a agência cobrava apenas 10% dos royalties de seus representados.

A proposta calou fundo. Paulo vinha se preocupando com a absoluta inexperience de ambos — dele e de Mônica — no mundo editorial estrangeiro. Nenhum deles conhecia editores nem jornalistas do meio e não havia perspectiva no curto prazo de que se alterasse aquela situação. Ele temia que Mônica acabasse enterrando sua juventude naquela aventura, que durava quatro anos, sem resultados satisfatórios. “Eu tinha a obrigação de dizer que ela jamais poderia viver apenas como minha agente internacional”, o escritor se lembraria, tempos depois. “Para ela poder viver bem, eu teria que vender milhões de livros no exterior, e não era isso o que estava acontecendo.” A melhor maneira de resolver aquele conflito interior era abrir o jogo com a parceira.

Depois de refletir bastante sobre o convite, convidou-a para um café num barzinho de Rubí e foi direto ao assunto. Mais do que um diálogo, o que se viu foi uma tensa queda de braço verbal:

— Você sabe quem é a Carmen Balcells, não é?

— Sei.

— Pois ela me enviou esta carta propondo que sua agência passasse a me representar. Você está investindo numa pessoa em quem acredita, mas vamos ser realistas: a gente não vai chegar a lugar nenhum. Este negócio exige experiência, isso é um jogo de interesses muito pesado.



Paulo e Alan Clarke, seu tradutor e primeiro agente nos Estados Unidos.

Mônica não parecia entender o que ouvia, mas Paulo continuou:

— Vamos aceitar que o nosso trabalho não deu os frutos que a gente esperava. Não há nada de errado nisso. É a minha vida que está em jogo, mas não quero que você sacrifique também a sua em busca de um sonho que parece impossível.

Ainda mais pálida do que o normal, ela apenas ouvia, sem acreditar no que ele dizia:

— Então, realisticamente falando, o que acha de terminarmos esta relação? Se eu quiser ir para a Carmen Balcells agora, eu vou. Te pago por todos esses anos de trabalho e vou tocar a minha vida. Mas cabe a você a última palavra. Você investiu quatro anos da sua vida em mim, então não sou eu que vou te mandar embora. Só que você tem que entender que, tanto para você como para mim, o melhor é que a gente termine. Você concorda?

— Não.

— Como não? Eu vou te pagar pelo tempo que você dedicou a mim, por todo o seu empenho. Na verdade nem tenho contrato assinado com você, Mônica.

— Nada feito. Se você quiser me mandar embora, me manda, mas eu não vou pedir demissão.

— Você sabe quem é a Carmen Balcells. Você está querendo que eu diga não a ela? Ela vai anunciar a minha contratação enchendo a Feira de Frankfurt com cartazes dos meus livros e você quer que eu diga não?

— Não. Eu estou dizendo que, se você quiser me demitir, pode me demitir. Você é livre para fazer o que quiser. Aliás, você não arranjou o Alan Clarke lá nos Estados Unidos? Acho que eu podia fazer muito melhor do que ele.

A convicção com que ela falava não permitiu que Paulo avançasse mais. Em um segundo evaporou o sonho dos cartazes em Frankfurt e de frequentar o mesmo catálogo de Garcia Márquez e Vargas Llosa. Ele acabara de trocar as elegantes salas de reunião do andar inteiro que Carmen Balcells e suas dezenas de funcionários que ocupavam na avenida Diagonal, no centro de Barcelona, pela Sant Jordi Associados — que não passava de uma estante de madeira com algumas pastas de papelão no pequenino apartamento onde Mônica vivia. E foi entrincheirada em seu apartamento de Rubí que a jovem transformou *The Alchemist* no abre-te sésamo de editoras que, em outras circunstâncias, jamais dariam atenção a uma iniciante. Em setembro ela se encheu de coragem e se preparou para seu primeiro grande desafio: tentar vender Paulo Coelho na mais importante reunião anual de editores e agentes literários, a Feira de Frankfurt.

Aos 25 anos, sem nenhuma experiência no ramo e com medo de enfrentar sozinha aquele desafio, preferiu pedir a companhia de uma amiga, a xará Mônica Moreira, filha da poetisa Marly de Oliveira. Sua primeira surpresa ao chegar a Frankfurt foi descobrir que não havia um único quarto de hotel disponível na cidade. E, como não lhes ocorrera fazer reservas com antecedência, as duas acabaram tendo de dormir em um albergue de juventude numa cidade vizinha. Durante os quatro dias que durou a feira, Mônica trabalhou como formiga. Ao contrário dos pôsteres e banners prometidos por Balcells, sua única munição era um modesto kit — uma pequena biografia e um resumo do desempenho de seus livros no Brasil e em outros países. E foi levando nas mãos apenas aquele material que ela percorreu, um por um, os estandes de editoras de todas as partes do planeta, marcando o maior número possível de reuniões. O esforço exaustivo seria regamente recompensado: no final do ano, Mônica havia vendido os direitos de publicação dos livros de Paulo Coelho para nada menos que dezesseis idiomas.

O primeiro contrato negociado por ela em Frankfurt — com a editora norueguesa ExLibris — teria o condão de mudar também sua vida pessoal: quatro anos depois, em 1997, o dono da ExLibris, Oyvind Hagen, e Mônica decidiam se casar. Em poucos meses ela contratou a publicação de *O Diário de um Mago*, de *O Alquimista* ou de ambos, não só para a Noruega, mas para países de vários continentes, como Austrália, Japão, Portugal, México, Romênia, Argentina, Coreia do Sul e Holanda. Em 1993 Paulo entrara para a edição brasileira do Livro Guinness de Recordes pelo fato de *O Alquimista* ter permanecido impressionantes 208 semanas consecutivas na lista dos livros mais vendidos da revista *Veja*. Da tão sonhada França, porém, nem sombra de notícia. Mônica enviara a versão americana para vários editores franceses, mas nenhum deles manifestou interesse por aquele brasileiro de quem nunca tinham ouvido falar. Um dos que recusaram os livros de Paulo Coelho foi Robert Laffont, dono de uma tradicional e prestigiosa editora que fundara durante a Segunda Guerra. A indiferença com que *O Alquimista* foi recebido na Laffont era tal que a leitura profissional, decisiva para a publicação ou recusa de uma obra, acabou sendo delegada à única pessoa que falava português na empresa, uma secretária administrativa, que por sua conta decretou a rejeição do livro.

O destino, no entanto, parecia ter decidido que o futuro literário de Paulo Coelho na França passaria pela família Laffont. No começo de 1993, a filha de Robert, Anne, deixara o posto de assessora de imprensa da empresa do pai para montar a sua própria editora, a pequenina Éditions Anne Carrière. Não se tratava de um hobby para ocupar o tempo ocioso, mas de um negócio no qual ela e o marido, Alain, investiram todas suas economias e para o qual ainda tiveram de tomar dinheiro emprestado em bancos, com amigos e parentes. A empresa não havia completado três meses de vida quando Brigitte Gregony, prima-irmã e melhor amiga de Anne (e uma das investidoras que haviam colocado dinheiro na nova editora), telefonou de Barcelona, onde passava férias, para dizer que lera a tradução espanhola “de um livro fascinante chamado *El Alquimista*, escrito por um brasileiro desconhecido”. Incapaz de decifrar uma sílaba em castelhano ou português, Anne valeu-se apenas da opinião da prima (e de uma breve leitura feita por seu filho, Stephen, que entendia um pouco de castelhano), e pediu-lhe para descobrir se os direitos de publicação na França estavam em poder de algum editor. Ao localizar Mônica, Brigitte soube que *O Alquimista* sairia nos Estados Unidos em maio e que a agente se encarregaria de enviar-lhe um exemplar tão logo fosse publicado.

Apesar de só ter tomado conhecimento do conteúdo da obra ao ler a edição americana, Anne parecia disposta a investir o melhor de suas energias naquele projeto. Embora só em agosto tenha formalizado uma proposta de apenas 5 mil dólares de adiantamento de royalties, ela em compensação chamou para traduzir *O Alquimista* um craque no métier, Jean Orecchioni, professor de línguas que trazia na bagagem a tradução para o francês de toda a obra de Jorge Amado. A prima Brigitte, que fora a madrinha da publicação, não viveria o suficiente para ver o sucesso de *L'Alchimiste*. Em julho, antes que o livro ficasse pronto, ela morreria vítima de um tumor cerebral. Muitos anos depois, Anne Carrière dedicaria a ela seu livro de memórias, intitulado *Uma Sorte Infinita: a História de uma Amizade (Une Chance Infinie: l'Histoire d'une Amitié, Éditions la Table Ronde, inédito no Brasil)*, onde relata a história de sua relação com Paulo Coelho e revela os bastidores do maior boom produzido na França por um escritor latino-americano.

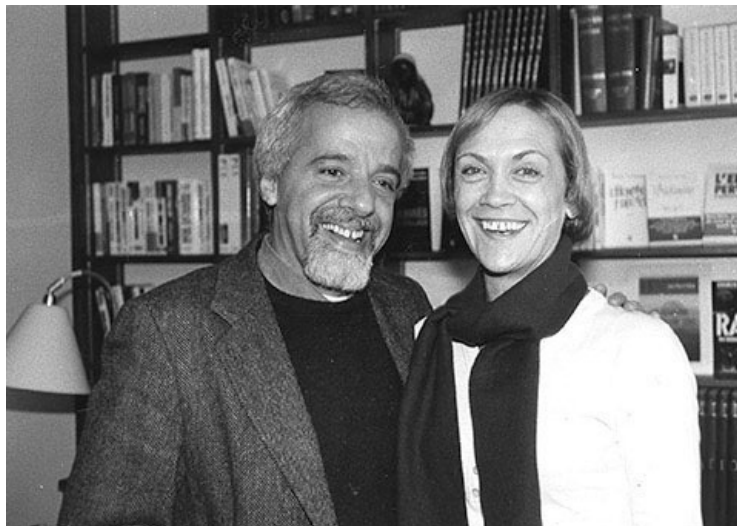
Lentos em todo o mundo, os processos de produção do livro acabaram empurrando o lançamento de *L'Alchimiste* para março de 1994, quando Paulo se preparava para publicar o quinto livro no Brasil, *Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei* — ou simplesmente *Rio Piedra*, como ficaria conhecido entre os leitores. Anne enfrentava um duplo problema: como lançar o livro de um autor desconhecido em uma editora também desconhecida? Como fazer com que os livreiros parassem os olhos um minuto a mais sobre aquele livro, no meio dos milhares de títulos constantemente despejados no mercado pelas editoras? Foi pensando nisso que decidiu fazer uma pré-edição especial numerada de *L'Alchimiste*, que seria enviada a quinhentos livreiros franceses um mês antes do lançamento. A quarta capa do livro era ocupada por um pequeno texto escrito por ela:

Paulo Coelho é um autor brasileiro famoso em toda a América Latina. O Alquimista relata a história de um jovem pastor que deixa sua terra para ir atrás de um sonho: a procura de um tesouro escondido ao pé das pirâmides. No deserto, ele entenderá a linguagem dos sinais e o sentido da vida, e aprenderá, principalmente, a deixar seu coração falar. Ele cumprirá seu destino.

Na lombada do livro foi impressa uma frase utilizada pela HarperCollins para o lançamento nos Estados Unidos:

O Alquimista é um livro mágico. Ler este livro é como acordar de madrugada para ver nascer o sol enquanto o resto do mundo ainda está dormindo.

Se metade do caminho para o sucesso estava garantida com a boa receptividade dos livreiros, a outra metade — a crítica — parecia ter caído do céu. A opinião dos mais importantes órgãos de imprensa da França, entre os quais a respeitada revista *Le Nouvel Observateur*, que anos depois se tornaria crítica severa do autor, era altamente favorável a *L'Alchimiste*, como revela o apanhado publicado por Anne Carrière em seu livro:



Paulo e Anne Carrière, sua primeira editora na França. Para ela, descobrir a existência do autor foi “uma sorte infinita” que lhe rendeu 8 milhões de cópias vendidas.

[...] Sob a aparência de um conto, Paulo Coelho pacifica o coração dos homens e os faz refletir a respeito do mundo que os cerca. Um livro fascinante que coloca grãos de bom senso na cabeça e abre o coração. (Annette Colin Simard, Le Journal du Dimanche)

[...] Paulo Coelho atesta a virtude da clareza em grau elevado, o que faz de sua escrita um riacho de frescor sob a folhagem, um caminho de energia que leva o leitor, mesmo à revelia, em direção a si mesmo, à sua alma misteriosa e distante. (Christian Charrière, Le Figaro Littéraire)

[...] É um livro raro, como um tesouro inesperado que é preciso saborear e partilhar. (Sylvie Genevoix, L'Express)

[...] É um livro que faz bem. (Danièle Mazingarbe, Madame Figaro)

[...] Escrito em uma linguagem simples e muito pura, este relato de uma viagem de iniciação pelo deserto onde, a cada passo, um sinal remete a outro, onde todo o mistério do mundo se encontra em uma esmeralda, onde se percebe, embora volátil, “a alma do mundo”, onde se dialoga com o vento e o sol, envolve literalmente. (Annie Copperman, Les Échos)

[...] A alegria da sua narrativa vence nossos preconceitos. É muito raro, muito precioso, nos tórridos e asfixiantes dias de hoje, respirar um pouco de frescor. (Le Nouvel Observateur)

Agora era esperar e colher os frutos, e eles não tardaram a aparecer. A tímida tiragem inicial de 4 mil exemplares sumiu das livrarias em poucos dias e, no final de abril, quando haviam sido vendidos 18 mil exemplares, *L'Alchimiste* apareceu pela primeira vez em uma lista de best-sellers, no semanário *Livres Hebdo*, dedicado ao mundo editorial. Não se tratava de uma publicação de grande público e sua colocação não era das melhores — ele figurava em vigésimo e último lugar —, mas, como Mônica vaticinara, aquilo era só o começo. No mês de maio, *L'Alchimiste* entrou em nono lugar na mais importante lista de mais vendidos, a da revista semanal *L'Express*, na qual permaneceria por inacreditáveis trezentas semanas consecutivas. O livro fazia sucesso em vários países além do Brasil, mas a consagração nos Estados Unidos e na França seria o salvo-conduto para o autor deixar de ser apenas uma excentricidade latino-americana e virar um fenômeno planetário.

O governo brasileiro exclui Paulo da caravana de escritores que vai à França, mas Chirac o recebe de braços abertos

Se o mundo se curvava diante de Paulo Coelho, a crítica brasileira parecia fiel à máxima cunhada pelo compositor Tom Jobim — segundo a qual “no Brasil o sucesso alheio é recebido como uma ofensa pessoal, uma bofetada” — e continuava tratando seus livros a pauladas. O estouro de *L'Alchimiste* parece tê-lo animado a peitar os críticos. “Antes meus detratores poderiam até concluir, injuriosamente, que os brasileiros eram burros porque me liam”, declarou ele ao jornalista Napoleão Sabóia, do jornal *O Estado de S.Paulo*. “Agora, com meus livros sendo muito bem vendidos no exterior, fica difícil universalizar a acusação de burrice.” Nem tanto. Para o crítico Silviano Santiago, doutor em literatura pela Sorbonne, ser best-seller mesmo num país como a França não significava absolutamente nada. “É preciso desmistificar o sucesso que ele faz na França”, declarou à revista *Veja*. “O público francês é tão medíocre ou pouco sofisticado quanto o grande público de qualquer outro país.” Alguns nem se davam ao trabalho de abrir os livros de Paulo para condená-los. “Não li e não gostei”, sentenciou Davi Arrigucci Jr., outro respeitado crítico e professor de literatura da Universidade de São Paulo. Nada disso, no entanto, parecia importar aos leitores brasileiros e menos ainda aos estrangeiros. Ao contrário. A julgar pelos números, seu exército de leitores e admiradores parecia crescer na mesma proporção da virulência dos críticos. A situação se repetiria em 1994, quando lançou, além de *Rio Piedra*, um livro de 190 páginas intitulado *Maktub* — uma coletânea das minicrônicas, fábulas e reflexões que desde 1993 vinha publicando na *Folha de S.Paulo*.

Assim como *As Valkírias* fora inspirado na penitência trilhada em 1988 por ele e por Chris no deserto do Mojave, em *Rio Piedra* Paulo compartilha com os leitores mais uma experiência espiritual, o Caminho de Roma, realizado em 1989 no Sul da França, parte dele em companhia de Mônica Antunes. Nas 236 páginas do livro, ele descreve sete dias da vida de Pilar, estudante de 29 anos que luta para concluir seus estudos em Zaragoza, na Espanha, e reencontra um colega com quem vivera uma paixão adolescente. O reencontro se dá após uma conferência ministrada pelo rapaz — sem nome no livro, como todos os demais personagens, com exceção da protagonista. Agora seminarista e devoto da Imaculada Conceição, ele confessa sua paixão por Pilar durante uma viagem de Madri a Lourdes, o grande centro de peregrinação católica na França. Ela e o companheiro representam, segundo Paulo, um mergulho no mito do medo de amar, o medo da entrega total que perseguiria a humanidade como uma espécie de pecado original. Como na história de Santa Teresa de Ávila, o desfecho, também místico, traz à tona o que o escritor considera uma concepção profunda e dilacerante de amor. No caminho de volta a Zaragoza, Pilar senta-se à margem do rio Piedra, um pequeno curso d'água cem quilômetros ao sul da cidade, e ali derrama suas lágrimas para que elas se juntem a outros rios e desaguem no oceano.

Mais centrado em rituais e símbolos do catolicismo do que nos temas mágicos dos livros anteriores, *Rio Piedra* mereceu inesperados elogios de religiosos como o cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, mas do lado da crítica não viria nenhuma surpresa. Assim como acontecera, sem exceção, com todos os seus cinco livros, tanto *Rio Piedra* quanto *Maktub* seriam esfolados em praça pública pela mídia brasileira. O crítico Geraldo Galvão Ferraz, do *Jornal da Tarde*, de São Paulo, tachou *Rio Piedra* de “um coquetel mal dosado de misticismo, religião e ficção medíocres, banhado de lugares-comuns e habitado por personagens estereotipados que passam a maior parte do tempo fazendo discursos solenes”. A abordagem que o autor faz do que chama “a face feminina de Deus” foi ironizada por outro jornalista como “um Paulo Coelho para moças”. A revista *Veja* confiou a resenha de *Maktub* a Diogo Mainardi, jovem roteirista que anos depois se converteria num de seus mais polêmicos colunistas. Em tom provocativo, Mainardi ironizava trechos pinçados do livro para encerrar comparando *Maktub* a um par de meias sujas que esquecera no carro:

Na verdade todas essas bobagens não significariam nada se Paulo Coelho fosse apenas um charlatão que ganhasse um pouco de dinheiro com a burrice alheia. Eu jamais perderia o meu tempo resenhando um autor de araque se ele se limitasse a lançar um manual de chavões esotéricos de vez em quando. Porém, as coisas não são bem assim. Na última Feira do Livro de Frankfurt, cujo tema era o Brasil, Paulo Coelho foi vendido como um escritor de verdade, como um legítimo representante das letras nacionais. Isso já é demais. Por piores que sejam os

nossos escritores, são sempre melhores do que Paulo Coelho. Ele pode fazer o que bem entender. Basta não tentar apresentar-se como escritor. Afinal, há tanta literatura em Paulo Coelho quanto nas minhas meias encardidas.

Como nas ocasiões anteriores, os críticos não se revelavam mesmo capazes de levar nem uma bactéria às livrarias. Escorraçado nas páginas dos jornais e revistas, ainda assim *Rio Piedra* quebrou o recorde de *As Valkírias* e vendeu, no primeiro dia, 70 mil exemplares. E, semanas depois de lançado, *Maktub* também luzia nas listas de best-sellers. A única diferença é que desta vez a vítima dos ataques estava a milhares de quilômetros do Rio, percorrendo a França em companhia de Anne Carrière para atender às dezenas de convites para palestras e debates com os leitores que se multiplicavam geometricamente. Além do enorme sucesso feito pelo autor, a presença de Paulo na Feira de Frankfurt de 1994, a primeira de que ele participava, deixou claro que o preconceito contra sua obra não era privilégio dos críticos brasileiros, mas também de seus colegas escritores.

Embora o Ministério da Cultura do presidente Itamar Franco fosse ocupado na época por um velho amigo do escritor, o diplomata Luiz Roberto do Nascimento e Silva, irmão de sua ex-namorada Maria do Rosário, a discriminação logo se manifestou. Para representar as letras brasileiras — naquele ano a feira homenageava o Brasil — o Ministério organizou uma caravana de dezoito escritores, os quais viajariam à Alemanha com todas as despesas pagas pelo governo, e não incluiu Paulo. Segundo o ministro Nascimento e Silva, o critério de escolha dos convidados tinha sido “a popularidade e o conhecimento dos autores por parte dos alemães”. Paulo, por isso, acabou viajando às expensas da Editora Rocco. E o autor não parece ter guardado ressentimentos: antes de viajar, uma de suas declarações à imprensa foi em apoio ao nome do candidato do governo à Presidência da República, o então ex-ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso.

Frankfurt deixara claro que de fato o êxito do autor de *O Alquimista* produzia mal-estar não apenas entre jornalistas. Para festejar os contratos que acumulara mundo afora, seu editor alemão à época, Peter Erd, dono da editora do mesmo nome, ofereceu um coquetel para o qual convidou todos os editores de Paulo presentes à feira e, naturalmente, cada um dos membros da delegação brasileira. Muito concorrida, a festa só não foi um sucesso absoluto por uma ausência notada por todos os convivas — e considerada pelo homenageado como uma suprema humilhação: além do próprio Paulo, de Chris e Mônica, os dois únicos brasileiros presentes eram o romancista mineiro Roberto Drummond e o poeta baiano Waly Salomão. Dos demais membros da delegação, apenas Chico Buarque teve a delicadeza de telefonar para agradecer o convite e comunicar que não estaria presente porque faria uma conferência na mesma hora. Em defesa de Paulo soaria uma solitária e poderosa voz, a do baiano Jorge Amado, que não integrara a caravana. “A única coisa que leva a intelectualidade brasileira a atacar Paulo Coelho é o sucesso que ele faz”, trovejou o autor de *Gabriela, Cravo e Canela*.

Surda aos muxoxos brasileiros, em 1995 a febre apelidada de “coelhomania” pela revista britânica *Publishing News*, ou de “coelhismo” pela mídia francesa, adquiriu proporções de pandemia. Procurado pelo cineasta francês Claude Lelouch e depois pelo americano Quentin Tarantino (que meses antes recebera a Palma de Ouro do Festival de Cannes pelo filme *Pulp Fiction*), ambos interessados em adaptar *O Alquimista* para o cinema, Paulo respondeu que a gigante americana Warner Brothers havia chegado antes e levado os direitos por 300 mil dólares. Além deles, o também premiado diretor polonês Roman Polanski revelara a jornalistas a intenção de roteirizar e filmar *As Valkírias*. Em maio, quando Anne Carrière preparava o lançamento de uma edição de *L'Alchimiste* ilustrada por Moebius, o maior nome europeu de HQ, a editora Hachette, proprietária da revista feminina *Elle*, anunciou que o Grande Prêmio Elle de Literatura daquele ano fora atribuído a Paulo Coelho. Tamanho barulho fez com que merecesse ser retratado na seção Portrait da revista *Lire*, a bíblia do mundo literário francês, mas o coroamento de tudo isso viria em outubro. Depois de 37 semanas em segundo lugar, *L'Alchimiste* destronava *Le Premier Homme*, romance inacabado do genial escritor franco-argelino Albert Camus, passando a liderar a lista de mais vendidos da *L'Express*, a mais importante revista da França. Ao mesmo tempo em que suplantava em vendagem um ícone da cultura francesa como Camus, agraciado com o Nobel de Literatura de 1957, *L'Alchimiste* era comparado por dois celebrados críticos a outra glória nacional, *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. “Tive o mesmo sentimento ao ler os dois livros”, escreveu Frédéric Vitoux em sua coluna na revista *Le Nouvel Observateur*. “Fiquei encantado com essa sensibilidade, esse frescor, essa ingenuidade da alma.” Seu colega Eric Deschot, do semanário *Actuel*, compartilhava a mesma opinião: “Não é uma comparação sacrílega, pois a simplicidade, a transparência e a pureza desta fábula lembram o mistério da história de Saint-Exupéry”.



Paulo dá entrevista na Feira de Frankfurt ao lado de Chico Buarque, um dos poucos brasileiros a lhe dar alguma atenção na ocasião.

A notícia de que pulara para o primeiro lugar na *L'Express* foi recebida por Paulo no Extremo Oriente, onde se encontrava em companhia de Chris para cumprir uma longa agenda de lançamentos e debates com leitores. Uma tarde, quando o shinkansen, o trem-bala japonês que os transportava de Nagoia a Tóquio, passou diante do nevado monte Fuji, o mais alto acidente geográfico do país e considerado sagrado pelos japoneses, o escritor tomou uma decisão: quando chegasse ao Brasil ia mudar de editora. A resolução não decorria de algum sinal que só ele tivesse captado, mas concluía uma longa reflexão sobre suas relações com a Rocco. Entre outras divergências, Paulo reivindicava um sistema de distribuição que abrisse a seus livros canais de vendas alternativos às livrarias — como bancas de jornais e supermercados —, para que pudessem chegar aos leitores de renda mais baixa. Rocco chegara a pedir um estudo à empresa Fernando Chinaglia, experiente distribuidora de jornais e revistas, mas o plano não passou disto. O autor chegou a manter contatos reservados com algumas editoras, mas no dia 15 de fevereiro o sempre bem-informado colunista Zózimo Barroso do Amaral publicou uma nota no jornal *O Globo* informando que chegava ao fim “um dos mais invejados casamentos do círculo literário”.

Os demais jornais correram atrás do furo e dias depois o país todo ficava sabendo que, por 1 milhão de dólares, Paulo estava trocando a Rocco pela Editora Objetiva. Jamais vista por qualquer outro autor brasileiro, a dinheirama não iria toda para o bolso do autor, mas seria dividida mais ou menos na mesma proporção dos contratos assinados com o antigo editor: 55% representavam adiantamentos de direitos autorais e os 45% restantes seriam investidos na divulgação de seu próximo livro, *O Monte Cinco*. Era uma aposta alta para Roberto Feith, jornalista, economista e ex-correspondente internacional da Rede Globo de Televisão, que cinco anos antes assumira o controle da Objetiva. Só os 550 mil dólares de adiantamento oferecidos como royalties a Paulo representavam 15% do total do faturamento da editora — receita que vinha sobretudo das vendas de seus três carros-chefes, os americanos Stephen King, Harold Bloom e Daniel Goleman. Os especialistas ouvidos pela imprensa foram unânimes em assegurar que, se *O Monte Cinco* repetisse o desempenho de *Rio Piedra*, em poucos meses a Objetiva teria de volta o milhão investido na operação. Aparentemente a mudança não provocara ressentimentos em seu antigo editor — afinal, Paulo se transferira para a Objetiva, mas deixara na Rocco toda a sua backlist, a rentável coleção dos sete livros lá publicados desde 1989. De fato, um mês depois de anunciada a mudança, Paulo Rocco era visto entre os convidados do escritor para sua tradicional festa de São José, no dia 19 de março.

Inspirado em uma passagem bíblica (1 Reis 18:8-24), o romance *O Monte Cinco* narra em 284 páginas o sofrimento, as dúvidas e as descobertas espirituais do profeta Elias durante seu exílio em Sarepta, na Fenícia, atual Líbano. A cidade, de povo culto e famoso por seu tino comercial, não conhecia guerra havia trezentos anos, e estava prestes a ser invadida pelos assírios. O profeta depara-se com conflitos religiosos, sendo obrigado a enfrentar ora a ira dos homens, ora a de Deus, cuja vontade vê-se forçado a infringir por imposições terrenas. No prólogo, Paulo mais uma vez revela o entrelaçamento de suas experiências pessoais com a temática de seus livros. Ao afirmar que talvez tenha aprendido, com *O Monte Cinco*, a entender e lidar com o inevitável, ele relembra sua demissão da gravadora CBS, ocorrida dezessete anos antes e que pusera fim a uma promissora carreira como executivo fonográfico:

Ao terminar de escrever O Monte Cinco, lembrei-me desse episódio — e de outras manifestações do inevitável em minha vida. Sempre que eu me sentia absolutamente dono da situação, alguma coisa acontecia e me jogava para baixo. Eu me perguntava: por quê? Será que estou condenado a sempre chegar perto, mas jamais cruzar a linha de chegada? Será que Deus é tão cruel a ponto de me fazer ver as palmeiras no horizonte, só para matar-me de sede no meio do deserto? Demorou muito para entender que não era bem isso. Há coisas que são colocadas em nossa vida para nos reconduzir ao verdadeiro caminho de nossa Lenda Pessoal. Outras surgem para que possamos aplicar tudo aquilo que aprendemos. E, finalmente, algumas chegam para nos ensinar.

O livro estava pronto para ser entregue à Editora Objetiva quando Paulo, em novas pesquisas, desenterrou informações sobre trechos da vida do profeta Elias que não haviam sido tratados nas Escrituras — exatamente o período em que o personagem viveu seu exílio fenício, a época escolhida pelo autor para ambientar a narrativa de *O Monte Cinco*. A descoberta o entusiasmou, mas com isso teve de reescrever praticamente todo o livro, que acabou só vindo a público em agosto de 1996, durante a 14ª Bienal do Livro de São Paulo. O lançamento foi precedido de megacampanha publicitária criada pela agência paulista Salles/DMB&B — cujo dono, o publicitário Mauro Salles, era um velho amigo e guru informal do escritor para assuntos de mercado (a quem o livro foi dedicado). A campanha compreendia anúncios de página inteira nos quatro principais jornais do país (*Jornal do Brasil*, *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo* e *O Globo*) e nas revistas *Veja-Rio*, *Veja-SP*, *Caras*, *Claudia* e *Contigo*, 350 cartazes em ônibus do Rio de Janeiro e de São Paulo, oitenta outdoors no Rio, displays para pontos de venda e banners plásticos para livrarias. Inspirado na ideia de Anne Carrière que dera tão certo no lançamento francês de *L'Alchimiste*, Paulo sugeriu e o editor Feith mandou rodar uma edição especial de *O Monte Cinco* numerada e autografada pelo autor para ser distribuída a quatrocentos livreiros de todo o Brasil uma semana antes de a edição normal chegar ao público. Para prevenir qualquer vazamento para a imprensa, cada agraciado teve de assinar um termo de confidencialidade, comprometendo-se a não antecipar a ninguém a história do profeta Elias.

O resultado seria proporcional ao esforço da promoção. Distribuídos no dia 8 de agosto, em menos de 24 horas sumiram das livrarias 80 mil dos 100 mil exemplares da primeira edição. Mais 11 mil foram vendidos em uma semana da Bienal do Livro, na qual Paulo era esperado por filas de leitores que pareciam não ter fim e onde autografou exemplares durante dez horas seguidas. *O Monte Cinco* ainda não completara dois meses de vida quando as vendas bateram em 120 mil exemplares — o que significava que os 550 mil dólares pagos ao autor como adiantamento tinham retornado aos cofres da editora, mesmo destino dos demais 450 mil dólares relativos aos meses seguintes.

No caso de *O Monte Cinco*, a crítica parecera mostrar sinais de abrandamento. “Deixemos que os feiticeiros julguem se Coelho é bruxo ou charlatão, isso aqui pouco importa”, escreveu a *Folha de S.Paulo*. “O fato é que ele narra histórias bem digeríveis, sem atletismos literários, conseguindo seduzir leitores em dezenas de idiomas.” Em seu principal concorrente, o jornal *O Estado de S.Paulo*, o exigente crítico e escritor José Castello não economizou elogios ao novo livro. “O estilo enxuto e conciso de *O Monte Cinco* comprova que sua pena está mais afiada e precisa”, afirmou na resenha publicada no suplemento cultural. “Goste-se ou não de seus livros, Paulo Coelho ainda é vítima de odiosos preconceitos — os mesmos [...] que, transpostos para o campo religioso, têm inundado o planeta de sangue.” Uma semana antes do lançamento, até a ranzinza *Veja* parecia ter-se dobrado às evidências, ao dedicar ao autor uma longa e simpática reportagem intitulada “O Sorriso do Mago”, ao final da qual publicava com exclusividade um trecho do *O Monte Cinco*. Para não perder o hábito, porém, em meio à torrente de elogios, a revista reduzia o conteúdo da obra de Paulo ao que qualificou de “histórias ingênuas cuja ‘mensagem’ costuma ter a profundidade filosófica dos filmes da série Karatê Kid”.

No lançamento seguinte, porém, quando saiu o *Manual do Guerreiro da Luz*, a crítica voltaria com apetite redobrado. Primeiro livro de Paulo publicado no exterior antes de sair no Brasil, o *Manual* nascera de uma sugestão de Elisabetta Sgarbi, da editora italiana Bompiani. Entusiasmada com o sucesso dos livros do autor na Itália (*Rio Piedra* acabara de desbancar das listas locais o romance *L'Isola del Giorno Prima*, do consagrado Umberto Eco), ela procurou Mônica para saber se ele não teria um trabalho inédito para a coleção Assagi, que a Bompiani acabara de criar. Paulo vinha há tempos ruminando a ideia de consolidar em um único livro anotações e reflexões registradas ao longo dos anos — e talvez aquele fosse o momento apropriado. Algumas das mensagens utilizadas no livro tinham sido publicadas na *Folha de S.Paulo*, o que o levou a adotar no *Manual* o mesmo limite imposto pelo jornal para sua coluna:

apenas onze linhas por texto, nem uma a mais. Quase sempre sob a forma de metáforas, simbolismos e referências religiosas e medievais, Paulo revela aos leitores do *Manual do Guerreiro da Luz* o conjunto de experiências vividas ao longo do que chama “meu processo de crescimento espiritual”. Para ele, o grau de impregnação entre autor e obra é tal que o *Manual* se converteu no “livro-chave” para a compreensão de seu universo. “Nem tanto do universo mágico, mas sobretudo do universo ideológico”, adverte. “O *Manual do Guerreiro da Luz* tem para mim a importância que teve o Livro Vermelho para o Mao ou o Livro Verde para o Kaddafi.” Além da coluna no jornal, a presença da expressão “Guerreiro da Luz” — alguém sempre empenhado em realizar seu sonho, não importando a dimensão dos obstáculos — podia ser notada em vários de seus livros, como em *O Alquimista*, *As Valkírias* e *Rio Piedra*. E, se ainda restassem dúvidas a respeito de seu significado, a recém-criada homepage do autor na internet se encarregava de respondê-las:

Este livro reúne uma série de textos para nos fazer lembrar que em cada um de nós vive um Guerreiro da Luz. Alguém capaz de ouvir o silêncio do seu coração, aceitar derrotas sem se deixar abater por elas, alimentar a esperança no meio do desânimo e do cansaço.

Quando foi lançado no Brasil, o *Manual* vinha precedido do sucesso feito pelo *Manuale del Guerriero delia Luce* na Itália, mas isso não pareceu impressionar os críticos brasileiros. Nem mesmo a *Folha de S.Paulo*, que publicara originalmente vários dos minicapítulos reproduzidos no *Manual*. Em curto artigo de duas colunas, o jovem jornalista Fernando Barros e Silva, um dos editores do jornal, referia-se ao lançamento como “o mais recente espasmo místico do nosso maior fenômeno editorial” e desqualificava o autor nas primeiras linhas:

Paulo Coelho não é um escritor, nem mesmo um escritor ruim. Inútil chamar o que faz de subliteratura. Seria um elogio. Sua proximidade é com Edir Macedo [“bispo” dirigente da Igreja Universal do Reino de Deus], não com Sidney Sheldon. [...] Dito isso, vamos ao livro, propriamente. Não há novidades. O segredo, como sempre, está apenas em enfileirar platitudes de modo que o leitor possa ler aquilo que melhor lhe convém. Como no I Ching, trata-se de “iluminar” caminhos, de “sugerir” verdades a partir de metáforas vagas, de frases tão enevoadas e cercadas de fumaça metafísica que são capazes de dizer tudo exatamente porque não dizem nada de nada. [...] Nessa fórmula bem-sucedida, cabem todos os clichês: descrição ecológica e idílica da natureza, alusões a lutas intermináveis entre o bem e o mal, pinceladas de culpa e redenção cristãs — tudo costurado por uma linguagem plana, tosca, que parece obra de criança de oito anos e tem como alvo pessoas com idade mental da mesma faixa etária. A cada leitura de Paulo Coelho, mesmo tomando cuidado e atenção, fica-se mais estúpido e pior do que se era antes.

Manifestações como essas expunham e reiteravam, para o escritor, o tedioso e repetitivo abismo que separava a opinião da crítica e o comportamento de seus leitores. Como acontecera desde seu primeiro livro — e continuaria com os seguintes, apesar de ter sido objeto de ironias como a do jornal —, o *Manual* apareceria dias depois como best-seller não apenas na *Folha de Barros e Silva*, mas em todas as listas publicadas pela imprensa brasileira. E em seguida iria conferir a Paulo uma marca que provavelmente nenhum outro autor terá alcançado: estar com o mesmo livro em primeiro lugar na lista de mais vendidos de não ficção (neste caso, no jornal *O Globo*) e de ficção (no *Jornal do Brasil*). No resto do mundo não seria diferente: traduzido em 29 idiomas, na Itália o *Manual* venderia mais de um milhão de cópias, tornando-se o livro de maior sucesso do autor no país, depois de *O Alquimista* e de *Onze Minutos* — e uma década depois de lançado pela Bompiani ainda mantinha uma média de 100 mil exemplares anuais. A popularidade do *Manuale del Guerriero delia Luce* na Itália adquiriu tal dimensão que, no final de 1997, a estilista Donatella Versace, irmã e herdeira de Gianni Versace, morto no ano anterior, anunciou que a coleção da grife para 1998 buscava inspiração no livro de Paulo. Na França, *L'Alchimiste* atingira 2 milhões de cópias vendidas, e *Rio Piedra*, 240 mil, desempenho que levaria Anne Carrière a adquirir por 150 mil dólares os direitos de publicação de *O Monte Cinco*. Meses antes do anúncio da venda, o autor se emocionaria ao receber do governo da França o título de Cavaleiro da Ordem das Letras e das Artes. “Você é o alquimista de milhões de leitores, que dizem que você escreve livros que fazem o bem”, saudou o ministro francês da Cultura, Philippe Douste-Blazy, encarregado de lhe entregar a medalha. “Seus livros fazem o bem porque estimulam nosso poder de sonhar, nosso desejo de procura e de acreditarmos nós mesmos nessa busca.”

Alguns brasileiros, porém, continuavam torcendo o nariz para o compatriota recebido com

tapete vermelho onde quer que pisasse. Essa atitude ficaria mais uma vez explícita no começo de 1998, quando se anunciou que o Brasil seria o país homenageado pelo 18º Salão do Livro de Paris, entre 19 e 25 de março daquele ano. O ministro da Cultura, Francisco Weffort, encarregara o presidente da Biblioteca Nacional, o acadêmico Eduardo Portela, de organizar a caravana de escritores que participariam do evento como convidados do governo brasileiro. Após várias semanas de parlamentações, quando faltavam dez dias para a viagem, a imprensa recebeu a nutrida lista dos cinquenta agraciados com uma semana de ócio subsidiado em Paris. Exatamente como acontecera quatro anos antes em Frankfurt, o nome de Paulo Coelho não estava entre os convidados. Era uma desfeita inútil do governo ao escritor que o apoiara, uma vez que ele não dependia mais de convites oficiais para participar de festas como aquela. Convidado por sua editora, no dia de abertura do Salão ele faria uma tarde de autógrafos de *La Cinquième Montagne*, a versão francesa de *O Monte Cinco*, lançada com tiragem de 250 mil exemplares (nada de mais para alguém que vendera quase 5 milhões de livros no país). Na verdade, o escritor chegara a Paris uma semana antes da delegação brasileira e enfrentara uma verdadeira maratona de entrevistas a jornais, revistas e nada menos que seis programas diferentes da tevê francesa. Por fim, na noite de 19 de março, ao som de uma ruidosa e autêntica batucada brasileira, o presidente Jacques Chirac e a primeira-dama Ruth Cardoso, representando seu marido, o presidente Fernando Henrique, cortaram a faixa inaugural do Salão e caminharam, cercados por uma multidão de jornalistas e seguranças, por algumas alas do centro de convenções Paris Expo, onde se realizava o evento. Diante do olhar desconcertado dos brasileiros, a certa altura o presidente Chirac afastou-se do grupo, entrou no estande das Éditions Anne Carrière, cumprimentou a editora e, com enorme sorriso no rosto, abraçou efusivamente Paulo Coelho, cobrindo de gentilezas o único autor brasileiro que lera, como se saberia depois, e a quem condecoraria dois anos depois com a prestigiosa Légion d'Honneur, a mesma que no passado fora colocada na lapela de celebridades internacionais como Winston Churchill, John Kennedy e até de alguns brasileiros ilustres, como Santos Dumont, Pelé e Oscar Niemeyer. Antes de prosseguir, Chirac ainda fez um agrado em Anne Carrière:

— A senhora deve ter ganhado muito dinheiro com os livros de monsieur Coelô. Parabéns!

Aberto ao público no dia seguinte, o local seria palco de mais uma quebra de recordes do brasileiro. Pela primeira vez desde que fora criado, em 1970, o Salão de Paris veria um autor assinar autógrafos durante sete horas seguidas, numa maratona só interrompida para breves idas ao banheiro ou para fumar um Galaxy. Todavia, o fecho de ouro da temporada parisiense caberia a Anne Carrière. Dias antes do encerramento do evento, ela fechou o Carrousel du Louvre, a elegante e exclusiva galeria sob o famoso museu parisiense e onde costumavam se realizar os desfiles de moda dos grandes costureiros europeus. Ali Paulo ofereceria um banquete de seiscentos talheres, regado a vinhos e champanhes finos, a livreiros, editores, jornalistas e personalidades do mundo intelectual. Aplicando um tapa de luva naqueles que o haviam esnobado, o anfitrião fez questão de que cada um dos membros da delegação brasileira recebesse no hotel um convite pessoal para o jantar. Um deles era o jornalista e escritor Zuenir Ventura, que acabara de lançar um livro com o sugestivo nome de *Inveja*, e que se lembraria da preocupação de Paulo em saber se os brasileiros estavam sendo bem atendidos:

— Ele não jantou, passou o tempo sentando à mesa de cada grupo de convidados. Apesar de estar ali, nas alturas, tendo a seus pés o que importava do mundo literário, Paulo continuava exatamente a mesma pessoa de sempre. Quando veio à minha mesa, em vez de festejar sua noite, ele queria saber como estava indo meu livro *Inveja*, se eu já tinha propostas para traduzir, querendo ajudar...

Na hora dos brindes o autor pediu à banda que parasse um pouco de tocar para que pudesse falar. Visivelmente emocionado e falando em bom francês, agradeceu a todos pela presença, derramou-se em elogios aos colegas brasileiros e dedicou a noite a um ausente:

— Eu gostaria que esta noite de festa se convertesse em uma homenagem de todos nós ao maior e melhor de todos os escritores brasileiros, o meu querido amigo Jorge Amado, para quem peço a todos que levantem um brinde.



Diante do olhar da primeira-dama Ruth Cardoso, o presidente francês Jacques Chirac para no estande para cumprimentar Paulo, que havia sido esnobado pela delegação oficial brasileira.



A solidão do vencedor: após ser condecorado com a Légion d'Honneur, Paulo se tranca no banheiro do hotel e registra sozinho a alegria do recebimento da honraria.

De novo ao som de música brasileira, os seiscentos convidados transformaram em pista de dança os venerandos salões de mármore do Carroussel e sambaram até de madrugada. De volta ao hotel, encontraram outra surpresa: dentro de uma pasta de veludo, um exemplar de *La Cinquième Montagne* de uma edição impressa especialmente para o evento. Cada um deles continha a mesma frase, manuscrita em francês e assinada pelo autor: “A perseverança e a espontaneidade são as condições paradoxais da lenda pessoal”. Quando Paulo entrou no avião para retornar ao Brasil, três semanas depois de ter desembarcado em Paris, 200 mil exemplares de *La Cinquième Montagne* haviam sido adquiridos pelo público francês.

Paulo parece ter escolhido o ano de 1998 para tornar públicos detalhes e intimidades de sua vida como forma de libertar-se de alguns fantasmas do passado. Numa longa entrevista ao jornalista Juan Árias, correspondente no Brasil do jornal espanhol *El País* — republicada em dez idiomas no livro *Confissões de um Peregrino* —, ele expõe suas vísceras e fala pela primeira vez, mais abertamente, de seu caminho espiritual, suas mulheres, sua carreira, admite ter sido covarde em algumas ocasiões e revela que manteve relações com homens para testar se era ou não um homossexual.

Sólida e confortavelmente instalado no pódio dos autores que mais vendiam livros no mundo,

Paulo Coelho passou a ser objeto de interesse de outro universo que não o da crítica. O mundo acadêmico, não o de fardão e chapéu de plumas, mas o universitário, dos mestres, doutores de ph.Ds. Um dos primeiros ensaístas a voltar os olhos sobre sua obra fora o professor Mario Maestri, da Universidade de Passo Fundo, do Rio Grande do Sul, autor de um estudo de 1993, no qual reconhecia que os livros de Paulo “pertencem de direito ao corpus literário-ficcional nacional”. Seis anos depois, no entanto, ao publicar o livro *Por que Paulo Coelho Faz Sucesso*, Maestri parecia ter sido contaminado pela má vontade da crítica literária:

Repleta de adágios, aforismos e histórias simplistas, embebida nos lugares-comuns e nos clichês tradicionais, a ficção inicial de Paulo Coelho tem igualmente uma importante função de autoajuda. Ela permite que leitores desmoralizados por um cotidiano miserável sonhem com a conquista rápida e mágica da felicidade. O esoterismo da modernidade senil propõe aos leitores formas fáceis e ao alcance de todos de intervir positivamente sobre si mesmos e sobre o mundo social, na procura sobretudo de vantagens materiais e pessoais. Trata-se de uma via mágica ao universo virtual da sociedade de consumo.

Com o passar do tempo, as teses de mestrado e doutorado que se multiplicavam pelo país confirmavam que, ressalvadas as exceções de praxe, a visível má vontade da universidade brasileira contra o escritor repetia sem surpresas a implicância da imprensa. Esse sentimento se tornaria público em uma reportagem publicada no *Jornal do Brasil* em 1998. Nela o jornal denunciava os constrangimentos a que fora submetida a professora de literatura Otacília Rodrigues de Freitas, da Universidade de São Paulo, ao defender uma tese de doutorado intitulada “Um Best-Seller na Mira do Leitor: *O Alquimista*, de Paulo Coelho”, trabalho considerado por seus colegas como simpático ao escritor. Indignada, a professora contou ao *JB* os maus bocados por que passara: “Diziam que o Paulo Coelho me pagara para fazer a tese, que eu era amante dele”.

No rol de trabalhos acadêmicos cadastrados pelo Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão do Ministério da Educação, constavam, em 2008, onze teses a respeito da obra de Paulo Coelho, sendo oito de mestrado e três de doutorado. Em 2007, o professor Ivan Luiz de Oliveira, da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, estudou o fenômeno num ambiente poucas vezes contemplado em teses sobre literatura. No trabalho “A Liberdade Vigida”, Oliveira investigou os motivos que levaram os detentos da penitenciária estadual de Maringá a ter *O Alquimista* como seu livro predileto, e os efeitos que tal leitura produzia nesse público.

Indiferente à opinião que mestres e doutores pudessem ter de sua obra, em 1998 Paulo preparava-se para viver mais uma vez o turbilhão em que, desde *O Alquimista*, dez anos antes, se transformaram os lançamentos de seus livros. A única novidade, desta vez, é que *Veronika Decide Morrer* viria a ser seu primeiro trabalho a passar praticamente incólume pela crítica. Ambientada na Eslovênia, um dos vários países em que se dividiu a antiga Iugoslávia, a história tem como pano de fundo o romance entre Eduard, filho de um diplomata, e a personagem-título, que, depois de tentar o suicídio, é internada pelos pais num asilo de loucos e submetida a brutais tratamentos à base de eletrochoques. Mais do que o enredo ficcional, a bomba contida no livro eram as revelações, pela primeira vez trazidas à tona pelo autor, de suas três internações na Casa de Saúde Dr. Eiras, no Rio de Janeiro, em meados dos anos 60. Ao tornar públicas passagens tão dramáticas de sua adolescência, Paulo quebrava o juramento de só tratar desse assunto em público depois que seus pais estivessem mortos. A mãe morrera cinco anos antes, em 1993, de complicações decorrentes do mal de Alzheimer, sem que o filho pudesse assistir ao sepultamento, pois a notícia o alcançou no Canadá, onde cuidava do lançamento de *The Alchemist*, e ele não conseguiu chegar a tempo ao Brasil. Embora o enérgico dr. Pedro continuasse não apenas vivo, mas, como aparece no livro, “em pleno gozo de suas faculdades mentais e de sua saúde”, *Veronika Decide Morrer* expunha sem meios-termos toda a violência a que o autor fora submetido por ele e pela finada Lygia. “Veronika é o Paulo Coelho”, declarou o escritor a quem quisesse ouvir.

Sempre preocupado com que seus livros chegassem aos leitores de menor poder aquisitivo, dessa vez ele decidiu mudar a tática de lançamento. Agora a Objetiva fora orientada a reduzir à metade os 450 mil reais gastos com propaganda em *O Monte Cinco*, corte que permitiu uma redução no preço de capa de 19,80 para 15 reais. Outro passo para a popularização de sua obra foi o contrato feito com a rede de supermercados Carrefour, que incluiu *Veronika* no pacote promocional de ofertas para o Dia dos Pais. O aparecimento do livro coincidiu com o intenso debate que se dava no Brasil sobre a violência que vitimava internos de manicômios públicos e privados. O Senado discutia o projeto daquela que viria a ser conhecida como Lei Antimanicômio — que previa a extinção progressiva das instituições em que pacientes com transtornos mentais

eram mantidos em prisões virtuais por todo o país —, e, no calor dos debates, trechos de *Veronika* chegaram a ser lidos no plenário. No dia da votação e aprovação da lei, o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) ocupou a tribuna para ler a carta que recebera de Paulo Coelho elogiando o projeto. “Tendo já sido vítima, no passado, da violência cometida por internações sem nenhum fundamento — estive internado na Casa de Saúde Dr. Eiras em 1965, 66 e 67 —, vejo não apenas como oportuna, mas como absolutamente necessária esta nova lei descrita no projeto.” Junto com a carta o escritor enviara uma cópia dos prontuários das três internações. A repercussão das denúncias contidas no livro atravessou fronteiras: dois anos depois Paulo seria convidado a fazer parte do júri do International Russell Tribunal on Psychiatry, instituição criada pelo Parlamento Europeu.

A história relatada em *Veronika* voltaria a levá-lo a tratar do assunto em 2003, quando foi um dos depoentes do seminário A Proteção e a Promoção dos Direitos das Pessoas com Problemas de Saúde Mental, organizado pelo Comitê de Direitos Humanos da Comunidade Europeia. *Veronika* repetiu com implacável regularidade o que vinha acontecendo antes: o livro rompeu todos os recordes anteriores do próprio Paulo — tiragem inicial, vendagem no primeiro dia e na primeira semana e aparecimento em primeiro lugar nas listas. A única novidade era o tratamento respeitoso que a mídia, salvo uma ou outra alfinetada, dedicaria à obra e ao autor. Talvez movidos pelo impacto das fortes revelações contidas no livro, em vez de criticar, os jornais e revistas dedicaram páginas e páginas de reportagens sobre a tragédia de suas três internações. Uma das poucas exceções viria de um amigo do autor, o escritor e jornalista Marcelo Rubens Paiva. Destacado pela *Folha de S.Paulo* para resenhar *Veronika*, ele se desincumbe da tarefa com ironia e chega a sugerir mudanças no texto. Na passagem em que o autor escreve que “estava contente com o que seus olhos viam e seus ouvidos escutavam”, o crítico afirma que preferia diferente:

Por que não “seus olhos olhavam e seus ouvidos ouviam”? Mais musical. Ou “seus olhos ouviam e seus ouvidos olhavam”? Mais ousado. Ou “seus olhos liam e seus ouvidos compunham”? Mais poético. Ou “seus olhos, vidros, seus ouvidos, não perdidos”? Porque Paulo Coelho não quer arriscar. Quer o óbvio.

O próprio Marcelo consegue se flagrar a tempo:

Mas o que é isso?! Eu dando palpites para o escritor que vendeu milhões, ganhou comendas e prêmios lá fora?!

Era isso mesmo: a julgar pelas vendas, prêmios e homenagens que o submetiam a uma agenda intensa, os leitores continuavam preferindo seus textos tais como eram. Logo após a publicação de *Veronika* no Brasil, um dos acadêmicos que se debruçaram sobre sua obra, o jornalista e professor Denis de Moraes, da Universidade Federal Fluminense, sediada na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, publicou um ensaio intitulado “The Big Four”. Tratava-se do quarteto campeão mundial de vendas de livros, formado pelos americanos Stephen King, Michael Crichton, John Grisham e Tom Clancy. Moraes utiliza fragmentos da agenda de Paulo Coelho do ano de 1998 para mostrar que o brasileiro estava com um pé dentro do seleto grupo de best-sellers planetários:

*Falou sobre espiritualidade no Fórum Econômico de Davos, na Suíça.
Foi recebido em audiência no Vaticano e abençoado pelo papa João Paulo II.
Bateu o recorde de autógrafos no 18º Salão do Livro de Paris, com O Monte Cinco, que se aproxima dos 300 mil exemplares vendidos na França.*

Gravou depoimento para o documentário O Fenômeno, baseado em sua vida, numa coprodução canadense-francesa-norte-americana.

O seu livro Manual do Guerreiro da Luz inspirou a coleção 1998 / 1999 da grife Gianni Versace.

Passou oito dias na Grã-Bretanha divulgando O Monte Cinco.

Ao retornar ao Rio de Janeiro em maio concedeu entrevistas à TV5 canadense e aos jornais ingleses Sunday Times e The Guardian.

Entre agosto e outubro, cumpriu compromissos na Nova Zelândia, na Austrália, no Japão, em Israel e na Iugoslávia.

Regressou ao Rio para entrevistas às tevês francesa e alemã, viajando em seguida para uma turnê de lançamentos pelo Leste europeu (Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Eslovênia e Bulgária).

Antes de voltar ao Brasil para as festas de fim de ano, ainda passaria pela Finlândia e pela

Rússia.

Hollywood pretende adaptar quatro livros seus para o cinema.

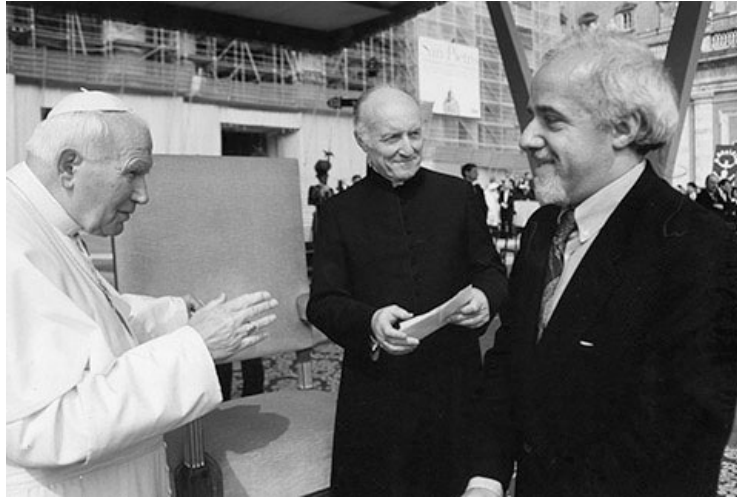
A atriz francesa Isabelle Adjani disputa com a norte-americana Julia Roberts o direito de filmar Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei.

O Arenas Group, ligado à Sony Entertainment, deseja levar às telas As Valkírias, o mesmo acontecendo com a produtora Virgin em relação a O Diário de um Mago.

Condecorado com a Ordem do Rio Branco pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Nomeado conselheiro especial da ONU para o programa Convergências Espirituais e Diálogo Intercultural.





O escritor popstar pelo mundo: condecorado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, recebe livro autografado por José Sarney, é recebido pelo papa João Paulo II e faz lançamentos com Mônica no Japão.

Essa febril atividade internacional do autor só seria interrompida no ano 2000, quando Paulo colocou o ponto-final em seu novo livro, *O Demônio e a Srta. Prym*. Embora repetisse sem surpresas a carreira dos anteriores, este lançamento teria algumas peculiaridades. Primeiro, o autor decidiu não arredar pé de casa para fazer a divulgação internacional (o livro foi lançado simultaneamente no Brasil e em outros países). Preferiu receber os jornalistas estrangeiros em sua nova residência em Copacabana, um apartamento de andar inteiro que transformou num “quarto-e-sala” gigantesco, pelo qual pagara cerca de 600 mil reais e de onde se podia ter uma privilegiada vista da mais famosa praia brasileira. A ideia da romaria internacional de repórteres nascera semanas antes, quando a rede americana de tevê CNN International gravou com ele uma longa entrevista exibida em 230 países.

Nas semanas seguintes começaram a chegar ao Rio, convidados pela Sant Jordi, as equipes dos principais jornais e estações de tevê da Alemanha, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, França, Grécia, Inglaterra, Itália, México, Portugal e República Tcheca — muitos dos quais aproveitaram a viagem ao Brasil para realizar reportagens sobre o Rio de Janeiro. “A propaganda que a cidade ganhou em jornais e revistas de todo o mundo foi tamanha”, comentaria Mônica Antunes, “que, se tivesse que pagar por ela, a Prefeitura do Rio teria que investir uma fortuna.” A outra particularidade de *Srta. Prym* no Brasil foi a escolha do local para o lançamento do livro. Em vez de realizar a noite de autógrafos em uma livraria ou nos salões de um hotel, Paulo preferiu organizar a festa protegido pelas conventuais paredes da centenária Academia Brasileira de Letras. Não era necessária muita argúcia para interpretar o que a escolha anunciava: o ousado Paulo Coelho, um dos escritores mais maltratados pela crítica nacional, estava de olho em uma cadeira do Olimpo da literatura brasileira, a Casa de Machado de Assis.

O livro que Paulo pretendia publicar na virada do milênio não era *O Demônio e a Srta. Prym*. Tal como acontecera dez anos antes, quando jogara no lixo os originais relatando suas experiências satânicas, desta vez, também por recomendação de Chris, ele apagara do computador um romance cuja temática central era o sexo. Este havia passado pelo crivo de Mônica e de um amigo do autor, o teólogo e ex-empresário Chico Castro Silva, mas não sobreviveu à leitura da mulher, que de novo negou-lhe o esperado imprimátur. Não era a primeira vez que Paulo tentava enveredar por esse caminho. No final dos anos 1980, pouco depois de publicar *O Alquimista* no Brasil, ele se aventurara a escrever um livro em que o sexo era tratado com crueza poucas vezes vista na literatura. Durante dois meses, entre janeiro e março de 1989, o escritor produziu um romance de cem páginas que conta a história de um homem identificado apenas como “D.”, um texto que recebeu o título provisório de *A Magia do Sexo*, a *Glória de Deus* ou, simplesmente, *Conversas com D.* Atormentado por dúvidas a respeito de sua sexualidade, o personagem principal só consegue se realizar na cama com a própria esposa e tem sonhos horrendos nos quais vê a mãe nua, sendo seviçada por vários homens que, após violentá-la, urinam sobre seu corpo. O que preocupa “D.”, um homem de quarenta anos, não é apenas o pesadelo em si, mas o fato de sentir prazer ao testemunhar tal violência. Perdido no meio de tão terríveis fantasias, “D.” começa a relatar regularmente seus problemas a um amigo, que vem a ser o narrador da trama. Os dois encontram-se todas as noites para tomar cerveja, momento em que transformam a mesa do bar em um divã de psicanalista. Ao revelar suas intimidades e inseguranças, “D.” acaba confessando que, embora não seja homossexual, tem grande prazer ao sonhar que está sendo violentado por homens (“me agrada a humilhação de estar de quatro, docilmente, oferecendo prazer ao outro”). *Conversas com D.* é um livro inacabado, que termina sem que se saiba que destino o autor teria escolhido para o personagem central — cuja história, em várias passagens, guarda semelhanças com a vida e as características do próprio Paulo. Diferentemente, porém, do que acontecera no livro sobre satanismo e, agora, no romance de conteúdo sexual, os originais de *Conversas com D.* nunca chegaram a ser lidos por ninguém, pois passaram a ser parte integrante do baú de diários condenados à incineração pelo autor.

Com uma temática que passa a léguas de distância de assuntos tão picantes — a palavra “sexo” é utilizada apenas duas vezes no livro —, *O Demônio e a Srta. Prym* nasceu de uma visita que Paulo fez ao vilarejo francês de Viscos, na fronteira com a Espanha. Na fonte da praça principal, viu uma curiosa escultura que mostrava um jorro de água saindo de um sol diretamente para a boca de um sapo, e, por mais que indagasse aos moradores, não conseguiu entender o significado da estranha composição. A imagem permaneceu meses na cabeça do autor até que decidiu aproveitá-la como representação do Bem e do Mal. Com *Srta. Prym*, Paulo encerrava uma trilogia que chamou de “E no Sétimo Dia”, iniciada em *Rio Piedra* (1994) e que teve prosseguimento com *Veronika* (1998). Segundo ele, “são três livros que falam de uma semana na vida de pessoas normais que se veem subitamente confrontadas com o amor, a morte e o poder”.

A história se passa em uma pequena aldeia imaginária de 281 habitantes, todos tidos como extremamente honestos. A rotina do lugar é quebrada pela chegada de Carlos, um estrangeiro logo identificado pela viúva Berta, a habitante mais idosa, como alguém que traz o mal para a pacata vila, ou seja, ninguém menos que o Demônio. O forasteiro hospeda-se no hotel em cuja lanchonete trabalha a única mulher solteira da cidade, Chantal Prym. Órfã e malvista pelos moradores, a srta. Prym é escolhida pelo visitante como instrumento para colocar em xeque a honestidade da população. Apresentando-se como empresário que perdera a mulher e duas filhas num crime hediondo, o misterioso Carlos oferece à jovem a oportunidade de enriquecer e deixar a vida sem graça da cidade. Em troca, ela teria de ajudá-lo a convencer os moradores locais a participar de uma competição macabra: se alguém conseguisse matar, sem motivo algum, pelo menos um habitante local no prazo de uma semana, a vila receberia como pagamento dez barras de ouro que ele escondera em um lugar secreto. O livro trata dos conflitos gerados pela insólita oferta, concluindo por identificar, por meio de uma parábola, a possibilidade da existência simultânea de um anjo e de um demônio particulares dentro da alma de todo ser humano.

Em março de 2000, após entregar à Editora Objetiva as 190 páginas de *Srta. Prym*, Paulo tomou um avião e chegou a Paris a tempo de ver a estreia da campanha arrasa-quarteirão

programada por Anne Carrière para o lançamento de *Veronika Décide de Mourir*. Em uma fria e cinzenta manhã de segunda-feira, ele — e mais os milhões de parisienses e turistas que circulam diariamente pela cidade — teve a atenção atraída para os ônibus da linha 87, cujas carrocerias tinham sido “envelopadas” com um gigantesco close-up do seu rosto impresso sobre uma paisagem azulada, anunciando que *Veronika* estava em todas as livrarias. Exibindo o outdoor ambulante por onde passavam, os veículos saíam da Porte de Reuilly, a leste da capital francesa, e cruzavam cerca de trinta quilômetros de ruas até chegar ao ponto final, no Campo de Marte, depois de passar por alguns dos lugares mais movimentados de Paris, como a Gare de Lyon, a praça da Bastilha e o bairro de St. Germain-des-Prés. Além de Paris, naquele dia a mesma cena se repetia em outras catorze cidades francesas em que o mesmo serviço fora contratado. Dessa vez, no entanto, a campanha publicitária não produziu os resultados esperados. Talvez por estranharem um livro anunciado como sabonete ou pasta de dentes, os leitores franceses reagiram mal. Embora tivesse tido uma carreira até superior à dos anteriores, a vendagem de *Veronika* ficou abaixo das expectativas. Ainda assim, o livro foi recebido calorosamente pela imprensa francesa, aí incluídos tanto a *L'Express* como o sisudo e conservador *Figaro*, um dos mais influentes jornais do país. Simultaneamente, mas sem o mesmo estardalhaço, *Veronika* começava a chegar às livrarias de Taiwan, Japão, China, Indonésia, Tailândia e Estados Unidos.

A mundialização de seu êxito literário também introduziu definitivamente o autor em outro círculo: o do jet set internacional. Como fazia desde 1998, semanas antes Paulo participara do Fórum Econômico Mundial, instituição criada em 1971 pelo professor e economista Klaus Schwab e que reúne anualmente a elite política e econômica mundial na cidade suíça de Davos (a partir de 2000, a convite de Schwab, o escritor passaria a fazer parte da Schwab Foundation). O mais importante convidado ao encontro de 2000, o presidente americano Bill Clinton, fora fotografado, meses antes, com um exemplar de *The Alchemist* nas mãos ao desembarcar de helicóptero nos jardins da Casa Branca. Ao saber que o brasileiro estava em Davos, Clinton tomou a iniciativa de conhecê-lo. “Foi minha filha Chelsea quem me deu, aliás, ela me obrigou a ler *The Alchemist*”, festejou o presidente. “Gostei tanto que dei à Hillary para ler também”, prosseguiu, encerrando o encontro com um convite que acabaria não se concretizando:



Paulo autografa exemplares de *Srta. Prym* para os acadêmicos Murilo Melo Filho e Marcos Almir Madeira: de olho em uma cadeira da ABL.

— Quando for aos Estados Unidos, me avise. Se estiver lá, eu e minha família gostaríamos de recebê-lo para jantar.

Sete anos depois, em 2007, a pedido da equipe de Hillary Clinton, Paulo divulgaria um texto de apoio à sua pré-candidatura à presidência dos Estados Unidos. Naquele e em outros anos, Davos permitiria que ele conhecesse pessoalmente alguns de seus mais célebres leitores, como o ex-premiê israelense e Prêmio Nobel da Paz Shimon Peres, a atriz americana Sharon Stone e o escritor italiano Umberto Eco, e convivesse com personalidades mundiais, como o empresário Bill Gates, e líderes políticos como o palestino Yasser Arafat e o alemão Gerhard Schroeder. A atriz de *Atração Fatal* chegou a marcar um encontro privado com Paulo em um café de Davos. O escritor acertou o lugar e a hora, mas errou o dia. Ao chegar, soube pelo maître que havia cometido uma gafe. “A sra. Stone esteve aqui ontem à espera de alguém que não veio”, disse ele. “Bebericou alguma coisa e parecia irritada ao partir.” A frustração por não ter podido conhecer melhor uma das mais belas mulheres do cinema seria em parte compensada quando Paulo abriu sua caixa postal eletrônica e lá encontrou uma mensagem de cinco palavras: “Senti sua falta. Love, Sharon”.

Já com o autor de *O Nome da Rosa*, Paulo não apenas participou de debates como recebeu um elogio capaz de fazer tremer os alicerces da crítica e da academia — pelo menos no Brasil. Entrevistado em um dos “chás literários” promovidos durante o Fórum, o romancista Umberto Eco, um dos grandes semiólogos do planeta, exibiu intimidade com a obra do brasileiro:

— Meu livro favorito de Paulo Coelho é *Verônica*. Tocou-me profundamente. Confesso que não gosto muito de *O Alquimista*, porque temos pontos de vista filosóficos diferentes. Paulo escreve para crentes; eu escrevo para pessoas que não creem.





Ônibus atravessam Paris envelopados com imagens de Paulo e do livro *Veronika Decide Morrer*, mas o leitor acabou não gostando de tanto marketing.

Na segunda metade do ano 2000, a “febre” prevista por Mônica Antunes dez anos antes convertera-se em um surto que se disseminava por todas as classes sociais, econômicas e culturais, sem distinção de raça, sexo ou idade — e muito menos de ideologia. Meses antes o autor reagira ao ler no jornal inglês *The Guardian* que *El Alquimista* e *La Quinta Montaña* eram os livros de cabeceira do ex-ditador chileno Augusto Pinochet, detido em Londres a pedido da Justiça espanhola sob a acusação de “tortura, terrorismo e genocídio”. “Gostaria de saber se o general Pinochet continuaria a ler meus livros se soubesse que o autor foi preso três vezes durante o regime militar brasileiro e teve muitos amigos detidos ou expulsos do Chile durante o regime militar chileno”, declarou à imprensa. Tempos depois, entrevistado pelo jornal *El Universal*, de Caracas, o venezuelano Miguel Sanabria, comissário ideológico de uma organização de apoio ao presidente Hugo Chávez, revelou a bibliografia adotada em seus cursos de formação política: Karl Marx, Simón Bolívar, José Carlos Mariátegui e Paulo Coelho. “Estamos criando nosso próprio socialismo”, festejava. Livros de sua autoria apareceriam em mãos e estantes ainda mais insólitas, como as do ex-major tadjique Viktor Bout, preso no começo de 2008 na Tailândia por agentes americanos. Em rara entrevista, o oficial aposentado da KGB e considerado o maior contrabandista de armas do planeta (inspirador do filme *Lord of War*, estrelado por Nicolas Cage) declarou candidamente ao repórter Peter Landesman, do *New York Times*, que, entre uma e outra venda de mísseis antiaéreos, relaxava lendo livros de Paulo Coelho. Na guerra movida pelos Estados Unidos contra a rede Al Qaeda, livros do brasileiro aparecem dos dois lados do front. Segundo o jornal inglês *The Sunday Times*, *The Alchemist* era o livro mais retirado na barraca-biblioteca dos soldados americanos da 10ª Divisão de Montanha que caçavam Osama Bin Laden nas cavernas do Afeganistão. E, ao visitar o campo de concentração número 4 da prisão de Guantánamo, em Cuba, onde foram encarcerados suspeitos de ligações com Bin Laden, a repórter Patrícia Campos Mello, do jornal *O Estado de S.Paulo*, descobriu versões em pársi de *O Diário de um Mago* entre os livros oferecidos aos presos pelos carcereiros americanos.

O próprio Paulo se surpreendeu ao assistir ao filme *Guantanamo*, do diretor cubano Tomás Gutiérrez Alea, e ver que o personagem principal carregava, na longa viagem que fazia através da ilha para enterrar um parente, um exemplar de *El Alquimista*. Como seus livros não são publicados em Cuba, ele apurou e descobriu tratar-se da edição espanhola, vendida no câmbio negro por estratosféricos 40 dólares. “Não tive dúvidas em entrar em contato com Cuba e ceder direitos autorais, sem receber um centavo”, revelou depois aos jornais, “para que os livros pudessem ser editados lá a preços menores e mais pessoas tivessem acesso a eles.” Numa demonstração de que a falta de polidez não tem cor ideológica, em 2007 Paulo seria vítima de uma grosseria gratuita do ministro da Cultura de Cuba, Abel Prieto, responsável pela organização da Feira do Livro de Havana. “Com Paulo Coelho temos um problema”, declarou Prieto a um grupo de jornalistas estrangeiros. “Embora seja um amigo de Cuba e fale contra o bloqueio, eu não podia convidá-lo, não podia desprestigiar a feira.” Como não leva mais desaforo para casa, o escritor deu o troco em seu blog na internet com um artigo de seis parágrafos imediatamente reproduzido pelo diário *El Nuevo Herald*, o mais importante jornal de língua espanhola publicado em Miami, a meca do anticastrismo. “Não me surpreende em nada essa declaração”, escreveu. “Pessoas que antes lutaram por liberdade e justiça, uma vez mordidas pela mosca do poder, transformam-se em opressores.”

Com ou sem polêmicas, a projeção internacional que o autor adquirira não o distanciava de seu país de origem. Depois de anos sem fazer noites de autógrafos no Brasil, a escolha da Academia Brasileira de Letras para o lançamento de *Srta. Prym*, em outubro de 2000, foi vista como mais um passo na pavimentação de seu caminho rumo ao Petit Trianon, como são conhecidas a sede da ABL e a própria instituição. Mas não era o primeiro. No banquete oferecido em 1998 por Anne Carrière no Carroussel du Louvre, haviam sido convidados todos os membros da delegação brasileira presente em Paris, mas apenas três escritores receberam telefonemas pessoais dele reforçando o convite — Nélida Piñon, Eduardo Portela e o senador e ex-presidente da República José Sarney. Não por acaso, os três eram membros da ABL. Para a noite de autógrafos de *Srta. Prym* foram expedidos 4 mil convites. A multidão que ocorreu ao casarão da avenida Presidente Wilson, no centro do Rio, obrigou os organizadores do evento a reforçar a segurança e os serviços de apoio. Mil copinhos plásticos com água mineral gelada foram distribuídos entre os presentes por determinação do autor, que lamentou não poder fazer como na França. “Em Paris meu editor serviu champagne francês”, disse sorridente aos jornalistas, “mas eu sei que aqui não dá para repetir a dose”.

Para surpresa generalizada, a crítica brasileira reagiu bem a *O Demônio e a Srta. Prym*. “Paulo Coelho acabou produzindo, aos 53 anos, seu livro mais bem-acabado, com uma história que desperta curiosidade e tensão no leitor”, escreveu o comentarista da revista *Época*. Uma das exceções foi a astróloga Bia Abramo, da *Folha de S.Paulo*, escolhida pelo jornal para resenhar o lançamento. “A exemplo de outros de seus livros, *O Demônio e a Srta. Prym* assemelha-se a uma parábola esticada”, escreveu ela, “que poderia ter sido contada em três parágrafos, como as várias historietas que costumam recheiar suas narrativas”.

Quem observasse com atenção os passos do autor perceberia que sua energia naquele período não estava voltada para os críticos, mas para o planejamento de uma nova peregrinação, certamente tão difícil de vencer quanto as anteriores: ocupar uma cadeira no panteão dos literatos brasileiros. Paulo não alimentava ilusões e sabia, como havia declarado um candidato derrotado, que “é mais fácil se eleger governador de qualquer estado brasileiro do que entrar para a Academia”. Era sabido que alguns dos 39 eleitores torciam abertamente o nariz para ele e sua obra. “Tentei ler um livro dele e não consegui passar da página oito”, dissera aos jornais a escritora cearense e sua prima em quarto grau Rachel de Queiroz — ao que o autor respondeu que nenhum de seus livros começava antes da página oito. O respeitado pensador cristão Cândido Mendes, reitor e proprietário da Universidade Cândido Mendes (na qual Paulo quase se formara em direito), fizera uma avaliação ainda mais dura:

Já li todos os livros dele de trás para a frente, o que dá no mesmo. Paulo Coelho já se avantajou à glória de Santos Dumont na França. Só que ele não é daqui, mas do mundo global do facilitário da mente e da ignorância transformada em submagia. Nosso simpaticíssimo bruxinho serve a esse imaginário domesticado e sem sustos. Essa subcultura disfarçada de prosperidade encontrou seu autor exemplar. Não é um texto, mas um produto de loja de conveniência.

Certo de que a opinião de Rachel e Mendes não era compartilhada pela maioria dos outros 37 eleitores da ABL, ele não respondeu às provocações e seguiu adiante com seu plano. Cortejava os líderes dos vários grupos e subgrupos em que se divide a casa, almoçava e jantava com acadêmicos e não perdia lançamentos de livros de imortais — como são conhecidos os membros da Academia. Na noite de autógrafos de seu romance *Saraminda*, José Sarney — também ele uma vítima preferencial da crítica — posaria sorridente para os fotógrafos assinando o exemplar de Paulo, o mais cortejado das centenas de leitores que se espremiavam em fila para receber uma dedicatória. A verdade é que em pouco tempo seu objetivo se tornara um segredo de polichinelo. No fim do ano o festejado romancista Carlos Heitor Cony, titular da cadeira número três da ABL, desvelou o mistério na *Folha de S.Paulo*:

Escrevi uma crônica comentando o desdém que a crítica dedica ao cantor Roberto Carlos e ao escritor Paulo Coelho. Acho um milagre a sobrevivência dos dois, pois, se dependesse da mídia especializada, eles estariam morando sob a ponte, esmolando e rogando pragas contra o mundo. Não é bem assim. Tanto um como outro têm um público fiel, não tomam conhecimento das críticas, vão em frente, não retalias, e, quando podem, ajudam os outros. Sou amigo pessoal de Paulo Coelho, ele sabe que pode contar com o meu voto para a ABL. Admiro o seu caráter, sua grandeza em não atacar ninguém e usufruir com dignidade o sucesso que tem.

Desde que a ideia de concorrer à Academia entrou na sua cabeça, Paulo acalentava um sonho secreto: ocupar a cadeira de número 23, que tinha como fundador Machado de Assis, o maior de todos os escritores brasileiros, e como patrono José de Alencar (que ele ainda não sabia tratar-se de seu tio-trisavô). O problema é que o ocupante dela era exatamente o acadêmico por quem Paulo mais tinha carinho e admiração e a quem sempre cobrira de homenagens, o baiano Jorge Amado. Isso o obrigava, toda vez que o tema vinha à baila, a fazer uma ressalva, tudo sempre à boca pequena: “Como a vaga que eu quero é a do Jorge, espero só me candidatar quando eu já estiver bem velhinho”, esclarecia, “porque desejo que ele ainda viva muitos e muitos anos.” Aos 88 anos, Jorge Amado enfrentava problemas de saúde desde 1993, quando sofrera um infarto. Em 1996 fora internado em um hospital de Paris, cidade onde vivia parte do ano, e descobriu que além da cardiopatia padecia também de um edema pulmonar. Nos anos seguintes seria internado várias vezes para realizar angioplastias, colocar marca-passos cardíacos e, ao se descobrir diabético, tratar as frequentes crises glicêmicas. Em junho de 2001, parcialmente cego em decorrência de uma degeneração progressiva da retina, foi internado em um hospital de Salvador com focos infecciosos nos rins e no pulmão direito. Submetido a baterias de antibióticos, o escritor recuperou-se bem e, no dia 16 de julho, pôde comemorar em casa, com a família, o quadragésimo aniversário de sua eleição para a ABL. Todavia, apenas três semanas depois, na tarde de 6 de agosto, a família informou que Jorge Amado acabara de falecer. A cadeira número 23 estava vaga. A notícia chegou aos ouvidos de Paulo ainda naquela noite por um breve telefonema do jornalista e acadêmico Murilo Melo Filho:

— Jorge Amado morreu. Chegou a tua hora.

Uma estranha e contraditória sensação tomou conta dele: junto com a excitação da candidatura, via com sincera tristeza morrer não apenas um ídolo de suas primeiras leituras, mas alguém que o tempo fizera seu amigo e fiel defensor. Lembrou-se do gesto magnânimo do baiano, que, mesmo não o conhecendo pessoalmente, em 1995 aceitou representá-lo para receber um prêmio em seu nome. A hora, no entanto, não era para sentimentalismos. Apesar de noviço no meio, Paulo aprendera que a corrida por uma cadeira na ABL começava antes mesmo que tivessem murchado os lírios no caixão do titular. Irremediavelmente picado pela mosca azul após o estímulo de Murilo, no primeiro telefonema de campanha ele levaria um inesperado contravapor. Ao ligar para o professor e jornalista Arnaldo Niskier, ocupante da cadeira dezoito e um dos primeiros a saber, meses antes, de suas pretensões, recebeu um jato de água fria. “Acho que ainda não é a sua hora”, advertiu Niskier. “Parece que a Zélia vai se apresentar, e, se isso acontecer, a Academia vai pender a favor dela.” A Zélia a quem ele se referia era a viúva de Jorge Amado e também escritora Zélia Gattai, que, como o experiente Niskier previra, havia mesmo decidido disputar a cadeira do finado marido.

Ao lado de caudalosos obituários de Jorge Amado, na manhã seguinte os jornais anunciavam os nomes de nada menos que cinco candidatos à vaga aberta: Zélia, Paulo, o astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, o humorista Jô Soares e o jornalista Joel Silveira. Ao fazer seu jogging diário pelo calçadão da praia de Copacabana, Paulo ouviu uma das poucas vozes capazes de convencê-lo a fazer ou deixar de fazer o que quer que fosse, muitas vezes contra sua própria opinião: a de sua mulher. Com a costumeira suavidade, ela contou que estava com maus presságios em relação à disputa:

— Paulo, estou com o pressentimento de que você não vai vencer.

Foi o suficiente para que ele, “sempre muito obediente a Christina”, desistisse da ideia. A candidatura, que nem chegara a ser formalmente registrada, durou menos de doze horas. Paulo enviou um fax de pêsames a Zélia, fechou as malas e embarcou com Chris para o Sul da França. O casal ia realizar o antigo sonho de passar parte do ano na Europa, e o lugar escolhido tinha sido a região próxima ao santuário católico de Lourdes. Um dos motivos da viagem era procurar um imóvel adequado para comprar. Enquanto isso não acontecia, o endereço deles na França seria o modesto e acolhedor hotel Henri IV, na pequena cidade de Tarbes. No dia 9 de outubro, uma terça-feira, os dois estavam no vilarejo de Odos, a cinco quilômetros de Saint-Martin, onde meses depois iriam morar. Como que tentado pelo demônio de quem há tanto tempo se afastara, Paulo decidira incorporar a seu patrimônio um bem mais adequado a uma estrela de rock do que a um homem de hábitos quase monásticos (para os padrões de um milionário, naturalmente): um castelo. A preferência do casal recaía não sobre um castelo qualquer, mas o Chateau d’Odos, onde viveu e morreu Margarida de Valois, a rainha Margot, mulher do rei Henrique IV. O negócio imobiliário acabou não se concretizando — “se eu comprasse um castelo”, disse a um jornalista, “não iria possuí-lo, mas ser possuído por ele”. Na mesma tarde, ele deixou Chris no hotel de Tarbes e tomou um trem para Pau, de onde embarcou em um voo para Monte Carlo, capital do Principado de Mônaco, onde faria parte do júri de um festival de cinema. À noite tomava um café com o cineasta

americano Sydney Pollack, diretor de clássicos como *Out of Africa* (“Entre Dois Amores”) e *They Shoot Horses, Don’t They?* (“A Noite dos Desesperados”), quando tocou seu celular. Do outro lado da linha, reconheceu a voz de Arnaldo Niskier:

— O Roberto Campos morreu. Posso entregar à secretaria da Academia a carta assinada que você deixou comigo inscrevendo seu nome para a primeira vaga que abrisse?

— Se você achar que é a hora, pode.

De volta à França dias depois, a caminho de casa passou pela Capela de Notre Dame de Piétat, na cidadezinha de Barbazan-Débat, e fez um silencioso pedido ao Menino Jesus barbudo:

— Me ajude a entrar para a Academia Brasileira de Letras.

Horas depois, instalado em seu quarto no hotel de Tarbes, concedeu por telefone ao repórter Marcelo Camacho, do *Jornal do Brasil*, uma longa entrevista que começara com a pergunta óbvia:

— É verdade que o senhor é candidato à Academia Brasileira de Letras?

Ele respondeu de bate-pronto:

— Totalmente candidato.

E foi sob esse título — “Totalmente candidato” — que o caderno cultural do *JB* do dia seguinte dedicou toda a primeira página ao furo jornalístico. Na entrevista, Paulo explica as razões de sua candidatura (“o desejo de conviver com gente tão especial como os acadêmicos”), faz pouco caso da crítica (“se o que eu escrevo não fosse bom, meus leitores teriam me abandonado há muito tempo, no mundo todo”) e condena com veemência a política externa do presidente George W. Bush (“o que os Estados Unidos estão fazendo no Afeganistão é um ato de terror, isso mesmo, um ato de terror”). A campanha pela vaga do falecido economista, embaixador, senador e deputado Roberto Campos estava oficialmente nas ruas, mas Paulo revelou ao jornalista que, em virtude de uma agenda internacional muito carregada, só retornaria ao Brasil dois meses depois, em dezembro, para cumprir o ritual de visitas a cada um dos 39 eleitores. A demora era irrelevante, uma vez que a eleição havia sido marcada para o mês de março de 2002, após o recesso de fim de ano da Academia.

Nas semanas seguintes surgiram os dois candidatos com quem iria disputar a vaga, o cientista político Hélio Jaguaribe e o ex-diplomata Mário Gibson Barbosa. Ambos octogenários, cada um deles tinha seus trunfos e suas fragilidades. Jaguaribe pertencia à elite intelectual que chegara ao poder gravitando em torno do presidente Fernando Henrique Cardoso — vantagem expressiva num pleito em que favores e prebendas oficiais costumam contar muito, mas, em contrapartida, era tido como homem de trato difícil. Mário Gibson Barbosa tinha contra si (ou a seu favor, dependendo do ponto de vista) a circunstância de ter sido ministro das Relações Exteriores durante o mais autoritário de todos os governos militares, o do general Emílio Garrastazu Médici (1970-74). Como exercia a presidência da empresa que administrava — o Copacabana Palace Hotel —, Gibson Barbosa montou seu QG de campanha no próprio Copa, um dos mais luxuosos e elegantes endereços do Rio de Janeiro e do Brasil.

A presença na disputa de um dos autores mais lidos no mundo atraiu atenções que poucas vezes em sua história a ABL havia despertado. Além das agências internacionais de notícias, veículos estrangeiros mobilizaram seus correspondentes no Brasil para a cobertura do assunto. Em uma longa e irônica reportagem publicada pelo *New York Times*, o correspondente Larry Rother atribui à ABL poderes para “transformar obscuros e idosos ensaístas, poetas e filósofos em celebridades quase tão enaltecidas como jogadores de futebol, atores ou popstars”. Rother reproduz declarações de apoiadores de Paulo, como Arnaldo Niskier (“é o Pelé da literatura brasileira”), mas não perde a oportunidade de colocar pimenta na disputa:

A imagem pública de Coelho não é a de um sóbrio acadêmico que usufrui a pompa dos chás das tardes de quinta-feira pelos quais a Academia é famosa. Começou sua carreira como compositor de letras de rock’n’roll, já escreveu sobre o uso pesado de drogas que fez naquela época, foi internado na adolescência em uma clínica psiquiátrica e, pior de tudo, talvez, recusa-se a pedir desculpas por seu avassalador sucesso comercial. “A sociedade brasileira exige excelência nesta casa”, disse ao jornal O Globo a escritora Nélida Piñon, ex-presidente da Academia, em comentário interpretado como uma bofetada na popularidade de Coelho. “Não podemos permitir que o mercado dite a estética.”

Surdo às intrigas, Paulo cumpriu religiosamente a via-sacra. Mandou cartas, fez visitas a todos os acadêmicos (à exceção do padre Fernando Ávila, que secamente o dispensou da formalidade) e recebeu apoios espontâneos que o emocionaram, como o de Carlos Heitor Cony e o do ex-presidente Sarney. No dia da eleição, disputada em quatro sucessivos escrutínios, nenhum dos três candidatos conseguiu obter o quórum mínimo de dezenove votos exigido pelo regimento.

Como manda a tradição, o barbudo presidente Alberto da Costa e Silva incinerou os votos em uma cumbuca de bronze, anunciou que a cadeira 21 continuaria vaga e convocou novas eleições para o dia 25 de julho. À noite, horas depois da divulgação do resultado da primeira eleição, uma comissão de imortais apareceu em sua casa para os pêsames de praxe. Um deles — Paulo não se recorda com precisão, mas pode ter sido o filósofo e diplomata Sérgio Paulo Rouanet ou o poeta Ivan Junqueira, ou ainda o presidente da casa, o embaixador Alberto da Costa e Silva — aproximou-se com o semblante consolador:

— Foi muito bom você ter se candidatado e nossa pequena convivência foi ótima. Quem sabe se, numa outra oportunidade, você não tenta novamente?

Como ele obtivera modestos dez votos, contra dezessete atribuídos a Jaguaribe, a comissão eriçou-se com a pronta reação do dono da casa:

— Outra oportunidade, não. Amanhã mesmo vou registrar minha candidatura. Vou disputar de novo.

É possível que a data da nova eleição não tivesse qualquer significado para a maioria dos acadêmicos, mas Paulo enxergou nela um sinal inequívoco de que deveria se reapresentar como candidato: 25 de julho é o dia de São Tiago de Compostela, o padroeiro da peregrinação que mudara os rumos de sua vida. Embora a data escolhida fosse, no seu entender, um indício seguríssimo de que estava no caminho certo, não custava nada pedir uma confirmação ao velho e, na opinião dele, infalível Livro das Mutações, o I Ching. Espalhadas várias vezes sobre a mesa, as três moedas do oráculo deram sempre o mesmo resultado: o hexagrama do caldeirão, sinônimo de vitória certa. Além disso, o I Ching fizera uma estranha recomendação — “viaje e não volte logo” —, que ele não pestanejou em cumprir. Tomou um avião para a França, instalou-se no hotel de Tarbes e durante os três meses seguintes comandou a campanha empunhando um telefone celular e um notebook. Ao chegar lá, leu na internet que ia ter apenas um adversário na disputa: Hélio Jaguaribe. A primeira mudança tática que ele e seu cabo eleitoral Arnaldo Niskier decidiram adotar, para evitar perda de votos entre os grupos atritados com este, foi fazê-lo submergir, criando a insólita figura do apoiador secreto. Christina se lembra de ter ficado impressionada com a desenvoltura do marido:

— Descobri que o Paulo tinha habilidades como negociador desconhecidas para mim. O sangue-frio para tomar decisões e conversar com as pessoas era um talento dele que eu não conhecia.

Embora muitos de seus correligionários considerassem arriscado pilotar a campanha a distância, deixando o eleitorado à mercê do corpo a corpo do adversário, o I Ching insistia: “não volte”. As pressões para voltar ao Brasil começaram a se tornar muito fortes, mas ele permaneceu irredutível. “O meu astral dizia para não voltar”, o escritor se lembra, “e, entre o astral e os acadêmicos, eu fiquei com o astral.” Mas a campanha começou a ganhar corpo de verdade quando um de seus apoiadores passou a cabalar votos nos chás das quintas-feiras com um argumento sedutor:

— Vou votar no Paulo Coelho porque o milho é bom.

No jargão da Academia, “milho bom” era a metáfora para referir-se aos candidatos que, eleitos, poderiam trazer, além de prestígio, benefícios materiais para a instituição. Desse ponto de vista, defendia o imortal, o autor de *O Alquimista* representava milho ótimo. Não apenas por seu indiscutível prestígio internacional, evidente pelo inusitado interesse da mídia estrangeira por aquela eleição. O que amolecia até os mais empedernidos corações era o fato de o milionário Paulo Coelho não ter filhos, circunstância que alimentava esperanças de que, ao morrer, elege-se a Academia como um de seus herdeiros — a exemplo do que haviam feito no passado outros acadêmicos sem filhos, como o político e diplomata José Carlos de Macedo Soares ou o grande poeta pernambucano Manuel Bandeira. Sem saber que havia olhos cobiçando as burras que lhe haviam custado tanto esforço e energia, três semanas antes do pleito Paulo retornou ao Rio de Janeiro. E, ao contrário do que indicavam os oráculos, não foi recebido por boas notícias. A campanha do adversário crescera muito na sua ausência e até alguns eleitores que considerava cativos ameaçavam mudar de lado.

Não foi preciso muito esforço para descobrir que os tiros disparados pela tropa de choque de Hélio Jaguaribe não vinham da Casa de Machado de Assis, mas de um bunker instalado em Brasília, a 1.200 quilômetros do Rio. Mais precisamente, de trás dos delicados arcos de concreto do Palácio do Itamaraty, onde ficava o gabinete de Celso Lafer, ministro das Relações Exteriores. Além de afinidades pessoais e acadêmicas, entre abril e outubro de 1992 Lafer e Jaguaribe haviam sido colegas no último ministério do presidente Fernando Collor — Lafer na mesma pasta e Jaguaribe na Secretaria de Ciência e Tecnologia. Segundo o que Paulo apurou, e tornou público depois, em entrevistas a jornais e revistas, o ministro cabalava votos para Jaguaribe oferecendo em troca viagens, convites e medalhas. “Creio que a maioria dos acadêmicos foi procurada por ele

para que votasse em Héli Jaguaribe”, denunciou à revista *IstoÉ*, “mas pelo menos três me confirmaram: Arnaldo Niskier, Marcos Almir Madeira e Carlos Heitor Cony.” Irritado com o que chamou de “interferência desproporcional”, aproveitou para alfinetar o ministro:

— Na hora de defender o Brasil lá fora das acusações de queimadas na Amazônia, de matança de crianças e de trabalho escravo, quem faz isso sou eu, não o Celso Lafer.

Quem acompanhava a carreira de Paulo sabia que não se tratava de fanfarronice eleitoral. Isso ficaria público anos depois, durante o Fórum Econômico de Davos de 2008. Ao ouvir o maestro inglês Benjamin Zander, regente da Filarmônica de Boston, fazer uma referência grosseira à mulher brasileira, levantou-se aos gritos. “Sou brasileiro e estou ofendido com seu comentário”, protestou. “Não é verdade que as mulheres brasileiras se comportem assim”, completou, obrigando o engraçadinho a se desculpar publicamente.

Seja como for, se de fato o prestígio de Lafer contribuiu para interferir no resultado, aquela não era, seguramente, a primeira vez que a Academia elegia ou derrotava alguém em troca de favores oficiais. O episódio mais conhecido, e que acabaria virando assunto tabu na ABL, ocorrera em 1975, em plena ditadura. Depois de ter seu mandato de senador cassado pelos militares e de ser espoliado de todos os direitos políticos por uma década, aos 73 anos o ex-presidente da república Juscelino Kubitschek decidira disputar a cadeira número um, vaga com a morte do ensaísta mineiro Ivan Lins. Os estatutos redigidos por Machado de Assis eram claros ao restringir o acesso à ABL a “brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário” — e, embora fosse autor de livros memorialísticos, JK não se enquadrava em nenhum desses casos. Com o passar do tempo, no entanto, a Academia afrouxara as exigências estritamente literárias para permitir que personalidades influentes nas mais diversas áreas pudessem entrar para a casa. O melhor exemplo dessa mudança era a cadeira de número 37, que durante treze anos teve como titular o presidente Getúlio Vargas, cuja obra literária se resume a um livro intitulado *A Nova Política do Brasil* — uma seleta dos discursos que pronunciara ao longo de onze anos no poder. Movidos pelo sentimento de vingança, no entanto, em 1975 os militares não queriam que JK se elegesse para lugar nenhum — nem mesmo para o honorífico cargo de membro da Academia Brasileira de Letras. Além do ex-presidente, havia se apresentado como candidato o pouco conhecido romancista goiano Bernardo Élis, cuja eleição passou a ser considerada questão de Estado. Sem rodeios nem filigranas, o governo fez saber a quem interessasse que o financiamento oficial, a juros subsidiados, solicitado pela ABL para construir duas torres de escritórios no terreno ao lado de sua sede, no Rio de Janeiro (terreno que, ironicamente, tinha sido doado à Academia por ordem de JK, quando este era presidente), seria liberado imediatamente após a eleição de Bernardo Élis. Na hipótese contrária, o pedido de empréstimo seria arquivado com igual rapidez. No dia 23 de outubro, a subserviência da ABL imporia a Juscelino Kubitschek, por 20 votos a 18, a única derrota eleitoral de sua vida.

Para sorte de Paulo Coelho, o Brasil de 2002 era um país democrático e os tiros disparados de Brasília acabaram saindo pela culatra. No começo da noite de 25 de julho, os fotógrafos, repórteres e cinegrafistas que se apinhavam na porta do prédio da avenida Atlântica, em Copacabana, foram convidados a subir ao nono andar para uma taça de champanhe francês com os donos da casa: ele acabara de ser eleito com 22 votos, contra 15 atribuídos a Jaguaribe. Ouvido pela imprensa, o cientista político não parecia ter digerido a derrota. Justificou a participação do ministro Lafer na campanha (“é um velho amigo da juventude que telefonou para pessoas que não iam votar em mim”) e não foi exatamente elegante ao lamentar o resultado. “Com a eleição do Paulo Coelho, a ABL está coroando o sucesso do marketing”, resmungou. “O mérito dele foi a capacidade de vender livros.” A um jornalista que quis saber se voltaria a se candidatar, Jaguaribe foi taxativo: “A Academia não me interessa mais”. Três anos depois, no entanto, passado o susto, ele voltaria atrás e se elegeria para a cadeira deixada pelo economista Celso Furtado. Mais um ano e seria a vez de o próprio Celso Lafer ocupar a cadeira de Miguel Reale.

Se de fato algum imortal votou em Paulo Coelho na esperança de que “o milho” fosse bom, deve ter se arrependido amargamente. Em primeiro lugar, os holofotes internacionais que a presença dele atrairia para a casa jamais foram acesos devido à ausência do personagem principal: das mais de duzentas sessões realizadas na ABL desde sua posse, ele só compareceu a seis, o que o coloca em primeiro lugar no quesito absenteísmo. A mesma frustração terá acometido os que sonhavam que parte dos royalties acumulados em uma centena e meia de países acabaria pingando na caixa do Petit Trianon. No testamento público lavrado por ele em cartório do Rio de Janeiro — e renovado três vezes depois da eleição — não há sequer referência à Casa de Machado de Assis.

Em lua de mel com a vitória e saudado por reportagem da revista semanal americana

Newsweek como “o primeiro artista pop da literatura brasileira a entrar na entidade que há 105 anos é o bastião do idioma português e uma fortaleza de alto e refinado gosto intelectual”, Paulo começava a alinhar o discurso e preparar a festa da posse, marcada para o dia 28 de outubro. Comportando-se como bom cavalheiro, embora tivesse sido eleito contra influências oriundas do governo, decidiu ir pessoalmente a Brasília entregar ao presidente Fernando Henrique o convite para a posse. Recebido cordialmente no Palácio do Planalto, soube que o presidente tinha compromissos agendados para aquele dia, mas enviaria um representante. Encerrada a audiência, ele circulava pelos corredores da Livraria Laselva, no aeroporto de Brasília, à espera de um voo atrasado para o Rio. Diante de uma vitrine, viu vários livros seus em exposição — todos da Editora Rocco, nenhum da Objetiva. Naquele momento começou a pensar num importante passo que só daria para valer meses depois: ia deixar a Objetiva e voltar para a antiga editora.

A mesa solene que dias depois presidiu a cerimônia de posse na Academia era encabeçada pelo ministro da Cultura, Francisco Weffort, representando o presidente da República. À esquerda dele estava o prefeito do Rio, César Maia, e à direita o presidente da ABL, embaixador Alberto da Costa e Silva. Os convidados usavam black tie e os acadêmicos envergavam o traje de gala da casa, o fardão de casimira verde-oliva com o peito e a gola bordados com fios de ouro. Para completar a indumentária, os imortais portavam também um chapéu bicorne de veludo recoberto de plumas brancas e, presa à cintura, uma espada dourada. Orçado em 45 mil reais, o fardamento usado por Paulo tinha sido pago, como manda a tradição, pela Prefeitura do Rio, cidade onde nascera. Encerrados os discursos, entre as centenas de convidados para os cumprimentos ao novo imortal podiam-se ver os editores brasileiros de Paulo, Roberto Feith e Paulo Rocco. A civilidade e as gentilezas trocadas pelos dois não permitiam antever a turbulência que se aproximava e que, naquele dia, havia sido decretada.

O episódio ocorrido na livraria do aeroporto de Brasília, na verdade, apenas fizera transbordar preocupações que há tempo vinham se acumulando. Algo semelhante se passara meses antes, quando a agente Mônica, de férias no Brasil com o marido Oyvind, teve a ideia de estender a viagem do Rio até Natal, no Rio Grande do Norte. Além de ter tido a bolsa — com passaporte, documentos e dinheiro — furtada em um restaurante local, Mônica descobriu que não havia livros de Paulo à venda em nenhum lugar da capital potiguar (na época com mais de 600 mil habitantes), nem mesmo na livraria do aeroporto internacional da cidade. O autor, porém, tinha motivos bem mais concretos para se preocupar. Segundo seus cálculos, no período compreendido entre 1996 e 2000 (quando a Objetiva lançou *O Monte Cinco*, *Veronika* e *Srta. Prym*) ele perdera nada menos que 100 mil leitores. E o referencial para essas contas não era a vendagem do blockbuster *O Alquimista*, mas *Rio Piedra*, último livro que publicara pela Rocco antes de mudar para a Objetiva. A ideia que mais o seduzia, deixar imediatamente a Objetiva e voltar à Rocco, implicava um problema adicional. Os originais de seu romance seguinte, *Onze Minutos*, já estavam em poder da Objetiva e, mais do que isso, haviam recebido do editor Roberto Feith pequenas sugestões de alterações com as quais o autor concordara.





Posse de Paulo na Academia Brasileira de Letras: abraçando o xamã Nelson Liano Jr. e com os novos colegas imortais. Abaixo, na plateia, Paula Oiticica, mãe de Chris, e Pedro Queima Coelho, pai do escritor.

Como acontecera tantas outras vezes na sua vida, porém, quem iria dar a palavra final sobre o rumo a seguir era o I Ching. Quatro dias antes da posse na ABL, Paulo formulara duas perguntas ao Livro das Mutações: “O que vai acontecer se eu editar meu próximo livro *Onze Minutos* pela Editora Objetiva?”; e “O que vai acontecer se eu editar o meu próximo livro *Onze Minutos* e toda a minha backlist pela Rocco?”. Atiradas as três moedas sobre a mesa, o resultado não parecia guardar a mesma precisão da pergunta:

A preponderância do pequeno. Sucesso. Pequenas coisas podem ser realizadas, grandes coisas não devem ser feitas. É aconselhável permanecer embaixo. Grande e boa fortuna.

Ao ler tal resposta é possível que a maioria das pessoas continuasse tão desorientada quanto antes, mas para Paulo Coelho o oráculo era de clareza meridiana: após sete anos e quatro livros, chegara a hora de deixar a Objetiva e voltar à Rocco. Irritado com a notícia da mudança, e sobretudo com a decisão do autor de levar consigo um livro pronto para ser impresso, Roberto Feith decidiu que só liberaria os originais de *Onze Minutos* se a Objetiva fosse indenizada pelos gastos de produção. Paulo entendeu aquilo como uma ameaça e desembainhou a espada: contratou um grande escritório de advocacia do Rio e preparou-se para uma longa e penosa batalha judicial, como estas costumam ser no Brasil. Decisão tomada, anunciou que estava voltando para a Rocco, editora pela qual, assegurou, *Onze Minutos* seria lançado nos primeiros meses de 2003 — e embarcou com Chris para Tarbes, deixando o mercado editorial brasileiro fervilhando de boatos. Notícias publicadas pela imprensa afirmavam que ele deixara a Objetiva enciumado por ter perdido o pódio de principal autor da casa para o gaúcho Luis Fernando Verissimo. Outras diziam que a razão da mudança tinha sido a oferta de 600 mil reais feita por Rocco para que o autor voltasse. A temperatura só começou a baixar quando Chris, em sua

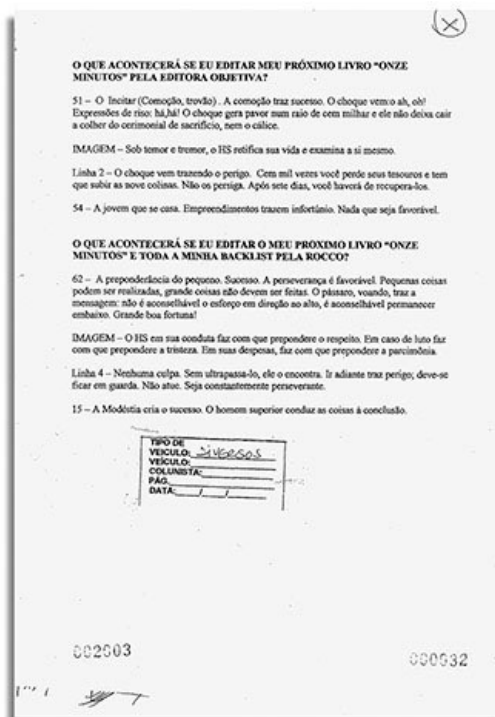
caminhada diária com o marido na região dos Pireneus, aconselhou-o a encerrar a briga com Feith. “Parece que você está com mais vontade de brigar do que ele! Para quê? Por quê?”, indagava. “Faça o possível para que tudo acabe bem, sem brigas.” Mesmo relutando até o último minuto, Paulo acabou por ceder. Parou diante de um crucifixo e pediu a Deus que afastasse o ódio de seu coração. Após alguma parlamentação entre representantes das duas partes, semanas depois Feith não só liberaria os originais de *Onze Minutos* como devolveria ao autor os quatro títulos que compunham sua backlist e que seriam levados para a Rocco. O dono da Objetiva só fincou pé num ponto: proibiu a inserção de suas sugestões na versão da Rocco e nas estrangeiras — determinação que obrigou Mônica Antunes a recolher originais que estavam nas mãos de tradutores de vários países. O problema negocial tinha sido resolvido, mas Paulo e Feith jamais voltariam a se falar.

O livro que provocara a celeuma começara a nascer anos antes, em 1997, na cidade de Mântua, no Norte da Itália, onde Paulo tinha proferido uma conferência. Ao chegar ao hotel encontrou um envelope deixado por uma brasileira chamada Sônia, leitora e fã do autor, que emigrara para a Europa a fim de trabalhar como prostituta. O pacote continha os originais de um livro em que ela contava sua história. Contrariando o hábito de jamais ler originais alheios, Paulo leu, gostou e o indicou para publicação na Objetiva, mas a editora não se interessou. Ao reencontrá-lo três anos depois em Zurique, na Suíça, cidade para onde se mudara, Sônia organizou uma noite de autógrafos como provavelmente nenhum outro escritor jamais havia experimentado: levou-o para a Langstrasse, uma rua onde depois das dez da noite ferve o trottoir com prostitutas de todas as partes do mundo. Avisadas pela brasileira da presença de Paulo no local, dezenas delas apareceram carregando exemplares surrados de livros dele em vários idiomas, entre os quais, notou o escritor, pontificavam majoritariamente os originários de países da antiga União Soviética. Como costumava trabalhar também na cidade de Genebra, Sônia propôs ao escritor repetir aquele verdadeiro happening na zona de meretrício da segunda maior cidade suíça. Foi aí que conheceu a prostituta brasileira a quem deu o nome de Maria e cuja história de vida seria o fio condutor da narrativa de *Onze Minutos*: o relato da jovem nordestina que é atraída para fazer shows na Europa e ao chegar lá descobre que terá de se prostituir. Para o autor, não se tratava de um livro sobre a prostituição, “nem sobre as desventuras de uma prostituta, mas sobre o processo interior de uma pessoa em busca de sua identidade sexual”, declarou aos jornais. “É uma obra sobre a complicada relação entre os sentimentos e o prazer físico.”

O título escolhido para o livro de 255 páginas é uma paráfrase de *Sete Minutos*, best-seller de 1969 em que o americano Irving Wallace narra a discussão, em um tribunal, sobre a tentativa de proibição de um romance sobre sexo. Sete minutos, segundo Wallace, seria o tempo médio consumido na realização de uma relação sexual. Quando *Onze Minutos* foi publicado nos Estados Unidos, um repórter do jornal *USA Today* quis saber do brasileiro a razão do acréscimo de quatro minutos ao tempo medido pelo americano. Com uma gargalhada, Paulo respondeu que a estimativa do autor de *Sete Minutos* refletia o ponto de vista de um anglo-saxão e, portanto, “era conservadora demais para os padrões latinos”. Lançado no Brasil no primeiro trimestre de 2003, *Onze Minutos* seria recebido pela mídia com a má vontade e as ironias habituais — tanto que um mês antes do lançamento do livro o autor previra a reação da crítica em entrevista à revista *IstoÉ*:

— Como é que eu sei que a crítica não vai gostar? É simples. Não se pode detestar um autor por dez livros e adorá-lo no décimo primeiro.

Além de não gostar de *Onze Minutos*, muitos jornalistas vaticinaram que aquele poderia se tornar o primeiro grande fracasso de vendas do autor. Segundo vários críticos, a temática picante do livro — que trata de sexo oral, orgasmo clitoridiano ou vaginal e práticas sadomasoquistas — era um ingrediente explosivo demais para o que imaginavam ser o leitor médio de Paulo Coelho. Aconteceu exatamente o contrário. Antes que a tiragem inicial de 200 mil exemplares chegasse às livrarias do Brasil, em abril de 2003, a Sant Jordi havia vendido o livro para mais de vinte editores estrangeiros, após negociações que renderam ao autor 6 milhões de dólares, ou 12 milhões de reais. Três semanas depois de lançado, *Onze Minutos* estava em primeiro lugar nas listas de mais vendidos no Brasil, na Itália e na Alemanha. O lançamento da edição inglesa atraiu 2 mil pessoas à livraria Borders, em Londres. Assim como acontecera nos dez livros anteriores, seus leitores do Brasil e do mundo dariam provas inequívocas de que continuavam a adorá-lo no décimo primeiro: com o passar dos anos, *Onze Minutos* se tornaria o segundo livro mais lido de Paulo Coelho, com 10 milhões de exemplares vendidos, perdendo apenas para o imbatível *O Alquimista*.



Sem saber que rumo tomar, Paulo recorre mais uma vez ao I Ching: devo ou não mudar de editora?

Paulo vai de casaca ao banquete no Palácio de Buckingham - como convidado da rainha, não de Lula

Os primeiros meses de 2004 foram dedicados por Paulo e Chris ao trabalho de tornar habitável o velho moinho de trigo que haviam comprado em Saint-Martin. O plano de passar quatro meses lá, quatro no Brasil e quatro viajando pelo mundo fora bombardeado pela proposta de agenda que Mônica enviara no começo do ano. A Sant Jordi fora soterrada por nada menos que 187 convites para entrega de prêmios, participação em eventos, noites de autógrafos, conferências e lançamentos nos quatro cantos do planeta. Festejado por legiões de leitores e admiradores espalhados por todos os lados, amigo de reis, xeiques e astros de Hollywood, se atendesse a metade daqueles pedidos não sobraria tempo para mais nada — nem mesmo para algo que começava a preocupá-lo, o livro seguinte. Durante o segundo semestre ele foi maquinando toda a história na cabeça e no fim do ano bastaram duas semanas para colocar no papel as 318 páginas de *O Zahir*, título inspirado em um conto de Jorge Luis Borges acerca de algo que, uma vez tocado ou visto, jamais poderá ser esquecido. Facilmente identificável, o personagem principal é um ex-roqueiro que se torna escritor de sucesso mundial, odiado pela crítica e adorado pelos leitores. Sem nome na história, ele vive em Paris com a jornalista e correspondente de guerra Esther. A narrativa começa com o espanto do personagem ao saber que a mulher o abandonara. Escrito no final de 2004, em março do ano seguinte o livro estava pronto para ser lançado no Brasil e em vários outros países.

Antes, porém, de ser conhecido por leitores de qualquer lugar do mundo, brasileiros incluídos, *O Zahir* seria objeto de uma operação um tanto desconcertante — a de ser publicado em primeira mão na improvável Teerã, capital do Irã, país onde Paulo era o autor estrangeiro mais lido. Tratava-se de uma manobra do jovem editor Arash Hejazi para enfrentar a pirataria local, que, se não chegava aos números alarmantes do Egito, agia com tal impunidade que só de *O Alquimista* haviam sido identificadas 27 edições diferentes, todas piratas, do ponto de vista do autor, mas nenhuma ilegal, uma vez que o Irã não é signatário dos acordos internacionais de proteção ao direito autoral. A ausência absoluta de repressão à indústria clandestina de livros devia-se a uma peculiaridade da legislação do país dos aiatolás, que só protege obras cuja primeira edição seja impressa, editada e lançada no país. Para garantir à sua editora, a Caravan, o direito de publicar sozinha *O Zahir* no país, Hejazi sugeriu que Mônica alterasse o calendário de lançamentos internacionais de forma que a primeira edição seguisse para as livrarias no Irã. O livro foi publicado em primeira mão e de fato breiou a pirataria, mas dias depois enfrentava problemas com o governo. A má notícia foi transmitida por uma ligação telefônica de Hejazi ao autor, que estava reunido com Mônica no hotel Gellert, em Budapeste. Falando de uma cabine pública para burlar a censura telefônica, o aterrorizado editor de 35 anos, que abandonara a medicina para produzir livros, contou que o estande da Caravan na Feira Internacional do Livro do Irã acabara de ser invadido por um grupo da Basejih, a “polícia moral” do regime. Os agentes confiscaram mil exemplares de *O Zahir*, anunciaram que o livro estava proibido de circular e o intimaram a comparecer dois dias depois à repartição encarregada da censura.

Ao final do rápido e tenso telefonema, ambos concordaram em que a melhor maneira de enfrentar tal violência — e também de preservar a integridade física de Hejazi — era denunciá-la à opinião pública internacional. Preocupado, Paulo ligou incontinenti para dois ou três amigos jornalistas, os primeiros que conseguiu localizar, e em seguida a rádio BBC de Londres e a agência France Presse tornavam pública a censura, notícia que logo correria mundo. A repercussão parece ter intimidado as autoridades, porque dias depois os livros foram devolvidos sem qualquer explicação e a censura, cancelada. Seria até compreensível que um Estado repressivo e moralista como o iraniano encenasse com um livro que trata de relações adulterinas. O que surpreendia é que a mão da repressão alcançasse alguém tão popular no país quanto Paulo Coelho, saudado publicamente como “o primeiro escritor não muçulmano a visitar o Irã depois da chegada dos aiatolás ao poder” — ou seja, desde 1979.

De fato, Paulo visitara o país em maio de 2000 como convidado do presidente Mohamed Khatami, que conduzia uma controladíssima abertura política. Quando desembarcaram em Teerã, mesmo sendo três da madrugada, Paulo e Chris (munida de uma aliança de casada no anular esquerdo e devidamente instruída sobre as limitações impostas às mulheres nos países islâmicos) deram com uma multidão de mais de mil leitores que haviam sabido pelos jornais da chegada do

autor de *O Alquimista*. Às vésperas da posse do novo Parlamento, era tensa a situação política. Diariamente as ruas da capital vinham sendo tomadas por manifestações de estudantes em apoio às reformas de Khatami, que sofria forte oposição dos clérigos conservadores que detêm o poder real no país. Embora permanentemente acompanhado por uma dezena de jornalistas brasileiros e estrangeiros, Paulo não deu um só passo a salvo dos olhares vigilantes dos seis seguranças armados de metralhadoras destacados para protegê-lo. Ao final de uma maratona de cinco conferências e sessões de autógrafos de *Brida*, com público nunca inferior a mil pessoas, o escritor foi homenageado pelo ministro da Cultura, Ataolah Mohajerani, com um jantar de gala em que a principal cadeira era ocupada por ninguém menos que o presidente Khatami. Ao rejeitar o convite para participar do ágape em homenagem ao colega brasileiro, de quem se declarava leitor e admirador, o romancista iraniano Mahmoud Doulatabadi, de sessenta anos, expunha os limites e a fragilidade da abertura liderada por Khatami. Perseguido pelo governo, ele se recusou a confraternizar com seus censores. “Não posso ser interrogado de manhã”, disse Dolatabadi aos repórteres, “e à noite tomar café com o presidente.”

Liberado pela Basejih sem vetos nem cortes, o livro pôde circular no Irã antes que em qualquer outro lugar. Cumprida a formalidade legal, semanas depois 8 milhões de cópias de *O Zahir*, traduzido para 42 idiomas, chegariam às livrarias de 83 países. Ao ser lançado na Europa, o romance voltaria ao noticiário dos jornais. Não nas páginas de política, como acontecera no caso da censura iraniana, mas nas de mexericos sobre a vida das celebridades. Naquela primavera de 2005, uma pergunta rondava as redações da mídia europeia voltada para esse tipo de assunto: quem era a mulher que inspirara Paulo a criar Esther, o principal personagem do novo romance? A primeira suspeita, levantada pelo tabloide moscovita *Komsomolskaya Pravda*, recaía sobre a bela estilista russa Anna Rossa, que além de musa teria tido um breve *affair* com o autor. Ao ler a notícia, reproduzida em um site literário italiano, Paulo apressou-se em enviar uma carta ao jornal, vertida para o russo pelo amigo jornalista Dmitry Voskoboynikov:

Queridos leitores do Komsomolskaya Pravda

Fiquei muito intrigado ao saber pelo seu jornal que tive um caso com a estilista Anna Rossa três anos atrás e que essa mulher é supostamente a personagem principal de meu novo livro O Zahir. Feliz ou infelizmente, jamais saberemos, a informação simplesmente não é verdadeira.

Quando me mostraram a foto dessa jovem senhora ao meu lado, imediatamente me recordei dela. De fato, fomos apresentados numa recepção na embaixada brasileira. Não digo que sou um santo, mas não houve e provavelmente nunca haverá nenhum caso entre nós dois.

O Zahir é talvez um dos meus mais profundos livros, e eu o dediquei à minha esposa Christina Oiticica, com quem vivo há 25 anos. Desejo a vocês e a Anna Rossa amor e sucesso. Atenciosamente,

Paulo Coelho

Diante de desmentido tão peremptório, os olhares dos jornalistas voltaram-se para outra mulher reconhecida pela beleza, a chilena Cecilia Bolocco, miss Universo de 1987, e que na época apresentava *La Noche de Cecilia*, um talk show de muito sucesso na tevê de seu país. De passagem por Madri, onde gravava entrevistas para o programa, a longilínea loira condecorada pelo ditador Augusto Pinochet soltou uma gargalhada ao saber que estava sendo apontada como a inspiradora da Esther de *O Zahir*:

— ¡No digas eso! Carlito es muy celoso...

O ciumento “Carlito” era o ex-presidente argentino Carlos Menem, com quem se casara em maio de 2000 — quando ele tinha setenta anos e ela, 35 —, união que três anos depois lhes daria um filho. A naturalidade com que Cecilia reagia à suspeita era compreensível. Anos antes a imprensa noticiara que ela vivera um romance com o escritor entre o começo de 1999 e outubro de 2000, quando, portanto, ainda estava casada com Menem. Segundo o publicado, a primeira noite de amor dos dois teria acontecido em uma das suítes de teto gótico no romântico hotel Monasterio de Piedra, na cidade espanhola de Zaragoza — exatamente onde Paulo ambientara parte da trama do livro *Rio Piedra*. Embora ambos tivessem desmentido com veemência as alegações, funcionários do hotel confirmam que, dias depois dos rumores, detetives argentinos, supostamente a mando do ex-presidente, lá estiveram em busca de fichas de todos os hóspedes registrados no período. Menem, de qualquer forma, se revelaria de fato um marido ciumento. O casamento chegou ao fim em maio de 2007, quando ele viu a esfuziante esposa, com a qual estava às turras, nas capas de revistas internacionais fazendo topless em Miami enquanto sapecava beijos hollywoodianos no empresário italiano Luciano Marrochino.



Paulo com seu editor iraniano Arash Hejazi (de óculos): para evitar a pirataria oficial, a primeira edição de *O Zahir* teve que sair em Teerã antes mesmo de ser publicada no Brasil.

Alguns veículos ainda apostavam suas fichas na atriz italiana Valeria Golino, que alcançara notoriedade contracenando com Dustin Hoffman e Tom Cruise no filme *Rain Man*, quando o mistério chegou ao fim. No dia 17 de abril de 2005, um domingo, o jornal português *Correio da Manhã* estampou o furo na primeira página: a mulher em quem Paulo se inspirara para criar o personagem do livro era a jornalista inglesa Christina Lamb, correspondente de guerra do semanário londrino *The Sunday Times*. Localizada por telefone em Harare, capital do Zimbábue (ex-Rodésia), onde realizava uma entrevista, a repórter quase caiu ao saber que o segredo se tornara público. Ela era a “Esther de carne e osso”, conforme noticiara o jornal. “Ao longo da semana fui procurada por jornais da Espanha, de Portugal, do Brasil, da África do Sul e até da Inglaterra”, diria depois, “todos me pedindo para descrever a sensação de ser a musa de Paulo Coelho.” Uma semana mais tarde Christina publicaria um artigo que ocuparia toda a primeira página da *Sunday Times Review*, revista dominical do jornal, intitulado “He Stole My Soul” — “Ele Roubou Minha Alma” — e encabeçado por um curioso subtítulo:

Christina Lamb já cobriu muitas guerras no exterior para o jornal britânico The Sunday Times, mas viu-se indefesa quando um dos escritores que mais vendem livros no mundo decidiu apoderar-se de sua vida.

No artigo, a jornalista conta que conhecera Paulo dois anos antes, ao ser destacada para entrevistá-lo a propósito do sucesso mundial de *Onze Minutos*. Na época o escritor ainda morava no hotel Henri IV, segundo ela, “uma pensão antiquada, uma mescla de loja pornô e casa de acessórios ortopédicos, no desleixado vilarejo de Tarbes”. Foi o único encontro dos dois. Nos meses seguintes trocaram e-mails, ele no Sul da França, ela em Kandahar ou em Cabul, no Afeganistão. Paulo gostou tanto de *The Sewing Circles of Herat*, livro-reportagem escrito por Christina sobre os mutirões de costura na província afegã de Herat, que o incluiu na lista Meus Dez Melhores, que elaborara a pedido do site da Barnes & Noble, a maior rede de livrarias dos Estados Unidos. Em junho de 2004, ao abrir a caixa postal do computador na casa em que vive com o marido e o filho na cidade de Estoril, em Portugal, a jornalista encontrou, “entre as monótonas notícias sobre as forças de coalizão em Cabul e as ofertas de aumento de pênis”, uma mensagem de Paulo com um enorme anexo. Eram os originais de *O Zahir*, que ele acabara de escrever, acompanhados de uma mensagem que começava com uma frase curta: “O personagem feminino foi inspirado em você”. Em seguida, ele explicava que, diante da dificuldade de ter novos encontros com ela, e como se tratava de um romance, tinha se valido de pesquisas na internet e da leitura de seu livro para montar o perfil da personagem. No texto publicado pela *Sunday Times Review*, ela conta o que sentiu ao ler o e-mail:

Fiquei em parte atônita, em parte lisonjeada, em parte alarmada. Ele não me conhecia. Como podia ter criado uma personagem baseada em mim? Senti-me quase nua. Há aspectos de minha vida que, como a maioria das pessoas, não desejaria ver publicados. [...] Presa de certa agitação, baixei o arquivo de 304 páginas. Enquanto lia o manuscrito reconheci

passagens que lhe contara em Tarbes, impressões subjetivas do meu mundo particular, bem como assuntos que discutira em meu livro. O primeiro parágrafo começava assim: “O nome dela é Esther, 30 anos, casada, sem filhos, correspondente de guerra, que acabou de voltar do Iraque devido à iminente invasão daquele país”. Ao menos ele me tornara mais jovem.

O que à primeira vista parecia divertido (“eu começava a gostar da ideia de uma heroína baseada em minha pessoa, e eis que ela sumia na primeira página”, escreveu Christina) foi se tornando um incômodo à medida que avançava a leitura:

Fiquei um tanto preocupada com a descrição do primeiro encontro entre Esther e o marido: “Certo dia, uma jornalista vem me entrevistar. Ela quer saber qual a sensação de ter minha obra conhecida em todo o país, embora eu próprio seja completamente desconhecido... Ela é bonita, inteligente, serena. Nós nos encontramos novamente em uma festa, onde não há pressão de trabalho, e consigo levá-la para a cama na mesma noite”.

Dizendo-se “estupefata” com aquilo tudo, Christina revelou à mãe e ao marido — um advogado português de nome Paulo — o que acabara de ler.

Longe de sentir-se lisonjeado como eu, ele ficou extremamente desconfiado do motivo que levaria outro homem a escrever um livro sobre sua mulher. Conteí também a alguns amigos, que me olharam como se eu fosse louca. Decidi que seria melhor não mencionar o caso a mais ninguém.

Se o *Correio da Manhã* não tivesse desvendado o segredo, o caso teria morrido aí. A revelação, de qualquer forma, não traria nenhum desconforto adicional à jornalista, conforme ela própria confessou no artigo:

Uma vez acostumada à ideia, decidi que gostava bastante de minha condição de musa. Entretanto, não sabia muito bem o que musas fazem. [...] Perguntei ao escritor como uma musa deve se comportar. “Musas devem ser tratadas como fadas”, respondeu ele, acrescentando que jamais tivera uma antes. Imaginei que ser uma musa provavelmente implicaria aninhar-se em um sofá com uma enorme caixa de requintados chocolates, com ar pensativo. [...] Ser uma musa, todavia, não é tarefa fácil se você trabalha em período integral e tem um filho de cinco anos. [...] Descobri, entretanto, que entrevistar escritores que são celebridades pode ser mais arriscado do que cobrir guerras. Eles não vão atirar em você, mas podem roubar sua alma.

O livro parecia mesmo fadado a gerar polêmicas. Habitados à hostilidade e ao preconceito dedicados pela mídia aos livros anteriores de Paulo, os leitores brasileiros se surpreenderam na última semana de março de 2005. Em todas as bancas do país era possível ver que três das quatro principais revistas semanais — *Veja* (cuja tiragem era de 1,2 milhão de exemplares), *Época* (430 mil) e *IstoÉ* (375 mil) — traziam fotos de Paulo Coelho na capa e, no interior de cada uma delas, oito caudalosas páginas sobre o autor, sua vida e sua obra. A única exceção coube à menor das publicações, *Carta Capital* (60 mil exemplares), que escolhera como principal tema da semana uma reportagem contendo denúncias contra o banqueiro Daniel Dantas, do Banco Opportunity. A capa exibia uma foto-montagem da cabeça do empresário sendo golpeada por um martelo de juiz de direito, sob o título “Dantas a pique”. De todo modo, com o destaque obtido nas três principais revistas semanais, mais uma vez *O Zahir* saltava das páginas culturais, só que agora para as de *media criticism*. O inusitado da situação levou o jornalista Marcelo Beraba, ombudsman da *Folha de S.Paulo*, a dedicar ao assunto toda a sua coluna dominical, em cujas entrelinhas se podia identificar uma ponta de suspeita sobre os interesses que teriam movido as três publicações a incorrerem naquela insólita coincidência:



A imprensa tenta descobrir quem é a musa de Paulo em *O Zahir*: a estilista russa Anna Rossa, a ex-Miss Universo e senhora Menem, Cecilia Bolocco, ou a atriz italiana Valeria Golino? Nenhuma delas: a escolhida tinha sido a jornalista do *Sunday Times* Christina Lamb (abaixo).



[...] No domingo os leitores sentiram o impacto nas bancas: as três maiores revistas semanais tinham a mesma capa, o escritor Paulo Coelho e o seu novo livro, O Zahir. Difícil imaginar, para os padrões editoriais brasileiros, lançamento mais bem-sucedido.

[...] Revistas e jornais já fizeram, fazem e continuarão a fazer acordos, nem sempre transparentes, com produtores de livros, filmes, CDs e DVDs para garantir os lançamentos que consideram importantes. É um risco que correm porque os leitores desconfiam de reportagens que parecem campanha publicitária.

Beraba procurou ouvir os responsáveis pelas três publicações e, embora reconhecesse que o autor era “um fenômeno mundial de venda e como tal deve ser tratado pelos meios de comunicação”, terminou o artigo com uma clara condenação ao comportamento das revistas.

[...] Eurípedes Alcântara, da Veja, não quis comentar o assunto. Aluizio Falcão Filho, da Época, foi sucinto: “Tivemos em dezembro a assinatura de um acordo com a editora, que nos prometeu um capítulo exclusivo. Fizemos isso e nos facilitaram a entrevista”. Hélio Campos Mello, da IstoÉ, acha que a revista foi coerente ao dar a capa para o novo livro de Paulo Coelho. “O novo livro está sendo lançado em 83 países. Nada mais natural que a gente dê um espaço alentado para o lançamento. Existe um preconceito com relação ao Paulo Coelho por parte da imprensa. No caso da IstoÉ não houve ação de marketing nenhuma. Eu tratei direto com o Paulo.”

O tema ainda inspiraria os publicitários Eugênio Mohallem e Cebolinha Fernandes, da agência Fallon, responsável pela propaganda institucional de *Carta Capital*, a criar um bem-humorado anúncio. Nele aparecem as capas de *Veja*, *Época* e *IstoÉ* com a foto do escritor e a de *Carta Capital* com o banqueiro Dantas, sob o irônico título: “Nada contra os coelhos. Mas alguém tem de vigiar as raposas”. Apesar de veiculado apenas quatro vezes (duas na própria *Carta*, uma na *Gazeta Mercantil* e outra no *Estado de S.Paulo*), o anúncio teve grande repercussão, recebendo dois importantes prêmios publicitários (Clube de Criação e Folha / Meio & Mensagem), e terminaria seus dias emoldurado no hall do escritório em São Paulo da agência de notícias Reuters.

O “caso das três capas”, como o episódio ficou conhecido, só adquiriu tal dimensão porque

expôs a radical mudança de comportamento de uma mídia que, salvo raras e esporádicas exceções, tratara o autor com má vontade. Era como se o Brasil, com anos de atraso, tivesse descoberto um fenômeno que inúmeros países vinham celebrando desde o estouro mundial de *O Alquimista*. O advento da internet passou a permitir que um novo livro do escritor se tornasse notícia em todo o planeta um dia depois de lançado, e a partir de então tradutores fluentes em português, que não são exatamente numerosos no mundo editorial, eram colocados de plantão em dezenas de países à espera da chegada dos originais enviados pela Sant Jordi. Enquanto os brasileiros debatiam sobre as três capas, por exemplo, o móvel da celeuma — o livro *O Zahir* — estava sendo traduzido para 28 idiomas, número que logo subiria para 50, mas ainda assim longe das 66 línguas nas quais *O Alquimista* fora publicado. Aos 59 anos Paulo estava às vésperas de atingir a astronômica cifra de 100 milhões de livros vendidos — dos quais 10% no Brasil.

Se no exterior os louros são divididos com Mônica Antunes — que na época administrava inacreditáveis 1.200 contratos de edição de livros de Paulo —, no Brasil um dos responsáveis por essa façanha é um discreto paulistano chamado Rodrigo Meinberg. Quando procurou Paulo Coelho pela primeira vez, no ano 2000, Meinberg tinha 27 anos e jamais lera um só livro dele. Para falar a verdade, salvo os compêndios que lhe haviam sido impingidos no curso de engenharia mecânica na Faculdade de Engenharia Industrial da USP, Meinberg lera muito poucos livros sobre qualquer assunto. Após breve passagem pelas indústrias de papel Klabin, foi trabalhar com dois primos que detinham os direitos para o Brasil das coleções de livros de arte da *National Geographic*. No decorrer dos anos 90 os três se dedicaram a um promissor nicho de mercado: a venda a preço baixo e em larga escala, junto com jornais e revistas, de livros, fascículos e CDs. Realizada com espantoso sucesso pela *Folha de S.Paulo* — que chegou a elevar sua tiragem dominical de cerca de 400 mil para 1,7 milhão de exemplares —, a estratégia de marketing seria adotada também por seu principal concorrente, *O Estado de S.Paulo*, cuja implantação ficou a cargo de Meinberg e de seus primos. Mal recebidas por muitos jornalistas, que enxergavam nelas meros anabolizantes de tiragens, sem preocupação com o conteúdo dos veículos, as campanhas se estenderam até o final da década com palpáveis resultados materiais. Em 2000, os primos decidiram mudar de ramo e mergulharam na bolha da internet, mas Rodrigo preferiu continuar na atividade e montou sua própria empresa, a Gold Editora. O primeiro grande cliente a aparecer foi *O Globo*, que lhe pediu para pensar em “alguma coisa com livros do Paulo Coelho” para turbinar as vendas dominicais.



A revista *Carta Capital* ironiza em anúncio o fato de suas três concorrentes terem dado na capa, no mesmo dia, o mesmo assunto: Paulo Coelho.

Como na época o escritor tinha sua backlist em duas editoras, Rodrigo projetou uma pequena coleção dividida meio a meio, com três livros da Rocco (*O Alquimista*, *Brida* e *As Valkírias*) e três da Objetiva (*O Monte Cinco*, *Manual do Guerreiro da Luz* e *Veronika*). Os livros seriam impressos por ele e, a cada domingo, durante seis semanas, um novo título iria para as bancas junto com *O Globo*. O leitor que pagasse 6,90 reais levaria o jornal, na época vendido a 1,50 real, e um livro que nas livrarias custava em torno de vinte reais. Aprovado no ato pela direção de *O Globo*, o projeto ainda teria de ser submetido a Paulo Rocco e Roberto Feith, detentores dos direitos de publicação no Brasil — e, claro, ao autor. Nenhum dos editores fez qualquer objeção, mas ambos exigiram, pela liberação dos direitos, metade do preço de capa. Era uma facada alta, mas, feitas as contas, Meinberg concluiu que o negócio continuava rentável. Agora só faltava amarrar o guizo no pescoço do gato, tarefa que Rocco e Feith achavam que cabia a ele.

O escritor recebeu a proposta pelo correio ainda no hotel Henri IV, em Tarbes, concordou com a remuneração de 15% sobre o preço de capa dos livros e aprovou-a dias depois, ao falar por telefone com Meinberg. Segundo este, Paulo manifestou uma única e surpreendente preocupação:

— Faça as contas direito, porque desconfio que você vai ter prejuízo.

O tempo mostrou que não havia razão para tais temores: em seis semanas tinham sido vendidos nada menos que 200 mil exemplares. E não se tratava de versões condensadas ou adaptações, nem mesmo de edições populares. Preocupado em dar à coleção um acabamento gráfico de primeira, Meinberg chamou para elaborar as capas dos livros o consagrado designer João Baptista da Costa Aguiar, de São Paulo. O êxito da campanha estimulou outros vinte jornais do interior do país a comprarem e repetirem o projeto em suas cidades. Um ano depois de lançada, a estratégia tinha promovido a venda de 900 mil livros. A experiência na área revelou a Meinberg a existência de um verdadeiro exército de mais de 20 mil vendedores autônomos que fazem chegar produtos culturais a grotões do Brasil que o comércio convencional não consegue atingir. Que produtos? Tudo o que caiba no porta-malas de um carro: livros, CDs, fitas de vídeo e, mais tarde, DVDs. Enquanto o mundo começava a experimentar mecanismos eletrônicos de vendas, por meio da internet, o jovem empreendedor viu naquele antiquado e quase desconhecido sistema porta a porta uma fresta para vender livros. Enviou um e-mail ao escritor propondo o lançamento de uma *Caixa Paulo Coelho*, com dez livros de sua autoria, para ser comercializada exclusivamente por vendedores autônomos. Tiragens tão altas permitiriam que cada coleção fosse vendida a quarenta reais, cinco vezes menos que o preço cobrado pelos mesmos dez livros nas livrarias normais. Com a concordância do autor, Meinberg produziu as primeiras 10 mil caixas, e em menos de seis meses os 100 mil livros tinham sido integralmente vendidos em lugares cujas populações jamais haviam visto livraria ou loja de discos. Sem jamais invadir o território sagrado das editoras — as livrarias —, com o passar dos anos o incansável Meinberg estenderia ainda mais a capilaridade de seu esquema de distribuição. A partir de 2004, por exemplo, os livros de Paulo passaram a integrar a cesta de produtos que toda semana 1,2 milhão de vendedoras autônomas da indústria de cosméticos Avon oferecem de porta em porta a milhões de consumidoras residentes fora dos mercados tradicionais. Os números exibidos são de dar água na boca de qualquer autor.

Em 2006, Paulo reunira sob o título *Ser como o Rio que Flui* uma seleta de contos, ideias e reflexões recolhidas de suas colunas publicadas em jornais de 58 países. Como, no entanto, tinha em mente lançar um novo romance em 2007, *Ser como o Rio que Flui* foi lançado em doze países. No Brasil, a possibilidade de acesso ao novo livro ficou restrita aos leitores dos mercados alternativos de Meinberg. Colocado na rede porta a porta pela Gold Editora em agosto de 2007, meses depois o livro batia na marca de 50 mil exemplares vendidos. Quando se anunciou que Paulo Coelho atingira a marca de 100 milhões de livros vendidos, em meados de 2007, o discreto Meinberg saboreou em silêncio o prazer de ter sido o responsável por 5% daquela montanha. Isso mesmo: dos 10 milhões de livros vendidos pelo autor Paulo no Brasil ao longo de sua carreira, 5 milhões tinham chegado às mãos dos leitores pelos canais alternativos articulados por Rodrigo Meinberg.

A desenvoltura com que Paulo circulava pelo planeta, porém, não decorria apenas da quantidade de leitores que conseguira angariar em quase vinte anos de carreira. Por mais que seus críticos se recusassem a ver isso, o que o distinguia de outros gigantes dos best-sellers, como John Grisham e Dan Brown, era exatamente o conteúdo de seus livros. Alguns desses autores poderiam até vender mais livros que o brasileiro, mas não se têm notícias de que a presença deles arraste multidões para auditórios de todo o planeta, como acontece com Paulo. O impacto que sua obra exerce sobre os leitores pode ser medido pelas centenas de e-mails que seu escritório recebe diariamente de todos os cantos do mundo — muitos deles com os remetentes dando notícias de transformações ocorridas na vida deles após a leitura de seus livros. Cartas convencionais postadas em correios dos mais remotos lugares, às vezes endereçadas apenas a “Paulo Coelho — Brasil”, chegam aos montes às suas mãos. Há muito ele transpôs as fronteiras do mundo literário para se tornar uma entidade que dá nome a ruas, praças e até pratos de comida. Quando, por exemplo, o médico Jesús de la Gándara anunciou, em um congresso de psiquiatria na Espanha, haver fortes indícios de que a peregrinação pelo Caminho de Santiago trouxesse riscos de “manifestações psicóticas, alucinações, delírio e paranoia”, a descoberta foi imediatamente apelidada de “síndrome de Paulo Coelho”. Ao desejar um feliz 2006 a seus leitores, o editorial de ano-novo do jornal *Los Angeles Times* recorreu à imagem de Santiago, o personagem central do livro mais popular do autor. “Segundo o jovem pastor andaluz do romance *O Alquimista*, de 1988, o que faz a vida interessante é a possibilidade de transformar os sonhos em realidade. É isso também que faz com que o ano-novo se torne interessante.”

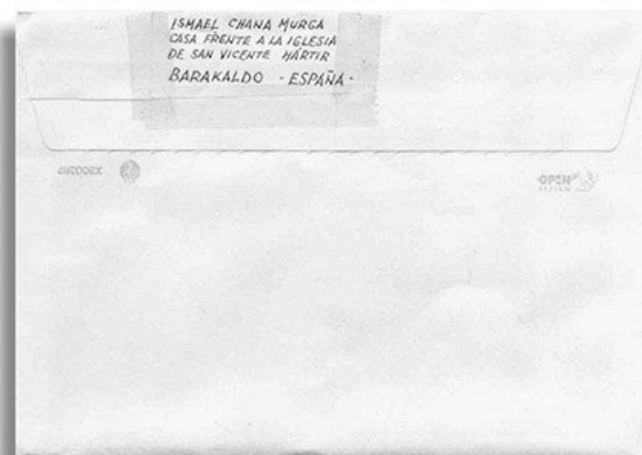


O discreto e eficiente Rodrigo Meinberg: sem trabalho nem notícias nos jornais, 5 milhões de livros vendidos no sistema porta a porta.

Para Paulo Coelho, pelo menos, 2006 iria ser de fato um ano muito interessante. Naquele réveillon ele festejava a assinatura de um contrato absolutamente sem precedentes, no Brasil ou em qualquer outro país. Sem nenhum alarde, ele decidira se transferir para a Editora Planeta, braço brasileiro do maior grupo de comunicação da Espanha e o sétimo no ranking mundial. As negociações foram facilitadas pelo fato de que, à exceção do México e, na época, do Brasil, a Planeta Internacional detinha os direitos de publicação dos livros de Paulo nos doze países em que atua.

A Planeta México amarga desde 1996 um rigoroso jejum de Paulo Coelho, penitência imposta pela implacável Mônica Antunes em protesto contra o tratamento arrogante que o diretor-geral da editora, Homero Gayosso Animas, dedicava às relações com a Sant Jordi. O tiro de misericórdia seria dado em duas frases da breve carta em que a agente acusava o recebimento da proposta da Planeta para editar *Rio Piedra* no México: “[...] De todo modo, e sem querer menosprezar sua proposta, esta não atende plenamente às nossas expectativas e necessidades. Assim, decidi recusá-la e vender os direitos de *Rio Piedra* a uma editora com propostas mais afins”. A felizarda escolhida por Mônica para assumir o segundo maior mercado consumidor dos livros de Paulo Coelho em castelhano, atrás apenas do mercado espanhol, foi a tradicional editora Grijalbo, controlada pela gigante Random House Mondadori.

Fartamente noticiada pela imprensa, a novidade contida no contrato com a Planeta Brasil não era o valor — 800 mil dólares —, inferior ao um milhão de dólares que dez anos antes recebera de Roberto Feith para mudar-se para a Objetiva com *O Monte Cinco*. Embora as duas partes envolvidas na negociação se recusem a confirmá-lo, alegando sigilo contratual, o ineditismo estava no fato de que Paulo recebera metade daquela soma a título de luvas — e não como adiantamento de royalties, como acontece com escritores de sucesso em qualquer parte do mundo. Os restantes 400 mil dólares, estes, sim, seriam deduzidos das vendas de sua backlist, integralmente transferida para a nova casa.



Na era da internet e dos e-mails, o correio consegue achar Paulo Coelho mesmo que o endereço seja apenas o nome da praia onde ele vive no Rio.

Em fevereiro, Paulo estava em sua casa de Saint-Martin quando recebeu de Sir James Hamilton, duque de Abercorn e chefe do protocolo da Casa Real britânica, um convite para o banquete de Estado que a rainha Elizabeth II e o príncipe Phillip ofereceriam no Palácio de Buckingham semanas depois ao presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que faria viagem oficial ao Reino Unido. O convite deixava expresso que o traje exigido para a cerimônia era “white tie with decorations” (casaca e condecorações). Quando se aproximava a data do jantar, porém, os jornais noticiaram que, a pedido do governo brasileiro, tanto o presidente Lula como sua delegação de setenta membros tinham sido liberados pelo protocolo britânico do uso da casaca na recepção de gala. Ao ler essa informação, Paulo (que desengavetara casaca, peitilho de fustão e gravata branca) ficou sem saber o que fazer: a liberação do traje formal para os brasileiros o incluía? Com receio de cometer uma gafe, preferiu enviar um curto e-mail ao serviço de protocolo pedindo instruções:

Acabo de ler que o presidente Lula vetou o uso de casaca pela delegação brasileira. Por favor, preciso saber como devo proceder — eu não gostaria de ser o único convidado de casaca no jantar.

Assinada por um funcionário da Casa Real, a resposta chegou dois dias depois, pela mesma via, e continha uma involuntária inconfidência: revelava que a inclusão do escritor na lista dos convidados não tinha sido uma iniciativa do presidente Lula, e sim do próprio Palácio de Buckingham:

Sr. Coelho:

Sua Majestade A Rainha Elizabeth II concordou em que o Presidente Lula e membros da

comitiva oficial brasileira não precisam usar casaca no Banquete de Estado. Isso, porém, ocorrerá com um número pequeno de pessoas (menos de vinte). Os demais 170 convidados estarão de casaca. Assim, posso assegurar que o senhor não será a única pessoa de casaca. A Rainha espera que os convidados dela usem casaca, e o senhor é oficialmente um convidado de Sua Majestade A Rainha, e não do Presidente Lula.



De casaca e gravata branca, Paulo é recebido por Lula (ao centro, a primeira-dama, Marisa Letícia, e Christina) no Palácio de Buckingham — afinal, ele era convidado da rainha Elizabeth, não do presidente Lula.

Lula, aparentemente, nem chegou a saber da gafe do Itamaraty com um dos brasileiros mais conhecidos na Inglaterra. Tanto que, encerrada a cerimônia, convidou Paulo e Christina para um encontro reservado com ele e a primeira-dama, Marisa Letícia, nos aposentos que o casal ocupava em Buckingham e não tocou no assunto. Na conversa informal que mantiveram — Paulo de casaca e Lula de terno e gravata —, o presidente ficou sabendo de uma novidade que ainda não tinha chegado aos jornais: uma semana antes, na terça-feira de carnaval, o escritor pusera o ponto final no seu romance de estreia na Planeta Brasil, intitulado *A Bruxa de Portobello*.

**À sombra de um Airbus A380, Paulo faz a pergunta sem resposta: quanto tempo
levará para meus livros serem esquecidos?**

Semanas depois de entregar a seus editores os originais de *A Bruxa*, Paulo preparava-se para nova ordália. Duas décadas tinham se passado desde o remoto ano de 1986, quando fizera o Caminho de Santiago, a primeira e mais importante das penitências impostas por Jean. Nos anos seguintes, de acordo com Paulo, o misterioso mestre prescrevera regularmente novas provações. Pelo menos uma delas o escritor confessa ter cumprido menos por prazer do que por respeito à disciplina: a obrigação de acolher discípulos aos quais deveria transmitir o conhecimento recebido de Jean e mostrar o caminho da elevação espiritual. “Tenho discípulos porque sou obrigado, mas não tenho o menor saco para isso”, declarou a jornalistas. “Tenho muita preguiça e muito pouca paciência.” Apesar da resistência, o escritor orientou quatro novos iniciados, tal como exigido pela ordem religiosa R.A.M.: a artista plástica carioca Gilda Bretas, a empresária Lizia Medeiros, também do Rio, o publicitário mineiro José de Oliveira Soares Filho, conhecido como Máqui, e a cabeleireira espanhola de quem ele sabe apenas o primeiro nome — Begonia — e em quem se inspirou para criar Pilar, a personagem feminina do livro *Rio Piedra*.

Além de percorrer os Caminhos, nome dado pelos membros da ordem às peregrinações, desde então ele vem sendo submetido por Jean a constantes ordálias. Algumas delas não exigiram força de vontade nem resistência física, como rezar pelo menos uma vez por dia com as mãos postas sob um jorro de água corrente, que podia vir de uma torneira ou de um córrego. Paulo reconhece, no entanto, ter recebido de Jean tarefas difíceis de cumprir, como submeter-se ao voto de castidade durante sete meses — período em que até a masturbação era proibida. Apesar da privação, o escritor fala com bom humor dessa experiência, ocorrida no final dos anos 80. “Descobri que a abstinência sexual vem acompanhada de muita tentação”, relembra ele. “O penitente fica com a impressão de que todas as mulheres o desejam. Ou melhor, toda, não, só as muito bonitas.” Algumas provas guardavam semelhança com rituais de autoflagelação. Durante três meses, por exemplo, Paulo viu-se obrigado a caminhar uma hora por dia, descalço e sem camisa, através de alguma capoeira de mato fechado até que o peito e os braços ficassem lanhados por espinhos e os pés estivessem com a sola macerada pelas pedras. Perto de tais sacrifícios, os jejuns alimentares de três dias, ou a obrigação de todos os dias observar uma árvore durante cinco minutos, por meses seguidos, eram enfrentados sem maiores esforços.

Assim como algumas das anteriores, a tarefa que Jean transmitiu a seu discípulo em abril de 2006 poderia parecer a um leigo algo sem pé nem cabeça. Chegara a hora de fazer o Caminho Exterior de Jerusalém, o que significava passar quatro meses (ou, como preferem os iniciados, “três meses mais um”) sem pisar nas duas casas em que vive — a de Saint-Martin, na França, e o apartamento de Copacabana, no Rio de Janeiro. Isso mesmo: ele teria que passar os 120 dias seguintes vagando pelo mundo. Pelos lugares que quisesse, desde que não entrasse em nenhuma de suas casas. No seu caso significava passar todo esse tempo em hotéis. E quem não tivesse dinheiro para essa extravagância não poderia ingressar na ordem? Paulo fora assaltado por essa dúvida vinte anos antes, às vésperas de realizar o Caminho de Santiago, e conta ter ouvido de Jean uma animadora resposta:

— Viajar nem sempre é uma questão de dinheiro, mas de coragem. Você passou grande parte da sua vida correndo o mundo como hippie. Que dinheiro tinha, então? Nenhum. Mal dava para pagar a passagem, e mesmo assim acredito que foram alguns dos melhores anos de sua vida — comendo mal, dormindo em estações de trem, incapaz de se comunicar por causa da língua, sendo obrigado a depender dos outros até mesmo para descobrir um abrigo onde passar a noite.

Se o novo Caminho de Jerusalém era inevitável, o remédio era relaxar e tirar algum proveito. As primeiras semanas foram dedicadas a zerar uma pequena parte dos compromissos que se enfileiravam na agenda da Sant Jordi, entre os quais estava a Feira do Livro de Londres, uma das mais importantes da Europa. Ao encontrar-se casualmente ali com o dono da editora Sophia, Yuri Smirnov, responsável pela publicação de seus livros na Rússia, Paulo contou-lhe que estava em meio a uma peculiar peregrinação e que talvez aquela fosse a oportunidade de realizar um velho sonho — viajar pela Transiberiana, a legendaria ferrovia que, estendendo-se por 9.289 quilômetros, corta 75% do território da Rússia, desde Moscou até Vladivostok, a maior cidade da Sibéria. Semanas depois, o escritor receberia um telefonema enquanto dirigia pelas estradas da Catalunha, ao norte da Espanha. Era Smirnov, que o chamava para dizer que decidira realizar seu

sonho e oferecer-lhe a viagem de quinze dias de duração por uma das mais longas estradas de ferro do mundo.

Como ocorreria a qualquer um, Paulo imaginava que o presente se resumia a uma cabine no trem. Qual não foi sua surpresa ao chegar a Moscou, no dia 15 de maio, data marcada para o embarque, e descobrir que Smirnoff decidira transformar a viagem num luxuoso happening. O editor simplesmente alugara dois vagões inteiros, no primeiro dos quais viajariam o escritor, instalado em uma suíte, e, nos dois apartamentos restantes, o próprio Smirnoff, a esposa deste e Eva, leitora e admiradora de Paulo que trabalharia como intérprete nos quinze dias seguintes. Além deles, para garantir a intendência da viagem estavam à disposição do autor uma chef de cozinha, dois cozinheiros, um garçom e dois pesos-pesados destacados pelo governo russo para cuidar da segurança do homenageado. O segundo vagão fretado seria ocupado por trinta jornalistas russos e de outros países europeus que haviam sido convidados para acompanhar o escritor. Entre eles estavam as equipes da ORT TV, o principal canal russo de televisão, e do programa dominical *Fantástico*, da TV Globo brasileira (para enviar e manter durante duas semanas na Rússia a repórter Glória Maria e o cinegrafista Ronaldo Cordeiro, a Globo gastou 30 mil dólares). Feitas as contas na ponta do lápis, a gentileza custara a Smirnoff cerca de 200 mil dólares, mas se revelaria um péssimo investimento: meses mais tarde o autor trocaria a Sophia por uma nova editora, a Astrel.

Seria uma quinzena exaustiva, não apenas pela distância percorrida, mas também pelo incontrolável assédio dos leitores. A maratona começou com uma blitzkrieg em Moscou, onde se repetiria a agitação ocorrida em Praga, Budapeste, Cairo e tantas outras cidades: senhas insuficientes para todos os presentes, divisão do público em filas dos com senha e dos sem senha, distribuição de água mineral para acalmar os mais impacientes. E assim seria ao longo de toda a viagem: a cada parada do trem, as plataformas eram tomadas por centenas e centenas de leitores em busca de um autógrafo, um aperto de mão, uma palavra que fosse. Conforme as cenas exibidas pela Globo em uma série de oito programas dominicais, em todas as paradas havia multidões à espera do escritor — foi assim nas cidades de Yekaterimburgo, Perm, Novossibirsk e Vladivostok. Depois de transpor as províncias do Extremo Oriente russo, margeando as fronteiras da Mongólia e da China — um trajeto em que o fuso horário muda oito vezes —, o grupo por fim chegou no dia 30 de maio a Vladivostok, no litoral do mar do Japão.

De lá, Paulo tomou um avião de volta a Moscou, e no dia 1º de junho era recebido em audiência pelo presidente Vladimir Putin na residência oficial de verão de Novo-Ogaryovo, a meia hora de carro da praça Vermelha. “O que você escreve e a forma como o faz falam diretamente ao coração do povo russo”, saudou-o um sorridente Putin, sob as luzes dos flashes e refletores. “Brasileiros e russos têm muito em comum, apesar da distância que separa os dois países”, respondeu o escritor, “e fiquei emocionado ao encontrar uma Rússia forte e otimista.” A inesquecível viagem tinha terminado. No dia 9 de junho ele desembarcava em Munique, na Alemanha, onde Christina o esperava, a tempo de assistir com ela no München Stadium à abertura da Copa do Mundo de Futebol de 2006, quando os anfitriões derrotaram a Costa Rica por 4 a 2.

Nas entrevistas que concedera ao longo da Transiberiana, Paulo deixara claro que, apesar dos confortos de que desfrutara, aquela não era uma viagem turística. “Esta não é apenas uma viagem de trem”, insistiu várias vezes, “mas uma viagem espiritual no espaço e no tempo para cumprir uma peregrinação imposta por meu Mestre.” Chamava a atenção, após tantos anos de presença constante em jornais e revistas de todo o planeta, que nenhum jornalista tenha jamais logrado obter a verdadeira identidade do misterioso personagem a quem ele tanto devia. Meses depois de terminada a Copa do Mundo da Alemanha, vencida pela seleção da Itália, alguém que se identificou apenas como “leitor de Paulo Coelho” enviou ao hotsite aberto na web para coletar informações para este livro (<http://www.cpc.com.br/paulocoelho/>) uma foto feita no meio da rua de alguma cidade. Nela Paulo aparece com uma bandeira do Brasil nas costas, acompanhado de Christina e de uma terceira pessoa. É um homem magro, de cabelos grisalhos, vestindo calça jeans surrada e camisa da Seleção Brasileira de Futebol, com um telefone celular pendurado no pescoço. Sua identificação é dificultada pelo fato de que usa boné e óculos escuros, e tem a mão direita cobrindo parcialmente o rosto. A fotografia era acompanhada de uma curta legenda escrita pelo internauta anônimo: “Esta foto foi feita por mim em Berlim durante a Copa do Mundo de 2006. O homem de boné é Jean, o Mestre de Paulo Coelho na R.A.M.”. Ao ver a foto, o escritor reagiu de modo propositalmente vago: “Não sei lhe dizer”, desconversou. “Mas, se não for ele, é muito parecido.”

Dois meses depois de encerrada a copa, as livrarias brasileiras recebiam os primeiros 100 mil exemplares de *A Bruxa de Portobello*, que marcava a estreia do autor na Planeta Brasil. Tratava-se de um livro cheio de novidades. A primeira delas, visível logo no começo, é a técnica escolhida

pelo autor para contar as desventuras de Athena, a protagonista. A história da jovem de origem cigana nascida na Transilvânia, uma região da Romênia, e abandonada pela mãe biológica é narrada por quinze diferentes personagens. O recurso estético renderia um dos primeiros e mais eloquentes elogios da *Folha de S. Paulo* à sua obra. “Não se pode negar que, em termos literários, este é um dos romances mais ambiciosos do escritor Paulo Coelho”, escreveu Marcelo Pen. Sem escapar das inevitáveis alfinetadas em seus outros livros, o crítico reconhecia que “esta história de uma líder de seita, contada pela perspectiva de uma dúzia de personagens, parece suntuosa”. O livro conta a trajetória de Athena, criança adotada por um casal de libaneses e levada para Beirute, de onde a família é expulsa pela guerra civil que castigou o Líbano de 1975 a 1990, radicando-se então em Londres. Na Grã-Bretanha ela cresce, se forma, casa e tem um filho. Faz carreira como executiva de um banco até que se separa do marido e viaja à Romênia para conhecer a mãe biológica. Muda-se em seguida para o golfo Pérsico, onde se transforma em bem-sucedida corretora de imóveis em Dubai, nos Emirados Árabes. De volta à capital britânica, vai desenvolvendo e aprofundando sua espiritualidade até se transformar em uma sacerdotisa que atrai centenas de seguidores e, em decorrência dessas atividades, torna-se vítima da intolerância religiosa.

A segunda novidade era de natureza tecnológica. Colocada no blog do autor antes de a edição impressa chegar às livrarias do Brasil e de Portugal, em apenas dois dias a página eletrônica recebeu 29 mil visitas, um resultado inesperado por todos, a começar do autor: “Foi uma surpresa fantástica, que comprovou como a internet se tornou um território obrigatório para o escritor dividir seu trabalho com o leitor”, declarou aos jornais. Aos que temiam que a iniciativa pudesse roubar leitores das livrarias, ele respondia com argumentos concretos:





Peregrinação pela Transiberiana: com o presidente Putin, autografando livros nas estepes geladas da Rússia, com o guarda-costas e com a equipe da TV Globo.

— Em 1999 eu descobri que a edição de *O Alquimista* publicada na Rússia estava disponível na internet. Então decidi enfrentar a pirataria no campo dela e passei eu mesmo, em primeira mão, a colocar meus livros na web. Em vez de cair, a vendagem nas livrarias aumentou.

Como se quisesse reafirmar que “enfrentar a pirataria no campo dela” não era apenas uma frase, o site em que passou a disponibilizar seus livros na web (<http://piratecoelho.wordpress.com>) traz uma foto do autor de bandana na cabeça e tapa-olho negro — como se fosse um verdadeiro corsário. Convencido de que alguém só lê livros na tela de um computador se não tiver outra alternativa, e que imprimi-los em casa custaria mais caro que comprá-los nas livrarias, Paulo passou a adotar como norma algo que só seria tornado público dois anos depois, em 2008: colocar todos os seus livros na rede mundial de computadores. “Está comprovado que, se as pessoas lerem os primeiros capítulos na internet e gostarem”, assegura, “elas sairão e comprarão o livro.”

No final de 2006, o Brasil estava no auge da campanha para as eleições presidenciais. Os dois concorrentes mais votados no primeiro turno, disputado no dia 1º de outubro, tinham sido o presidente da República e candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), com 46 milhões de votos, seguido pelo ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que recebera 39 milhões de votos. Poucos dias antes do segundo turno, marcado para 29 de outubro, Paulo recebeu uma chamada telefônica de um amigo brasileiro que ajudava a campanha do PT, com uma pergunta à queima-roupa:

— Em quem você vai votar?

O escritor tinha a resposta na ponta da língua:

— No Lula.

— Você aceitaria declarar seu voto publicamente?

— Sim, claro que sim.



Um leitor anônimo e bisbilhoteiro tenta desfazer o mistério e identifica o homem da foto, à direita, como sendo o Mestre Jean. Paulo não confirma nem desmente: “Se não for ele, é muito parecido”.

Não se tratava de novidade. Embora nunca tivesse sido militante político, em quase todas as eleições desde a redemocratização do Brasil, em 1985, Paulo fizera questão de manifestar publicamente suas preferências. Em 1989, nas primeiras eleições presidenciais livres após vinte anos de ditadura, ele declarara seu voto ao candidato comunista Roberto Freire no primeiro turno e, no segundo, ao sindicalista Lula — que terminaria sendo derrotado por Fernando Collor, do nanico PRN, mas apoiado por outras forças políticas. Em 1991, o escritor seria ovacionado várias vezes ao participar como palestrante do primeiro Encontro Nacional do PT, na cidade de São Bernardo do Campo, no ABC paulista. Cercado de trotskistas, stalinistas e leninistas, ele arrancou palmas até de políticos então considerados radicais, como o deputado federal Luiz Gushiken, que depois viria a ser ministro do presidente Lula, ao afirmar que “jamais houve na história da humanidade uma civilização atea”. Em 1994, apoiou o tucano Fernando Henrique Cardoso, que bateria Lula nas urnas.

Três dias depois de ter concordado em declarar seu apoio a Lula contra Alckmin, o escritor recebia em sua casa de Saint-Martin uma equipe de tevê da campanha do PT para a gravação de um testemunho com trinta segundos de duração. Tendo como fundo um dourado campo de trigo, Paulo aproveitara o gancho do aniversário de Lula para montar sua fala:

Presidente Lula:

Em primeiro lugar, feliz aniversário. Vamos comemorar juntos no domingo com uma vitória. Uma vitória do povo, uma vitória do país, uma vitória da democracia. Nesses quatro anos o Brasil passou por provas necessárias e saiu fortalecido. O povo compreendeu perfeitamente isso e neste domingo estaremos todos votando de novo por mais quatro anos de fé, esperança e realizações no nosso Brasil.

Para o comando da campanha de Lula, receber o apoio do escritor mais popular do Brasil significava um petardo no adversário. Embora as pesquisas indicassem que a reeleição do presidente estava quase garantida, os dois experientes candidatos sabiam que não raro a opinião do eleitorado muda radicalmente nos últimos dias ou até horas, muitas vezes arranhando a reputação dos institutos de pesquisas.



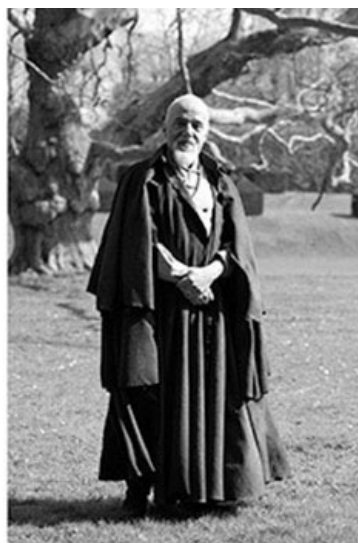
Para enfrentar a pirataria, Paulo aparece na internet fantasiado de pirata e disponibilizando seus próprios livros para os internautas.

Assim, o filmete com o apoio de Paulo foi guardado em segredo para fechar com chave de ouro a campanha presidencial. Eram oito e vinte da noite de 27 de outubro quando a imagem do escritor, transmitida em rede nacional, encerrou oficialmente a campanha eleitoral gratuita pela televisão. Em Saint-Martin, onde ele se encontrava, era meia-noite e vinte. Acabara de assistir a um filme na tevê e antes de dormir resolveu dar uma espiada na caixa postal eletrônica. Para seu espanto, nos últimos minutos — ou seja, imediatamente após sua aparição na tevê — dezenas de e-mails de leitores tinham sido despachados de todos os cantos do Brasil, contendo comentários sobre seu apoio a Lula. De cada dez mensagens, apenas uma trazia cumprimentos pelo gesto. As nove restantes eram de condenação veemente e indignada pelo que as pessoas tinham acabado de ver. Instintivamente, o escritor começou a responder um por um, explicando as razões que o haviam levado a tomar a posição pró-Lula naquelas eleições. Meia hora depois, no entanto, percebeu que não conseguiria acompanhar o ritmo de chegada de novas mensagens, que, às centenas, ameaçavam entupir seu computador. A proporção continuava a mesma: uma mensagem de elogio, nove de reprovação. Nas duas semanas seguintes chegariam mais de 10 mil e-mails, 90% dos quais de protestos, que receberam dele uma resposta circular.

Sem dar publicidade a essa tentativa de motim de seus leitores, Paulo teria oportunidade de testemunhar, mais uma vez, o que amigos seus consideraram uma prova de que a ingratidão não tem mesmo ideologia. Do beneficiário do apoio que lhe custara tantos aborrecimentos, ele jamais recebeu um telefonema, cartão ou e-mail. Ao contrário. Em novembro de 2007, o Palácio do Planalto anunciou que Lula iria visitar o Pavãozinho, uma favela onde vivem 20 mil pessoas entre as praias de Ipanema e Copacabana. Lá o presidente acionaria um bate-estacas para dar início às obras de construção de elevadores, teleféricos e melhorias na infraestrutura local. O curto trajeto que o presidente percorreria a pé passava pela porta da menina dos olhos do escritor, uma instituição chamada Solar Meninos da Luz. Desde 1998, o Solar, que oferece educação integral gratuita a 430 crianças carentes da favela, é parcialmente mantido com contribuições anuais de 400 mil dólares feitas pelo Instituto Paulo Coelho, organização sem fins lucrativos financiada integralmente por royalties do autor e administrada pela fidelíssima Belina Antunes, mãe de sua agente, Mônica. Esporadicamente, Paulo costuma fazer ao Solar gordas contribuições advindas de outras atividades suas, como o cachê que recebeu para participar da novela *Eterna Magia*, exibida pela Globo. Embora tivesse passado a poucos metros do Solar, o presidente da república não se lembrou de dar uma breve olhada naquele oásis que formara centenas de crianças.



Acima, à esquerda, Paulo pede votos para Lula na TV brasileira e recebe mais de 10 mil e-mails de protestos. Reeleito, o presidente passa na porta da ONG Meninos da Luz, mantida pelo escritor, e nem sequer entra para ver do que se trata. Abaixo Paulo posa de Mago em novela da Globo: o cachê foi direto para a ONG.



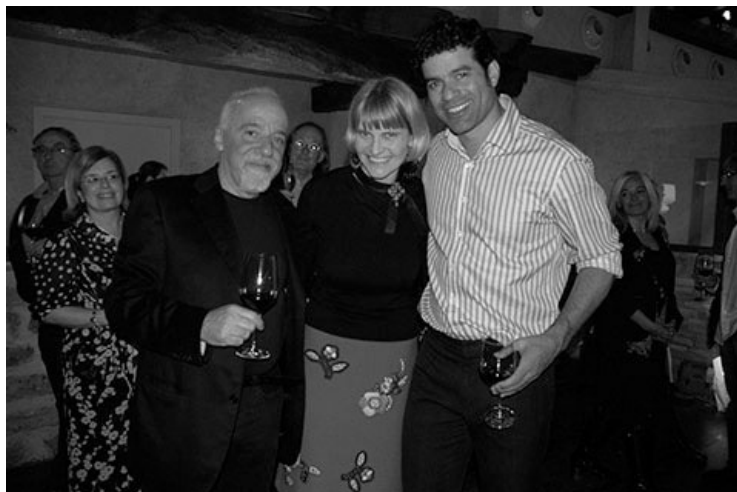
As energias do escritor, porém, estavam apontadas em outra direção. Desde meados de 2006 havia uma silenciosa torcida não só da parte de Paulo, mas também de Mônica e Chris, além de alguns editores mais próximos, para que a cifra de 100 milhões de livros vendidos fosse atingida

nas proximidades de 19 de março do ano seguinte, dia de São José, quando o escritor festejaria seu sexagésimo aniversário, mas isso acabou não acontecendo. O 100.000.000º livro dele só viria a ser comercializado cinco meses depois do previsto, em agosto, mês em que de fato completaria sessenta anos. Embora tivesse declarado aos jornais que chegar aos sessenta anos tinha a mesma importância de fazer 35 ou 47, em fevereiro o escritor decidiu que iria comemorar o dia de São José no hotel El Peregrino, em Puente la Reina, cidadezinha espanhola a vinte quilômetros de Pamplona, no meio do Caminho de Santiago. No mesmo dia postou em seu blog um “voto de boas-vindas” aos primeiros dez leitores que respondessem. Quando as mensagens começaram a chegar a seu computador provenientes de lugares tão distantes como Brasil, Japão, Inglaterra, Venezuela e Qatar, Paulo temeu que os internautas tivessem entendido que o convite incluía passagens aéreas e hospedagem, e apressou-se a esclarecer do que realmente se tratava. Para sua surpresa, todos estavam cientes do real significado de sua nota no blog e dispostos a arcar com os custos. No dia 29 lá estavam quatro espanhóis (Luis Miguel, Clara, Rosa, Loli e Ramón), uma grega (Chrissa), um inglês (Alex), uma venezuelana (Marian), uma japonesa (Heiko) e uma norte-americana residente no Iraque (Nika). Além deles, podiam-se identificar personalidades como o ex-craque de futebol Raí ou velhos amigos como Nelson Liano Jr., seu parceiro na autoria do livro *Manual do Vampirismo*. Também presente à festa, a jornalista americana Dana Goodyear descreveria Liano, em reportagem publicada na revista *New Yorker*, como “um xamã recém-chegado da Amazônia”. Em seu blog, Liano resumiu em poucas linhas a atmosfera vivida no El Peregrino:

Foi uma celebração em honra a São José em quatro idiomas. Paulo adotou o dia do Santo do Trabalho para comemorar o seu aniversário, seguindo uma antiga tradição cristã espanhola. Enquanto rolava a festa, uma nevasca deixava o Caminho de Santiago completamente branco. Salsa, músicas regionais francesas, bolero, tango, samba e os inesquecíveis sucessos de Raul Seixas com Paulo Coelho deram o tom pan-musical da celebração regada ao melhor vinho de Rioja.

Cinco meses depois, ao se aproximar a verdadeira data do aniversário, a equipe comandada por Mônica na Sant Jordi trabalhava a todo vapor na preparação de um elegante folder de quarenta páginas impresso em inglês, em quatro cores, e em papel couchê, em cuja capa se podia ver, sobre uma foto do autor ostentando um sorriso iluminado, um título que dispensava adjetivos: “PAULO COELHO — 100.000.000 COPIES”. A urgência se devia ao fato de que o folheto seria tornado público na primeira semana de setembro, durante a Feira de Livros de Frankfurt. Com uma apresentação assinada por Daniel Keel, dono da Diogenes, editora dos livros de Paulo na Alemanha, a peça comemorativa resumia a trajetória do autor desde que, vinte anos antes, publicara seu primeiro livro de projeção, *O Diário de um Mago*. Nas páginas seguintes relacionava os 31 dos 63 prêmios (nenhum brasileiro) e condecorações (apenas duas concedidas pelo Brasil) que o autor ou seus livros haviam recebido, e arrolava os 160 países em que sua obra havia sido traduzida.

No dia 24 de agosto, enquanto a Sant Jordi fervia para preparar o material a tempo de distribuí-lo na abertura da feira, o aniversariante, como de hábito, dedicava-se à reflexão e ao recolhimento espiritual. Quem passasse às três da tarde pelas estreitas e ensolaradas estradinhas de terra do município de Barbazan-Debat, a dez quilômetros de Saint-Martin, talvez nem desse pela presença daquele homem de cabelos brancos raspados e penacho na nuca. De tênis, camiseta e bermuda, Paulo acabara de deixar o interior da capelinha da Piétat — a madona que traz no colo o estranho Menino Jesus barbudo —, sentara-se em um banco de madeira e, usando o joelho como apoio, começara a escrever algumas linhas nas páginas de um bloco. Os raros turistas que passavam de carro por ali dificilmente associariam a figura de ar frágil e aparência monástica ao escritor cortejado por reis, emires e estrelas de Hollywood e aclamado por seus leitores em qualquer lugar do planeta onde ponha os pés. Christina, que o observava a distância, aproximara-se dele, curiosa por saber o que o marido escrevia.



A festa do dia de São José na Espanha: o escritor com Christina; Mônica Antunes com Márcia Nascimento, presidente do Fã-Clube Paulo Coelho; e ele com o jogador de futebol Raí e com a jornalista Dana Goodyear, da revista *New Yorker*.

— Uma carta — respondeu, sem levantar os olhos.

— Para quem? — insistiu ela.

— Para o autor da minha biografia.

Postada horas depois no correio convencional de Saint-Martin, a carta, transcrita na íntegra a

seguir, levaria sete intermináveis dias — tempo inadmissível para um escritor tão cibernético como Paulo — para chegar às mãos do destinatário em São Paulo.

Barbazan-Debat, 24 de agosto de 2007

Caro Fernando:

Estou sentado aqui diante desta pequena capela e acabo de repetir o ritual de sempre: acender três velas para a Virgem da Piétat. A primeira pedindo que me proteja, a segunda pelas intenções de meus leitores e a terceira pedindo que meu trabalho possa continuar com dignidade e sem esmorecimento. Faz sol, mas não é um verão insuportável. Não existe ninguém à vista, exceto minha mulher, que está olhando as montanhas, as árvores e as rosas que os monges plantaram, enquanto espera que eu termine esta carta.

Vimos caminhando — dez quilômetros em duas horas, o que é razoável. Teremos que voltar caminhando, e acabo de me dar conta que esqueci de trazer água suficiente. Não faz mal; em certos momentos a vida não lhe dá outra escolha, e não posso ficar sentado para sempre aqui. Meus sonhos me esperam, sonhos dão trabalho, e preciso voltar para casa, mesmo com sede.

Hoje eu completo sessenta anos. Meu plano era fazer o que sempre faço, e assim foi. Ontem às 23:15 fui para Lourdes, de modo a passar a 00h05 do dia 24, momento em que nasci, diante da gruta de Nossa Senhora, agradecer pela minha vida até então, e pedir proteção para o futuro. Foi um momento muito forte, mas enquanto dirigia de volta para Saint-Martin me senti extremamente só. Comentei com minha mulher. “Mas foi você que escolheu isso!”, respondeu ela. Sim, eu tinha escolhido, mas comecei a ficar incomodado. Nós dois estávamos sós neste imenso planeta.

Liguei meu telefone portátil. Na mesma hora ele soou — era Mônica, minha agente e amiga. Cheguei em casa e outros recados me esperavam. Fui dormir contente, e no dia seguinte vi que não tinha a menor razão para sentir a opressão da véspera. Começaram a chegar flores, presentes, etc. Pessoas em comunidades da internet tinham feito coisas extraordinárias usando imagens e textos meus. Tudo tinha sido organizado, na maior parte dos casos, por gente que nunca vi em minha vida — exceção feita a Márcia Nascimento, que fez um trabalho mágico, e que me dá a alegria de dizer: sou um escritor que tem um fã-club (do qual ela é a presidente mundial)!

Por que lhe escrevo? Porque hoje, ao contrário de meus outros dias, tenho uma imensa vontade de voltar ao passado. Mas usando olhos que não são meus, e sim os daquele que teve acesso aos meus diários, aos meus amigos, aos meus inimigos, a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória. Gostaria muito de estar lendo a minha biografia agora, mas pelo visto ainda vou ter que esperar.

Não sei qual será a minha reação ao ler o que estará escrito ali. Mas, na capela que neste momento está diante do meu campo de visão, existe uma frase escrita: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Verdade é uma palavra complicada — afinal de contas, em nome dela foram cometidos muitos crimes religiosos, foram declaradas muitas guerras, muitas pessoas foram banidas por aqueles que se dizem justos. Mas uma coisa é certa: quando a verdade é libertadora, não há o que temer. E, no fundo, foi por esta razão que aceitei ter minha biografia escrita: para que eu pudesse descobrir outra face de mim mesmo. E isso me fará sentir mais livre.

Passa um avião no céu, o novo Airbus 380, que ainda não foi comercializado e está em fase de testes perto daqui. Eu o contemplo e fico pensando: quanto tempo demorará para que esta nova maravilha da tecnologia se torne obsoleta? Evidente que o pensamento seguinte é: quanto tempo demorará para os meus livros serem esquecidos? Melhor afastar isso da cabeça — porque eu não os escrevi pensando na eternidade. Eu os escrevi para descobrir o que seguramente, dada sua formação de jornalista e suas convicções marxistas, não estará em seu livro: os meus cantos secretos, às vezes escuros, às vezes iluminados, que eu só vim a conhecer quando os coloquei no papel.

Como qualquer escritor, sempre namorei a ideia de uma autobiografia. Mas é impossível escrever sobre si mesmo sem terminar justificando os erros e engrandecendo os acertos, faz parte da natureza humana. Daí a ideia do seu livro ter sido aceita com tanta rapidez, mesmo sabendo que estou correndo o risco de ver reveladas coisas que, no meu entender, não são necessárias. Porque, se elas fazem parte da minha vida, precisam ver a luz do dia. Daí a minha decisão, de que em muitos momentos ao longo destes três anos eu me arrependi, de abrir os diários que escrevo desde que era adolescente.

Mesmo que eu não me reconheça no seu livro, sei que ali está uma parte de mim. Enquanto você me entrevistava, e eu era obrigado a rever certas partes da minha vida, ficava sempre

pensando: qual seria o meu destino se eu não tivesse experimentado as coisas que vivi?

Não vale a pena entrar nessas abstrações agora: Chris diz que devemos voltar para casa, temos outras duas horas de caminho, o sol fica cada vez mais forte, o campo está seco. Peço a ela mais cinco minutos para terminar. Quem serei eu na sua biografia? Embora não a tenha lido, eu conheço a resposta: serei as pessoas que cruzaram o meu caminho. Serei a pessoa que estendeu a mão, confiante que havia uma outra mão esperando para apoiar-me nos momentos difíceis.

Existo porque tenho amigos. Sobrevivi porque eles estavam no meu caminho. Eles me ensinaram a dar o que eu tinha de melhor, mesmo que em alguns momentos de minha vida eu não tenha sido um bom aluno. Mas acho que terminei aprendendo alguma coisa a respeito da generosidade.

Chris insiste, diz que os cinco minutos já se passaram, mas eu peço um pouquinho mais de tempo para deixar registrados aqui, nesta carta, os versos que Kahlil Gibran escreveu há mais de cem anos. Seguramente não devem estar na ordem certa, porque eu os decorei há muito tempo, em uma noite triste, sombria, enquanto escutava Simon & Garfunkel naquele aparelho que chamávamos de “vitrola”, agora ultrapassado (como um dia será o Airbus 380, e eventualmente os meus livros). São versos que falam justamente da importância de dar:

“Você só está dando algo quando está oferecendo a si mesmo. E o momento será sempre o dia de hoje, e não o tempo dos seus herdeiros.

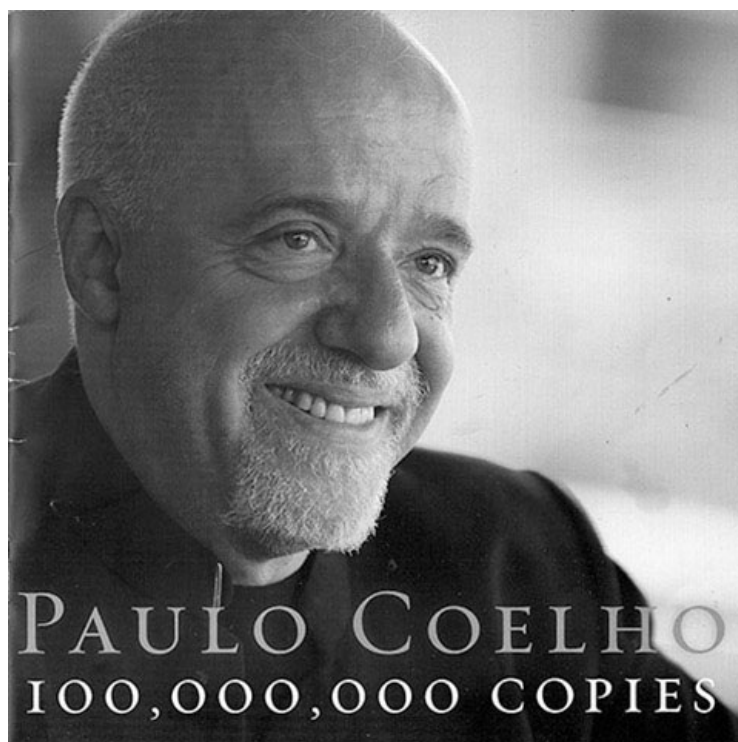
“As pessoas dizem: darei para quem merecer. Mas não é isso que dizem as árvores. Elas dão para poder continuar vivendo, porque guardar é perecer.

“Portanto, não se vejam como pessoas generosas no momento de dividir algo. Porque na verdade é a vida que tudo divide e compartilha, e os seres humanos não são nada além de testemunhas de sua própria existência”.

Vou levantar-me agora e caminhar de volta para casa. Testemunha de minha própria existência, é isso o que tenho sido durante todos os dias destes sessenta anos que completo hoje.

Que o Menino Jesus Barbudo te abençoe.

Paulo



O folheto comemorativo de uma façanha raríssima: 100 milhões de livros vendidos.

Quando esta biografia recebeu o ponto-final, em fevereiro de 2008, o A380 estava em operação comercial. O mais provável é que, com a velocidade da obsolescência tecnológica, o gigante fabricado pela Airbus deixe de ser fabricado antes que desapareçam as centenas de milhões de exemplares dos livros de Paulo Coelho e, a despeito da opinião dos críticos literários, sobretudo as

profundas marcas que eles deixaram em leitores espalhados pelos mais remotos confins do planeta.

FIM

Livros publicados

Teatro na Educação (1973)
Arquivos do Inferno (1982)
Manual Prático do Vampirismo (1985)
O Diário de um Mago (1987)
O Alquimista (1988)
Brida (1990)
O Dom Supremo (1991)
As Valkírias (1992)
Na Margem do Rio Piedra eu Sentei e Chorei (1994)
Maktub (1994)
O Monte Cinco (1996)
Manual do Guerreiro da Luz (1997)
Cartas de Amor do Profeta (1997)
Veronika Decide Morrer (1998)
Palavras Essenciais (1999)
O Demônio e a Srta. Prym (2000)
Histórias para Pais, Filhos e Netos (2001)
Onze Minutos (2003)
O Gênio e as Rosas (2004)
O Zahir (2005)
Ser como o Rio que Flui (2006)
A Bruxa de Portobello (2006)
O Vencedor Está Só (2008)
O Aleph (2010)
O Manuscrito Encontrado em Accra (2012) e
Adultério (2014)

Excluídas as edições piratas, seus livros venderam 100 milhões de cópias em 455 traduções, publicadas em 66 idiomas e 160 países: África do Sul, Albânia, Alemanha, Argentina, Armênia, Áustria, Bolívia, Bósnia e Herzegovina, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Croácia, Egito, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Equador, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Geórgia, Grécia, Guatemala, Honduras, Hungria, Índia, Indonésia, Islândia, Itália, Japão, Lituânia, México, Nicarágua, Noruega, Omã, Países Baixos, Panamá, Peru, Polônia, Porto Rico, Portugal, Reino Unido, República Dominicana, República Tcheca, República da Irlanda, Romênia, Rússia, Sérvia, Suécia, Suíça, Taiwan, Ucrânia e Venezuela.

Principais prêmios e condecorações

Livro de Ouro - Iugoslávia - 95, 96, 97, 98, 99, 2000 e 2004
Grand Prix Littéraire Elle - França - 1995
Guinness Book: o Livro dos Recordes - Brasil - 1995 / 1996
Chevalier des Arts et des Lettres - França - 1996
Livre d'Or - França - 1996
Prêmio ABERT Formador de Opinião - Brasil - 1996
Premio Internazionale Flaiano - Itália - 1996
Prêmio literário Super Grinzane Cavour - Itália - 1996
Finalista do International IMPAC Literary Award - República da Irlanda - 1997 e 2000
Protector de Honor - Espanha - 1997
Comendador da Ordem do Rio Branco - Brasil - 1998
Diploma da Ordem Fraternal do Cruzeiro do Sul - Brasil - 1998
Fiera del Libro per i Ragazzi - Itália - 1998
Flutuat Nec Mergitur - França - 1998
Libro de Oro por *La Quinta Montaña* - Argentina - 1998
Medaille de la Ville de Paris - França - 1998

Museu Senaki – Grécia – 1998
 Prêmio Sara Kubitschek – Brasil – 1998
 Top Performance Nacional – Argentina – 1998
 Chevalier de l'Ordre National de la Légion d'Honneur – França – 1999
 Huésped Distinguido de la Ciudad de Nuestra Señora de la Paz – Bolívia – 1999
 Książka Zagraniczna – Polônia – 1999
 Libro de Oro por *Guerrero de la Luz* – Argentina – 1999
 Libro de Oro por *Veronika Decide Morir* – 1999
 Libro de Platina por *El Alquimista* – Argentina – 1999
 Medalla de Oro de Galicia – Espanha – 1999
 Prêmio de Cristal do Fórum Econômico Mundial – Suíça – 1999
 Prêmio Espelho de Cristal – Polônia – 2000
 Membro Titular do Pen Club Brasil – Brasil – 2001
 Prêmio Bambi de Personalidade Cultural do Ano – Alemanha – 2001
 Ville de Tarbes – França – 2001
 XXIII Premio Internazionale Fregene – Itália – 2001
 Diploma de Membro da Academia Brasileira de Letras – Brasil – 2002
 Miembro de Honor – Bolívia – 2002
 Club of Budapest Planetary Arts Award em reconhecimento por sua obra literária – Alemanha – 2002
 Prêmio Internacional Corine de Melhor Livro de Ficção por *O Alquimista* – Alemanha – 2002
 Prix de la Littérature Consciente de la Planète – França – 2002
 Ville d'Orthez – França – 2002
 Médaille des Officiers des Arts et des Lettres – França – 2003
 Condecoração da Feira de Lviv – Ucrânia – 2004
 Nielsen Gold Book Award por *O Alquimista* – Reino Unido – 2004
 Ordem de Honra da Ucrânia – Ucrânia – 2004
 Ordem de Santa Sofia por contribuição pela ciência e pela cultura – Ucrânia – 2004
 Prêmio Giovanni Verga – Itália – 2004
 Prêmio Livro de Ouro do jornal *Vecernje Novosti* – Sérvia – 2004
 Prêmio Budapeste – Hungria – 2005
 Prêmio Ex Libris por *Onze Minutos* – Sérvia – 2005
 Prêmio Goldene Feder – Alemanha – 2005
 Prêmio Internacional do Autor do DirectGroup da Bertelsmann – Alemanha – 2005
 8th Annual International Latino Book Award por *El Zahir (The Zahir)* – Estados Unidos – 2006
 I Premio Álava en el Corazón – Espanha – 2006
 Prêmio Kiklop por *O Zahir* na categoria Best-Seller do Ano – Croácia – 2006
 Prêmio Livro de Platina por *O Zahir* – Áustria – 1966

Artigos semanais de sua autoria são publicados em 109 veículos de imprensa de 61 países: África do Sul, Albânia, Alemanha, Argentina, Armênia, Áustria, Bolívia, Bósnia e Herzegovina, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Croácia, Egito, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Equador, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Geórgia, Grécia, Guatemala, Honduras, Hungria, Índia, Indonésia, Islândia, Itália, Japão, Lituânia, México, Nicarágua, Noruega, Omã, Países Baixos, Panamá, Peru, Polônia, Porto Rico, Portugal, Reino Unido, República da Irlanda, República Dominicana, República Tcheca, Romênia, Rússia, Sérvia, Suécia, Suíça, Taiwan, Ucrânia e Venezuela.

Cinema

Os direitos de filmagem de quatro de seus livros foram negociados com os seguintes estúdios americanos: *O Alquimista* (Warner Brothers) *O Monte Cinco* (Capistrano Productions) *Onze Minutos* (Hollywood Gang Productions) *Veronika Decide Morrer* (Muse Productions).

Internet

Além do website www.paulocoelho.com, disponibilizado em dezesseis idiomas, o autor mantém o blog paulocoelhoblog.com e a página www.myspace.com/paulocoelho.

Entrevistados

Acácio Paz
Afonso Galvão
Alan Clarke
Amapola Rios
André Midani
Andréa Cals
Antonio Carlos Austregésilo de Athayde
Antonio Carlos “Kakiko” Dias
Antonio Cláudio de Lima Vieira
Antônio Ovídio Clement Fajardo
Antônio Walter Sena Jr. (“Toninho Buda”)
Arash Hejazi
Ariovaldo Bonas
Arnaldo Niskier
Arnold Bruver Júnior
Artur da Távola
Basia Stepień
Beatriz Vallandro
Cecilia Bolocco
Cecília Mac Dowell
Chico Castro Silva
Christina Oiticica
Cristina Lacerda
Darc Costa
Dedê Conte
Eduardo Jardim de Moraes
Élide “Dedê” Conte
Ernesto Emanuelle Mandarino
Eugênio Mohallen
Fabíola Fracarolli
Fernando Bicudo
Frédéric Beigbeder
Frédéric Morei
Geneviève Phalipou
Gilles Haeri
Glória Albues
Guy Jorge Ruffier
Hélio Campos Mello
Henrique Caban
Hildegard Angel
Hildebrando Goes Filho
Ilma Fontes
Índio do Brasil Lemes
Isabela Maltarolli
Ivan Junqueira
Jerry Adriani
José Antonio Mendonça Neto
Joel Macedo
Jorge Luiz Costa Ramos
Jorge Mourão
José Antonio “Pepe” Domínguez
José Mário Pereira
José Reinaldo Rios de Magalhães
José Wilker
Jules Haeri
Kika Seixas

Leda Vieira de Azevedo
Lizia Azevedo
Marcelo Nova
Márcia Faria Lima
Márcia Nascimento
Marcos Medeiros Bastos
Marcos Mutti
Marcos Paraguassu Arruda Câmara
Maria Cecília Duarte Arraes de Alencar
Maria Eugênia Stein
Marie Christine Espagnac
Marilu Carvalho
Mário Sabino
Maristela Bairros
Maurício Mandarinó
Michele Conte
Milton Temer
Mônica Antunes
Nelly Canellas Branco
Nelson Liano Jr.
Nelson Motta
Orietta Paz
Patrice Hoffman
Patricia Martin
Paula Braconnot
Paulo Roberto Rocco
Pedro Queima Coelho de Souza
Regina Bilac Pinto
Renato Menescal
Renato Pacca
Ricardo Sabanes
Rita Lee
Roberto Menescal
Rodrigo Meinberg
Rosana Fiengo
Serge Phalipou
Sidney Magal
Silvio Ferraz
Soizik Molkhou
Sônia Maria Coelho de Souza
Stella Paula Costa
Vera Prnjatovic Richter
Zé Rodrix
Zeca Araújo
Zuenir Ventura

Este livro nasceu no começo de 2005 no Aeroporto Saint-Exupéry, na cidade de Lyon, no Sul da França, quando vi Paulo Coelho pela primeira vez. Habitado pela profissão a acompanhar personalidades e estrelas internacionais, imaginava encontrá-lo cercado por guarda-costas, secretárias e assessores. Para minha surpresa, o homem com quem eu conviveria nos três anos seguintes apareceu sozinho, de mochila nas costas e puxando uma pequena maleta de rodinhas. Começava ali a escavação que revelaria um dos mais singulares personagens com quem já lidei.

Após seis semanas a seu lado, retornei ao Brasil. Como toda a sua trajetória se desenrola no Rio, mudei-me para a capital fluminense, onde vivi oito meses atrás dos rastros e das marcas deixadas pelo escritor. Procurei Paulo Coelho em todos os lugares possíveis e fui atrás dos acontecimentos que tantas cicatrizes haviam deixado na sua história. Procurei-o nos becos sombrios dos bas-fonds de Copacabana, nos prontuários dos loucos e nas ruínas da antiga Casa de Saúde Dr. Eiras, no perigoso mundo das drogas, nos arquivos da repressão política, no satanismo, nas misteriosas sociedades secretas, na parceria com Raul Seixas, na sua família e na sua genealogia. Ouvi amigos, desafetos, entrevistei suas muitas ex-mulheres e pude conviver de perto com a atual e última delas, ele jura, a artista plástica Christina Oiticica. Vasculhei sua vida, revirei sua intimidade, remexi no seu testamento, fuzei bulas de seus remédios, li suas contas pessoais, mexi nos seus bolsos, procurei filhos que eu imaginava terem sido gerados em seus casamentos e aventuras amorosas.

Ganhei dele uma aposta que me permitiu o privilégio de abrir e ler um tesouro cujo destino, por decisão sua, seria a incineração: um baú contendo quarenta anos de diários, muitos deles sob a forma de gravações em fitas cassete. Passei semanas encerrado no Instituto Paulo Coelho digitalizando documentos, fotos, agendas velhas, cartas recebidas e expedidas. Terminada a temporada carioca, voltei a acompanhá-lo em andanças por vários cantos do mundo com um gravador a tiracolo, ouvindo sua voz nasalada, seus comentários e seu curioso cacoete de espantar moscas inexistentes diante dos olhos. Andei com ele no caminho sagrado de Santiago de Compostela, vi-o emocionar-se com manifestações de modestos leitores em Oñati, no País Basco espanhol, e no Cairo, no Egito, e ser festejado por homens de black tie e mulheres de vestidos longos em banquetes em sua homenagem em Paris e Hamburgo.

Fui juntando os pedaços deixados por Paulo Coelho ao longo de sessenta anos, trabalho cujo resultado final é este *O Mago*. Embora a responsabilidade por tudo o que está escrito aqui seja exclusivamente minha, não posso deixar de compartilhar publicamente este livro com as dezenas de pessoas que me ajudaram nessa maratona. Em primeiro lugar, ao velho amigo Wagner Homem. Craque da informática, ele fora convidado para organizar a cordilheira de informações, dados, entrevistas e documentos acumulados em três anos de pesquisas. Acabou mudando-se para a minha casa, onde durante dez meses ininterruptos não só realizou um trabalho exemplar, mas leu, releu e deu importantes contribuições para melhor compreensão do texto final. Minha gratidão vai também para dois irmãos: um putativo, Ricardo Setti — que desde *Olga* tem sido o fiel guardião da qualidade de meus livros e cujo talento me socorreu nas horas mais difíceis —, e um real, Reinaldo Moraes, que moveu céus e terra para que *O Mago* chegasse finalmente a bom porto.

Além deles, agradeço a todos os que colaboraram generosamente com este livro. As dezenas de entrevistados e aos pesquisadores, jornalistas, estagiários e stringers que localizaram e entrevistaram os personagens que dão vida, cor e calor humano a esta história. Refiro-me a Adriana Negreiros, Afonso Borges, Aldo Bocchini Neto, Alfonso Molinero, Ana Carolina da Motta, Ana Paula Granello, Antônio Carlos Monteiro de Castro, Armando Antenore, Armando Perigo, Associação dos Ex-alunos do Colégio Santo Inácio, Áurea Soares de Oliveira, Áureo Sato, Beatriz de Medeiros de Souza, Belina Antunes, Carina Gomes, Carlos Augusto Setti, Carlos Heitor Cony, Carlos Lima, Célia Valente, Cláudio Humberto Rosa e Silva, César Polcino Milies, Dasha Balashova, Denis Kuck, Devanir Barbosa Paes, Diego de Souza Martins, Eliane Lobato, Eric Nepomuceno, Evanise dos Santos, Fernando Eichenberg, Firmeza Ribeiro dos Santos, Francisco Cordeiro, Frédéric Bonomelli, Gemma Capdevila, Herve Louit, Hugo Cario Batista Ramos, Ibarê Dantas, Inês Garçoni, Instituto Paulo Coelho e Sant Jordi Asociados, Ivan Luiz de Oliveira, Ivone Kassu, Joaquim Ferreira dos Santos, Joca do Som, José Antonio Martinuzzo, Juliana Perigo, Klecius Henrique, Leonardo Oiticica, Lourival Sant'Anna, Lúcia Haddad, Luciana Amorim, Luciana Franzolin, Luiz Cordeiro Mergulhão, Lyra Netto, Marcio José Domingues Pacheco, Marcio Valente, Marília Cajaíba, Mário Magalhães, Mário Prata, Marisilda Valente, Mariza Romero, Marizilda de Castro Figueiredo, Pascoal Soto, Raphael Cardoso, Ricardo Hofstetter, Ricardo Schwab, Roberto

Viana, Rodrigo Pereira Freire, Samantha Quadrat, Silvia Ebens, Silvio Essinger, Sylvio Passos, Talles Rodrigues Alves, Tatiana Marinho, Tatiane Rangel, Véronique Surrei, Vicente Paim e Wilson Moherdau.

Agradeço, finalmente, às centenas de internautas originários de mais de trinta países que enviaram dados, documentos e fotografias ao hot site www.cpc.com.br/paulocoelho/, aberto para receber contribuições para a feitura de *O Mago* — alguns deles ofereceram relevantes informações utilizadas neste livro.

Fernando Moraes

Crédito das ilustrações

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem e a autoria das fotos utilizadas neste livro. Nem sempre isso foi possível, principalmente no caso de fotos obtidas em acervos de parentes ou amigos do biografado. Teremos prazer em creditar esses fotógrafos caso se manifestem.

Agência Jornal do Brasil

Arquivo pessoal Antônio Walter Sena Júnior (“Toninho Buda”)

Arquivo pessoal Amapola Rios

Arquivo pessoal Antônio Carlos Dias (“Kakiko”)

Arquivo pessoal Cecília Mac Dowell

Arquivo pessoal Fabíola Fracarolli

Arquivo pessoal família Mandarino

Arquivo pessoal Joel Macedo

Arquivo pessoal Maria Cecília Duarte de Arraes Alencar

Arquivo pessoal Rodrigo Meinberg

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Arquivo Público do Estado de Sergipe

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

Arquivo revista *Carta Capital*

Arquivo revista *Veja* (www.veja.com.br)

Arquivo *Tribuna da Imprensa*

Colégio Santo Inácio

Fernanda Levy (www.fernandalevy.com [site atualmente inativo])

Fernando Moraes

Gerard Fouet/AP – Associated Press

Hotel Bristol, Paris

<http://piratecoelho.wordpress.com>

IPC – Instituto Paulo Coelho

La Dépêche Hautes-Pyrénées

Paulo Coelho

Ricardo Stuckert Filho

Sant Jordi Associados

Site Dachau Concentration Memorial (<http://www.kz-gedenkstaette-dachau.de/>)

www.raulseixas.com.br [site atualmente inativo]

www.youtube.com

Yuri Zolotarrev/Getty Images

Índice onomástico

[Abramo, Bia](#)
[Abreu, Sílvio de](#)
[Abreu Sodré, Roberto Costa](#)
Academia Brasileira de Letras [13](#), [44](#), [63](#), [66](#), [185](#), [477](#), [516](#), [553](#), [557](#), [558](#), [559](#), [560](#), [561](#), [562](#), [563](#), [565](#), [566](#), [567](#), [568](#), [569](#), [618](#)
[Ackerman, Abraão](#)
[Adjani, Isabelle](#)
Adriani, Jerry [288](#), [289](#), [620](#)
[Afflelou, Rosalie](#)
[Aguiar, João Baptista da Costa](#)
[Albinoni, Tomaso](#)
Albues, Glória [298](#), [620](#)
[Albuquerque, Almir \("Pernambuquinho"\)](#)
[Albuquerque, João Luís de](#)
[Albuquerque, Perinho](#)
[Alcântara, Eurípedes](#)
[Alcione](#)
Alckmin, Geraldo [602](#), [604](#)
[Alea, Tomás Gutiérrez](#)
Alencar, Bárbara de [66](#), [68](#)
Alencar, José de [66](#), [559](#)
Alencar, Maria Cecília Duarte Arraes de [73](#), [74](#), [90](#), [621](#)
[Alencar, Mário Cochrane de](#)
[Alex](#)
[Alighieri, Dante](#)
Allen, Woody [184](#), [404](#)
[Allende, Salvador](#)
[Almada, Roberto](#)
[Al Maktoum, Mohammed bin Rashid](#)
Almeida, Euclides Lacerda de ("Frater Zarastustra") [292](#), [301](#), [303](#), [311](#), [314](#), [321](#), [346](#), [355](#)
[Almodóvar, Pedro](#)
Amado, Jorge [51](#), [81](#), [101](#), [105](#), [186](#), [187](#), [198](#), [248](#), [333](#), [501](#), [519](#), [525](#), [532](#), [543](#), [559](#), [560](#)
[Amaral, José Augusto Faria do \("Van Jafa"\)](#)
[Amaral, Rosário](#)
Amaral, Sérgio [33](#), [35](#)
[Amaral, Zózimo Barroso do](#)
Ana Maria ("Tatá") [90](#), [91](#), [170](#)
[Ananda, Kaanda](#)
[Andrew](#)
Angel, Hildegard [344](#), [345](#), [346](#), [348](#), [475](#), [620](#)
[Angel, Sônia Moraes](#)
[Angel, Stuart](#)
[Angel, Zuzu](#)
Anikó, Marsi [22](#), [23](#)
[Animas, Homero Gayosso](#)
Antonioni, Michelangelo [134](#), [148](#)
Antunes, Belina Rezende [486](#), [606](#), [624](#)
[Antunes, Jorge Botelho](#)
Antunes, Mônica Rezende [16](#), [17](#), [18](#), [21](#), [23](#), [24](#), [25](#), [54](#), [55](#), [486](#), [487](#), [489](#), [491](#), [492](#), [496](#), [508](#), [518](#), [520](#), [521](#), [523](#), [524](#), [525](#), [528](#), [530](#), [532](#), [537](#), [548](#), [549](#), [550](#), [556](#), [568](#), [570](#), [571](#), [575](#), [576](#), [585](#), [591](#), [606](#), [608](#), [609](#), [610](#), [621](#)
Anysio, Chico [288](#), [478](#), [480](#)
[Arafat, Yasser](#)
Araripe, Heloísa ("Helói") [181](#), [325](#), [333](#)
Araripe, José Braz ("Tio José") [82](#), [83](#), [84](#), [86](#), [88](#), [91](#), [126](#), [128](#), [129](#), [184](#), [196](#), [241](#)
Araripe, Maria Elisa ("Lilisa") [65](#), [66](#), [69](#), [201](#), [203](#), [249](#), [296](#)

[Araripe, Paulo](#)

Araripe, Tristão de Alencar [66](#), [68](#), [229](#)

Araripe Júnior, Arthur (“Mestre Tuca”) [65](#), [68](#), [70](#), [115](#), [185](#), [195](#), [207](#), [208](#), [223](#), [224](#), [229](#), [249](#), [250](#), [268](#)

[Araripe Júnior, Tristão de Alencar](#)

[Araújo, Zeca](#)

Ardisson, Thierry [36](#), [39](#)

[Árias, Juan](#)

Arlin, Jean [151](#), [161](#), [180](#)

[Arns, dom Paulo Evaristo](#)

[Arrabal, José](#)

[Arraes, Cecília Dantas](#)

[Arraes, Paulo](#)

Arraes de Alencar, Miguel [68](#), [151](#)

[Arrigucci Jr., Davi](#)

[Arruda Câmara, Diógenes de \(“Arrudão”\)](#)

Arruda Câmara, Marcos Paraguassu de [272](#), [273](#), [621](#)

[Assumpção, Leilah](#)

[Atta, Mohammed](#)

[Aurélio](#)

[Austregésilo de Athayde, Antonio Carlos](#)

Autran, Paulo [149](#), [202](#)

[Ávila, Fernando](#)

Ayala, Waldir [161](#), [190](#), [194](#)

[Azeredo, Cláudio Roberto](#)

Azevedo, Aluísio [100](#), [115](#)

Azevedo, Lauro Vieira de [128](#), [129](#)

[Azevedo, Leda Vieira de](#)

[Azevedo, Lizia](#)

Azevedo, Luís Cláudio Vieira de “Claudinho”) [127](#), [128](#), [130](#)

[Azevedo, Roberto Marinho de](#)

[Babo, Lamartine](#)

[Baby Face](#)

Bach, Johann Sebastian [72](#), [290](#), [291](#), [378](#)

[Bach, Richard](#)

[Bairros, Maristela](#)

Balcells, Carmen [521](#), [523](#), [524](#)

Balzac, Honoré de [132](#), [521](#)

Bandeira, Manuel [101](#), [161](#), [564](#)

[Barbosa, dom Marcos](#)

[Barbosa, Mário Gibson](#)

[Barbosa, Rui](#)

[Barcellos, Caco](#)

[Barros e Silva, Fernando](#)

[Barrymore, John](#)

Bastos, Marcos Medeiros [325](#), [334](#), [337](#), [400](#), [404](#), [621](#)

Batista, Cícero Romão (padre) [234](#), [235](#)

[Batista, Dircinha](#)

[Bauer, Klaus](#)

[Baum, Lyman Frank](#)

Beatles [24](#), [51](#), [148](#), [150](#), [282](#), [283](#), [286](#), [287](#), [348](#)

Beck, Julian [236](#), [237](#), [240](#)

[Becker, Boris](#)

Beckham, David [38](#), [40](#)

[Beethoven, Ludwig van](#)

[Begoña](#)

Beigbeder, Frédéric [33](#), [620](#)

[Belafonte, Harry](#)

Belarano, Cristina [460](#), [464](#)

[Benario, Olga](#)
[Beraba, Marcelo](#)
[Bergier, Jacques](#)
[Bergman, Ingmar](#)
[Beutenmüller, Glória](#)
[Bicudo, Fernando](#)
[Bilac Pinto, Regina](#)
Bin Laden, Osama [550](#), [556](#)
Blake, William [435](#), [484](#)
[Bloom, Claire](#)
[Bloom, Harold](#)
[Boff, Leonardo](#)
[Bolívar, Simón](#)
Bolocco, Cecilia [578](#), [583](#), [620](#)
[Bonaparte, Napoleão](#)
[Bonas, Ariovaldo](#)
[Bonomelli, Eugène](#)
[Bonomelli, Frédéric](#)
[Borges, Afonso](#)
Borges, Jorge Luis [51](#), [248](#), [280](#), [364](#), [365](#), [478](#), [484](#), [575](#)
Bororó [185](#), [195](#)
Bosch, Hieronymus [200](#), [250](#)
[Bout, Viktor](#)
[Boutros-Ghali, Boutros](#)
Braconnot, Paula [424](#), [621](#)
[Branco, Nelly Canellas](#)
[Brandt, Willy](#)
[Bréa, Sandra](#)
Brecht, Bertolt [161](#), [195](#)
[Brejnev, Leonid](#)
[Bretas, Gilda](#)
[Brizola, Neusinha](#)
[Brouwer, Jimmy](#)
Brown, Dan [40](#), [589](#)
[Brown, Eleanora](#)
[Browning, Tod](#)
Bruver Júnior, Arnold [223](#), [225](#), [227](#), [231](#), [266](#), [620](#)
Buarque, Chico [215](#), [270](#), [532](#), [533](#)
[Bucci, Eugênio](#)
[Bucher, Enrico Giovanni](#)
[Burroughs, Edgar Rice](#)
Bush, George W. [22](#), [54](#), [562](#)
[Bush, Laura](#)
[Byron, Lord](#)

Caban, Henrique [306](#), [620](#)
[Cage, Nicolas](#)
Cals, Andréa [473](#), [480](#), [620](#)
[Camacho, Marcelo](#)
Campos, Roberto [561](#), [562](#)
Camus, Albert [51](#), [534](#)
[Candia, Alfredo Ovando](#)
[Cândido, João](#)
[Capinam, José Carlos](#)
Cardoso, Fernando Henrique [227](#), [532](#), [540](#), [548](#), [562](#), [568](#), [604](#)
Cardoso, Ruth [540](#), [542](#)
[Cardoso de Mello, Zélia](#)
Carlinhos [106](#), [126](#), [128](#)
[Carlos, Erasmo](#)
Carlos, Roberto [40](#), [43](#), [52](#), [159](#), [268](#), [559](#)

[Carlos Augusto](#)
[Carone, Felipe](#)
[Carrière, Alain](#)
Carrière, Anne [525](#), [526](#), [527](#), [531](#), [532](#), [536](#), [539](#), [540](#), [541](#), [552](#), [557](#)
[Carvalho, Marilu](#)
[Carvalho, Rui Dias de](#)
[Casé, Geraldo](#)
[Casé, Regina](#)
Castañeda, Carlos [248](#), [249](#), [253](#), [266](#), [469](#), [501](#)
[Castello, José](#)
[Castello Branco, Humberto de Alencar](#)
[Castelo Branco, Cláudia](#)
[Castro, Antônio Carlos \(“Carleba”\)](#)
[Castro, Fidel](#)
[Castro, Ruy](#)
Castro Silva, Chico [550](#), [620](#)
[Cervantes, Miguel de](#)
[César, Ronaldo](#)
[Chagas Freitas, Antônio de Pádua](#)
[Chamberlain, Richard](#)
[Chame](#)
[Charrière, Christian](#)
[Chateaubriand, Assis](#)
[Chávez, Hugo](#)
Chico [90](#), [91](#)
Chirac, Jacques [11](#), [529](#), [540](#), [541](#)
Chopin, Frédéric [51](#), [367](#)
[Chrissa](#)
[Christie, Agatha](#)
Churchill, Winston [286](#), [541](#)
[Clancy, Tom](#)
[Clara](#)
[Clark, Walter](#)
Clarke, Alan [518](#), [519](#), [522](#), [523](#), [620](#)
Clay, Cassius (Muhammad Ali) [256](#), [259](#)
Clinton, Bill [46](#), [554](#)
[Clinton, Chelsea](#)
[Clinton, Hillary](#)
Coelho, João Marcos (“Cazuza”) [65](#), [89](#), [109](#), [111](#)
Coelho, Maria Crescência (“Cencita”) [65](#), [66](#), [109](#)
Coelho de Souza, Lygia Araripe [111](#), [114](#), [115](#), [118](#), [124](#), [129](#), [130](#), [136](#), [137](#), [139](#), [140](#), [141](#), [145](#), [148](#), [149](#), [156](#), [159](#), [183](#), [205](#), [218](#), [239](#), [273](#), [275](#), [324](#), [325](#), [330](#), [333](#), [334](#), [363](#), [367](#), [394](#), [395](#), [397](#), [400](#), [407](#), [411](#), [545](#)
Coelho de Souza, Pedro Queima [64](#), [65](#), [68](#), [69](#), [70](#), [72](#), [73](#), [74](#), [80](#), [91](#), [93](#), [98](#), [105](#), [106](#), [108](#), [110](#), [111](#), [114](#), [115](#), [124](#), [129](#), [130](#), [134](#), [135](#), [136](#), [137](#), [140](#), [145](#), [148](#), [149](#), [152](#), [156](#), [158](#), [159](#), [161](#), [163](#), [183](#), [192](#), [205](#), [208](#), [218](#), [239](#), [245](#), [268](#), [324](#), [330](#), [333](#), [334](#), [336](#), [337](#), [339](#), [361](#), [363](#), [373](#), [411](#), [433](#), [469](#), [545](#), [569](#), [621](#)
Coelho de Souza, Sônia Maria [69](#), [81](#), [91](#), [109](#), [114](#), [141](#), [325](#), [333](#), [334](#), [337](#), [400](#), [402](#), [621](#)
[Collins, Larry](#)
Collor de Mello, Fernando [43](#), [565](#), [604](#)
[Condé, José](#)
[Consuelo, Baby \(“Baby do Brasil”\)](#)
Conte, Élide (“Dedê”) [84](#), [90](#), [620](#)
Conte, Michele [83](#), [84](#), [621](#)
Cony, Carlos Heitor [101](#), [118](#), [204](#), [206](#), [216](#), [302](#), [559](#), [563](#), [565](#), [624](#)
[Copperman, Annie](#)
[Cordeiro, Ronaldo](#)
[Costa, Darc](#)
Costa-Gavras, Constantin [244](#), [381](#)
Costa e Silva, Alberto da [563](#), [564](#), [568](#)

Costa e Silva, Artur da [203](#), [214](#)

[Crichton, Michael](#)

Crowley, Aleister [282](#), [283](#), [286](#), [287](#), [293](#), [298](#), [301](#), [314](#), [315](#), [321](#), [324](#), [355](#), [391](#), [407](#), [424](#), [428](#), [497](#)

[Cruise, Tom](#)

[Cruz, San Juan de la](#)

Cunha, Euclides da [9](#), [248](#)

[Dantas, Daniel](#)

Dantas, Ondina [134](#), [147](#)

[Debray, Régis](#)

[Debussy, Claude-Achille](#)

Degas, Edgar [160](#), [250](#)

de Gaulle, Charles [150](#), [214](#)

[Demszky, Gábor](#)

[Deneuve, Catherine](#)

[Deschot, Eric](#)

Dias, Antônio Carlos (“Kakiko”) [194](#), [211](#), [212](#), [218](#), [223](#), [224](#), [225](#), [226](#), [227](#), [229](#), [230](#), [231](#), [241](#), [242](#), [266](#), [620](#)

[Dias, Renato](#)

[Dias Gomes, Alfredo de Freitas](#)

Diegues, Cacá [483](#), [505](#)

[Dillinger](#)

[Dolatabadi, Mahmoud](#)

Dominguez, José Antonio (“Pepe”) [43](#), [621](#)

[Donne, John](#)

[Donovan \(cantor\)](#)

[Dostoiévski, Fiódor](#)

[Douste-Blazy, Philippe](#)

[Doyle, Conan](#)

[Dracul, Vlad](#)

[Drummond, Henry](#)

[Drummond, Roberto](#)

Drummond de Andrade, Carlos [101](#), [103](#), [118](#), [161](#)

[Duarte, Anselmo](#)

[Duarte, Nelson](#)

[Duarte, Rogério](#)

[Dubcek, Alexander](#)

[Dudley, Nigel](#)

Dulce, Irmã [204](#), [209](#)

[Dumont, Francisca](#)

[Durrell, Lawrence](#)

Eco, Umberto [63](#), [237](#), [554](#), [537](#)

Elbrick, Charles Burke [149](#), [272](#)

[Elgar, Edward](#)

Elias (profeta) [535](#), [536](#)

[Élis, Bernardo](#)

[Elísio, Paulo](#)

Elizabeth II (Rainha) [575](#), [593](#), [594](#)

[Eliot, T.S.](#)

[En-Lai, Chou](#)

[Engels, Friedrich](#)

[Erd, Peter](#)

[Escobar, Ruth](#)

Espagnac, Marie Christine [46](#), [621](#)

Êsquilo [219](#), [248](#)

[Eva](#)

[Évora, Cesária](#)

Ezzat, Ahmed Mohammed [56](#), [61](#)

Ezzat, Hebba Raouf [54](#), [55](#), [57](#), [58](#), [59](#), [61](#)

[Fábio Júnior](#)

[Façanha, Edgar](#)

[Fait, Patrícia](#)

Fajardo, Antônio Ovídio Clement [205](#), [207](#), [620](#)

[Falcão Filho, Aluizio](#)

[Faria, Betty](#)

[Faria, Octavio de](#)

Faria Lima, Márcia [120](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#), [129](#), [154](#), [156](#), [184](#), [196](#), [210](#), [621](#)

Feith, Roberto [535](#), [536](#), [568](#), [570](#), [571](#), [587](#), [591](#)

[Fernandes \(“Cebolinha”\)](#)

[Fernandes, Hélio](#)

[Ferraz, Geraldo Galvão](#)

Ferraz, Silvio [134](#), [621](#)

Fiengo, Rosana [391](#), [621](#)

[Fink, David Harold](#)

[Fitzgerald, Scott F.](#)

[Flaubert, Gustave](#)

Flávio [165](#), [166](#), [167](#), [168](#), [200](#)

[Fleming, Ian](#)

[Foldej, V. S.](#)

[Fonda, Peter](#)

[Fonseca, Rubem](#)

Fontes, Ilma [202](#), [204](#), [620](#)

[Fontoura, Ari](#)

[Ford, John](#)

[Foucault, Michel](#)

Fracarolli, Fabíola [154](#), [155](#), [156](#), [157](#), [161](#), [163](#), [184](#), [196](#), [200](#), [208](#), [210](#), [211](#), [212](#), [217](#), [218](#), [220](#), [620](#)

[França, Renan](#)

[Franco, Albano](#)

Franco, Francisco [150](#), [268](#), [456](#)

[Franco, Itamar](#)

[Frazier, Joe](#)

Fred [89](#), [107](#), [111](#)

[Fregolente](#)

[Frei Betto](#)

[Freitas, Otacília Rodrigues de](#)

[Freire, Roberto](#)

Frejat, Iran [303](#), [304](#), [307](#), [308](#)

[Fritz, dr.](#)

[Frommer, Arthur](#)

[Furtado, Celso](#)

[Galván, Enrique Tierno](#)

[Galvão, Afonso](#)

[Gándara, Jesús de la](#)

[Gandhi, Mahatma](#)

Garcia, Luiz [501](#), [503](#)

García Márquez, Gabriel [521](#), [523](#)

[Gardel, Carlos](#)

[Gardner, Erle Stanley](#)

[Garrincha](#)

[Gaspari, Elio](#)

[Gates, Bill](#)

Gattai, Zélia [560](#), [561](#)

[Gauguin, Paul](#)

[Geisel, Ernesto](#)

[Genevoix, Sylvie](#)

Genivalda ("Geni") [184](#), [196](#), [200](#), [202](#), [203](#)
Georges [28](#), [29](#), [31](#)
[Ghioldi, Rodolpho](#)
[Gibran, Gibran Kahlil](#)
Gil, Gilberto [216](#), [222](#), [270](#), [288](#)
[Gil, Jacques](#)
[Giudicelli, Raul](#)
[Glória, Darlene](#)
Godard, Jean-Luc [134](#), [148](#), [161](#), [237](#)
[Goddard, Robert H.](#)
Góes Filho, Hildebrando [116](#), [620](#)
[Goethe, Johann Wolfgang](#)
[Gógol, Nikolai](#)
[Goleman, Daniel](#)
Golino, Valeria [580](#), [583](#)
Gomes, Benjamim Gaspar [137](#), [141](#), [143](#), [144](#), [167](#), [176](#), [178](#), [179](#), [187](#), [190](#), [200](#), [205](#), [340](#), [342](#),
[361](#), [366](#), [377](#), [399](#), [412](#), [418](#)
[Gomes, Pepeu](#)
[Gonçalves Filho, Antônio](#)
Goodyear, Dana [43](#), [48](#), [608](#), [610](#)
[Górki, Maxim](#)
Goulart, João [66](#), [150](#)
[Goya, Francisco de](#)
[Goyeneche, Roberto \("Polaco"\)](#)
[Greene, Graham](#)
[Gregony, Brigitte](#)
Grisham, John [547](#), [589](#)
[Grotowski, Jerzy](#)
[Guerra, Regina](#)
[Guerra, Ruy](#)
[Guevara, Ernesto Che](#)
[Guimarães, Álvaro](#)
[Guimarães, Luís Eduardo](#)
Guimarães Rosa, João [118](#), [361](#)
[Gushiken, Luiz](#)
[Gusmão, Bartolomeu de](#)
Guzmán, Juana [23](#), [28](#)

[Haddad, Amir](#)
[Haeri, Gilles](#)
Hagen, Øyvind [16](#), [524](#)
[Hamilton, James \(Sir\)](#)
Harazim, Dorrit [355](#), [358](#)
[Hardy, Françoise](#)
Hassan [475](#), [477](#)
[Hawking, Stephen](#)
[Heikal, Mohamed](#)
[Heiko](#)
Hejazi, Arash [17](#), [576](#), [579](#), [620](#)
[Heliodora, Bárbara](#)
[Hello, Henrique](#)
Hemingway, Ernest [34](#), [118](#), [248](#), [422](#), [484](#)
[Hendrix, Jimi](#)
[Hesse, Hermann](#)
[Hirszman, Leon](#)
Hitler, Adolf [282](#), [419](#), [420](#)
Hoffman, Dustin [256](#), [580](#)
[Hoffman, Patrice](#)
Hofstetter, Ricardo [91](#), [625](#)
[Hopper, Dennis](#)

[Hourey, P. A.](#)
[Hugo, Victor](#)
[Hunter, Meredith](#)
Huszt, Gergely [15](#), [21](#), [22](#), [23](#), [24](#), [28](#)
[Huxley, Aldous](#)

[Ivo, Lêdo](#)

[Jacobs, Norma](#)
Jaguaribe, Hélio [562](#), [564](#), [565](#), [567](#)
[Jairzinho](#)
[James, Jesse](#)
Janet [255](#), [257](#), [258](#)
[Jaruzelski, Wojciech](#)
Jean ("O mestre", "J.") [427](#), [428](#), [429](#), [430](#), [432](#), [433](#), [444](#), [453](#), [456](#), [457](#), [460](#), [461](#), [463](#), [465](#), [480](#),
[484](#), [495](#), [496](#), [500](#), [509](#), [510](#), [512](#), [513](#), [515](#), [596](#), [597](#), [603](#)
João Paulo II [17](#), [547](#), [548](#)
João XXIII [45](#), [110](#)
[Jobim, Nilza](#)
Jobim, Tom [365](#), [529](#)
[Johnson, Lyndon](#)
[Jorge, Thereza](#)
[Julião, Francisco](#)
[Júlio César](#)
Junqueira, Ivan [477](#), [544](#), [563](#), [620](#)

[Kadafi, Muammar](#)
[Kafka, Franz](#)
[Kardec, Alan](#)
Katunda (Pajé)
[Keel, Daniel](#)
[Kelly Metralhadora](#)
[Kennedy, John](#)
[Kennedy, Robert](#)
[Kerouac, Jack](#)
[Khatami, Mohamed](#)
[Kierkegaard, Soren](#)
King, Stephen [535](#), [547](#)
[Kipling, Rudyard](#)
[Kolosi, Tamás](#)
[Kruschov, Nikita](#)
[Kubitschek de Oliveira, Juscelino](#)
[Kubrick, Stanley](#)
[Kühner, Maria Helena](#)
[Kwasniewski, Aleksander](#)
[Kwasniewski, Jolanda](#)

Lacerda, Carlos [161](#), [216](#), [296](#)
Lafer, Celso [565](#), [566](#), [567](#)
[Laffont, Robert](#)
[Lago, Mário](#)
Lamarca, Carlos [225](#), [229](#), [230](#), [270](#)
Lamb, Christina [580](#), [581](#), [582](#), [583](#)
[Lampedusa, Giuseppe Tomasi di](#)
[La Mure, Pierre](#)
[Lanat, Mariano](#)
[Landesman, Peter](#)
[Lapierre, Dominique](#)
[Lara, Odete](#)
Lea [19](#), [23](#), [28](#)
[Lean, David](#)

[Leão, Nara](#) [121](#), [171](#), [218](#), [288](#), [289](#)
[Lee, Rita](#) [356](#), [361](#), [383](#), [621](#)
[Leiradella, Cunha de](#)
[Lelouch, Claude](#)
[Leme, Lúcia](#)
[Lemes, Gaspar](#)
[Lemes, Honório \(“Leão do Caverá”\)](#)
[Lemes, Índio do Brasil](#) [229](#), [620](#)
[Lemos, Fernando Iehly de](#)
[Lênin, Vladimir Ilitch](#)
[Lennon, John](#) [120](#), [292](#), [313](#), [314](#), [359](#)
[Leone, Sergio](#)
[Levi, Clóvis](#)
[Lewgoy, José](#)
[Liano Jr., Nelson](#) [444](#), [447](#), [472](#), [569](#), [608](#), [621](#)
[Lima, Alceu Amoroso \(Tristão de Athayde\)](#)
[Lima Barreto, Afonso Henriques de](#)
[Lima Souto, Edson Luiz de](#)
[Lins, Alcides \(“Cidinho”\)](#)
[Lins, Ivan](#)
[Lins e Silva, Tércio](#)
[Lispector, Clarice](#)
[Livi, Roberto](#)
[Lobkowitz, Policena](#)
[Lola](#)
[Loli](#)
[Lopes, Carlos Herculano](#)
[Lopez, Trini](#)
[Loren, Sophia](#)
[Louit, Hervé](#)
[Loureiro, Oswaldo](#)
[Loyola, Inácio de \(Santo\)](#) [80](#), [81](#), [484](#), [510](#)
[Luft, Lya](#)
[Lugosi, Bela](#) [448](#), [449](#)
[Luís Carlos \(interno\)](#) [178](#), [180](#), [181](#), [183](#), [200](#), [201](#), [202](#), [204](#), [205](#)
[Lula da Silva, Luiz Inácio](#) [575](#), [593](#), [594](#), [595](#), [602](#), [604](#)
[Lula da Silva, Marisa Letícia](#) [594](#), [595](#)
[Luther King Jr., Martin](#)
[Lyra, Carlos](#)

[Mac Dowell, Afonso Emílio de la Rocque](#)
[Mac Dowell, Cecília \(“Cissa”\)](#) [362](#), [363](#), [364](#), [365](#), [366](#), [367](#), [368](#), [369](#), [370](#), [371](#), [372](#), [377](#), [378](#), [379](#), [380](#), [381](#), [383](#), [385](#), [386](#), [387](#), [389](#), [392](#), [394](#), [395](#), [399](#), [400](#), [402](#), [404](#), [409](#)
[Mac Dowell, Gail](#)
[Macedo, Edir](#)
[Macedo, Joel](#) [133](#), [134](#), [138](#), [159](#), [163](#), [183](#), [560](#), [621](#)
[Macedo Soares, José Carlos de](#)
[Machado de Assis, Joaquim Maria](#) [66](#), [402](#), [405](#), [501](#), [516](#), [549](#), [559](#), [565](#), [566](#), [567](#)
[Maciel, Luis Carlos](#)
[MacInnes, Sarah](#)
[MacLaine, Shirley](#)
[Madalena \(“Madá”\)](#) [123](#), [193](#)
[Madeira, Marcos Almir](#)
[Maestri, Mário](#)
[Mafalda, Heloísa](#)
[Magal, Sidney](#) [391](#), [392](#), [393](#)
[Magaldi, Sábado](#)
[Magalhães, Adalgisa Eliana Rios de \(“Gisa”\)](#) [43](#), [271](#), [272](#), [273](#), [274](#), [275](#), [276](#), [277](#), [278](#), [279](#), [280](#), [281](#), [282](#), [285](#), [290](#), [291](#), [292](#), [295](#), [296](#), [297](#), [298](#), [307](#), [308](#), [313](#), [316](#), [317](#), [319](#), [320](#), [323](#), [324](#), [325](#), [329](#), [330](#), [331](#), [333](#), [334](#), [336](#), [337](#), [338](#), [339](#), [340](#), [341](#), [342](#), [347](#), [348](#), [354](#), [355](#), [368](#), [417](#)

Magalhães, José Reinaldo Rios de [273](#), [621](#)
Magalhães Júnior, Raimundo [295](#), [211](#)
Mahfouz, Nagib [55](#), [56](#)
[Maia, César](#)
[Mailer, Norman](#)
[Mainardi, Diogo](#)
[Makeba, Miriam](#)
Malba, Tahan (Júlio César de Mello e Souza) [76](#), [484](#)
Malina, Judith [236](#), [237](#)
[Maltarolli, Isabela](#)
Mandarino, Ernesto Emanuelle [446](#), [448](#), [472](#), [487](#), [492](#), [509](#), [620](#)
[Mandarino, Maurício](#)
Manson, Charles [287](#), [292](#)
[Manzanero, Armando](#)
[Marcos, Plínio](#)
[Maria I \(Rainha\)](#)
[Maria \(prostituta\)](#)
[Maria, Glória](#)
[Maria Lúcia](#)
[Marian](#)
[Mariátegui, José Carlos](#)
[Marinho, Lilly](#)
Marinho, Roberto [47](#), [304](#)
[Mário \(violonista\)](#)
[Mariscotte, Mariel](#)
[Marrochino, Luciano](#)
[Martín, Patricia](#)
[Martins, Wilson](#)
Marx, Karl [148](#), [193](#), [272](#), [556](#)
[Marzo, Cláudio](#)
[Mascarenhas, Eduardo](#)
[Matos, Olgária](#)
Maurício [128](#), [129](#)
[Mazingarbe, Danièle](#)
[Mazza, Ivan Lobo](#)
[McRae, Carmen](#)
[Medeiros, Lizia](#)
[Médici, Emilio Garrastazu](#)
Meinberg, Rodrigo [585](#), [587](#), [588](#), [589](#), [590](#), [621](#)
Mello, Hélio Campos [584](#), [620](#)
[Mello, Patrícia Campos](#)
Melo Filho, Murilo [553](#), [560](#)
[Melo Neto, João Cabral de](#)
[Mendes, Candido](#)
[Mendes Campos, Paulo](#)
[Mendonça Neto, José Antonio](#)
Menem, Carlos [578](#), [580](#)
Menescal, Renato [405](#), [621](#)
Menescal, Roberto [344](#), [346](#), [355](#), [356](#), [360](#), [361](#), [367](#), [377](#), [379](#), [383](#), [388](#), [390](#), [418](#), [434](#), [480](#), [497](#), [621](#)
[Michalski, Yan](#)
Midani, André [355](#), [356](#), [361](#), [377](#), [620](#)
[Miguel, Luis](#)
[Milani, Francisco](#)
Miller, Henry [51](#), [148](#), [162](#), [234](#), [248](#), [280](#)
[Miller, Sidney](#)
[Milliet, Sérgio](#)
[Miranda, Leoneel](#)
[Moebius](#)
[Mohallem, Eugênio](#)

[Mohajerani, Ataolah](#)

Molinero, José Ramon [248](#), [280](#)

[Molkhou, Soizik](#)

Monteiro Lobato, José Bento [76](#), [100](#)

[Montenegro, Oswaldo](#)

[Montijo, Eugênia de \(Condessa\)](#)

[Moraes, Denis de](#)

[Moraes, Dulcina de](#)

Moraes, Eduardo Jardim [112](#), [131](#), [620](#)

Moraes, Vinicius de [101](#), [109](#), [161](#)

[Moravia, Alberto](#)

[Moreira, Mônica](#)

Morel, Frédéric [33](#), [620](#)

[Morricone, Ennio](#)

[Morrison, Jim](#)

Motta, Marcelo Ramos [281](#), [283](#), [286](#), [292](#), [293](#), [346](#), [362](#), [407](#), [424](#)

Motta, Nelson [355](#), [377](#), [504](#), [621](#)

Mourão, Jorge [237](#), [238](#), [621](#)

[Mourão, Ronaldo Rogério de Freitas](#)

[Muraro, Rosie Marie](#)

[Mussolini, Benito](#)

Mutti, Marcos [202](#), [204](#), [621](#)

[Nandi, Ítala](#)

[Napoleão III](#)

Nascimento, Márcia [610](#), [621](#)

[Nascimento e Silva, Luiz Gonzaga do](#)

[Nascimento e Silva, Luiz Roberto do](#)

Nascimento e Silva, Maria do Rosário do [348](#), [351](#), [361](#), [531](#)

[Nasser, Gamal Abdel](#)

[Nazarbayev, Nursultan](#)

[Nehru, Jawaharhal](#)

[Neto, Torquato](#)

[Neves, João das](#)

Nhá Chica [20](#), [402](#), [404](#)

[Niemeyer, Oscar](#)

[Niemeyer, Paulo](#)

[Nietzsche, Friedrich](#)

[Nika](#)

Niskier, Arnaldo [560](#), [561](#), [563](#), [564](#), [565](#), [620](#)

Nixon, Richard [214](#), [349](#), [350](#), [351](#), [352](#)

[Noll, João Gilberto](#)

[Norton, Ken](#)

Nova, Marcelo [496](#), [621](#)

[O'Fern, Brida](#)

Oiticica, Christina ("Chris") [19](#), [29](#), [30](#), [33](#), [34](#), [35](#), [37](#), [38](#), [40](#), [43](#), [45](#), [46](#), [47](#), [48](#), [50](#), [60](#), [400](#), [401](#), [402](#), [403](#), [404](#), [405](#), [406](#), [407](#), [408](#), [409](#), [410](#), [411](#), [412](#), [413](#), [414](#), [417](#), [418](#), [420](#), [421](#), [424](#), [425](#), [426](#), [428](#), [429](#), [430](#), [432](#), [433](#), [434](#), [438](#), [440](#), [441](#), [442](#), [443](#), [444](#), [445](#), [447](#), [449](#), [450](#), [452](#), [453](#), [454](#), [455](#), [457](#), [459](#), [460](#), [467](#), [471](#), [473](#), [475](#), [480](#), [481](#), [484](#), [496](#), [505](#), [507](#), [509](#), [510](#), [511](#), [512](#), [528](#), [529](#), [532](#), [534](#), [550](#), [561](#), [564](#), [568](#), [571](#), [575](#), [577](#), [578](#), [594](#), [595](#), [599](#), [600](#), [608](#), [610](#), [611](#), [614](#), [620](#)

Oiticica, Cristiano Monteiro [401](#), [410](#)

[Oiticica, Hélio](#)

[Oiticica, José](#)

Oiticica, Leonardo [50](#), [625](#)

Oiticica, Paula [401](#), [410](#), [424](#), [475](#), [569](#)

[Oiticica, Tânia](#)

[Oliveira, Denoy de](#)

[Oliveira, Heleno](#)

[Oliveira, Ivan Luiz de](#) [544](#), [625](#)
[Oliveira, Maria de](#)
[Oliveira, Marly de](#)
Oliveira Neto, Cândido de [66](#), [333](#)
Olmedo, Luís Maria (“Cachorro”) [151](#), [159](#)
Ono, Yoko [313](#), [314](#), [359](#)
[Orecchioni, Jean](#)
Osbourne, Ozzy [287](#), [451](#)
[Otávio Augusto](#)

[Pacca, Renato](#)
[Padovani, W. F.](#)
[Page, Geraldine](#)
[Page, Jimmy](#)
[Palmeira, Francis](#)
Palmeira, Vladimir [149](#), [215](#)
[Pasolini, Pier Paolo](#)
[Passarinho, Jarbas](#)
[Patrícia](#)
[Patrocínio, José do](#)
Paula, Stella [285](#), [290](#), [321](#), [433](#), [621](#)
Paulo VI [150](#), [516](#)
[Pauwels, Louis](#)
[Paz, Acácio](#)
[Paz, Orietta](#)
[Peckimpah, Sam](#)
[Pedro \(Taxista\)](#)
Pelé [38](#), [63](#), [245](#), [268](#), [541](#), [563](#)
[Pen, Marcelo](#)
Peninha [386](#), [387](#)
Pêra, Marília [195](#), [215](#)
[Pereira, José Mário](#)
[Peres, Shimon](#)
[Pessoa, Fernando](#)
[Petras](#)
Phalipou, Geneviève [34](#), [620](#)
Phalipou, Serge [34](#), [621](#)
[Phillip \(Príncipe\)](#)
Picasso, Pablo [268](#), [421](#), [467](#)
Pinochet, Augusto [418](#), [556](#), [578](#)
Piñon, Néida [557](#), [563](#)
[Pinta, Patrice](#)
[Pinta, Sylvie](#)
[Pittigliani, Armando](#)
Poe, Edgar Allan [238](#), [441](#)
Polanski, Roman [217](#), [287](#), [313](#), [532](#)
[Pollack, Sydney](#)
[Pompéia, Raul](#)
[Pompeu, Maria](#)
[Ponte Preta, Stanislaw](#)
Portela, Eduardo [540](#), [557](#)
[Pot, Pol](#)
[Prado, Caio Graco](#)
Prado, Eduardo [281](#), [295](#)
Prado Jr., Caio [227](#), [248](#), [281](#), [494](#)
Presley, Elvis [24](#), [282](#), [287](#)
Prestes, Luís Carlos [150](#), [151](#), [333](#)
[Prévert, Jacques](#)
[Prieto, Abel](#)
Putin, Vladimir [46](#), [599](#)

Quadros, Jânio [150](#), [398](#)

[Queen, Ellery](#)

Queiroz, Rachel de [66](#), [558](#)

[Quoist, Michel](#)

[Rabanne, Paco](#)

Raí [608](#), [610](#)

[Ramón](#)

[Ramos, Graciliano](#)

Ramos, Jorge Luiz Costa [83](#), [621](#)

[Ramos, José Átila](#)

Rangel, Carlos Eduardo [16](#), [487](#)

[Ratzinger, Joseph \(Bento XVI\)](#)

[Regea, Mara](#)

[Regina, Elis](#)

[Renato, José](#)

[Resende, Otto Lara](#)

[Resky, Fernando](#)

[Ribeiro, Antônio Coelho](#)

[Ribeiro, Evandro](#)

[Ribeiro, João Ubaldo](#)

[Richter, Mário](#)

Richter, Vera Prnjatovic [213](#), [216](#), [217](#), [218](#), [220](#), [222](#), [223](#), [224](#), [225](#), [226](#), [227](#), [230](#), [231](#), [232](#), [233](#), [234](#), [235](#), [236](#), [237](#), [238](#), [241](#), [243](#), [244](#), [245](#), [246](#), [247](#), [249](#), [252](#), [266](#), [324](#), [333](#), [355](#), [378](#), [621](#)

[Rios, Amapola](#)

[Rivelino, Roberto](#)

Roberts, Julia [46](#), [547](#)

Rocco, Paulo Roberto [487](#), [489](#), [490](#), [492](#), [495](#), [500](#), [501](#), [507](#), [513](#), [534](#), [535](#), [568](#), [571](#), [587](#), [621](#)

Rocha, Glauber [134](#), [150](#), [151](#)

[Rodrigues, Jaime](#)

Rodrigues, Nelson [90](#), [101](#), [211](#), [222](#), [301](#), [306](#), [504](#)

[Rodriguez, Marcelino](#)

Rodrix, Zé [392](#), [621](#)

[Roggero, Anastasio](#)

[Romero, Elisabeth \(“Beth”\)](#)

[Ronaldo César](#)

[Rosa](#)

[Rosa \(cozinheira em Araruama\)](#)

Rossa, Anna [577](#), [578](#)

[Rossellini, Roberto](#)

[Rosset, Cacá](#)

[Rother, Larry](#)

[Rouanet, Sérgio Paulo](#)

[Rovai, Pedro](#)

[Rubens Paiva, Marcelo](#)

[Rubens, Peter Paul](#)

[Ruffier, Guy Jorge](#)

Ruffier, João Batista [94](#), [95](#), [96](#), [97](#), [99](#), [112](#), [113](#), [321](#), [323](#)

[Rui](#)

[Sabanes, Ricardo](#)

[Sabino, Fernando](#)

[Sabino, Mário](#)

[Sabóia, Napoleão](#)

[Sagan, Françoise](#)

Saint-Exupéry, Antoine de [483](#), [534](#)

Saito, Keiko [383](#), [385](#), [386](#), [387](#)

Salazar, Antonio de Oliveira [150](#), [268](#)

[Salinger, J. D.](#)

[Salles, Mauro](#)

[Salles, Murilo](#)
[Salles, Perry](#)
[Salomão, Waly](#)
[Sanabria, Miguel](#)
[Sánchez, Homero Icaza](#)
[Santamaría Filho, José](#)
[Santiago, Silviano](#)
[Santos, Deuteronômio Rocha dos](#)
[Santos, Hamilton dos](#)
Santos, Joaquim Ferreira dos [473](#), [625](#)
[Santos, Silvio](#)
Santos Dumont, Alberto [77](#), [233](#), [558](#)
Sarney, José [548](#), [557](#), [559](#), [563](#)
Sartre, Jean-Paul [100](#), [161](#), [237](#)
[Sayed, Ali](#)
Scardini, Christina [249](#), [250](#), [251](#), [258](#), [260](#), [261](#), [262](#)
[Schemberg, Mário](#)
[Scher, Tânia](#)
[Schroeder, Gerhard](#)
[Schumacher, Michael](#)
[Schumer, H. Katia](#)
Schwab, Klaus [47](#), [552](#)
[Scott, Ridley](#)
[Seixas, Kika](#)
[Seixas, Luís](#)
Seixas, Raul [62](#), [284](#), [285](#), [286](#), [287](#), [288](#), [289](#), [290](#), [291](#), [292](#), [303](#), [308](#), [310](#), [311](#), [313](#), [314](#), [315](#),
[316](#), [317](#), [318](#), [319](#), [320](#), [325](#), [326](#), [327](#), [328](#), [329](#), [330](#), [342](#), [343](#), [344](#), [347](#), [348](#), [349](#), [351](#), [354](#),
[355](#), [356](#), [358](#), [359](#), [360](#), [361](#), [362](#), [367](#), [373](#), [374](#), [375](#), [385](#), [389](#), [391](#), [411](#), [433](#), [439](#), [449](#), [468](#),
[475](#), [496](#), [497](#), [498](#), [505](#), [609](#), [623](#)
Seixas, Simone [285](#), [348](#)
Sena Júnior, Antônio Walter (“Toninho Buda”) [432](#), [448](#), [449](#), [450](#), [451](#), [452](#), [453](#), [454](#), [458](#), [459](#),
[460](#), [462](#), [464](#), [466](#), [468](#), [497](#)
[Severo, Augusto](#)
[Sgarbi, Elisabetta](#)
Shakespeare, William [60](#), [219](#), [350](#), [478](#), [480](#)
Sheldon, Sidney [514](#), [538](#)
Sica, Vittorio De [103](#), [373](#)
[Silva, Juremir Machado da](#)
[Silva, Virgílio Gomes da \(“Jonas”\)](#)
[Silveira, Joel](#)
[Simard, Annette Colin](#)
[Simon, András](#)
[Sinatra, Frank](#)
[Sísifo](#)
[Smirnoff, Yuri](#)
Soares, João [501](#), [502](#), [560](#)
[Soares Filho, José de Oliveira \(“Máqui”\)](#)
[Soares, Elza](#)
[Sochaczewski, Antônio Cláudio](#)
Sochaczewski, Renata (“Pato”, “Rennie”, “Renata Sorrah”) [143](#), [154](#), [161](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [167](#),
[168](#), [169](#), [179](#), [180](#), [182](#), [183](#), [184](#), [187](#), [196](#), [210](#)
[Solanas, Valerie](#)
[Soljenitzin, Alexander](#)
[Sônia \(Prostituta\)](#)
[Spielberg, Steven](#)
[Stálin, Joseph](#)
[Stallone, Sylvester](#)
[Stein, Maria Eugênia](#)
[Stepien, Basia](#)
[Stevens, Cat](#)

[Stoker, Bram](#)
[Stone, Sharon](#)
[Sultánov, Kuansysh](#)
Suplicy, Eduardo [504](#), [545](#)
Szabados, Pál [15](#), [23](#), [25](#), [28](#)
[Talita](#)
[Tanni, Allen](#)
[Tarantino, Quentin](#)
Tate, Sharon [287](#), [306](#)
Távola, Artur da [355](#), [358](#), [360](#), [434](#), [502](#), [620](#)
[Tchaikovsky, Piotr Ilyitch](#)
[Teixeira Coelho, José](#)
[Telles, Lygia Fagundes](#)
[Temer, Milton](#)
[Tepes, Vlad](#)
[Tito, Josip Broz](#)
Took [509](#), [512](#)
Torquemada, Tomás [436](#), [437](#)
[Toulouse-Lautrec, Henri de](#)
[Trimegisto, Hermes](#)
[Truden, Juan](#)
[Tsé-Tung, Mao](#)
Unger, Nancy Mangabeira [159](#), [269](#)
[Unger, Roberto Mangabeira](#)
[Uris, Leon](#)

[Vale, João do](#)
[Vallandro, Beatriz](#)
[Valois, Margarida de \(Rainha Margot\)](#)
Van Gogh, Vincent [160](#), [250](#)
[Vanusa](#)
Vaquer, Gloria [348](#), [359](#), [354](#)
[Vaquer, Jay](#)
Vargas, Getúlio [68](#), [296](#), [566](#)
Vargas Llosa, Mario [521](#), [523](#)
[Vaz, Pero](#)
[Veiga, Jorge](#)
Veloso, Caetano [184](#), [216](#), [217](#), [222](#), [270](#)
Ventura, Zuenir [355](#), [356](#), [541](#), [621](#)
[Vergueiro, Maria Alice](#)
[Verissimo, Luís Fernando](#)
[Versace, Donatella](#)
Versace, Gianni [539](#), [547](#)
[Viana Filho, Oduvaldo \("Vianinha"\)](#)
[Vianna, Klauss](#)
[Vicente](#)
[Vidal, Gore](#)
Vieira, Antônio Cláudio de Lima [333](#), [337](#), [361](#), [362](#), [620](#)
Vieira, Eneida [361](#), [362](#), [363](#), [366](#), [369](#), [389](#), [396](#)
[Vieira, Mário Jorge](#)
[Vitoux, Frédéric](#)
[Volta Seca](#)
[von Braun, Werner](#)
[von Daniken, Erik](#)
Voskoboynikov, Dmitry [31](#), [578](#)
[Voskoboynikov, Evgenia](#)

[Wagner, Richard](#)
[Walesa, Lech](#)
[Wallace, Irving](#)

Warhol, Andy [349](#), [433](#)

[Wayne, John](#)

Weffort, Francisco [540](#), [568](#)

[Weguelin, Lúcia](#)

[Weguelin, Sérgio](#)

Weguelin Filho, Sérgio (“Serginho”) [249](#), [258](#), [263](#), [264](#), [265](#), [266](#)

[Weill, Kurt](#)

[Wells, H. G.](#)

[West, Mae](#)

[West, Morris](#)

[Whitesnake](#)

Wilde, Oscar [160](#), [164](#), [176](#)

[Wilder, Billy](#)

Wilker, José [152](#), [195](#), [621](#)

[Wilson, Colin](#)

Wisner, Edith [285](#), [288](#), [289](#), [290](#), [291](#), [311](#), [313](#), [316](#), [348](#)

Wolfe, Tom [487](#), [500](#)

[Xavier, Chico](#)

[Yevtushenko, Yevgeni](#)

[Yunes, Millen](#)

[Zander, Benjamin](#)

[Zappa, Frank](#)

[Zé Kéti](#)

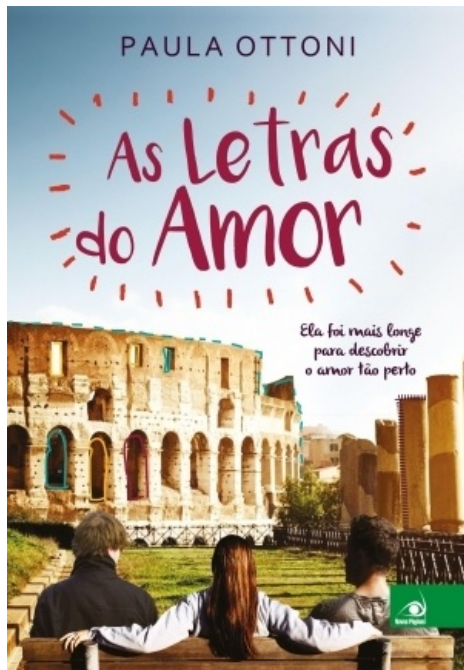
Zendreras, Ana [55](#), [61](#)

Zola, Émile [102](#), [16](#)

This page contains the following errors:

error on line 11 at column 124: EntityRef: expecting ';'

Below is a rendering of the page up to the first error.



As Letras do Amor

Ottoni, Paula
9788581638447
224 páginas

This page contains the following errors:

error on line 11 at column 124: EntityRef: expecting ';'

Below is a rendering of the page up to the first error.



Isolados - O Enigma

Tatto, Bibi

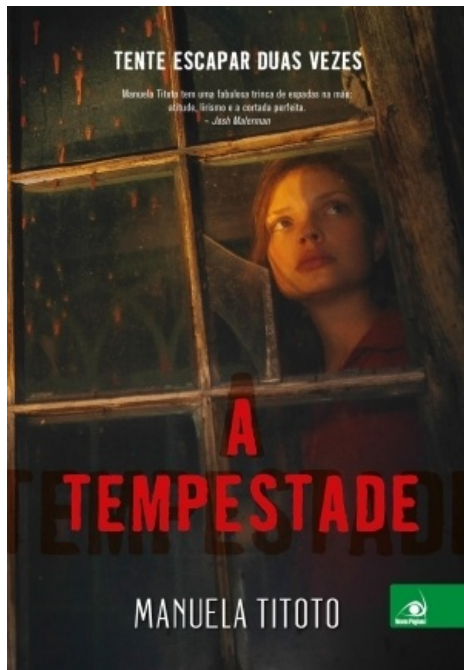
9788581638508

144 páginas

This page contains the following errors:

error on line 11 at column 124: EntityRef: expecting ';''

Below is a rendering of the page up to the first error.



A tempestade

Titoto, Manuela

9788581634562

258 páginas

This page contains the following errors:

error on line 11 at column 124: EntityRef: expecting ';'

Below is a rendering of the page up to the first error.



Pipocando

, Rolandinho
9788581638140
196 páginas

This page contains the following errors:

error on line 11 at column 124: EntityRef: expecting ';' '

Below is a rendering of the page up to the first error.



Para Continuar

Colbert, Felipe
9788581637969
224 páginas